

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

**Faculdade de Educação**

**Programa de Pós-Graduação em Educação**

**Gabriela Bercht**

**APRE(E)NDENDO O SEXO: INTERNET, SEXUALIDADE  
E CULTURAS JUVENIS**

**Tese de Doutorado**

**Porto Alegre**

**2023**

Gabriela Bercht

**APRE(E)NDENDO O SEXO: INTERNET, SEXUALIDADE  
E CULTURAS JUVENIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito à obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Seffner

Linha de Pesquisa: Educação, Sexualidade e Relações de Gênero

Gabriela Bercht

APRE(E)NDENDO O SEXO: INTERNET, SEXUALIDADE E CULTURAS  
JUVENIS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul como requisito à obtenção do título de Doutora  
em Educação.

Aprovada em:

---

Prof. Dr. Fernando Seffner- Orientador

---

Prof. Dr. Angelo Brandelli Costa – PUCRS

---

Profa. Dra. Nilda Aparecida Jacks- UFRGS

---

Profa. Jane Felipe de Souza- UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Bercht, Gabriela  
Apre(e)ndendo o sexo: internet, sexualidade e  
culturas juvenis / Gabriela Bercht. -- 2023.  
357 f.  
Orientador: Fernando Seffner.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. pornografia. 2. culturas juvenis. 3. pedagogias  
da sexualidade. 4. estudos culturais. 5. método misto.  
I. Seffner, Fernando, orient. II. Título.

## **Agradecimentos**

À Capes, pela possibilidade de pesquisar de maneira profissional.

Ao professor Fernando Seffner, pelas trocas, conversas e confiança.

Às várias amigas, que sabem quem são, pelo afeto, pelas risadas, por fazerem as coisas mais fáceis e ajudarem a dar sentido ao que as vezes parece não ter.

À família pequena, que é pequena, mas é minha e agradeço por ela, do jeito que ela é.

À Juliana, minha companheira de quase uma década, que participou ativamente dos diversos processos da tese, das ideias iniciais à última frase. Impossível não te agradecer pelos diversos momentos em que tu possibilitaste que eu tivesse tempo e espaço para escrever.

Ao Benjamin, que chegou no meio dessa caminhada, mudou tudo e deu um novo sentido para vida.

*We shouldn't be starting with porn but we must<sup>1</sup>.*

---

<sup>1</sup>Tradução própria: “Não deveríamos começar com pornografia, mas devemos.” MYLES, Eillen; SOLOWAY, Jill. **The thanksgiving Paris manifesto**. Novembro de 2015. Disponível em: <https://femaletroublearchive-blog.tumblr.com/post/154679508535/the-thanksgiving-paris-manifesto>

## Resumo

A presente tese teve como objetivo central averiguar se e como a pornografia e as representações sexualmente explícitas acessadas via Internet operam, junto aos jovens, como um mecanismo de pedagogia da sexualidade, do gênero e dos corpos. Partindo de referenciais teóricos dos estudos culturais, em suas vertentes anglo-saxãs e latino-americanas, e em especial, das teorizações de Jesus Martín-Barbero definiu-se um mapa de investigação que pretendeu acompanhar o circuito comunicacional colocado em movimento pela adentrada de representações sexualmente explícitas/pornográficas nas culturas juvenis. Buscando averiguar como os materiais pornográficos surgem no contexto da Web 2.0, quais narrativas tornam-se sei aí hegemônicas e quais os operadores perceptivos são colocados em jogo quando o discurso pornográfico entra nas redes, foram revisados catorze trabalhos que versavam sobre análises de conteúdo de vídeos pornográficos acessados em grandes portais do gênero. Foi possível estabelecer desta forma as principais características da paisagem pornográfica on-line acessada de modo “gratuito”. Neste sentido, a pesquisa apontou para a existência de um sistema de representação denominado *voluptas-violentiam*, no qual a vinculação direta entre capacidade de agressão e possibilidade de gozo constituem identidades, em especial a partir das variáveis de gênero e raça/etnia, marcadas pela fixidez de posturas e pela não reciprocidade de uma miríade de atos. Por outro lado, visando estabelecer uma compreensão mais apurada sobre as maneiras como os conteúdos pornográficos passam a habitar as culturas juvenis, foram aplicados questionários em 277 pessoas jovens com idades entre 16-19 anos e foram realizadas entrevistas semiestruturadas com 10 pessoas jovens com idades entre 18 e 19 anos. Neste sentido, a pesquisa apontou para o contato amplo e irrestrito das pessoas jovens com conteúdos pornográficos on-line, para a existência uma parcela considerável de pessoas jovens que tem um primeiro contato com conteúdos pornográficos ainda no período da infância e de maneira acidental, para um alto número de jovens, em especial do gênero masculino, que afirmaram um impacto negativo dos conteúdos pornográficos em suas vida e para o processo de normatização do contato com cenas que envolvam agressão/violência/degradação. A tese confirmou também sua hipótese inicial de que as representações pornográficas são utilizadas como um artefato que informa e ensina maneiras de porta-se sexualmente. No processo de estabelecimento de referências, seja para a ação individual ou como forma de dar sentido ao que é percebido e visto em relação a sexualidade, ao sexo e aos corpos, tornou-se nítido

o papel pouco protagonista da escola, da família e de instituições consideradas tradicionais. Aponta-se por fim para a necessidade de inclusão dos diversos temas mencionados acima a propostas educacionais que partam dos princípios e referências relacionadas as perspectivas de educação para os meios/alfabetização midiática/educação para a interatividade.

## Abstract

The main objective of this thesis was to investigate if and how pornography and sexually explicit representations accessed via the internet operate as a mechanism for pedagogy of sexuality, gender and bodies among young people. Drawing on theoretical references from cultural studies, both Anglo-Saxon and Latin American, and specifically from the theorizations of Jesus Martin-Barbero, a research map was defined to follow the communicational circuit put in motion by the entrance of sexually explicit/pornographic representations into youth cultures. Fourteen studies analyzing content of pornographic videos accessed on major genre portals were reviewed to investigate how pornographic materials emerge in the context of Web 2.0, what narratives become hegemonic, and what perceptual operators are brought into play when pornographic discourse enters the Internet. This way, the main characteristics of the online pornographic landscape accessed for free were established, pointing to the existence of a representation system called *voluptas-violentiam*, in which the direct connection between the capacity for aggression and the possibility of pleasure constitute identities, especially based on the variables gender and race/ethnicity, marked by fixed postures and non-reciprocity of myriad acts. To gain a deeper understanding of how pornographic content enters youth cultures, questionnaires were applied to 277 young people aged 16-19, and semi-structured interviews were conducted with 10 young people aged 18-19. The research pointed to the broad and unrestricted access of young people to online pornographic content, to a considerable number of young people having accidental first contact with pornographic content during childhood, and to a high number of young people, especially males, who reported negative impacts of pornographic content on their lives and the normalization process of contact with scenes involving aggression/violence/degradation. The thesis also confirmed its initial hypothesis that pornographic representations are used as artifacts that inform and teach ways of behaving sexually. In the process of establishing references, either for individual action or as a way of making sense of what is perceived and seen in relation to sexuality, sex, and bodies, the little protagonist role of school, family, and traditional institutions became clear. Finally, it points to the need to include the various themes mentioned above in educational proposals that depart from the principles and references related to the perspectives of education for the media/media literacy/education for interactivity.

## Lista de Ilustrações

### Figuras

Figura 1- Mapa barberiano 2017-----p.74

Figura 2- Mapa do processo comunicativo acompanhado pela pesquisa-----p.80

### Tabelas

Tabela 1: Revisão de estudos dedicados a análise de conteúdo da pornografia on-line (2010-2021) -----p.129

Tabela 2- Idade das pessoas respondentes do questionário-----p.207

Tabela 3- Gênero das pessoas respondentes do questionário-----p. 207

Tabela 4- Orientação sexual das pessoas respondentes do questionário-----p.207

Tabela 5- Cor/raça das pessoas respondentes do questionário-----p.207

Tabela 6- Pertencimento religioso das pessoas respondentes do questionário-----p.207

Tabela 7- Instituição de ensino das pessoas respondentes do questionário-----p.207

Tabela 8- Composição demográfica das pessoas entrevistadas-----p.208

### Gráficos

Gráfico 1- Primeiro contato-----p.213

Gráfico 2- Primeiro Contato Mulheres-----p.217

Gráfico 3- Primeiro contato Homens-----p.217

Gráfico 4- Idade do primeiro contato-----p.223

Gráfico 5- Motivação para o consumo-----p. 229

Gráfico 6- Frequência-----p.230

Gráfico 7- Realismo das representações pornográficas-----p.233

Gráfico 8- Pornografia como fonte de inspiração-----p.236

Gráfico 9- Impacto dos conteúdos pornográficos-----p.245

Gráfico 10- Upload em site pornográfico-----p.257

Gráfico 11- Contato com conteúdo violento ou degradante-----	p.258
Gráfico 12- Tipos de Agressão-----	p.261
Gráfico 13- Tipos de Agressão Física-----	p.262
Gráfico 13- Percepção de gênero da pessoa alvo das agressões nas representações pornográficas-----	p.264
Gráfico 14- Percepção de gênero da pessoa agressora nas representações pornográficas-----	p.265
Gráfico 15- Fontes de informação sobre sexo e sexualidade-----	p. 267
Gráfico 16- Satisfação com a abordagem escolar de questões relacionadas ao sexo e a sexualidade-----	p.274
Gráfico 17- Interesse em ver questões sobre sexo, sexualidade e gênero trabalhadas na escola-----	p.278
Gráfico 18- Produção de foto ou vídeo de si sexualmente explícito-----	p.283
Gráfico 19- Finalidade do vídeo ou foto explícita-----	p.285
Gráfico 20- Motivação para o compartilhamento-----	p.287
Gráfico 21- Solicitação de foto ou vídeo sexualmente explícito (grupo homens) ----	p.288
Gráfico 22-Solicitação de foto ou vídeo sexualmente explícito (grupo mulheres) ----	p.288
Gráfico 23- Foto ou vídeo íntimo de outra pessoa (grupo homens) -----	p.292
Gráfico 24- Foto ou vídeo íntimo de outra pessoa (grupo mulheres) -----	p.293
Gráfico 25- Medo de divulgação de fotos ou vídeos íntimos (grupo homens) -----	p.297
Gráfico 26-Medo de divulgação de fotos ou vídeos íntimos (grupo mulheres) -----	p.297

## Sumário:

<b>Parte 1- Introdução: Em busca do objeto</b> -----	<b>p.14</b>
- Feminismos e pornografia-----	p.24
- A armadilha do “pânico moral” e os corredores da escola-----	p.29
- Internet e pornografia “ <i>mainstream</i> ” -----	p.31
<b>Parte 2- Pornografia On-line e culturas juvenis: dados iniciais</b> -----	<b>p.35</b>
- Indicativos iniciais-----	p.57
<b>Parte 3- Referenciais Teóricos e Metodológicos: Pornografia como prática cultural</b> -----	<b>p.60</b>
- Quem estuda cultura, estuda o quê? -----	p. 63
- Teoria Barberiana: mediações e usos-----	p.68
- Os mapas metodológicos das mediações: as pistas da comunicação-----	p.72
- Culturas Juvenis: Quem são, afinal, as pessoas jovens? -----	p. 81
- Objetivo central e objetivos específicos da pesquisa-----	p.88
- Metodologia-----	p.90
<b>Parte 4- Tecnicidades e Pedagogias Culturais: web 2.0 e os novos espaços de aprendizagem</b> -----	<b>p.100</b>
- Pornografia e Tecnicidades: pensando a partir das redes-----	p. 115
- O que a internet fez com a pornografia? -----	p. 119
- A paisagem do pornô <i>mainstream on-line</i> : pensando a partir das narrativas e identidades-----	p. 127
-Comportamentos sexuais-----	p. 133
-Objetificação, violência e degradação-----	p.138
-Poder, Exploração, Submissão, Dominação, Coerção e Consentimento --- -----	p.150

-Agência, Reciprocidade e Prazer-----	p.156
-Representações Pornográficas: narrativas e identidades-----	p.162
-Pedagogias da Crueldade na Era farmacoponográfica-----	p.181
-Web 2.0: a barra de busca e as novas formas de manifestação do desejo-----	p.189
-Amadorismo e a busca do real ou por que não fazemos nossa própria pornografia? -----	p. 196
<b>Parte 5- Sensorialidades: habitando o virtual-----</b>	<b>p.206</b>
-Acessando-----	p. 209
-Motivações, frequência e percepção de realismo-----	p. 226
-Pornografia como Pedagogia: novos modos de aprender-----	p. 234
-Impacto: a toca do coelho e o discurso sobre o vício-----	p. 245
-Conteúdos, Narrativas e Identidades-----	p. 256
-Cidadanias em rede: habitar o virtual sem perecer-----	p. 266
- <i>e-corpos</i> : códigos virtuais indestrutíveis ou manda foto do rosto para eu saber que tu é uma pessoa-----	p.282
<b>Conclusão-----</b>	<b>p.305</b>
<b>Referências-----</b>	<b>p.315</b>
<b>Apêndices-----</b>	<b>p.341</b>

## Parte 1: Introdução- Em busca do objeto<sup>2</sup>

A presente pesquisa é fruto de minha experiência como professora da rede pública de ensino. Depois de ter realizado dois trabalhos acadêmicos que tomavam a pornografia como objeto de pesquisa sob uma perspectiva teórica<sup>3</sup>, as experiências em sala de aula impuseram-se, levando-me a questionamentos que giravam em torno da relação entre discurso pornográfico e culturas juvenis. Com alguma frequência, os alunos perguntavam, ou faziam afirmações sobre questões ligadas à sexualidade que pareciam tomar como referência termos e até mesmo situações semelhantes àquelas presentes no discurso pornográfico.

Ao buscar pesquisas<sup>4</sup> que abordassem a relação entre jovens e Internet pude notar que minhas experiências em sala de aula não eram *sui generis*. Foi o contato com os e as alunas, portanto, que me instigou a propor uma investigação que averiguasse como se dá o processo de apropriação dos discursos pornográficos por jovens em idade escolar. De forma mais específica, me propus a responder ao questionamento: **Se e como a pornografia e as representações sexualmente explícitas<sup>5</sup> acessadas via Internet operam, junto aos jovens, como um mecanismo de pedagogia da sexualidade, do gênero e dos corpos?** Responder tal questionamento é, portanto, o objetivo primário da presente pesquisa.

Que a pornografia na contemporaneidade parece atuar como uma pedagogia do sexo e do gênero fazendo as vezes da educação sexual, inexistente na grande maioria das escolas, é algo já notado pela mídia<sup>6</sup>. Sendo objeto de matérias de revistas, jornais,

<sup>2</sup> Alguns elementos presentes nesta seção foram introduzidos, ainda que de maneira distinta, em BERCHT, 2009.

<sup>3</sup> Ver BERCHT, 2009; BERCHT, 2022.

<sup>4</sup> Ver PRIOSTE, Cláudia Dias. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. Tese de doutorado, USP, 2013.

<sup>5</sup> Adoto ao longo da tese, uma definição de pornografia que envolve a intenção de produção de tais materiais. No entanto, nem todos os materiais sexualmente explícitos disponíveis *on-line* foram produzidos, necessariamente, com esta intenção pornográfica. Caso, por exemplo, de fotos íntimas vazadas que ainda assim, podem vir a ser utilizados como pornografia. No decorrer do projeto opto por utilizar o termo pornografia para me referir a grande maioria dos materiais sexualmente explícitos disponíveis *on-line*. É também a partir de tal termo, pornografia, que a discussão é enquadrada nos debates feministas. No entanto, me pareceu pertinente realizar tal distinção na colocação do problema de pesquisa.

<sup>6</sup> Ver: COLLERA, Virginia. **Sim, seus filhos veem pornô (e é assim que isso os afeta)**. El País Brasil. 15/02/19. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/05/eps/1549359489\\_090898.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_BR\\_CM&fbclid=IwAR3dQluOJdziA0gViQmZXe8LaLjQZqnJKkdqegrKNMI2hdR1YPfToTfUkl](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/05/eps/1549359489_090898.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&fbclid=IwAR3dQluOJdziA0gViQmZXe8LaLjQZqnJKkdqegrKNMI2hdR1YPfToTfUkl) Acesso em 20/02/2023; ORLANDO, Charles J. **How Porn Teaches Men The Wrong Things In Bed**. HuffPost. 06/12/2017. Disponível em [https://www.huffpost.com/entry/how-porn-teaches-men-the\\_b\\_9891814](https://www.huffpost.com/entry/how-porn-teaches-men-the_b_9891814) Acesso em 20/02/2023; JONES, Maggie. **What Teenagers Are Learning From Online Porn**. The New

servindo até de mote para roteiro séries e filmes que tomam o universo juvenil como fundo temático. Há um indicativo, portanto, de que as representações pornográficas na atualidade podem estar atuando como artefato cultural pedagógico que ensina ou informa técnicas de como portar-se e atuar sexualmente. O debate acadêmico sobre o tema, no entanto, mostra-se ainda escasso. Quando presente, o notamos mais frequente nas áreas da saúde, do que nas áreas da educação ou das ciências humanas. Ainda assim, tal debate é mais recorrente, como demonstrarei, em outros países do que em terras brasileiras.

Além da experiência como professora, também devo afirmar neste trabalho a forte influência do debate feminista sobre a questão pornográfica. A pornografia, assim como a prostituição, é um dos temas que tende a cindir o movimento feminista. A pornografia já foi pauta de uma das maiores disputas do feminismo norte-americano, como apresentarei mais além; porém, houve, a partir da década de 90, um progressivo enfraquecimento deste debate. Ao ponto de alguns autores<sup>7</sup> perguntarem-se, sobre o que teria acontecido com as feministas críticas à pornografia.

Algumas autoras (Brian MCNAIR, 2002; Gail DINES, 2010) apontam ainda que o processo de enfraquecimento da pauta feminista esteve associado paralelamente ao processo de assimilação dos códigos e estéticas pornográficas na cultura pop norte-americana, mas não apenas nesta. Laura Cottingham captura bem a mudança de postura em relação a pornografia a partir dos anos 90 ao comentar, no ensaio (1993) que acompanhou a exposição “Bad Girls”, no Instituto de Arte Contemporânea de Londres, que:

Os debates sobre o desejo sexual feminino, que frequentemente ocorreram no âmbito das discussões sobre pornografia, começaram no final dos anos 70 e continuam, embora a situação tenha mudado consideravelmente. Enquanto no final dos anos 70 e início dos 80, uma crítica geral da pornografia convencional era uma premissa assumida por aqueles que se consideravam feministas, agora a maioria dos acadêmicos, artistas e ativistas que se consideram feministas são abertamente hostis à crítica pornográfica. (COTTINGHAM, 1993, p. 56<sup>8</sup>)

---

York Times, 07/02/2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/02/07/magazine/teenagers-learning-online-porn-literacy-sex-education.html?auth=login-google> Acesso em 20/02/2023

<sup>7</sup> BENNET, Drake. **What happened to the anti-porn feminists?** Boston News, março 2005. Disponível em: [http://archive.boston.com/news/globe/ideas/articles/2005/03/06/x\\_ed\\_out?pg=full](http://archive.boston.com/news/globe/ideas/articles/2005/03/06/x_ed_out?pg=full) Acesso em 20/02/2023

<sup>8</sup> Tradução própria. No original: “The debates concerning female sexual desire, which have frequently taken place within discussions of pornography, began in the late 70s and are still continuing, although the tables have considerably turned. Whereas in the late 70s and early 80s, a general critique of mainstream pornography was an assumed premise of those who considered themselves feminist, now the majority of academics, artists and activists who consider themselves feminists are openly hostile to the pornographic critique.” Tanto o texto, quando imagens da exposição estão disponíveis em: [http://www.estherwindsor.com/other\\_spaces/ica.html](http://www.estherwindsor.com/other_spaces/ica.html)

No entanto, nas duas últimas décadas, a proliferação do acesso à Internet e a presença massiva de sites pornográficos no universo on-line trouxeram o tema da pornografia de volta à tona, com muitas pensadoras feministas<sup>9</sup> retomando as argumentações desenvolvidas na década de 1980 para buscar entender a versão mais contemporânea do fenômeno. Ao longo da presente de pesquisa, serão apresentados muitos dos argumentos desenvolvidos no decorrer deste debate histórico do movimento feminista. O debate feminista surge, portanto, como referência teórica importante do presente trabalho; as argumentações que surgiram a partir destes debates ressurgem em diversos momentos da tese e é em relação a estas que muitos dos dados produzidos pela pesquisa foram analisados. Por hora, no entanto, é preciso introduzir algumas reflexões sobre objeto de pesquisa em questão, pois, como demonstrarei a seguir, definir o que é pornografia não é tarefa tão simples.

Não realizarei aqui uma retomada histórica mais longa sobre a presença de representações sexualmente explícita ao longo da História humana. Como coloca Lynn Hunt (1999) podemos notar a representação do desejo, da sensualidade, erotismo e a representação explícita dos órgãos sexuais, em todos os tempos e lugares. No entanto, a pornografia enquanto categorial legal e artística possui uma História, isto é, pode ser situada cronológica e geograficamente. As poucas pinceladas que darei, neste momento, sobre a história da pornografia serão, portanto, aquelas que possibilitarão compreender o desenvolvimento da noção moderna do termo. Para tanto, analisarei alguns marcos da constituição moderna do sentido de pornografia e buscarei inseri-la em um contexto mais amplo, de desenvolvimento, no Ocidente, a partir do século XVII, do dispositivo de sexualidade e da *scientia sexualis* que o caracterizou.

Michael Foucault propõe que, ao pensarmos a relação que as sociedades ocidentais desenvolveram com o sexo, desloquemos a chave interpretativa da censura para a vontade de saber. Ao negar a hipótese repressiva sobre o sexo, a saber, aquela que afirmava que a partir do século XVII o sexo tornou-se objeto de censura e mutismo e que

---

<sup>9</sup> As seguintes autoras buscam inspiração na argumentação de Catherine MacKinnon para desenvolver suas perspectivas sobre o consumo de pornografia: HORNSBY, Jennifer. 1993. "Speech Acts and Pornography," **Women's Philosophy Review** 10: 38- 45. LANGTON, Rae. 1993. "Speech Acts and Unspeakable Acts," **Philosophy and Public Affairs** 22: 305- 330. Reprinted in *Sexual Solipsism: Philosophical Essays on Pornography and Objectification*, Oxford, Oxford University Press: 25-87. SCHWARTZMAN, L. H. (2002). Hate speech, illocution, and social context: A critique of Judith Butler. **Journal of Social Philosophy**, 33(3), 421-441. MCGOWAN, Mary Kate. On Pornography: MacKinnon, Speech Acts, and "False" Construction, **Hypatia** vol. 20, no. 3 (Summer 2005).; EATON, A.W. A sensible anti-porn feminism. In. **Ethics** 117 (July 2007): 674-715.

o período moderno seria caracterizado pela repressão, Foucault esforça-se para demonstrar que o que vemos, neste período, é um aumento crescente nos mecanismos que nos fazem cada vez mais falar do sexo. Nota, desta forma, uma explosão discursiva em torno do sexo, que não estará restrita a uma área de saber, da medicina à pedagogia nos encaminhamos para o desenvolvimento da *scientia sexualis*:

Ora, uma primeira abordagem feita deste ponto de vista parece indicar que, a partir do fim do século XVI, a “colocação do sexo em discurso”, em vez de sofrer um processo de restrição, foi ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedeceram a um princípio de seleção rigorosa mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfas que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou- sem dúvida através de muitos erros- em construir uma ciência da sexualidade. (FOUCAULT, 1997: 17-18)

Ao falar em dispositivo de sexualidade, a interpretação foucaultiana leva a uma compreensão da sexualidade como um dispositivo histórico marcado pelo entrelaçamento do poder e do saber; tal dispositivo não diz respeito apenas ao modo como uma sociedade lida com o sexo, mas também com a vida e morte. Deste modo há uma relação direta entre a preponderância do dispositivo de sexualidade e o nascimento do biopoder e o governo das populações; no entanto, não entrarei neste ponto, para evitar digressões.

A pornografia, no seu sentido moderno, está, portanto, ligada a esta explosão discursiva em torno do sexo, que pode ser vista também nos manuais médicos, pedagógicos e jurídicos. Tal visão é compartilhada, por pensadoras como Lynn Hunt, que defende que “assim como a medicina, a loucura, a prisão e a sexualidade, a pornografia deve ser considerada produto das novas formas de regulamentação e dos novos desejos de saber” (HUNT, 1999, p. 11) Larissa Costa Duarte e Fabíola Rohden (2016) também corroboram com tal visão ao apontarem que a pornografia, assim com a sexologia, faz parte de um conjunto de saberes que constituem uma pedagogia da sexualidade.

Os autores anteriormente citados (Hunt, Foucault, Duarte e Rohden) fazem referência ao momento Moderno de surgimento do dispositivo de sexualidade e da pornografia. Me parece interessante, no entanto, pensar na continuidade e intensificação deste processo de explosão discursiva e categorial em torno do sexo a partir da inserção do discurso pornográfico na Internet, mais especificamente, na lógica da Web 2.0. Na contemporaneidade, a inserção de conteúdos pornográficos na lógica dos indexadores e dos buscadores da Internet levou, como em nenhum outro momento da história, ao surgimento de milhares de categorias relacionadas ao sexo. Tais categorias servem

aparentemente como facilitadores da busca por conteúdo, mas ao mesmo tempo em que organizam, criam. Isto é, estabelecem não apenas maneiras de portar-se sexualmente como também os sujeitos (fetichizados) que correspondem a tais comportamentos. Através das diferentes categorias, pode-se pensar que os sites pornográficos propõem um currículo, fornecem uma pedagogia possível da sexualidade.

Explorarei mais adiante tal noção de pedagogia da sexualidade, mas por hora, basta que apontar que tal termo faz referência a um conjunto de saberes eróticos que são incorporados pelos indivíduos. Tais saberes, operam discursivamente<sup>10</sup> através da reintegração e recitação constante de certas normas de gênero, sendo os corpos sexuados os produtos de tal operação discursiva. É em relação a esse contexto inicial, de constituição da sexualidade como dispositivo discursivo, que Rohden e Duarte (2016) apontam para diversas características comuns aos emergentes discursos pornográficos e da sexologia. O principal ponto em comum entre ambos os saberes seria a insistência na produção de uma diferença de gênero radical, que traduziria em uma suposta biologia inata.

Nesse sentido, tanto a pornografia como a sexologia são extremamente pedagogizantes, pois o cerne de sua empreitada é estabelecer parâmetros de normalidade e tornar conhecida a aparência do desejo sexual, do orgasmo e dos corpos (com ênfase, evidentemente, nos genitais). (DUARTE; ROHDEN, 2016, p. 732)

O sentido do termo pornografia deve ser buscado inicialmente, portanto, em tal contexto ampliado de desenvolvimento no Ocidente do dispositivo de sexualidade a partir do século XVII. Um ponto importante de crítica à teoria de Foucault sobre as técnicas de poder e as disciplinas que sujeitaram os corpos na época moderna deve ser aqui levado em consideração. De forma justa e apurada, Silvia Federici<sup>11</sup> aponta para a indiferenciação, na teoria do corpo de Foucault, entre as histórias masculinas e femininas e para a criação de uma narrativa que não presta atenção aos tipos de disciplinamentos específicos que as mulheres sofreram na Idade Moderna; deixa de lado, desta forma, processos importantes do período, no que tange ao controle e disciplinamento dos corpos, como o processo de reprodução da vida social e o movimento de caça às bruxas. Segundo

---

<sup>10</sup> Daí a insistência de Michel Foucault, pela qual será posteriormente criticado, em pensarmos a sexualidade como uma “economia” dos discursos: “A história da sexualidade – isto é, daquilo que funcionou no século XIX como domínio de verdade específica- deve ser feita, antes de mais nada, do ponto de vista de uma história dos discursos”. (FOUCAULT, 1997, p. 67)

<sup>11</sup> Ver FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Ed. Elefante, São Paulo, 2017.

Federici, a leitura de Foucault, sobre os processos transcorridos na Idade Moderna, foca-se por demais nas práticas discursivas, de modo, que o corpo se torna reduzido a estas; ao centralizar sua análise no caráter “produtivo” das técnicas de poder sobre o corpo, o autor francês acaba por desenvolver uma análise muito descritiva e pouco crítica das relações de poder que marcaram o período.

Parece-me que a crítica mais geral de Federici às teses de Foucault, já havia, em parte, sido antecipada pelos estudos pós-coloniais. Gayatri Chakravorty Spivak, em **“Pode o subalterno falar?”** (2010), por exemplo, aponta que a concepção de poder descentralizado e a crítica ao conceito de sujeito soberano, presentes em Foucault, acabaram por fazer com que ele ignorasse a função que a ideologia e a divisão internacional do trabalho cumprem na manutenção das relações sociais. Tanto Federici quanto Spivak, apesar de possuírem linhas teóricas distintas, parecem apontar para uma, irônica talvez, falta de corporalidade nas análises de Foucault. Possivelmente não se constitui coincidência que o ponto concreto de análise de ambas as autoras, sejam, processos que envolvem a materialidade da “política do corpo” que se desenvolve em torno das figuras femininas; respectivamente, a caça às bruxas na Europa, e o ritual de suicídio das viúvas na Índia.

Ambas apontam para o fato de que a história da sexualidade “[...] não pode ser escrita do ponto de vista de um sujeito universal, abstrato, assexuado.” (FEDERICI, 2017, p. 36) De maneira que é necessário esclarecer que minha filiação às teorias de Foucault sobre o período está centrada e limita-se a compreensão deste momento histórico como sendo marcado por uma proliferação de discursos em torno do sexo; constituindo-se a pornografia como mais uma expressão desses novos desejos de saber, que trará consigo propostas próprias de regulamentação dos corpos.

Voltando ao processo que anteriormente descrevia, de constituição moderna do tempo pornografia, é preciso notar também que a definição da extensão e significado de tal termo de igual maneira esteve fortemente relacionada com as tentativas de regulamentação de materiais que eram considerados, por distintos motivos, subversivos. De maneira que “os esforços empreendidos para controlar a pornografia contribuiram, em parte, para a sua definição” (HUNT, 1999, p. 12)

É preciso que prestar atenção, portanto, em algumas modificações importantes nas motivações que parecem estar por trás das tentativas de regulamentar o que definir-se-ia

como pornografia. A história da regulamentação da pornografia, em parte, conta a história da mudança de sentido que o termo foi adquirindo no contexto literário europeu da metade do século XVIII em diante. Isto porque, como afirma Walter Kendrick (1995) a pornografia especifica um argumento, não uma coisa, designa, assim, mais uma zona de batalha cultural do que um tipo específico de objeto. No início do século XIX, o controle da literatura e das impressões ditas pornográficas não era mais realizado em nome da religião e da política, como ocorreu até o século XVII, mas sim em nome da moral e da decência. Como veremos mais adiante, existe uma relação íntima entre pornografia e desenvolvimento tecnológico das mídias de comunicação; sendo o desenvolvimento da imprensa o primeiro momento em que tal aspecto pode ser notado com maior clareza.

Autores como Kendrick defendem que a pornografia como categoria regulamentada surge em resposta à ameaça de democratização da cultura. Está relacionada, portanto, primordialmente ao desenvolvimento da cultura impressa, mas também ao crescimento da alfabetização, dado que ambos os eventos possibilitaram às massas a obtenção de escritos e ilustrações. A necessidade de criar classificações e estabelecer censura surgem, portanto, quando o acesso aos materiais pornográficos não é mais monopólio de uma elite social.

Ao longo de todo o século XVIII, vemos, então, ainda uma clara conexão entre escritos pornográficos e os escritos políticos. De fato, vemos que a pornografia política<sup>12</sup> atinge seu auge na Europa em 1790 e que a Revolução Francesa<sup>13</sup> (1789) cumpriu um importante papel catalizador na produção e no consumo de literatura pornográfica neste período. Começaram a surgir, a partir de 1789, panfletos pornográficos mais curtos e de consumo mais fácil do que os longos panfletos do período anterior. Ponto importante, então, para que a pornografia literária se tornasse mais popular foi a inclusão de ilustrações que passaram a acompanhar os textos. A chamada democratização da pornografia teve aí seu início. Percebe-se, então, aqui, um acontecimento fundamental para o desenvolvimento da pornografia enquanto gênero. A valorização da imagem em detrimento do texto foi um dos elementos que contribuíram para a despolitização do gênero pornográfico. Quando as ilustrações e, portanto, “o ver” passou a ser o elemento

---

<sup>12</sup> Sobre o processo de politização da pornografia ver: DEJEAN, Joan. A politização da pornografia: L'École de filles. In: HUNT, L. A invenção da pornografia- A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800, São Paulo, Hedra, 1999.

<sup>13</sup> Sobre a relação entre pornografia e o processo revolucionário ver: HUNT, Lynn. “A Pornografia e a Revolução Francesa” in HUNT, Lynn (org.). **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999

mais fundamental dos materiais pornográficos, o gênero passou a se aproximar de seu sentido moderno.

No final da última década do século XVIII, a pornografia começou a perder suas conotações políticas para tornar-se apenas mais um negócio comercial. Em 1820, o objetivo quase único da pornografia literária produzida na Europa passou a ser a excitação sexual. É no século XIX, portanto, que a pornografia, representada naquele momento pela literatura e pelas representações visuais, passa a se constituir como uma categoria distinta e independente.

Uma rápida colocação deve ser realizada aqui sobre as figuras femininas presentes nas obras literárias pornográficas deste período. Como os títulos das obras mais conhecidas do período (**Teresa, filósofa; Fanny Hill; Justine ou os infortúnios da virtude**) permitem antever, o protagonismo dos romances pornográficos cabia às mulheres. As protagonistas femininas fugiam dos ideais puritanos de submissão e “tinham muito mais controle sobre seus destinos do que as outras representações femininas daquele período” (HUNT, 1999, p.45). No entanto, a quase totalidade das novelas era escrita por homens, e à medida que avançava o sentido comercial e a excitação sexual passava a ser o principal objetivo de tais obras, passou a se tornar claro que “O corpo da mulher era concebido como um bem comum a todos os homens [...]” (HUNT, 1999, p.45).

De maneira que, no período que vai do século XVI ao XVIII, “[...] a pornografia, como estrutura de representação literária e visual, apresentou o corpo feminino como um objeto a serviço do prazer masculino” (HUNT, 1999, p. 46). Tal ponto, relaciona-se de maneira direta com a ideia de que a pornografia opera, neste período, como mais um destes saberes que coloca em prática uma verdade discursiva sobre o sexo, que ensina formas de ser homem e ser mulher.

Mesmo já tendo realizado algumas indicações sobre o termo pedagogia da sexualidade, gostaria, dada a centralidade que tal noção possui a pesquisa, de aprofundar alguns aspectos teóricos em torno de tal conceito e sua relação, ao menos inicial, com a pornografia.

Ao longo do primeiro volume de História da Sexualidade (1997), Michel Foucault faz referência constante à pedagogia com um dos saberes que se estabeleceram na Modernidade com a função de produzir uma verdade discursiva sobre o sexo, em particular, sobre a sexualidade específica das crianças. Através da pedagogia, assim como

da medicina e da economia, o sexo tornou-se uma questão do Estado. O saber pedagógico era responsável tanto por dizer qual era a verdade do sexo das crianças, como por vigiar e educar, através dos mecanismos e instituições em que estava presente, para a forma correta e esperada de comportamento infantil. Fez parte, portanto, do dispositivo de sexualidade, na medida em que se constituiu como um dos múltiplos discursos sobre o sexo que se dedicavam a regular, normatizar e a produzir verdades.

O termo pedagogia da sexualidade, portanto, possui uma clara origem foucaultiana, mas seu emprego não está limitado ao contexto inicialmente analisado por Michel Foucault. Como coloca Guacira Lopes Louro (2000), ao compreendemos que a sexualidade é social e política e que é, portanto, construída, isto, é não está dada, mas deve ser “aprendida” ao longo da vida de muitos modos por todos os sujeitos, também somos levados a questionar: Em que instâncias se “aprende” sobre o sexo? As respostas para tal questionamento irão variar de acordo com questões históricas, contextuais e marcas sociais, no entanto, existem algumas instâncias que desde a Modernidade possuem um papel relevante no processo de disciplinamento dos corpos. Tal disciplinamento ocorre a partir de uma matriz de gênero própria, que não só ensina, mas instaura, os sujeitos femininos e masculinos.

Todas essas práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram — e são — produtoras de "marcas". Homens e mulheres adultos contam como determinados comportamentos ou modos de ser parecem ter sido "gravados" em suas histórias pessoais. Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparece de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas; outras vezes, contudo, essas instâncias disponibilizam representações divergentes, alternativas, contraditórias. (LOURO, 2000, p. 19)

Obviamente, os sujeitos não são meros receptores das práticas pedagógicas. No entanto, é importante ressaltar, e este ponto será uma constante deste trabalho, o papel que as representações ocupam nos processos de constituição dos sujeitos. Em especial, na medida em que estas deixam de ser percebidas como representações e ganham força de lei, passando a ser tomadas como realidade. Neste sentido, Rohden e Duarte apontam que as imagens produzidas tanto pela pornografia quanto pela sexologia na Modernidade produziram versões do que é o feminino e do que é o masculino: “Estas imagens, tomadas como evidências, e não como representações, que, de fato, são, foram fundamentais na

criação de modelos classificatórios de atos, práticas, tipos de desejo, identidades e pessoas” (2016, p. 732).

É a partir deste momento histórico, que possui o século XIX como marco flexível, que é possível compreender a definição contemporânea que algumas autoras irão propor para o termo pornografia, já totalmente despida de qualquer relação com a política ou crítica social. Lynn Hunt, propõe, por exemplo, que entendamos o termo como fazendo referência a “representação explícita dos órgãos e das práticas sexuais para estimular sensações” (HUNT, 1999, p. 10).

De maneira similar, porém mais extensa, Donald Van de Veer propõe que pornografia pode ser entendida como a representação de pessoas “[...] de maneira sexualmente explícita, em palavras ou imagens, com a intenção primária e imediata e com uma esperança razoável de provocar uma excitação sexual significativa naquele que consome tais materiais” (VEER, 2013, p. 818). Shira Tarrant, por sua vez, agrega à sua definição, os meios de acesso mais comuns às representações pornográficas.

Em geral, a pornografia refere-se à representações visuais que visam despertar sexualmente o espectador, como fotos, revistas, canais adultos de televisão a cabo ou filmes VHS. Hoje, é mais provável que pornografia signifique vídeos online; e, no futuro, mudanças tecnológicas podem mudar novamente como essas representações visuais são entregues ao consumidor<sup>14</sup>. (TARRANT, 2016, p 3.)

Como veremos, dentro do movimento feminista surgiram, principalmente nos anos 80, novas definições mais polêmicas para o termo. No entanto, é possível tomar as definições que expus acima como definições genéricas que servirão de ponto de apoio para o desenvolvimento do debate que pretendo iniciar nas próximas páginas. As definições expostas acima apontam para a existência de uma intenção pornográfica no processo de produção de tais materiais, no entanto, parece necessário também considerarmos a existência de uma intenção pornográfica no consumo ou uso de tais materiais.

Nem sempre tais intenções, de produção e uso, são convergentes. Havendo materiais, por exemplo, que não são produzidos com uma intenção pornográfica, mas são consumidos como pornografia. Porém, como já colocado anteriormente, não devemos nos

---

<sup>14</sup> Tradução própria. No original: “In general, pornography refers to visual depictions that are intended to sexually arouse the viewer, such as still photos, magazines, adult cable television channels, or VHS movie. Today, pornography is more likely to mean online video; and, in the future, technological changes may again shift how these visual depictions are delivered to the consumer.”

fixar em nenhuma definição, já que elas tendem a caracterizar mais a batalha cultural em torno do termo, do que propriamente um objeto em si.

## **Feminismos<sup>15</sup> e Pornografia**

Tendo realizado esta rápida retomada histórica sobre a constituição contemporânea do sentido do termo pornografia, me parece necessário explicitar alguns pontos fundamentais dos debates históricos feministas sobre o tema. A compreensão dos principais termos deste debate é fundamental não apenas para familiarizar as pessoas leitoras deste trabalho com uma das fontes de motivação da pesquisa, mas também porque tal debate será um dos balizadores teóricos das análises que serão realizadas nas próximas páginas.

Tais debates desenvolveram-se a partir do final dos anos 1970 e ao longo de toda década de 1980 principalmente nos Estados Unidos. Neste período, muitas feministas passaram a defender a censura e a proibição das representações pornográficas sob o argumento de que tais práticas promoviam a objetificação da figura feminina e impulsionavam, desta forma, a violência contra a mulher em seus diversos níveis. A divisão do debate entre feministas defensoras da censura à pornografia e feministas que adotavam uma linha chamada de “pró-sexo” vinculada a uma oposição geral à censura levou à formação de uma série de grupos que passaram a advogar suas posições em diversos eventos tanto nos Estados Unidos como em algumas cidades europeias. Posteriormente, tal momento político, ficou conhecido como *porn wars* dada a imensa polarização entre diversos grupos sociais em torno da questão pornográfica, os quais não incluíam apenas feministas, mas também entidades religiosas, representantes da indústria pornográfica e partidos políticos.

O período a que faço referência foi possivelmente o mais frutífero, em termos de produções teóricas, sobre a questão pornográfica, especialmente para movimento feminista norte-americano. Como veremos a seguir, diversas autoras propuseram-se a realizar interpretações tanto sobre a forma como o discurso pornográfico opera, quanto

---

<sup>15</sup> A presente seção possui elementos originais e outros que já foram introduzidos em um trabalho anterior (BERCHT, 2016), ainda que de maneira modificada. Para uma compreensão mais aprofundada tanto do debate entre Judith Butler e Catharine MacKinnon, bem como da caracterização que ambas as autoras realizam da pornografia como discurso, ver: BERCHT, Gabriela. **Pornografia e atos de fala: o debate entre Judith Butler e Catharine MacKinnon**. Trabalho de conclusão de curso, Porto alegre, UFRGS, 2016.

buscaram entender o papel que pornografia ocupa em sistemas mais amplos de dominação.

Contemporaneamente, diversas posições do período das *porn wars*, também conhecido como guerra dos sexos, foram retomas e reelaboradas. Ainda que na atualidade seja difícil vislumbrarmos a aplicação de propostas de censura tais como as pensadas por Catherine MacKinnon e Andrea Dworkin, existe uma renovação de pensadoras feministas que defendem a limitação<sup>16</sup> da disseminação das representações pornográficas. Por outro lado, este talvez seja o momento de maior produção de gêneros pornográficos<sup>17</sup> que partem de muitos dos princípios defendidos por pensadoras anti- censura, como Judith Butler e Gail Rubin. Sob diferentes nomenclaturas – pós-pornografia, pornô para mulheres, pornografia feministas, pornografia queer, pornô-terrorismo, *alt porn* – novas propostas pornográficas desenvolvem-se a partir da proposta de ressignificar os códigos tradicionais mobilizados pela pornografia e de fornecer protagonismo para as mulheres nos processos decisórios que envolvem a produção de filmes pornográficos.

Voltando a uma breve caracterização do contexto no qual as *porn wars* desenvolveram-se, vemos que as feministas que possuíam uma postura anti-pornografia tendiam a congregar-se em torno de duas organizações principais: *Women Against Pornography* (WAP) e *Women Against Violence in Pornography and Media* (WAVPM). Em termos teóricos as produções mais importantes desta linha do pensamento feminista foram realizadas por duas autoras: Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin.

Do outro lado, havia pensadoras feministas que, mesmo reconhecendo o caráter machista e misógino da maior parte das produções pornográficas, não aceitavam a ideia de censura a estes materiais. A partir desta linha de pensamento constituiu-se, em 1984, o grupo anti-censura *Feminist Anti-Censorship Taskforce* (FACT), em resposta direta às tentativas de Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin de regulamentar a produção pornográfica através das Ordenações de Minneapolis. As contribuições teóricas mais

---

<sup>16</sup> Para acompanhar uma manifestação acadêmica sobre o tema: EATON, A.W. A sensible anti-porn feminism. In. *Ethics* 117 (July 2007): 674–715. Uma manifestação menos acadêmica sobre a questão pode ser vista em: MICKELWAIT, Laila. **Time to shut Pornhub Down**. Washington Examiner. 09 de Fevereiro, 2020. Disponível em: <https://www.washingtonexaminer.com/opinion/time-to-shut-pornhub-down> Acesso em 20/02/2023

<sup>17</sup> Para um entendimento teórico inicial da questão: SAN MARTIN, Felipe Rivas. Otro porno es posible: feminismo y postpornografía. In *Reversa*, editado por CECU Ed., Facultad de Derecho, Universidad de Chile, Santiago de Chile, 2011.

relevantes desta vertente do feminismo foram dadas por pensadoras como Judith Butler e Gayle Rubin.

Para Catharine Mackinnon e Andrea Dworkin a pornografia engendra um modo de pensar o sexo que coloca a mulher necessariamente no papel de objeto a ser explorado. A pornografia seria responsável, nesta visão, pela formação de uma cultura do abuso e do estupro às mulheres, ao não lhes fornecer a possibilidade de serem sujeitos e de não estarem, portanto, aptas a aceitar ou não determinada ação sobre seus corpos.

Na interpretação de MacKinnon (1993), a pornografia é um discurso que atua a discriminação sexual e que produz o silenciamento das mulheres. O fato da pornografia ser um ato de discriminação sexual faz com que ela não possa, para a autora, ser enquadrada no escopo da Primeira Emenda norte americana, que protege a liberdade de discurso. Por atuar a discriminação sexual e por produzir como efeitos o silenciamento e a subordinação das mulheres, a pornografia deveria ser objeto de censura por parte do Estado. No primeiro capítulo de *Only Words*, Catharine MacKinnon estabelece um paralelo entre a pornografia e certas injúrias raciais.

Segundo a autora, ao colocar-se uma placa em um determinado local com os dizeres *Whites Only* (Somente Brancos) ou *Juden nicht erwünscht* (Judeus não são desejados) não se está comunicando uma ideia ou vinculando-se um argumento. Tais dizeres, tais atos de fala, são atos de discriminação por si mesmos. Poderíamos dizer, portanto, que tais atos apresentam uma característica clara dos atos ilocutórios<sup>18</sup>, eles constituem uma ação, nestes casos de discriminação. Ao colocar-se tais placas em determinado local estar-se-ia constituindo um ato de segregação.

Para MacKinnon, a pornografia atua de forma similar. Isto é, ela não veicula ideias de subordinação ou expressa pensamentos machistas, ela é um ato de discriminação. Para a autora, portanto, não haveria sentido em realizar uma distinção entre “fantasia” e “realidade” ou entre “representação” e “realidade” no que tange ao desenvolvimento das tramas pornô. Esta forma de pensar a pornografia não ficou restrita ao debate teórico em torno do tema. Entre os anos de 1983 e 1984, Catharine MacKinnon e Andrea Dworkin

---

<sup>18</sup> A caracterização de Mackinnon da pornografia como ato de fala ilocutório está baseada na filosofia da linguagem de John Austin, ver: AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. / Porto Alegre: Artes Médicas: 1990

escreveram e defenderam um modelo de ordenações para a cidade de Minneapolis (EUA), onde constava a seguinte definição:

Pornografia é uma forma de discriminação baseada no sexo. (1) Pornografia é a subordinação sexualmente explícita das mulheres graficamente representadas sejam em imagens ou em palavras [...] (MACKINNON, 1997, p. 428<sup>19</sup>)

A Ordenação, tal como proposta por Mackinnon e Dworkin, foi aprovada pelos conselhos das cidades de Minneapolis e Indianapolis nos Estados Unidos. Na primeira cidade houve veto do prefeito à promulgação da lei; na segunda cidade foi transformada em lei, porém invalidada no ano de 1985, quando um julgamento da Corte Federal entendeu que havia violação à Primeira Emenda da Constituição Norte-Americana.

Importante destacar que, tanto Judith Butler quanto Catharine MacKinnon apesar de diversas discordâncias sobre a forma como a pornografia opera, concordam que a pornografia se caracteriza como um discurso. A dimensão discursiva da pornografia é destacada por outras autoras que também se dedicaram a pensar sobre a forma como a linguagem está relacionada aos sistemas de opressão.

Por sua vez, Judith Butler (1997) percebe o discurso pornográfico como operando por meio de atos de falo perlocutórios. Isto é, por meio de atos de fala que podem produzir consequências depois de proferidos, mas que não constituem em si uma ação. Por não constituírem uma ação, Butler coloca-se contrária às tentativas de censura ou de proibição da pornografia, pois defende que ela seja entendida como discurso discriminatório e não como conduta discriminatória. Sendo assim, tal forma discursiva não deveria ser combatida através da proibição, mas sim através da ressignificação das performances ali atuadas.

De acordo com Butler não apenas a pornografia falha em tentar constituir a realidade social do que é uma mulher e das relações de gênero, mas tal falha é condição para o surgimento de uma alegoria (ou de uma imagem fantasmática) que enuncia o imperativo da versão pornográfica do que é ser uma mulher e de como devem dar-se as relações de gênero. Tal alegoria, segundo a autora, assume-se e concebe-se desde o início

---

<sup>19</sup> Tradução própria. No original: “Pornography is a form of discrimination on the basis of sex. (1) Pornography is the sexually explicit subordination of women, graphically depicted, whether in pictures or in words [...]”

como irrealizável e que não pode superar a realidade, residindo aí sua condição de perpetuação e seu atrativo (BUTLER, 1997)

Para Butler devemos resistir à tendência de, ao analisarmos o texto pornográfico, literalizarmos seu conteúdo imaginativo e compreendermos o seu campo visual como sendo de um sujeito que fala e que ao falar torna realidade o que foi dito. Segundo a autora, “a autoridade da pornografia é menos divina e seu poder menos eficaz” (BUTLER, 1997, p. 69<sup>20</sup>) do que autoras como MacKinnon buscam demonstrar.

Gayle Rubin (2011; 2012), de forma similar a Butler, defende que o que é produzido pela indústria pornográfica apenas reflete o sexismo já existente na sociedade como um todo. De forma que o movimento feminista deveria focar-se em estabelecer visões feministas da sexualidade através de uma maior participação das mulheres enquanto diretoras, roteiristas e produtoras de filmes pornô. Rubin faz um resgate fundamental da tendência da criação de pânicos morais em torno de questões sexuais como forma de promoção de determinada agenda política. Neste sentido, o combate à pornografia funcionaria como forma de instigar medos que levariam a perseguição das populações ou atividades sexuais não normativas.

A grande questão que surge a partir dos debates das décadas de 70 e 80 diz respeito a relação entre as representações pornográficas e a constituição de comportamentos sexuais e instituição de papéis de gênero no mundo real. Em relação a este ponto, é importante ressaltar que o debate constituído no momento histórico das *porn wars* dizia respeito essencialmente a produções pornográficas materializadas no formato de revistas e vídeos VHS. Os anos 1990 foram tanto um momento de declínio do debate feminista sobre a pornografia como de início de incremento da distribuição de pornografia via Internet. Os anos 2000, por sua vez, viram uma retomada do interesse feminista pela pornografia a partir da inserção massiva de conteúdos pornográficos no que mais adiante descreverei como sistema da web 2.0. Cabe lembrar que tanto o *pornhub.com* quanto o *xvideos.com*, duas plataformas que serão bastantes citadas ao longo deste trabalho, foram lançadas no ano 2007.

O objetivo desta pequena introdução aos debates feministas históricos em torno da questão pornográfica era fornecer o panorama inicial sob o qual muitas discussões

---

<sup>20</sup> No original: “its authority is decidedly less divine; its power, less efficacious.”

atuais sob o tema são realizadas. No decorrer do presente trabalho as posições de diversas outras autoras serão trazidas e é em relação a elas que diversas análises dos dados produzidos serão realizadas. Parto, portanto, tanto do princípio de que os diversos feminismos oferecem uma riqueza conceitual e teórica valiosa para o tema em questão, quanto da crença na impossibilidade de se realizar uma análise de um fenômeno cultural relevante na atualidade, neste caso o contato de jovens com materiais pornográficos, sem que as relações de gênero sejam parte fundamental da análise proposta.

### **A armadilha do “pânico moral” e os corredores da escola**

Gail Rubin ao retomar todo o processo histórico envolvido nas *porn wars* nos EUA aponta com propriedade para o perigo real de grupos conservadores apropriarem-se de possíveis pautas feministas e remodelarem-nas como forma de perseguição a expressões sexuais e de gênero que não se encaixam na norma heterossexual e em seus correspondentes desempenhos de masculinidade e de feminilidade. Apropriando-se da noção de “pânico moral”<sup>21</sup> elaborada por Jeffrey Weeks, a autora conceitualiza: “Pânicos morais são o ‘momento político’ do sexo, em que atitudes difusas são canalizadas em ação política e a partir disso em mudança social.” (RUBIN, 2012, p.31)

As crianças e a sexualidade infantil e adolescente com frequência são utilizadas para disseminação de pânico morais; o bem-estar dos jovens torna-se um veículo para a instituição de políticas que possuem consequências muito mais abrangentes do que a alegada proteção desse segmento da população.

Desta forma, é preciso estarmos atentas a algumas propostas que começam a surgir no cenário político brasileiro. Elas buscam legislar sobre o consumo de pornografia sob a justificativa de proteção a crianças e adolescentes, mas na verdade constituem-se como forma de censura a abordagens de questões sobre sexualidade em ambientes de ensino, sejam escolas, museus ou exposições de arte.

---

<sup>21</sup> Para um contraponto ver: DINES, Gail; LONG, Julia. **Moral panic? No. We are resisting the pornification of women.** The Guardian, dezembro, 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2011/dec/01/feminists-pornification-of-women> Acesso 20/02/2023

Maior exemplo neste sentido é o projeto de lei “Infância sem pornografia”<sup>22</sup>. Tal projeto tramita atualmente na câmara dos deputados<sup>23</sup>, mas já foi replicado e aprovado a nível municipal em algumas cidades, entre elas, na capital do estado de Santa Catarina, Florianópolis. O projeto inicia colocando como prerrogativa fundamental da família a educação das crianças e adolescentes para, então, legislar sobre o que pode ser apresentado e debatido com jovens em serviços públicos e eventos patrocinados pelo poder público. Desta forma fica determinada a proibição:

de divulgação ou acesso de crianças e adolescentes a imagens, músicas ou textos pornográficos ou obscenos [...] § 1º O disposto neste artigo se aplica a qualquer material impresso, sonoro, audiovisual ou imagem, ainda que didático, paradidático ou cartilha, ministrado, entregue ou colocado ao acesso de crianças e adolescentes, bem como a folders, outdoors ou qualquer outra forma de divulgação em local público ou evento autorizado ou patrocinado pelo poder público, inclusive mídias ou redes sociais. § 2º Considera-se pornográfico ou obsceno áudio, vídeo, imagem, desenho ou texto escrito ou lido cujo conteúdo descreva ou contenha palavrões, imagem erótica, de relação sexual ou de ato libidinoso. (Projeto de lei Infância sem pornografia, p. 1-2, 2018)

Ao servidor faltoso o projeto prevê “em multa no valor de 5% (cinco por cento) do valor de sua remuneração ao tempo do cometimento da infração, por cada ato ilícito”. Podem denunciar evento ou servidor público como faltosos, nos termos do projeto, qualquer pessoa jurídica ou física, inclusive pais ou responsáveis.

Neste momento não investigarei as motivações e nem analisarei tais propostas mais a fundo; as menciono para deixar claro que minha perspectiva sobre o assunto não poderia ser mais distinta. A presente pesquisa justifica-se a partir vontade de contribuir para a constituição do conhecimento em torno dos processos de construção social e cultural da diferença sexual. Pretendo levar, desta forma, para campo uma parte importante do debate feminista sobre a constituição representações de gênero e sobre a forma diferenciada que certos mecanismos podem assumir no processo de disciplinamento de corpos masculino e femininos. Como já havia afirmado anteriormente, este trabalho move-se a partir do empírico. É acreditando na potencialidade de se abordar de um fenômeno cultural importante do contemporâneo a partir das discussões levadas a

---

<sup>22</sup> Ver: BERCHT, Gabriela; BARZOTTO, Carlos Eduardo. “INFÂNCIA SEM PORNOGRAFIA” E O MOVIMENTO ANTIGÊNERO: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS. **Margens: Revista Interdisciplinar**, [S.l.], v. 16, n. 26, p. 73-94, jun. 2022.

<sup>23</sup> **Projeto de Lei “Infância sem Pornografia”**. Câmara dos deputados, 2018. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1641795](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1641795) Acesso 20/02/2023

cabo pelas pensadoras feministas e aos Estudos Culturais que a presente de pesquisa foi estruturada.

### **Internet e pornografia *mainstream***

Realizei algumas delimitações sobre objeto de investigação proposto a partir da leitura de outras de pesquisas que dedicaram-se a analisar o consumo de pornografia por jovens. Diversos trabalhos<sup>24</sup> indicam que, na atualidade, a Internet é o meio de acesso primordial utilizados por jovens para entrar em contato com materiais pornográficos. Emily Rothman et al. (2014), por exemplo, apontam, em um estudo que tomou como sujeitos de pesquisa jovens com idades entre 16 e 18 anos da cidade de Boston, que:

Todos os adolescentes desta amostra relataram assistir pornografia gratuitamente e online. Dois assistiram a vídeos pornográficos e / ou televisão a cabo, mas nenhum descreveu a exibição de livros ou revistas pornográficos. Sites específicos mencionados por vários participantes incluem YouPorn, RedTube e Pornhub<sup>25</sup>. (ROTHMAN et al., 2014, p. 4)

O foco da presente pesquisa foi centrado, portanto, nos materiais pornográficos disponíveis via Internet e que tendem a ser produzidos e distribuídos pela indústria de materiais adultos (pornográfica) da Internet. Definir o que é tal indústria é tarefa complicada; informações sobre a indústria pornográfica como um todo são muitas vezes desconhecidas. Shira Tarrant (2016) aponta a dificuldade de se acessar informações sobre as receitas financeiras geradas por tal indústria, não sendo claro, nem mesmo qual valor monetário que tal indústria mobilizaria; valores podendo variar entre 14 bilhões de dólares por ano<sup>26</sup> à cifra de 96 bilhões de dólares<sup>27</sup>. Optei por assumir, portanto, a definição de indústria de materiais adultos da Internet elaborada por Matthew Zook, geógrafo que se dedicou a mapear a localização geográfica de tal indústria:

---

<sup>24</sup> LOFGREN-MARTENSON, Lotta; MANSSON, Sven- Axel. Lust, Love, and Life: A Qualitative Study of Swedish Adolescents' Perceptions and Experiences with Pornography. In **Journal of sex research**, V. 47, ed. 6. 2010. p. 568-579.; ROMITO, Patrizia; BELTRAMINI, Lucia. Factors Associates With Exposure to Violent or Degrading Pornography Among High School Students. In **The Journal of School Nursing**, Vol. 31(4), p.280-290. 2015. OWENS, Eric W, et al. The Impact of Internet Pornography on Adolescents: A Review of the Reserch. In: **Sexual Addiction and Compulsivity: The Journal of Treatment and Prevention**, 19: 1-2, p. 99-122. 2012; ROTHMAN, Emily F. et al. "Without Porn ... I Wouldn't Know Half the Things I Know Now": A Qualitative Study of Pornography Use Among a Sample of Urban, Low-Income, Black and Hispanic Youth, In: **The Journal of Sex Research**, 52:7, 736-746, 2014

<sup>25</sup> Tradução própria. No original: "All adolescents in this sample reported watching pornography for free and online. Two had watched pornographic videos and or cable television, but none described viewing pornographic books or magazines. Specific Web sites that were mentioned by numerous participants included YouPorn, RedTube, and Pornhub".

<sup>26</sup> TARRANT, Shira. **The Pornography Industry: What everyone needs to know**. Oxford University Press. 2016

<sup>27</sup> DINES, Gail. **Pornland: how porn has hijacked our sexuality**. Boston: Beacon Press. 2010.

Portanto, em vez de usar uma definição arbitrária de Indústria adulta da Internet e procurar sites que a contenham, este relatório acessa primeiro os índices existentes de sites adultos (encontrados através do mecanismo de pesquisa do Google) e define a indústria conforme o que é listado nesses índices. Com base nesses dados, este relatório define a indústria adulta da Internet como sites voltados para adultos, acessíveis a toda a comunidade da Internet e que oferecem imagens, áudio, vídeo, texto e bate-papo para visitantes. A maioria desses sites é direcionado comercialmente. (ZOOK, 2007, p. 103-104<sup>28</sup>)

Tomando como referência inicial, portanto, as pesquisas desenvolvidas em outros países sobre o consumo de pornografia por jovens e a ampla bibliografia feminista que discute a questão pornográfica, optei por não incluir neste trabalho as produções pornográficas que de alguma forma estejam conectadas aos movimentos de pornografia para mulheres, pornografia feminista, ao movimento pós- pornô ou *alt* pornografia. Existem já diversos trabalhos<sup>29</sup> que tomam tais materiais pornográficos como foco de pesquisa. De maneira geral, tais formas pornográficas tendem a ser produzidas e consumidas por pessoas que já realizaram uma crítica inicial às manifestações pornográficas que podemos, a partir de agora, classificar como *mainstream*.

Para além disto, produções pornográficas que se encaixam em alguma das categorias expostas acima tendem a ser mais difíceis de ser encontradas, mesmo no universo da web, e muitas vezes seu acesso envolve o pagamento de alguma taxa. As pesquisas citadas acima indicam, por sua vez, que os jovens tendem a entrar em contato com materiais pornográficos que são distribuídos de maneira “gratuita”<sup>30</sup> via Internet. Tal ponto foi confirmado, como demonstrarei futuramente, no momento empírico da presente pesquisa.

Para além desta primeira parte do trabalho, dedicada a uma introdução geral a proposta de pesquisa, a tese foi estruturada em cinco momentos distintos. A segunda parte deste trabalho consta da retomada de estudos centrados no consumo de pornografia por

---

<sup>28</sup> Tradução própria. No original: “Therefore, rather than using an arbitrary definition of the Internet adult industry and seeking websites that fit it, this report first accesses existing indices of adult websites (found via the Google search engine) and defines the industry by what is listed in these indices. Based on this data, **this report defines the Internet adult industry as adult-oriented websites that are accessible to the entire Internet Community and offer adult images, audio, video, text, and chat to visitors.** The majority of these websites are commercially driven.”

<sup>29</sup> Ver: SARMET, Érica. Pós-pornô, dissidência sexual, situación cuir latino-americana: pontos de partida para o debate. In. **Revista Periódicus**, 1<sup>o</sup> edição, maio-outubro de 2014. SAN MARTIN, Felipe Rivas. Otro porno es posible: feminismo y postpornografía. In **Reversa**, editado por CECU Ed., Facultad de Derecho, Universidad de Chile, Santiago de Chile, 2011.

<sup>30</sup> O fato de os materiais pornográficos serem distribuídos de forma “gratuita” não significa que eles não façam parte da indústria comercial pornográfica da Internet. Tal aspecto se tornará mais claro ao abordarmos certas características sobre a produção e acesso de pornografia na era da internet.

peças jovens. Tais pesquisas foram tomadas como referências importantes tanto na construção dos instrumentos de pesquisa que utilizei, como possibilitaram o desenvolvimento de um panorama amplo sobre a forma como os artefatos pornográficos estão inseridos na vida dos e das jovens. Trata-se, portanto, de uma revisão do estado da arte dos estudos que dedicaram-se a analisar a utilização de pornografia por jovens.

A terceira parte do trabalho é dedicada explicitação dos referenciais teóricos e metodológicos que moveram a tese. Parti inicialmente de uma caracterização teórica da proposta dos Estudos Culturais e posteriormente aprofundi, em específico, a perspectiva de Jesus Martín-Barbero sobre a relação entre Cultura e Comunicação. A teoria barberiana sobre as mediações foi responsável por fornecer o enquadramento teórico básico utilizado na pesquisa. Neste capítulo, também promovi um levantamento sobre as discussões acerca das culturas juvenis, de maneira que aí foi possível delinear com maior clareza o conceito de pessoas jovens que foi utilizado para caracterizar os sujeitos participantes da pesquisa. O último momento desta seção ficou reservado para a explicitação de alguns pontos importantes sobre a metodologia aplicada na pesquisa.

A quarta e quinta parte deste trabalho concentram, por sua vez, o núcleo da pesquisa. São nestes dois momentos que são apresentados os dados produzidos ao longo dos anos de pesquisa e que buscam dar conta da pergunta que expus algumas páginas acima. A quarta parte do trabalho versou mais enfaticamente, e aqui já utilizo a terminologia barberiana, que mais adiante será esclarecida, sobre o polo das técnicas e sobre as mediações das narrativas e das redes. Este foi o momento de compreender como os materiais pornográficos surgem no contexto da Web 2.0, quais narrativas tornam-se sei aí hegemônicas e quais os operadores perceptivos são colocados em jogo quando o discurso pornográfico entra nas redes. Este foi também o momento de, ao propor uma caracterização do que seria a web 2.0, indicar algumas reflexões fundamentais sobre as noções de pedagogias culturais e educação para os meios.

A quinta parte da tese é, então, dedicada com maior profundidade ao polo das sensorialidades e as mediações das identidades e das cidadanias. É aqui que exponho e analiso os dados produzidos através da aplicação de questionários juntos as pessoas jovens com idades entre 16 e 19 anos e da realização de entrevistas individuais semiestruturadas com pessoas com idades de 18 e 19 anos. Este foi o momento em que procurei compreender de forma mais sistemática o que pessoas que habitam as culturas juvenis contemporâneas *pensam* e *sentem* sobre o tema em questão. Aqui também foi

possível realizar uma conexão entre os distintos momentos da pesquisa, pois muitos dos elementos que surgiram em outros momentos do trabalho foram trazidos à tona pelas pessoas jovens participantes da pesquisa. Por fim, apresento a conclusão que buscou dar conta do difícil processo de unificar uma análise que por natureza foi ampla e que pretendia contemplar todo o circuito comunicativo que envolve a presença massiva de conteúdos pornográficos on-line e as formas como as pessoas jovens entram em contato com estes.

## PARTE 2- Pornografia On-line e culturas juvenis: dados iniciais<sup>31</sup>

A seguir serão apresentados alguns dados de pesquisas que analisaram como se dá o consumo de pornografia entre os jovens na atualidade. Neste sentido, é preciso apontar a escassez de pesquisas que abordam o tema entre adolescentes no Brasil<sup>32</sup>, as poucas pesquisas encontradas tomam como objeto de pesquisa jovens adultos. Tal ponto é significativo, pois o vazio de pesquisas parece inverso a posição que o país ocupa no acesso a este tipo de material na Internet. O país apareceu, em 2022, em 10º lugar no ranking dos Top 20 países em tráfego ao *Pornhub*<sup>33</sup>. Além disto, o país surge em 6º lugar no ranking de acesso de visitantes mulheres ao site. É preciso notar, também, a tendência, já mencionada, de que os estudos realizados sejam conduzidos por pesquisadores ligados as áreas da saúde ou da Psicologia. Este é o caso dos dois estudos brasileiros citados a seguir, havendo uma lacuna de estudos que abordem a questão sob a perspectiva da Cultura, da Comunicação e da Educação.

As pesquisas que analiso a seguir possuem diferentes classificações etárias para seus sujeitos de pesquisas. No entanto, dei prioridade para análise de pesquisas que

---

<sup>31</sup> A presente seção deu origem a um artigo que apresenta muitos dos pontos aqui levantados, ainda que de maneira modificada: BERCHT, Gabriela. Pedagogias da sexualidade e do gênero na era da pornografia on-line: pensando a partir das Culturas Juvenis. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 14, n. 22, 2021.

<sup>32</sup> Em consulta a bancos de dados não encontramos dissertações ou teses que abordassem a temática pornográfica sob a perspectiva que propomos. Consultamos três bancos de dados, sendo a última consulta realizada no dia 01/07/2020, pesquisamos o termo pornografia e pornografia e educação. O banco de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, apontou a existência de 160 trabalhos indexados sob o termo pornografia, no entanto, a grande maioria versa sobre: pornografia infantil, pornografia e feminismo, pornô de vingança, manifestações pornográficas na literatura ou artes plásticas, pós-pornografia. Tal observação se sustenta para as outras duas bases de dados consultadas. Ao inserirmos de maneira conjunta os termos pornografia e educação, obtivemos 13 trabalhos indexados, porém nenhum que possuísse como objetivo central mapear o uso de materiais pornográficos por jovens/adolescentes. O portal da periódicos da Capes/Mec por sua vez indexou 139 trabalhos sob os termos pornografia e educação, porém novamente não encontramos nenhum estudo que se dedicasse a pensar de forma empírica o uso de materiais pornográficos por jovens/adolescentes. A base de dados Scielo retornou com 93 resultados para o termo pornografia, sendo apenas dois os artigos encontrados que se dedicaram a pensar o consumo de pornografia por jovens, no entanto, tais estudos, abordam o consumo de pornografia entre jovens de 20 – 30 anos, tendo como população-alvo, jovens universitários. Apresentaremos e comentaremos os resultados de tais estudos a seguir.

<sup>33</sup> Ambos os dados podem ser verificados em: **The 2022 Year in Review**. PornHub. 08/12/2022. Disponível: <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review#top-20-countries> Acesso 20/02/2023 Sobre as revisões anuais oferecidas pelo site e que em alguns momentos serão citadas nessa tese: é preciso destacar a não existência de nenhuma verificação externa as informações apresentadas pela empresa. Projetos como o “**Pornhub Tracking Expose**”, defendem que as estatísticas exibidas pelo site não são de fato estatísticas, mas sim uma nova forma de propagandear um negócio. Ver: <https://pornhub.tracking.exposed/>

tomassem como sujeitos jovens que passaram pelos processos de socialização já sobre o advento da Internet e da Web 2. 0 e que compartilham, portanto, ainda que de maneira genérica, certas características do processo de socialização e certos códigos culturais. Recordo que o foco da presente pesquisa se centra na análise do papel que a pornografia ocupa nas culturas juvenis. Tomo, desta forma, como hipótese de pesquisa que os discursos pornográficos disponíveis na Internet têm um importante papel na constituição de referenciais sobre a sexualidade nos processos de socialização contemporâneos.

A presente revisão foi realizada a partir da consulta a três bancos de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, portal de periódicos da Capes/Mec e Scielo. Foram realizadas buscas<sup>34</sup> utilizando o termo pornografia e conjuntamente pornografia e educação. A maioria dos trabalhos indexados versou sobre: pornografia infantil, pornografia e feminismo, pornô de vingança, manifestações pornográficas na literatura ou artes plásticas e pós-pornografia. Não encontrei nenhum estudo brasileiro que se dedicasse a pensar de forma empírica o uso de materiais pornográficos por adolescentes ou jovens não adultos, com idades inferiores a 20 anos de idade.

Para o caso brasileiro apresentarei, portanto, os achados de dois estudos que abordam a utilização de pornografia entre jovens de 20 – 30 anos e, que tem como população-alvo, portanto, jovens adultos. Os dados referentes à utilização de pornografia por jovens/adolescentes serão apresentados com base em pesquisas realizadas em outros países. A seleção de tais pesquisa foi realizada a partir da leitura dois estudos de revisão em língua inglesa (Goran KOLETIC, 2017; Eric OWENS et al, 2012) que se dedicaram a analisar o estado da arte das pesquisas sobre consumo de pornografia por jovens e adolescentes. Foi realizada pesquisa complementar nas mesmas bases de dados já citadas em busca de pesquisas que atendessem os critérios desta revisão.

Como mencionado anteriormente, dei prioridade para pesquisas publicadas nos últimos dez anos (2010-2020) e busquei um equilíbrio entre estudos quantitativos e qualitativos, procurando criar um corpo de análise de pesquisas que fosse o mais diverso possível, em termos dos universos analisados. Além das duas pesquisas que abordam o contexto brasileiro, foram selecionadas para análise pesquisas produzidas nos EUA (1), Cuba (1), Itália (1), Suécia (1), Reino Unido (1). A seleção de três países europeus para compor a amostra se deu em função das temáticas das pesquisas e das peculiaridades dos

---

<sup>34</sup> Consulta realizada no mês de julho de 2020.

contextos analisados. A pesquisa referente ao Reino Unido constitui-se, até o momento, na pesquisa quantitativamente mais representativa com a qual me deparei sobre o consumo de pornografia por jovens. A pesquisa referente à Itália é uma das poucas pesquisas que analisa a diferença entre conteúdo pornográfico violento e não violento. Já a pesquisa referente à Suécia aborda o contexto de consumo de pornografia por jovens em um país que possui aulas de educação sexual de forma compulsória nas escolas desde 1955. Por fim, destaco que a revisão realizada no presente momento não pretende exaurir a análise de estudos sobre o tema. Uma ressalva importante também deve ser realizada sobre os estudos analisados, mesmo havendo o reconhecimento, em algumas das pesquisas revisadas, de outras categorias de gênero que não se restringem ao binarismo, torna-se uma limitação importante dos estudos em questão que a articulação de resultados das pesquisas ocorra a partir de um prisma de gênero binário.

Em estudo publicado em 2004, pesquisadores da Universidade Federal da Paraíba tomaram como população alvo jovens universitários com o objetivo de verificar suas atitudes frente ao consumo de pornografia. A amostra inicial foi composta por 34 jovens universitários, 18 do sexo feminino e 16 do sexo masculino, com média de idade de 22,4 anos, com idades variando entre 18 e 25 anos. Este grupo inicial foi submetido a entrevistas roteirizadas que buscavam averiguar as crenças relativas ao consumo de materiais pornográficos.

A partir das entrevistas os pesquisadores elaboraram, então, um instrumento único, questionário, composto de 40 questões, que foi aplicado em 336 estudantes universitários, com idades variando de 17 a 52 anos. A média de idade dos participantes do estudo foi 23,4 anos, sendo 51% do gênero feminino e 49% masculino. Do total da amostra analisada pelos pesquisadores, 97,6% dos homens e 71,3% das mulheres afirmaram já ter entrado em contato com algum tipo de material pornográfico. No entanto, apenas 39% dos sujeitos, de ambos os sexos, afirmaram consumir tais materiais, enquanto 61% afirmaram o contrário. Do total de consumidores 77,8% pertencem ao sexo masculino e 22,2% ao sexo feminino. Ao serem analisados os perfis dos consumidores de pornografia bem como as motivações para o consumo e o perfil dos não consumidores, a marca de gênero torna-se evidente:

Os dados apresentados mostram que os consumidores desse material são, em sua maioria, homens solteiros, em torno dos 22 anos de idade, católicos não-praticantes, que utilizam revistas, sites da internet e filmes de forma regular com o objetivo de obter informações sobre sexualidade e ter mais fantasias

sexuais. [...] O grupo não- consumidor é formado basicamente, de mulheres solteiras, com média de idade igual a 24,2 anos, católicas praticantes, que já tiveram algum contato com materiais pornográficos, mas não o utilizam atualmente, percebendo-o como prejudicial. (Valeschka GUERRA; Fernando ANDRADE; Mardonio DIAS, 2004, p. 273- 276)

No que tange à utilização de materiais pornográficos como fonte de informações acerca da sexualidade, os pesquisadores notaram uma diferença de atitude entre o grupo dos consumidores e o grupo dos não consumidores. Para os primeiros, os materiais pornográficos são utilizados como o objetivo de obter informações acerca da sexualidade, ao passo que os não consumidores “percebem essas mesmas informações como prejudiciais ao desenvolvimento da sexualidade.” (GUERRA; ANDRADE; DIAS, 2004, p. 276)

O segundo estudo (Cynthia BAUMEL et al, 2019) tem caráter qualitativo, e dedicou-se a compreender as atitudes que homens e mulheres têm em relação à pornografia, bem como a verificar as vantagens e desvantagens percebidas do consumo desse tipo de material no comportamento sexual e nos relacionamentos amorosos. As autoras utilizaram como instrumento de pesquisa entrevistas semiestruturadas com 10 homens e 10 mulheres, com idades entre 23 e 30 anos – média de 25,7 anos -, todos com ensino superior completo, a grande maioria residentes da cidade de Vitória (ES). O roteiro de entrevistas, segundo os autores, continha questões referentes à definição de pornografia, finalidade, formas e impactos do uso de materiais com conteúdo sexual no comportamento sexual e no relacionamento amoroso, além das informações sociodemográficas. Foi realizada análise de conteúdo temática das falas dos entrevistados e estas foram recortadas e reunidas em subcategorias, posteriormente em categorias e então em quatro eixos temáticos de análise.

Diversas reflexões importantes surgiram a partir da análise da pesquisa mencionada. Especialmente no que tange a relação entre consumo de materiais pornográficos e aprendizagem de sobre práticas sexuais. Nas entrevistas com homens, aprendizado surge como categoria e subcategoria tanto quando os participantes relatam a finalidade de uso quando os participantes elencam os possíveis impactos positivos do uso de materiais pornográficos no comportamento sexual e no relacionamento amoroso.

Nas entrevistas com mulheres, aprendizado surge como uma categoria e subcategoria quando as entrevistadas relatam a finalidade de uso dos materiais pornográficos, as mudanças na forma de uso e os possíveis impactos positivos no

comportamento sexual e no relacionamento amoroso. Um número elevado de participantes - 7 de um total de 10 participantes- relataram que o uso inicial se deu na perspectiva de aprendizagem. Tais dados levaram os pesquisadores a concluir que “a pornografia parece ser a primeira fonte de informação sexual, contribuindo com o aprendizado sobre práticas sexuais e descobertas sobre si mesmo e sobre o corpo do outro” (BAUMEL et al, 2019, p. 140).

A influência dos materiais pornográficos na constituição de posturas ou disposições sexuais também surge quando os entrevistados, homens e mulheres, relatam como ponto negativo da utilização destes materiais “a idealização do setting pornográfico, que não é reproduzível numa relação sexual real” (BAUMEL et al, 2019, p.140). De maneira que os pesquisadores indicam que:

Essa discrepância aponta para a necessidade de incluir o uso de pornografia como tópico de educação sexual, ensinando sobre as influências da mídia e o não realismo desse material, sobre a sexualidade representada e a sexualidade vivida, discutindo sobre o que leva ao uso e quais são os possíveis benefícios e efeitos nocivos desse tipo de consumo. (BAUMEL et al, 2019, p.140)

Importante destacar que a pesquisa citada acima foi realizada com jovens adultos, com média de idade de 25,7 anos e com formação acadêmica. Sendo que das mulheres entrevistadas, a grande maioria (n=7) possuía graduação em Psicologia. Tais características sociodemográficas são relevantes para a análise dos resultados da pesquisa. Como os próprios autores da pesquisa indicam (BAUMEL, 2019), há que se notar ainda um vazio de pesquisas que abordam a utilização de materiais pornográficos no Brasil.

Adentrando no universo das pesquisas que abordam o contato com pornografia por pessoas mais novas, com idades abaixo dos 20 anos, apresento a pesquisa realizada por cinco pesquisadores da Universidade de Saúde Pública de Boston (ROTHMAN et al, 2014), na qual foi analisada uma amostra de 23 jovens (14 do gênero feminino, 09 do masculino), com idades entre 16-18 anos, residentes de zonas pobres desta mesma cidade, em sua maioria negros e hispânicos. As pesquisadoras tinham como objetivo prover informações e conhecimento sobre as experiências de uso de pornografia entre jovens de cor<sup>35</sup>, de baixa renda e urbanos. O instrumento utilizado para a produção de dados foi entrevistas semiestruturadas. Compostas de questões que buscavam dar conta de três perguntas geradoras: 1. Que tipo de pornografia os jovens reportam assistir? Onde e com qual propósito? 2.Os jovens sentem que a pornografia tem impacto em seu próprio

---

<sup>35</sup> Termo traduzido. No original o termo utilizado ao longo do artigo é: “youth of color”.

comportamento sexual? 3. Que tipo de interação eles têm com seus pais sobre pornografia?

As entrevistas foram gravadas, transcritas e codificadas. Os códigos representam temas que surgiram dos dados das entrevistas. Tais dados foram, por fim, explorados utilizando software para análises qualitativas. Sobre o consumo: 78% dos homens e 50% das mulheres afirmaram ter assistido a materiais pornográficos mais de 10 vezes no último ano, majoritariamente em aparelhos celulares e em computadores. Todos os jovens da amostra afirmaram assistir pornografia de forma gratuita e on-line. Surpreendeu as pesquisadoras o número elevado de jovens que relataram já ter assistido pornografia na escola e de maneira coletiva.

Quanto ao tipo de pornografia que as pessoas jovens disseram assistir, o mais frequente foi pornografia heterossexual e de sexo entre mulheres. No entanto, as pesquisadoras indicam que os jovens reportaram já ter assistido pornografia que continha incesto, estupro e bestialidade. Vários jovens afirmaram ter tido contato com formas de pornografia mais extremas (*bondage*, *bukkake*, sexo grupal, humilhação pública, asfixia). Em relação à reação dos jovens a estes tipos de pornografia as pesquisadoras apontam que “[...] enquanto algumas jovens do sexo feminino expressaram surpresa e desgosto, a reação geral a estas formas mais extremas de pornografia foi de indiferença ou aceitação”<sup>36</sup> (ROTHMAN et al, 2014, p. 4).

Sobre o caráter pedagógico que as representações pornográficas podem possuir, as pesquisadoras indicam que:

Quase todos os participantes (n= 21) reportam terem aprendido como fazer sexo através da pornografia. Especificamente, eles reportam que do consumo de pornografia eles aprenderam posições sexuais, o que o sexo oposto pode gostar sexualmente, e como realizar atos sexuais particulares (sexo, oral, sexo anal). Ambos homens e mulheres reportaram terem aprendido sobre sexo a partir da pornografia (sete do sexo masculino e 14 do sexo feminino), no entanto as participantes do sexo feminino ofereceram exemplos mais concretos do que elas haviam aprendido. (ROTHMAN et al., 2014, p.6<sup>37</sup>)

<sup>36</sup> Tradução própria. No original: “while a few females expressed distaste and surprise, the general reaction to these more extreme forms of pornography was indifference or acceptance.”

<sup>37</sup> Tradução própria. No original: “Almost every participant (n = 21) reported learning how to have sex by watching pornography. Specifically, they reported that from pornography they had learned sexual positions, what opposite-sex partners might enjoy sexually, and to learn how to engage in particular sex acts (e.g., oral sex, anal sex). Both males and females reported learning about sex from pornography (i.e., seven males and 14 females), although females offered more concrete examples of things that they learned.”

Tal aspecto está relacionado diretamente à percepção dos jovens sobre como a utilização de pornografia impactou seus próprios comportamentos sexuais. As jovens informaram acreditar que assistir pornografia as levou a realizar atos sexuais que não teriam realizado sem o estímulo pornográfico. A prática de sexo anal<sup>38</sup> é a mais frequente nos relatos das jovens, com as participantes indicando arrependimento em relação ao ato, em virtude da dor causada. Esta era inesperada, uma vez que nos filmes pornográficos as atrizes não parecem sentir dor ao performar tal prática. Da mesma maneira, algumas das jovens afirmaram sentir pressão dos namorados para realizar atos vistos em materiais pornográficos.

Em relação aos jovens do gênero masculino, ao menos um dos jovens da amostra afirmou gravar vídeos de si mesmo tendo relações sexuais e que era prática comum entre seus amigos o compartilhamento de vídeos desta espécie. Outro jovem afirmou que, inspirado pela pornografia amadora, gravou com seu celular vídeos dele e de sua namorada tendo relações sexuais, sem que ela soubesse. As pesquisadoras concluem, portanto, que “[...] uma parcela da juventude usa a pornografia como recurso instrucional: jovens buscam aprender na pornografia como realizar sexo; outros ou imitam ou são solicitados por um parceiro que imitem o que viram”<sup>39</sup> (ROTHMAN et al, 2014, p. 7)

Os relatos produzidos pelas entrevistas levaram às pesquisadoras a formular como hipótese de pesquisa que a proliferação de pornografia na Internet pode estar aumentando as chances de menores de idade criarem materiais sexualmente explícitos. As pesquisadoras, no entanto, indicam a necessidade de realização de pesquisas quantitativas para confirmar tal ideia.

Outro estudo qualitativo que se dedicou a mapear as percepções e experiências de adolescentes com a pornografia foi o realizado por pesquisadores suecos (Lotta

---

<sup>38</sup> Tal aspecto condiz com estudo britânico que apontou a utilização de pornografia como principal causa do aumento da prática de sexo anal entre adolescentes no Reino Unido. De forma preocupante tal estudo aponta que: “Anal heterosex often appeared to be painful, risky and coercive, particularly for women. Interviewees frequently cited pornography as the ‘explanation’ for anal sex, yet their accounts revealed a complex context with availability of pornography being only one element. Other key elements included competition between men; the claim that ‘people must like it if they do it’ (made alongside the seemingly contradictory expectation that it will be painful for women); and, crucially, normalisation of coercion and ‘accidental’ penetration. It seemed that men were expected to persuade or coerce reluctant partners” Ver: MARSTON, C., & LEWIS, R. Anal hetero anal sex among Young people and implications for health promotion: A qualitative study in the UK. In. **BMJ Open**. 2014

<sup>39</sup> Tradução própria. No original: “some youth use pornography as an instructional resource: youth sought out pornography to learn how to have sex; others either imitated or were asked by a partner to imitate, what they saw.”

LÖFGREN-MÅRTENSON; Sven- Axel MÅNSSON, 2010) e possuía como objetivo indagar jovens normativos de classe média sobre suas experiências, visões e relações com pornografia. As questões básicas que moveram a pesquisa foram: Em que situação e com qual propósito os jovens usam pornografia? O que os jovens pensam sobre as imagens e as ideias mostradas na pornografia? Que efeito a pornografia possui em suas visões de sexualidade e de relações de gênero? Que diferenças e similaridades existem nas discussões de jovens do sexo masculino e jovens do sexo feminino sobre pornografia? O estudo foi motivado por pesquisas anteriores que indicavam um alto contato com este tipo de material por parte dos jovens nórdicos<sup>40</sup>.

Foram adotados como método de pesquisa para a obtenção de informações em profundidade a realização de grupos focais e de entrevistas individuais. Segundo os pesquisadores, a utilização de dois métodos de pesquisa distintos permitiu que comparações e triangulações entre os dados fossem efetivas, possibilitando uma validação dos dados obtidos.

Os grupos focais, em específico, foram pensados como forma privilegiada de acesso às discussões entre os jovens sobre pornografia, pois permitiram a exploração das normas e valores em relação à pornografia entre os membros dos grupos. O público-alvo do estudo eram jovens entre 14 e 20 anos de idade que foram recrutados em escolas ao sul do país. Todos os procedimentos de pesquisa, grupos focais e entrevistas, foram realizados nas escolas participantes da pesquisa. No total, 73 jovens voluntariaram-se e terminaram o estudo. Os pesquisadores formaram sete grupos focais, que possuíam entre 6 e 10 participantes cada, separados por gênero. Além disso, foram realizadas 22 entrevistas individuais em profundidade com jovens de ambos os gêneros.

O mesmo roteiro de entrevistas foi utilizado para os grupos focais e para as entrevistas individuais. Ao contrário da expectativa inicial dos pesquisadores, os jovens mostraram-se mais dispostos a falar sobre seu envolvimento com materiais pornográficos nas discussões que ocorreram nos grupos focais. Pesquisadores apontaram que os jovens além de demonstrarem desinibição para discutir sobre pornografia, também pareceram gostar de falar sobre o tema. Em relação a análise dos dados obtidos, as entrevistas e as

---

<sup>40</sup> Ver: SØRENSEN, A. D; KJORHOLT, V. S. How do Nordic adolescents relate to pornography? A quantitative study. In S. V. Knudsen, L. Löfgren-Mårtenson, & S.-A. Månsson (Eds.), **Generation P? Youth, gender and pornography** (pp. 87–102). Copenhagen: Danish School of Education Press. 2007

discussões nos grupos focais foram gravadas e transcritas. Os pesquisadores não reportaram a utilização de nenhum software de análise qualitativa. Reportaram como métodos de análise: a categorização temática dos textos transcritos, a condensação de afirmações individuais em afirmações concentradas de significado e as interpretações dos textos em relação a outras pesquisas e conceitos teóricos.

Em relação às conclusões e resultados obtidos pela pesquisa, novamente surge como relevante que todos os participantes afirmaram ter tido contato, de forma voluntária ou involuntária, com pornografia primariamente via Internet. Sendo que os jovens do gênero masculino, em comparação com as jovens, demonstraram procurar de forma mais ativa e regular conteúdos pornográficos. Os pesquisadores apontam, da mesma forma que o estudo que anteriormente mencionado (ROTHMAN et al, 2014), que a pornografia parece fazer parte do dia a dia dos jovens: “A opinião geral é que todos, especialmente jovens homens, estavam em contato com a pornografia desde uma idade bem nova<sup>41</sup>” (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2019, p. 572).

Em relação às impressões que os jovens possuem dos materiais pornográficos, os pesquisadores afirmaram que nos grupos focais as jovens mulheres mostraram maior ambivalência em relação ao consumo de pornografia. Elas apontaram questões sociais como a não permissão para que garotas consumam este tipo de material e para questões próprias dos materiais pornográficos, em especial sobre a forma como estes tendiam a ser produzidos para homens, de maneira que não eram, muitas vezes, atraentes para elas.

Os pesquisadores identificaram três funções básicas da pornografia na vida dos jovens: forma de interação social, fonte de informações, estímulo para excitação sexual. Em relação à primeira função, os jovens do gênero masculino reportaram que assistir pornografia de forma coletiva entre amigos era uma experiência comum. Sendo que em tal contexto, (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009) o contado com os materiais pornográficos não parece envolver excitação sexual, mas opera como uma espécie de teste para a reação dos outros em relação ao que é mostrado nos filmes; as brincadeiras tornam-se, desta forma, uma espécie de guia normativo para os jovens.

---

<sup>41</sup> Tradução própria. No original: “The general opinion was that everyone, especially Young men, was in contact with pornography from a very Young age.”

A utilização da pornografia como fonte de informações é vista de maneira crítica pelos jovens de ambos os sexos. Tanto meninos quanto meninas descrevem o conteúdo da pornografia, de maneira geral, como sendo violento e pesado; reconhecem também que homens e mulheres são retratados de maneira desiguais nas mídias sexualizadas, em especial, nos filmes pornográficos. Segundo os pesquisadores, a confiabilidade das informações geradas pelos conteúdos pornográficos pareceu variar de acordo com as experiências prévias dos participantes. De maneira que, à medida que a idade e as experiências dos jovens aumentam, o contato com materiais pornográficos parece diminuir e tornar-se mais cheio de nuances.

No entanto, meninos e meninas reportaram que a utilização de pornografia como fonte de informação atinge-os de maneira distinta. As jovens afirmaram sentirem-se influenciadas tanto pelos padrões físicos mostrados no pornô quanto pelos atos realizados nos filmes pornográficos. A depilação surgiu como maior impacto dos ideais pornográficos para as jovens em relação aos seus corpos. Ao passo que a pressão para a realização de sexo anal, como fazem as atrizes pornôs, surgiu como maior preocupação das jovens. Os jovens por sua vez afirmaram não se sentirem influenciados pelos ideais físicos presentes nas produções pornográficas. Ao mesmo tempo afirmaram com veemência não sentirem vontade de realizar tudo que viam nos materiais pornográficos. Para além disto, afirmaram que viam o sexo da vida real como algo completamente diferente do que é mostrado nos filmes pornográficos e que conseguiam manter estas duas instâncias, sexo da vida real e representações pornográficas, separadas uma da outra.

Os pesquisadores concluíram que a maior parte dos jovens que participaram da pesquisa pareceu conseguir desenvolver habilidades para navegar na paisagem pornográfica que os cerca, sendo capazes de distinguir entre o real e o fantasioso. No entanto, é preciso apontar que os próprios participantes da pesquisa (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2019) indicaram a importância de inclusão da temática da pornografia nas aulas de educação sexual nas escolas. Em relação a isto, também é importante destacar que a Suécia possui aulas de educação sexual de forma compulsória nas escolas desde 1955. A maior criticidade em relação aos materiais pornográficos apresentadas pelos participantes deste estudo talvez seja fruto desta já longa tradição de debater-se temáticas relacionadas à sexualidade em fóruns públicos, como as escolas.

O último estudo qualitativo que gostaria de incluir nesta revisão do estado da arte das pesquisas que versam sobre utilização de pornografia por adolescentes/jovens foi

realizado em Cuba. Os motivos de inclusão de tal estudo vão para além do fato deste ocupar-se do tema da pornografia junto aos jovens ou de utilizar de metodologias similares a que utilizada na presente pesquisa. Um foco importante de interesse no presente estudo centra-se no contexto histórico, legal e tecnológico que marca as possibilidades de utilização de pornografia neste país. Além da produção e posse de materiais pornográficos serem proibidas em Cuba, o acesso à Internet, em comparação aos outros países latino-americanos, sofreu atrasos. Seu uso tornou-se mais difundido apenas a partir de 2013, quando ações governamentais promoveram a introdução de cibercafés e pontos de acesso Wi-Fi externos.

O estudo em questão (Alexis Conde MÉRIDA et al, 2016) foi realizado entre os anos 2014 e 2015 e tinha como objetivo determinar as motivações em relação ao consumo e reprodução de materiais com conteúdo sexual explícito junto ao grupo de adolescentes e jovens. Trata-se de um estudo descritivo, transversal, quali-quantitativo, realizado em um Instituto Politécnico, na cidade de Cienfuegos, com 109 estudantes, de ambos os gêneros. A amostra foi confirmada, posteriormente, por 29 estudantes selecionados de forma voluntária. Foram utilizados como método de pesquisa: questionário, entrevista individual em profundidade, entrevistas em grupos focais e análise de conteúdo.

Em relação à idade dos jovens; 82,75% possuíam 16 anos e 17,24 % possuíam 17 anos. Foram aferidos os conhecimentos sobre sexualidade que os sujeitos da pesquisa possuíam através da aplicação de questionário desenhado pelo Centro Nacional de Educação Sexual do país. Em relação a este item, conhecimento sobre a sexualidade: 50% dos jovens do sexo masculino apresentaram conhecimento regular, ao passo que 46,15% das jovens do sexo feminino apresentaram conhecimento bom. Sendo que no total 68,96% dos jovens apresentaram conhecimentos que variavam entre regular e bom.

Em relação à utilização de materiais pornográficos, ao menos a metade dos jovens declarou consumir estes materiais. No entanto, 100 % dos jovens afirmaram que “todos já viram alguma vez e todos utilizam”. Apenas um dos entrevistados afirmou conhecer a ilegalidade do consumo destes materiais na ilha. Indicando que a legislação neste caso não parece nem surtir efeito e nem ser conhecida pelos jovens.

Ao que parece, as peculiaridades do país, de legislação e de acesso à Internet, não implicam em uma realidade muito distinta no que tange o contato dos jovens com materiais pornográficos. Da mesma maneira que os jovens sujeitos das pesquisas

anteriores, os jovens cubanos afirmam considerar que o uso de materiais com conteúdo sexual explícito é um fenômeno “muito estendido em nossa sociedade” junto ao seu grupo etário. Em relação ao acesso, às principais vias afirmadas foram as novas tecnologias de informação e comunicação existentes; os materiais são encontrados na Internet ou são comprados por pacotes, ocorrendo trocas entre amigos e familiares, sendo utilizados DVDs, CDs, memórias, celulares e tablets para este fim.

Ao serem questionados sobre as principais fontes de informação sobre a sexualidade, os três itens mais pontuados são: a família (82,75%), o/a parceiro(a) (65,51%) e vídeos “pornô” (55,17%). Os materiais pornográficos voltam a aparecer com pontuação alta entre os jovens quando estes são questionados sobre qual a melhor forma de preparar-se para a sexualidade. A opção “mediante materiais com conteúdo sexual explícito” surge em primeiro lugar (75,86%) juntamente com a opção “tendo relações suficientes para ter experiência”. Os pesquisadores indicam, desta forma, que além da curiosidade, uma das motivações primordiais para a utilização de pornografia centra-se na aprendizagem - “aprender as ‘coisas que não te contam’ na família ou na escola<sup>42</sup>” (MÉRIDA et al, 2016, p.133)

A pesquisa questionou também sobre o hábito de filmar ou tirar fotos de si próprio com conteúdo sexual explícito. Segundo os pesquisadores, os jovens concordaram por unanimidade que “não consideram moral filmar ou tirar fotos de si próprios com conteúdo sexual explícito” (ibidem, p.132). No entanto, a maioria dos jovens do sexo masculino afirmou que “gravar é uma forma de demonstrar virilidade, que se tem parceira e que se tem relações sexuais<sup>43</sup>” (ibidem, p.132). Quando questionados sobre quais as condições em que as jovens aceitavam ser gravadas, os jovens afirmaram que as meninas aceitavam tal ato por pressão, para demonstrar amor por seu parceiro, quando eram enganadas, quando estavam sob efeito de bebidas ou drogas, porque gostavam ou por dinheiro.

Analiso agora alguns estudos que abordam a utilização de pornografia por parte de jovens sob uma perspectiva quantitativa. O foco estará centrado essencialmente nas conclusões obtidas como forma de estabelecer um panorama amplo sobre o tema. Os

---

<sup>42</sup> Tradução própria. No original: “[...] se aprenden las ‘cosas que no te cuentan’ en la familia o en la escuela [...]”.

<sup>43</sup> Tradução própria. No original: “‘grabar es una forma de demostrar hombría, que sí tiene pareja y sí tiene relaciones sexuales”.

resultados de tais estudos serão tomados como indicando apenas tendências sobre as quais devemos estar cientes realizar as análises de dados próprios produzidos.

O estudo conduzido de Jane D. Brown e Kelly L. L'Engle (2009) é uma das pesquisas mais amplas que localizei sobre a utilização de materiais pornográficos por jovens. As autoras dedicaram-se a analisar a exposição a mídias sexualmente explícitas e sua associação a atitudes e comportamentos sexuais entre jovens em um momento inicial da adolescência. Um dos pontos fortes deste estudo centra-se na capacidade operacionalizar a pesquisa em dois momentos distintos da vida dos adolescentes.

A amostra inicial da pesquisa é dada por jovens dos sétimos e oitavos anos, recrutados em 14 escolas públicas<sup>44</sup> localizadas ao sudeste dos Estados Unidos. As escolas localizavam-se em regiões urbanas, suburbanas e rurais. Os jovens foram entrevistados inicialmente no ano de 2002 e depois no ano 2004 e responderam questões demográficas, sobre saúde e sobre a utilização de materiais sexualmente explícitos. Jovens que participaram de ambos os momentos da pesquisa e completaram os questionários totalizaram N=967. Houve equilíbrio entre os gêneros dos participantes (n= 483 meninos, 484 meninas) e raça (478 brancos e 489 pretos). A média de idade dos participantes no primeiro momento da pesquisa foi 13.6 anos e no segundo momento de 15.6 anos. Partindo de estudos anteriores sobre o tema as pesquisadoras elaboraram três hipóteses<sup>45</sup> de pesquisa para testagem:

H1: A exposição a conteúdos sexualmente explícitos no início da adolescência preannunciará atitudes em relação aos papéis de gênero menos progressistas e normas sexuais mais permissivas, em um período mais tardio da adolescência.

H2: A exposição a conteúdos sexualmente explícitos no início da adolescência preannunciará maior perpetração de assédio sexual em um período mais tardio da adolescência, especialmente para os meninos.

H3: A exposição a conteúdos sexualmente explícitos no início da adolescência preannunciará maiores chances de ter participado<sup>46</sup> de sexo oral e ter tido uma transição mais cedo para relações sexuais em um período mais tardio da

---

<sup>44</sup> Na terminologia norte americana, trata-se de *middle schools*, que seriam correspondentes as escolas de ensino fundamental no Brasil.

<sup>45</sup> Tradução própria. No original: “*Hypothesis 1 (H1)*: Exposure to sexually explicit content in early adolescence will predict less progressive gender role attitudes and more permissive sexual norms in later adolescence. *Hypothesis 2 (H2)*: Exposure to sexually explicit content as an early adolescent will predict greater perpetration of sexual harassment in later adolescence, especially for males. *Hypothesis 3 (H3)*: Exposure to sexually explicit media as an early adolescent will predict greater likelihood of having had oral sex and earlier transition to sexual intercourse in later adolescence, for both males and females.” (BROWN; L’ENGLE, 2009)

<sup>46</sup> O estudo não faz distinção entre ter realizado e ter recebido sexo oral.

adolescência, tanto para meninos quanto para meninas. (BROWN; L'ENGLE, 2009)

A aferição das atitudes em relação aos papéis de gênero foi medida utilizando afirmações com as quais os jovens deveriam indicar, em uma escala de cinco pontos, se concordavam fortemente ou discordavam fortemente. Exemplos das afirmações utilizadas: “Tudo bem se uma garota quer praticar esportes duros como futebol americano e hockey”, “Um cara sempre deve estar pronto para o sexo”, “Me incomoda quando um cara se comporta como uma garota”. Em relação à perpetração de assédio sexual os jovens foram perguntados se haviam nos últimos três meses realizado certos comportamentos e atividades descritos em uma lista. Exemplos de comportamentos e atividades descritos são: “fiz um comentário negativo sobre o corpo, peso ou vestuário de um/uma colega de escola”, “toquei ou me encostei contra um/uma colega de escola de maneira sexual”, “encurrelei um/uma colega de escola de uma maneira sexual”, “pressionei um/uma colega de escola a um encontro”, “segurei ou puxei a roupa de um/uma colega de escola de maneira sexual”.

Em relação ao uso de mídias sexualmente explícitas, os jovens tiveram que responder a três perguntas: “Nos últimos 12 meses, com que frequência você viu filmes obscenos?”, “Nos últimos 12 meses com que frequência você leu revistas como *Playboy*, *Playgirl*, *Penthouse* ou *Hustler*?” e “Com que frequência você viu fotos de mulheres ou homens nus em seu computador ou na Internet?”. Sendo que as possibilidades de respostas para as três perguntas eram: “mais de uma vez na semana”, “cerca de uma vez na semana”, “cerca de uma vez por mês”, “apenas algumas vezes” e “nunca”.

Em relação ao uso de mídias sexualmente explícitas, há um aumento progressivo de afirmação de uso à medida que a idade dos participantes da pesquisa avança. De maneira que ao chegarem aos 14 anos de idade o contato reportado com tais mídias, de forma acidental ou intencional, é de 66% para os jovens do gênero masculino e de 39% para as jovens do gênero feminino (BROWN; L'ENGLE, 2009). Tomando os indicadores sociodemográficos em conta, as pesquisadoras indicam que ser negro, mais velho, ter pais com grau menor de instrução e status socioeconômico mais baixo estão relacionados, para o caso estudado, a uma maior exposição a materiais sexualmente explícitos, para ambos os gêneros.

Em relação à primeira hipótese testada, as pesquisadoras indicam que ela foi parcialmente suportada pelos dados produzidos. Entre os jovens meninos, o aumento da

exposição às mídias sexualmente explícitas prenunciou, dois anos depois, normas sexuais pessoais mais permissivas. No entanto, o uso de tais mídias não prenunciou as atitudes em relação aos papéis de gênero esperadas. Em relação às jovens, o aumento da exposição às mídias sexualmente explícitas prenunciou atitudes em relação aos papéis de gênero menos progressistas. No entanto, o uso destas mídias não foi um prenunciador significativo de normas sexuais pessoais mais permissivas.

Como previsto na segunda hipótese testada, uso de mídias sexualmente explícitas mostrou-se relacionado à perpetração de assédio sexual para os jovens do sexo masculino, mas não entre as jovens. O aumento da exposição a tais materiais prenunciou a perpetração mais frequente, dois anos depois, de assédio sexual entre os jovens do gênero masculino. Sendo que 76% destes jovens que reportaram cometer ao menos uma forma de assédio sexual também reportaram o uso de mídias sexualmente explícitas.

Em relação à terceira hipótese, as pesquisadoras afirmam que os dados deram forte apoio para sua confirmação. Jovens garotos que afirmaram, na primeira etapa da pesquisa, usar os três tipos de mídias sexualmente explícitas descritas tiveram três vezes mais probabilidades de reportarem, dois anos depois, terem experienciado sexo oral e relação sexual. Ao passo que as jovens que afirmaram ter utilizado os três tipos de mídias sexualmente explícitas descritas na primeira etapa da pesquisa tiveram duas vezes mais probabilidade de reportarem, no segundo momento da pesquisa, ter experienciado sexo oral e uma vez e meia mais probabilidade de reportarem ter tido relações sexuais. A análise de dados, de uma maneira geral, permite, portanto, às autoras afirmar que “[...] a exposição a mídias sexualmente explícitas deve ser considerada um fator importante na socialização sexual no início da adolescência<sup>47</sup>” (BROWN; L’ENGLE, 2019, p.145).

O próximo estudo (ROMITO; BELTRAMI, 2015) destaca-se por ser uma das poucas pesquisas que realiza uma diferenciação em relação aos tipos de materiais pornográficos utilizados pelos jovens. Partindo de outras pesquisas<sup>48</sup> que indicam que a questão mais profunda, no que tange à relação entre utilização de pornografia e comportamentos sexualmente agressivos, centra-se na violência dos materiais utilizados e não propriamente no conteúdo sexual dos mesmos, Patrizia Romito e Lucia Beltrami

---

<sup>47</sup> Tradução própria. No original: “[...] exposure to sexually explicit media should be considered an important factor in the sexual socialization of early adolescents.”

<sup>48</sup> Ver: YBARRA, M; MITCHELL, K; HAMBURGER, M; DIENER-WEST, M; LEAF, P. (2011). X-rated material and perpetration of sexually aggressive behavior among children and adolescent: Is there a link? In. **Aggressive Behavior**, 37, 1–18.

dedicaram-se a averiguar o grau de exposição de uma mostra de adolescentes italianos à pornografia violenta/degradante.

Os objetivos principais da pesquisa eram descrever a frequência e as características da exposição à pornografia violenta/degradante em uma mostra de estudantes italianos do ensino médio e analisar as diferenças que poderiam surgir entre adolescentes que não assistem pornografia, os que assistem pornografia não violenta/degradante e os que assistem pornografia violenta/degradante. O estudo foi conduzido na região norte da Itália e envolveu os estudantes do último ano do ensino médio<sup>49</sup> de 16 escolas. A média de idade dos participantes do estudo ficou em 18.2 anos e o número da amostra final foi de 702 estudantes (319 homens e 383 mulheres).

Como instrumento de pesquisa foram entregues questionários autoadministráveis para os estudantes, preenchidos de forma anônima. Além de serem questionados sobre a utilização de materiais pornográficos, os estudantes também foram questionados sobre características sociodemográficas, indicadores de violência – na família, sexual e em relacionamentos amorosos-, comportamentos de risco sociais e de saúde. Neste último quesito, entre outros fatores, como consumo de álcool e cigarros, os jovens foram questionados se: já haviam tirado fotos de alguém nu ou envolvido em atividades sexuais, se já haviam sido fotografados em tais circunstâncias ou se possuíam amigos que trocavam sexo por dinheiro ou bens – seja como compradores ou vendedores.

O estudo definiu pornografia para os jovens como sendo textos ou imagens sexualmente explícitas, em várias mídias, como, "revistas masculinas", livros ou revistas pornográficas, filmes, sites da Internet ou celulares. Pornografia violenta/degradante foi definida a partir de uma lista de sete itens: estupro, tortura, sexo violento, estupro grupal, sexo com crianças e homens urinando ou ejaculando no rosto de mulheres. Os estudantes deveriam indicar no questionário quais daqueles atos já haviam sido assistidos nos materiais pornográficos com que porventura tiveram contato.

Como resultado, em relação ao consumo de materiais pornográficos, a pesquisa indicou que 89% dos jovens do gênero masculino e 39% das jovens já haviam assistido à pornografia. Em relação à exposição à pornografia violenta/degradante 44.5% dos jovens do gênero masculino e 18.8% das jovens já haviam sido expostos a este tipo de material.

---

<sup>49</sup> No artigo as escolas são referenciadas como sendo *high schools*.

Com relação às motivações alegadas para a utilização de materiais sexualmente explícitos, entre os jovens “curiosidade” e “é sexualmente excitante” foram os itens mais pontuados, entre as jovens as motivações mais apontadas foram “curiosidade” e “informação sobre sexo”.

Sobre o conteúdo dos materiais violentos/degradantes<sup>50</sup> que os jovens disseram ter tido contato, a forma mais popular de violência/degradação indicada foram conteúdos que degradavam a mulher (37.7% dos jovens expostos e 32% das jovens expostas) seguido de “sexo violento” (26.1% dos jovens expostos e 24.7% das jovens expostas) e estupro grupal (14.1% dos jovens expostos e 8.7% das jovens expostas). Entre os participantes, de ambos os gêneros, expostos a conteúdos pornográficos violentos/degradantes, apenas uma minoria (12% dos jovens e 6.9% das jovens) disse que as mulheres nos materiais utilizados pareciam sofrer com a violência perpetrada. A grande maioria dos jovens indicou que as atrizes usualmente pareciam gostar de ser subordinadas (30.3% dos jovens e 48.6% das jovens) e pareciam também gostar da violência que lhes era infringida (60.6% dos jovens e 44.4% das jovens).

Em relação aos comportamentos de risco - beber em excesso, fumar, machucar-se em brigas, pensamentos suicidas ou tentativas de suicídio, envolvimento em “fotos sexuais” e ter amigos comprando/vendendo sexo - todos os indicadores estiveram associados a exposição à pornografia. Sendo que os indicadores álcool e envolvimento em brigas não foram significativos entre as jovens.

As pesquisadoras indicam que, para ambos os gêneros, os itens “fotos sexuais” e “ter amigos que compram/vendem sexo” estiveram associados à exposição à pornografia violenta. Sendo que para as jovens, ter tido envolvimento em fotos sexuais indicou uma probabilidade cinco vezes maior de exposição à pornografia violenta. Ao passo que para os jovens, as chances de exposição a tal tipo de pornografia dobravam em caso de envolvimento em fotos sexuais. Havendo aí indicativo de uma relação positiva entre consumo e produção de materiais sexualmente explícitos.

---

<sup>50</sup> Há uma concordância entre a pesquisa de Romito e Beltrami, 2015, no que tange o relato dos jovens tanto sobre o tipo de conteúdo reportado, quanto sobre a forma como os jovens notaram a reação das atrizes pornô à violência, e os achados da pesquisa BRIDGES, Ana J; WOSNITZER, Robert; SCHARRER, Erica; SUN, Chyng; LIBERMAN, Rachel. “Aggression and Sexual Behavior in Best-Selling Pornography Videos: A Content Analysis Update”. **Violence Against Women**, 16(10), 1065-1085, October, 2010.

No que tange aos indicadores de violência, as pesquisadoras apontam para uma diferença relevante entre os gêneros. Entre os jovens, do gênero masculino, os indicadores de vitimização não foram significativamente associados com exposição à pornografia. No entanto, entre as jovens, ter sido vítima de violência na família, violência sexual ou violência em relacionamento estiveram significativamente associados à exposição à pornografia.

De forma ampla, as pesquisadoras concluem que a exposição à pornografia é generalizada entre os jovens do gênero masculino. Indicando que para estes jovens, assistir a pornografia é comportamento normativo. No entanto, apenas assistir pornografia violenta/degradante está associado a outros comportamentos de risco e desviantes. De maneira que, segundo os critérios analisados pela pesquisa, os jovens que assistem à pornografia não violenta são indistinguíveis dos jovens não expostos a nenhuma forma de pornografia. As jovens, por sua vez, que assistem pornografia de qualquer tipo, mas especialmente pornografia violenta, diferem em muitas maneiras das jovens que não foram expostas a nenhum tipo de material pornográfico, apresentando fatores de risco sociais/saúde mais sérios.

Por fim, as pesquisadoras indicam a necessidade de abordar questões referentes à utilização de materiais pornográficos e apontam as escolas como sendo os locais em que tal temática deveria ser primordialmente debatida, seja por professores ou por profissionais da saúde que atuam em instituições escolares:

As discussões sobre pornografia e seu conteúdo devem ser incluídas em qualquer intervenção que envolva adolescentes e relações de gênero, sexualidade ou violência, com o objetivo de conscientizar os jovens sobre as mensagens degradantes e violentas que a pornografia costuma conter e incentivá-los a encontrar seus próprios caminhos, respeitosos e seguros, de lidar com relacionamentos, intimidade e sexualidade. (ROMITO; BELTRAMI, 2015, p. 289<sup>51</sup>)

Por fim, o último estudo (Elena MARTELLOZZO et al., 2017) que analisado é o mais representativo no que diz respeito ao número de jovens que tomaram parte da pesquisa em questão. Trata-se de pesquisa comissionada pelo Gabinete do Comissário Infantil (*Children's Commissioner*), órgão público da Inglaterra responsável pela

---

<sup>51</sup> Tradução própria. No original: “Discussions about pornography and its content should be included in any intervention involving adolescents and gender relationships, sexuality, or violence, with the aim of making young people aware of the degrading and violent messages it often contains and encouraging them to find their own respectful and safe ways to handle relationships, intimacy, and sexuality.”

proteção e promoção dos direitos das crianças e pela Sociedade Nacional para a Prevenção da Crueldade contra as Crianças (NSPCC), instituição de caridade que faz campanha e trabalha com proteção à criança no Reino Unido e nas Ilhas Anglo-Normandas, junto à Universidade de Middlesex, responsável por projetar e coordenar a aplicação da pesquisa. Esta é a pesquisa mais ampla já realizada no Reino Unido sobre as experiências de jovens com pornografia on-line. Sendo a amostra da pesquisa representativa dos quatro países do Reino Unido. A pesquisa ocorreu em três etapas e ao longo das três etapas a seguinte definição de pornografia foi adotada:

[...] imagens e filmes de pessoas fazendo sexo ou se comportando de forma sexual online. Isto inclui imagens e filmes de pessoas nuas ou seminuas que você pode ter visto ou baixado da internet, ou que outra pessoa lhe mostrou diretamente, ou lhe mostrou no telefone ou computador<sup>52</sup>. (MARTELLOZZO et al., 2017, p. 16)

A primeira etapa foi composta pela realização de fóruns de discussão on-line e quatro grupos focais com 34 crianças e adolescentes com idade entre 11-16 anos, de todo Reino Unido. O objetivo desta etapa da pesquisa era adquirir informações para a construção do questionário (survey) que seria aplicado na segunda etapa da pesquisa. Tal etapa foi constituída pela aplicação de questionário on-line junto a 1001 crianças e adolescentes de todo Reino Unido. Os jovens foram recrutados para a participação na pesquisa via painéis de pesquisa familiar e pesquisa escolar já existentes. A terceira etapa consistiu na realização de seis grupos focais online com 40 crianças e jovens de todo Reino Unido com o intuito de prover informações em profundidade que pudessem melhor informar os dados obtidos através da aplicação dos questionários.

As informações qualitativas da pesquisa são provenientes dos fóruns de discussão online e dos grupos focais, realizados na primeira e terceira etapa do estudo. Todas as etapas da pesquisa ocorreram com jovens de idade entre 11 e 16 anos, sendo que na primeira etapa os jovens foram separados em grupos por idade e na terceira etapa os jovens foram separados em grupos por idade e gênero. Apresento os achados da pesquisa como um todo a seguir.

Em relação ao uso de pornografia, o estudo apontou que há uma diferença de idade e gênero em relação ao contato com estes materiais. Quando diretamente questionados se

---

<sup>52</sup> Tradução própria. No original: “By pornography, we mean images and films of people having sex or behaving sexually online. This includes semi-naked and naked images and films of people that you may have viewed or downloaded from the internet, or that someone else shared with you directly, or showed to you on their phone or computer.”

já haviam visto pornografia online: 48% dos jovens afirmaram já ter visto tal tipo de conteúdo e 52% afirmaram nunca ter visto pornografia. No entanto, ao analisar-se o contato por grupos etários, nota-se um aumento progressivo dos jovens que reportam ter tido contato com este tipo de material.

Entre os jovens de 15-16 anos, 65% reportaram já ter visto pornografia online, já entre os jovens de 11-12 anos este número cai para 28%. Em relação ao gênero, os pesquisadores apontam diferenças significativas: 40% das jovens afirmaram já ter tido contato com pornografia on-line, contra 56% de exposição dos jovens do gênero masculino.

Dos jovens que reportaram já ter tido contato com conteúdos pornográficos: 46% afirmaram que viram tais conteúdos, pois o mesmo simplesmente apareceu (*popped up*) nos aparelhos que estavam utilizando, 22% afirmaram terem sido exposto à pornografia porque outra pessoa lhes mostrou, sem que estivessem esperando ou tivessem solicitado e 22% dos jovens afirmaram ter pesquisado o conteúdo por conta própria. Nos grupos focais e nos fóruns on-line, os jovens apontaram que muitas vezes os conteúdos pornográficos aparecem nos *feeds* das redes sociais (Tumblr, Facebook, Instagram) de forma inadvertida. Quando perguntados sobre a idade que tinham quando ocorreu o primeiro contato com pornografia: 94% dos jovens afirmaram que viram pornografia pela primeira vez aos 14 anos de idade.

Ao serem questionados se ainda viam conteúdos pornográficos on-line, houve também uma distinção etária clara. Dos jovens com idade entre 11 -12 anos, 59 afirmaram que não, contra 22 jovens que responderam à pergunta afirmativamente. Tal cenário inverte-se junto ao grupo de jovens de 13-14 anos, com 78 jovens afirmando ainda olharem pornografia online e 74 respondendo negativamente à questão. Por fim, ao considerar-se o grupo dos jovens de 15- 16 anos, 127 jovens afirmaram ainda assistirem a conteúdos pornográficos, ao passo que 86 jovens disseram que não assistem mais a esse tipo de conteúdo. Tais dados, segundo os pesquisadores, mostram claramente um aumento progressivo na busca ativa por pornografia à medida que a idade dos adolescentes avança.

O componente de gênero também surge como variável importante quando considerado o contato atual dos jovens com pornografia. Quando tomados os dados de toda a mostra: 31% dos garotos e 15% das garotas afirmaram ainda ver pornografia. Nos

grupos focais, tal diferença foi confirmada, com os jovens afirmando com frequência que buscavam ativamente por pornografia, ao passo que nenhuma jovem nos grupos focais afirmou buscar ativamente por tal tipo de conteúdo.

As motivações mais comuns apontadas, nos grupos focais e nos fóruns de discussão on-line, para acesso de conteúdos pornográficos foram curiosidade e pressão dos pares. Quando o elemento da curiosidade foi explorado, particularmente no grupo de jovens mais velhos, os pesquisadores notaram que a pornografia era utilizada como forma dos jovens entenderem como as relações sexuais funcionavam, para ambos os gêneros. Os meios de acesso à pornografia on-line mais comumente reportados foram: computadores portáteis (38%), smartphone (33%) e computadores desktop (24%).

Os jovens também foram questionados sobre seus sentimentos e atitudes em relação à pornografia. Os pesquisadores queriam averiguar se a preocupação de que os jovens pudessem tornar-se dessensibilizados, isto é, desenvolvessem uma resposta emocional diminuída a estímulos negativos ou aversivos, com a continuidade da exposição à pornografia, era legítima. Em relação aos grupos focais, os pesquisadores apontam que algumas falas parecem apoiar tal noção.

Em relação aos dados quantitativos, a pesquisa questionou os jovens que reportaram ainda assistir pornografia sobre seus sentimentos iniciais e atuais sobre conteúdos pornográficos on-line. Havendo uma variação grande nas respostas afetivas em relação a tais conteúdos da primeira exposição para o momento atual. Os jovens reportaram que as respostas afetivas iniciais predominantes em relação a pornografia eram sentir-se: curioso(a) 41%, chocado(a) 27%, confuso(a) 24%, enjoado(a) 23%, nervoso(a) 21%. Ao passo que as respostas afetivas predominantes na atualidade foram sentir-se: excitado<sup>53</sup>(a) 49%, curioso(a) 30%, animado<sup>54</sup>(a) 23%, feliz 19% e sexy 16%. Os pesquisadores concluem que:

Os dados sugerem que as respostas mais positivas à pornografia online aumentam, tanto com a idade, dos 11 e 12 anos para os 15 e 16 anos, quanto com o aumento da aclimatação às exposições repetidas; e proporcionalmente, as respostas negativas diminuem. Isso pode significar que alguns jovens estão demonstrando um grau de resiliência que desenvolveram, ou pode mostrar que estão se habituando ou tornando-se dessensibilizados aos materiais chocantes<sup>55</sup>. (MARTELLOZZO et al, 2017, p. 34)

---

<sup>53</sup> No original “turned on”.

<sup>54</sup> No original “excited”.

<sup>55</sup> Tradução própria. No original: “The data suggest that more positive responses toward online pornography increase, both with age, from the 11-12s, to the 15-16s, and with increased acclimatisation to repeated

Em relação à forma como os jovens percebem os conteúdos pornográficos, alguns paradoxos parecem surgir. Os pesquisadores apontam que os respondentes mais velhos (15-16 anos) tinham significativamente mais probabilidade de concordar que a pornografia era irrealista e exploradora. No entanto, este grupo foi também o que mais afirmou contato com tais materiais e o que menos afirmou achar os conteúdos pornográficos perturbadores.

Havendo aqui também uma diferença de gênero importante, um pouco menos de um terço dos garotos (29%) concordou ou concordou fortemente que a pornografia era exploradora, em comparação com metade (50%) das garotas que concordaram com tal afirmação. Da mesma forma, uma porcentagem maior de garotos (53%) do que de garotas (39%) afirmou considerar a pornografia realista. Os pesquisadores destacam, no entanto, que as opções, no que tange às visões e sentimentos sobre pornografia não eram excludentes, sendo possível, e na verdade a pesquisa aponta para tal cenário, que os jovens tivessem opiniões negativas sobre pornografia, mas ainda pudessem afirmar sentirem-se excitados com tais conteúdos.

Nos grupos focais e fóruns on-line, por sua vez, apenas as jovens revelaram preocupação com a forma como poderiam ser vistas pelos garotos em comparação com as atrizes pornô e com o tipo de comportamento que seria esperado delas durante o sexo. Neste sentido, os jovens também foram questionados se “A pornografia online que você assistiu já lhe deu ideias sobre o tipo de sexo que você gostaria de tentar?”. Havendo aqui, mais uma vez, uma distinção etária e de gênero importantes nas respostas geradas: 44% dos jovens do gênero masculino responderam afirmativamente ao questionamento, em comparação com apenas 29% das jovens. Os pesquisadores apontam também um salto significativo nas respostas afirmativas do grupo de jovens com 11-12 anos (21%) para o grupo de jovens com 13-14 anos (39%). Concluem, desta forma, que o grupo etário chave para a realização de intervenções relativas à pornografia é o grupo de jovens entre 13-14 anos.

Em relação à produção de fotos com conteúdo explícitos, os dados indicam que a grande maioria das crianças e jovens reportou não ter tirado fotos desse tipo. Dos 948

---

viewings; and commensurately, negative responses decline. This could mean that some Young people are demonstrating a degree of resilience that they have developed, or it could show that they are becoming habituated, or desensitised to shocking material.”

jovens que responderam a esta questão: 13% afirmaram ter tirado fotos sem a parte de cima (topless) das vestimentas, 2.8 % afirmaram ter tirado fotos totalmente nus e 4.3 % afirmaram ter tirado fotos nuas da parte de baixo dos seus corpos.

Em relação ao que foi feito com tais fotos, 41% dos que afirmaram já ter tirado este tipo de fotos, disseram que mantiveram as fotos para si mesmos, ao passo que 55% disseram ter compartilhado as imagens com outras pessoas. Sendo que destes, 61% afirmaram ter compartilhado a foto com uma pessoa conhecida e 31% responderam que não conheciam a pessoa com quem compartilharam a foto. Ainda em relação a este ponto, 36% das crianças e jovens que afirmaram ter tirado fotos próprias nu ou seminu reportaram que foram solicitados a mostrar tais imagens para alguém on-line. Havendo aí também uma diferença de gênero significativa, com a maioria das meninas reportando ter compartilhado as imagens depois de ter sido solicitada e a maioria dos meninos reportando ter compartilhado as imagens sem ter sido solicitado.

Por fim, os pesquisadores questionaram os participantes da pesquisa sobre tentativas de intervenções no que tange à utilização de pornografia por crianças e jovens. Nos grupos focais e nas discussões on-line a maioria dos jovens apoiou a verificação de idade para acesso a esse tipo de conteúdo, no entanto, também indicaram a limitação de tais ações. As discussões on-line apontaram para um consenso entre os jovens em relação a importância da educação como forma de abordar tal temática. Os jovens indicaram a necessidade de revisão dos currículos escolares sobre sexo e relacionamentos. Reconheceram a dificuldade de os professores abordarem questões relacionadas ao sexo e à pornografia e demonstraram interesse tanto em que intervenções sobre tais temas acontecessem quanto indicaram ter ideias claras sobre como as intervenções deveriam ser construídas.

Em relação a este último ponto, apontaram a necessidade de abordar-se o tema em sala de aula, defenderam a elaboração de materiais disponíveis para consulta via Internet como vídeos curtos e sugeriram a existência de espaços on-line onde perguntas pudessem ser realizadas de forma anônima.

## **Indicativos iniciais**

Existe uma necessidade clara de desenvolvimento de mais pesquisas que se debrucem sobre a utilização de materiais pornográficos por jovens. Em especial parece imperativo que tal temática seja abordada sob perspectivas mais amplas, tanto teóricas

quanto metodológicas, de maneira a termos uma compreensão mais acurada dos múltiplos significados deste complexo fenômeno. No entanto, o levantamento realizado permite realizar alguns indicativos, para além do que já foi apontado de forma particular sobre cada estudo analisado.

Primeiramente, é possível apontar que o contato com materiais pornográficos parece ser parte da cultura juvenil contemporânea, especialmente, da cultura juvenil masculina. As pesquisas revisadas apresentam diferentes dados sobre a intensidade da utilização de materiais pornográficos, no entanto, todas elas apontam que a pornografia é um artefato cultural presente na vida cotidiana dos jovens. Neste sentido, também é importante ressaltar a existência de indícios de que o discurso pornográfico opera como um discurso pedagógico, que informa maneiras de portar-se sexualmente. Quase todas as pesquisas apontaram também para diferenças de gênero significativas na forma de utilização e de assimilação dos discursos pornográficos.

Os jovens do gênero masculino parecem utilizar os artefatos pornográficos com maior frequência e em maior número; também parecem menos afeitos a sentirem-se pressionados para a realização de determinados atos típicos do universo da pornografia, assim como revelam menor ansiedade em relação à expectativa de como seus corpos devem ser apresentados em situações sexuais. No caso das jovens, as pesquisas apontaram preocupações mais concretas em relação à influência da pornografia em suas vidas. Nomeadamente, apontaram como elementos mais comuns a pressão para a realização de sexo anal e para que seus corpos estejam depilados.

Também foram encontrados registros de que os jovens com alguma frequência se deparam com pornografia on-line de maneira acidental. Indicando há necessidade de distinguir entre este tipo de encontro e a busca ativa por tais materiais.

Mais de um estudo apontou para o contato dos jovens com tipos de pornografia mais extremos, que envolvem situações de violência e degradação. Em relação ao conteúdo violento dos materiais pornográficos é interessante notar que em mais de uma pesquisa apontou-se para a neutralidade ou apatia dos jovens em relação a tal aspecto da pornografia.

Em algumas pesquisas, os jovens reconheceram criticamente aspectos desigualitários na forma como homens e mulheres são retratados na pornografia; neste sentido contar com educação sexual como parte do currículo ou abordar a temática da

pornografia sob uma perspectiva educacional, parece favorecer uma postura crítica. Em relação a este ponto, todos os estudos analisados apontaram a necessidade de a temática da pornografia ser abordada em um contexto educacional. Ainda que menos significativo que o consumo, as pesquisas apontam que jovens também estão atuando como produtores de materiais sexualmente explícitos.

Dada a revisão realizada acima, trabalho inicialmente com a hipótese de que as representações sexualmente explícitas acessas via Internet operam junto aos jovens como um mecanismo de pedagogia da sexualidade, do gênero e dos corpos.

Todos os trabalhos analisados foram aprovados por comitês de ética. Alguns dos trabalhos forneceram além dos dados e da análise dos dados, os protocolos e instrumentos utilizados nas pesquisas. Tais materiais serviram de inspiração para a construção dos instrumentos de pesquisa próprios e que estão disponíveis na seção dos apêndices do presente trabalho.

Por fim, todos os estudos que teceram comentários sobre o engajamento dos jovens nos processos de geração de dados (questionários, grupos focais e entrevistas) apontaram para uma resposta positiva dos jovens às pesquisas propostas. Indicando que os jovens pareceram entusiasmados e valorizaram a possibilidade de poder falar e discutir sobre o assunto.

### **PARTE 3- Referenciais teóricos e metodológicos: Pornografia como prática cultural**

Como já colocado anteriormente, a maneira como o discurso pornográfico opera na construção social da realidade do sexo já foi tema, a partir dos anos 1970, de uma das discussões mais acaloradas do debate feminista. Tal debate esteve durante muito tempo focado em questões teóricas fundamentais, tendo sido em raras ocasiões aprofundado através de pesquisas empíricas. Por outro lado, existe um número de pesquisas que buscam averiguar de que forma se dá o consumo de pornografia entre jovens, sem, no entanto, relacionar suas conclusões a um debate mais amplo, tal qual aquele levado a cabo pelo movimento feminista ou por pesquisas que operem com os conceitos de Cultura e Educação.

Um dos objetivos da presente pesquisa é contribuir para o entendimento de como se dá a apropriação do discurso pornográfico por parte de jovens; entendendo que tal discurso tem um papel importante na cultura contemporânea juvenil, que pode ter reflexos nos modos pessoas jovens percebem e entendem questões ligadas ao sexo, ao gênero e a sexualidade como um todo. Neste sentido, acredito que a forma como os Estudos Culturais teorizam sobre o conceito de cultura e apontam para a interdisciplinaridade como ponto relevante das análises que envolvam tal conceito é de grande valia visando o objetivo último da pesquisa.

Em especial, me parece fundamental retermos a ideia de que as pesquisas que envolvem cultura devem ser marcadas pela análise dos processos que levam à produção de significado e definições sobre o mundo social. Neste sentido, seguindo já uma das recomendações dos Estudos Culturais, é necessário ampliar o foco para além da leitura dos textos ou dos discursos pornográficos. A forma como estes são recebidos não pode ser derivada apenas da intenção da produção. É necessário historicizarmos e contextualizarmos o processo de produção de significado com um todo.

Para tanto é importante acompanharmos o desenvolvimento do debate em torno das formas ideológicas do discurso, que se tem levado a cabo nos últimos anos por pensadores filiados tanto à Teoria Crítica quanto aos Estudos Culturais, para que não recaiamos em posturas intelectuais que em muitos sentidos já foram descartadas. Desta forma, não me parece mais possível realizarmos uma análise que busque simplesmente

derivar componentes ideológicos de alguma outra variável, como a política ou a economia<sup>56</sup>.

A constatação de que as produções pornográficas são reflexos do processo mais amplo, descrito por Marx, de transformação de todas as relações em mercadoria já não basta para compreendermos como operam os produtos pornográficos nos processos de constituição de subjetividades frente à sexualidade contemporânea. A não filiação a uma perspectiva polarizada do par ideologia/economia, não implica, no entanto, em uma negação da existência de aspectos ideológicos no processo de comunicação. Parece-me um erro autonomizar completamente o poder das audiências. É necessário que levemos em conta o papel das mídias no aumento das desigualdades nas sociedades liberais de mercado, entre estas desigualdades, me interesso aqui principalmente pelas desigualdades de gênero<sup>57</sup>.

Talvez neste ponto, seja interessante lembrar que ao comemorar o trigésimo primeiro aniversário de sua invenção, a *world wide web* (www), Tim Berners-Lee<sup>58</sup> indicou que sua preocupação principal em relação ao próprio invento é de que a *web* não estaria funcionando para mulheres e garotas. Lee lembrou que existem tanto diferenças na possibilidade de acesso, com homens tendo 21% mais chances de estarem conectado on-line, quanto na segurança da utilização da *web* por mulheres. Em relação a isto, Lee enfatizou que a *web* tem se tornado mais um local onde mulheres experienciam violências.

Para além de tais pontos, o inventor também indicou que a utilização de algoritmos pode estar ligada não apenas a reprodução de desigualdades de gênero, mas também ao aprofundamento destas desigualdades. Com mulheres sendo automaticamente<sup>59</sup> sub-selecionadas para determinados trabalhos, especialmente aqueles que historicamente têm

<sup>56</sup> Sobre este ponto Ver: HALL, 2005, p 78.

<sup>57</sup> Ver: **Women take issue: aspects of women's subordination** / Women's Studies Group, Centre for Contemporary Cultural Studies, University of Birmingham. London: Hutchinson in association with the Centre for Contemporary Cultural Studies, University of Birmingham, 1978.

<sup>58</sup> A carta completa pode ser conferida em: BERNERS-LEE, Tim. **Why the web needs to work for women and girls**. Disponível em: <https://webfoundation.org/2020/03/web-birthday-31/> Acesso 20/02/2023

<sup>59</sup> Sobre o mecanismo de IA desenvolvido pela Amazon: DASTIN, Jeffrey. **Amazon scraps secret AI recruiting tool that showed bias Against women**. Reuters, 10 de outubro de 2018. <https://www.reuters.com/article/us-amazon-com-jobs-automation-insight/amazon-scraps-secret-ai-recruiting-tool-that-showed-bias-against-women-idUSKCN1MK08G> Sobre a forma como o Facebook dispõe seus anúncios de emprego: FONG, Joss. **Facebook showed this ad almost exclusively to women. Is that a problem?** VOX, 31 de julho, 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/recode/2020/7/31/21349793/facebook-ad-targeting-bias-discrimination> Acesso 20/02/2023

sido realizados por homens. Tais colocações devem servir de lembrete de que a relação entre ideologia/economia não é de tão simples entendimento. Havendo entrelaçamentos importantes entre estes dois polos.

As diversas reflexões já efetuadas pelos estudiosos dos Estudos Culturais, muitos dos quais se baseiam no conceito de hegemonia de Gramsci, servem, portanto, de apoio teórico para pesquisa. Em especial, na medida em que desenvolvem uma noção fluída em torno da ideia de dominação cultural. De forma bastante introdutória, o conceito de hegemonia permite-nos compreender a cultura “como terreno de luta e negociação entre grupos - e não simplesmente de dominação e imposição de significados por parte do grupo dominante” (Vera FRANÇA; Paula SIMÕES, 2016, p.151).

Compreender a hegemonia como um exercício de poder que é realizado através de negociações com os interesses dos grupos dominados permite que desloquemos a chave de interpretação de uma concepção que vê a ideologia como uma forma de mascarar o real para uma visão que busca compreender como ocorre a luta pelo significado na linguagem e na constituição de formas sociais e culturais. Ao não fornecer um status totalizante para o campo cultural/ideológico, tal visão permite compreendermos de forma mais adequada a possibilidade de existência de discursos não ideológicos e como pode ser produzida a desarticulação de determinados termos com determinados conteúdos, através da condução adequada de uma política de significação pelas forças em disputa. Abre-se, portanto, a possibilidade de compreensão de como atuam as forças contra-hegemônicas de resistência e luta.

A intenção é colocar aqui em pauta o acesso às formas de significar a sexualidade em um momento importante de constituição das subjetividades individuais, tal qual é o período da adolescência/juventude. Neste sentido, é preciso atentarmos para a questão de acesso aos meios de significação. Tal ponto é enfatizado por Stuart Hall quando o autor reflete, partindo de Gramsci e Laclau, sobre as possibilidades da luta ideológica articular/desarticular significados:

Mas a ‘luta pelo significado’ não ocorre exclusivamente nas condensações discursivas às quais estão sujeitos diferentes elementos ideológicos. Havia também a luta pelo acesso aos próprios meios de significação: a diferença entre testemunhas e porta-vozes credenciados que tinham acesso privilegiado, por direito, ao mundo do discurso público e cujas declarações carregavam a representatividade e autoridade que lhes permitiam estabelecer a estrutura principal ou os termos de um argumento; em contraste com aqueles que tiveram que lutar para obter acesso ao mundo do discurso público; cujas ‘definições’ foram sempre mais parciais, fragmentárias e deslegitimadas; e que,

quando obtiveram acesso, tiveram que atuar de acordo com os termos estabelecidos da problemática em jogo. (HALL, 2005, p. 77<sup>60</sup>)

Se o discurso pornográfico é um meio de significação importante no que tange às questões de sexualidade e se existe um número suficiente de jovens que acreditam que tal forma de discurso possui uma autoridade no que diz respeito a tais questões é necessária uma verificação sobre a maneira que tal discurso age na produção de significados em torno das práticas sexuais. No próximo tópico, forneço alguns indicativos de quais caminhos teóricos e metodológicos acredito serem os mais adequados na condução de uma pesquisa norteadas pelos Estudos Culturais.

### **Quem estuda cultura, estuda o quê?**

Neste momento, pretendo, partindo da caracterização dos Estudos Culturais<sup>61</sup> enquanto modo de pensar a cultura, delinear alguns pontos teóricos e metodológicos importantes no que tange à dimensão empírica desta proposta de pesquisa. No entanto, a pretensão do que irei escrever e analisar a seguir é generalista. Isto significa que não focarei nas particularidades que o conceito de cultura adquire para um pensador ou pensadores específicos dos EC. Em um de seus textos mais clássicos sobre os EC, Stuart Hall (2003), analisa, por exemplo, as distintas formas como Hoggart, Thompson e Williams conceituam e utilizam tal termo e chega à conclusão de que:

O fato é que nenhuma definição única e não problemática de cultura se encontra aqui. O conceito continua complexo- um local de interesses convergentes, em vez de uma ideia lógica ou conceitualmente clara. (HALL, 2003, p 134).

Existem, porém, como o próprio Hall aponta elementos claros sobre como podemos conceitualizar cultura e quais os melhores caminhos para emprendermos análises sobre esta esfera da vida humana. Conforme Richard Johnson, o objeto de estudo dos EC é “o lado subjetivo das relações sociais” (2004, p. 25). O autor descreve ainda o projeto dos EC como centrado-se na abstração, descrição e reconstituição das formas através das quais os seres humanos “vivem”, tornam-se conscientes e sustentam-se

---

<sup>60</sup> Tradução própria. No original: “But the ‘struggle over meaning’ is not exclusively played out in the discursive condensations to which different ideological elements are subject. There was also the struggle over access to the *very means of signification*: the difference between those accredited witnesses and spokesmen who had a privileged access, as of right, to the world of public discourse and whose statements carried the representativeness and authority which permitted them to establish the primary framework or terms of an argument; as contrasted with those who had to struggle to gain access to the world of public discourse at all; whose ‘definitions’ were always more partial, fragmentary and delegitimated; and who, when they did gain access, had to perform with the established terms of the problematic in play.”

<sup>61</sup> Adoto a sigla (EC) para denominar Estudos Culturais no decorrer do texto.

subjetivamente. Desta forma, é possível observar que muitas das pesquisas relacionadas aos EC buscam realizar as histórias das diferentes formas de subjetividades que determinado produto cultural ou prática social implicam. Poderia citar diferentes concepções de cultura dos EC, das mais culturalistas às mais estruturalistas; no entanto, o que gostaria de reter, é esta ligação com a experiência e com a prática que os trabalhos provenientes dos EC costumam possuir.

Cultura passa, portanto, a ser encarada como “o processo inteiro por meio do qual os significados e definições são socialmente construídos e historicamente transformados” (HALL; TURNER, 1990, apud Ana Carolina ESCOSTEGUY, 2004, p. 140). A ênfase está nos processos e não apenas na análise de textos, ou artefatos culturais de maneira isolada; sendo reveladora a preocupação dos EC em compreender como ocorre a produção de sentido nas práticas sociais.

Tal produção de sentido não é mais encarada como simples reflexo das condições de produção. Não ignorando sua filiação marxista, o paradigma dominante<sup>62</sup> dos EC procura romper com a ideia de que a cultura é uma esfera (superestrutura) determinada pela economia (estrutura). A cultura adquire, portanto, certa autonomia e deixa de ser meramente reflexiva ou residual. O debate em torno das relações entre economia e cultura não envolve apenas os EC e extrapola as pretensões de reflexão deste texto. No entanto, alguns pontos de tal discussão são importantes para esta análise. Neste contexto, adquire importância a apreciação do aspecto ideológico (ou não) da cultura e em especial, dos produtos culturais de caráter mais populares, como jornais, novelas e filmes.

Em seu ensaio intitulado “**Teoria midiática e cultural na era do liberalismo de mercado**” (2007), James Curran analisa os diferentes momentos pelos quais os estudos sobre cultura, entre eles os EC, passaram desde os anos 70 até o início dos anos 2000. Curran aponta para um progressivo enfraquecimento do legado marxista e para uma guinada rumo ao populismo cultural. Tal fato representou em termos práticos, uma diminuição das pesquisas que procuravam realizar uma teoria totalizante da comunicação, bem como de um certo abandono da dimensão econômica da maior parte dos trabalhos sobre mídia e cultura. Em suas formas mais extremadas, houve uma afirmação da autonomia da audiência frente às formas e aos meios de comunicação. De forma irônica, Curran comenta: “O poder da audiência, de acordo com esta perspectiva, é como um

---

<sup>62</sup> Ver HALL, 2003, p. 141-142.

sistema imunológico protegendo as pessoas de bactérias ideológicas indesejáveis.” (2007, p. 26)

A retração das análises que tomavam a classe social e o mundo do trabalho como os principais marcadores da identidade social, levou a uma proliferação de estudos que buscavam demonstrar a existência de múltiplas identidades sociais na contemporaneidade. Tal fato, não é negativo em si. Diversos estudos sobre questões raciais, de gênero e sexualidade são frutos deste momento dos estudos culturais. No entanto, na análise final de Curran, com a qual concordo, o saldo final de tal período foi que:

[...] os estudos de mídia e cultura foram seduzidos pelo discurso do liberalismo de mercado no que diz respeito à omissão da classe social. Colaboraram na perpetuação de mitos que mascaram privilégios herdados e que legitimam desigualdade. Também se afastaram da efetiva investigação do papel desempenhado pelas mídias no aumento das desigualdades nas sociedades liberais de mercado. (CURRAN, 2007, p. 37)

A crítica de Curran ao que teria ocorrido com uma parcela dos estudos que tem a noção de cultura como seu principal mote é corroborada por Rita Segato (2012; 2016), quando esta indica sua opção pelo abandono ou ao menos por uma utilização muito cautelosa de termos como cultura, relativismo cultural, tradição e pré-modernidade. A crítica da autora direciona-se, desta forma, ao que ela chama de culturalismo perverso de nossa época, que tende a transmutar-se em fundamentalismo ao dividir grupos em povos que tem história e povos que tem costumes, ao mesmo tempo em que essencializa certas identidades e as transformam nas únicas linguagens de disputas possíveis. Em oposição a tal perspectiva, a autora aponta para a importância de se pensar em termos de projetos históricos e da possibilidade de diferentes histórias:

Sob esta perspectiva, cada povo é percebido não a partir da diferença de um patrimônio substantivo, estável, permanente e fixo de cultura, ou uma episteme cristalizada, mas sim como um vetor histórico. A cultura e o seu patrimônio são percebidos como uma decantação do processo histórico, sedimento da experiência histórica acumulada em um processo que não se detém. O caráter cumulativo desse sedimento se concretiza no que percebemos como usos, costumes e noções de aparência quieta e repetitiva, que o conceito antropológico de cultura apreende, estabiliza e postula como seu objeto de observação disciplinar. No entanto, quem regressou a seu campo etnográfico dez anos depois sabe que essa aparência de estabilidade não é mais do que uma miragem, e que usos e costumes não são nada mais do que história em processo. (SEGATO, 2012, p. 111)

Tais análises não invalidam a utilização de pressupostos dos EC para abordagens sobre cultura, mídia e identidades. Apenas servem de alerta para alguns perigos do desenvolvimento de pesquisas que passam a descolar-se da prática ou tornam-se focadas

em um nicho da produção cultural, perdendo a dimensão contextual, processual e histórica. A marca da interdisciplinaridade dos EC e seu caráter aberto, não reduzido a disciplinas acadêmicas tradicionais, são os elementos que sustentam a possibilidade de pesquisas que tornam inteligíveis o processo de comunicação como um todo. É neste sentido que Nestor Canclini aponta a necessidade de “retomar uma característica histórica chave dos estudos culturais: criar teoria sociocultural com apoios empíricos para entender criticamente o devir capitalista<sup>63</sup>.” (2004, p. 125).

A necessidade de compreensão do contexto de produção e da historicização de dos objetos de estudos são os primeiros elementos que merecem destaque, portanto, quando se faz referência a uma pesquisa que toma os EC como ponto de partida teórico para o seu desenvolvimento. Acredito que as melhores reflexões dos EC envolvem uma compreensão mais ampla acerca do seu objeto de estudo, para além de pura análise textual. Jesús Martín-Barbero, por exemplo, desenvolveu desde os anos 80 análises sobre a cultura popular na América Latina em que a chave analítica foi deslocada dos meios para a comunicação. É através de suas teorias sobre as mediações que Barbero buscou a compreensão dos processos de comunicação, indicando a necessidade de perder o objeto para ganhar o processo. Atentando para a tendência que os processos têm de desaparecer nos produtos finais, o autor recomendava atenção a história dos processos culturais enquanto articuladores das práticas comunicativas.

A preocupação contextual indica a importância de compreendermos que a cultura não é uma esfera completamente autônoma. Para Robert Johnson (2004), por exemplo, a cultura não seria nem um campo autônomo e nem um campo externamente determinado, pela política ou pela economia, por exemplo. Cultura seria um local de diferenças e lutas sociais, cujo campo envolveria, portanto, poder. Os processos culturais, por sua vez, estariam intimamente ligados às diferenças sociais.

A compreensão do campo da cultura como estando ligado às questões de poder renova uma série de questionamentos importantes. Considerando que não parece adequado falar em uma dominação ideológica fruto da dominação econômica de uma classe sobre a outra; faz-se necessária uma análise das formas como o simbólico contribui para a construção social de identidades e subjetividades. A linguagem torna-se, neste

---

<sup>63</sup> Tradução própria. No original: “[...], retomar un rasgo histórico clave de los estudios culturales: hacer teoría sociocultural con soportes empíricos a fin de comprender críticamente el devenir capitalista”

momento, uma esfera fundamental de análise, pois, como Stuart Hall coloca: “O significado é uma produção social, uma prática. O mundo tem que ser feito para significar. Linguagem e simbolização são os meios pelos quais o significado é produzido” (2005, p. 63<sup>64</sup>).

Graham Murdock recomenda que, além de analisar as condições em que determinada interação simbólica ocorre, buscando a compreensão de quem detém o poder de controlar tais condições, é necessário atentar para o papel das formações discursivas, na medida em que estas, são “maneiras organizadas de descrever e explicar o mundo social ou porções dele<sup>65</sup>” (1990, p. 201) A compreensão da linguagem enquanto meio de produção de significados específicos, é o deveria levar ao questionamento em torno de que significados são sistemática e regularmente construídos em torno de eventos particulares (Hall, 2005).

Quando averiguamos em que medida os discursos tornam-se dominantes ou marginalizados perceberemos de que modo a cultura opera de forma regulatória. Parece importante, portanto, averiguar a hipótese de que o discurso pornográfico, pensado enquanto um produto cultural, pode ativamente contribuir para a construção de subjetividades e identidades em torno da sexualidade, operando através de formações discursivas que acabam por constituir um discurso dominante sobre o sexo que tende, entre outras coisas, a gerar comportamentos sexuais.

O espírito que impulsiona os EC está relacionado à compreensão do significado de práticas sociais com a crença de que as coisas podem ser diferentes. Por trás de todas as reflexões sobre cultura, comunicação e sociedade, há a crença de que uma melhor compreensão do mundo, pode levar a uma alteração de cenários de desigualdades e injustiças. Stuart Hall não desenvolveu diversos estudos sobre as questões de raça imbuído apenas de uma curiosidade acadêmica, havia ali, por parte deste pensador, uma resistência à forma como os discursos dominantes tendiam a encaixá-lo em certas hierarquias sociais. A escolha por tomar os EC como referência de pesquisa, está

---

<sup>64</sup> Tradução nossa. No original: “Meaning is a social production, a practice. The world has to be made to mean. Language and symbolization is the means by which meaning is produced.”

<sup>65</sup> Tradução própria. No original: “maneras organizadas de describir y explicar el mundo social o porciones de el”.

relacionada também a está crença de que a reflexão e o conhecimento sobre um tema, podem levar a mudanças reais.

Em termos teóricos e metodológicos, como é possível, então, operacionalizar uma pesquisa que compreenda todo o processo de comunicação envolvido na utilização de determinado produto midiático? Seguramente, existem muitas possibilidades de respostas para esta pergunta. Decidi apostar na utilização da perspectiva teórico-metodológica de Jesus-Martín Barbero como forma de melhor compreender o objeto de pesquisa e quais os usos que dele são feitos pelas pessoas jovens na atualidade.

### **Teoria Barberiana: mediações e usos**

Antes de adentrar na explicitação dos pontos que considero mais relevantes do pensamento de Jesus- Martín Barbero<sup>66</sup> sobre os processos de comunicação e a relação destes com a cultura, é necessário realizar uma ressalva. JMB desenvolveu suas ideias sobre os processos de comunicação na América Latina por mais de 30 anos, em uma produção vastíssima; seus textos são expressão do que há de mais refinado da vertente latino-americana dos Estudos Culturais; havendo aí um imbricamento entre referências históricas, filosóficas, linguísticas, políticas, literárias, educacionais e, é claro, da área de comunicação.

Sua proposta de pensar o processo de comunicação a partir de um circuito, de um mapa comunicativo, encontra-se atualmente concretizada na formulação de uma quarta versão<sup>67</sup> de mapa metodológico das mediações. Optei, portanto, por realizar uma breve introdução à obra barberiana, destrinchando conceitos fundamentais para a compreensão do pensamento do autor para posteriormente explorar os conceitos e métodos que considero mais adequados para a pesquisa

Historicamente a constituição do pensamento de JMB encontra-se ligada, ainda que de maneira oposicional, a dois momentos de análise em comunicação na América Latina. O primeiro deles, iniciado no final dos anos 60, é chamado pelo autor de etapa ideologista. As pesquisas deste período tinham como objetivo, em sua maioria, desvelar e denunciar o funcionamento da ideologia. Partiam de uma compreensão polarizada do

---

<sup>66</sup> A partir deste momento utilizaremos JMB como forma de abreviar a referência ao autor.

<sup>67</sup> Em relação as versões dos mapas metodológicos das mediações, algumas autoras indicam a existência de quatro versões (LOPES, 2018) e outras apontam para o mapa de 2017, como sendo a quinta versão dos mapas (JACKS; SCHMITZ, 2018). Tal distinção, no entanto, não é em si relevante para nossa apresentação.

processo de comunicação, na qual os meios de comunicação eram vistos apenas como ferramentas de ação ideológica:

Entre emissores-dominantes e receptores-dominados, nenhuma sedução, nem resistência, só a passividade do consumo e a alienação decifrada na imanência de uma mensagem-texto nunca atravessada por conflitos e contradições, muito menos por lutas. (MARTÍN- BARBERO, 1997, p. 279)

O segundo momento, constituído a partir de meados dos anos 70, é marcado por uma perspectiva cientificista que toma como base o modelo informacional norte-americano que reduz o processo de comunicação à transmissão de informação. Tal modelo elimina de suas análises não apenas a questão da produção de sentido, mas também das lutas pela hegemonia, perdendo desta forma a dimensão coletiva dos processos de comunicação.

Apesar das grandes diferenças que guardam entre si, ambos modelos, segundo JBM (1997), padecem de uma “economia”, que iguala as duas instâncias do circuito de comunicação, emissores e receptores, colocando-os em um mesmo plano, como instâncias homólogas. Em oposição a tais formas de pensar a comunicação, Barbero propõe que não pensemos esta a partir das disciplinas e dos meios, mas sim a partir da cultura. Isto não quer dizer que os meios devem sumir da análise, mas sim que estes devem ganhar mais ou menos importância de acordo com as formas como configuram as práticas sociais. A importância dos meios torna-se, desta forma, contextual e não dada a priori. Barbero propõe, então, que avancemos nas investigações sobre comunicação a partir de um mapa noturno:

Um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas - dominação, produção e trabalho - mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo e o prazer. Um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 288)

Percebe-se aí que não há uma negação a termos fundamentais do processo de comunicação (dominação, produção e trabalho) em uma perspectiva estruturalista, mas sim uma clara proposta de olhar tais termos com outras lentes. Deve-se notar, portanto, a possibilidade de falar, a partir da teoria barberiana, tantos dos condicionantes estruturais quanto dos processos de subjetivação presentes na comunicação. Ao relativizar o papel dos meios no processo de comunicação, JMB propõe que olhemos com maior cuidado para as mediações que permeiam as relações entre as audiências e os meios para compreendermos como se dá a construção de significado nas práticas comunicativas.

Alguns autores<sup>68</sup> apontam para uma certa imprecisão que o conceito de mediações adquire ao longo da obra de JMB. De fato, é possível notar que a própria relação entre meios e cultura não é compreendida de maneira estática pelo autor, variando conforme percebe-se “a força com que os meios de comunicação incidem sobre a sociabilidade” (MAIO, 2016, p. 7) No entanto, ao longo dos escritos de JMB torna-se relativamente claro que o conceito de mediações está intimamente relacionado com a noção de usos. Nas palavras do autor:

Eu, desde o começo, por intuição, me opus à visão hegemônica, norte-americana, de estudar os efeitos dos meios. Eu não negava a importância dos meios, mas dizia que era impossível entender a importância, a influência nas pessoas, se não estudássemos como as pessoas se relacionavam com os meios. O que eu comecei a chamar de mediações eram aqueles espaços, aquelas formas de comunicação que estavam entre a pessoa que ouvia o rádio e o que era dito no rádio. [...] Mediação significava que entre o estímulo e resposta há um espesso espaço de crenças, costumes, sonhos, medos, tudo que configura a cultura cotidiana. Era essa espessura da cultura cotidiana, que para mim, na América Latina, era muito rica. (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 154)

Nota-se aí a presença conjunta de elementos que dizem respeito à dimensão individual e coletiva do processo de comunicação. Ao propor que olhemos para os usos que são dados a determinado produto midiático, JMB (1997) propõe que desloquemos o olhar dos possíveis efeitos causados pelos meios, para as competências culturais que são ativadas nos processos comunicativos. Tais competências dizem respeito ao indivíduo, mas estão enraizadas na cultura. Desta forma, pois mais que a recepção dos conteúdos dos meios de comunicação seja individual, ela está impregnada por dimensões culturais; são estas que dão também um caráter coletivo para o processo.

A proposta de *re-situar* os estudos em recepção no campo da cultura, diz respeito, portanto, à defesa de investigações que se dediquem a abordar as lógicas dos usos, buscando ver aí tanto a forma como a hegemonia opera quanto as resistências que ela mobiliza. São os usos que dão uma forma social para o consumo. Este deixa de ser encarado em uma dimensão puramente passiva e torna-se também um momento de produção de sentido. Desta forma o autor defende que:

O acesso a esses modos de usos passa inevitavelmente por um ver com as pessoas que permita explicitar e confrontar as diversas modalidades e as competências ativadas por aquelas, e pelas narrativas- histórias de vida- que deles nos contam e dão conta deles. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p.301)

---

<sup>68</sup> Ver MAIO, 2016.

Ao olhar, portanto, os processos de comunicação partindo das mediações e atento para os usos, JMB percebe especificidades destes processos em sua dimensão latino-americana. Isto porque, como colocam Nilda Jacks e Daniela Schmitz (2018), olhar para as mediações culturais é privilegiar o mundo da vida cotidiana e dar evidência empírica à atividade do receptor. Daí mais uma das motivações para tomar Martín-Barbero como um dos autores de referenciada pesquisa, pois ele dedicou-se a pensar os processos de comunicação na região de maneira própria. Ao historicizar, portanto, a incorporação de “novas tecnologias”, ao final dos anos 80, em território latino-americano JMB (1997) aponta para a existência de um “buraco semântico” a partir do qual as tecnologias são consumidas na região no nível do cotidiano.

O autor nota um processo que não se limita àquele momento histórico e que diz respeito a não contemporaneidade entre tecnologias e usos, entre objetos e práticas, na porção latina do continente americano. Posteriormente em **Ofício de cartógrafo** (2002), o autor aprofunda estas ideias ao apontar que a incorporação de novas tecnologias produz na América Latina um processo esquizofrênico, permeado por *destiempos*, isto é, por descontinuidades históricas, entre política e tecnologia, entre economia e cultura.

A análise Martín-Barbero chega, desta forma, à educação e às instituições escolares ao notar que é no terreno da educação que podemos perceber de forma clara estes *destiempos* entre tecnologia e usos. JMB toma como referência para falar sobre juventudes autores que citarei explicitamente quando falar de culturas juvenis. Há, portanto, um acordo entre a perspectiva barberiana e a de autores como Mario Margulis, Marcelo Urresti, Juarez Dayrell e Danilo Martuccelli, quando estes desenvolvem leituras que indicam, na contemporaneidade, um fortalecimento do processo de individuação. Tal processo na América Latina vem acompanhado do aprofundamento do vazio que separa tecnologia e ciência, da deterioração da educação básica no continente mediante processos de privatização do setor educacional e da perda de qualidade da educação pública.

Na leitura de JMB, que tem um caráter generalizante, a escola segue presa ao regime de saber instituído a partir da comunicação do texto impresso. Não soube adaptar-se, portanto, à polissemia que a imagem introduziu no processo de comunicação. Martín-Barbero aponta, desta forma, para o processo de enfraquecimento das instituições. Em tal processo a escola perdeu seu status de único mecanismo de transmissão do conhecimento e ao ficar presa a uma concepção pré-moderna de tecnologia, que vê como algo exterior

a cultura, não soube interagir com “o mundo de saber disseminado na multiplicidade dos meios de comunicação” (2002, p.330). Segundo o autor, ao ater-se a um modelo de comunicação pedagógica centrada no texto escrito, a escola não soube reconhecer a transformações dos modos de ler que ocorreram a partir da disseminação das diversas tecnologias que têm como base os meios audiovisuais. Abriu-se, desta forma, um descompasso, um *destiempo*, entre o que se aprende na escola e o que se vive fora dela:

E diante de um alunado cujo ambiente comunicativo os "embebe" diariamente destes conhecimentos-mosaicos que, em forma de informação, circulam pela sociedade, a reação da escola é quase sempre de entrincheiramento em seu próprio discurso: qualquer outro é ressentido pelo sistema escolar como um ataque à sua autoridade. (MARTÍN-BARBERO, 2002, p. 333<sup>69</sup>)

JMB acaba, portanto, por abordar diversos pontos do que mais adiante aprofundarei ao falar da relação da escola com os processos colocados em pauta pelos conceitos de cultura participativa e cultura de convergência. Neste sentido, é preciso questionar sobre o quanto de fato as características das culturas participativas e de convergência estão presentes na forma como os jovens latino-americanos utilizam as tecnologias típicas do universo da Web 2.0.

É necessário, ao pensar a partir de Martín-Barbero, evitar a redução dos meios a uma dimensão instrumental, pois o que autor aponta é justamente a necessidade de investigarmos como estes estão relacionados com o surgimento de “uma outra cultura, outro modo de ver e ler, de pensar e aprender”. O autor aponta para a necessidade de pensar o entorno educacional em que estamos imersos a partir do ecossistema comunicativo que o constitui. Ou seja, indica a importância de pensarmos a inserção da educação nos complexos processos de comunicação da sociedade atual. JMB dedica-se em especial a pensar a relação entre os jovens e constituição de novas sensibilidades a partir das transformações culturais que marcam a contemporaneidade. Abordarei tal ponto ao me debruçar sobre a última proposta de mapa comunicativo elaborada por Martín-Barbero. Por hora, me dedico a elaborar um pouco sobre a utilização da cartografia como ferramenta epistemológica.

## **Os mapas metodológicos das mediações: as pistas da comunicação**

---

<sup>69</sup> Tradução nossa. No original: “Y frente a un alunado cuyo medio-ambiente comunicativo lo "empapa" cotidianamente de esos otros saberes-mosaico que, en forma de *información*, circulan por la sociedad, la reacción de la escuela es casi siempre de atrincheramiento en su propio discurso: cualquier otro es resentido por el sistema escolar como un atentado a su autoridad.”

Como anteriormente mencionado, JMB utiliza a metáfora do mapa noturno para indicar a forma como conduz seus estudos sobre comunicação na América Latina. A cartografia surge, desta forma, como ferramenta epistemológica importante para compreensão dos processos de comunicação em uma perspectiva barberiana.

A teoria de JMB parece desenvolver-se, portanto, a partir do reconhecimento da necessidade de uma perspectiva teórica e metodológica que consiga dar conta da relação mutuamente constitutiva entre produção e consumo. De modo a evitar a obliteração de partes dos processos de comunicação e a criação de uma imagem fragmentada do mesmo: “o foco na produção pressupõe um consumidor, mas normalmente não chega até ele; o foco na recepção pressupõe um produtor que produziu um texto sob certas condições de trabalho, mas não o alcança” (Veneza RONSINI, 2012, p. 78) A perspectiva de JMB sobre a comunicação, será crítica das propostas que buscam analisar em separado, emissores, mensagem e receptores e indica a necessidade de desenvolvimento de uma metodologia que evite a compartimentalização disciplinar.

A perspectiva teórica de Barbero sobre como ocorrem os processos de comunicação irá levá-lo a propor, então, que pensemos tais processos a partir de um circuito da comunicação. A ideia de circuito será operacionalizada com a ajuda da instituição da cartografia como um método e como uma ferramenta epistemológica. Pensada como instrumento de pesquisa, a cartografia serve “para prover mapas cognitivos que orientam a percepção de um espaço de pesquisa” (LOPES, 2018, p. 4) Maria Immacolata Vassalo de Lopes indica ainda, partindo de Edgar Morin, que a cartografia se constitui, antes de mais nada, como “uma ajuda à estratégia do pensamento” (2000, p. 17).

A proposição da cartografia como ferramenta metodológica poderia reforçar a ideia de que a perspectiva de JMB sobre os processos de comunicação instiga-nos a pensar um caminho único para compreensão destes processos. No entanto, as categorias e os mapas em JMB, são justamente elaborados para pensar o movimento e não o estático:

[...] a análise cartográfica configura-se como instrumento para uma história do presente, possibilitando a crítica do nosso tempo e daquilo que somos. Não é método como proposição de regras, procedimentos ou protocolos de pesquisa rígidos, mas sim, como estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias. Tal estratégia metodológica desenha não exatamente mapas no sentido tradicional do termo e sim diagramas, que se referem a lugares e movimentos marcados não por determinismos, mas por densidades, intensidades e expõem as linhas de força de um determinado espaço, que neste caso, é o campo da comunicação. O

diagrama é o mapa, a cartografia, coextensiva a todos os campos de conhecimento. (LOPES, 2018, p. 9-10)

Os princípios da cartografia barberiana são expressos através dos mapas teóricos-metodológicos das mediações. Da mesma forma que as mediações se constituem como dispositivos historicizados (LOPES, 2018), os mapas também surgem como uma “uma proposição metodológica estratégica em relação a cada situação ou contexto analisado (LOPES, 2018, p. 15). A existência de quatro versões dos mapas teóricos-metodológicos das mediações indica este constante desenvolvimento do raciocínio em cima dos processos de comunicação e responde à necessidade do autor de desenvolver ferramentas que possibilitem a compreensão das mutações contemporâneas que constituem o entorno comunicativo latino-americano.

O primeiro mapa das mediações, de 1987, constituiu-se a partir dos estudos do autor sobre a comunicação cotidiana na América Latina e tinha como foco principal, naquele momento, a compreensão dos processos comunicativos tendo como referência de meio de comunicação a televisão. Sem, no entanto, ter sua utilização limitada a análise deste meio. Importante apontar que os mapas propostos por JMB não operam em um sentido evolutivo, isto é, o surgimento de uma nova versão não implica na superação das versões anteriores. Os mapas somam-se uns aos outros, e não se superam. A quarta versão dos mapas das mediações (2017) apresenta, então, o seguinte desenho:

Figura 1- Mapa barberiano 2017



Fonte: RINCÓN, Omar; MARTÍN-BARBERO, Jesus. Mapa Insomne 2017: Ensayos sobre el sensorium contemporáneo. Un mapa para investigar la mutación cultural. In JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa paara investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín Barbero**. Ecuador, Ciespal, 2019.

É necessário ressaltar que não existe um caminho a ser seguido nos mapas barberianos. Como indica Maria Immmacolata Vassalo de Lopes (2018), os mapas são

abertos, possuem múltiplas entradas, podem ser conectados em todas suas dimensões. Indicam, desta forma, um roteiro possível para pensarmos os processos de comunicação.

Agora em relação ao mapa das mediações apresentado, tem-se aí representados quatro polos básicos (sensorialidades, tempos, técnicas e espaços) estas são interligados por quatro mediações (identidades, redes, cidadanias e narrativas). Como coloca Maria Immacolata Lopes (2018) os polos podem ser articulados com as mediações de acordo com o problema de pesquisa proposto.

Esta versão de mapa das mediações segue o projeto mais amplo do autor de compreensão das mutações comunicacionais e culturais de nosso tempo; o sentido de fluxo aqui é importante. De maneira que, se o primeiro dos mapas das mediações (1987), possuía como paradigma de meio a televisão, é necessário perceber que os meios que parecem servir de base para esta última versão são os digitais. JMB<sup>70</sup> ressalta a paradoxalidade de uma economia da cultura cada vez mais hegemônica e bruta em concomitância com a possibilidade de olhares divergentes dado pelas redes sociais. Há, portanto, aqui uma renovação do projeto mesmo de estudos das culturais, a partir da consideração desta nova realidade:

A Internet é uma cultura com tudo. A crítica cultural deveria revelar as formas de controle do ser humano que tem o Facebook, o Twitter e tudo isso; estamos vivendo em um controle intangível, antes era tangível, quando se via a manipulação da televisão, do rádio e da imprensa, hoje eles nos controlam, fazendo-nos sentir livres, o que é uma espetacular vitória capitalista. Embora a espessura da economia possa ser muito menor, há muito mais política do que pensamos. (RINCÓN, 2019, p.78<sup>71</sup>)

O desenvolvimento da compreensão de como está ocorrendo a transição entre culturas literárias para culturas científicas e digitais parece estar na base do entendimento das características dessa nova civilização que se constrói a partir de novas sensibilidades, de novos modos de organizar os tempos e de se atravessar os espaços e também de novas possibilidades em torno dos corpos<sup>72</sup>. A chave para a compreensão desse momento que

<sup>70</sup> Ver: RINCÓN, Omar. Entrevista com Jesús Martín-Barbero. In. Revista Eptic. Vol. 21, N°2, MAI- AGO, 2019.

<sup>71</sup> Tradução própria. No original: “Internet es una cultura con todo. La crítica cultural debería de revelar las formas del control del ser humano que tiene Facebook, Twitter y todo eso; estamos viviendo en un control intangible, antes era tangible cuando se veía la manipulación de la televisión, la radio y la prensa, hoy nos controlan haciéndonos sentir libres esa es una victoria capitalista espectacular. Aunque el espesor de la economía puede ser mucho más pequeño, hay mucha más política de la que creemos.”

<sup>72</sup> Segundo JMB, é preciso encararmos o corpo na atualidade como sendo também tecnológico: “El cuerpo es la matriz de mi lugar en el mundo al que pertenezco. Y ahora ese cuerpo es tecnológico porque lo que está en juego hoy es una extensión de las capacidades de ese cuerpo, esa expansión ahora puede ser electrónica, epistemológica, sexual y política por la autonomía del cuerpo de las feministas, las trans, las nuevas sexualidades.” (RINCÓN, 2019, p. 79)

habitamos de mutação cultural está, para JMB, em lermos o *sesorium* atual “como habitado pela instabilidade e caos no indivíduo, na política e na sociedade” (RINCÓN, 2019). Qual civilização erige-se a partir das mutações culturais que vivemos? “Uma que produz de outros modos os sentidos e habita de outros modos a experiência: mais digital, fluida, hipertextual, caótica. Já não existe autoridade cognitiva e moral, nem política: apenas capitalismo financeiro e entretenimento expandido”. (RINCÓN, 2019, p.17)

Em tal leitura do contemporâneo as juventudes ganham papel de destaque. Os meios digitais parecem acentuar de forma mais incisiva um processo que já havia sido iniciado pela introdução dos aparelhos televisivos na esfera doméstica:

Por não depender de um complexo código de acesso, como o livro, a televisão oferece às crianças, simplesmente através do olhar, o mundo anteriormente velado dos adultos. Porém, ao dar mais importância aos conteúdos do que à estrutura das relações, continuamos sem compreender o verdadeiro papel que a televisão está desempenhando na reconfiguração do lar. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p.17)

A transformação do modo de circulação da informação nos lares diz respeito, no entanto, apenas a uma parte das mudanças que surgem na esteira dos novos meios digitais. JMB assume uma postura similar aos autores que anteriormente já citados no que tange a compreensão do enfraquecimento das instituições; o autor irá apontar que em tal contexto o consumo juvenil ganha novos contornos. Em artigo que retoma o papel que os sujeitos juvenis ganham na teoria de JMB, Nilda Jacks e Daniela Schmitz apontam que na leitura de JMB:

[...] o consumo midiático tem um forte papel na reconfiguração das identidades em geral, mas especialmente as juvenis. Isso porque, na América Latina, os jovens vivenciam um enfraquecimento de três importantes âmbitos constitutivos de identidade: família, trabalho e política. Assim, este grupo social estaria mais exposto aos discursos midiáticos, não porque os meios tenham mais força, mas pela intensidade com que os jovens se relacionam com eles. (JACKS; SCHMITZ, 2017, p. 15)

Importante notar aqui que a leitura de JMB sobre a relação entre tecnologias e juventudes não caminha para a via de exaltação do passado face ao presente e, de fato, tende a ser até otimista. O autor parece ter uma compreensão positiva da capacidade de protagonismo dos jovens frente ao novo *sensorium* contemporâneo ao qual os jovens, por excelência, habitam.

Os polos da espacialidade e da temporalidade que aparecem na parte vertical do mapa já haviam surgido no terceiro mapa das mediações (2010) e faziam referência a uma leitura mais geral do autor sobre as mutações contemporâneas da cultura:

[...] a temporalidade contemporânea configura a crise da experiência moderna do tempo, que se manifesta na transformação profunda da estrutura temporal, no culto ao presente, no debilitamento da relação histórica com o passado e na confusão dos tempos que nos prende à simultaneidade do atual. A espacialidade se decupa em múltiplos espaços: o espaço habitado, do território feito de proximidade e pertencimento; o espaço comunicacional que tecem as redes eletrônicas; o espaço imaginado da nação e de sua identidade; o espaço praticado da cidade moderna, com a subjetividade que emerge das novas relações com a cidade e dos modos de sua apropriação. (LOPES, 2018, p.22)

Ambas parecem continuar indicando tanto o desenrolar de um processo histórico amplo que desaguará na multiplicidade dos tempos e espaços em que habitamos no contemporâneo, quanto apontam, para a forma como, na América Latina, os tempos e os espaços são experienciados.

Na terceira versão (2010) dos mapas, o polo das tecnicidades, por sua vez, aparecia como uma mediação, no entanto, Nilda Jacks e Daniela Schmitz (2018) já indicavam, antes da publicização da quarta versão do mapa, que “a forma como JMB se refere à importância da tecnicidade não condiz com o modo como ela é retratada em nenhum dos seus mapas” (p. 125). Ao elevar, então, no quarto mapa das mediações, tecnicidades ao status de polo, JMB faz jus às reflexões que vinha desenvolvendo sobre o desenvolvimento de novas formas de linguagem e novos regimes de sensibilidade que marcam o desenvolvimento de novas culturas. Neste sentido, parece haver acordo entre a perspectiva de JMB e aquela desenvolvida por Henry Jenkins, que será abordado na próxima parte deste trabalho, pois ambos os autores defendem que não foquemos a análise cultural contemporânea na tecnologia ou nas máquinas, mas sim nas novas sensibilidades produzidas a partir delas.

Da mesma forma que Henry Jenkins coloca que não devemos buscar a convergência em aparelhos, pois esta encontra-se na cabeça dos indivíduos, JMB indica que a tecnicidade está “incrustada na estrutura mesma da cognição/logos e da vida cotidiana” (LOPES, 2018, p.23) Ao falar em tecnicidades e não em tecnologia, JMB estabelece, portanto, que está preocupado com mudanças mais amplas, de maneira que tecnicidade não pode ser equiparada a técnica, pois não é uma ferramenta, mas sim “a maneira como mudanças-chaves nos impregnam, é uma linguagem com a qual se lê, vê, compreende e se explicam as mudanças” (RINCÓN; MARTÍN-BARBERO, 2019, p.20) Como bem observa Immacolata Lopes (2018), a tecnicidade faz referência à ordem dos saberes, da constituição de práticas produtoras de inovações discursivas, dos modos de percepção social. Há, portanto, uma conexão intrínseca entre o caráter produtivo das

novas formas discursivas e a transformação da subjetividade contemporânea em sua dimensão coletiva.

A relação que se estabelece entre tecnicidades e sensorialidades é de interdependência. Esta última é definida por JMB como “o sensível em termos coletivos, não individuais” (RINCÓN; MARTÍN BARBERO, 2019, p. 21). A dimensão coletiva da cultura continua, portanto, no centro da análise do autor. É nas mediações das narrativas e das identidades que JMB nos dirá que estão as pistas metodológicas para compreendermos a relação entre as novas linguagens possibilitadas pelos meios digitais e o estabelecimento de novas formas de sentir o mundo que nos cerca.

A tecnologia digital desloca os saberes modificando tanto o estatuto cognitivo como institucional das condições do saber, conduzindo a um forte borramento das fronteiras entre razão e imaginação, saber e informação, arte e ciência, saber especializado e conhecimento comum. (LOPES, 2018, p.23)

Em relação as identidades, JMB (RINCÓN, MARTÍN-BARBERO, 2019) indica que está preocupado tanto com as identidades que “vem dos tempos duros e densos”, como, nos exemplos do autor, pai, mãe, indígena, quanto com aquelas mais efêmeras e fragmentadas que define como figuras de identidade, como professor, presidente, jornalista, mas que ainda contam com poder de enunciação e performance. A mediação das narrativas, por sua vez, deve ser entendida em relação com a noção de ritual; ritualidade já havia aparecido como uma mediação no segundo mapa das mediações (1998) e fazia referência, naquele momento, há “modos autorizados de olhar, ouvir, ler ligados à memória social do gosto, da classe, do hábito” (LOPES, 2018, p. 20). A mediação das narrativas esta também, portanto, relacionada à dimensão coletiva da memória social. Esta, por sua vez, abarca narrativas capazes de habitar à memória coletiva no formato de relatos através da mobilização da cultura e de sujeitos com identidade:

Os rituais são experiências que geram narrativas, e as narrativas são produtoras de relatos que permanecem na memória coletiva. Hoje estamos testemunhando a expansão de rituais (assistir séries, conversar em redes, assistir a espetáculos, arte culinária) e, portanto, as narrativas (elas se multiplicam) porque dão conta das experiências que se vivem nos rituais. Narrativas são o que geram histórias e conversas. O ritual precisa do corpo, da oralidade e da espiritualidade para tornar-se em narrativa, e a narrativa requer tempo e espaço para se converter em relato. Para que haja relato, este deve ser carregado de ritualidade e narrativa, portanto, de território, cultura e sujeitos com identidade. (RINCÓN; MARTÍN-BARBERO, 2019 p. 21-22<sup>73</sup>)

---

<sup>73</sup> Tradução própria. No original: “Los rituales son experiencias generadoras de narrativas, y las narrativas son productoras de relatos que se quedan en la memoria colectiva. En nuestra actualidad asistimos a la expansión de rituales (ver series, chatear en redes, asistir a espectáculos, comida arte) y, por lo tanto, las narrativas (se multiplican) porque dan cuenta de las experiencias que se viven en los rituales. Las narrativas

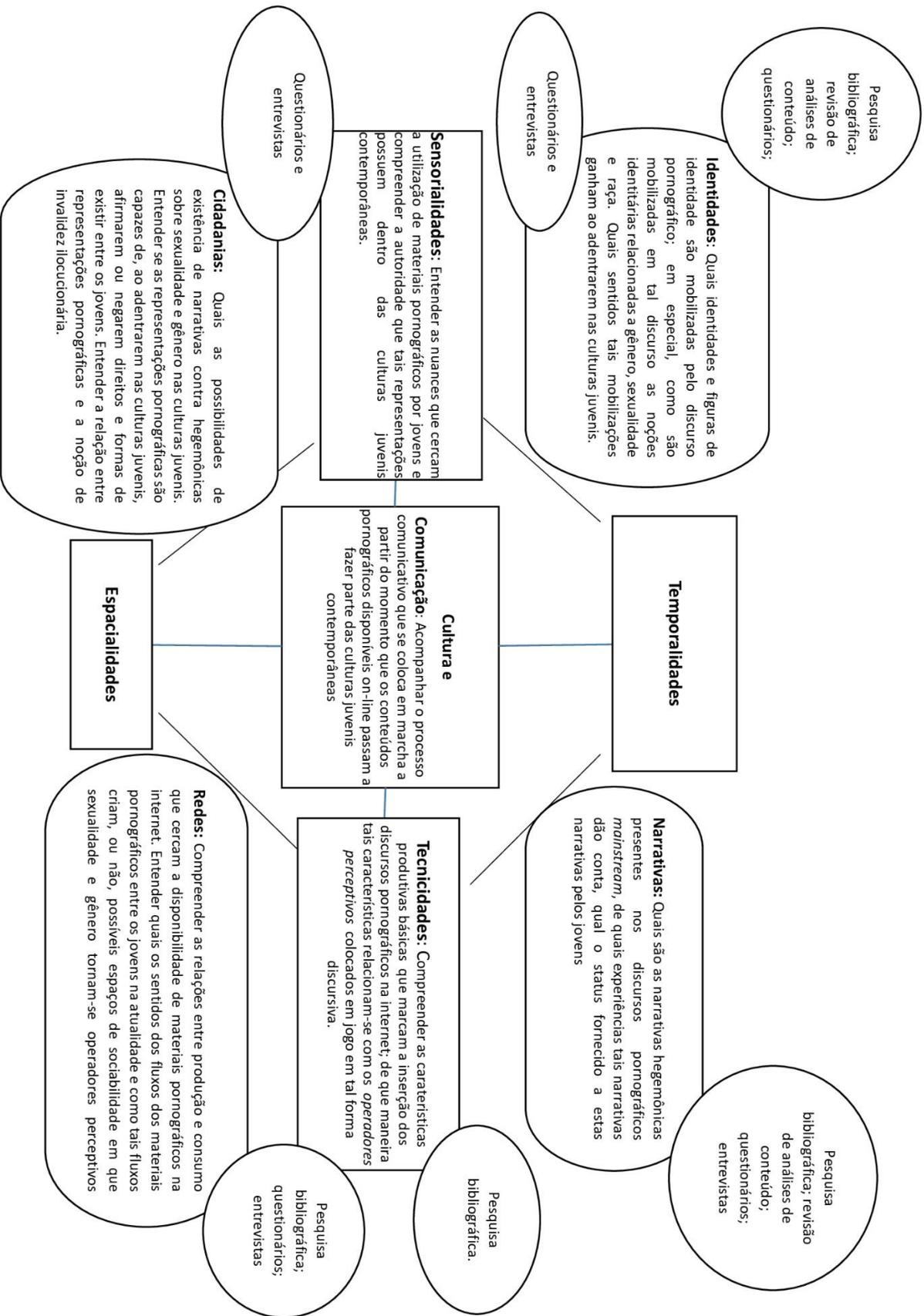
Conectando, então, o polo das tecnicidades e das espacialidades encontra-se a mediação das redes/fluxos. Segundo Barbero, as noções de redes/fluxos não devem ser tomadas como uma metáfora, se tornaram um conceito social que indica, entre outras coisas, “a maneira de juntar-se em nosso tempo”. Há que se notar aqui que com tal mediação, Barbero busca acentuar o caráter especialmente em transformação da realidade comunicativa que experienciamos na atualidade. A ênfase nas redes e fluxos enquanto mediações evidenciam o abandono a qualquer ideia de essência e de estaticidade “não apenas no digital, mas também no cultural e no político” (RINCÓN; MARTÍN-BARBERO, 2019, p.23) É necessário, desta forma, ver quais são e como se constituem os fluxos comunicativos que instauram as diferentes redes de habitabilidade juvenil no contemporâneo.

A mediação das cidadanias/*urbanitas*, por sua vez, que conecta os polos das sensorialidades e dos espaços está intimamente relacionada a percepção de que há uma nova forma de habitar novos espaços no contemporâneo que fazem com que não seja mais possível falar em cidadania de forma a relacionar o temos exclusivamente com o desenvolvimento de territórios físicos que ganham forma política a partir dos Estados nação, típicos do século XIX. Tal mediação é um convite para se pensar, portanto, o surgimento da *urbanita*, esta forma de ser das cidadanias no contexto das redes e dos fluxos que as estabelecem. Há que se pensar, desta maneira, em um outro tipo de cidadania que se constitui a partir dos signos da mobilidade, do efêmero e que não está necessariamente relacionado a fixidez de um território.

---

son las que generan historias y conversación. El ritual necesita el cuerpo, la oralidad y la espiritualidad para convertirse en narrativa, y la narrativa exige tiempo y espacio para convertirse en relato. Para que haya relato, este debe cargarse de ritualidad y narrativa, por tanto de territorio, cultura y sujetos con identidad”

Figura 2- Mapa do processo comunicativo acompanhado pela pesquisa



Tendo esclarecido os principais termos do mapa barberiano, expus acima o desenho<sup>74</sup> da proposta teórico- metodológica para a tese. A pesquisa está centrada em uma compreensão mais ampla do processo cultural de comunicação referente ao uso de materiais pornográficos por jovens e toma como ponto de partida o polo das tecnicidades. Por meio de pesquisas bibliográficas, foi possível delinear as características básicas dos processos de inserção da linguagem pornográfica no universo da Internet, mais especificamente da Web 2.0. Foi possível desenvolver, desta forma, um entendimento mais profundo sobre como as tecnologias digitais estão inter-relacionadas com o desenvolvimento de novas formas de pensar o pornográfico.

Ganharam relevância também, neste momento da pesquisa, as discussões sobre a relação produção-consumo a partir do desenvolvimento da Web 2.0 e das lógicas que perpassam as noções de cultura de convergência e cultura participativa. Mais uma vez ressalto que o objetivo não é falar de avanços tecnológicos, mas sim do desenvolvimento de novas linguagens e, portanto, de novas formas culturais em torno da tecnologia.

Partindo de pesquisa bibliográfica dedicada à análise de conteúdos da pornografia *mainstream*, procurarei estabelecer quais são as narrativas hegemônicas presentes nesta forma discursiva, de quais experiências tais narrativas dão conta e quais identidades e figuras de identidade são mobilizadas pelo discurso pornográfico. Em especial, como são mobilizadas em tal discurso as noções identitárias relacionadas a gênero e sexualidade.

### **Culturas Juvenis: Quem são, afinal, as pessoas jovens?**

O presente trabalho pode ser enquadrado também como fazendo parte dos estudos que tomam como sujeitos de pesquisa as juventudes. Muitos dos trabalhos que buscam analisar a utilização de pornografia por jovens, tendem a adotar uma classificação puramente etária para o grupo que analisam, optam, portanto, na grande maioria das vezes, pela utilização do termo adolescentes para classificar seus sujeitos de pesquisa. A escolha pelo termo adolescente ao invés de jovens ou juventudes é preponderante nos trabalhos das áreas da saúde, que concentram a grande maioria dos estudos sobre o tema. No entanto, como já apontado por outros autores, a utilização automática de categorias meramente etárias, pode produzir um falso senso de unidade entre pessoas que apesar de

---

<sup>74</sup>A inspiração gráfica para tal apresentação foi retirada de: FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e Identidade Cultural: Construção da Identidade Gaúcha em Zero Hora**. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2008.

pertenceram ao mesmo grupo etário, possuem condições de vida profundamente desiguais. O conceito de juventudes, entendido em uma perspectiva sócio-histórica e cultural, aponta, portanto, para uma tentativa de “superação da ideia de preponderância biológica sobre a forma de ser e de viver a juventude” (Alcimar TRANCOSO; Adélia OLIVEIRA, 2016, p. 288)

A escolha, portanto, em falar em juventudes e culturas juvenis revela, portanto, um posicionamento teórico-metodológico importante. Tomar as juventudes como sujeitos sociais revela uma valorização da socialização no processo de constituição de tal categoria social e dos sujeitos concretos que fazem parte dela. Se não recorri a uma classificação puramente estatística, etária, de tal grupo, ainda assim é necessário responder ao questionamento: Quem são, então, os jovens? Centrarei um primeiro esforço na tentativa de realizar tal esclarecimento; para tanto, acompanharei algumas discussões teóricas importantes sobre o tema para, então, em um segundo momento, apresentar uma definição operacional de juventudes que foi empregada ao longo da pesquisa. Por fim, realizo alguns apontamentos sobre os processos de socialização contemporâneos, que levam a produção do que se pode chamar de “condição juvenil”.

Durante algum tempo foi recorrente nas pesquisas sociológicas a definição de juventude através da noção de moratória social. Tal termo, ainda empregado em algumas pesquisas, faz referência à suposta situação que caracterizaria a etapa da juventude, como um “adiantamento de direitos e deveres, das pessoas que deixam de ser crianças, mas ainda não são adultos: inserção no trabalho, reprodução e participação política” (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2016, p 285). A juventude seria, desta forma, um momento intermediário, em que os jovens têm a possibilidade de dedicarem-se aos estudos enquanto não adentram no mundo do trabalho e não se envolvem em relações matrimoniais ou de maternidade e paternidade. A noção de moratória social afirma a existência de uma certa “condescendência da sociedade para que o jovem experimente papéis até poder definir sua identidade” (Luís GROPPPO, 2016, p. 385)

A utilização exclusiva de tal noção para caracterizar o período da juventude toma como paradigmática uma das formas de ser jovem, característica dos setores sociais médios e altos. Para o caso brasileiro (Marília SPOSITO, 2005), por exemplo, tomando como referência o ano de 2004, temos que 36% dos jovens estudantes de 15 a 24 anos trabalhavam e 40% estavam desempregados, sendo que 76% deles estavam envolvidos, de alguma forma, com o mundo do trabalho. As taxas de gravidez na adolescência

também têm se mantido altas no país<sup>75</sup>, afetando principalmente os setores mais vulneráveis da população. Desta forma, é preciso sermos críticos à noção de moratória social, pois:

Nessa perspectiva, só poderiam ser jovens os que pertencem aos setores sociais relativamente acomodados. Os outros não teriam juventude. A moratória social propõe o tempo livre socialmente legitimado, um estado da vida em que as demandas são adiadas, um estado de graça durante o qual a sociedade não exige. (MARGULIS; URRESTI, 1998, p. 4<sup>76</sup>)

Neste sentido, dada a intensa heterogeneidade das variáveis que intervêm na construção social da condição de juventude, é importante não definir um modelo hegemônico de juventude, mas sim assumir que existem distintas maneiras de ser jovem. Isto não significa, no entanto, que uma definição mais precisa do conceito não possa ser alcançada. Partindo da perspectiva de Mario Margulis e de Marcelo Urresti considero que “a juventude é uma condição constituída pela cultura, mas que tem uma base material vinculada com a idade.” (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 3)

Não parto, no entanto, de uma perspectiva puramente culturalista sobre o tema. Isto é, não compartilho da noção de que o conceito de juventudes possa ser definido apenas pelos signos associados a noção de jovem e tampouco partilho da opção teórica de definir juventude como uma mera mercadoria simbólica. A noção de juventude-signo está mais ligada ao fenômeno da juvenilização<sup>77</sup>, processo que não é analisado neste trabalho, e que diz respeito a transformação dos signos da juventude em produto, o que permite que se possa ser juvenil sem ser jovem, através da aquisição dos símbolos da juventude-signo. É um erro equivaler pura e simplesmente os elementos que constituem a juventude-signo com a condição juvenil. Sob tal lógica, jovens de classes menos

---

<sup>75</sup> **Taxa de gravidez adolescente no Brasil está acima da média latino- americana e caribenha.** Nações Unidas Brasil, 28/02/2020. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/79282-taxa-de-gravidez-adolescente-no-brasil-esta-acima-da-media-latino-americana-e-caribenha> Acesso: 20/02/2023

<sup>76</sup> Tradução própria. No original: “Desde esta perspectiva, sólo podrían ser jóvenes los pertenecientes a sectores sociales relativamente acomodados. Los otros carecerían de juventud. La moratoria social propone tiempo libre socialmente legitimado, un estado de la vida en que se postergan las demandas, un estado de gracia durante el cual la sociedad no exige.”

<sup>77</sup> Ver: MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. “La construcción social de la condición de juventud” em AAVV, **Viviendo a toda. Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**, Universidad Central – DIUC, Siglo del Hombre Editores, Bogotá. 1998.; MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, Laura. **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30. TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA; Adélia Augusta Souto. Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. In: **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 11(2), São João del- Rei, julho a dezembro, 2016.

favorecidas não poderiam ascender à condição juvenil, pois não poderiam ostentar os símbolos da juvenilização.

Por este motivo, alguns autores preferem explicitar a inclusão da questão etária em seus conceitos de juventudes. Muitas vezes através da noção de moratória vital, definem como jovens todos aqueles que gozam de um *plus* de tempo de vida, consideravelmente mais extenso que aquele das gerações anteriores. Os jovens seriam, assim, possuidores de um capital temporal. Sem um apego tão grande às noções de moratória social e moratória vital, me parece importante tomar o cuidado para não desmaterializar o conceito de juventude. A introdução da idade como variável a ser contabilizada na definição de juventudes torna-se importante, pois oferece facticidade para entendermos a produção de tal categorial social. O corpo<sup>78</sup> ganha, desta forma, importância tanto por ser o território de inscrição das diferenças sociais e quanto por remeter para um aspecto energético importante para a compreensão do conceito.

Conforme dito anteriormente, falar em juventudes é valorizar os processos de socialização que influenciam na constituição desta categoria. Desta forma, a noção de geração para pensarmos as juventudes também se mostra importante, pois tal categoria introduz a História na variável etária. Geração, portanto, “remete a idade processada pela cultura e pela história” (MARGULIS; URRESTI, 1998). Para além das desigualdades consequentes dos diferentes marcadores sociais, a ideia de geração introduz uma dimensão transcendente para o exame da condição de juventude, pois nos leva a pensar nos “códigos culturais diferentes, que orientam as percepções, gostos, valores e modos de apreciar e desembocam em mundos simbólicos heterogêneos com distintas estruturas de sentido” (MARGULIS;URRESTI, 1998, p.6) Ser jovem é, portanto, pertencer a uma geração mais recente, com traços históricos próprios. A geração, desta forma:

[...] alude ao momento em que cada indivíduo se socializa, e com isto às mudanças culturais aceleradas que caracterizam o nosso tempo. Cada geração pode ser considerada, em certa medida, pertencente a uma cultura diferente, na

---

<sup>78</sup> “El cuerpo, entendido en un sentido amplio, con sus disposiciones habituales, sus posturas y gestos, su volumen, forma, tono y tensión, sus reacciones espontáneas, o la indumentaria con la que se lo inviste, es el primer plano de la interacción social, un mensaje mudo que fatalmente se antepone a cualquier otro, un portador de sentido que mediatiza determinaciones sociales más amplias y diferidas. Una superficie en la que se muestran las huellas de algo que ha huido, una textura que evidencia en su obviedad la presencia de algo ausente. El cuerpo, ese intrincado plexo de estructuras vitales y sociales, cuando es percibido como aspecto físico, es sometido a la operación habitual que lo reduce a imagen. Por eso puede ser engañoso, porque a primera vista -modo usual en la interacción cotidiana- el cuerpo no tiene profundidad. Ello conduce a la necesidad de una ruptura epistemológica, superando la iluminación que em la evidencia de las huellas oculta el proceso de su producción.” (MARGULIS; URRESTI, 1998, p. 8)

medida em que incorpora em sua socialização novos códigos e habilidades, linguagens e modos de perceber, apreciar, classificar e distinguir. (MARGULIS; URRESTI, 1996, p. 3<sup>79</sup>)

A noção de condição juvenil está também intimamente ligada a noção de geração, faz referência a elementos da cultura e da história que permitem conferir alguma unicidade a categoria social dos jovens. Trata-se, sem dúvida, de uma abstração da pesquisa sociológica, mas que se mostra importante para conseguirmos sair do particularismo da análise caso a caso. Como forma de não obliterar as diferenças entre os distintos sujeitos que compõem a categoria dos jovens surge, então, a noção de situações juvenis. São das situações juvenis que poderemos inferir a existência de determinados códigos culturais que marcam uma certa condição juvenil. A valorização da noção de culturas juvenis surge a partir da consideração de que o mundo da cultura é um “espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (Juarez DAYRELL, 2007, p. 1110). A existência de múltiplas culturas juvenis é fruto, desta forma, da heterogeneidade das situações juvenis vividas.

Os conceitos de condição e situação juvenil permitem na análise “levar em conta tanto a dimensão simbólica quanto os processos fáticos, materiais, históricos e políticos, nos quais a produção social da juventude se desenvolve” (DAYRELL, 2007, p. 1108). Em resumo:

A condição juvenil expressa o significado histórico, geracional, atribuído por uma sociedade específica à juventude. A situação ou situações juvenis refere-se ao modo como essa condição é vivida pelos jovens concretos a partir dos recortes de gênero, classe, etnia, por exemplo. (TRANCOSO; OLIVEIRA, 2016, 283)

Realizei até o momento alguns apontamentos que considero importantes sobre o debate teórico em torno do conceito de juventudes. No entanto, é necessário adotar uma definição operativa de tal conceito, ao oferecer tal definição não pretendo sintetizar e nem finalizar o debate em torno do que significa ser jovem, mas sim delimitar o escopo dos jovens que foram tomados como sujeitos de pesquisa. **Desta forma, considere como sujeitos de pesquisa jovens com idade entre 16 e 19 anos.**

---

<sup>79</sup> Tradução própria. No original: “[...] alude la época en que cada individuo se socializa, y con ello a los cambios culturales acelerados que caracterizan nuestro tiempo. Cada generación puede ser considerada, hasta cierto punto, como perteneciente a una cultura diferente, en la medida en que incorpora en su socialización nuevos códigos y destrezas, lenguajes y formas de percibir, de apreciar, clasificar y distinguir.”

Alguns pontos importantes devem ser ditos sobre tal definição. A introdução da variável etária coaduna com a necessidade de uma base material, fática, para o conceito de juventudes. Também está incorporada aí a questão geracional. Serão sujeitos de pesquisa, aqueles nascidos entre os anos de 2004 e 2002, ou seja, sujeitos que passaram pelo processo de socialização já sobre o advento da Internet e da Web 2.0, e que compartilham, portanto, ainda que de maneira genérica, certas características do processo de socialização e certos códigos culturais.

É fundamental também perceber que a variável etária está conectada a dimensão escolar. A pesquisa objetiva tanto analisar de que forma se dá a apropriação do discurso pornográfico por jovens, como debater as possibilidades de a Educação atuar como peça-chave no desenvolvimento de um pensamento crítico sobre o tema. Desta forma, as instituições escolares tornam-se ponto nevrálgico da pesquisa, ao serem tanto instituições produtoras de juventudes, quanto espaços de debate sobre os processos culturais que envolvem ser jovem na contemporaneidade.

Tal ponto será aprofundado quando analisar, mais adiante, algumas propostas de Educação para os meios e de Alfabetização midiática. Desta forma, o presente trabalho propõe-se a entrar no debate que atualmente centraliza nas escolas e na figura dos professores uma série de disputas, que não são apenas educacionais. Pensando nos debates que envolvem a adoção de políticas públicas para as instituições escolares, a definição aqui proposta sobre quem são os nossos sujeitos de pesquisa, está englobada no conceito de adolescência tal como este é utilizado por agências supranacionais<sup>80</sup> de financiamento a educação, bem como documentos nacionais<sup>81</sup> importantes que regem juridicamente a vida dos jovens na faixa etária considerada.

Por fim, é importante realizar alguns apontamentos sobre a relação entre os processos de socialização contemporâneo, a constituição das juventudes e os papéis que a escola pode possuir em tal relação. Entendo socialização como:

O processo pelo qual a pessoa humana aprende e internaliza, no decorrer de sua vida, os elementos socioculturais de seu ambiente, os integra na estrutura de sua personalidade, sob a influência de experiências e agentes sociais

---

<sup>80</sup> Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS) entre 10 e 19 anos (*adolescents*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (*youth*).

<sup>81</sup> O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) define: “Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”

significativos, e se adapta assim, ao ambiente social em que ele deve viver. (Guy ROCHER, 1980, p. 133- 134<sup>82</sup>)

Tomo como referência para falar dos processos de socialização contemporâneos alguns autores<sup>83</sup> que defendem que a contemporaneidade se caracteriza por uma mudança no papel das instituições e no modo como ocorrem os processos de socialização das novas gerações. Segundo Bernard Lahire:

Entre a família, a escola, os grupos de iguais, as muitas instituições culturais, os meios de comunicação, etc., que são muitas vezes levados a frequentar, os filhos de nossas formações sociais confrontam-se cada vez mais com situações heterogêneas, concorrentes e, às vezes, até em contraditórias umas com as outras do ponto de vista de socialização que desenvolvem. (LAHIRE, 2002, p. 27)

Percebe-se um enfraquecimento das instituições tradicionais - escola, família, igreja - face a multiplicidades de situações sociais vivenciadas pelos indivíduos. Danilo Martuccelli é um dos autores que aponta para o desenvolvimento de um processo de singularização<sup>84</sup>, no qual ocorre um reforço da noção de indivíduo soberano, própria da modernidade. Na América Latina<sup>85</sup>, tal processo seria fortalecido por contextos históricos que levaram a constituição de sociedades nas quais a “norma possui um caráter elástico” e as relações tendem a ser mais personalizadas face a instituições que, quando comparadas às suas contrapartes europeias, são mais recentes e menos enraizadas nas formações sociais.

A existência de múltiplos processos de socialização leva à constituição de atores sociais plurais. A teoria das disposições de Bernard Lahire, por exemplo, é fruto de tal perspectiva. Ele buscou desenvolver uma teoria da ação dos indivíduos que fosse mais sensível à multiplicidade das experiências neles incorporadas. O autor destaca, desta forma, a importância de percebermos a multiplicidade e heterogeneidade dos universos sociais nos quais os indivíduos estão inseridos. A heterogeneidade das experiências

---

<sup>82</sup> Tradução própria. No original: “El proceso por cuyo medio la persona humana aprende e interioriza, en el transcurso de su vida, los elementos socioculturales de su medio ambiente, los integra a la estructura de su personalidad, bajo la influencia de experiencias y de agentes sociales significativos, y se adapta así al entorno social en cuyo seno debe vivir.”

<sup>83</sup> MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de Rumbo: la sociedad a escala del individuo**. LOM: Santiago de Chile, 2007; LAHIRE, Bernard. **O Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002. LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: Disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004. DUBET, F. **El declive de la institución: profesiones, sujetos e individuos en la modernidad**. Barcelona: Gedisa, 2006

<sup>84</sup> Ver em específico: MARTUCCELLI, Danilo. La individuación como macrosociología de la sociedad singularista. **Persona y Sociedad**, v. XXIV, n. 03, p. 09-29, 2010b.

<sup>85</sup> Sobre a especificidade da América Latina neste processo de singularização. VER MARTUCCELLI, Danilo. **¿Existen individuos en el Sur?** Santiago: LOM Ediciones, 2010

socializadoras criará conjuntos de disposições que serão acionados ou retraídos conforme sejam ativados pelo contexto social. Este contexto contemporâneo de mudança no caráter de instituições tradicionais afetará de sobremaneira à escola.

No Brasil, a expansão do sistema escolar público de ensino, ocorrida a partir da década de 1990, fortaleceu e ampliou este processo que tornou a escola mais “permeável ao contexto social e suas influências” (DAYRELL, 2007). A incorporação de populações que antes estavam excluídas do processo de escolarização, fez com que os jovens trouxessem para dentro da escola “os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente” (DAYRELL, 2007, p. 1116).

Se a escola já não é mais centralmente responsável pela socialização das gerações mais recentes, ela ainda se constitui, especialmente nas periferias, com um espaço físico importante para que a socialização ocorra. São vivenciadas nas escolas, cada vez mais, situações e experiências que são características das culturas juvenis e que passam a tornar-se parte do cotidiano escolar, existindo uma ambiguidade e tensão entre o ser aluno e o ser jovem. A pesquisa visa auxiliar na compreensão de alguns aspectos das culturas juvenis, em especial aqueles ligados à sexualidade. Ao mesmo tempo, vislumbro a possibilidade de incorporar tais experiências ao currículo escolar. Não como forma de escolarizar as expressões culturais juvenis, artificializando-as, mas como maneira de valorizar as vivências juvenis que já estão dentro da escola, ainda que muitas vezes, ignoradas.

De fato, o que gostaria que fosse retido sobre os pontos trazidos até o momento não se centra tanto na adequação dos termos (adolescentes/juventudes), mas sim na importância de se pensar os processos de socialização que produzem os sujeitos que serão enquadrados em tais categorias. Tomo como hipótese de pesquisa que nestes processos de socialização contemporâneos, os textos pornográficos possuem um importante papel na constituição de referenciais sobre a sexualidade, com repercussões na forma como jovens percebem as noções de gênero. O objetivo da pesquisa é, desta forma, compreender os papéis de tal referência nas condições juvenis atuais e como ela materializa-se em determinadas situações juvenis.

### **Objetivo central e objetivos específicos da pesquisa**

Neste momento, após ter realizado uma retomada histórica e teórica sobre a constituição moderna do conceito de pornografia, esclarecido algumas das posições mais

proeminentes dos pensamentos feministas sobre a temática, acompanhado o estado da arte das pesquisas que até o momento dedicaram-se a analisar as formas de utilização de pornografia por jovens e, por fim, ter explicitado o enquadramento teórico que foi dado ao questionamento que move a pesquisa, elenco de maneira direta o objetivo central e os objetivos específicos da pesquisa. Tanto o objetivo central quanto a maioria dos objetivos específicos já haviam sido expostos, no formato de questionamentos, ao longo do texto. No entanto, acredito que a exposição esquemática dos objetivos contribui para um esclarecimento mais aprofundado das intenções de pesquisa.

### **Objetivo central**

Acompanhar o processo comunicativo que se coloca em marcha a partir do momento que os conteúdos pornográficos disponíveis on-line passam a fazer parte das culturas juvenis contemporâneas.

### **Objetivos específicos**

- Analisar quais são as características produtivas básicas que marcam a inserção dos discursos pornográficos na internet.
- Analisar quais operadores perceptivos são colocados em jogo no discurso pornográfico *mainstream* acessado via internet.
- Analisar quais são as narrativas hegemônicas presentes nos discursos pornográficos *mainstream* acessado via internet e de quais experiências estas narrativas dão conta.
- Identificar quais identidades e figuras de identidade são mobilizadas pelo discurso pornográfico *mainstream*.
- Analisar como tais identidades e narrativas são mobilizadas no discurso pornográfico *mainstream* e quais são as pedagogias do sexo, do gênero e da sexualidade colocadas em prática por tal discurso.
- Esclarecer quais significados que o termo pornografia adquire dentro das culturas juvenis atuais e quais materiais, segundo as pessoas jovens pesquisadas, poderiam ser alocados como pertencendo ao escopo pornográfico contemporâneo.
- Determinar qual autoridade/status o discurso pornográfico *mainstream* possui perante as pessoas jovens pesquisadas.

- Analisar quais sentidos as narrativas e identidades mobilizadas pelos discursos pornográficos *mainstream* adquirem ao adentrarem nas culturas juvenis.
- Averiguar quais as relações existentes entre representações sexualmente explícitas e/ou pornográficas acessadas via Internet e a constituição de performatividades de gênero entre jovens no contexto analisado.
- Averiguar quais as possíveis relações entre o discurso pornográfico e a noção de invalidez ilocucionária.
- Averiguar se as pessoas jovens atuam como produtoras de mídias sexualmente explícitas e quais sentidos tal produção adquire nas culturas juvenis.
- Identificar a presença de narrativas contra-hegemônicas nas culturas juvenis que sejam capazes de se contrapor aos discursos pornográficos *mainstream*.
- Contribuir para o desenvolvimento de reflexões que levem a criação de currículos educacionais capazes de abordar de forma crítica a presença de representações sexualizadas misóginas, homofóbicas e racistas na Internet.

## **Metodologia**

Partindo do referencial teórico já explicitado e visando contemplar todas as questões expostas acima, o processo de pesquisa foi fracionado em dois momentos. O primeiro destes momentos versou sobre o polo das tecnicidades e buscou dar conta mais propriamente das mediações das narrativas e das redes. Seria, porém, um erro compartimentalizar a pesquisa em dois polos estanques que não se comunicam. O mapa barberiano fala de fluxos comunicacionais, de forma que as mediações das identidades e das cidadanias também estão aí presentes. Tal momento de pesquisa centrou-se em uma extensa busca bibliográfica por trabalhos que tivessem como foco a análise de conteúdo de pornografia disponibilizada on-line em grandes portais e sites pornográficos da internet.

O processo de seleção de tais trabalhos é explicitado de maneira mais pormenorizada no capítulo **Tecnicidades e pedagogias culturais: web 2.0 e novos espaços de aprendizagem**. No entanto, cabe destacar aqui que foram selecionados catorze trabalhos que versavam sobre análises de conteúdo, obtidos juntos a três bases de dados distintas, todos com data de publicação a partir do ano de 2010. A seleção para

integrar o *corpus* final da revisão foi feita a partir de três critérios: os trabalhos deveriam ser quantitativos, a internet deveria ser o meio de acesso, as análises deveriam versar sobre ao menos um dos seguintes temas/categorias: objetificação, agência, agressão, violência, comportamentos sexuais. Tais grandes temas e categorias já são frequentes em pesquisas que se dedicam a realizar análises de conteúdos de representações pornográficas e permitiram que houvesse uma comparabilidade entre os trabalhos selecionados. É a relação de tais categorias com as mediações das narrativas e das identidades que permitiu apontar as principais características da paisagem pornográfica *on-line*.

O segundo momento de pesquisa buscou dar conta dos elementos trazidos à tona pelo polo das sensorialidades e pelas mediações das identidades e das cidadanias. Tal momento, de pesquisa propriamente empírica, se deu através de duas ferramentas metodológicas distintas: aplicação de questionários e realização de entrevistas semiestruturadas. Trata-se, portanto, de um estudo de método misto que busca combinar dois olhares sobre o processo comunicativo: um com o foco no mapeamento mais geral dos usos e outro que mira de forma mais íntima para o campo visando compreender como as subjetividades juvenis são constituídas a partir da exposição a conteúdos explícitos/pornográficos.

Como diversos autores apontam (Bernardete GATTI, 2012a), as pesquisas em educação no Brasil estiveram historicamente inseridas em um contexto mais amplo o qual por muito tempo tendeu a polarizar as perspectivas qualitativas e quantitativas como representando formas únicas e excludentes de realização de pesquisas com temáticas sociais. Como tentativa de contrapor-se aos pressupostos positivistas que marcavam as pesquisas quantitativas, muitos pesquisadores em educação passaram, a partir dos anos 1960, a realizar críticas às análises que utilizavam este viés em suas pesquisas. No entanto, na atualidade são muitos os autores (GATTI, 2012a; Harmut GÜNTHER, 2006; Kellecia SOUZA; Maria Teresa KERBAUY, 2017; Maria Cecília MINAYO; Odécio SANCHES, 1993) que defendem a necessidade de superação deste falso antagonismo. Apontam, desta forma, para os ganhos advindos da utilização de dados gerados por ferramentas distintas na compreensão multifacetada dos fenômenos sociais. Cabendo à pesquisadora determinar quais as melhores formas de chegar-se a uma compreensão mais precisa de seu problema de pesquisa.

[...] se a relação entre quantitativo e qualitativo, entre objetividade e subjetividade não se reduz a um continuum, ela não pode ser pensada como oposição contraditória. Pelo contrário, é de se desejar que as relações sociais possam ser analisadas em seus aspectos mais “ecológicos” e “concretos” e aprofundadas em seus significados mais essenciais. Assim, o estudo quantitativo pode gerar questões para serem aprofundadas qualitativamente, e vice-versa. (MYNAYO; SANCHES, 1993, p. 247)

Ainda que reconheça que a presente pesquisa, centrada na compreensão das características subjetivas e simbólicas de um fenômeno, possui um caráter predominantemente qualitativo e que objetivo central da pesquisa está centrado no entendimento da produção de significados; também reconheço a validade da utilização de ferramentas de pesquisa que muitas vezes são mais empregadas em análises quantitativas, como é o caso dos questionários. A análise dos dados gerados por estes diferentes momentos da pesquisa foi realizada mediante a convergência, entendendo a relação entre quantidade e qualidade, como complementar e não excludente; acreditando que é a multiplicidade de olhares que oferece vitalidade metodológica para a pesquisa.

A primeira etapa propriamente empírica da pesquisa iniciou-se com a aplicação de um questionário<sup>86</sup> junto a população-alvo, isto é, pessoas jovens com idades entre 16 e 19 anos. A utilização de tal ferramenta de pesquisa não visou o levantamento exaustivo de dados e nem objetivou produzir generalizações conclusivas sobre a forma como jovens entram em contato com materiais pornográficos na Internet. O objetivo primordial da aplicação de tal técnica era o mapeamento de tendências observáveis que permitissem articular de forma mais adequada os próximos passos da pesquisa e que possibilitassem uma caracterização inicial do campo.

A utilização de questionário como forma de inicial de investigação de grandes tendências demonstrou ter algumas vantagens: a garantia do anonimato, a possibilidade de elaborar questões objetivas padronizadas que permitissem fácil pontuação, o baixo custo, a inexistência de limite de tempo para o preenchimento, de maneira que as pessoas podiam dedicar-se a pensar sobre as respostas que fornecem. É importante ainda destacar que, como visto em outros momentos deste trabalho, a aplicação de questionários seguida

---

<sup>86</sup> Várias são as definições do que constitui um questionário, optamos por trabalhar com a seguinte definição: “técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, 1999, p.128 apud CHAER; DINIZ, RIBEIRO, 2011, p.260)

de procedimentos de entrevistas possui precedentes positivos no âmbito de pesquisas que versam sobre o contato de jovens com materiais pornográficos. Seguindo as recomendações para construção desta ferramenta de pesquisa, foi elaborado instrumento composto essencialmente por questões fechadas e objetivas, que foi respondido de forma anônima e on-line.

Dado que o questionário foi disponibilizado em ambientes on-line e respondido de maneira totalmente anônima e virtual, a veracidade das idades informadas foi presumida. Tal procedimento possui pontos positivos e negativos em termos éticos e metodológicos. Em termos metodológicos a incerteza de que os jovens que responderam ao questionário possuem as idades informadas poderia ser considerado um problema, no entanto, a existência outra etapa empírica de pesquisa visou amenizar as inseguranças que a aplicação unicamente virtual do questionário poderia ter acarretado. As possíveis perdas metodológicas, foram, no entanto, ganhos do ponto de vista ético. Ao propor a aplicação do questionário exclusivamente pela via on-line foi tratado como prioridade a manutenção do anonimato das pessoas participantes da pesquisa.

Sendo esta a única etapa de pesquisa em que houve participação de menores de idade, destaco que não foi promovido em nenhum momento do questionário o estímulo ao consumo de materiais pornográficos, nem tampouco foram indicados ou mencionados os nomes de sites, revistas, filmes etc. que possuíssem conteúdo pornográfico. De igual maneira, todas as perguntas foram acompanhadas da opção “prefiro não responder”. Foi tomado também o cuidado de vincular certas perguntas a respostas de outros questionamentos. De maneira que, por exemplo, os jovens só visualizaram as perguntas sobre hábitos de utilização de pornografia, se afirmaram já ter tido contato com materiais pornográficos.

Por fim, é importante indicar que o questionário proposto foi desenvolvido a partir de outras pesquisas que também utilizaram a ferramenta da *survey* para averiguar sobre as formas de utilização de pornografia por jovens (MARTELLOZZO et al., 2017; MÉRIDA et al, 2016; ROMITO; BELTRAMI, 2015; ROTHMAN et al, 2014; LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009; BROWN; L'ENGLE, 2009) e que tomam como sujeitos de pesquisa jovens na mesma faixa etária que aqui propus. O questionário continha trinta e nove perguntas que versavam sobre as formas de acesso à internet e sobre o contato com materiais pornográficos e seis perguntas que buscavam

verificar marcadores sociais distintos (idade, gênero, orientação sexual, cor, pertencimento religioso e presença em instituições de ensino).

Este momento empírico da tese foi iniciado no dia 23 de Abril de 2022 com o lançamento em diversas redes do questionário de pesquisa<sup>87</sup>. É preciso enfatizar que os procedimentos que levaram a constituição desta pesquisa valeram-se grandemente do seu próprio objeto de estudos; isto é, a pesquisa foi realizada em cima da aposta de que as redes de sociabilidade virtuais se constituem como um *locus* importante de habitabilidade juvenil. A estratégia de divulgação do questionário centrou-se, portanto, na disseminação do link que levava ao questionário, juntamente com uma breve mensagem explicativa sobre a pesquisa, em diversas redes e plataformas: Facebook, Instagram, Tik Tok, Twitter, Wattpad, YouTube, Reddit e Whatsapp. A forma como o questionário foi divulgado em cada rede esteve atrelada as possibilidades de divulgação que estas diferentes plataformas permitiam. Logo percebi que algumas redes sociais eram mais propícias que outras para a divulgação da pesquisa.

O Instagram, por exemplo, tende a ser uma rede social que incentiva uma forma de navegação endógena. A dificuldade de postar links externos propicia que as e os usuários não saiam do universo proposto pela plataforma. A divulgação da pesquisa via Facebook, Tik Tok e Instagram se deu essencialmente através da divulgação da pesquisa em um perfil criado nessas redes. Já a divulgação no Twitter, Youtube, Wattpad e Reddit se deu através da postagem de comentários e posts em comunidades ou em perfis que pressupus fossem seguidos por muitos e muitas jovens. Um exemplo de ação típica de pesquisa neste sentido foi comentar postagens de perfis (Anitta, Neymar, Whindersson, Marcelo D2, Mano Brown, IZA, KondZilla, Ludmilla, Big Brother Brasil) que tivessem um grande número seguidores com uma mensagem que levasse ao questionário.

A divulgação no Reddit se deu maneira distinta, pois esta rede social opera através de comunidades de interesse, chamadas de subreddits, nas quais os e as usuárias cometam através de perfis criados na rede social. Em tal rede realizei postagens em comunidades que continham uma grande presença de usuários brasileiros e ou de jovens como r/BrasildoB, r/enem, r/brasil, r/diretodoxapzap, r/teenagers, r/brasilivre, r/relacionamentos, r/sexualidade. A mensagem postada nesta última comunidade, em

---

<sup>87</sup> Disponibilizado na seção anexos do presente trabalho.

específico, recebeu um alto número de visualizações<sup>88</sup>, 7 mil e 600, e comentários de usuárias e usuários interessados na pesquisa. Por fim, a divulgação via Whatsapp se deu através da postagem de uma mensagem com o link para o questionário em diferentes grupos. Com foco em grupos de professoras e professores, com a solicitação de que a pesquisa fosse divulgada junto ao público-alvo da tese. O processo de disseminação da pesquisa nas redes também trouxe alguns outros momentos interessantes, que escapam o procedimento de pesquisa tradicional. Uma manhã acordei e havia recebido um e-mail do *pornhub.com* notificando-me de que minha conta do site havia sido criada com sucesso. Conta a qual não criei, mas foi criada por mim, certamente por algum entusiasta da pesquisa.

A possibilidade de resposta ao questionário foi encerrada dia 14 de Maio de 2022 contabilizando 279 respostas. O Brasil, segundo último censo do IBGE/10<sup>89</sup>, conta com quase 17 milhões de jovens com idade entre 15 e 19 anos. Uma pesquisa que se quisesse representativa (tendo 5% de margem de erro e um nível de confiança de 90%) desta população teria que tomar como tamanho da amostra cerca de 273 jovens. De maneira que, mesmo o cerne do trabalho não estando pautado pela produção de dados quantitativos sobre a relação juventude e internet/pornografia, surge como significativo o número de respostas alcançadas. Foram eliminadas dos dados para análise dois questionários, pois tratava-se claramente de “trolagens”, de maneira que esta etapa da pesquisa foi finalizada com 277 questionários válidos respondidos.

Enfatizo, no entanto, que apesar de contar com uma amostra considerável, a constituição demográfica do grupo de pessoas (n=277) que responderam ao questionário tem suas especificidades, que serão pormenorizadas no capítulo **Sensorialidades: habitando o virtual**. De maneira que, generalizações a partir dos dados obtidos por este instrumento de pesquisa devem ser feitas com ressalvas. Em relação ao conjunto amplo da população brasileira, o conjunto da amostra é marcado por uma proeminência de homens em relação as mulheres<sup>90</sup>, de pessoas brancas em relação a pessoas pardas e

---

<sup>88</sup> O reddit, é uma das redes sociais que permite a visualização da métrica das postagens.

<sup>89</sup> Ver: IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=resultados> Acesso em 20/02/2023

<sup>90</sup> Dado que o questionário foi autoadministrado e visando evitar problemas de entendimento, a questão que buscava aferir o gênero das pessoas participantes foi elaborada da seguinte maneira: “Como você se identifica em relação ao seu gênero?” e trazia como opções de resposta: Homem, Mulher, Não binário, Outro, Prefiro não responder. De maneira que não foi possível verificar a cisgeneridade ou transgeneridade

pretas, de pessoas sem religião em relação a outros pertencimentos religiosos e de um número comparativamente elevado de pessoas não heterossexuais<sup>91</sup>. Tendo realizado tais ressalvas, destaco que o objetivo inicial da utilização de tal ferramenta- esclarecer em linhas gerais quais eram os hábitos de utilização da Internet por parte dos jovens e de que maneira os conteúdos pornográficos surgiam nessa interação – foi exitosamente atingido.

A utilização de entrevistas, por sua vez, enquanto ferramenta de pesquisa é recomendada “quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados” (Rosália DUARTE, 2004, p. 215). A técnica de entrevistas é particularmente profícua (Geraldo ROMANELLI, 1998) para acessarmos descrições de acontecimentos vividos pelo entrevistado e interpretações e representações destas vivências. A adoção de entrevistas semidiretivas ou semiestruturadas para acessar as representações sociais de determinado grupo ou coletividade é já um procedimento relativamente bem estabelecido em pesquisas educacionais (Carmen RESTE, 2015) e antropológicas (ROMANELLI, 1998).

O caráter não-fechado deste formato de entrevistas permite que o mesmo tema seja abordado de perspectivas diversas, possibilitando que ao longo do procedimento de entrevista surjam fissuras nas falas dos entrevistados. Os depoimentos que surgem dos processos de entrevistas são relatos individuais, mas que possuem uma dimensão coletiva importante, pois estão situados dentro da cultura de determinado grupo. A riqueza da utilização de entrevistas como procedimento de produção de dados encontra-se na capacidade da pesquisadora em extrair a dimensão coletiva do que é a princípio subjetivo

---

das pessoas participantes da pesquisa. No entanto, a porcentagem de pessoas identificadas como não binárias ou com outra opção de gênero coincide com o levantamento realizado por algumas pesquisas. Ver: JORGE, Marcos do Amaral. **Estudo pioneiro na América Latina mapeia adultos transgêneros e não-binários no Brasil**. Jornal da Unesp. 12/11/2021 Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2021/11/12/estudo-pioneiro-na-america-latina-mapeia-adultos-transgeneros-e-nao-binarios-no-brasil/> Acesso 20/02/2023

<sup>91</sup> Orientação sexual nunca foi medida em Censos. A incorporação do marcador orientação sexual foi suspensa do último censo (2022) sob a alegação de que a inclusão de tal item atrasaria o processo de conclusão da pesquisa. Os resultados da presente pesquisa, no entanto, ainda que sem este objetivo, indicam a precariedade dos números, já apontada por outros pesquisadores, levantados em um módulo do PNS (Pesquisa Nacional de Saúde) e divulgados pelo IBGE, que apontava que 94,8% das pessoas de 18 anos ou mais se declaram heterossexuais. Ver: ALBURQUEUQE, Ana Luiza. **95% da população acima de 18 anos se diz heterossexual, estima IBGE pela 1ª vez**. Folha de São Paulo, 25 de maio de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/95-da-populacao-acima-de-18-anos-se-diz-heterossexual-estima-ibge-pela-1a-vez.shtml#:~:text=95%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20acima%20de,05%2F2022%20%2D%20Cotidiano%20%2D%20Folha> Acesso em? 20/02/2023

e pessoal, através da utilização de categorias e formulações teóricas. É, portanto, tarefa da pesquisadora conseguir analisar os dados produzidos através do procedimento de entrevista em relação à dimensão histórica e social exterior à entrevista:

Considerando que fatos dificilmente existem sem relações, o pesquisador deve articular as representações dos sujeitos com a realidade social na qual ele vive e onde são produzidas e reproduzidas essas representações que organizam sua prática social e dão significado simbólico a ela. (ROMANELLI, 1998, p.132)

Ao se trabalhar com entrevistas, portanto, deve-se assumir que a voz que predomina no trabalho final é a da pesquisadora. Tal ponto é relevante, pois a utilização de entrevistas como procedimento de pesquisa pode fornecer a falsa impressão de que existe uma completa igualdade no processo de produção de dados ou ainda (DUARTE, 2004, que a ferramenta permite “dar voz” a grupos, comunidades ou indivíduos com pouco poder social. Seguindo outros autores (DUARTE, 2004; RESTE, 2015; ROMANELLI, 1998) acredito ser importante reconhecer a autoria da pesquisa, assumindo que os procedimentos de coleta e análise de dados são conduzidos e idealizados pela pesquisadora, e que, portanto, não há nem no momento de realização das entrevistas e nem ao longo da pesquisa uma igualdade nas vozes que integraram a análise final<sup>92</sup>. Afirmar que não há uma plena horizontalidade na realização deste procedimento, não implica negar ou desvalorizar a multiplicidade de vozes que surgiram ao longo do processo de pesquisa.

Reconhecer tal fato, consiste, também em aceitar o caráter de troca que caracteriza a utilização da ferramenta das entrevistas como procedimento de pesquisa. Geraldo Romanelli (1998) explicita a preocupação de muitos pesquisadores, que podem sentir-se apenas “sugando” informações dos seus entrevistados, sem fornecer nada em troca. No entanto, ao desenvolver a análise sobre a forma como utilizou o procedimento ao longo de sua trajetória acadêmica, nota que tal preocupação não é fundada, pois o procedimento de entrevista também se constitui como um momento de reflexão para o entrevistado, que não está apenas produzindo dados, mas também está (RESTE, 2015) distanciando-se do mundo vivido, problematizando-o, decodificando-o criticamente. Pesquisadores que trabalham com a utilização de entrevistas<sup>93</sup> afirmam que este é um momento de produção

---

<sup>92</sup> Para acompanhar o debate e desenvolvimento de uma posição mais dura sobre este tema, do que faz o sociólogo com os relatos que surgem das entrevistas, Ver: LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Artmed. Porto Alegre, 2004.

<sup>93</sup> Alguns autores (ROMANELLI, 1998; RESTE, 2015) incluem o caráter de troca na própria definição do que seria uma Entrevista. Outros optam por uma definição mais simples e direta do procedimento (BOGDAN; BIKLEN, 1999). A definição de ROMANELLI (1998, p. 125) nos parece adequada: “A

de dados, mas também se constitui como uma oportunidade para os sujeitos entrevistados darem sentido para as narrativas que optam por compartilhar.

[...] o pesquisador é também um mediador para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo. Através de diferentes perguntas o entrevistador conduz o outro a voltar-se sobre si próprio um processo no qual este procura lembrar-se de acontecimentos, datas, relações por ele vividas, de modo a compor um relato coerente e organizado para si mesmo e para aquele que o ouve. (ROMANELLI, 1998, p. 126)

O caráter de troca das entrevistas pode ser notado em alguns dos trechos transcritos neste trabalho. Não foram raros os momentos em que as pessoas jovens entrevistadas me questionavam algo, especialmente perguntando se eu conhecia determinada característica, gênero, site ou forma de acesso do universo pornográfico ou se eu já havia visto determinada série ou filme que retratava algo que consideravam pertinente para a pesquisa. Dada a temática em questão, também houve momentos que as pessoas entrevistadas demonstravam receio de me “chocar” ou “perturbar” com os relatos dos conteúdos que já haviam assistido on-line ou das experiências que vivenciaram. Este era momento delas me perguntarem se eu estava pronta ou confortável para escutar suas narrativas. De maneira ampla, cada entrevista teve sua história própria, algumas se desenvolveram de forma mais próxima ao roteiro de perguntas e em outras algumas temáticas transbordaram para além das questões propostas.

A etapa das entrevistas foi em parte possibilitada a partir das respostas dadas aos questionários, o último campo deste instrumento solicitava que as pessoas interessadas em participar da segunda etapa da pesquisa indicassem uma forma de contato (*email* ou *whatapp*). Um número relativamente alto de pessoas, 114, manifestou interesse em participar da segunda etapa da pesquisa, no entanto, muitas dessas pessoas não tinha a idade estabelecida para este momento da pesquisa. As entrevistas ocorreram apenas com jovens com idades de 18 e 19 anos, de maneira voluntária e anônima e somente ocorreram mediante assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido. Ao final 60 pessoas foram contactadas para a realização das entrevistas.

---

entrevista é uma relação diádica, que cria uma forma de sociabilidade específica, limitada no tempo, sem continuidade, em que, inicialmente, os parceiros da díade se defrontam como estranhos, pautados por uma alteridade que aparentemente não admite o encontro que deve ser superada para que a matéria prima do conhecimento possa ser produzida durante esse encontro que transforma estranhos em parceiros de uma troca”.

Recebi alguns retornos nesse momento, no entanto, foi necessário realizar uma nova chamada para a participação na pesquisa via redes sociais de maneira a conseguir realizar as 10 entrevistas pretendidas. Oito entrevistas foram realizadas de maneira remota (*online*), uma de maneira presencial e uma entrevista foi realizada de forma mista, escrita e por meio de áudios, por opção da participante. O roteiro que guiou as entrevistas era composto de 20 questões. Todas entrevistas foram gravadas e, então, transcritas. Os áudios resultantes das entrevistas foram arquivados sob a guarda da pesquisadora responsável e do professor orientador desta pesquisa na sala do GEERGE (Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero), na Faculdade de Educação da UFRGS, pelo período de 5 anos e depois destruídos. Ao total foram gravados cerca de 260 minutos de entrevistas. A entrevista mais curta teve duração de 12 minutos e 34 segundos e a mais longa de 33 minutos e 34 segundos. Destaco que a pesquisa foi inscrita na Plataforma Brasil e aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFRGS com número CAAE 46083621.5.0000.5347

### **Análise de dados**

A análise dos dados coletados com os questionários foi realizada a partir quantificação dos mesmos segundo eixos temáticos que tem se mostrado pertinentes em estudos que versam sobre pornografia e juventudes. Destacam-se como eixos temáticos importantes: modos de acesso à Internet, percepção sobre o acesso a pornografia, forma, frequência, intencionalidade e motivação do contato, percepção sobre o realismo e grau de violência dos materiais pornográficos, impacto da utilização de materiais pornográficos, autoprodução de materiais sexualmente explícitos, relação entre escola e temas relacionados a gênero e sexualidade. Tais eixos foram, posteriormente, cruzados com as informações demográficas coletadas no questionário de maneira a se estabelecer um panorama mais detalhado sobre o tema. Este movimento resultou na produção de cerca de cento e dois gráficos, divididos em nove categorias distintas (Gerais, Acesso, Raça/Cor, Ensino, Pertencimento Religioso, Orientação Sexual, Idade, Gênero, Demográficos). Muitos destes aparecem ao longo do trabalho, outros são apenas citados. Em relação as entrevistas, as mesmas foram gravadas, transcritas, codificadas e categorizadas por temas de interesse. A validação dos dados obtidos foi feita a partir da comparação dos dois momentos empíricos da pesquisa entre si, questionários e entrevistas, e através comparação destes dados com aqueles produzidos via a análise das revisões de conteúdo e em relação a outras pesquisas e conceitos pertinentes ao campo.

## Parte 4- Tecnicidades e Pedagogias Culturais: web 2.0 e os novos espaços de aprendizagem

A noção básica de que determinadas manifestações culturais podem contribuir para constituição de subjetividades e identidades junto a determinado grupo social serve como premissa para muitos dos estudos que têm sido conduzidos em uma grande área derivada dos EC, muitas vezes referenciada através do termo pedagogias culturais. Como já apontado por autoras importantes da área (Shirley STEINBERG, 2011), tal termo tem operado como um guarda-chuva abrigando estudos que partem do princípio de que a educação ocorre em uma variedade de lugares sociais, incluindo, mas não limitada, à escola. Muitos pesquisadores têm optado, desta forma, por analisar outros espaços, que não as instituições escolares, que operam como produtores de conhecimento.

A própria noção de espaço aqui deve ser entendida em um sentido amplo. Elizabeth Ellsworth é uma das autoras que se dedica a analisar as possibilidades de aprendizagem em outras instituições fisicamente constituídas que não a escola, como o Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. Ela propõe também uma análise dos efeitos pedagógicos de eventos públicos e de arte performática, encarados, em sua perspectiva, também como locais de aprendizagem.

Outras autoras também tomam a ideia de espaço em um sentido mais abstrato, não conformado por barreiras físicas; buscam, desta forma, analisar as pedagogias produzidas pelo discurso publicitário, caso de Ruth Sabat<sup>94</sup>. Ou, adotando uma perspectiva ainda mais ampla, buscam averiguar de que maneira a cultura de consumo infantil vincula determinados saberes pedagógicos, caso de Shirley Steinberg. Esta última (STEINBERG, 2011) reforça que os *insights* produzidos pelos EC têm sido importantes na instrumentalização dos pesquisadores que se dedicam a examinar os efeitos das pedagogias culturais e que buscam compreender como constitui-se um currículo cultural, que, entre outras coisas, possui grande importância nos processos de formação de identidades e legitimação de saberes e conhecimentos entre crianças e jovens.

Muitos dos debates marcantes dos EC estão, desta forma, também presentes nas pesquisas que dedicam a analisar as pedagogias culturais. A definição que Shirley

---

<sup>94</sup> Ver: SABAT, Ruth "Pedagogia cultural, gênero e sexualidade." *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, p. 4-21, 2001.

Steinberg oferece sobre o que seriam lugares pedagógicos retoma muitos dos principais pontos que já abordei sobre os EC: “Lugares pedagógicos são aqueles lugares em que o poder é organizado e implantado, incluindo bibliotecas, TV, filmes, jornais, revistas, brinquedos, anúncios, videogames, livros, esportes, etc...” (STEINBERG, 2011, p. 17<sup>95</sup>) Segundo Sabat (2001) determinados artefatos culturais, como a publicidade, por exemplo, tanto seduzem para o consumo, como constituem-se como pedagogias e currículos culturais, ao produzirem valores e saberes e ao regularem condutas e modos de ser.

Torna-se necessário destacar aqui que não existe uma avaliação moral intrínseca ao conceito de pedagogia cultural ou à noção expandida de locais de aprendizagem. Desta forma, autores como Shirley Steinberg, Joe Kincheloe e Henry Giroux<sup>96</sup> tendem a realizar uma leitura crítica dos artefatos aos quais dedicam seus estudos, essencialmente ligados ao que chamam de cultura de consumo infantil. Apontam em suas análises o reforço que estes artefatos culturais realizam das normas existentes em sociedade no que tange às questões de gênero, de classe e étnicas. Elizabeth Ellsworth, por sua vez, parte de uma concepção positiva dos lugares de aprendizagem que propõe analisar em sua pesquisa:

[...] os lugares anômalos de aprendizagem que consideraremos aqui se recusam a ser contidos por uma compreensão de pedagogia como a mera construção ou representação de objetos (por exemplo, conceitos, corpos de conhecimento, currículo, eventos no mundo) para sujeitos (alunos) (ELLSWORTH, 2005, p.7<sup>97</sup>)

Ela classifica-os como lugares anômalos de aprendizagem para enfatizar que estes encontram-se à margem dos discursos pedagógicos, especialmente quando tomamos como centro os discursos tradicionais sobre aquisição de conhecimento. A autora propõe a análise de experiências pedagógicas que não privilegiem a linguagem em oposição à sensação e que retomem os aspectos corporais dos processos de aprendizagem.

Os debates que marcaram muitas das discussões mais importantes dos EC sobre a relação entre economia e cultura e a forma como artefatos culturais são recebidos pelas audiências estarão também presentes nas análises que se dedicam a pensar as diferentes

---

<sup>95</sup> Tradução própria. No original: “Pedagogical sites are those places where power is organized and deployed including libraries, TV, movies, newspapers, magazines, toys, advertisements, video games, books, sports, etc”

<sup>96</sup> Ver: STEINBERG, Shirley R. (Ed.), **Kinderculture: The Corporate Construction of Childhood**. USA: Westview Press, 2011.

<sup>97</sup> Tradução própria. No original: “[...] the anomalous places of learning that we will consider here refuse to be contained by an understanding of pedagogy as the mere construction or representation of objects (for example, concepts, bodies of knowledge, curriculum, events in the world) for or to subjects (learners).”

pedagogias culturais. Surge novamente como fundamental para os debates sobre o tema uma investigação de como o poder é organizado e implementado em determinados espaços sociais. De especial importância para este trabalho, é o debate sobre a capacidade de agência dos sujeitos frente a estruturas que tendem a apresentar-se como totalizantes. Esta é uma discussão mais ampla que possui profundas raízes nos debates feministas e em debates que versam, de maneira ampla, sobre questões ideológicas. Havendo ainda uma tendência de complexificação da questão quando tomamos como ponto de partida a apropriação de materiais culturais midiáticos por parte de jovens ou crianças.

O paradigma positivista sobre infância/juventude tende a reforçar a passividade dos jovens e sua incapacidade para lidar com informações que pertenceriam ao “mundo adulto”. Tal perspectiva tende a alimentar determinadas formulações que instigam pânico morais que passam a ser combustível para surgimento de políticas públicas marcadas pelos diversos tipos de conservadorismos; passam a afirmar que as crianças devem ser protegidas e elegem como inimigos da infância comportamentos e manifestações culturais que não reflitam a norma desejada.

Parto do pressuposto teórico-ético de que os jovens são capazes, especialmente quando auxiliados, de desenvolver habilidades para analisar, criticar e melhorar sua posição no mundo. Isto não implica em uma desproblematização sobre o modo como determinados artefatos culturais, em especial aqueles ligados ao campo da sexualidade e que vinculam noções de gênero problemáticas, são produzidos e apropriados por jovens. Neste sentido, Shirley Steinberg defende a não existência de uma diferença tão grande em relação a como as estruturas e as relações de poder atuam nas crianças e jovens e nos adultos. A autora sustenta que da mesma forma que um adulto, uma criança pode, de maneira concomitante, ser explorada pelas estruturas e possuir agência:

Como em qualquer situação sociopolítica com o potencial para exploração hegemônica ou ideológica, crianças (ou adultos) podem aprender a ser mais sensíveis às maneiras como ocorre tal exploração concomitantemente desenvolvem estratégias para evitá-la<sup>98</sup>. (STEINBERG, 2011. p. 11)

Jane Felipe, estudiosa de muitas das questões expostas acima a partir da realidade brasileira sob uma perspectiva de gênero, também parte do entendimento ampliado das noções de lugares de aprendizagem e da crença na capacidade de crianças e jovens

---

<sup>98</sup> Tradução nossa. No original: “As in any sociopolitical situation with the potential for hegemonic and ideological exploitation, children (or adults) can learn to be more sensitive to the ways exploitation takes place while developing strategies for avoiding it.”

desenvolverem compreensões mais apuradas sobre a forma como os diferentes discursos buscam produzir diferentes identidades, com ênfase nas identidades sexuais.

A partir da compreensão de que a educação acontece numa variedade de locais sociais, além do espaço escolar, e que as pedagogias culturais produzem conhecimentos e ensinam modos de ser e estar no mundo, defendo a importância de ampliarmos tal discussão no âmbito da escola (especialmente na formação de professores/as), bem como em várias áreas do conhecimento que, de uma forma ou de outra, se deparam com questões em torno da sexualidade e das relações de gênero, pois estas são compostas de relações de poder. Crianças, adolescentes, jovens e adultos podem ser desafiados a pensar nas formas como os sujeitos estão sendo produzidos, como suas identidades, inclusive as sexuais, não se constituindo a partir de diferentes discursos. (FELIPE, 2006, p.222)

Tal debate reverbera discussões fundamentais do feminismo, em especial no que tange à questão pornográfica. Muitas pensadoras feministas apontam para o potencial silenciador do discurso pornográfico. Neste sentido, defendem outras estratégias de combate a tal discurso, que não podem limitar-se à educação crítica.

A compreensão ampliada do conceito de cultura, promovida pelos EC, e da noção de pedagogia cultural, desenvolvida no lastro dos EC, levaram diversos pesquisadores, principalmente das áreas da Educação e Comunicação, a defender a importância da constituição de programas de Alfabetização midiática ou de Educação para os meios como forma de desenvolver o entendimento crítico em crianças e adolescentes sobre como opera a cultura de mídia na contemporaneidade.

Neste momento, apresento alguns pontos que julgo mais relevantes sobre o debate educacional em torno das propostas de educação para os meios ou de alfabetização midiática, bem como uma caracterização crítica do universo da Web 2.0. Tal caracterização é essencial para compreensão de postos-chaves da inserção da pornografia na Internet.

Em um artigo intitulado “**Precisamos realmente de educação para os meios?**” David Buckingham (2012) retoma aspectos importantes do debate sobre o conteúdo e a forma do que tem sido ensinado no Reino Unido nas escolas de educação básica no componente curricular de Educação para os meios. Importante ressaltar que a Educação para os meios é um componente curricular relativamente consolidado no Reino Unido, sendo ofertado a mais de setenta anos, para jovens acima de catorze anos. Segundo Buckingham (2012), as habilidades desenvolvidas neste componente curricular sempre estiveram tanto relacionadas à criatividade, a produção de mídias, quanto à crítica, isto é,

como analisar a mídia e desenvolver uma apropriação crítica do que é veiculado nas diferentes plataformas midiáticas.

No entanto, o desenvolvimento tecnológico, em especial aquele ligado ao que se consolidou chamar de Web 2.0, tem levado especialistas da área a defender uma mudança radical no conteúdo e formato do que é ensinado na Educação para os meios no Reino Unido. Primeiramente é necessário ressaltar que existem diversas disputas em torno dos termos Web 1.0 e Web 2.0 e de como devem ser caracterizados estes dois momentos do desenvolvimento tecnológico. Já havendo autores que indicam a existência de um momento mais contemporâneo das mídias, que leva o nome, pouco original, de Web 3.0. No entanto, não entrarei em mais essa diferenciação.

A explicitação do que seria a Web 2.0 foi proposta inicialmente (2005) por Tim O'Reilly<sup>99</sup> e seus colaboradores ligados a empresas de marketing digital e desde então diversos autores buscam articular uma caracterização própria. Fundamental notar que não há uma grande mudança nas tecnologias que estruturam a Web 1.0 e a Web 2.0, a ênfase aqui está no uso e no modo como a tecnologia ganha significado na cultura:

[...] falar em web 2.0, então, é proceder, antes de tudo, a uma historicização dos acontecimentos tecnológicos e das práticas daí decorrentes. É refletir sobre a criação de um discurso e não apenas da tecnologia em si. (CAROLINA PARREIRAS, 2015, p. 28-29).

Buckingham defende ao longo do artigo acima citado que é um erro recairmos em uma compreensão binária dos modelos de mídia, em especial a que tende a opor frontalmente a Web 1.0 à Web 2.0. Tendo tais pontos em mente, me volto agora a uma caracterização inicial do que seria a Web 1.0 e a Web 2.0.

As mídias 1.0 seriam características de um momento da Internet marcado pela existência de uma hierarquia óbvia na produção e distribuição de conteúdos on-line: “há um grupo de pessoas que produzem sites, programas, aplicativos e uma grande massa de consumidores.” (PARREIRAS, 2015, p. 24) Tais conteúdos eram disponibilizados via as empresas “ponto.com”. O produto padrão da Web 1.0, segundo O'Reilly<sup>100</sup> (2005), seria

---

<sup>99</sup> Ver O'REILLY, Tim. **What is Web 2.0? Design patterns and business models for the next generation of software** 2005. Disponível em: <https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html> Acesso 20/02/2023

<sup>100</sup> Ibidem

o Netscape, web browser construído no velho paradigma de software, como um produto pronto a ser vendido, de maneira não muito distinta a como adquiriríamos outros produtos.

O desaparecimento do uso Netscape, em 2002, coincide com desenvolvimento da lógica da Web 2.0, marcada por uma transformação nas próprias categorias de produtores e consumidores. No universo das mídias 2.0, todos os usuários têm potencial para ocuparem os polos de produção e de consumo. Ao ponto destes termos passarem a ser relativizados, com o surgimento de termos como “*prosumer*”<sup>101</sup>, acrônimo que mescla em inglês os termos produtor e consumidor (produsadores). Segundo Carolina Parreira, o pornô amador torna-se um dos símbolos das mídias 2.0:

Com uma web cada vez mais colaborativa e repleta de conteúdos gerados pelos usuários, há uma implosão de consumo e produção como esferas separadas. Os maiores e mais bem sucedidos exemplos de consumidores colocados para trabalhar e virando *prosumers* seriam a pornografia amadora e os reality shows. (PAREIRRA, 2015, p. 25)

O Google tornar-se-ia o maior exemplo, segundo O’Reilly, das ideias da Web 2.0 postas em prática. Nunca vendido como um produto finalizado, é apresentado como um serviço, pelo qual as pessoas pagam, direta ou indiretamente. A lógica de “custo-por clique” torna-se preponderante à de número de acessos ou *pageviews*. Outro marco que caracteriza o universo da Web 2.0 é o surgimento dos wikis, páginas web cujos conteúdos podem ser editados por múltiplos utilizadores através de qualquer navegador. As wikis, assim com a Web 2.0 como um todo, são caracterizadas pela participação e pela ampliação da noção de comunidade, havendo uma tendência para que se formem comunidades on-line em torno da execução coletiva de uma wiki.

Além da já citada tendência a fusão das noções de produção e consumo, é possível citar como características da Web 2.0: uma mudança de atitude em relação à propriedade intelectual, a forte presença de redes sociais virtuais (OSNs- on-line social networks) e a inexistência de preponderância de um meio de acesso às mídias sobre o outro. Com um predomínio da noção de convergência, que exploramos a seguir.

Segundo Buckingham, existiria uma tendência a compreensão do modelo Web 2.0 como mais democrático e participativo, dado que, em princípio, todos com acesso à tecnologia podem produzir e consumir conteúdos. Tal tendência seria afirmada através

---

<sup>101</sup> Ver RITZER, George & JURGENSON, Nathan. “Production, consumption, presumption. The nature of capitalism in the age of digital ‘prosumer’”. In: **Journal of Consumer Culture**, nº 10 (11), 2010.

da propagação da “ideologia californiana”, expressão utilizada inicialmente por Richard Barbrook e Andy Cameron<sup>102</sup> (1996), mas retomada pelo autor para se referir a:

[...] uma espécie de libertarianismo cibernético populista que afirma que, de algum modo, as pessoas comuns ganharão poder por meio da tecnologia e que as mídias digitais serão inerentemente emancipadoras e contraculturais. (BUCKINGHAM, 2012, p. 45)

Esta perspectiva positiva do desenvolvimento de novas formas de comunicação a partir do modelo Web 2.0 é, muitas vezes, seguida por afirmações que, explícita ou implicitamente, envolvem a noção de “geração digital”, isto é, a crença de que os jovens, já nascidos no universo da Web 2.0, são automaticamente hábeis em tecnologias ou letrados em mídias (BUCKINGHAM, 2012). Enfoca-se nesta visão uma grande ruptura geracional, marcada pela habilidade em lidar com as novas tecnologias, tanto no que tange a produção quanto o consumo.

Outros dois conceitos fundamentais para compreendermos os principais debates que cercam a Web 2.0 são: convergência dos meios e cultura participativa. A opção de Henry Jenkins de falar sobre tecnologia a partir do signo da cultura é significativa e estará relacionada à forma como este autor encara os desafios do ensino de educação para as mídias no século 21. Ao falar em cultura de convergência, Jenkins refere-se

[...] ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2009, p. 29)

O argumento central do autor é de que a convergência deve ser lida muito mais como estando ligada às transformações culturais do que ao desenvolvimento de um processo tecnológico. Desta forma, Jenkins destaca que a convergência não deve ser buscada em aparelhos, pois “ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros” (JENKINS, p. 2009, p. 30). A noção de cultura participativa, por sua vez, está relacionada ao rompimento com um esquema interpretativo que vê a passividade como principal marca dos espectadores dos meios de comunicação. Desta forma, para Jenkins, é preciso repensar a noção de produtores e consumidores de mídia. Se em versões mais antigas dos estudos de mídia, produtores e consumidores eram pensados como representando dois polos do processo comunicativo, agora, para Jenkins, é necessário “considerá-los, como participantes interagindo de

---

<sup>102</sup> BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. The Californian ideology. In. **Science as Culture** 6.1 (1996): 44-72.

acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo.” (JENKINS, 2009, p. 30)

No entanto, o autor faz a ressalva de que não devemos equalizar o poder de atuação dos diferentes participantes da cultura de participativa. Além dos consumidores possuírem diferentes habilidades para participar desta cultura, é necessário notar a existência das corporações que “ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores” (JENKINS, 2009, p. 30).

A escolha do autor em utilizar o termo participação ao invés de interatividade está relacionada à ênfase no aspecto cultural das transformações tecnológicas. Participação seria uma propriedade da cultura ao passo que interatividade seria uma propriedade puramente tecnológica. A análise da cultura participativa deve ser realizada, na perspectiva do autor, através de uma abordagem ecológica; que reflita sobre o que a cultura faz com as ferramentas tecnológicas disponíveis; e que se dedique a pensar sobre a interrelação entre as diferentes formas de tecnologia, as comunidades culturais que crescem em torno destas e as atividades que elas sustentam (JENKINS et al., 2006). Desta forma, o autor elenca cinco características básicas do que seria a cultura participativa<sup>103</sup>:

Uma cultura participativa é uma cultura com barreiras relativamente baixas à expressão artística e ao engajamento cívico, com forte apoio para criar e compartilhar suas criações e com algum tipo de orientação informal pela qual o que é conhecido pelos mais experientes é repassado aos iniciantes. Uma cultura participativa também é aquela em que os membros acreditam que suas contribuições são importantes e sentem algum grau de conexão social entre si (pelo menos eles se importam com o que as outras pessoas pensam sobre o que criaram). (JENKINS et al., 2006, p. 3<sup>104</sup>)

Os princípios explicitados pela da Web 2.0 e pela cultura participativa foram incorporados pelos sites da web de conteúdo adulto e deram origem ao que alguns autores classificam como Pornô 2.0<sup>105</sup>. Sites pornográficos passaram a incorporar dois pontos fundamentais da Web 2.0: a possibilidade de criação e compartilhamento de mídias. O

<sup>103</sup> Exemplo de ação típica da cultura participativa poderia ser a “trolagem” feita pelos fãs de K-pop a campanha presidência de Donald Trump: BALBI, Clara; PERASSOLO, João; BRÊDA, Lucas. **K-pop deixa lado fofinho e ganha viés militante ao ajudar o Black Lives Matter**. Folha de São Paulo, junho 2020. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/k-pop-deixa-lado-fofinho-e-ganha-vies-militante-ao-ajudar-o-black-lives-matter.shtml> Acesso 20/02/2023

<sup>104</sup> Tradução própria. No original: “A participatory culture is a culture with relatively low barriers to artistic expression and civic engagement, strong support for creating and sharing one’s creations, and some type of informal mentorship whereby what is known by the most experienced is passed along to novices. A participatory culture is also one in which members believe their contributions matter, and feel some degree of social connection with one another (at the least they care what other people think about what they have created).”

<sup>105</sup> Ver TYSON, Gareth, et al. Are People Really Social on Porn 2.0? In **ICWSM**, 236–444, 2015.

site que provavelmente melhor desenvolveu tais ferramentas para o universo pornográfico foi o *pornhub.com*, um dos mais populares sites de acesso a pornografia on-line. Desta forma, o *pornhub.com* não apenas criou ferramentas de compartilhamento, como desenvolveu a criação de uma rede social on-line (OSN) própria, que incorpora as principais características de outras redes sociais existentes on-line:

“O Pornhub incorpora algumas das características mais sofisticadas das redes sociais, incluindo a possibilidade de se formarem amizades, subir e compartilhar conteúdo, enviar mensagens e postar nos ‘muraís’ de outros usuários<sup>106</sup>” (Gareth TYSON et al., 2015, p. 436).

Desta forma, a criação de comunidades e das lógicas próprias<sup>107</sup> a tais comunidades também passa a ocorrer no universo da pornografia on-line. O compartilhamento de mídias torna-se, neste cenário, um catalizador de relações sociais on-line. Tyson e seu colaboradores notaram uma correlação positiva entre a quantidade de conteúdo enviado ao site do *pornhub.com* por partes dos usuários e o número de relações, dentro do site, criadas. Confirmando que a troca de mídias cumpre um papel fundamental de socialização nas redes sociais.

No entanto, mesmo havendo um forte estímulo social para que os usuários enviem conteúdos, os pesquisadores citados acima (TYSON et al., 2015) notaram que 80% dos usuários não enviam nenhum objeto de mídia, foto ou vídeo, ao site. Indicando que, ao menos para este caso específico, a maioria dos usuários segue atuando como meros consumidores. Retomarei tal debate, sobre produção e consumo de pornografia no universo da Web 2.0, mais adiante. No entanto, cabe notar que a ideia de que a Web 2.0 romperia a distinção entre produtores e consumidores de conteúdo é já relativizada por alguns autores.

Desta forma, David Buckingham, por exemplo, partilha de muitas das afirmações de Henry Jenkins, porém tende a enfatizar aspectos “tradicionais” das novas mídias. Afirma que não parece haver um movimento de democratização na participação da produção de mídias, pois são poucos os usuários que produzem, de fato, conteúdo. A Web 2.0 seria ainda essencialmente marcada, portanto, para este autor, pelo “consumo” de conteúdo, da mesma forma que ocorria com outras plataformas midiáticas. De fato,

---

<sup>106</sup> Tradução própria. No original: “PornHub incorporates some of the most sophisticated social networking features seen in the domain, including the ability to form friendships, upload and share content, send messages and post on each other’s ‘walls’”.

<sup>107</sup> Para uma verificação da forma como gênero e sexualidade impactam o comportamento de distintos grupos sociais em uma rede social pornográfica 2.0 ver o artigo mencionado acima.

Buckingham aponta para o potencial da Web 2.0 acentuar desigualdades, ao mesmo tempo em que há uma promoção do ideário de controle total das audiências sobre o que é produzido. Tal ideário é propagado em parte por grandes corporações e magnatas da indústria, como Rupert Murdoch: “A tecnologia está tirando o poder dos editores, das casas de publicações, dos grupos dominantes da sociedade, da elite da mídia... agora é o público que está no controle” (Apud Buckingham, 2012, p. 48).

No entanto, existem ainda muitas disputas em torno da propriedade de conteúdos disponibilizados on-line por meio de grandes plataformas de mídia (*Vimeo, Youtube, Facebook, Instagram, Pornhube, Redtube, Xvideos...*). O controle corporativo do que é produzido por usuários não remunerados é intitulado de “conteúdo gerado pelo perdedor” e aponta para esta tendência de corporações monopolizarem grandes quantidades de dados produzidos por indivíduos que não possuem nenhuma relação formal com tais conglomerados. A remuneração pela postagem de vídeos nestes grandes portais é muitas vezes inexistente, por vezes ocorre através da liberação de acesso dentro do próprio site à conteúdos premium ou, por vezes, há uma remuneração ligada aos anúncios presentes no site.

No caso dos portais que disponibilizam vídeos pornográficos pela Internet, a discussão torna-se mais profunda, pois pode envolver a disponibilização de conteúdos sem o consentimento de todos os envolvidos nas filmagens ou produzidos a partir de situações de abuso, ou, ainda, que envolvam menores de idade<sup>108</sup>. O número de relatos de mulheres que embarcam em uma disputa quase que kafkiana<sup>109</sup> para que vídeos seus sejam retirados da Internet tem chamado a atenção da grande mídia, fazendo-se necessário pensarmos de forma mais crítica os processos de produção, distribuição e consumo no universo da Web 2.0. A áurea democrática da Web 2.0 está relacionada, portanto, à compreensão da tecnologia como isolada de outras variáveis. Shirley Steinberg aponta para a necessidade de compreender a tecnologia como uma força estrutural em interação com outros contextos, culturais e sociais, e agentes individuais.

---

<sup>108</sup> KRISTOF, Nicholas **The Children of Pornhub: Why Does Canada Allow This Company to Profit Off Videos of Exploitation and Assault?**, N.Y. TIMES (Dez. 4, 2020) Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/12/04/opinion/sunday/pornhub-rape-trafficking.html> Acesso 20/02/2023

<sup>109</sup> A grande frequência com que tais relatos surgem na mídia, levou também a um aumento de reportagens e tutoriais que indicam maneiras mais “seguras” de compartilhar conteúdo erótico sem o risco do mesmo ser compartilhado como pornografia. Ver: SILVA, Christianna. **How to send nudes without putting your privacy at risk**. Mtv, 26/03/2020. Disponível em: <http://www.mtv.com/news/3161353/send-nudes-without-risking-data-privacy/> Acesso 20/02/2023

Tanto para Buckingham quanto para Jenkins é necessário apontar para as diversidades e desigualdades existentes nas experiências dos jovens no que tange a utilização da Web 2.0. Jenkins e sua equipe de colaboradores desenvolveram importantes reflexões teóricas e recomendações práticas sobre a Educação para os meios na atualidade. Em uma publicação intitulada “**Confronting the Challenges of Participatory Culture: Media Education of the 21 st Century**”<sup>110</sup> apontam para três preocupações básicas que envolvem a cultura participativa: “O hiato de participação”, “O problema da transparência” e “O desafio ético”. As três formulações abordam questões importantes para o desenvolvimento do presente trabalho. No entanto, os dois últimos pontos, em específico, introduzem debates sobre os quais me deterei de maneira mais prolongada.

O “hiato de participação” diz respeito basicamente às desigualdades que cercam o consumo e a produção de mídias, tanto em termos materiais, quanto principalmente em relação ao “acesso desigual às oportunidades, experiências, habilidades e conhecimentos que irão preparar a juventude para uma ampla participação no mundo de amanhã” (JENKINS et al., 2006, p.3<sup>111</sup>) Caberia às instituições escolares fornecer tanto os meios materiais que minimamente equalizam o acesso às tecnologias disponíveis, quanto desenvolver as habilidades, técnicas e sociais, para a utilização das ferramentas tecnológicas de forma eficiente.

As questões levantadas pelo que os autores conceitualizam como “O problema da transparência” e “O desafio ético” estão, por sua vez, interligadas. A questão da transparência traz à tona as formas como as pessoas jovens percebem a capacidade das mídias em moldar suas percepções sobre o mundo. Contrariando uma versão liberal da utilização das mídias, que assume que os jovens estão ativamente refletindo sobre suas experiências com a mídia e podem, portanto, desenvolver habilidades sociais para ler as mídias através da interação com a cultura popular participativa, os autores defendem que existe uma limitação dos jovens em examinar as mídias por si próprios de maneira não orientada.

---

<sup>110</sup> JENKINS, Henry; CLINTON, Katie; PURUSHOTMA, Ravi; ROBISON, Alice,J. e WEIGEL, Margaret. **Confronting the challenges of participatory culture: Media education for the 21st century**. MacArthur Foundation, 2006. Disponível em: [https://www.macfound.org/media/article\\_pdfs/JENKINS\\_WHITE\\_PAPER.PDF](https://www.macfound.org/media/article_pdfs/JENKINS_WHITE_PAPER.PDF) Acesso em: 20/02/2023

<sup>111</sup> Tradução Nossa. No original: “the unequal access to the opportunities, experiences, skills, and knowledge that will prepare youth for full participation in the world of tomorrow.”

Afirmam que existe uma diferença entre compreender e dominar o conteúdo e as regras de um jogo e compreender como tais regras e conteúdo estruturam nossa percepção da realidade. (JENKINS et al., 2006) Partem das pesquisas de diversos autores sobre a utilização pedagógica de games e apontam para algumas tendências: jovens tendem a assumir que todas as informações apresentadas nos jogos, especialmente os que possuem um fundo histórico como cenário, são verdadeiras; os elementos de design e formato são mais determinante para credibilidade de informações de sites da Internet do questões de conteúdo; jovens têm encontrando dificuldades em separar conteúdos comerciais de não comerciais em ambientes online.

A linha que separa produtores e consumidores de mídias é, no contexto da cultura participativa, muito tênue e facilmente transpassada, tal elemento tende a tornar mais complexo o processo de análise crítica da mídia, pois as comunidades bem estabelecidas de pares de especialistas que outrora determinavam o que tinha valor em um campo tornam-se diluídas no universo da convergência.

As questões levantadas pelo “Desafio Ético” apontam para a inexistência de parâmetros éticos no mundo cyber, onde identidades são apenas pressupostas e as ações e afirmações ou possuem um alto grau de dificuldade na determinação do seu valor verdade ou são ficcionais, desenhadas para permitirem uma imersão mais completa em universos de fantasia.

Os parâmetros que outrora guiavam comunidades de produtores de mídia, como jornalistas, por exemplo, não se aplicariam mais para o universo das experiências on-line. Havendo uma tendência para que as comunidades específicas dentro do universo da Web 2.0 constituam seus próprios parâmetros éticos e para que “[...] os participantes [nestes mundos virtuais] compreendam as mesmas experiências em termos muito diferentes e sigam normas éticas também diferentes enquanto se enfrentam uns aos outros.” (JENKINS et al., 2006, p. 17<sup>112</sup>)

Tanto os elementos colocados pelo “Problema da transparência” quanto pelo “Desafio ético” indicam a necessidade de os programas de Educação para os meios/Alfabetização midiática adotarem uma perspectiva que encare o desenvolvimento de habilidades sociais para a utilização das mídias, seja para consumo ou para produção,

---

<sup>112</sup> Tradução nossa. No original: “[...] that participants in these worlds understand the same experiences in very different terms and follow different ethical norms as they face off against each other”

com a mesma ou maior relevância do que o desenvolvimento de habilidades que poderiam ser consideradas técnicas. Deveria, desta forma, ser um dos objetivos fundamentais de tais programas “[...] encorajar aos jovens a se tornarem pessoas mais reflexivas sobre as escolhas éticas que realizam como participantes e comunicadores e o impacto que possuem sobre outras pessoas” (JENKINS et al., 2006, p. 17<sup>113</sup>).

Tal reflexão passa necessariamente por uma compreensão mais elaborada de como as mídias operam tanto no processo de constituições de percepções de mundo, mas também quais as dinâmicas de poder e interesses são sustentadas por conglomerados de mídia, em sua versão Web 2.0. Magaly Prado no livro **“Fake News e inteligência artificial: o poder dos algoritmos na guerra da desinformação”** aborda muitas das questões já levantadas aqui e parte do contexto brasileiro para procurar destrinchar a forma como *fakes news* e a cultura algorítmica do qual fazem parte, passam ser parte constitutiva do *zeitgeist* da forma de se fazer política na atualidade. A autora aponta como fundamental para o momento histórico que vivemos que:

É preciso investir em uma ampla educação midiática democrática, ou aprendizagem de mídia ou media literacy, seja o nome que for, para que *pari passu* desde crianças comecem a saber diferenciar o que é verdadeiro ou falso, envolvendo espírito crítico para desconfiar do que lhes é facilmente oferecido tanto na circulação quanto no bloqueio ao acesso à informação. Destarte, guias e manuais estão disponíveis mundo afora. Precisamos enganar os algoritmos, praticar o desaprendizado de máquina. Não aceitar facilmente suas recomendações, fazer coisas que, normalmente, não faríamos para tentar confundi-los para que percam força. (PRADO, 2022, p. 394)

Ainda referente ao contexto brasileiro, é preciso apontar a existência, desde 2011, do curso em Licenciatura em Educomunicação, na USP. A possibilidade de tal formação surge em resposta ao contexto acima delineado:

Num contexto em que a presença e a importância do digital na sociedade tornam-se cada vez maiores, é importante que o indivíduo não só aprenda a fazer uma leitura crítica da mídia, mas que também seja capaz de se expressar e se posicionar por meio dessas ferramentas. O educador surge, neste cenário, como um professor de comunicações, apto a encontrar soluções criativas que melhorem os processos educativos, sejam eles formais (escolas), não formais (desenvolvidos por organizações sociais) ou informais (implementados pelos meios de comunicação voltados para educação e cultura) (Escola de Comunicação e Artes- USP)

Como apontado por Prado acima, as interfaces dadas aos campos da Comunicação e Educação podem receber diversas nomenclaturas, o fundamental, no entanto, é notar a

---

<sup>113</sup> Tradução nossa. No original: “[...] to encourage young people to become more reflective about the ethical choices they make as participants and communicators and the impact they have on others.”

já existência de diversas propostas práticas para o contexto nacional de aplicação dos preceitos básicos mencionados até aqui. Não localizei, ao longo do processo de pesquisa, nenhuma proposta nacional de educação para os meios que tomasse as representações pornográficas acessadas on-line como objeto de intervenção. As propostas localizadas de *porn literacy*<sup>114</sup>, umas das quais será apresentada na sequência, dizem respeito em especial ao contexto de países de fala inglesa. No entanto, diversas são as iniciativas<sup>115</sup> nacionais de se trabalhar questões de gênero e sexualidade sobre a perspectiva educacional. Com autoras (Cláudia LAGO, Cláudia NONATO, Ferdinando MARTINS, 2019) importantes do campo indicando que os estudos de gênero, interseccionalidade e performance podem e devem ser pensados sob uma perspectiva educacional.

Torna-se um ponto de convergência importante entre as diversas autoras e autores até o momento citados, o reconhecimento de que a crítica aos meios ganhou uma fundamentalidade nova em um contexto de expansão de bens de entretenimento e de novas possibilidades de produção e consumo de mídias. A participação mais igualitária nos processos envolvidos pela utilização da Web 2.0 não envolveria, desta forma, como muitos defendem, apenas a proliferação do acesso a equipamentos, mas sim, essencialmente, o desenvolvimento de habilidades e competências culturais e sociais.

Desta forma para Steinberg, seria tarefa fundamental da Alfabetização midiática nas escolas desenvolver não apenas a capacidade dos alunos em interpretar significados da mídia, mas também a compreensão de como eles próprios consomem e estão afetivamente envolvidos na mídia. Buckingham também aponta para necessidade da atividade de fazer e apropriar-se de as mídias estar acompanhada por análises e conceitualizações teóricas. A Educação para os Meios não deveria, portanto, abandonar a tarefa de fornecer um entendimento mais amplo das dimensões econômicas, sociais e culturais da mídia; da mesma maneira, aponta o autor, deveria adotar uma posição mais forte e crítica em relação à celebração da tecnologia.

---

<sup>114</sup>Ver EUA: <https://sites.bu.edu/rothmanlab/porn-literacy/>, Canada: <https://teenhealthsource.com/sex/porn-literacy/>, Austrália: <https://itstimewetalked.com/in-the-picture/>

<sup>115</sup> Para uma compreensão das diversas possibilidades de aplicação e intervenção do campo da Educomunicação, ver: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017.

Tais colocações devem ser levadas em consideração também ao se observar a forte presença de conteúdos pornográficos nos ambientes da Web 2.0. A iniciativa do programa piloto intitulado **“A verdade sobre a pornografia: um currículo de alfabetização pornográfica para estudantes do ensino médio projetado para reduzir a violência sexual e em relacionamentos”**<sup>116</sup> na cidade de Boston (EUA), financiado pela agência pública de saúde da cidade, surgiu em resposta a este cenário de proliferação de conteúdos sexualmente explícitos à disposição de jovens e partiu de muitas das noções que embasam as discussões sobre Alfabetização midiática/Educação para os meios. Essencialmente o programa visava problematizar a forma como questões de gênero perpassavam a produção, a veiculação e apropriação de materiais pornográficos por jovens.

O programa transcorreu nos anos de 2016-2017 e teve como público total cerca de 27 alunos, com idades entre 15 e 24 anos, selecionados de diferentes instituições de ensino da cidade. A aplicação do projeto ocorreu em três grupos e em momentos distintos, ao longo do período citado. O currículo do projeto piloto foi aplicado em 5 sessões através de discussões em grupo, *role-playing* e outros exercícios. Os encontros tinham duração de 90 a 120 min e tiveram lugar principalmente no departamento de saúde pública da cidade de Boston. O projeto foi fruto das pesquisas de Emily Rothman, professora associada da Universidade de Boston de Saúde Pública, sobre relacionamentos violentos e utilização de pornografia por adolescentes.

O objetivo do programa não foi o intimidar os adolescentes em relação a temas relativos à sexualidade, mas sim torná-los consumidores mais sagazes e críticos da pornografia, através do exame de como gênero, sexualidade, agressão, consentimento, raça, sexo queer, relacionamentos e corpos são retratados (ou não são retratados) na pornografia *mainstream*. Nas palavras das autoras do programa:

O objetivo do currículo era fornecer informações baseadas em evidências aos jovens em um ambiente livre de julgamento sobre orientação sexual e comportamento sexual consensual. Foi projetado para ser igualmente atraente para jovens que viram e não viram pornografia na Internet. O currículo foi criado para promover a ideia de que as normas tradicionais de gênero são restritivas e podem levar a padrões duplos que penalizam mulheres e meninas, que a falta de consentimento nunca é aceitável e que relacionamentos

---

<sup>116</sup> Tradução própria. No original: “The Truth About Pornography: A Pornography-Literacy Curriculum for High School Students Designed to Reduce Sexual and Dating Violence”. Ver: ROTHMAN, Emily F. et al. A Pornography Literacy Class for Youth: Results of a Feasibility and Efficacy Pilot Study, In **American Journal of Sexuality**. Education, 13:1, 1-17, 2018.

saudáveis não apresentam coerção ou violência. (ROTHMAN et al., 2018, p.4<sup>117</sup>)

Em suas conclusões sobre os resultados da implementação do programa, as autoras perceberam um aumento no conhecimento relativo à pornografia (modo de produção, reprodução, legalidades e ilegalidades) além de serem observadas também mudanças em algumas intenções comportamentais relacionadas à pornografia.

Ao trazer alguns dados sobre a implementação deste projeto objetivei demonstrar a factibilidade da abordagem de temas relativos à sexualidade, em específico aqueles relacionados a pornografia, com jovens em idade escolar. Mais do que isto, o objetivo foi demonstrar a necessidade de proporcionarmos narrativas e espaços de debate e informação sobre a sexualidade que não estejam aprisionados pela lógica perpetrada pela maioria dos materiais pornográficos disponíveis on-line. Como forma de combater o discurso pornográfico hegemônico indico o potencial do desenvolvimento de currículos educacionais que abordem de forma crítica as representações presentes na maior parte dos materiais pornográficos disponíveis atualmente.

## **Pornografia e Tecnicidades: pensando a partir das redes**

Não realizarei, neste momento, uma retomada histórica mais extensa sobre a conexão entre tecnologia e pornografia. São múltiplas as referências que podem ser consultadas para atestar a íntima relação entre o desenvolvimento de tecnologias de comunicação e materiais sexualmente explícitos.

Todo e qualquer instrumento de comunicação que foi criado até hoje pelo homem (incluindo a televisão) foi quase imediatamente voltado para o serviço daquilo que a cultura na qual foi inventado chamava de "pornografia", não de forma limitada, mas em qualquer extensão que a tecnologia - e a mente inventiva do homem - poderiam criar, independentemente das chamadas "atitudes públicas" da época ou da lei. (George GORDON, 1980 APUD Jonathan COOPERSMITH p. 96, 1998<sup>118</sup>)

---

<sup>117</sup> Tradução própria. No original: "The goal of the curriculum was to provide evidence-based information to youth in an atmosphere free of judgment about sexual orientation and consensual sexual behavior. It was designed to be equally engaging for youth who had seen and had not seen internet pornography. The curriculum was created to promote the idea that traditional gender norms are restrictive and can lead to double standards that penalize women and girls, that lack of consent is never acceptable, and that healthy relationships do not feature coercion or violence."

<sup>118</sup> Tradução própria. No original: "Each and every instrument of communication that has been devised to date by man (including television) has been almost immediately turned to the service of what the culture in which it was invented called "pornography", not on a limited basis but to whatever extent that technology - and the inventive mind of man - could contrive, regardless of so-called 'public attitudes' at the time or the law."

Explicitarei apenas alguns elementos mais contemporâneos dessa relação. Desde já, é necessário notar que tal relação deve ser concebida como uma via de mão dupla, isto é, não são apenas as tecnologias de comunicação que influenciam a forma como a pornografia é produzida e consumida, mas também a pornografia tem um papel importante no desenvolvimento de tecnologias de comunicação. Os usuários de pornografia, bem como a indústria pornográfica<sup>119</sup> tendem a possuir um papel de pioneirismo na adoção de novas tecnologias<sup>120</sup> de comunicação, servindo como porta de entrada e teste para estas. Normalmente em busca de maior realismo e privacidade, tanto na produção quanto no consumo, acabam por ser os primeiros compradores e usuários de serviços recém introduzidos.

A história da relação entre tecnologia e pornografia é a história da diminuição dos custos de produção e de acesso, da potencial indiferenciação entre produtores e consumidores e da explosão do uso. Em termos históricos, é possível dizer que a Tv a cabo e os aparelhos de videocassetes foram as primeiras tecnologias de comunicação que promoveram grandes modificações no universo da pornografia ao permitirem que o consumo fosse realizado de forma mais privada nos lares; sem a necessidade de ir a cinemas especializados, o consumo tornou-se também mais individualizado.

A tv a cabo, em particular, está relacionada a uma grande mudança em relação ao consumo, pois tal tecnologia permitiu, pela primeira vez, que o produto chegasse ao consumidor, sem a necessidade do movimento contrário. A grande expansão da tecnologia da tv a cabo ocorreu nos EUA na década de 1970 e na década seguinte os filmes pornográficos já ocupavam uma grande parte do mercado de *pay-per-view* na TV, mostrando a disponibilidade dos espectadores em pagarem a mais por canais exclusivamente pornográficos: “Em 1996, os quatro canais adultos tinham aproximadamente um terço do mercado americano de \$ 600 milhões de dólares em *pay-per-view*.” (COOPERSMITH, 1998, p 103<sup>121</sup>)

---

<sup>119</sup> Em meados do século XX, para o caso dos EUA, Jonathan Coopersmith (1998) defende que já podemos falar na existência de uma estrutura de indústria, com claras distinções entre produtores e consumidores, que era conectada por redes informais de distribuição.

<sup>120</sup> Exemplo atual do desenvolvimento da relação tecnologia-pornografia: SOTO, Cesar. **A hora dos games pornô: plataforma cresce na quarentena e chega a 56 milhões de usuários**. G1. 23/06/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/games/noticia/2020/06/23/a-hora-dos-games-porno-plataforma-cresce-na-quarentena-e-chega-a-56-milhoes-de-usuarios.ghtml>. Acesso 20/02/2023

<sup>121</sup> Tradução própria. No original: “By 1996, the four adult channels had approximately one-third of the \$600 million American pay-per-view market”

Se a revolução da tv a cabo esteve ligada ao consumo, a introdução dos aparelhos de videocassete e das câmeras de gravação de uso pessoal possibilitaram pela primeira vez que consumidores se tornassem produtores. Talvez seja com um certo exagero que alguns autores<sup>122</sup> digam que se não fosse pela pornografia, os aparelhos de videocassete não teriam existido, mas há consenso de que os gravadores de videocassete são um ótimo exemplo de como um nicho do mercado, neste caso o pornô, pode acelerar a difusão de uma tecnologia nova custosa. O pioneirismo da pornografia, no caso das fitas cassetes, pode ser notado ao constatar que os lançamentos não pornográficos só foram aparecer em vídeo em 1978, um ano após do aparecimento dos filmes sexualmente explícitos.

A chegada significativa dos vídeos pornográficos amadores e no estilo DIY (*do it yourself*) ocorreu por volta de 1989 no mercado norte-americano; em 1991, a pornografia DIY já correspondia a 30% das diversas novas ofertas da indústria pornográfica. A introdução da pornografia amadora no universo das fitas videocassetes permite algumas reflexões que poderão aparecer quando me referir às mudanças nos perfis das produções pornográficas com o advento da Internet. As fitas de videocassetes amadoras possuíam atrativos tanto para os espectadores quanto para os distribuidores de tais filmes:

A atração para os telespectadores foi o maior realismo e voyeurismo dos filmes. Os varejistas foram atraídos pelo custo significativamente menor de comprar um filme amador de um atacadista - \$ 15 dólares contra \$ 25 dólares para um filme comum. (COOPERSMITH, 1998, p. 107<sup>123</sup>)

A promoção dos vídeos amadores como possuindo uma conexão maior com a realidade é, portanto, já antiga e deve ser também entendida em relação ao aspecto produtivo, de diminuição de custos de produção. O desenvolvimento dos computadores e da Internet, mais especificamente do *world wide web* em 1992, trará, então, novas mudanças à pornografia. Aqui é importante destacar que mesmo no universo da Web 1.0 a presença de materiais pornográficos já era notável. No entanto, naquele momento havia ainda uma forte presença de materiais pornográficos produzidos por grandes nomes da indústria, como *Playboy*, *Penthouse* e *Hustler*; tais empresas haviam apenas adaptado, com sucesso, sua produção para o universo *on-line*. Segundo Coopersmith (1998), em 1997, por exemplo, o site da Playboy recebia cerca de 5 milhões de visitas diárias e

---

<sup>122</sup> Ver BARSS, Patchen. *The Erotic Engine: How Pornography has Powered Mass Communication, from Gutenberg to Google*. Doubleday, Canada, 2010.

<sup>123</sup> Tradução própria. No original: “The attraction for viewers was the greater realism and voyeurism of the films. Retailers were attracted by the significantly lower cost of purchasing an amateur film from a wholesaler - \$15 versus \$25 for a regular film”

oferecia por 60 dólares anuais, acesso ao seu *Cyber Club* para os clientes desejosos da possibilidade de ver o arquivo fotográfico da revista ou de conversar *on-line* com alguma das *Playmates*.

Para além do acesso a sites de revistas pornográficas, o desenvolvimento da Internet, neste período, permitiu a constituição inicial de comunidades específicas em torno de interesses comuns. O uso de salas de conversa (*chat rooms*) via serviços on-line como AOL ou o Prodigy revelava uma forte tendência à predominância de temas sexuais, não exclusivamente pornográficos, em tais ambientes<sup>124</sup>.

O desenvolvimento de filmes interativos, nos quais o espectador podia escolher de um menu os homens ou as mulheres e as atividades que queria ver performadas assim como de softwares<sup>125</sup> que continham links de Internet que podiam ser compartilhados com o mundo levaram a alguns autores afirmar uma certa ligação essencial entre pornografia e avanços significativos nas tecnologias de comunicação que tomavam como base computadores e a *wide world web*: “Ao contrário do videocassete, onde a pornografia acelerou a difusão de uma nova tecnologia sem moldá-la, o desenvolvimento de produtos pornográficos moldou a tecnologia de computador.” (COOPERSMITH, 1998, p. 112<sup>126</sup>)

No caso dos filmes pornográficos, há uma tendência de que avanços nas tecnologias de comunicação levem à migração de boa parte dos espectadores para meios mais recentes, que em tese, prometem maior facilidade e privacidade de acesso. Da mesma maneira que os videocassetes e os canais *pay per view* acabaram quase levando à extinção dos cinemas de rua que exibiam conteúdo adulto; o desenvolvimento da Internet levou a uma queda do consumo via Tv a cabo, fitas de videocassete e Dvds<sup>127</sup>. O fato de a revista Playboy ter anunciado em 2015 que não mostraria mais mulheres nuas em sua revista é um bom indicativo de que o desenvolvimento e a expansão da Internet modificaram algumas características básicas da indústria pornográfica.

A seguir me debruço sobre alguns dos dados coletados sobre a presença de materiais pornográficos on-line e aponto para alguns indicativos de como a Internet está

---

<sup>124</sup> Ver GLASSER, Perry. Love, Sex, & Power on the Cyber Frontier. In: **North American Review**, Vol. 280, No. 5. September/October 1995, p. 44-49.

<sup>125</sup> Ver COOPERSMITH, 1998, p 112.

<sup>126</sup> Tradução própria. No original: “Unlike the VCR, where pornography accelerated the diffusion of a new technology without shaping it, the development of pornographic products has shaped computer technology”

<sup>127</sup> Ver TARRANT, 2016, p 23

modificando elementos importantes da indústria pornográfica. Partindo, portanto, da mediação das redes, proposta por Barbero, o objetivo da próxima seção é, buscar compreender como se dão as relações entre produção e consumo no campo da pornografia virtual. Em especial, estou interessada em compreender a maneira como ocorre a disponibilidade de materiais pornográficos na internet e quais os sentidos dos fluxos dos materiais pornográficos ali disponibilizados.

## O que a Internet fez com a pornografia?

Afirmar que “A internet é para pornografia”<sup>128</sup> talvez seja apenas uma extravagância com objetivos claramente cômicos. No entanto, a relação entre estes dois termos é próxima o suficiente para permitir que vídeos como o mencionado acima existam e façam algum sucesso. O primeiro ponto a ser destacado na tentativa de entender melhor a complexa relação entre pornografia e Internet centra-se na dificuldade de encontrar dados confiáveis sobre a presença de conteúdo pornográfico online. Tal ponto é acentuado por outras autoras<sup>129</sup> e muitos dos números apresentados em artigos jornalísticos ou até mesmo em artigos acadêmicos são de difícil confirmação.

Um dos dados falsos repetido<sup>130</sup> com maior frequência é o de que os ganhos da indústria pornográfica superariam os ganhos conjuntos da Microsoft, Google, Amazon, eBay, Yahoo e Apple. Há também o problema de que muitos dos dados são produzidos ou reproduzidos por meio de organizações que possuem um claro interesse financeiro na questão; como, por exemplo, a organização *Covenant eyes*<sup>131</sup>, que oferece serviço de acompanhamento para pessoas interessadas em superar o vício em pornografia bem como serviços de proteção parental no acesso à Internet.

Sem me ater, portanto, a dados relativos ao valor de capital da indústria pornográfica, procurarei explorar alguns dados referentes à presença de conteúdos

---

<sup>128</sup> No original, “The internet is for porn”, é um vídeo satírico do musical Avenue Broadway Q que foi incorporado em uma ampla variedade de vídeos *on-line*, às vezes com imagens de várias fontes, imitando a performance da música ou a afirmação geral de que o principal uso da Internet é para pornografia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LTJvdGcb7Fs>. Último acesso em: 06/04/2020.

<sup>129</sup> Ver: TARRANT, Shira. **The Pornography Industry: What everyone needs to know**. Oxford University Press. 2016; Dines, Gail. **Pornland: how porn has hijacked our sexuality**. Boston: Beacon Press. 2010.

<sup>130</sup> Tal é o caso do artigo: WONDRACEK, G.; HOLZ, T.; PLATZER, C.; KIRDA, E.; KRUEGEL, C.: Is the Internet for porn? An insight into the online adult industry. In: **Proceedings (online) of the 9th Workshop on Economics of Information Security**, Cambridge (2010).

<sup>131</sup> Tal organização produziu uma recopilação bastante extensa de dados sobre o consumo de pornografia. Pode ser consultada em: <https://www.covenanteyes.com/services/>

pornográficos *on-line* e às modificações que a Internet tem provocado na produção, distribuição e consumo de pornografia. Procurarei detalhar o panorama sobre as mudanças essenciais que estão ocorrendo na indústria pornográfica com o advento da Internet, dado que uma melhor caracterização desta indústria permitirá mais adequada sobre a utilização de pornografia por pessoas jovens.

O primeiro ponto a ser abordado quando se fala de Internet e pornografia é a aparente contradição entre a forte presença de sites pornográficos<sup>132</sup> no universo da Internet e o aparente declínio econômico da indústria pornográfica<sup>133</sup>. De fato, pessoas dentro da indústria pornográfica tradicional<sup>134</sup> tendem a apontar a Internet como responsável pela diminuição de crescimento da indústria pornô<sup>135</sup> pré-existente ao advento da Internet. Sites como *PornHub*, *Redtube*, *Xvideos*, *Xhamsters*, *Youporn* etc. seriam, então, os vilões da indústria ao oferecerem pornografia de forma “gratuita”.

Além da forte disseminação de sites pornográficos no meio da Internet chama a atenção o grande número de acessos a tais sites. No momento<sup>136</sup> que escrevo, o site pornográfico mais acessado da Internet é *bongacams.com*, ocupando o número 28 do ranking geral Alexa. O *bongacams.com* tende alternar com o *pornhub.com* (atual número 54 do ranking geral Alexa) o posto de site pornográfico com mais acessos do mundo. Ambos possuem, neste momento, um número maior de acessos que o Google Brasil (sob o domínio google.com.br), por exemplo. Surpreende também em tal lista a existência de um outro grande número de sites pornográficos<sup>137</sup> que prefiguram entre os mais acessados, ponto que parece indicar o tamanho do mercado pornográfico na Internet.

<sup>132</sup> A empresa Hitwise, que mede o comportamento de usuários em computadores, tablets e smartphones contabilizou em 2008, a presença de 40, 934 de sites de distribuição de pornografia na web. Ver TANCER, Bill. **Click: what millions of people are doing online and why it matters**. Hyperion, Nova York, 2008.

<sup>133</sup> JOHNSTON, David Cay. **Indications of a Slowdown in Sex Entertainment Trade**. The New York Times. 04/01/2007. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2007/01/04/business/media/04porn.html> Acesso 20/02/2023

<sup>134</sup> Leia-se aqui revistas, estúdios médios e grandes produtores de pornografia.

<sup>135</sup> Essa visão é apresentada aqui, por exemplo: THEROUX, Louis. **How the internet killed porn**. The Guardian. 05/06/12. Disponível em: <https://www.theguardian.com/culture/2012/jun/05/how-internet-killed-porn?newsfeed=true> Para um contraponto a tal perspectiva: DINES, Gail; BIALER, Dana. **Porn is in rude health**. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2012/jun/07/porn-rude-health-louis-theroux> Acesso 20/02/2023

<sup>136</sup> Dia 07/04/2020

<sup>137</sup> Consultei o ranking Alexa, na sua versão gratuita no dia 07/04/20. Entre os 500 sites mais acessados para este dia, identifiquei como pornográficos os seguintes, entre parênteses segue a colocação geral do site no ranking Alexa: *bongacams.com* (28), *livejasmin.com* (33), *pornhub.com* (54) *chaturbate.com* (76). *xvideos.com* (80), *xnxx.com* (197), *xhamster.com* (119), *youporn.com* (351).

Em todos os sites já citados é possível assistir filmes, trechos de filmes ou sessões de *livecams* de forma “gratuita”. A pergunta que fica é, se tais sites oferecem pornografia de forma “gratuita”, como geram receitas? Responder tal pergunta implica em começar a entender como a Internet, especialmente aquela caracterizada pela Web 2.0, está modificando o mundo da pornografia. Primeiramente caracterizarei os novos participantes do mercado pornográfico na Internet para, na sequência, analisar os conteúdos disponibilizados pelos grandes sites do meio. É interessante ter em mente, ao adentrarmos nessa seção do trabalho, que boa parte do funcionamento da rede que possibilita a existência de pornografia on-line é invisível para o consumidor final de produtos pornográficos.

### Sites pagos<sup>138</sup>

Este tipo de site constitui o núcleo econômico da indústria pornográfica online. As receitas dos sites pagos estão centradas essencialmente na venda de espaço publicitário e na venda de assinaturas (*memberships*) aos usuários. São serviços de assinatura *premium* que permitem aos assinantes conteúdos exclusivos, facilidades de acesso, possibilidade de baixar vídeos, criar listas de favoritos etc. Tais sites, na atualidade, também oferecem outros produtos pornográficos por meio de anúncios, como os games pornô<sup>139</sup>. A grande maioria dos sites pagos oferece também conteúdos “gratuitos”, isto é, que o usuário pode acessar sem realizar nenhum tipo de transação econômica. São sites, portanto, que distribuem mídias pornográficas, como imagens, filmes, sessões de *livecam* e cobram dinheiro pelo serviço prestado, ainda que o acesso a uma parte do conteúdo do site não exija pagamentos.

O que define um site como sendo pago é a existência de links para o pagamento de serviços prestados. Característica importante dos sites pagos é a existência de programas de afiliação, não para usuários individuais, mas para os sites “gratuitos”. O

---

<sup>138</sup> A presente seção do trabalho foi elaborada essencialmente a partir leitura dos seguintes trabalhos: WONDRAK, G, et al.: Is the Internet for porn? An insight into the online adult industry. In: **Proceedings (online) of the 9th Workshop on Economics of Information Security**, Cambridge (2010); ZOOK, Matthew. Reporto n the Location of the Internet Adult Industry. In: **C’lickme: a netporn studies reader**. Ed. JACOBS, Katrien; JANSSEN, Marije; PASQUINELLI, Matteo. Institute of Network Cultures, Netherlands. 2007.

<sup>139</sup> Sobre os anúncios presentes no *pornhub.com* que provocam com a chamada “Tente não gozar enquanto você joga”, recomenda-se a leitura da reportagem a seguir: COLE, Samantha. **I Tried Not to Cum While Playing the Adult Games Advertised on Pornhub Accepting the challenge thrown by Pornhub's most ubiquitous ads**. Vice, 10/02/2020. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/wxeja5/i-tried-not-to-cum-while-playing-the-adult-games-advertised-on-pornhub>

grande objetivo dos programas de afiliação é atrair mais visitantes para os sites pagos. É através dos programas de afiliação que se dá a relação entre os sites pagos e os sites “gratuitos”. Os sites pagos registram sites “gratuitos” em seus programas de afiliação e dão-lhes acesso à conteúdos promocionais de mídia. Os sites “gratuitos” disponibilizam o conteúdo com hiperlinks que redirecionam o visitante para os sites pagos. Os sites “gratuitos” participantes dos programas de afiliação recebem, então, uma fração da receita gerada pelos clientes que foram redirecionados para os sites pagos. Estes últimos tendem a ser encarados como produtores de conteúdo<sup>140</sup>. No entanto, como demonstrarei a seguir, tal ponto é discutível.

### **Sites “gratuitos”**

Sites “gratuitos” são sites que se caracterizam por serem coleções de links, de filmes ou imagens, que não produzem conteúdo e recebem mídias de outros provedores de conteúdo. O principal papel econômico destes sites é realizar marketing para os sites pagos. A receita destes sites vem da participação nos programas de afiliação e nas propagandas que anunciam. Sites “gratuitos” podem participar de múltiplos programas de afiliação. Gilbert Wondracek et al. (2010) encontraram sites “gratuitos” que participavam em mais de 100 programas de afiliação com sites pagos.

Estes últimos identificam os sites afiliados por tokens únicos, designados no momento de filiação. Desta forma, podem realizar o controle de quais sites “gratuitos” enviaram usuários para suas páginas. Sites “gratuitos” normalmente podem eleger entre dois sistemas de filiação: pagamento por filiação (*pay-per-sign-up*) ou de renda recorrente. No primeiro modelo, o afiliado recebe um pagamento único do site pago por cada assinante do site pago que foi redirecionado pelo site “gratuito”. No segundo modelo, o afiliado recebe uma fração de cada taxa periódica que é cobrada aos assinantes pelo site pago, enquanto durar a assinatura.

### **Corretores de tráfego (*traffic brokers*)**

---

<sup>140</sup> Tal perspectiva é adotada no artigo WONDRAECK, (2010). No entanto, ZOOK (2007) e COLETTI (2017) adotam uma perspectiva distinta. Este último indica que o número de produtores de conteúdo original é muito reduzido em relação ao de consumidores nas duas redes sociais que analisam. Ver: COLETTI, Mauro; et al. **Pornography consumption in social media**. Relatório técnico: IMT Lucca, Bell Labs, ISTI-CNR Pisa, 2017.

A figura dos corretores de tráfego é fundamental para compreensão do funcionamento do mercado de pornografia on-line. Este tipo de serviço permite que seus clientes troquem diretamente o tráfego em seus sites pornográficos por dinheiro. A operação contrária também é oferecida, isto é, pode-se comprar tráfego para determinado site. Compreender o papel do corretor de tráfego é necessário para entendermos por que não existe pornografia gratuita. No universo da Internet, os cliques valem dinheiro. Tal noção passa despercebida pela maior parte dos usuários. Desta forma, clientes que querem vender tráfego podem fazê-lo através do redirecionamento dos seus visitantes para as URLs que são especificadas pelo corretor de tráfego recebendo em troca dinheiro por esta atividade. Aqueles interessados em comprar tráfego para seu site podem fazer um pedido (normalmente em múltiplos de 1000 visitantes) para o corretor de tráfego que este encarrega-se da operação de enviar visitantes para a URL desejada. Importante notar que existe uma diferenciação geográfica no valor dos visitantes redirecionados.

Cliques de “qualidade”, isto é, europeus e norte-americanos, são mais caros do que aqueles originários de países asiáticos ou latino-americanos. No experimento realizado por Wondracek et al (2010) os autores pagaram em média 3.30 dólares por mil visitantes de “qualidade” para seus sites. As transações realizadas em torno do tráfego de visitantes criam uma atmosfera de caça a cliques. Tal atmosfera leva a grande maioria dos sites pornográficos, segundo Wondracek et al (2010), a estabelecerem estratégias que inflam importância dos sites em número de visitantes e de cliques recebidos. Comentando o papel dos corretores de tráfego no universo da pornografia on-line, Wondracek et al (2010) afirmam:

Esses serviços se especializaram no comércio de tráfego (adulto) e permitem a venda de tráfego de visitantes, um recurso exclusivo disponível apenas neste tipo de indústria on-line. Isso significa que um infrator pode atrair visitantes desavisados que clicam na mídia pornográfica para clicar nos links do redirecionador. O tráfego resultante pode, então, ser vendido para um serviço de negociação de tráfego, que o redireciona para destinos de escolha do comprador. O operador do site ganha dinheiro com cada clique, mesmo se um único visitante clicar em um link muitas vezes - algo que não é possível no anúncio online tradicional. (WONDRACEK et al, 2010, p.8<sup>141</sup>)

---

<sup>141</sup> Tradução própria. No original: “These services have specialized in (adult) traffic trading and allow visitor traffic to be sold, a unique feature available only in this type of online industry. This means that a miscreant could lure unsuspecting visitors who click on pornographic media to click on redirector links. The resulting traffic can then be sold to such a traffic trading service, which redirects it to targets of the buyer’s choice. The web site operator earns Money with every click, even if a single visitor clicks on one links many times – something not possible in traditional online advertisement.”

Torna-se necessário, desta forma, compreender com maior profundidade a relação entre as diferentes partes da indústria pornográfica na Internet. Pois, muitas vezes, não são tão diferentes assim. O conglomerado *MindGeek*, por exemplo, é dono tanto de sites pornográficos como o *PornHub*, o *YouPorn* e o *RedTube*, quanto da *TrafficJunky*<sup>142</sup>, empresa de marketing digital que oferece o serviço de alocação de anúncios de acordo com o perfil desejado pelos anunciantes. Adentrar mais profundamente em tal universo levaria a um grande desvio da pesquisa, no entanto, gostaria de destacar um ponto que desde já chama a atenção sobre o funcionamento de tal mercado.

No experimento realizado por Wondracek e seus colaboradores ficou claro que o processo de filiação de um site gratuito a um site pago é realizado de maneira extremamente simples, sendo necessário apenas o fornecimento da URL do site, um nome de contato e e-mail para que a filiação seja bem-sucedida. Os sites pagos não realizam nenhuma checagem em relação ao tipo de conteúdo distribuído nos sites gratuitos e nem a estrutura do site. O processo de registro para participar de transações junto aos corretores de tráfego também ocorre sem nenhuma verificação do conteúdo do site ou de sua estrutura.

Tal ponto possui ao menos duas implicações importantes. A primeira é que sites pornográficos “gratuitos”, mas não apenas estes, podem, e são, segundo os estudos de Wondracek (2010) e outros autores<sup>143</sup>, facilmente construídos e desenhados para explorar falhas e vulnerabilidades de segurança dos seus frequentadores para realizar fraudes e abusos. A segunda, que interessa diretamente a esta pesquisa, é de que no processo de compra e envio de visitantes para estes sites não ocorre, em nenhum momento, qualquer tipo de verificação em relação ao conteúdo do que é exibido para os visitantes. Assim como não há nenhuma especificação sobre os vídeos promocionais enviados para os sites “gratuitos” e nem como eles são adquiridos pelos sites pagos.

De fato, determinar quem são os produtores de conteúdo da pornografia disponível on-line é uma missão extremamente complexa, pois envolve, como já coloquei na

---

<sup>142</sup> No site da Trafficjunky, é reportado que a empresa tem acesso a 150 milhões de visitantes diários e seus anúncios geram três bilhões de impressões por dia. Sobre o perfil dos visitantes que o site diz ter acesso, estes caracterizam-se por ser: 78% homens e 22% mulheres, 75% héteros, 15% homossexual e 10% transgênero, sendo que o seguimento de pessoas entre 18- 34 anos forma 57% dos visitantes. Ver: <https://www.trafficjunky.com/online-advertising/traffic-statistics> Consulta em 20/02/2023

<sup>143</sup> Ver MARIS, Elena; LIBERT, Timothy; HENRICHSEN, Jennifer. Tracking sex: The implications of widespread sexual data leakage and tracking on porn websites. In: **arXiv:1907.06520v1** [cs.CY] 15, Jul. 2019.

primeira parte do presente trabalho, a própria definição do termo pornografia. Um site como o *pornhub.com*, por exemplo, que vende assinaturas premium, mas que também dispõe de conteúdo gratuito, permite que usuários subam vídeos ao site. Tal estrutura é mimetizada por uma série de outros sites pornográficos. A verificação da origem e do processo de produção do vídeo, isto é, se ele foi produzido com a intenção de ser pornográfico ou mesmo se todos envolvidos no vídeo tinham ciência e consentiram em ser filmados tem sido denunciada como extremamente problemática<sup>144</sup>.

Desta forma, muitos dos vídeos promocionais enviados por sites pagos para sites “gratuitos” não é de fato produzida por tais sites, mas sim adquirida de usuários que sobem as mídias nas plataformas de sites pagos. A explosão do que se convencionou chamar de pornô amador ou da estética do pornô amador é fruto de tal sistema. É em tal contexto que é preciso analisar uma das principais características da já mencionada Web 2.0, isto é, a obliteração da divisão entre produtores e consumidores de conteúdo.

Como já coloquei anteriormente determinar quem são os produtores de pornografia no universo da Web 2.0 é algo complexo. Tal tarefa torna-se mais difícil quando lembramos que sites pornográficos não são o único meio de acesso a pornografia on-line. É possível notar a presença de conteúdo pornográfico em ambientes da *web* que não são construídos exclusivamente para este fim.

De forma ampla, um número razoável de autores<sup>145</sup> indicam que no grande universo da pornografia *on-line* as comunidades de produtores de conteúdo são reduzidas. Boa parte do público comporta-se, portanto, apenas como consumidor ou replicador de conteúdo. Em estudo que analisou a produção e consumo de pornografia em duas redes sociais (Tumblr<sup>146</sup> e Flickr) que não são exclusivamente pornográficas, mas onde este

---

<sup>144</sup> Ver: MAHDAWI, Arwa. **Pornhub should forget the coronavirus and focus on its own pandemic: revenge porn.** The Guardian. 14/03/20. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/mar/14/pornhub-forget-coronavirus-focus-on-pandemic-revenge-porn> ISAACS, Kate. **Pornhub needs to change – or shut down.** The Guardian. 09/03/2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/mar/09/pornhub-needs-to-change-or-shut-down> GRANT, Harriet. **World's biggest porn site under fire over rape and abuse vídeos.** The Guardian. 09/03/20. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/mar/09/worlds-biggest-porn-site-under-fire-over-videos-pornhub>

<sup>145</sup> WONDRACEK, G, et al.: Is the Internet for porn? An insight into the online adult industry. In: **Proceedings (online) of the 9th Workshop on Economics of Information Security**, Cambridge (2010); ZOOK, Matthew. Report on the Location of the Internet Adult Industry. In: **C’lickme: a netporn studies reader**. Ed. JACOBS, Katrien; JANSSEN, Marije; PASQUINELLI, Matteo. Institute of Network Cultures, Netherlands. 2007; COLETTO, Mauro; et al. Pornography consumption in social media. Relatório técnico: **IMT Lucca, Bell Labs, ISTI-CNR Pisa**, 2017.

<sup>146</sup> A forte presença de conteúdo pornográfico no Tumblr despertou diversas controvérsias, que levaram inclusive ao banimento deste tipo de conteúdo da plataforma em 2018 e a especulações de que o

tipo de conteúdo acaba sendo veiculado, Mauro Coletto et al. (2017), concluíram que, para o caso do Tumblr, havia um universo de 21,54% de consumidores de pornografia pra um universo de 0,10% de produtores de conteúdo pornográfico, em relação ao Flickr, os consumidores configuravam 5,13% e os produtores 0,43%.

As diferenças entre os grupos de produtores e consumidores em ambas as redes sociais também envolveu questões etária e de gênero. Os produtores de conteúdo são majoritariamente homens (84% no Tumblr e 76% no Flickr) mais velhos (a média de idade para o Tumblr foi de 38.2 anos e para o Flickr de 45 anos). Para além destes dados, os autores da pesquisa apontam<sup>147</sup> que: “Nós descobrimos uma grande fração não negligenciável de usuários menores de idade que pode ser inadvertidamente exposta a tal conteúdo [material adulto] através de links indiretos<sup>148</sup>”. (COLETTTO et al, 2017, p.3) Tal ponto ganhará relevância na próxima seção deste trabalho.

O objetivo do que desenvolvi até o momento foi demonstrar a existência de uma relação já antiga entre desenvolvimento tecnológico e produção e consumo de pornografia. Assim como explicitar algumas mudanças que o advento da internet e a web 2.0 introduziram no universo da pornografia. Neste sentido, é interessante atentar para algumas tendências específicas de tal universo. Eran Shor e Kimberly Seida (2021) indicam a existência de quatro grandes tendências atuais em relação a utilização de pornografia acessada via internet, estas dizem respeito a demografia e as preferências dos espectadores, aos atores e atrizes pornô e ao tipo de conteúdo disponível. Segundo os autores (SHOR; SEIDA, 2021), a paisagem pornográfica *on-line* atual caracterizar-se-ia pelo: aumento da audiência de mulheres, aumento da oferta e demanda por pornografia considerada amadora, consumidores e performers mais jovens e pelo processo de popularização de conteúdos BDSM. É importante que tais tendências sejam lembradas ao

---

*pornhub* iria adquirir a plataforma. Ver: TIFFANY, Kaitlyn. **Tumblr's First Year Without Porn**. The Atlantic. 03/12/20. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2019/12/tumblr-year-review-2019-nsfw-ban-memes/602911/> BRODERICK, Ryan. **Pornhub Is "Extremely Interested" In Acquiring Tumblr**. BuzzFeednews. 02/05/19. Disponível em: <https://www.buzzfeednews.com/article/ryanhatesthis/pornhub-interested-in-buying-tumblr> Acesso 20/02/2023

<sup>147</sup> A exposição a conteúdos sexualmente explícitos de maneira acidental já foi objeto de outras pesquisas. Ver: MITCHELL, K. J; FINKELHOR, D; WOLAK, J. The exposure of youth to unwanted sexual material on the Internet: A national survey of risk, impact, and prevention. **Youth & Society**, 34(3), 330-358. 2003

<sup>148</sup> Tradução própria. No original: “We find that a non-negligible large fraction of underage users can be inadvertently exposed to such content through indirect links.”

se considerar os próximos momentos deste trabalho. Na sequência exponho os achados em relação aos conteúdos pornôns disponíveis *on-line*.

### **A paisagem do pornô *mainstream on-line*: pensando a partir das narrativas e identidades**

Como já dito em outros momentos desta pesquisa, a proposta de entender o circuito de comunicação colocado em pauta pelas representações pornográficas disponíveis *on-line*, passa por uma compreensão mais apurada de quais são as narrativas e identidades mobilizadas por tais discursos. Tal compreensão pode se mostrar difícil de ser atingida ao se levar em conta o grande número de mídias pornográficas disponíveis na web. Realizar uma análise de conteúdo que seja representativa do universo das representações pornográficas disponíveis na Internet é, portanto, uma tarefa complexa.

Para atingir estes objetivos da melhor maneira possível, adotei algumas estratégias metodológicas. Primeiramente, optei por me apoiar amplamente em pesquisas já existentes sobre análises de conteúdo de mídias pornográficas *on-line*. A realização de uma investigação sobre o estado da arte das pesquisas sobre o tema permitiu delinear os principais elementos da paisagem pornográfica presente na Internet.

A seleção do *corpus* de pesquisas que integraram o estudo do estado da arte foi realizada a partir da consulta a três bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, portal de periódicos Capes/Mec e Scielo. Os termos utilizados para a busca foram: análise, conteúdo, pornografia, internet. Visando atualidade, selecionei apenas trabalhos que haviam sido publicados a partir do ano 2010. O portal de periódicos da Capes/Mec indexou 107 trabalhos para os termos em inglês e nenhum trabalho para os termos em português. A BDTD indexou 3 trabalhos para os termos em inglês e 9 trabalhos para os termos em português, a base de dados do Scielo não indexou nenhum trabalho com os termos, sejam em português sejam em inglês. Também realizei buscas nas três bases acima citadas pelos termos: roteiros, sexuais, pornografia. Foram realizadas buscas para os termos em inglês e português, por trabalhos publicados a partir do ano 2010. O portal de periódicos da Capes/Mec indexou 10 trabalhos para os termos em português e 254 trabalhos para os termos em inglês. A BDTD indexou 1 trabalho para os termos em português e nenhum trabalho para os termos em inglês. A base de dados do Scielo indexou 2 trabalhos para os termos em português e nenhum trabalho para os termos em inglês.

Para serem selecionados para integrar o *corpus* de análise os trabalhos deveriam atender a três critérios: as análises deveriam ser quantitativas, a internet deveria ser o meio de acesso aos vídeos e as análises deveriam versar sobre ao menos um dos seguintes temas/categorias: objetificação, agência, agressão, violência, comportamentos sexuais. Tais grandes temas e categorias já são frequentes em pesquisas que se dedicam a realizar análises de conteúdos de representações pornográficas e permitem que haja uma comparabilidade entre os trabalhos selecionados. É a relação de tais categorias com as mediações das narrativas e das identidades que permitirá apontar as principais características da paisagem pornográfica *on-line*. Após realizar a leitura dos títulos e resumos de todos os trabalhos encontrados defini o *corpus* de análise em treze trabalhos. A leitura de um trabalho (Elise CARROTTE; Angela DAVIS; Megan LIM, 2020) que se dedicou a revisão sistemática e a narrativa sintética de estudos publicados entre 1986 e 2017, que versavam sobre análise de conteúdos de vídeos pornográficos permitiu a seleção mais um trabalho para integrar o *corpus* de análise. De maneira que a revisão foi fechada em catorze trabalhos.

Dado o objetivo de desenvolver uma compreensão mais apurada de quais são as narrativas e identidades mobilizadas por tais discursos, selecionei tanto trabalhos que realizavam análises mais amplas de conteúdo de pornografia *mainstream*, quanto trabalhos que analisaram de forma comparada os conteúdos da pornografia *mainstream* com outros gêneros de representações pornográficas, como pornografia feminista e pornografia para mulheres. Também estão incluídos no *corpus* de trabalhos analisados pesquisas que se dedicaram a averiguar representações pornográficas disponíveis *on-line* através de diferentes marcadores sociais como raça/etnia, geração, gênero e orientação sexual. Como já colocado em outro momento deste trabalho, uma das principais características do acesso a representações pornográficas via Internet centra-se no acesso a estes materiais de forma gratuita. De maneira que foram priorizados trabalhos que se dedicaram a analisar os conteúdos de representações pornográficas disponibilizadas de forma gratuita via internet.

É preciso apontar que uma das limitações da presente pesquisa se centra no caráter essencialmente heterossexual e cisnormativo das representações pornográficas analisadas. Me abstive de incluir no *corpus* de trabalhos analisados pesquisas que versavam exclusivamente sobre materiais pornográficos não *mainstream* ou que constituíam um nicho específico interesse, como pornografia de vingança, pornografia

feminista/pós-pornografia/*queer*, pornografia de estupro, BDSM. Tais termos surgiram em alguns trabalhos ao longo do processo de pesquisa aos bancos de dados, no entanto, a inclusão de tais gêneros na análise impossibilitaria a operacionalização da pesquisa e fugiria do objetivo de buscar delinear os principais elementos da paisagem pornográfica *mainstream* disponíveis *on-line*. Por fim, resalto que não localizei nenhum trabalho quantitativo brasileiro que dedicassem a análise de conteúdos de vídeos pornográficos.

A exposição dos achados das pesquisas que selecionei para a análise ocorrerá a partir de alguns eixos temáticos que são relevantes para o presente problema de pesquisa. Em especial, buscarei articular as análises a partir das mediações das narrativas/relatos e das identidades/figuras. Neste sentido, é importante ressaltar que as pesquisas em questão examinam diferentes aspectos dos conteúdos pornográficos disponíveis *on-line* e operacionalizam suas análises a partir de diferentes conceitos teóricos e metodológicos. Explicitarei tais aspectos das pesquisas apenas quando estes forem relevantes para o entendimento mais amplo das conclusões atingidas por tais estudos.

De maneira ampla, as pesquisas analisadas se dedicam a olhar para: objetificação e agência, desigualdade de gênero, cenas de degradação e violência, marcadores raciais/étnicos, marcadores geracionais (*teen/milf*) e comportamentos sexuais. Apontamentos teóricos e metodológicos sobre o processo de análise de conteúdo das representações pornográficas serão realizados no segundo momento desta seção. A tabela abaixo busca sistematizar os principais elementos dos estudos que foram incorporados ao *corpus* de análise.

Tabela 1<sup>149</sup>: Revisão de estudos dedicados a análise de conteúdo de pornografia on-line (2010-2021)

<b>N</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>Autora(s)</b>	<b>Gênero</b>	<b>Amostragem</b>	<b>Unidade de análise</b>	<b>Comportamentos/categorias analisados</b>
<b>1</b>	2010	<b>Gorman, Stacy;</b>	Vídeos populares gratuitos (amadores e profissionais)	Procurou no Google.com por sites pornográficos gratuitos, amostrando aleatoriamente o quinto vídeo dos cinco primeiros sites	Vídeos (n = 45)	Beijos, felação, cunilíngua, sexo vaginal, sexo anal, sexo grupal, ejaculação, uso de preservativo, xingamento, domínio.

<sup>149</sup> A apresentação dos artigos e as categorias utilizadas na tabela em questão foram inspiradas no estudo de revisão de CARROTTE; DAVIS; LIM (2020). Os seguintes trabalhos também constam na revisão realizadas pelas autoras acima citadas: GORMAN; MONK-TURNER; FISH, 2010; PETERS et al., 2014; DOWNING et al., 2014; VANNIER; CURRIE, O’SULLIVAN, 2014; KLASSEN; PETER, 2014; ZHOU; PAUL, 2016; FRITZ; PAUL, 2017; SÉGUIN; RODRIGUE; LAVIGNE, 2016.

		<b>Monk-Turner,</b> Elizabeth <b>Fish,</b> Jennifer N.		encontrados a partir da busca pelos termos: “sexo”, “pornô”, “xxx”.		
2	2014	<b>Peters,</b> Eryn M; et al.	Adolescentes ( <i>teens</i> ) populares	Identificou três sites pornográficos populares através do Google.com e do Alexa.com. Randomicamente selecionou 50 vídeos da seção “ <i>teen</i> ” de cada site. Excluiu vídeos amadores, animações e vídeos que não eram em inglês.	Vídeos (n=150)	Beijos, felação, cunilíngua, sexo vaginal, sexo anal, sexo oral anal, <i>spanking</i> , <i>bondage</i> , estupro.
3	2014	<b>Downing,</b> Martin J. et al.	Gay masculino (amador e profissionais) de websites muito frequentados	Selecionou o vídeo mais recentemente assistido ou carregado da seção gay masculina de cinco sites propositalmente escolhidos, em diversos momentos.	Vídeos (n=302)	Beijos, felação, sexo anal, sexo oral anal, sexo grupal, ejaculação, masturbação, estimulação digital do ânus, uso de preservativo, <i>spanking</i> , <i>bondage</i>
4	2014	<b>Vannier,</b> Sarah A.; <b>Currie,</b> Anna B.; <b>O’Sullivan,</b> Lucia F.	Adolescentes ( <i>teen</i> ) comparada com mães que eu gostaria de foder ( <i>MILF</i> )	Usando o Google.com identificou sites pornográficos populares. Foram excluídos sites que exigiam pagamento, eram interativos ou não possuíam as categorias <i>teen</i> e <i>MILF</i> . Foram selecionados randomicamente cinco vídeos de cada categoria de 10 sites durante o período de 2 meses.	Vídeos (n total= 100; <i>MILF</i> = 50; <i>teen</i> =50)	Comportamentos sexuais (Beijos, felação, cunilíngua, sexo vaginal, sexo anal, sexo oral anal, ejaculação, uso de preservativos, <i>spanking</i> , carinhos), características descritivas (idade, raça, nudez, pelos pubianos) e poder (experiência, status profissional, início da atividade sexual, controle, persuasão física e verbal, exploração).
5	2014	<b>Klassen,</b> Marleen J.E; <b>Peter,</b> Jochen.	“popular” e “ <i>mainstream</i> ” heterossexual	Selecionou os 100 vídeos mais assistidos de quatro sites pornográficos populares e codificou a primeira cena de cada vídeo. Excluiu desenhos e vídeos não sexuais.	A primeira cena de sexo (n=400)	Felação, cunilíngua, orgasmos, <i>spanking</i> , tapas, puxão de cabelo, sufocamento, <i>gagging</i> , <i>bondage</i> , socos, chutes, tortura, estupro, morte, dominância, submissão, objetificação, poder, violência.
6	2015	<b>Shim,</b> Jae Woong; <b>Kwon,</b> Manhnwoo; <b>Cheng,</b> Hong-In	Sites de revistas pornográficas voltadas para homens e sites de revistas pornográficas	Selecionou randomicamente dois sites de revistas pornográficas voltadas para homens e dois sites de revistas pornográficas voltadas	Imagens (n total= 200, 100 de sites para homens e 100 de sites	Desigualdade sexual e objetificação.

			voltadas para mulheres	para mulheres. Foram selecionadas, então, randomicamente 50 imagens de cada site.	para mulheres)	
7	2016	Zhou, Yanyan; Paul, Bryant	Categoria “mulheres asiáticas” comparada com outras categorias populares ( <i>teen</i> , <i>MILF</i> , loiras, seios grandes)	Selecionou vídeos das 10 primeiras categorias do <i>xvideo.com</i> (incluindo a categoria “mulheres asiáticas”). Usou método de amostragem sistemática e estratificada.	Cenas (n= 3132, incluindo 172 cenas de “mulheres asiáticas”)	Beijos, felação, cunilíngua, sexo oral anal, sexo vaginal, sexo anal, ATM ( <i>ass to mouth</i> ), iniciação do ato sexual, agressão física.
8	2017	Fritz, Niki; Paul, Bryant	“Feminista”, “para mulheres” e “ <i>mainstream</i> ”	Selecionou randomicamente vídeos do <i>Lust Cinema</i> , site nominado para a premiação de pornô feminista. Também selecionou conteúdo do <i>CrashPad Series</i> , um site pornô feminista <i>queer</i> . Randomicamente selecionou vídeos da categoria “para mulheres do <i>pornhub.com</i> Também selecionou randomicamente vídeos das cinco maiores categorias do <i>pornhub</i> , para formar a amostra de vídeos “ <i>mainstream</i> ”.	Cenas (n total = 300, 100 feministas, 100 “para mulheres”, 100 “ <i>mainstream</i> ”)	Sexo vaginal, ejaculação, orgasmo, <i>bondage</i> , domínio, sadomasoquismo (BDSM) e dominação, agência e objetificação.
9	2017	Séguin, Léa J.; Rodrigue, Carl; Lavigne, Julie.	Popular	Selecionou os 50 vídeos mais assistidos de todos os tempos de todas as categorias do <i>pornhub.com</i>	Vídeos (n= 50)	Orgasmo
10	2018	Shor, Eran; Seida, Kimberly	Vídeos <i>mainstream</i>	Selecionou os vídeos mais assistidos de categorias predefinidas do <i>pornhub.com</i> : “Todos”, “Interracial”, “Ebony”, “Asiático/japonês”, “Latina”, “Gay”, “Aleatório”.	Vídeos (n total=269; “Todos” = 70, “Interracial” = 25, “Ebony” =52, “Asiático/japonês” =35, “Latina” =19, “Gay” = 25, “Aleatório = 80)	Agressão (mordidas, beliscões, chutes, puxões de cabelo, batidas no rosto, batidas no corpo, estrangulamento, <i>gagging</i> forçado, <i>spanking</i> , sadomasoquismo, manuseio violento, penetração forçada.), agressão não consensual, agressão verbal, exibição de prazer feminino.
11	2019	Shor, Eran	Vídeos <i>mainstream</i>	Selecionou os vídeos mais assistidos do <i>pornhub.com</i> de categorias	Vídeos (n total = 172 vídeos; “Adultos”	Agressão (mordidas, beliscões, chutes, puxões de cabelo, batidas no rosto, batidas no corpo, estrangulamento, <i>gagging</i> forçado, <i>spanking</i> ,

				predefinidas: “Todos”, “Interracial”, “Ebony”, “Asiático/japonês”, “Latina”, “Gay”, “Aleatório” e codificou tal amostra em duas categorias: “adolescentes” (“ <i>teenagers</i> ”) e “ <i>MILF</i> ”.	= 117, “adolescent es” = 55)	sadomasoquismo, manuseio violento, penetração forçada.), agressão não consensual, agressão verbal, ejaculação no rosto ou boca, atos de afeição (beijos, carinhos, conversas carinhosas), exibição de prazer feminino
12	2019	Zhou, Yanyan et al.	Vídeos <i>mainstream</i>	Selecionou as dez categorias com maior quantidade de conteúdo do <i>Xvideos.com</i> (“boquete”, “adolescentes”, “morenas”, “loiras”, “gozada” “peitos grandes”, “anal”, “bunda”, “mulheres asiáticas” e “ <i>MILF</i> ”) e codificou comportamentos sexuais em vídeos proporcionalmente selecionados a partir destas categorias. Os dados de codificação foram, então, submetidos a análise de rede social ( <i>social network analysis</i> - SNA) para explorar padrões de co-ocorrência dos comportamentos sexuais exibidos.	Cenas (n total = 3132 cenas, codificadas de 3053 vídeos)	Comportamentos sexuais foram divididos em seis subcategorias (“homem-mulher”, “mulher-mulher”, “homem- homem”, “mulher-mulher”, “auto-homem”, “auto-mulher”). Foram codificados um total de 28 comportamentos sexuais, entre eles <sup>150</sup> : Sexo oral, sexo oral anal, sexo vaginal, estímulo genital com os dedos, beijo profundo, beijo suave, sexo anal, <i>face fuck</i> , <i>tit fuck</i> , <i>ass to mouth</i> , cuspidas, estimulação vaginal com apetrechos.
13	2021	Fritz, Niki et al.	Vídeos <i>mainstream</i>	Selecionou proporcionalmente e randomicamente vídeos das categoriais mais populosas do <i>PornHub</i> e do <i>Xvideos</i> . A amostra foi afunilada para incluir apenas vídeos que continham dois indivíduos, de gêneros diferentes e que fossem negros ou brancos. A análise foi feita a partir das diferentes combinações raciais dos participantes dos vídeos.	Cenas (n total = 1741; casais negros= 61, casais brancos = 1428, mulher negra e homem branco = 57, mulher branca e homem negro = 195)	Objetificação (ejaculação facial e <i>stripping</i> ), agressão física (qualquer ação que pareça causar ou que possa causar dano a uma pessoa. Exemplos: <i>spanking</i> , sufocamento, puxões de cabelo, mutilação) e comportamentos sexuais (beijos, felação, cunilíngua, sexo vaginal e sexo anal).

<sup>150</sup> O estudo diferencia os atos sexuais de acordo com o gênero dos participantes envolvidos. Para fins de concisão não realizamos estas diferenciações. Ver: Zhou et al., 2019.

14	2021 <sup>151</sup>	Shor, Eran; Seida, Kimberly	Vídeos <i>mainstream</i>	Selecionou vídeos mais assistidos de três categorias do <i>pornhub</i> : “mais assistidos de todos os tempos” (heterossexual), “gay” e “lésbica”. A análise foi realizada a partir da comparação entre as três categorias.	Vídeos (n total = 210; “mais assistidos de todos os tempos” = 70; “gay” = 70; “lésbica” = 70)	Agressão (mordidas, beliscões, chutes, puxões de cabelo, batidas no rosto, batidas no corpo, estrangulamento, <i>gagging</i> forçado, <i>spanking</i> , sadomasoquismo, manuseio violento, penetração forçada.), agressão não consensual, agressão verbal, ejaculação no rosto ou boca, atos de afeição (beijos, carinhos, conversas carinhosas), exibição de prazer.
----	---------------------	--------------------------------------	-----------------------------	--	---	---

Fonte: Produzido pela autora (2023)

Neste momento inicio um processo de síntese de diversas pesquisas que realizaram análise de conteúdo de materiais pornográficos *mainstream* disponibilizados de maneira on-line. Neste processo realizo alguns apontamentos sobre a metodologia e conceitos utilizados pelas diversas pesquisas, bem como busco trazer um comparativo dos comportamentos sexuais e temas mais frequentes nestes materiais. No entanto, dado que todo o material analisado está disponibilizado apenas em língua em inglesa e o vazio de pesquisas acadêmicas brasileiras nestes moldes procurei detalhar ao máximo elementos que considere relevantes do conjunto das pesquisas analisadas, visando produzir um possível guia de consulta para aquelas pessoas com interesse sobre o tema. Sugiro, portanto, para aquela leitora não tão interessada em uma pormenorização destas pesquisas que avance a leitura até a seção **Representações pornográficas: narrativas e identidades**, momento que inicio a interpretação das pesquisas mencionadas na tabela acima em relação aos referenciais teóricos que movem a tese.

## Comportamentos sexuais

A seguir iniciarei a exposição da incidência comportamentos sexuais descritos nas análises de vídeos revisadas. A apresentação dos comportamentos se dará em ordem decrescente, de maneira que os primeiros atos mencionados são os mais frequentes e o final da lista é composta por atos menos frequentes. No entanto, ressalto que os resultados das pesquisas apresentam variações quando considerados conjuntamente. A ordem de apresentação dos atos não dever ser assumida, portanto, de maneira absoluta como indicando a popularidade destes sem antes um exame mais cuidadoso dos dados referentes a cada ato. Optei por incluir em tal listagem apenas atos que foram registrados

<sup>151</sup> Este trabalho abarca o estudo mais amplo dos autores (SHOR; SEIDA, 2021) sobre agressão na pornografia. Aí constam outras análises segundo categorias que já apareceram em outros estudos (SHOR; SEIDA, 2018; SHOR, 2019) analisados na presente revisão. Darei, portanto, maior atenção para a seção deste trabalho que se dedicou a revisão da análise de conteúdo referente a pornografia entre pessoas do mesmo gênero.

em mais de uma pesquisa e que se constituem em atos considerados normativos pela maioria das pesquisas. Atos considerados não normativos, como *gagging*, *spanking*, *ass to mouth*, *face fuck*, serão incluídos nos próximos tópicos de análise.

**Felação<sup>152</sup>:** O comportamento sexual apontado como o mais frequente nas amostras das análises de conteúdos revisados foi a felação. Havendo uma variação<sup>153</sup> entre 51,56% (ZHOU; PAUL, 2016) e 86% (VANNIER; CURRIE, O’SULLIVAN, 2014) na representação do ato.

**Sexo vaginal<sup>154</sup>:** A representação de sexo vaginal esteve presente nas análises de conteúdos revisadas com uma variação<sup>155</sup> entre 47,57% (ZHOU; PAUL, 2016) e 88% (VANNIER; CURRIE, O’SULLIVAN, 2014).

**Estimulação genital manual:** Alguns estudos dedicaram-se a analisar a presença de representações de atos de estimulação genital manual, no entanto, esta categoria, diferentemente de outras, apresentou-se de padronização mais complexa, já que as formas de análise se diferenciavam de pesquisa para pesquisa. Segundo Gorman, Monk-Turner e Fish (2010), a estimulação da genitália de outra pessoa, seja com as mãos, objetos ou outras partes do corpo esteve presente em quase 90% da amostra analisada. No entanto, o ato do homem estimular apenas a região genital da mulher foi raro (13%). Já segundo Peters et al. (2014), a estimulação manual da genitália feminina por um parceiro esteve presente em 37,3% dos vídeos analisados, a estimulação da genitália masculina por um parceiro foi menos comum (16,7%). Segundo Klassen e Peter (2014), a estimulação genital foi mais frequentemente realizada nos homens (69,3%) do que nas mulheres (58,8%), sendo que tal padrão foi analisado tanto em vídeos amadores (61,1% homens vs 47,4% mulheres) quanto em vídeos profissionais (71,8% homens vs 62,3% mulheres). A pesquisa de Vannier, Currie e O’Sullivan (2014) apontou algumas diferenças significativas no que tange a realização de tais atos de acordo com a idade das atrizes envolvidas. Ao justapor as representações dos vídeos das categorias *teen* e *MILF*, as autoras apontam que nos vídeos pertencentes a primeira categoria (*teen*) havia uma maior

---

<sup>152</sup> Faz-se referência aqui a prática excitação oral do pênis, também referenciado, por vezes, como o ato em que um homem recebe sexo oral.

<sup>153</sup> Os outros índices encontrados foram: (GORMAN; MONK-TURNER; FISH, 2010- 79%), (PETERS et al., 2014- 78%), (DOWNING et al., 2014- 66%), (KLASSEN; PETER, 2014- 80,5%), (ZHOU et al., 2019- 52,87%), (FRITZ et al. 2021, 67%-77%). Estudos que pertencem a revisão, mas não estão listados é porque a variável (felação) não se aplica.

<sup>154</sup> Faz -se referência aqui ao ato de penetração da vagina pelo pênis, referenciado, por vezes, como coito.

<sup>155</sup> Outros índices encontrados foram: (GORMAN; MONK-TURNER; FISH, 2010- 68%), (PETERS et al., 2014- 73,3%), (ZHOU et al., 2019- 48,80%) (FRITZ et al. 63%-77%).

paridade na representação do estímulo manual das genitais de homens e mulheres, sendo que em 54% dos vídeos dessa categoria foi constatada a estimulação manual da genitália masculina e 58% de estimulação manual da genitália feminina. Já nos vídeos da categoria *MILF*, que tende a representar cenas sexuais com mulheres mais velhas, houve uma discrepância maior em relação ao gênero no quesito estímulo genital, em 62% dos vídeos foi representada a estimulação manual da genitália masculina, ao passo que em apenas 48% dos vídeos foi representada a estimulação manual da genitália feminina. Resultados similares a este último também foram encontrados por Zhou e Paul (2016), segundo os autores, a estimulação manual da genitália masculina por uma mulher ocorreu em 44,57% das cenas analisadas, ao passo que a estimulação manual da genitália feminina por um homem esteve presente em apenas 27,97% das cenas. No entanto, este último estudo indica que, comparada com outras categorias de pornografia, na categoria “mulheres asiáticas” a estimulação manual da mulher por um homem é significativamente mais provável. Por fim, o estudo de Downing et al (2014), em um estudo se dedicou em específico a análise de conteúdo de pornografia gay masculina, indicou que a estimulação anal com os dedos esteve presente em 20% da amostra analisada. De maneira ampla, portanto, a representação de mulheres tendo sua genitália estimulada é menos frequente do que a representação da estimulação da genitália masculina.

**Masturbação:** A codificação de representações de masturbação nos vídeos/cenas analisadas pelos estudos em questão leva em consideração as cenas/vídeos codificados como masturbação e as cenas/vídeos codificados como autoestimulação da genitália. Neste sentido, Gorman, Monk-Turner e Fish (2010) apontam que representações de masturbação estiveram presentes em 47% da amostra, sendo a masturbação feminina muito mais frequente (38%) do que a masculina (9%). Peters et al. (2014) apontam números similares, indicando que cenas de masturbação feminina estiveram presentes em 34,7% da amostra analisada. Masturbação masculina não aparece nos resultados deste último estudo, com os autores realizando a ressalva que não contabilizaram como masturbação feminina o ato de uma mulher tocar a si própria durante o intercurso vaginal e tampouco contabilizaram como masturbação masculina o ato do homem masturbar-se brevemente antes de ejacular em uma atriz. A pesquisa de Downing et al. (2014), que tomou como amostra vídeos adultos gays masculinos, apontou a incidência mais alta de cenas de masturbação masculinas, o ato de masturbação esteve presente em 78% dos vídeos analisados e a masturbação constituiu-se no comportamento mais comum na

amostra de vídeos analisados pela pesquisa. Vannier, Currie e O’Sullivan (2014), apresentaram percentuais similares para ocorrência de masturbação feminina (54% do total da amostra) e masculina (56% do total da amostra) nos vídeos analisados. Zhou e Paul (2016), indicou que, entre as cenas analisadas, o auto toque vaginal ocorreu em 35,89% das cenas e o auto toque peniano esteve presente em 29,18%. Segundo Fritz e Paul (2017), nos vídeos *mainstream* analisados, o auto toque feminino esteve presente em 62% das cenas e o auto toque masculino em 64%. Os vídeos da categoria “para mulheres” (do *Pornhub*) representaram o auto toque feminino em 54% das cenas e o masculino em 57%. Os vídeos tidos como pornografia feminista (do site *Lust*), obtiveram os menores percentuais de representação de auto toque, tanto para mulheres (53%) quanto para homens (50%). De maneira ampla, portanto, a representação da masturbação feminina é mais frequente do que a representação da masturbação masculina.

**Cunilíngua<sup>156</sup>:** O maior índice<sup>157</sup> de representação da cunilíngua encontrado nas pesquisas analisadas foi de 47,5% (KLASSEN; PETER, 2014) e o menor índice foi de 18,26% (ZHOU; PAUL, 2016). Algumas especificações são importantes ao analisarmos os dados apresentados por dois estudos em particular. A pesquisa de Klassen e Peter (2014) registrou uma diferença significativa entre a representação de sexo oral em mulheres quando considerada a natureza amadora ou profissional dos vídeos pornográficos. Nos vídeos considerados profissionais as cenas de sexo oral em mulheres estiveram presentes em 55,1% da amostra, ao passo que nos vídeos considerados amadores tal ato esteve presente em apenas 23,2% dos vídeos analisados. Fritz et al. (2021) indicaram uma variação, ainda que não significativa, na representação de cenas de sexo oral em mulheres de acordo com a raça dos atores envolvidos nas cenas. De maneira que, sexo oral na mulher foi registrado em 33% das cenas em que os atores, tanto o homem quanto a mulher, eram negros. A combinação de uma mulher negra e um homem branco e de uma mulher branca e um homem branco obtiveram registro similares, com as cenas de cunilíngua sendo registradas em 30% das cenas analisadas em ambos os casos. Já a combinação uma mulher branca e um homem negro registrou os índices mais baixos de representação de sexo oral na mulher, com 23% das cenas contendo esse tipo de ato.

---

<sup>156</sup> Faz-se referência aqui ao ato de estimulação oral da genitália feminina, também referenciado, por vezes, como o ato em que a mulher recebe sexo oral.

<sup>157</sup> Outros índices encontrados foram: (PETERS et al., 2014- 41,3%), (DOWNING et al., 2014- 66%), (VANNIER; CURRIE, O’SULLIVAN, 2014- 43%), (FRITZ et al. 2021, 23%). Não estão listados estudos que, mesmo pertencendo a revisão, variável (cunilíngua) não se aplica.

**Beijos:** O registro deste ato em específico mostra-se mais complexo, pois as pesquisas tendem a codificar diversas variações do ato de beijar de distintas maneiras. Farei referência aqui, portanto, tanto as pesquisas que codificaram de maneira genérica a ocorrência de beijos, quanto a pesquisas que especificaram a região do corpo (lábios ou outras partes) de ocorrência do ato e também as pesquisas que realizaram distinções entre os tipos de beijos (suaves ou profundos). Pesquisas que incluíram a ocorrência de beijos junto a outros atos e criaram categorias mais amplas relacionadas a “demonstração de afeto” serão abordadas em outro tópico. A pesquisa que registrou índices mais altos de ocorrência de beijos nos lábios foi a de Gorman, Monk-Turner e Fish (2010), beijos nos lábios estiveram presentes em 50% dos vídeos analisados e beijos no corpo estiveram presentes em 45% dos vídeos da amostra. A pesquisa de Peters et al. (2014) indicou a ocorrência de beijos ou massagem sensual em 38% dos vídeos da amostra. Percentuais similares foram encontrados por Downing et al.(2014), 34%, e Vannier, Currie e O’Sullivan (2014), 41%, das respectivas amostras. Os menores registros de representações de beijos ocorreram nas pesquisas de Zhou e Paul (2016) e Fritz et al. (2021). Nesta primeira, os autores indicaram a ocorrência de beijos suaves (*light kiss*) em 12,1% das cenas codificadas e de beijos profundos (*deep kiss*) em 15,1% das cenas. Na pesquisa de Fritz et al. (2021), variações importantes foram notadas ao ser levado em conta a combinação racial dos atores envolvidos nas cenas analisadas. O menor índice de registro de ocorrência de beijos se deu quando as cenas envolviam um homem e uma mulher ambos negros. Nestas circunstâncias, beijos foram registrados em apenas 13% das cenas que compõem a amostra. O índice mais alto, com beijos ocorrendo em 33% das cenas, foi encontrado nas cenas que envolviam um homem branco e uma mulher negra. A combinação mulher branca/homem negro e mulher branca/homem branco registraram, respectivamente, 20% e 27% de ocorrência de beijos nas cenas analisadas.

**Sexo anal<sup>158</sup>:** O estudo que registrou índices mais elevados de representação de sexo anal foi o de Downing et al. (2014) que se dedicou a análise de conteúdo de vídeos pornográficos gays masculinos. Cenas de sexo anal estiveram presentes em 70% da amostra analisada pelos autores. A incidência de tal ato na pornografia heterossexual foi menor, variando<sup>159</sup> seu registro entre 32% (GORMAN, 2010) e 9,40% (SHOR, 2019) das cenas/vídeos analisados nas pesquisas. Em relação a esta última pesquisa uma ressalva

---

<sup>158</sup> Faz-se referência aqui ao ato de penetração do ânus pelo pênis.

<sup>159</sup> Outros índices encontrados foram: 19,3% (PETERS et al., 2014), 15% (VANNIER; CURRIE, O’SULLIVAN, 2014), 13,4% (ZHOU et al., 2019), 16%-19% (FRITZ et al. 2021).

importante deve ser realizada ao se considerar a variável etária dos participantes envolvidos nos vídeos/cenas. Segundo o autor (SHOR, 2019), houve uma variação significativa na prevalência de cenas de sexo anal, sendo estas registradas em 21,82% das cenas pertencentes a categoria “adolescentes” (*teen*), ao passo que a categoria adulta registrou a ocorrência de sexo anal em 9,40% das cenas que compunham a amostra.

**Anilíngua<sup>160</sup>:** Downing et al. (2014) e Vannier, Currie e O’Sullivan (2014) encontraram índices similares, com o ato sendo registrado, respectivamente, em 17% e 14%, das cenas/vídeos analisados pelas amostras. Uma incidência menor do ato foi encontrada por Zhou et al. (2019), partindo de uma amostra de pornografia popular heterossexual, a pesquisa apontou que a realização de sexo oral anal em uma mulher por um homem esteve presente em 5,37% da amostra e a realização de sexo oral anal em uma mulher por outra mulher surgiu em 1,41% da amostra. Esta última pesquisa também se propôs a codificar a realizar do ato em um homem por uma mulher, isto é, quando uma mulher pratica sexo oral anal em um homem, no entanto, tal representação não surgiu na amostra de vídeos analisados.

**Sexo seguro:** Três pesquisas avaliaram a utilização de camisinhas e ocorrência de sexo seguro em suas amostras de pornografia. Gorman, Monk-Turner e Fish (2010) e Vannier, Currie e O’Sullivan (2014) encontraram virtualmente os mesmos valores para ocorrência de sexo com camisinha em suas amostras (ambas centradas em pornografia heterossexual), respectivamente, 2,2% e 2% dos vídeos analisados. Índices mais altos foram encontrados Downing et al. (2014) que em amostra de pornografia gay masculina, indicou que 36% das cenas de sexo anal registraram a utilizaram de preservativo. Havendo uma diferença entre os vídeos considerados profissionais e os vídeos considerados amadores da amostra, em vídeos profissionais o sexo anal com camisinha ocorreu em 40% dos vídeos, ao passo que nos vídeos amadores este número se reduziu a 10%.

## **Objetificação, violência e degradação**

Ao analisar-se as justificativas que os diferentes pesquisadores e pesquisadoras fornecem para a realização análises de conteúdo de vídeos pornográficos é possível afirmar que a publicidade dos debates feministas em torno da pornografia produziu

---

<sup>160</sup> Faz-se referência aqui ao ato de estimular oralmente o ânus. Em uma pesquisa (DOWNING et al., 2014) o ato é referenciado como *rimming*.

resultados, muitos dos conceitos levantados pelas discussões feministas sobre pornografia estão abarcados por estas análises. Diversas das pesquisas que compõe o corpus de trabalhos que aqui analiso dedicaram-se a averiguar não apenas os atos sexuais mais comuns presentes na pornografia *on-line*, mas também se propuseram a codificar a ocorrência e prevalência de cenas que continham objetificação, degradação e violência, bem como situações de exploração, coerção. Temas de submissão/dominância e consentimento também são abordados em mais de uma pesquisa. Codificar tais cenas mostra-se uma atividade mais complexa, pois estes conceitos, em essência abstratos, necessitam ser traduzidos em atos concretos para poderem ser quantificados. Todas as pesquisas analisadas explicitaram os critérios utilizados na codificação de tais atos e apesar de haver variações nos métodos empregados, também existem alguns consensos importantes de serem ressaltados. Opto por iniciar expondo algumas destas questões metodológicas relacionadas a codificação de tais cenas para posteriormente adentrar na exposição dos dados.

Diversas pesquisas (GORMAN, 2010; KLASSEN; PETER, 2014; ZHOU; PAUL, 2016; FRITZ; PAUL, 2017, SHOR; SEIDA, 2018; SHOR, 2019; FRITZ et al., 2021; SHOR; SEIDA, 2021) dedicaram-se explicitamente a codificação de cenas de violência e/ou agressão nas amostras analisadas. De maneira ampla, é possível dizer que os termos violência e agressão surgem como intercambiáveis na maioria das pesquisas. As pesquisas realizadas por Shor (2019) e Shor e Seida (2018, 2021) também utilizam de maneira intercambiável os termos agressão e degradação. Os atos alocados nestas categorias dizem respeito a atos que envolvem o uso nítido de força e/ou podem causar dano a pessoa que o recebe. Atos que comumente foram codificados nas pesquisas como sendo atos de violência/agressão física são: empurrões, mordidas, beliscões, puxões de cabelo, *spanking*<sup>161</sup>, tapas, *gagging*<sup>162</sup>, sufocamento, ameaças com armas, utilização de armas, chutes, tortura, *bondage*<sup>163</sup>, manuseio violento, penetração forçada (vaginal ou anal), sadomasoquismo. Algumas pesquisas também realizaram a codificação de agressões verbais, os seguintes atos foram codificados como pertencendo a esta categoria: gritos, xingamentos, ameaças, palavrões. Por vezes as pesquisas codificaram os mesmos atos, no entanto, os alocaram como representando diferentes conceitos. Alguns dos atos

---

<sup>161</sup> Faz-se referência aqui ao ato de dar uma palmada, normalmente na região das nádegas.

<sup>162</sup> Faz-se referência aqui ao ato de inserção do pênis na garganta até a o momento em que se produz o reflexo de vômito ou engasgo.

<sup>163</sup> Faz-se referência aqui ao ato de imobilização do corpo ou partes do corpo. Normalmente realizada através da utilização de cordas, espartilhos, faixas, ligaduras.

explicitados acima (*spanking*, *bondage* e comportamentos sadomasoquistas) foram codificados por Downing et al. (2014), por exemplo, como atos que envolvem dominação e não necessariamente violência ou agressão.

De maneira ampla, atos de violência, agressão e degradação estão também ligados a objetificação sexual. No entanto, não há um acordo sobre como se dá a relação entre estes termos. Neste caso, a questão não é tanto acerca da definição dos termos, mas como estes relacionam-se entre si e como quantificá-los em análises de conteúdo. Para o conceito de objetificação sexual encontrei nas pesquisas ao menos duas definições, que, em meu entendimento não estão contrapostas. Fritz e Paul (2017), entendem objetificação sexual como ocorrendo quando “o corpo de uma mulher, partes do seu corpo ou funções sexuais são separados da pessoa dela, reduzidos ao status de meros instrumentos ou considerados como se capazes de representar a ela<sup>164</sup>” (FREDRICKSON; ROBERTS apud FRITZ; PAUL, 2017, p. 641). Zhou e Paul (2016), por sua vez, entende que a objetificação ocorre quando “se nega as características humanas de alguém e trata-se esta pessoa como um objeto<sup>165</sup>”. De igual maneira, Klassen e Peter (2014) entendem que objetificação envolve essencialmente duas dimensões: instrumentalidade e (des)humanização. No entanto, como colocado anteriormente, existem discussões entre os pesquisadores que trabalham com análise de mídia sobre a forma de enquadrar tais atos, se agressões deveriam ser consideradas como uma subparte da categoria mais ampla de objetificação ou se agressões deveriam constituir uma categoria própria. Fritz e Paul (2017) consideram, por exemplo, as agressões sexuais como um importante componente do processo de objetificação.

Também é ponto de discussão entre alguns pesquisadores (Allan MCKEE, 2005) se objetificação deveria ser considerada como uma subparte dos comportamentos degradantes ou se deveríamos considerar que a degradação ocorre no processo de objetificação. Não tenho aqui a pretensão de resolver tal debate, mas me parece necessário indicar a existência deste. Tampouco me parece necessário hiper dimensionar tal discussão, pois as pesquisas tendem a codificar os mesmos atos, porém, por vezes, no que em uma pesquisa pode ser alocado como indicador de objetificação em outra pode surgir

---

<sup>164</sup> Tradução própria. No original: “woman's body, body parts, or sexual functions are separated out from her person, reduced to the status of mere instruments, or regarded as if they were capable of representing her”

<sup>165</sup> Tradução própria. No original: “as denying someone's human characteristics and treat him/her as object” (ZHOU; PAUL, 2016).

como indicador de agressão, violência ou degradação. Neste sentido, é necessário apontar que é com algum consenso que certos atos são tidos como tipificando processos de objetificação, violência e degradação. Tais atos, ao se tornarem parte dos *scripts* da pornografia *mainstream* devem ser lidos como representando algo mais do que simples atos sexuais. A noção de reciprocidade torna-se fundamental para entendermos o sentido que a inclusão de determinados atos ganha ao adentrar o rol de comportamentos sexuais presentes na pornografia. De maneira que:

[...] o fato de que comportamentos agressivos, como palmadas (*spanking*) e engasgos (*gagging*), tornaram-se rotina apenas como atos contra mulheres e não contra homens, sugerem que esses atos não são “apenas parte do sexo”, mas parte de uma normalização do roteiro sexual de dominação e objetificação de mulheres. (FRITZ; PAUL, 2017, p. 648)

Isto não quer dizer que homens não são objetificados na pornografia *mainstream*. Mais adiante ao apresentar os dados sobre objetificação, se tornará claro que este é processo mais amplo que afeta tanto homens quanto mulheres. No entanto, como bem apontam Fritz e Paul (2017) existe uma série de atos, como dupla penetração, *gaping*<sup>166</sup>, ejaculações em partes externas do corpo, entre outros, que são utilizados na pornografia para representar a objetificação das mulheres e que não possuem uma contraparte masculina. A forma como as autoras irão operacionalizar os indicadores de objetificação possui algumas variações entre as pesquisas analisadas, no entanto, há que se apontar a tendência mais ampla de atos sexuais não normativos serem tomados como indicativos de objetificação/degradação.

Como explicitado por Zhou et al. (2019), não há uma definição precisa de quais atos em específicos deveriam ser rotulados como não normativos. Mckee, (2005), aponta que comportamentos sexuais não normativos se referem aos comportamentos que não são tipicamente performados pela maior parte das pessoas. Atos sexuais não normativos que costumeiramente são tomados como indicadores de objetificação e/ou degradação incluem: comportamentos sexuais anais, *ass to mouth* (realizado por um homem em uma mulher), sexo oral forçado (realizado por uma mulher em um homem), *gaping*, *gagging*, dupla penetração, *tit-fucking*<sup>167</sup>, *cumshot*<sup>168</sup>. Nem todos estes comportamentos são considerados por todos os autores citados como indicativos de objetificação/degradação.

<sup>166</sup> Faz-se referência aqui ao alongamento excessivo do reto ou da vagina com as mãos, outros objetos ou devido à penetração recente exibida para a câmera.

<sup>167</sup> Faz-se referência aqui ao ato de inserção do pênis entre os seios da mulher e realização de movimentos sexuais contínuos nessa posição.

<sup>168</sup> Faz-se referência aqui ao ato de um homem ejacular no rosto, boca, seios ou peitoral de uma mulher.

Havendo uma tendência de as autoras elegerem mais de um critério como indicativos de objetificação/degradação.

Fritz et al. (2021) operacionalizaram objetificação a partir de três indicadores: ejaculação facial, *stripping* feminino e agressão física contra mulheres. Fritz e Paul (2017), operacionalizaram objetificação através da quantificação de sete indicadores: dupla penetração, *cumshot*, *stripping*<sup>169</sup>, foco na genitália, *gaping*, agressão verbal, agressão física. Zhou e Paul (2016), optaram por operacionalizar objetificação através de três indicadores: comportamentos sexuais não normativos, comportamentos sexuais focados homens vs comportamentos sexuais focados em mulheres, falta de paixão. Este último item foi codificado usando a presença de beijos, suaves e profundo, como indicadores de paixão. O estudo de Shim, Kwon e Cheng (2015), que dedicou-se analisar objetificação em imagens presentes em sites pornográficos tanto voltados para homens quanto voltados para mulheres, mediu objetificação usando a visibilidade do rosto, olhos, corpo e a presença e número de imagens focadas nos genitais. Klassen e Peter (2014), dividiram objetificação em duas subdivisões: instrumentalidade e (des)humanização. Para cada subdivisão estabeleceram três indicadores que permitissem a operacionalização dos conceitos. De maneira que, instrumentalidade foi operacionalizada através da presença de *close-ups* em partes do corpo, atos sexuais focados no homem vs mulheres e orgasmos. (Des)humanização foi medida através da (ausência) de iniciação ao sexo, prazer próprio ou prazer como motivo para o sexo e *close-ups* nos rostos dos performers.

Na sequência irei expor os dados encontrados para alguns dos comportamentos acima citados sem me preocupar em realizar distinções metodológicas e teóricas sobre as formas como os diferentes autores categorizaram tais atos. Optei, portanto, por expor a quantificação dos indicadores em si, seguida das conclusões atingidas pelos autores nos seus respectivos estudos. Tal forma de exposição permite a comparação entre as diferentes pesquisas através dos indicadores selecionados, sem haver necessidade de, neste momento, nos determos se determinados indicadores foram tomados como operacionalizadores de objetificação, degradação, violência, desumanização ou instrumentalização. Pesquisas que não apresentaram a quantificação através de indicadores específicos, serão apresentadas através dos conceitos que utilizaram para

---

<sup>169</sup> Faz-se referência aqui a dança, *strip tease* ou poses sexualmente atraentes. Quando uma pessoa dança, se move ou se exhibe, opcionalmente tirando suas roupas em movimento, com o propósito de excitar sexualmente a câmera ou outra pessoa mostrada ou não mostrada.

operacionalizar a pesquisa. Apresentarei os dados apenas para comportamentos que foram quantificados por mais de uma pesquisa. Posteriormente quando realizar a discussão sobre os dados apresentados retomarei as reflexões aqui introduzidas.

**Cumshot (Ejaculação):** Como colocado anteriormente, algumas pesquisas utilizam a presença de ejaculação como um indicativo de objetificação ou degradação. A pesquisa de Downing et al. (2014), focada na análise de conteúdo de vídeos pornôs *mainstream* gays masculinos, registrou os menores índices de representação de ejaculação no rosto (9% dos vídeos analisados) e ejaculação na boca (8% dos vídeos analisados). Shor (2019) comparou vídeos pornográficos heterossexuais da categoria *teen* do *pornhub* com vídeos pornográficos adultos do mesmo site. O autor aponta que a categoria adulta da amostra apresentou ejaculação no rosto (incluindo a boca) das atrizes em 45,30% dos vídeos, ao passo os vídeos da categoria *teen* (adolescentes) apresentou os índices mais elevados para ejaculação na face, incluindo a boca, das pesquisas analisadas, chegando este índice a 65,45% dos vídeos da amostra. O autor aponta esta como uma diferença estatisticamente significativa entre os vídeos da categoria *teen* comparado aos vídeos adultos analisados. A pesquisa de Gorman, Monk-Turner e Fish (2010), apontou para ejaculação no rosto das mulheres como ocorrendo em 45% das cenas/vídeos analisados. Friz (2017) encontrou diferenças significativas na representação de *cumshots* ao comparar amostras de vídeos *mainstream* do *pornhub*, com vídeos da categoria “para mulheres” do mesmo site, com vídeos pornográficos de dois sites feministas, *Crashpad* e *Lust Cinema*. A autora considerou a *cumshot* como a ejaculação na face, boca, seio ou peito de uma mulher. A ocorrência de *cumshot* variou entre 44% nos vídeos *mainstream* do *pornhub* a 0% nos vídeos do site *Crashpad*. Apresentaram valores similares para o ato a categoria “para mulheres” do *pornhub*, com 21%, e o site *Lust Cinema*, com 18%. A pesquisa de Shor e Seida (2021) encontrou um índice de ejaculação na face/boca das atrizes em 60% da amostra de vídeos da categoria de vídeos “mais assistidos” do *pornhub*. Vannier, Currie e O’Sullivan (2014) codificaram ejaculação visível em 54% dos vídeos/cenas da amostra analisada. Séguin, Rodrigue e Lavigne (2017), codificaram a ocorrência de ejaculação externa e interna em uma amostra de vídeos populares no *pornhub*. Das cenas que mostravam orgasmos masculinos, 71,8% das cenas apresentaram ejaculação externa e 17,9% das cenas apresentou ejaculação interna. Por fim, Fritz et al. (2021), apontou que a ejaculação no rosto das atrizes foi similar ao se considerar a raça

das atrizes envolvidas nos vídeos, ocorrendo em 22% das cenas que envolviam atrizes negras e em 21% das cenas que envolviam atrizes brancas.

**Spanking (palmadas):** A variação de registro de palmadas oscilou<sup>170</sup> entre 4,7% das cenas/vídeos analisados (PETERS et al., 2014) e 39,8% (FRITZ et al., 2021). Este último dado indica que mulheres negras possuem uma probabilidade significativamente maior (39,8%) de serem retratadas como alvos de *spanking* (palmadas) que mulheres brancas (24,8%). Fritz e Paul (2017), criou uma categoria mais ampla de “agressões físicas” e apenas indicou que o ato mais comum de agressão foi o de *spanking*, sem, todavia, quantificar o ato especificamente. Importante ressaltar que as autoras indicam que este é um dos atos tipicamente generificados na pornografia, sendo essencialmente direcionado às mulheres e perpetrado por homens.

**Gagging (inserção do pênis na garganta em profundidade de maneira a produzir reflexo de vômito):** Klassen e Peter (2014), apontaram a ocorrência de *gagging* em 18,8% na amostra de vídeos/cenas analisados. Shor (2019) e Shor e Seida (2021) codificaram apenas a categoria *gagging* forçado. Na primeira pesquisa (SHOR, 2019) a ocorrência do ato variou entre 25,64% para os vídeos que compunham a amostra “adulta” e 21,82% para os vídeos que compunham a amostra “teen”, ambas compostas por vídeos do *pornhub*. A segunda pesquisa (SHOR; SEIDA, 2021) encontrou uma grande variação no registro de *gagging* forçado ao considerar diferentes amostras de vídeos disponíveis no *pornhub*. A categoria de vídeos “mais assistidos” registrou 4,29% de ocorrência do ato, a categoria “aleatórios” 6,58% e por fim, a categoria de vídeos “gerais” criadas pelos pesquisadores a partir das duas categorias anteriores somada a vídeos de diversas categorias racializadas (*ebony*, latinas, asiáticas e inter-racial) apontou a ocorrência de *gagging* forçado em 17,84% da amostra.

**Agressão/violência/objetificação/degradação:** Levando em consideração toda a discussão que expus anteriormente, apresento, neste momento, as conclusões gerais tais como estas foram descritas por cada uma das pesquisas analisadas em particular. Lembrando que objetivo aqui é conseguir estabelecer um panorama amplo da paisagem pornográfica *mainstream*, preferencialmente gratuita, disponível *on-line*. A escolha de estudos que abarcam variáveis como raça, geração e orientação sexual permitiram

---

<sup>170</sup> Outros índices encontrados foram: 27% (KLASSEN; PETER, 2014; VANNIER; CURRIE, O’SULLIVAN, 2014).

estabelecer algumas nuances para este cenário. Sobre a presença de violência na amostra analisada, Gorman, Monk-Turner e Fish (2010) concluí que ela esteve presente no estudo, mas não foi comumente retratada na amostra analisada. Sendo que dos 45 vídeos analisados, 6 exibiram atos de violência ou atores homens utilizando força enquanto as atrizes resistiam aos atos sexuais. Em relação a exposição dos corpos nus, na maioria dos vídeos da amostra os corpos das mulheres foram expostos com maior frequência que o dos homens. Atos degradantes, que as autoras exemplificam como ejaculação na face, utilização de força, xingamentos e disposição para a realização de qualquer ato, estiveram presentes em 40% da amostra de vídeos analisados. Downing et al. (2014), apontam que um número significativo de vídeos que compunham a amostra continha episódios de *spanking* e comportamentos BDSM, no entanto, os autores indicam que os achados gerais da pesquisa não demonstram uma grande prevalência de violência ou estupro na pornografia gay masculina disponível *on-line* analisada pela pesquisa. Klassen e Peter (2014) apontam que *close-ups* de partes dos corpos das mulheres ocorreram significativamente mais (60,8%) que de partes dos corpos dos homens (18,8%). Sendo este um indicativo de instrumentalização e uma medida de objetificação. Homens também foram manualmente mais estimulados que as mulheres, receberam mais sexo oral e tinham mais chances de experienciar orgasmos. Sendo estas três medidas também consideradas indicadores de instrumentalização e, portanto, de objetificação para as autoras. De forma que, na amostra considerada as mulheres foram mais instrumentalizadas que homens em todos os itens analisados. Em relação a (des) humanização, as autoras utilizaram três indicativos de medidas: iniciação do sexo, ter sexo por prazer próprio e *close-ups* da face. Homens e mulheres tinham iguais chances de serem retratados iniciando o ato sexual, no entanto homens tinham mais chances de ser retratados desfrutando do sexo por prazer próprio, o rosto das mulheres foi mostrado em mais cenas que os dos homens. As autoras concluem que na amostra analisada as mulheres tinham mais chances de ser instrumentalizadas e os homens possuíam mais probabilidade de ser desumanizados. Em relação a atos de violência física, as mulheres possuíam uma probabilidade muito maior (31,2%) de serem as receptoras de tais atos do que os homens (2,8%). As respostas das atrizes aos atos de violência física foram majoritariamente neutras, em 57,4% das cenas, ou positivas, 38% das cenas, sendo raramente negativas (2,8%) ou mistas (1,9%). Vannier, Currie e O'Sullivan (2014), apontam que atores homens foram mostrados nus com maior frequência (74%) do que as atrizes (47%), que em na maioria das vezes (52%) foram mostradas parcialmente vestidas.

As autoras indicam que este resultado pode refletir os papéis especializados que as atrizes retratam nos vídeos *teen* e *MILF* que compunham amostra. Dado que as roupas eram com frequência utilizadas para estabelecer os papéis, estudante, professora, secretária, que as atrizes desempenhavam. Shim, Kwon e Cheng (2015), apontam, a partir da análise de imagens, que os sites pornográficos voltados para homens que compunham a amostra apresentaram com significativa maior frequência temas que envolviam desigualdade sexual que os sites pornográficos voltados para mulheres, apresentando mais imagens de domínio masculino e de autoerótica. Ao passo que os sites voltados para mulheres apresentaram uma incidência maior de temas de reciprocidade sexual. Os sites voltados para mulheres, no entanto, apresentaram uma incidência maior de objetificação, tanto de homens quanto de mulheres, ao tornar os olhos e as faces das/os modelos menos visíveis. Zhou e Paul (2016) realizaram uma comparação entre a categoria “mulheres asiáticas” com outras categorias populares no *Xvídeos.com* e apontaram que atos agressivos ocorreram em média 0.33 por cena na categoria “mulheres asiáticas” e 0.83 nas outras categorias. Indicando que vídeos pornográficos da categoria “mulheres asiáticas” eram significativamente menos agressivos que vídeos de outras categorias. Em ambas as categorias analisadas, homens foram majoritariamente os perpetradores de atos agressivos e as mulheres foram majoritariamente alvos das agressões: 68,3% dos atos codificados como agressivos foram perpetrados por homens e em 88% de tais atos foram direcionados às mulheres. Em relação a objetificação, o estudo apontou que as mulheres tinham maior probabilidade de ser objetificadas através da representação destas como objeto de comportamentos sexuais não normativos. Em todas as cenas analisadas, comportamentos não normativos ocorreram em 32% das cenas, uma média de 0.52 comportamento não normativo por cena. No entanto, as autoras destacam que os vídeos da categoria “mulheres asiáticas” tiveram uma incidência mais baixa de comportamentos sexuais não normativos, ocorrendo estes em 18,9% das cenas. Em relação a estimulação oral e manual, o estudo apontou que em ambas as categorias os homens foram significativamente mais estimulados oralmente que as mulheres, mas que ao contrário da categoria vídeos populares, em que as mulheres foram também significativamente menos estimuladas manualmente, na categoria “mulheres asiáticas” as mulheres receberam, da mesma forma que os homens, estímulos manuais. Em relação a representação de beijos, estes ocorreram com quase a mesma frequência que atos sexuais não normativos: beijos suaves estiveram presentes em 12,12 % das cenas codificadas e beijos profundos ocorreram em 15,07% das cenas, sendo este dado representativo de ambas as categorias

analisadas pela pesquisa. Por fim, os autores concluem que as mulheres representadas na categoria “mulheres asiáticas” foram objetificadas, porém menos objetificadas que as mulheres representadas em outras categorias. Fritz e Paul (2017) compararam pornografia de vídeos populares do *pornhub.com* (categoria *mainstream*) com vídeos da categoria “para mulheres” do mesmo site, com vídeos de dois sites de pornografia feminista (*Crashpad* e *Lust* vídeos). Em relação a objetificação, a pesquisa apontou que as categorias “*mainstream*” e “para mulheres” possuíram uma média de objetificação das mulheres significativamente mais alta que as categorias baseadas em sites de pornografia feminista. Mais especificamente, a categoria “*mainstream*” possuiu significativamente mais representações de *cumshot*, 43% das cenas, e *stripping*, 44% das cenas, que as outras categorias. Em relação a este último indicativo, *stripping*, as autoras apontam que em todas as categorias as mulheres tiraram mais a roupa que os homens. A categoria “para mulheres” possuiu significativamente mais representações de *gaping* e de foco genital que as outras categorias. Segundo as autoras: “*Gaping* é um ato único não apenas porque objetifica uma parte do corpo da mulher, ampliando os genitais ou ânus esticados, mas também porque sugere provas de dano ou destruição ao corpo de mulher de uma maneira sexualizada<sup>171</sup>.” (FRITZ; PAUL, 2017, p. 648) Atos de agressão física tendo mulheres como alvo ocorreram com relativa frequência em todos os tipos de pornografia analisados, sendo registrado com maior frequência na categoria “*mainstream*”, 36% das cenas, e menor frequência na categoria “para mulheres”, 23% das cenas. Shor e Seida (2018), compararam a ocorrência de atos de agressão e violência em categorias racializadas de pornografia (“asiática/japonesa”, “inter-racial”, “ebony<sup>172</sup>”, “latina”) com a categoria “mais assistidos” e “aleatórios”, todas hospedadas no *pornhub.com*. Agressões físicas visíveis estiveram presentes em 39,8% do total da amostra, havendo, no entanto, uma grande variação na representação de agressões físicas nas categorias racializadas de pornografia. Em todas as categorias racializadas, agressões foram mais frequentes que na categoria “mais assistidos”. Sendo mais predominante nas categorias “asiática/japonesa” (74,2%), “latina” (73,8%), “inter-racial” (65,2%), “ebony” (36 %). Os autores também mediram agressão física não -consensual e constataram a presença desta em 12,3% da totalidade da amostra. No entanto, agressões físicas não consensuais também foram

<sup>171</sup> Tradução própria, no original: “Gaping is unique in that it not only objectifies a woman’s body part by zooming in on the stretched out genitals or anus but it also may suggest proof of damage or destruction to a woman’s body in a sexualized way.”

<sup>172</sup> Esta categoria faz referência a pessoas negras.

registradas significativamente com maior frequência nas categorias racializadas de pornografia, do que nas categorias “mais assistidos” (1,4%) e “aleatório” (9,2%). Agressões física não consensuais foram predominantes nas categorias “asiática/japonesa” (32,3%), “inter-racial” (34,8%), “latina” (10,5%) e “ebony” (10%). As medidas de agressão verbal também variaram fortemente de acordo com a categoria analisada. Agressão verbal esteve presente em 25,3% dos vídeos analisados, sendo mais predominante na categoria “aleatória” e “mais assistidos”, nas quais agressões verbais ocorreram, respectivamente em 50% e 28,6% dos vídeos da amostra. As outras categorias registraram menores valores para este indicador: “asiática/japonesa” (3,2%), “inter-racial” (4,4%), “ebony” (12%), “latina” (10,5%). Os autores também mediram a porcentagem dos títulos de vídeos que sugeriam agressão. Do total da amostra 9,7% dos títulos sugeriam agressão, a grande variação, neste quesito, esteve na categoria “inter-racial” na qual 30,4% dos títulos sugeriam agressão, não havendo variações significativas entre as outras categorias e o total da amostra. A pesquisa de Shor (2019) esteve voltada para a comparação de atos de agressão e degradantes em vídeos pornográficos com atrizes “adolescentes<sup>173</sup>” e atrizes adultas. Todos os vídeos analisados estavam hospedados no *pornhub.com*. Em relação a agressão física visível: 43% dos vídeos do total da amostra possuíam atos de agressão física visível e 15% possuíam atos de agressão física não consensual. Quando explorada a variante etária, a pesquisa indicou que vídeos com atrizes “adolescentes” tinham três vezes mais chances de receber um título que sugeria agressão do que vídeos com atrizes adultas. No entanto, quando examinadas os atos de agressão na prática, constatou-se que as atrizes “adolescentes” tinham a mesma probabilidade que as adultas de sofrer agressões. O autor ressalta, porém, que atrizes “adolescentes” possuíam maior probabilidade de sofrer com formas específicas de agressão ou atos considerados degradantes ou arriscados. Quando comparadas com as atrizes adultas, atrizes “adolescentes” tinham duas vezes mais probabilidade de aparecer em vídeos que incluíam penetração anal e cinco vezes mais probabilidade de aparecer em vídeos que incluíam penetração anal forçada (com o aparente intuito de causar dor). Também possuíam maior probabilidade de aparecer em vídeos em que o ator ejacula no rosto da mulher. Estando este último ato presente em 65,45% dos vídeos com atrizes “adolescentes” e em 45,30% dos vídeos com atrizes adultas. Em relação a forma como as atrizes reagem aos atos violência/agressão/degradação, a pesquisa apontou uma tendência

---

<sup>173</sup> Aqui faz-se referência a categoria pornográfica “teen”, extremamente popular na maior parte dos sites pornográficos, em que, em teoria, atrizes, jovens, porém maiores de idade simulam o papel de adolescentes.

geral das atrizes de reação favorável a vários atos de agressão. A reação das atrizes para todos os atos analisados pela pesquisa (agressão física visível, *spanking*, penetração vaginal forçada, penetração anal forçada e *gagging* forçado) foi em mais de 80% das vezes indicando prazer em resposta aos atos. No entanto, esta tendência mostrou-se especialmente forte em relação às atrizes “adolescentes”, em que vídeos com cenas de agressão/violência/degradação registraram significativamente mais respostas de prazer das mulheres envolvidas no vídeo. As mulheres “adolescentes” demonstraram prazer em 90% dos vídeos continham agressão física visível, contra 54,29% dos vídeos em que não apresentavam agressão visível. Quando examinados atos de agressão específicos, as atrizes “adolescentes” possuíam significativamente maiores probabilidades de demonstrar prazer em vídeos que incluíam *spanking*, penetração vaginal ou anal forçadas e *gagging* forçado do que em vídeos que não incluíam estas práticas. Fritz et al. (2021), compararam a ocorrência de objetificação e agressão em vídeos do *pornhub.com* e *xvídeos.com* em relação à raça/étnica dos atores e atrizes envolvidos nos vídeos, a comparação se deu considerando atores/atrizes brancos e atores/atrizes negros. Em relação à objetificação, operacionalizada a partir da ocorrência de *stripping* e ejaculação facial, a pesquisa apontou que mulheres negras e brancas são objetificadas na mesma intensidade, não havendo diferenças significativas entre os indicadores. No entanto, as autoras apontam que o *stripping*, presente em cerca de 18% das cenas, foi realizado exclusivamente por mulheres. Não havendo nenhum registro de cenas de homens realizando o ato. Os dados apontam, portanto, segundo as autoras, que esta é uma forma de objetificação genericada. Em relação à agressão, as mulheres negras (50,8% das cenas) foram significativamente mais retratadas como alvos de agressões que mulheres brancas (36% das cenas). Homens negros (47,3% das cenas) foram significativamente mais retratados como agressivos em relação às mulheres quando comparados aos homens brancos (35,3% das cenas). Em relação ao indicativo de intimidade, homens negros também foram significativamente menos retratados beijando a parceira (18% das cenas) que homens brancos (27,5% das cenas). Ao se considerar a combinação racial/étnica dos atores envolvidos nas cenas também se notam diferenças significativas em relação ao registro de agressões. A combinação homem negro-mulher negra (54% das cenas) registrou os maiores índices de representação de agressão física dirigida à mulher pelo homem, sendo o menor índice registrado na combinação homem branco-mulher branca (35% das cenas). A combinação homem negro-mulher negra (13% das cenas) também registrou o menor índice de ocorrência de beijos (indicador de intimidade), ao passo que

a combinação mulher negra-homem branco (33% das cenas) registrou o maior índice deste indicador. Por fim, a pesquisa de Shor e Seida (2021) dedicou-se, entre outros elementos a comparar a ocorrência de atos de agressão e degradação em vídeos pornográficos gays masculinos, lésbicos e heterossexuais. Todos os vídeos que compunham a amostra estavam hospedados no *pornhub.com*, respectivamente, nas categorias “gay”, “lésbica” e “mais assistidos”. Em todos os indicadores considerados (agressão visível, agressão não consensual, agressão verbal, *spanking*, batidas na face, manejo agressivo) a pornografia heterossexual foi a que apresentou menos agressões. Agressões visíveis estiveram presentes em 12,9% dos vídeos heterossexuais, em 24,3% dos vídeos lésbicos e em 25,7% dos vídeos gays masculinos. Agressões não consensuais foram também mais comuns nos vídeos da categoria “gay” (14,3%) do que na categoria “lésbica” (5,7%) e “heterossexual” (1,4%). *Spanking* foi registrado com em quase 25% dos vídeos da categoria “lésbica”, em quase 15% dos vídeos da categoria “gay” e em cerca de 7% dos vídeos da categoria “heterossexuais”. Os outros itens (agressões verbais, batidas na face e manejo agressivo) foram registrados em menos de 10% dos vídeos em todas as categorias. De maneira ampla, portanto, cenas que contém agressão e ou violência física são relativamente comuns na pornografia disponível *on-line*. Segundo os índices encontrados, tais atos surgem em ao menos um terço das cenas analisadas, sendo as mulheres majoritariamente os alvos das agressões e os homens os perpetradores de tais atos.

### **Poder, Exploração, Submissão, Dominação, Coerção e Consentimento**

Muitas das pesquisas que compõem esta revisão dedicaram-se a averiguar a forma como dinâmicas de poder são representadas na pornografia *mainstream*. Ainda que operacionalizadas de distintas formas, a tendência predominante nas pesquisas analisadas foi buscar indicadores que dessem conta de algum(ns) dos seguintes conceitos: poder, exploração, submissão, dominação, coerção e consentimento. Não irei pormenorizar todas as discussões levantadas pelas autoras sobre a escolha de conceitos ou dos indicadores utilizados para verificá-los. No entanto, destaco que a grande maioria das pesquisas ao apresentarem os conceitos que utilizam, explicitam e justificam a eleição dos indicadores escolhidos para operacionalização da investigação. De maneira que sugiro para maiores informações a consulta aos trabalhos de maneira individual. Neste momento, exporei brevemente o entendimento conceitual de cada pesquisa sobre os termos acima descritos e os indicadores utilizados para a quantificação nas análises de

conteúdo produzidas. Gorman, Monk-Turner e Fish (2010) analisaram a presença de temas de dominação, exploração e de atos de submissão de uma amostra de vídeos *mainstream* de sites pornográficos gratuitos. O tema de dominação foi codificado quando um(ns) homem(ns) era mostrado em controle enquanto outra(s) pessoa(s) não representavam ter controle das ações que se desenvolviam. As autoras exemplificam tal cenário apontando para vídeos em que o ator dirigia as ações sexuais que ocorriam, manipulando a atriz nas posições desejadas. O tema de exploração foi codificado quando um vídeo continha uma cena em que ao menos um participante era usado por outro, podendo estar incluída questões de desigualdade, como idade ou status. As autoras exemplificam tal cenário apontando para vídeos que eram focados exclusivamente no prazer de um participante e nenhuma instância de reciprocidade era perceptível. Por fim, ato de submissão foi codificado quando uma pessoa envolvida na cena demonstrava complacência com o outro, permitindo-se ser movida em qualquer posição ou concordando com qualquer ato que fosse solicitada a realizar. Peters et al. (2014) verificaram a ocorrência de coerção e consentimento na amostra de pornografia “teen” disponível em três sites de pornografia gratuita (*PornHub, Redtube, YouJizz*). O conceito de coerção foi tripartido, sendo considerada coerção verbal, física e econômica. A pesquisa também considerou como exploração quando uma pessoa envolvida no contexto do vídeo utilizava-se de um papel autoritário, como o de professor, por exemplo, para conseguir sexo. Consentimento foi codificado pela pesquisa, porém as autoras não explicitaram os indicadores utilizados para definir quando o consentimento ocorreu. Também se verificou a representação sexualizada de relações sujeito-objeto apresentadas como relações adulto-crianças (i.e, professor-aluno, pai- babá, babá-criança). Downing et al. (2014), que analisaram o conteúdo de pornografia gratuita gay masculina disponíveis em 5 sites (*GayTube, PornHub, YouPorn, XTube, Xvideos*), codificaram a presença de comportamentos sadomasoquistas (BDSM), porém não explicitaram os indicadores utilizados para definir quando tal forma de comportamento ocorria. Klassen e Peter (2014), em pesquisa sobre o conteúdo de pornografia *mainstream* disponível em quatro sites (*Pornhub, RedTube, YouPorn, xHamster*), verificaram a forma como poder surge nas narrativas pornográficas, para isto operacionalizaram a pesquisa a partir de dois indicadores: hierarquia e domínio/submissão. Hierarquia foi utilizada como indicador de poder independente da atividade sexual desenvolvida, sendo medida através da inquisição do status hierárquico das pessoas envolvidas em uma cena, para determinar quem estava em uma situação hierárquica superior (i.e, chefe, médico) e quem estava em um status

hierárquica inferior (i.e., estudante, secretária). Domínio/submissão foram utilizados como indicadores de diferenças de poder no contexto da atividade sexual e foram codificados através da determinação de quem era complacente com outro, permitindo-se ser movido em qualquer posição ou concordando com qualquer ato solicitado a ela/ele. Sexo coercitivo foi operacionalizado a partir de três itens: sexo não consensual, estar intoxicado e manipulação visando a atividade sexual. Sexo não consensual ocorreu quando alguém envolvido no sexo não concordou em participar da atividade sexual e foi coagido em ter sexo contra a sua vontade. Para determinar tal situação as pesquisadoras utilizaram de pistas verbais (i.e., dizer “não” ou “pare”) e visuais (i.e., empurrar alguém para longe). Intoxicação foi medida através da determinação de se alguma das pessoas envolvidas na cena representava estar intoxicada. Manipulação foi medida através da determinação de se alguém envolvido na cena foi manipulado (i.e., enganado, mentido para) para que o sexo acontecesse. Vannier, Currie e O’Sullivan (2014), propuseram uma análise de conteúdo comparativa entre vídeos pornográficos da categoria “*teen*” e da categoria “*MILF*”, sendo a amostra da pesquisa composta de pornografia disponível nos dez sites mais populares e gratuitos localizados via mecanismo de pesquisa do Google. As autoras elegeram seis variáveis para determinar a asserção de poder nos vídeos que compunham a amostra: experiência sexual, status profissional, iniciação da atividade sexual, controle de direção/ritmo, persuasão (verbal, física, verba e física), exploração. Os indicadores foram determinados via indicações que surgiam nos diálogos ao longo dos vídeos, como por exemplo falas do tipo “eu nunca fiz isto antes”, “eu vou lhe ensinar algo”, “mais rápido” ou “vamos mudar de posição”, via título ou descrições disponíveis nos vídeos, como por exemplo, “primeiro anal de adolescente” ou ainda via ações que transcorriam nas cenas e que poderiam ser indicativos de alguma das variáveis escolhidas. Exploração, também foi, nesta pesquisa, entendida como o ato de exploração de uma pessoa através da troca de atos sexuais por drogas, comida, proteção, dinheiro ou emprego. As pesquisas de Shor (2019) e Shor e Seida (2018; 2021), sobre ocorrência de agressão/violência em diversas categorias de pornografia *mainstream* disponíveis no *PornHub*, além de verificarem a ocorrência de atos de agressão/degradação através de atos fisicamente agressivos, já abordados anteriormente, verificou a ocorrência de atos de agressão/degradação levando em consideração a falta de consentimento. Para determinar a ocorrência de agressões físicas não consensuais os autores observaram pistas verbais e físicas que poderiam indicar a falta de consentimento. Tais pistas poderiam ser tanto pedidos verbais explícitos para impedir ou parar determinado ato, quanto sinais não

verbais de resistência ou tentativas de evitar determinada ação ou a ainda a demonstração evidente, por parte de algum participante, de infelicidade frente a estar em determinada situação. Apresento a seguir as conclusões gerais tais como estas foram descritas por cada uma das pesquisas analisadas em particular.

**Domínio/submissão:** Gorman, Monk-Turner e Fish (2010) indicaram que a temática predominante dos vídeos analisados foi dominação, a representação de um homem em posição de domínio sobre outras pessoas ocorreu em 33% dos vídeos que compunham a amostra. O ato mais comum presente na amostra foi o de submissão, ocorrendo este em 47% de todos os vídeos da amostra que envolviam ao menos duas pessoas. As autoras ressaltam que quando a submissão ocorria, 100% das vezes as mulheres eram apresentadas no papel submisso. Em quase metade dos vídeos da amostra (49%), as atrizes demonstraram ânsia ou vontade de realizar qualquer ato que fossem solicitadas. Downing et al. (2014) indicaram que comportamentos sadomasoquistas (BDSM) ocorreram em 10% do total da amostra. Klassen e Peter (2014), indicaram que 44,5% dos vídeos que compunham a amostra situações de domínio ou não eram mostradas ou mostravam um domínio equivalente entre homens e mulheres. No entanto, quando domínio era retratado, havia uma probabilidade significativamente maior que ele fosse masculino (38,5% dos vídeos) do que feminino, sendo, nestas circunstâncias, as mulheres com uma frequência significativamente maior mostradas como submissas (42,5% dos vídeos) durante o sexo. O índice de domínio masculino e submissão feminina sofrem variações significativas ao se considerar se os vídeos são amadores ou profissionais. Quando retratada uma situação de domínio/submissão, nos vídeos amadores, em 47,4% das vezes os homens surgiram como dominantes e em 50,5% das vezes as mulheres eram mostradas como submissas, ao passo que, nos vídeos profissionais, homens foram retratados como dominantes em 35,7 % e as mulheres como submissas em 40% dos vídeos. Sem utilizar a terminologia domínio/submissão, Vannier, Currie e O’Sullivan (2014), verificaram a distribuição do controle do ritmo e da direção das ações nos vídeos que compunham amostra. Do total da amostra, homens foram representados como em controle em 24% dos vídeos, as mulheres em 10% e o controle/ritmo foi compartilhado em 66% dos vídeos que compõe a amostra. No entanto, algumas diferenças foram ressaltadas pelas autoras no que tange as categorias de pornografia analisadas (*teen* e *MILF*). Nos vídeos que compunham a amostra de pornografia “*teen*”, homens foram mostrados no controle em 44% das vezes e as mulheres

em 2%, sendo que em 54% dos vídeos o controle/ritmo foi compartilhado. Nos vídeos que compunham a amostra de pornografia “*MILF*” o controle/direção foi compartilhado em 78% dos vídeos, sendo que em 18% das vezes as mulheres foram mostradas no controle/direção e em 4% os homens foram retratados em situação de controle/direção. De maneira ampla, portanto, a temática da dominação/submissão é relativamente comum nos vídeos analisados, sendo majoritariamente as mulheres retratadas em um contexto de submissão e os homens em um contexto de domínio.

**Exploração:** Gorman, Monk-Turner e Fish (2010) apontam que exploração foi um tema encontrado em 22% dos vídeos que compunham a amostra. As autoras destacam ainda a relação entre temas de exploração e domínio e a representação de atos degradantes. Indicando que quando exploração ou domínio eram o tema principal de vídeo, 92% dos vídeos apresentavam atos degradantes. Peters et al. (2014) apontam que em 4,7% dos vídeos da amostra um papel de autoridade foi explorado com objetivos sexuais. Vannier, Currie e O’Sullivan (2014) indicaram que situações de exploração da mulher ocorreram em 15% do total da amostra e do homem em 4%. Havendo, no entanto, uma diferença significativa entre os vídeos que compunham a categoria “*teen*” e “*MILF*”. Na categoria “*teen*”, em 28% dos vídeos uma mulher foi mostrada em situação de exploração e 0% dos vídeos mostrou um homem na mesma situação. Os vídeos da categoria “*MILF*” mostraram uma mulher sendo explorada em 2% dos vídeos e um homem sendo explorado em 8% dos vídeos. De maneira ampla, portanto, houve uma variação grande (4,7% - 28%) na representação de cenários de exploração sexual. Havendo uma tendência de que mulheres sejam com maior frequência retratadas em um contexto de exploração.

**Coerção/consentimento:** Peters et al. (2014) apontam que coerção foi retratada em 7,3% dos vídeos que compunham a amostra, sendo subdividida em coerção verbal (2,0%), coerção física (2,7%) e econômica (2,7%). Na grande maioria (97,3%) dos vídeos que compõe a amostra as atrizes parecem consentir com as ações que transcorrem. Em 1,3% dos vídeos as atrizes envolvidas em nenhum ponto consentiram com as ações realizadas. Em 1,3% dos vídeos, as atrizes inicialmente não consentiram, porém acabaram por consentir ao final. Um vídeo retratou uma mulher sendo sexualmente abusada enquanto dormia e um vídeo retratou um estupro explícito. Klassen e Peter (2014), apontam que sexo não consensual foi retratado em 6,2% dos vídeos da amostra, sexo intoxicado em 0,8% dos vídeos. Manipulação do homem visando o sexo foi retratada em

1,2% da amostra e manipulação da mulher visando o sexo em 5,2% dos vídeos. Havendo, no entanto, uma diferença significativa entre os vídeos amadores e os profissionais neste quesito. Na amostra de vídeos amadores, em 16,8% e 2,1% dos vídeos, respectivamente, mulheres e homens foram manipulados com fins sexuais. Na amostra de vídeos profissionais, apenas 1,0% dos homens e 1,6% das mulheres foram manipulados com fins sexuais. Shor (2019) indicou que em apenas 16,36% dos vídeos da categoria “*teen*” e em 15,38% dos vídeos que compunham a categorias “*adulta*” o consentimento das atrizes foi claramente indicado. Os outros índices encontrados por Shor (2019) e Shor e Seida (2018;2021) relacionados ao consentimento às agressões físicas já foram explicitados no item agressões físicas. De maneira ampla, portanto, nota-se uma grande variação na representação de coerção e consentimento nas amostras analisadas. Sendo os índices para ambas as situações, de coerção e consentimento, relativamente baixos, havendo o indício de que a pornografia *mainstream* disponível *on-line* tende a não retratar a ocorrência de consentimento como parte importante do intercuro sexual.

**Poder/Hierarquia:** Segundo Peters et al. (2014) a representação sexual de relações adulto-criança ocorreu em 12,7% dos vídeos, sendo as mais comuns: professor-aluna, pai-babá e babá-criança. Klassen e Peter (2014) apontam que 28,5% dos vídeos da amostra homens e mulheres foram retratados como possuindo a mesma hierarquia. Havendo, no entanto, algumas variações significativas quando se analisa o caráter amador ou profissional dos vídeos. Nos vídeos amadores, homens aparecem em 30,5% dos vídeos como possuidores de uma maior hierarquia, sendo as mulheres retratadas em maior nível hierárquico apenas em 7,4% dos vídeos. Sendo mais comum, em 34,7% dos vídeos, que as mulheres sejam retratadas como possuidoras de uma hierarquia mais baixa. Em vídeos profissionais, as mulheres são retratadas em posições hierarquias superiores em 22,6% dos vídeos, sendo homens retratados em nível hierárquico superior em 10,5% dos vídeos. Dos vídeos considerados profissionais homens e mulheres são retratados, respectivamente, como hierarquicamente inferiores em 20,3% e 14,4% dos vídeos. Vannier, Currie e O’Sullivan (2014), apontam que nos vídeos em que é possível perceber diferença de status entre atores e atrizes (56% dos vídeos), homens e mulheres aparecem ambos com status superior em 24% vídeos, sendo que em 8% dos vídeos o status de homens e mulheres é igualitário. No entanto, há uma nítida inversão ao considerar-se os vídeos da categoria “*teen*” e da categoria “*MILF*”. Nesta última categoria, em 48% dos vídeos as mulheres aparecem em um status hierárquico superior, na categoria “*teen*” são

os homens que em 46% das vezes são retratados como possuidores de um status hierárquico superior. De maneira ampla, a diferença de poder/hierarquia entre atores e atrizes é relativamente frequente, sendo na minoria das vezes homens e mulheres retratados como possuindo o mesmo status hierárquico.

### **Agência, reciprocidade e prazer**

Até o momento me centrei em indicadores que poderiam ser considerados negativos em relação aos conteúdos exibidos na pornografia disponível *on-line*. No entanto, muitas das pesquisas que compõem a presente revisão dedicaram-se a averiguar a forma como instancias relacionadas a agência, reciprocidade e prazer são representadas na pornografia *mainstream*. Ainda que operacionalizadas de distintas formas, a tendência predominante nas pesquisas analisadas foi buscar indicadores que dessem conta de algum(ns) destes três conceitos. Não irei pormenorizar todas as discussões levantadas pelas autoras sobre a escolha de conceitos ou dos indicadores utilizados para verificá-los. No entanto, a grande maioria das pesquisas ao apresentarem os conceitos que utilizam, explicitam e justificam a eleição dos indicadores escolhidos para operacionalização da investigação. Gorman, Monk-Turner e Fish (2010) codificaram o principal tema dos vídeos que compunham a amostra da pesquisa, vídeos codificados como tendo a reciprocidade como tema principal foram aqueles que incluíram cenas de satisfação mútua e consentimento. Vídeos codificados como sendo de auto-erótica continham cenas de masturbação ou ações sexuais que os atores performavam em si mesmos. Klassen e Peter (2014) consideraram como um dos indicadores de objetificação a falta de representação de orgasmos, sendo este um dos indicadores de uso instrumental do ator ou da atriz visando apenas o prazer de outro. As autoras também codificaram a iniciação do ato sexual, dado que a possibilidade de iniciar o ato sexual seria um fator de humanização. Em outras pesquisas, como veremos, tal índice é utilizado como indicador de agência. Vannier, Currie e O'Sullivan (2014), por sua vez, codificaram a iniciação da atividade sexual como uma das variáveis que indicavam acesso ao poder. Zhou e Paul (2016) tomaram a iniciação ao ato sexual como um dos dois indicadores considerados para medir o grau de agência das mulheres. O outro indicador foi a ocorrência de comportamentos sexuais que envolvem auto toque. Segundo os autores, iniciação do sexo indica que pessoa em questão procura ativamente o prazer e o desejo sexual. Fritz e Paul (2017) optaram por operacionalizar agência através de quatro indicadores: orgasmos (quando um indivíduo atinge o clímax sexual demonstrado fisicamente ou verbalmente), direção

(quando uma pessoa instrui a ação ou comportamento do/a parceiro/a sexual), auto toque (qualquer auto toque no pênis ou na vulva) e iniciação do ato sexual (o ponto em uma situação interativa em que a primeira instância de contato sexual acontece). A pesquisa de Séguin, Rodrigue e Lavigne (2017), centrou-se na ocorrência de orgasmos em vídeos pornográficos *mainstream*, foram considerados indicadores de orgasmos tanto pistas verbais (gemidos, hiperventilação, falta de respiração na fase pré-orgasmica), quanto pistas visuais (miotonia, contorções faciais, olhos fechados, *squirting*, ejaculação externa, ejaculação interna). As autoras também codificaram os atos sexuais que teriam induzido os orgasmos e ressaltam que as análises foram realizadas em cima de representações dos orgasmos masculinos e femininos e não em cima da autenticidade dos orgasmos. As pesquisas de Shor (2019) e Shor e Seida (2018; 2021), codificaram a expressão de prazer das mulheres (gemidas, gritos de prazer ou a pronúncia explícita do clímax). Os autores ressaltam que, ainda que tais exibições não sejam autênticas, elas são importantes de ser codificadas, pois a presença destas na pornografia pode enviar a mensagem de que as mulheres e não apenas os homens devem desfrutar do ato sexual. Shor (2019), também codificou a iniciação do ato sexual e a exibição nítida de afeição (i.e, beijos, carícias, falas doces). Shor e Seida (2021) codificaram a ocorrência de orgasmos e de expressões de prazer (sorrisos, gemidos e afirmações verbais específicas como: “sim”, “mais”, “isto é bom”) por parte da pessoa não dominante na amostra que levada em consideração pornografia gay masculina e pornografia lésbica. Os índices para auto toque das pesquisas citadas foram já incluídos na categoria “masturbação” explicitada acima, de maneira que estes não serão repetidos aqui.

**Iniciação do sexo:** como colocado anteriormente iniciação ao sexo (i.e., quem, em uma instância interativa, inicia o primeiro contato sexual) foi tomado como um indicador de diferentes conceitos pelas pesquisas analisadas. Apresento aqui primeiramente os dados tais como estes são apresentados pelas pesquisas em particular e em seguida um painel mais amplo das conclusões atingidas pelas pesquisas. Segundo Klassen e Peter (2014), para o total da amostra de vídeos considerados, homens (em 35,8% dos vídeos) e mulheres (em 32,2% dos vídeos) tiveram uma divisão paritária no quesito iniciação do ato sexual. No entanto, quando considerado o caráter amador ou profissional dos vídeos, algumas diferenças significativas são apontadas. Nos filmes considerados amadores, homens e mulheres iniciaram a atividade sexual, respectivamente, em 50,5% e 18,9% dos vídeos. Em vídeos considerados profissionais,

homens e mulheres iniciaram a atividade sexual, respectivamente, em 31,1% e 36,4% dos vídeos. Considerando também as outras variáveis utilizadas na pesquisa, as autoras apontam que as mulheres possuíam mais probabilidade de ser desumanizadas nos vídeos amadores do que nos vídeos profissionais. Vannier, Currie e O’Sullivan (2014) apontam que em 33% dos vídeos não é possível determinar de quem partiu a iniciação da atividade sexual. Considerando o total da amostra, nos vídeos em que tal determinação foi possível, homens iniciaram a atividade sexual em 21% dos vídeos e mulheres em 28%, sendo que em 18% dos vídeos considerou-se a iniciação foi compartilhada. Quando consideradas as diferentes categorias de pornografia analisadas pela pesquisa (“*teen*” e “*MILF*”) notou-se que nos vídeos que compunham a categoria “*teen*”, a iniciação da atividade sexual foi predominantemente realizada pelos homens (34% dos vídeos) e nos vídeos que compunham a categoria “*MILF*”, a iniciação foi predominantemente realizada pelas mulheres (40% dos vídeos). Em Zhou e Paul (2016), quando considerada a totalidade da amostra, a iniciação ao sexo ocorreu de forma paritária entre homens (em 20,1% dos vídeos) e mulheres (em 19% dos vídeos). No entanto, na categoria “mulheres asiáticas” homens (24,1%) foram predominantemente os iniciadores da atividade sexual, com as mulheres iniciando a atividade sexual em 10,9% dos vídeos desta categoria. Fritz e Paul (2017) apontam que a iniciação do sexo por mulheres variou de um mínimo de 22% na categoria vídeos *mainstream* do *Pornhub* até o máximo de 34% na categoria pornografia feminista do *Lust Videos*. Shor (2019) notou diferenças significativas na iniciação do ato sexual de acordo com as categorias analisadas (“*teen*” e “adulto”). Em ambas as categorias a iniciação do ato sexual por uma mulher foi menos frequente, mulheres iniciaram o sexo em 9,09% dos vídeos “*teen*” e em 17,95% dos vídeos “adultos”. O predomínio da iniciação do ato sexual por um homem foi significativamente maior na categoria “*teen*”, ocorrendo em 61,82% das vezes, do que na categoria “adulto”, 35,94% dos vídeos. De maneira ampla, nota-se, uma tendência paritária na forma como homens e mulheres são representados na iniciação ao sexo, havendo, no entanto, diferenças significativas quando consideradas categorias específicas de pornografia.

**Orgasmos e demonstração de prazer:** Klassen e Peter (2014) apontam para uma grande diferença entre a representação de orgasmos de homens e mulheres nos vídeos que compõe a amostra. Considerando a totalidade dos vídeos, orgasmos masculinos foram registrados em 75,5% dos vídeos, ao passo que orgasmos femininos apareceram em 16,8% dos vídeos. Nos vídeos amadores as chances de se ver representado um orgasmo

feminino diminuem, com estes ocorrendo em apenas 11,6% dos vídeos. Orgasmos masculinos foram registrados em 68,4% dos vídeos amadores. Nos vídeos profissionais, homens foram retratados atingindo o orgasmo em 77,7 % dos vídeos e mulheres em 18,4%. Na pesquisa de Fritz e Paul (2017) houve grandes variações na representação de orgasmo feminino de acordo com a categoria de pornografia analisada. O índice mais baixo foi registrado na categoria “para mulheres” (*Pornhub*) em que o orgasmo feminino foi representado em 10% dos vídeos, seguido da categoria “*mainstream*” (*Pornhub*), com 15% de representação de orgasmos femininos e pela categoria “feminista” (*Lust Videos*) com 20% de representação de orgasmo pelas mulheres. O índice mais alto foi registrado na categoria “feminista” (*Crashpad*) em que 62% dos vídeos tiveram representação de orgasmos feminino. Em todas as categorias consideradas<sup>174</sup> a representação do orgasmo masculino foi mais frequente. Sendo este representado em 63% dos vídeos da categoria “para mulheres”, 61% dos vídeos da categoria “*mainstream*” e em 53% dos vídeos da categoria “feminista” (*Lust Videos*). Séguin, Rodrigue e Lavigne (2017) indicam que 18,3% das mulheres e 78% dos homens foram retratados atingindo orgasmo na amostra de vídeos considerada. Sobre os atos sexuais que teriam levado ao orgasmo, no caso das mulheres, em 45% dos vídeos o orgasmo foi induzido via sexo vaginal, 35% através de sexo anal, 5% através de sexo oral e em 15% através de uma combinação de atividades. As autoras apontam que dos orgasmos registrados apenas 25% foram induzidos por alguma forma de contato indireto ou direto com o clitóris. Os orgasmos masculinos foram em 51,3% dos vídeos induzidos através da autoestimulação do pênis, em 25,6% foram induzidos através do sexo vaginal, em 7,7% através de estimulação manual do pênis pela parceira, em 5,1% através de sexo oral, em 5,1% através de sexo anal e em 5,1% por outros meios. As autoras apontam ainda para uma grande diferença na forma como os orgasmos são retratados nas cenas analisadas. Enquanto os corpos femininos estavam sempre visíveis durante os orgasmos, o pênis era a única parte visível do corpo masculino em 51,3% dos orgasmos masculinos. Shor e Seida (2018) apontaram os índices mais baixos representação de clímax feminino, havendo uma variação significativa ao considerar-se as categorias racializadas de pornografia. Segundo os autores tal representação variou de 31,4% na categoria “mais assistidos” para 0% na categoria “latinas”. Todas as categorias racializadas registraram índices mais baixos de representação de orgasmos femininos do que a categoria “mais assistidos”:

---

<sup>174</sup> A categoria “feminista” (*Crashpad*) não integrou esta parte da amostra por centrar-se em pornografia *queer* e não incluir atores homens.

“asiáticas/japonesas” (16,1%), “inter-racial” (13%), “ebony” (2%). A categoria “aleatória” registrou 6,6% de representação de orgasmos feminino. Na pesquisa de Shor (2019), mulheres foram retratadas atingindo ao clímax em 20% dos vídeos que compunham a categoria “teen” e em 11,97% dos vídeos que compunham a categoria “adulta”. Em Shor e Seida (2021), 11,4% das mulheres foram retratadas atingindo orgasmo na categoria “heterossexual”, ao passo que 50% dos homens não dominantes da categoria “gays masculinos” e 70% das mulheres não dominantes da categoria “lésbicas” foram retratadas atingindo orgasmo. Vídeos gays e lésbicos também tiveram maiores expressões de prazer por parte do/a parceiro/a não dominante. Estas ocorreram em quase 100% dos vídeos da categoria “lésbica”, em 80% dos vídeos “gays masculinos” e em 68% dos vídeos “heterossexuais”. De maneira ampla, portanto, a representação do orgasmo masculino é muito mais frequente que a representação do orgasmo feminino.

**Agência/reciprocidade/prazer:** Exponho agora as conclusões gerais as quais os estudos analisados chegaram no que tange os três conceitos acima mencionados (agência, reciprocidade, prazer) e que porventura não apareceram nos itens anteriormente expostos. As pesquisas buscaram dar conta da temática da reciprocidade analisando a prevalência de um mesmo ato em homens e mulheres. De maneira que é possível perceber a tônica da (falta de) reciprocidade em diversos dos dados apresentados pelas pesquisas. No entanto, apenas uma pesquisa (GORMAN; MONK-TURNER; FISH, 2010) codificou reciprocidade em si. A pesquisa em questão apontou que vídeos que tinham a reciprocidade como tema principal corresponderam a 22% do total da amostra. Diversas pesquisas buscaram averiguar a prevalência de agência, principalmente entre as mulheres, nos materiais pornográficos analisados. Zhou e Paul (2016) apontam que, de forma geral, os vídeos pornográficos *on-line* mostram alguma agência feminina através de representação de comportamentos sexuais de auto toque e de mulheres iniciando a atividade sexual. No entanto, quando comparadas com mulheres em outras categorias de pornografia, as mulheres representadas na categoria “mulheres asiáticas” possuem significativamente menos agência. Fritz e Paul (2017) apontam que a pornografia *queer* feminista possuiu uma média significativamente superior de agência feminina do que outras categorias de pornografia analisadas. Sendo que pornografia heterossexual feminista, pornografia heterossexual para mulheres e pornografia heterossexual *mainstream* apresentaram médias estatisticamente similares para agência. A pesquisa apontou ainda uma disparidade grande na medida de agência no quesito orgasmos quando

comparados homens e mulheres, com orgasmos masculinos sendo mais presentes em todas as categorias de pornografia analisadas (a exceção da pornografia *queer* que não retratou nenhuma forma de orgasmo masculino). A representação de orgasmos/prazer na pornografia *on-line* foi averiguada por diversas pesquisas. Em pesquisa dedicada exclusivamente a análise de orgasmos femininos e masculinos na pornografia *mainstream*, Séguin, Rodrigues e Lavigne (2017) apontam que apenas um quinto das mulheres foram mostradas atingindo orgasmos, em comparação com quatro quintos dos homens. Segundo as autoras tais indicativos contradizem a assunção de que a pornografia é um mundo de fantasia no qual as mulheres sempre experienciam orgasmos. Além disto, as autoras apontam que os achados da pesquisa, que indicam que a maioria dos orgasmos femininos foi induzido unicamente pela penetração, são consistentes com o discurso do coito imperativo, no qual o sexo pênis-vagina é construído como a única forma de “sexo real”. Os achados sugerem, portanto, segundo as autoras, que a pornografia *mainstream* pode contribuir para a perpetuação de crenças e expectativas não realistas em relação ao orgasmo feminino e a performance dos homens heterossexuais. A pornografia perpetuaria, desta forma, várias expectativas culturais em relação ao orgasmo feminino, promovendo a performatividade das atrizes (via gritos, gemidos e espasmos corporais) como forma reduzir a ansiedade em relação à autenticidade do prazer feminino e, por proximidade, as ansiedades dos homens em torno de seu próprio desempenho sexual. As autoras indicam também que o fato de, na maior parte dos vídeos, os corpos masculinos, em especial os rostos, estarem excluídos das cenas, pode ser entendido como uma estratégia de facilitação da habilidade do espectador em adotar o ponto de vista do ator e em objetificar as mulheres nos vídeos visando o prazer próprio. Shor e Seida (2018), concluem que a maioria dos vídeos que compuseram a amostra retratou as mulheres como não sendo meramente passivas e complacentes, mas sim buscando sexo entusiasmamente e fazendo esforços claros para demonstrar que elas desejam o ato e estavam obtendo prazer dele. Shor (2019), em análise de uma amostra centrada nas categorias “*teen*” e “*MILF*”, aponta a existência de relação explícita entre agressões e demonstrações de prazer, com atrizes de todas as idades possuindo maior probabilidade de demonstrar prazer em vídeos que continham agressões do que em vídeos que não continham. O autor aponta que a agressão é normativa e que ou aumenta ou simplesmente não interfere com a habilidade das mulheres, especialmente as mais jovens, em experimentar prazer sexual. Estes vídeos ainda reforçam a ideia que as mulheres desejam ou obtêm prazer de práticas sexuais degradantes ou agressivas, uma ideia que serviria para perpetuar a cultura do

estupro. Shor e Seida (2021) indicam, em relação a demonstrações de afeto e prazer, que os vídeos das categorias “gay masculino” e “lésbica” superam os vídeos da categoria “heterossexual” em todos os quesitos analisados, sendo tanto as demonstrações de afeto quanto de prazer significativamente mais frequentes nos vídeos não heterossexuais. Levando os autores a concluírem que as diferenças nas respostas de afeto e prazer foram claramente mais pronunciadas, nas três categorias amostradas, que as diferenças nos níveis de agressões.

### **Representações pornográficas: narrativas e identidades**

Os dados apresentados até o momento, obtidos a partir da revisão de trabalhos dedicados a análise de conteúdo de materiais pornográficos disponíveis *on-line*, permitem desenhar alguns traços da paisagem pornográfica contemporânea. O objetivo da presente seção é apresentar tais traços de maneira ampliada e propor uma discussão entre os dados obtidos e os referenciais teóricos que movem a pesquisa. Neste sentido é preciso lembrar que *Narrativas e Identidades* são duas mediações básicas apontadas por Barbero no seu (novo) mapa das mediações.

Conectando os polos das temporalidades com o das sensorialidades, a mediação das identidades, como já coloquei, diz respeito a identidades que vem de tempos “duros e densos”, como as identidades de homem e mulher e figuras de identidades mais efêmeras e fragmentadas como as de “MILF”, “novinhas”, “lésbicas”. Estes exemplos não estão na obra de Barbero e são parte do exercício de pensar os dados obtidos frente os referenciais teóricos da pesquisa. Como mostrarei adiante, a mobilização e a criação de certas identidades e figuras de identidades faz parte do *modus operandi* das representações pornográficas na atualidade. Por sua vez, conectando os polos das tecnicidades com o das temporalidades, a mediação das narrativas surge neste mapa barberiano para dar conta de alguns aspectos do processo de comunicação contemporâneo que me parece estão bastantes presentes na relação entre pornografia *on-line* ↔ jovens. Sobre o conceito de narrativas alguns apontamentos devem ser feitos antes de iniciar o processo de articulação entre os referenciais teóricos e os dados obtidos.

A mediação das narrativas está intimamente ligada, no pensamento de Barbero, a noção de rituais. Rituais, neste caso, não guarda um sentido sagrado, mas está embebido em cotidianidade. Segundo Barbero (2019), vemos na atualidade a expansão de rituais, como ver séries e conversar pelas redes. Tais rituais são geradores de narrativas. As

narrativas, por sua vez, devem ser compreendidas também em sua dimensão cotidiana, são geradoras de histórias e conversações. De forma última, a arte de narrar está relacionada a necessidade de compartilharmos experiências e darmos sentido ao cotidiano. Aqui me parece importante já indicar a necessidade de pensarmos a relação entre pornografia e culturas juvenis a partir das noções de uso e experiência.

Como as pesquisas anteriormente citadas demonstram e como veremos mais adiante, o contato com tais materiais parece ser parte do cotidiano de uma parcela significativa de jovens na atualidade. Inclusive algumas pesquisas apontam que, principalmente entre os jovens do gênero masculino, o ritual de assistir pornografia coletivamente é relativamente comum. De tais rituais de usos e experiências com materiais pornográficos podem surgir possíveis narrativas normativas sobre a sexualidade, os corpos e o gênero.

Tal ponto será abordado de forma mais específica na próxima etapa da pesquisa, quando adentrarmos, de fato, na experiência dos jovens com pornografia. Também é necessário termos em mente que a ritualidade envolvida no uso de materiais pornográficos é acompanhada, na maior parte dos casos como veremos, pelo ato da masturbação. Sendo esta uma especificidade importante relacionada a experiência com materiais pornográficos, pois, diferente da experiência com outros gêneros fílmicos/visuais a utilização de pornografia parece envolver também uma ritualidade mais profundamente relacionada ao corpo. Por ora, no entanto, apenas indico a importância de pensarmos o papel que a pornografia ocupa ao considerarmos a masturbação como um ritual cotidiano, implicado na vida doméstica dos jovens na atualidade.

É preciso notar, portanto, que o conceito de narrativas opera em dois níveis da análise. O primeiro, ao qual agora me dedico, está relacionado ao estabelecimento de quais narrativas/relatos surgem como referenciais nos materiais pornográficos disponíveis *on-line*. O segundo nível, por sua vez, está relacionado as narrativas que são geradas e se estabelecem como hegemônicas nas culturas juvenis a partir dos usos e das experiências que as pessoas jovens têm com materiais pornográficos. A compreensão da existência destes dois níveis se dá a partir do entendimento de que a relação entre (emissor  $\leftrightarrow$  mensagem  $\leftrightarrow$  receptores) não pode ser inferida apenas a partir da análise de um dos termos.

Ao analisar, então, o tipo de mensagem as quais os jovens podem estar cotidianamente expostos ao acessarem materiais pornográficos via internet realizo um exercício similar aquele realizado por Guillermo Orozco Gomez (1993), quando este dedicou-se a uma análise axiológica da programação televisiva a qual as crianças mexicanas estariam expostas no seu uso cotidiano da televisão. Gomez (1993) aponta que é preciso reconhecermos que diversos fatores como a polissemia das mensagens, a existência de mediações múltiplas, a capacidade receptiva e a competência comunicativa impedem que possamos pensar as mensagens dos meios massivos como tendo um efeito direto, homogêneo e único. De forma que devemos relativizar o efeito “monolítico” dos meios sobre as audiências. Ainda assim, o autor aponta que: “se faz necessário reconhecer a importância da oferta axiológica televisiva, a qual se assume como o ‘referente’ a partir do qual se produzem diferentes interpretações e, finalmente, se produz a comunicação<sup>175</sup>.” (GOMÉZ, 1993, p. 11) O que busco aqui, portanto, é este “referente” pornográfico.

É preciso enfatizar, portanto, que tomarei as narrativas pornográficas analisadas como referenciais que podem adentrar no mundo da experiência e ser consideradas práticas ou “modos de fazer”. Entendo o termo narrativas aqui, portanto, como expressando um espaço de ficção em que se expressam procedimentos e táticas que para além de descrever algo, fazem algo (Lourdes SILVA; Maria BASEIO, 2019).

A relação entre narrativa e pornografia se tornou mais explícita ao longo dos anos 1970, quando a progressiva incorporação de histórias narrativas nos filmes pornográficos contribuiu para que, segundo Linda Williams, a pornografia se torna-se mais um gênero entre outros gêneros. A partir deste período a pornografia contaria com determinados traços que da mesma maneira que outros gêneros fílmicos, como o terror, o suspense, a comédia romântica, permitiriam a constituição e identificação do pornô enquanto gênero. Williams nota que para este processo da pornografia se tornar um entretenimento *mainstream* foi importante a definição da legalidade do gênero e a mudança na metragem dos filmes, que passaram, nesta época, a ser longa metragens produzidos por estúdios maiores.

---

<sup>175</sup> Tradução própria. No original “se hace necesario reconocer la importancia de la oferta axiológica televisiva, a la que se assume como el ‘referente’ a partir del cual se producen distintas interpretaciones y, finalmente, se produce la comunicación”.

Este processo de constituição do gênero pornô foi marcado pela constituição também de uma nova iconografia visual. A incorporação de histórias narrativas e a definição de tal iconografia foram responsáveis pela constituição do que Shirra Tarrant (2016) classifica como a Era de Ouro (1960-1980) da pornografia, na qual as histórias pornográficas passaram assumir características muito próximas as histórias contadas por outros gêneros fílmicos. Os filmes pornôs passaram a ser constituídos, desta maneira, por uma série de narrativas e números sexuais que repetidos a exaustão se tornaram o gênero pornográfico por excelência.

Sintomático de tal período é o guia desenvolvido por Stephen Ziplow “*Film Maker’s Guide to Pornography*” (1977). No guia consta, segundo Williams, uma lista de vários atos sexuais que deveriam estar incluídos nos filmes pornôs para a garantia de sucesso da obra: masturbação (entendida enquanto uma cena em que uma mulher se masturba), sexo hetero (entendido enquanto a penetração do pênis na vagina em diversas posições), lesbianismo (apontado diretamente como sendo voltado para a audiência heterossexual), sexo oral (cunilíngua e felação, porém o autor faz a ressalva de que filmar do ato de cunilíngua apresenta dificuldades técnicas que a felação não apresenta; a felação ainda teria a vantagem de facilitar a filmagem da “*Money shot*<sup>176</sup>”), sexo a três (a configuração subentendida é de duas mulheres e um homem), orgias, sexo anal (sendo este recebido por uma mulher e realizado por um homem).

A tal lista, Williams acrescenta ainda, a partir de análises de filmes da época, a presença de cenas de “sodomazo”, que retratam relações sadomasoquistas como chicotadas, palmadas ou *bondage*. Tais atos e as narrativas que os acompanhavam bem como a maneira como eram filmados e fotografados constituíram a iconografia visual padrão da pornografia na época citada, eram estas as imagens que um consumidor de pornografia esperava ver quando entrava em contato com o algum filme pornográfico.

Um ponto aqui merece destaque, ao analisar alguns dos filmes mais populares produzidos das décadas 1970 e 1980, Linda Williams (1989) aponta para diversos traços característicos das histórias narrativas que permeavam estes filmes. Segundo a autora, a narrativa em tais filmes servia o propósito de apresentar determinados conflitos ou

---

<sup>176</sup> Momento em que as câmeras registram a ejaculação do ator, normalmente nos seios, rosto ou boca das atrizes.

contradições entre os personagens que seriam resolvidas pelos números sexuais apresentados ao longo do filme:

Em outras palavras, como no filme musical, a estrutura episódica da narrativa *hard-core* é algo mais do que uma desculpa esfarrapada para números sexuais; é parte integrante da maneira como o gênero trata de resolver os desejos contraditórios de seus personagens. (WILLIAMS, 1989, p.134<sup>177</sup>)

Na atualidade, muitos dos vídeos pornográficos disponíveis nos sites mencionados não se constituem, de fato, como filmes. Como já vimos, a introdução de novas tecnologias permitiu que um número muito maior de pessoas pudesse estar envolvida, na atualidade, com a produção de vídeos pornográficos em comparação com períodos anteriores. Com isto, a produção de tais vídeos deixou de estar atrelada a grandes estúdios e tornou-se mais pulverizada. Estas transformações na cadeia produtiva impactaram diretamente os formatos midiáticos que tais vídeos passaram a ter.

Como apontado por outros autores (Niels VAN DOORN, 2010) muitos dos vídeos disponíveis nos sites pornográficos não apresenta objetivamente nenhum tipo de história narrativa que conduza a exibição dos atos sexuais. Esta baixa predominância de histórias narrativas possivelmente está ligada, entre outros elementos, a mudança na duração que o típico vídeo pornográfico passou a ter. O tempo médio de duração dos vídeos encontrado pelos autores apresentados na revisão realizada foi relativamente curto quando comparados aos longas metragens típicos de décadas anteriores: 10.13 minutos (GORMAN; MONK-TURNER; FISH, 2010), 23.92 minutos (KLASSEN; PETER, 2014), 9:27 minutos (VANNIER; CURRIE, O’SULLIVAN, 2014), 16:29 minutos (SÉGUIN; RODRIGUE; LAVIGNE, 2017). Downing et al. (2014) encontraram uma variação significativa na duração dos vídeos de acordo com o site analisado, com a menor média de duração sendo de 3.14 minutos para os vídeos hospedados no *GayTube* e a maior 14.55 minutos para os vídeos gays do *Pornhub*. Klassen e Peter (2014) apontam ainda que a maioria dos vídeos analisados consistia em apenas uma cena de sexo. O tempo médio de duração dos vídeos encontrados pelas pesquisadoras coincide com o tempo

---

<sup>177</sup>Tradução própria. No original: “In other words, as in the movie musical, the episodic structure of the hard-core narrative is something more than a flimsy excuse for sexual numbers; it is part and parcel of the way the genre goes about resolving the often contradictory desires of its characters.”

médio de visitação ao site do *Pornhub*. Segundo<sup>178</sup> o relatório do site referente ao ano 2019, a duração média de uma visita ao site foi 10 minutos e 28 segundos.

Na atualidade, as narrativas pornográficas devem, portanto, ser lidas muito mais a partir da forma como os números sexuais são apresentados do que pelas histórias narrativas que anteriormente compunham a trama pornô. Para além de constatar tais transformações, é importante que nos perguntemos se estas transformações acarretaram alguma mudança na experiência visual corporificada das e dos usuários de pornografia. Em termos barberianos, devemos nos questionar sobre a forma como as redes e as narrativas, coadunadas no polo das técnicas, relacionam-se com a constituição de novas sensorialidades contemporâneas em torno das mídias pornográficas.

A partir da revisão das análises dos conteúdos pornográficos que surgem com mais frequência nos sites que abrigam os maiores arquivos do gênero (*Xvideos*, *Pornhub*, *Xtube*, *Redtube* etc.) é possível propor uma versão atualizada da lista elaborada por Ziplow. Da mesma maneira, que o consumidor de pornografia dos anos 1970 possuía algumas expectativas quanto ao tipo de cenas e de narrativas com as quais se depararia ao assistir um filme pornográfico, na atualidade, ainda parece ser possível estabelecer um conjunto de atos que, ao estarem reiteradamente presentes nas mídias pornográficas acessadas pela Internet, passam a constituir o gênero pornográfico em si.

Com isto não se deve pensar que a lista que proponho a seguir esgota as possibilidades do gênero pornográfico disponível na Internet. Zabet Patterson (2004) aponta que uma característica própria da Internet e por consequência da pornografia disponibilizada *on-line* é a instabilidade, a mudança constante e volatilidade, de maneira que qualquer tentativa de historicizar ou mapear os conteúdos pornográficos disponíveis *on-line* será apenas um *snapshot* de um dado lugar em determinado tempo. Tendo tal questão em mente, proponho a seguinte lista como representativa do roteiro básico de um vídeo pornográfico heterossexual encontrado em um site do estilo *tube* na internet:

- um homem recebendo sexo oral de uma mulher.
- um homem penetrando vaginalmente uma mulher.
- um homem ejaculando na boca, no rosto ou no peito de uma mulher.

---

<sup>178</sup> **The 2019 Year in Review**. PornHub. 11/12/19. Disponível: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review> Acesso 20/02/2023

- um homem ou uma mulher recebendo estimulação genital.

Todas as cenas descritas acima registraram uma ocorrência superior a 50% em mais de uma das pesquisas revisadas. Com base ainda em tais pesquisas, outros eventos, ou números sexuais, para utilizar a definição de Linda Williams, que possuiriam grande probabilidade de ser vistos, incluem:

- uma mulher sendo agredida fisicamente de maneira visível por um homem.
- um homem dando palmadas em uma mulher.
- uma mulher se despindo diante da câmera.
- um homem penetrando a garganta de uma mulher com o pênis até a ocorrência do reflexo de vômito.
- um homem penetrando o ânus de uma mulher.
- uma mulher recebendo sexo oral.
- um homem e uma mulher se beijando.

Todos os números descritos acima registraram uma ocorrência superior a 20% em mais de uma das pesquisas revisadas. Acredito que temos aí, ainda que de maneira genérica, a versão mais contemporânea do roteiro (ou da *checklist*) dos atos que usualmente constam na pornografia *mainstream* heterossexual disponível *on-line*.

Quando consideramos a paisagem pornográfica descrita acima face aos debates feministas sobre a pornografia, alguns pontos, acredito, merecem destaque. Primeiramente, é necessário reconhecer o caráter primordialmente heterossexual das representações analisadas, tal fato não se deve exclusivamente as opções metodológicas e teóricas das pesquisas analisadas, mas a também a forma como se dá o acesso aos vídeos nos sites pesquisados. Muitas das pesquisas tomaram como ponto de partida para a formação dos seus *corpus* de análise as categorias “mais assistidos” ou “aleatórios” dos sites em questão. Ao abordar, mais adiante, a forma como, nos grandes portais de acesso a pornografia, os conteúdos são apresentados retomarei tal ponto, mas por ora, é preciso enfatizar que o conteúdo primário ofertado em tais sites é de pornografia heterossexual.

Como já visto anteriormente, boa parte das discussões feministas sobre pornografia esteve centrada, ao longo das décadas de 1970 e 1980, nos materiais

pornográficos heterossexuais e suas possíveis contribuições para a exploração e submissão das mulheres. Neste sentido, é justamente em relação a constituição da heterossexualidade como um regime político e econômico, e não apenas como uma forma de relacionamento sexuado entre homens e mulheres, que as narrativas pornográficas analisadas ainda parecem ter o que falar.

As cenas/vídeos/ imagens que formaram o *corpus*<sup>179</sup> de revisão desta pesquisa parecem atestar que o discurso hegemônico apresentado pela pornografia *mainstream* disponível *on-line* apresenta, ao contrário do que poderíamos esperar, uma baixa variabilidade de números sexuais, afirma o prazer do homem em detrimento do prazer da mulher, objetifica tanto homens como mulheres, porém constitui apenas estas como alvos possíveis de agressões e comportamentos violentos.

Ao analisar-se o *checklist* elaborado a partir das pesquisas revisadas torna-se nítido que há no discurso pornográfico uma falta de reciprocidade explícita na forma como a relação heterossexual típica é retratada. Neste sentido, não se trata de afirmar de maneira moralista ou higienista que determinados atos, que podem ser considerados degradantes ou violentos, não deveriam existir no discurso pornográfico, mas sim de constatar que tais atos existem apenas em cenários em que as posições de sujeito são fixas de acordo com o gênero das pessoas participantes envolvidas.

Desta forma, as representações de gênero ali encontradas operam dentro e a partir de uma política do desejo que constituiu a heterossexualidade como um regime político (Monique WITTIG, 1992) e como uma forma de governo (Paul PRECIADO, 2017; 2018; 2019) que age sobre todos os corpos, sejam eles consumidores ou não de pornografia, pois as representações contribuem para manutenção de um sistema sexo-gênero que escapa a individualidade. A forma como as narrativas pornográficas apresentadas constituem-se como hegemônicas (Antonio GRAMSCI, 1999) reside precisamente no fato delas se imporem não a partir de uma lei, mas sim de uma afirmação do desejo que se pretende natural, irruptivo e universal. Explorarei tal ponto mais adiante ao abordar as características que o conceito de “amador” adquire no universo da pornografia. As narrativas *mainstream* pornográficas acabam contribuindo, desta forma, para que se

---

<sup>179</sup> Faço referência aqui a soma das cenas/vídeos/imagens analisadas pelas pesquisas apresentadas na revisão. Não sendo contabilizadas aqui apenas a pesquisa de Downing et al., dedicada exclusivamente a análise de vídeos gays masculinos.

estabeleça “na prática da sexualidade uma partição entre o que se pode e o que não se pode fazer.” (PRECIADO, 2019, p. 327)

A essência das narrativas pornográficas encontradas reside na afirmação de um ser-sujeito codificado a partir dos signos de masculinidade como homem que atua (penetrando, ejaculando, agredindo) sobre um outro ser-objeto ou ser-coisa codificado a partir dos signos da feminilidade. Este ser-objeto mulher além de ser o receptáculo de certos atos específicos, também atua (chupa, despe-se), no entanto, está atuação parece estar quase que integralmente voltada para a satisfação de um desejo que não é necessariamente o seu. A articulação das narrativas pornográfica ocorre, portanto, a partir da afirmação de duas identidades básicas, de homem e mulher, que, talvez surpreendentemente, exercem uma variação diminuta de atos não intercambiáveis.

Ao atentar, então, para os atos que muitas das pesquisas codificaram como degradantes e/ou como comportamentos sexuais não normativos também se atesta a característica generificada de tais números sexuais. Como já dito anteriormente, atos como *gaping* e *gagging* parecem ter como objetivo primário indicar a possibilidade de causar dano e de ir além dos limites dos corpos das mulheres, seja pela dilatação extrema da vagina ou do ânus, seja pela presença do reflexo de vômito. As pesquisas revisadas indicam que tais atos não são extremamente disseminados no universo da pornografia, no entanto, a presença destes, mostra-se tão frequente<sup>180</sup> quanto a ocorrência de cenas beijos, por exemplo. De maneira que é possível presumir uma probabilidade alto da e da usuária/o recorrente de vídeos pornôs em se deparar com tais números sexuais, sem que este ou esta tenha necessariamente procurado ativamente por estes atos. Parece ainda haver correção, portanto, na análise que Adrienne Rich (2010) realizou sobre a função que as representações pornográficas possuem no processo de naturalização e instituição de determinada versão sobre a pulsão masculina e sobre a forma como o consentimento ocorre nas relações heterossexuais.

A pornografia não cria simplesmente uma atmosfera na qual sexo e violência seriam intercambiáveis. Ela amplia o conjunto de comportamentos considerados aceitáveis para os homens em seus intercursos heterossexuais – comportamento que retira das mulheres reiteradamente de sua autonomia, de sua dignidade e de seu potencial sexual, inclusive o potencial de amar e ser amada por mulheres com mutualidade e integridade. (RICH, 2010, p. 27)

---

<sup>180</sup> Os maiores índices encontrados para a ocorrência de *gaping* e *gagging* foram, respectivamente, 26% (FRITZ; PAUL, 2017) e 25, 64% (SHOR, 2019).

As descrições pornográficas, segundo Rich, exemplificam um conjunto de características do que a autora classifica como poder masculino, ou poder dos homens; tendo tais descrições também um duplo agir, negam a sexualidade das mulheres ao mesmo tempo que impõem a sexualidade masculina. A pornografia faz parte, portanto, enquanto método, das estratégias de manutenção do poder masculino. Através de suas representações, o sadismo heterossexual é normalizado, na mesma medida em que a sexualidade das mulheres é apagada.

A função pedagógica da pornografia para as mulheres é ensiná-las a pensar em si próprias enquanto presas sexuais. A pornografia tem um papel ativo em fazer transmitir como um dogma as mensagens que naturalizam, ao mesmo tempo em que instituem, certas características da pulsão sexual masculina. Tal pulsão, por obrigatória e natural, não pode ser responsabilizada por muitos dos seus atos. Quando Adrienne Rich propõe que compreendamos a heterossexualidade masculina como instituição que se impõe, a autora indica a necessidade de examinarmos de forma mais detida as condições em que o consentimento pode acontecer em relações heterossexuais. Aponta para o erro que as análises feministas recaem quando alocam o estupro fora da esfera da sexualidade e o classificam apenas como um ato de violência. Ao cindirmos o estupro do conjunto de atos sexuais, impossibilitamos o exame de violências possíveis no intercurso sexual comum, estas ficam, então, invisíveis.

Mais uma vez é necessário lembrar que não se trata de negar a possibilidade de que sujeitos possam desejar a submissão ou possam legitimamente excitar-se com atos que o cidadão médio, para ficarmos com a terminologia jurídica que pautou as discussões sobre obscenidade nos EUA nas décadas de 1960-1980, considere violentos e ou degradantes; trata-se de notar que as representações analisadas constituem uma narrativa hegemônica sobre o sexo em que a possibilidade de reciprocidade e a equivalência dos corpos são negadas. As narrativas pornográficas analisadas são, portanto, exemplares atualizados da estética de um já antigo regime heterodominante.

É possível, dentro da ficção teatral da sexualidade, desejar limpar sapatos com a língua, ser penetrado por todos os orifícios ou caçar o amado num bosque como se fosse uma presa sexual. Contudo, dois elementos diferenciais marcam a distância entre a estética queer da sexualidade e a estética heterodominante do antigo regime: o consenso e a não naturalização das posições sexuais. A equivalência dos corpos e a redistribuição do poder. (PRECIADO, 2020, p. 328-329)

A falta de equivalência entre os corpos é notada tanto quando observados quem são aqueles capazes de agredir quando observamos quem são os capazes de gozar, fato que impossibilita analisar de maneira isolada as representações de prazer dos atos de violência/agressão/degradação. Parece, portanto, instaurado na paisagem pornográfica atual um sistema de representação que proponho denominar de *voluptas-violentiam*. É necessário notar que o binômio com o qual decidi operar não é o de prazer/dor, pois a dor não parece estar presente nas representações analisadas. O que surge da leitura dos dados apresentados é, no entanto, uma correlação importante entre capacidade de agredir e possibilidade de sentir prazer. Retomando, cenas de agressão física são comuns na pornografia *mainstream* (KLASSEN; PETER, 2014; ZHOU, PAUL, 2016; FRITZ, PAUL, 2017; SHOR, SEIDA, 2018; SHOR, 2019; FRITZ et al., 2021; SHOR, SEIDA, 2021) estando presentes em ao menos um terço das amostras analisadas. Há, no entanto, variações importantes, quando consideramos marcadores de gênero e raça/etnia no que diz respeito a dinâmica de tais atos.

A construção do sujeito codificado como feminino, do sujeito mulher, como um ser-objeto no universo da pornografia ainda se dá pela reiteração da afirmação de que estes corpos são os corpos que podem ser agredidos. A objetificação se dá, no entanto, tanto pelo fato dos corpos das mulheres se constituírem como os receptáculos quase que únicos dos atos de agressão, quanto pela impossibilidade de tais corpos de agirem também como agressores. Mais uma vez, é preciso notar a falta de reciprocidade e equivalência entre os sujeitos e suas identidades. Da mesma forma que certos atos/números sexuais, a agressão física é um ato generificado na paisagem pornográfica *mainstream*. De maneira que, não se trata de afirmar que a pornografia é violenta, pois tal afirmação mascara ou não explícita, que as cenas de agressão não estão disseminadas de maneira universal, elas se constituem a partir de uma dinâmica de gênero própria e relativamente fechada. Neste sentido, as representações pornográficas surgem como um produto e ao mesmo tempo como produtoras de masculinidades e feminilidades extremamente conservadoras e tradicionais.

Seguindo a interpretação de Rita Segato (2016), entendo que a produção da masculinidade segue a processos diferentes da produção da feminilidade e é necessário que entendamos o papel que a violência de gênero, seja ela sexual ou não, tem em tal estrutura. A masculinidade se constituiu através de um processo de cobrança de tributos em que um outro é percebido como o provedor dos gestos que alimentam a virilidade. Os

corpos feminilizados, ao mesmo tempo, que “entregam”, seja via persuasão ou imposição, o tributo instaurador do status masculino, “excluem-se da casta que consagram”. Entende-se, desta forma, com maior clareza o porquê da rigidez e fixação dos atos presentes na pornografia *mainstream*. A não intercambialidade de determinados atos não surge, portanto, como simples falta de criatividade ou de uma estrutura narrativa pobre, mas sim, obedece a um sistema de representação já ancestral que posiciona as mulheres e seus corpos como garantidoras da masculinidade dos sujeitos-homens.

Há, portanto, também ainda correção na análise de autoras como Catharine MacKinnon (1993) quando esta afirma que o que é sexualizado na pornografia é uma hierarquia de gênero da qual a capacidade para agressão é uma expressão. O entendimento desta dimensão expressiva dos atos de violência de gênero será aprofundado mais adiante quando me dedicar a explorar a noção de pedagogia da crueldade. No entanto, me parece já necessário destacar a função ultimamente expressiva que as representações pornográficas possuem no sistema de comunicação instaurado pela violência. Este pode ser entendido como um ponto de encontro importante, me parece, entre linhas teóricas distintas que buscam articular a relação entre pornografia e constituição de sistemas mais amplos de governo dos corpos. Segundo Paul Preciado:

Poderíamos dizer, lendo Max Weber com Judith Butler, que a masculinidade é para a sociedade aquilo que o Estado é para a nação: detentor e usuário legítimo da violência. Essa violência pode se expressar socialmente como domínio, economicamente como privilégio, sexualmente como agressão e estupro. A soberania feminina, ao contrário, só é reconhecida na capacidade das mulheres para gerar. *Em termos sexuais e sociais, as mulheres são súditas. Só as mães são soberanas.* (PRECIADO, 2020, 326-327)

No caso específico da pornografia, as análises de conteúdo revisadas apontam ainda, no entanto, para um outro importante elemento constitutivo das noções de masculinidade e feminilidade, que se vincula diretamente e soma-se a detenção e o uso legítimo<sup>181</sup> da violência para definir quem são os homens e quem são as mulheres. Denomino de *voluptas-violentiam* o sistema de representações colocado em jogo pelas mídias pornográficas, pois há aí uma vinculação direta entre capacidade de agressão e

---

<sup>181</sup> O termo legítimo aqui deve ser lido como indicando aqueles que, dentro do sistema, estão autorizados “naturalmente” a agredir. Com isso não digo que mulheres não podem surgir como agressoras em tipos específicos de pornografia, mas a possibilidade de agressão por parte das mulheres deve ser ativamente buscada pelo usuário de pornografia, ela não será apresentada, como as revisões indicam, pelos algoritmos que regem os grandes sites pornográficos.

possibilidade de gozo. Da mesma forma que as agressões físicas, o gozo não parece estar igualmente disseminado nas representações pornográficas.

De fato, as pesquisas revisadas (KLASSEN; PETER, 2014; FRITZ; PAUL, 2017; SÉGUIN; RODRIGUE; LAVIGNE, 2017; SHOR, SEIDA, 2018; SHOR, 2019; SHOR, SEIDA, 2021) indicam uma incidência baixa de representação de orgasmos feminino. Em todas as pesquisas citadas orgasmos femininos ocorreram em menos de 20% das cenas/vídeos analisados. Já a representação de orgasmos masculinos surge como normativa, estando presente em mais de 60% de todas as cenas/vídeos analisados pelas pesquisas (KLASSEN; PETER, 2014; FRITZ; PAUL, 2017; SÉGUIN; RODRIGUE; LAVIGNE, 2017) que se dedicaram quantificar tal índice. Através das análises de conteúdo podemos aferir, portanto, que a/o usuária/o padrão de pornografia *mainstream* tem maiores chances de se deparar com a representação de uma mulher sendo visivelmente agredida do que tem de uma mulher atingindo o clímax. A pesquisa de Shor e Seida (2018), por exemplo, que aferiu ambos os índices, indicou que agressões visíveis estiveram presentes em 39,8% do total da amostra ao passo que orgasmos femininos ocorreram em 13,4% do total da amostra.

Para além dos atos/números sexuais específicos que cabem a cada gênero performar, uma característica distintiva da masculinidade de acordo com as narrativas pornográficas analisadas parece residir, portanto, na capacidade de agredir e gozar. A feminilidade, neste campo, se define, por sua vez, pela capacidade de ser agredida e não sentir ou não demonstrar dor. Segundo as pesquisas (KLASSEN; PETER, 2014; SHOR, 2019) raramente<sup>182</sup> as atrizes respondem aos atos de agressão/violência/degradação de maneira negativa. Na paisagem pornográfica que analiso as mulheres parecem surgir como incapazes, portanto, de demonstrar duas das emoções humanas mais básicas e que já foram utilizadas para erigir sistemas filosóficos inteiros: prazer e dor. É preciso entender, desta forma, que o processo de desumanização e objetificação, ao menos no nível da representação, se dá nas narrativas pornográficas atuais através da construção imagética do ser-objeto mulher como incapaz. Tal incapacidade é correlacional e só faz

---

<sup>182</sup> Segundo Klassen e Peter (2014) as respostas das atrizes aos atos de violência física foram majoritariamente neutras, em 57,4% das cenas, ou positivas, 38% das cenas, sendo raramente negativas (2,8%) ou mistas (1,9%). Segundo Shor e Seida (2018), a reação das atrizes para todos os atos analisados pela pesquisa (agressão física visível, spanking, penetração vaginal forçada, penetração anal forçada e gagging forçado) foi, em mais de 80% das vezes, indicando prazer em resposta aos atos.

sentido quando percebida em relação a capacidade total que o ser-homem possui, de agredir e gozar.

O papel que o binômio agressões/orgasmos possui no processo de constituição de certas narrativas sobre sexo e sobre os sujeitos sexualizados, masculinos e femininos, também pode ser aferido quando atentamos para outros marcadores sociais importantes, como raça/etnia e geração. Alguns índices específicos levantados pelas pesquisas permitem que percebamos com maior nitidez a forma como as representações pornográficas criam e posicionam certas figuras de identidade em uma escala de humanização marcada pela possibilidade de ascender (ou não) a determinadas posições de sujeito. É preciso enfatizar, no entanto, que há aqui uma diminuição nos dados disponíveis, pois em apenas uma pesquisa (SHOR, SEIDA, 2018) a análise de conteúdo, com ambas as variáveis clímax feminino e agressões visíveis, foi realizada levando-se em consideração a raça/etnia dos participantes do vídeo. No entanto, como já exposto, para a medida de agressão visível mais dados estão disponíveis.

Ao observamos marcadores de raça/etnia é preciso apontar que as três pesquisas revisadas (ZHOU; PAUL, 2016; FRITZ et al.,2021; SHOR; SEIDA, 2021) não apresentaram um consenso sobre a forma como marcadores étnicos e raciais estão associados a certas formas de representação na pornografia *mainstream*. Em especial, o papel que agressões visíveis possuem na pornografia “asiática/japonesa”<sup>183</sup> parece ser ainda um ponto de disputa importante que necessita ser mais bem pesquisado. O que possível inferir das pesquisas analisadas, no entanto, é que presença de dois atores brancos implica em índices menores de violência e agressão, ao passo que categorias racializadas apresentam índices maiores.

Em relação a representação de clímax feminino a pesquisa de Shor e Seida (2018) aponta que todas as categorias racializadas registraram índices menores de representação de orgasmos femininos do que a categoria “mais assistidos” (31,4%): “asiáticas/japonesas” (16,1%), “inter-racial” (13%), “ebony” (2%), “latinas” (0%).

---

<sup>183</sup> Zhou e Paul (2016) apontaram que as mulheres presentes na categoria “mulheres asiáticas” do *Xvídeo.com* foram retratadas de maneira menos objetificada e foram alvos de menos agressões que as mulheres presentes em outras categorias pornográficas. Já Shor e Seida (2021) apontaram que os vídeos em que ambos os atores (um homem e uma mulher) eram asiáticos como sendo os com maior incidência de cenas de agressão não consensual. Quando analisadas as agressões visíveis por combinação racial, a mesma pesquisa apontou que a combinação homem branco/mulher asiática registrou os índices mais altos de cenas de agressão, estando estas presentes em quase 80% dos vídeos analisados.

Segundo esta mesma pesquisa, todas as categorias racializadas apresentaram índices maiores de agressão visível do que a categoria “mais assistidos” (12.9%): “asiáticas/japonesas” (74.2%), “latinas” (73.8%) “inter-racial” (65.2%), “ebony” (36%). Em especial, chama atenção que nos vídeos categorizados sob a *tag* de “latinas” atos de agressão estiveram presentes em 73,8% dos vídeos da amostra. De maneira que é possível considerar que em tais vídeos a agressão dirigida as mulheres é em si um número sexual, extremamente normativo, das narrativas visuais que tais vídeos veiculam.

Partindo das formulações de Teresa de Lauretis, Paul Preciado irá indicar a centralidade da noção de gênero como princípio organizativo para o desenvolvimento de uma série de técnicas farmacopornográficas de normatização e transformação do ser vivo. A pornografia deve ser considerada, portanto, para o autor, como mais uma tecnologia de gênero que produz tanto corpos, como sujeitos de enunciação; é uma das tecnologias semióticas fundamentais do contemporâneo de produção dos códigos da feminilidade. Havendo uma distinção fundamental entre os sujeitos hegemônicos e subalternos produzidos pelas sociedades farmacopornográficas:

O novo sujeito hegemônico é um corpo (frequentemente codificado como masculino, branco e heterossexual) farmacopornograficamente suplementado (pelo Viagra, pela cocaína, pela pornografia etc.) e consumidor de serviços sexuais pauperizados (frequentemente exercidos por corpos codificados como femininos, infantis ou racializados). (PRECIADO, 2018, p.50-51)

As análises de conteúdos demonstram que os marcadores de raça/etnia, assim como os de gênero, também se constituem como um princípio organizativo fundamental para entendermos os sujeitos de enunciação que são produzidos, ainda que no nível da representação, pela pornografia. Aqui é necessário reconhecer que a análise de questões raciais/étnica em interseção com questões de gênero e sexualidade é uma tarefa complexa, que mereceria um tratamento especializado próprio, com a mobilização de um repertório teórico mais amplo do que neste momento posso oferecer. Não se trata aqui de uma recusa de minha parte em realizar leituras e adentrar em outros universos teóricos, mas sim no reconhecimento da profundidade e do desenvolvimento de campos de estudos como os dos feminismos negro, decoloniais, interseccionais e em outras perspectivas e autoras que não se pretendem filiadas a nenhuma destas linhas, mas que abordam em profundidade questões de raça, sexualidade e gênero. Também é preciso reconhecer que dentro deste grande guarda-chuva que abriga as questões raciais/étnicas existem diversas especificidades representacionais que tornam simplórias as tentativas de se comentar em termos gerais sobre tal tema. Sabendo da profundidade e seriedade que envolvem a

relação entre sexualidade, raça, e gênero gostaria, no entanto, de realizar alguns apontamentos que me parecem pertinentes sobre a forma como os marcadores de raça/etnia são mobilizados nas representações pornográficas analisadas.

Patricia Hill Collins (2002) aponta para diversas estratégias interpretativas que poderíamos utilizar para entender a relação entre sexualidade e poder. Neste sentido, a questão parece ser como alocar a sexualidade em relação a outros sistemas de opressão ou outros sistemas de poder, como raça, classe, gênero. Parto aqui do pressuposto, também assumido e proposto pela autora, de que a sexualidade é um local específico em que outras opressões interseccionadas se encontram. A autora aponta para o fato de que outros sistemas de opressão realizam um “aproveitamento” do poder do erótico contido no sistema de sexualidade. Tal ponto também é enfatizado, ainda que de maneira distinta, por Audre Lord (2019), a partir de uma diferenciação entre os usos transformadores e revolucionários do poder erótico em oposição a redução e distorção de tal poder que a pornografia opera.

Da mesma forma que outras autoras já mobilizadas nas discussões que aqui levantei, Hill Collins indica a necessidade de pensarmos a heterossexualidade como um sistema de poder e opressão que em sua dimensão simbólica cria determinados significados para representar e valorar a sexualidade das mulheres negras. Collins aponta que o sistema da heterossexualidade estabelece tanto outras formas de expressão sexual que não heterossexuais como desviantes, como também constrói, simbolicamente, a partir dos marcadores de raça, a sexualidade negra como uma forma anormal ou patologizada de heterossexualidade.

Ideias de longa data sobre o apetite sexual desmedido dos afrodescendentes, evocadas no imaginário branco, produzem imagens de controle específicas de gênero – o estupro negro e a jezebel negra – e estão alicerçadas em mitos acerca da hipersexualidade negra. Dentro dos pressupostos da heterossexualidade normalizada, independentemente do comportamento individual, ser branco marca a categoria normal da heterossexualidade. Em contraste, ser negro indica a hiper-heterossexualidade desenfreada e descontrolada do apetite sexual excessivo. (COLLINS, 2002, p. 129)

É preciso, portanto, compreendermos a heterossexualidade como um regime político, como um sistema de poder, que cria simbolicamente seus outros para estabelecer o sujeito hegemônico (homem, branco, heterossexual) que se torna o padrão de humanidade a que as outras formas desviadas devem aspirar. O processo de objetificação dos corpos das mulheres negras e a transformação destes corpos em mercadorias não é obviamente fruto da indústria pornográfica; Collins estabelece com precisão os processos

históricos colonial e capitalista sob o qual todos os corpos foram mercadorizados e hierarquizados de acordo com a raça e o gênero. A autora aponta, no entanto, que as representações pornográficas dariam, na atualidade, continuidade a este processo. O caráter iconográfico da pornografia é ressaltado, destacando suas representações como fruto de convenções históricas. Tais representações, para a autora, têm um importante papel neste processo de controle e regulação dos corpos das mulheres negras, ao fornecerem os meios simbólicos para que a dominação se efetue. Tais meios simbólicos tornam-se particularmente importantes ao constituírem-se como mediadores de contradições políticas e econômicas em períodos de mudanças sociais. Para a autora, mulheres brancas e negras têm diferentes imagens pornográficas a elas associadas, sendo, portanto, objetificadas de formas diferentes.

As análises de conteúdo que revisei parecem confirmar certos aspectos da leitura que Patricia Hill Collins realiza sobre a forma como a imagem de mulheres e homens negros é associada a determinadas características nos vídeos pornográficos. Um aspecto relevante levantado por uma das pesquisas (FRITZ et al., 2021) é de que não só as mulheres negras foram significativamente mais vezes o alvo de agressões do que mulheres brancas, mas que a forma de agressão mais comum as mulheres negras foram palmadas na região das nádegas. Seguindo Patricia Hill Collins, poderíamos entender tal dado como uma atualização do interesse, de já longa data, da ciência ocidental<sup>184</sup> pela genitália e corpos das mulheres negras que levou e leva a uma atomização destes corpos em partes fetichizadas: “Da mesma forma, visões atuais das mulheres negras na cultura popular – que as reduzem à bunda – tentam reinscrever essas partes do corpo como mercadoria.” (COLLINS, 2002, p.133)

Neste sentido, as representações pornográficas apresentadas nas análises de conteúdo parecem ser uma expressão continuada da forma como certos corpos foram tratados ao longo da história moderna ocidental. Tal afirmação pode ser constatada ao observarmos a forma como homens negros aparecem retratados nas análises de conteúdo. As representações pornográficas dos homens negros parecem ainda enraizadas no processo descrito por Collins (2002) que constituiu a raça enquanto uma categoria

---

<sup>184</sup> Para o desenvolvimento deste ponto sugiro a leitura na íntegra do texto de Patricia Hill Collins “**The Sexual Politics of Black Womanhood**” que integra o livro **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment** (2002). Em especial, recomendo atenção às reflexões realizadas pela autora sobre a forma como a objetificação do corpo feminino negro pode ser exemplificada pelo tratamento dado a Sarah Bartmann na Europa no início do século XIX.

biológica que exigia o controle da sexualidade negra como forma de preservação das fronteiras raciais: “Nesse contexto, os homens negros foram construídos como feras sexualmente violentas, uma visão que não apenas justificava sua perseguição pelo Estado como lhes negava acesso ao corpo das mulheres brancas.” (COLLINS, 2002, p. 133) A pesquisa de Fritz et al. (2021) indica que a combinação racial ator/atriz negros registrou simultaneamente índices significativamente maiores de agressão física à mulher por parte do homem e os menores índices de beijos entre os atores, sendo este um indicativo de intimidade da pesquisa em questão. De maneira que as autoras da pesquisa concluem que:

No geral, os resultados de nossa análise sugerem que há representações estereotipadas prejudiciais de mulheres e homens negros na pornografia. As mulheres negras são mais retratadas como alvo de agressão, enquanto os homens negros foram retratados com mais frequência como autores da agressão. Além disso, casais negros são mais propensos a serem retratados como agressivos e sem intimidade. Esses achados têm implicações para os comportamentos sexuais, relacionamentos e saúde de homens e mulheres negros, bem como para interações interracialis e o reforço de estereótipos prejudiciais. (FRITZ et al., 2021. p. 113)

Não se trata aqui de afirmar, no entanto, de maneira simplista que a pornografia produz desigualdades de gênero e raciais, mas sim de reconhecer que as representações pornográficas estão inseridas em processos históricos mais amplos e que nos jogos de poder a sexualidade parece ser de fato o cimento que conecta diversos sistemas de opressão. Se pararmos para considerar a evidência que as questões raciais passaram a ganhar nos últimos anos com acontecimentos marcantes para o mundo ocidental na afirmação da luta contínua das populações negras e não brancas no continente americano, torna-se mais fácil entendermos o desenvolvimento de uma iconografia pornográfica extremamente marcada por questões raciais.

Retomando mais uma vez Patricia Hill Collins, é preciso pensarmos como o desenvolvimento de certas ideologias sexuais atua a serviço da justificação de certas práticas sociais e como “Os meios simbólicos de dominação se tornam particularmente importantes na mediação de contradições em economias políticas em transformação” (2002, p. 139). Neste sentido, a pornografia *mainstream* parece surgir como um dos bastiões mais firmes de uma ideologia de gênero racializada que se constituiu através da afirmação de certas características a determinados grupos raciais/étnicos.

Tal procedimento, de naturalizar determinados comportamentos sexuais como inatos a certos grupos étnicos/raciais, não é obviamente uma novidade, e já foi descrito de maneira exemplar por diversas autoras. O que me parece ser preciso notar é o papel

extremamente conservador que as representações pornográficas ainda desempenham na atualidade. Os dados das análises de conteúdo demonstram uma afiliação entre a imagem pornográfica do homem negro àquela constituída ao longo do século XIX e XX que permitiu a constituição do mito do homem negro estuprador (Angela DAVIS, 2016). Em relação a este grupo social específico, dos homens negros, é preciso notar que não apenas estes são retratados como mais agressivos e menos carinhosos em relação as suas parceiras, mas como os títulos dos vídeos indicam que a indústria ativamente consome e produz tal imaginário de violência e agressividade associado a este grupo. Para além das análises de conteúdo, a construção da representação de determinados grupos raciais/étnicos pode ser observada através das categorias existentes nos sites pornográficos e pelos títulos dados aos vídeos em que variável raça encontrasse expressa.

A pesquisa de Shor e Seida (2021) aponta, neste sentido, que a combinação mulher branca/homem negro como sendo a que registra os índices mais altos de vídeos com títulos que sugerem agressão (mais de 40% dos vídeos que compunham a amostra). Longe, portanto, de se constituírem como representações de vanguarda, como muitas vezes a própria indústria procura afirmar sobre si mesma, as representações pornográficas com as quais me deparei no processo de revisão de análises de conteúdo tendem a afirmar ideologias de gênero e raça enraizadas no final do século XIX.

Como coloca Tomaz Tadeu da Silva (1998), as batalhas que se travam através das representações estão necessariamente atravessadas por relações de poder. De forma que, não é a representação em si que deve ser questionada, mas sim as maneiras como esta é processada, os efeitos específicos que produz, em especial, as identidades culturais e sociais que passam a estar atreladas a determinada forma representacional. O caráter produtivo das representações, não pode ser, desta forma, esquecido, em especial quando estas adquirem força de lei e deixam de ser tidas como representações para ganhar status de realidade. Guacira Lopes Louro (2000), por sua vez, aponta que este processo de classificação dos sujeitos e de fixação das identidades não necessariamente é explicitamente violento, de fato, a autora aponta que a pedagogia da sexualidade pode, muitas vezes, agir de forma sutil e discreta no disciplinamento dos corpos e na produção de uma sexualidade “normal”. As masculinidades e feminilidades que as representações pornográficas pretendem construir estão, no entanto, marcadas por um processo de naturalização e erotização da violência de gênero. A centralidade que este típico

específico de violência adquire nas representações pornográficas é o ponto que abordo na sequência.

### **Pedagogias da Crueldade na Era farmacoponográfica**

Gostaria de dar seguimento a análise das narrativas pornográficas que compõe o que até o momento chamei de a paisagem do pornô *mainstream on-line* a partir do conceito de pedagogia da crueldade da antropóloga argentina Rita Segato (2016; 2018) em junção com as reflexões de Paul Preciado sobre o desdobramento de um novo momento da modernidade, a qual o autor intitula de era farmacoponográfica. As aproximações entre as interpretações de Preciado e Segato sobre o desenvolvimento de uma nova fase da modernidade e da biopolítica não devem, no entanto, ser exageradas, tratam-se de autores de matrizes teóricas distintas e com propostas diversas de atuação sobre mundo social. No entanto, me parece frutífero fornecer a leitura ampla de Preciado raízes locais e pensar a partir da realidade latino-americana a história, por vezes, pouco territorializada que Preciado nos conta sobre esta nova etapa de desenvolvimento dos dispositivos disciplinares.

Da mesma forma, me parece interessante pensar o conceito de Segato, de pedagogias da crueldade, diretamente a partir das representações pornográficas disponibilizadas *on-line*. Em seus textos, Segato fornece alguns exemplos de dispositivos e artefatos que operam dentro da lógica da pedagogia da crueldade, porém não desenvolve nenhuma reflexão mais ampla sobre as representações pornográficas. O mérito da obra de Preciado, nesta aproximação, é, portanto, a capacidade de articular a forma como tais representações fazem parte de uma nova fase de desenvolvimento econômico/simbólico das relações capitalistas.

Tal aproximação me parece possível também não apenas porque ambas as interpretações buscam dar conta desta nova realidade histórica instaurada a partir da modernidade e seus dispositivos, mas já não mais limitada a ela, mas também porque em ambas as interpretações as relações de gênero são lidas como centrais para a compreensão dos sistemas econômicos que esta nova etapa do capitalismo instaura. De forma mais específica e fundamental, me parece que a autora e o autor nos auxiliam a pensar o papel que as representações pornográficas possuem nos processos de treinamento/controlado dos sujeitos generificados a partir de certas tecnologias de subjetivação.

Segato desenvolve o conceito de pedagogia da crueldade a partir de uma interpretação mais ampla sobre os processos instaurados pela modernidade no continente americano e as transformações contemporâneas nas formas de guerra e de definição da territorialidade. A análise da autora busca demonstrar que no processo de colonização, ainda em marcha, se promoveu uma ruptura entre o que veio se constituir como a esfera pública, masculina, branca, onde os interesses supostamente universais são abordados e a esfera doméstica, feminina, privada. Tal ruptura não apenas acarretou um processo de vulnerabilização das mulheres a partir dos enfraquecimentos dos laços comunais, mas como foi responsável por guetificar as questões de gênero que passaram a dizer respeito ao universo privado, ao foro íntimo.

Seguindo na esteira da interpretação de Michel Foucault sobre o surgimento da biopolítica, Segato propõe que entendamos a contemporaneidade como um novo momento do desenvolvimento de mecanismos de controle sobre os corpos. De maneira que, para o continente americano e em especial para a América Latina, não devemos mais pensar a biopolítica como dizendo respeito a um Estado que controla uma população: “Nessa nova etapa, o traço distintivo da população governada é seu caráter extensível e fluído em forma de rede e não mais a sua fixação por uma jurisdição administrada por um Estado” (SEGATO, 2016, p.66). Neste novo momento histórico, os Estados competem com agências não estatais, pelo controle da população, ainda utilizando-se das técnicas pastorais, típicas das sociedades disciplinares e de controle, do século XIX e XX.

Promove-se, desta forma, uma mudança no paradigma de territorialidade, que deixa de caracterizar-se pelos limites dados por uma população que habita um território fixo e nacionalmente delimitado, e passa a constituir-se pelos limites fluídos de uma rede de corpos que atravessa as fronteiras nacionais. Esta nova forma corporificada da territorialidade está relacionada a transformações nas concepções de gênero e de sexualidade, em especial, para os corpos feminilizados.

Da mesma forma que em um momento histórico anterior os Estados nacionais utilizaram-se de técnicas pastorais e biopolíticas para produzir sujeitos dóceis, na atualidade, são as políticas de subjetivação formatadas pelo paradigma das políticas de identidade que se tornaram ferramentas cruciais para as organizações gestoras das redes populacionais. A partir de tal lógica, torna-se decisiva a espetacularização de aspectos visíveis da diferença e de igual maneira, a função expressiva e não instrumental, da violência.

Segato propõe que ao nos confrontarmos com os índices crescentes de violência de gênero nos países da América Latina, deixemos de nos fixar tanto no porquê, isto é, no aspecto instrumental de tal violência, e nos dediquemos a perguntar sobre a mensagem que tais crimes buscam enviar. Sob tal enquadramento, Segato acredita que teremos mais sucesso em compreender os novos aspectos da violência de gênero. A autora propõe, desta forma, que pensemos os atos de violência de gênero como instaurando um sistema de comunicação, comportando-se como uma língua: “A violência constituída e cristalizada em forma de sistema de comunicação se transforma em uma linguagem estável e passa a comportar-se com o quase-automatismo de qualquer idioma<sup>185</sup>” (SEGATO, 2016, p. 45)

Isto porque na leitura da autora, este novo paradigma de territorialidade é acompanhado por novos formatos bélicos, marcados pelas guerras informais, nas quais os corpos das mulheres tornam-se o *locus* de escritura da mensagem que se quer transmitir. O funcionamento desta nova fase da modernidade colonizadora está baseado na instituição de uma pedagogia da crueldade que habitua os sujeitos a transmutar o vivo e sua vitalidade em coisas (SEGATO, 2018), ao mesmo tempo em que isola os cidadãos e rompe com laços comunitários na medida em que aposta alto na dessensibilização frente o sofrimento dos outros. Este processo de dissecação do vivo atinge tanto a comunidade dos seres humanos, tendo consequências mais graves para as populações vulnerabilizadas pelo processo de colonização, as mulheres, as crianças, os jovens, quanto aos territórios físicos que até então permaneciam como “espaços de pertencimento comunitário” e que se tornam commodities de exploração extrativista.

A pedagogia masculina e seu mandato tornam-se uma pedagogia da crueldade, funcional à cobiça expropriadora, pois a repetição da cena violenta produz um efeito de normalização de uma passagem de crueldade e, com isso, promove nas pessoas os baixos limiares de empatia essenciais para a companhia predatória — como Andy Warhol disse uma vez em uma de suas famosas citações: quanto mais você olha exatamente para a mesma coisa, mais o significado desaparece e melhor e mais vazio você se sente. A crueldade habitual é diretamente proporcional ao isolamento dos cidadãos por meio de sua dessensibilização (SEGATO, 2016, p. 21<sup>186</sup>)

<sup>185</sup> Tradução própria. No original: “La violencia constituída y cristalizada en forma de sistema de comunicación se transforma en un lenguaje estable y pasa a comportarse con el casi-automatismo de cualquier idioma.”

<sup>186</sup> Tradução própria. No original: “La pedagogía masculina y su mandato se transforman en pedagogía de la crueldad, funcional a la codicia expropriadora, porque la repetición de la escena violenta produce un efecto de normalización de un pasaje de crueldad y, con esto, promueve en la gente los bajos umbrales de empatía indispensables para la empresa predadora —como Andy Warhol alguna vez dijo en una de sus célebres citas: the more you look at the same exact thing, the more the meaning goes away, and the better and emptier you feel—. La crueldad habitual es directamente proporcional al aislamiento de los ciudadanos mediante su desensitización.”

Segato aponta a necessidade de olharmos para os meios massivos ao falarmos desta nova modalidade pedagógica. Acredito, assim, ser possível pensar a paisagem pornografia *mainstream* e as narrativas hegemônicas ali presentes como uma “lição” ou como um exercício de aprendizagem típico deste enquadramento pedagógico. Importante ressaltar que como qualquer outra teoria/método de aprendizagem, os ensinamentos da pedagogia da crueldade podem ser assimilados por qualquer sujeito, porém tem nos jovens o seu público-alvo. Da mesma forma, me parece possível pensar que as representações pornográficas ocupam um lugar específico na linguagem e nos sistemas de comunicação presentes nas culturas juvenis sobre sexo, gênero e corpo. Em tal proposição pedagógica, sujeitos masculinizados e sujeitos feminilizados recebem lições diferentes. Com isto, é importante ressaltar que não afirmo aqui que a pornografia *causa* a violência de gênero. O estabelecimento de relações do tipo causa-consequência em se tratando de análises socioculturais é algo extremamente complexo, sendo questionável a pertinência de afirmações deste tipo na análise que aqui proponho. Acredito que, no entanto, ser possível pensarmos sobre a forma como determinados sentidos se entrelaçam e motivações de tornam inteligíveis (SEGATO, 2016).

Se para Segato é preciso pensarmos agora a partir da noção de território-corpo-redes, para Preciado, é o próprio corpo individual que surge como uma extensão das tecnologias globais de comunicação. Na leitura de Preciado, a cibereconomia atual irá possuir na pornografia um dos seus grandes motores propulsores. As transformações tecnológicas, nomeadamente a rápida expansão do acesso à Internet e desenvolvimento de aparelhos multimídia de baixo custo capazes de gravarem e reproduzirem mídias audiovisuais, transformaram todos os corpos em potencialmente pornográficos. É desta forma que Preciado anuncia que a nova força da economia mundial é o corpo autopornográfico.

Para além dos avanços tecnológicos, há que se entender este novo momento da relação entre realidade e representação. Se antes podíamos falar em representações realistas ou representações que pretendiam capturar o real, agora é preciso entendermos melhor o “desejo do real existir em e para a representação” (2018, p.187) O desejo da autopornificação é, desta forma, (PRECIADO, 2018) o desejo de transformar o próprio corpo em capital abstrato, em código virtual indestrutível, em tornar-se um *e*-corpo. Não poderíamos pensar este *e*-corpo de Preciado como o corpo-coisa, de Segato? Acredito que sim e que tal aproximação é promissora na medida em que possibilita uma compreensão

mais profunda sobre a maneira como as representações produzidas pelo complexo pornô capitalista<sup>187</sup> estão inseridas em um *zeitgeist* mais amplo que se instaurar de maneiras distintas em diferentes realidades sócio-históricas, como é o caso da América Latina.

A obra de Preciado (2019) sobre a arquitetura desenvolvida pela Playboy nos anos 1950 e a transformação da revista em um Império pornográfico nas décadas posteriores tem o mérito de demonstrar que o que estava em jogo para Hugh Hefner e os envolvidos com o projeto da revista era muito mais do que exibir fotos de mulheres nuas. Havia ali a proposta consciente de produção de uma nova subjetividade masculina a partir da retomada ou da reconquista do espaço interior e da domesticidade pelos homens. A criação da figura do *playboy* estava intimamente ligada a reestruturação dos códigos de gênero e da sexualidade, sendo está uma batalha semiótica e estética travada através da informação, arquitetura e objetos de consumo.

A masculinidade naturalizada, presa aos subúrbios, ao casamento e aos filhos e que tinha a mulher como dona do lar e, portanto, da domesticidade era contraposta por masculinidade construída sob os signos do prazer e da liberdade e marcada por uma domesticidade masculina fortemente apoiada no uso de imagens e tecnologias da informação. O protótipo cinematográfico de tal masculinidade seria James Bond e a figura do espião. Em termos arquitetônicos, a figura do playboy pertence a *penthouse* da mesma forma que o homem domado pertence a casa suburbana com cercas brancas. É a *penthouse* superequipada e conectada com aparelhos que permite que a mulher seja eliminada enquanto figura necessária para a organização do lar, dando ao playboy o papel de rei do seu próprio reino.

No entanto, a construção da *penthouse* também é pensada para a atração das mulheres e sua sedução, com o controle das luzes, a cama giratória, o bar que surge e desaparece ao toque de um botão. Estas são todas próteses que convidam as mulheres a passar uma noite e depois ir embora. De forma que, a apesar de poder parecer progressista, a revolução sexual (e doméstica) que Hefner pretendia encabeçar estava fundamentalmente conectada a uma nova definição da masculinidade heterossexual branca, que não questionava o sistema de gênero, apenas defendia uma nova forma de

---

<sup>187</sup> Ver ZOOK, Matthew. Report on the Location of the Internet Adult Industry. In. JACOBS, K.; JANSSEN, M.; PASQUINELLI, M. (Org.) *C’lick me: A netporn studies reader*. Netherlands. Institute of Network Cultures. 2007.

hegemonia masculina. De modo que: “o voyeur só poderia ser homem; o objeto do prazer visual poderia só ser mulher” (PRECIADO, 2019, p. 43) O playboy era aquele que buscava todas as variações possíveis que o binômio prazer e consumo poderia implicar. E há aqui um ponto fundamental para a compreensão da conexão entre pornografia e cultura de juventudes.

Preciado aponta para a proximidade temporal do surgimento da revista Playboy com a noção de *teenager*. Segundo o autor, tal termo surge no final dos anos 1940, cunhado pelo economista Eugene Gilbert para descrever um novo segmento do mercado consumidor, de maneira que o que define o teenager inicialmente não é sua idade, mas sim sua capacidade de consumir sem restrições morais (Preciado, 2019). O *teenager*, enquanto sujeito social, é fruto do *baby boom* do pós-guerra e a cultura juvenil a ele ligada estava muito mais marcada pelo consumo de música, álcool e drogas do que pela moralidade da família e do trabalho.

De maneira que, era para esta camada demográfica específica, dos jovens heterossexuais masculinos brancos com capacidade de compra, que o discurso da revista estava explicitamente voltado: “A Playboy possui uma fórmula profissional e polida voltada para os adolescentes de todas as idades” (PLAYBOY APUD PRECIADO, 2019, p. 49) Preciado (2019) aponta que a Playboy e a heterotopia que caracterizou a revista coincidem com a mutação do regime disciplinar para as formas farmacopornográficas de controle e produção da subjetividade, caracterizadas estas, por sua vez, pelo design farmacológico do gênero e da reprodução e pela eletrificação e produção midiática do prazer e/como capital.

Torna-se claro, desta forma, que a função pedagógica das representações pornográficas não é algo novo. A vinculação de representações sexualizadas direcionadas principalmente para aqueles que habitam o que poderíamos chamar de cultura juvenil com o intuito de promover determinada forma de subjetividade em torno do sexo e das relações de gênero data, portanto, ao menos desde a década 1950.

Para lembrar, através das análises de conteúdo notei que vídeos pertencentes a categoria “*teens*” possuem maior probabilidade de receber títulos que sugerem agressão e de que os vídeos pertencentes a esta categoria possuíam uma probabilidade duas vezes maior de conter cenas de sexo anal (praticada por um homem em uma mulher) e cinco vezes maior de conter cenas de sexo anal forçado (praticado por um homem em uma

mulher). Em tais vídeos a ocorrência de cenas em que o ator ejacula no rosto da atriz também foi significativamente mais alta do que em outras categorias (45%), ocorrendo em 65% das cenas analisadas. Shor (2019) destaca ainda para a tendência especialmente forte de vídeos de tal categoria que contenham cenas de agressão/violência/degradação registrarem significativamente mais respostas de prazer das mulheres envolvidas nas cenas: as atrizes “novinhas” atingem o clímax sexual em 40% vídeos que contêm agressão, contra apenas 8,57% em vídeos em que agressões não são exibidas. Segundo o autor do estudo em questão, após a análise de 172 vídeos do *PornHub.com*, chega-se à conclusão de que “Esses vídeos retratam a agressão e degradação como *consensual* – ou seja, homens dominando mulheres *dispostas* – e sensual – ou seja, produzindo prazer tanto para homens quanto para mulheres.” (SHOR, 2019, p. 1018)

A forma como tal pedagogia é recebida pelas e pelos jovens constituiu o segundo momento da presente pesquisa, no entanto, por ora, é possível afirmar que as representações pornográficas analisadas parecem ecoar uma expressão do poder marcada pela noção de senhorio<sup>188</sup>. Tal expressão faz referência, em um nível mais amplo, “aquele pequeno grupo de proprietários que são donos da vida e da morte no planeta. [...], e que são imunes a qualquer tentativa de controle institucional de suas manobras corporativas” (SEGATO, 2016, p. 98)

Na versão pornográfica distópica deste arranjo, vemos a presença massiva de narrativas que acentuam a capacidade masculina de causar dano e de atuar sobre o corpo da ser-objeto-mulher da forma que melhor lhe servir. Neste sentido, é preciso lembrar que as revisões de conteúdo demonstraram que alguns números sexuais (*gapping, gagging*) típicos da paisagem pornô possuem como finalidade primordial demonstrar o dano empreendido no corpo feminilizado e que as narrativas com temática de domínio/submissão/exploração perfazem cerca de um terço<sup>189</sup> da temática dos vídeos disponíveis *on-line*, sendo as mulheres majoritariamente representadas de maneira submissa e os homens em situação de domínio. A representação pornográfica deste mandado de senhorio é completada pela inexistência de reação ou ainda pela reação positiva, por parte das atrizes, às agressões/degradações recebidas. De maneira que se

<sup>188</sup> O conceito desenvolvido por Rita Segato é o de *dueñidad*, o qual a autora intercala com o termo *señorío*.

<sup>189</sup> De acordo com Gorman, Monk-Turner e Fish (2010, p. 138) “O tema principal mais provável mostrado nestes vídeos foi o de um homem (ou homens) em uma posição dominante (exibido em 33% de todos os vídeos). Normalmente, o ator masculino estava dirigindo os atos sexuais ocorridos. Isso era realizado pelo participante do sexo masculino manobrando a mulher em qualquer posição que ele desejasse ou a instruindo verbalmente para realizar certos atos ou mover seu corpo de maneiras diferentes.”

mantem a característica fundamental da expressão de poder típica dos senhores, causar dano de maneira impune.

A espetacularização de aspectos visíveis da diferença e a função expressiva que violência de gênero adquire são afirmadas desta forma, nas representações pornográficas analisadas, através da fixação de papéis, atos e reações possíveis de acordo com o gênero dos sujeitos envolvidos em uma cena. As representações pornográficas parecem manter, portanto, o lema dos dispositivos para produção da subjetividade sexual que se desenvolveram com base na estética da diferença sexual e das identidades sexuais no século XIX e que marcaram a constituição de sociedades disciplinadoras.

Tais dispositivos, no entanto, segundo Preciado (2018) tomavam a forma de arquiteturas políticas exteriores ao corpo. O modelo para as técnicas de subjetivação era a arquitetura proposta no século anterior por Jeremy Bentham. A ação de tal regime poderia ser comparada, desta forma, a de um exoesqueleto que se acopla nos corpos e do exterior age. Das sociedades soberanas, às sociedades disciplinadoras rumo às sociedades farmacopornográficas o que vemos é a utilização de novas tecnologias do corpo e da representação que se tornam parte dos corpos: “a tecnopolítica já não habita os espaços disciplinadores, está habitada por eles” (PRECIADO, 2018, p. 48)

É possível pensar, assim, que a atuação pedagógica dos artefatos pornográficos nesta nova fase se dá não apenas pelo simples fato de que jovens parecem estar com frequência em contato com tais materiais, mas porque parece haver uma peculiaridade na forma como tais representações são percebidas pelo corpo. O desenvolvimento das técnicas e tecnologias de representação dos corpos fazem com que Preciado retome a caracterização de Linda Williams sobre a pornografia e a entenda também como pertencendo ao conjunto de imagens que podem ser caracterizadas como “*bodily images*”, ou seja, imagens corporais, que agem sobre os corpos e os afetos de maneira imperiosa. Ao colocar que “na pornografia o corpo é vulnerável à imagem” (PRECIADO, 2017, p.30), Preciado busca destacar que uma das características fundamentais da pornografia é sua capacidade de dominar o corpo e produzir efeitos à revelia da intenção do espectador. A pornografia parece desempenhar no contemporâneo o papel que a medicina e outras formas de conhecer tiveram no século XIX e ao longo de boa parte do século XX, cabe agora a ela fazer o corpo confessar.

Este ato confessional contemporâneo ocorre, no entanto, como demonstrei, por meio da internalização de narrativas muito específicas sobre o gênero, os corpos e o sexo. As representações pornográficas, não são, no entanto, apenas constituídas pelas narrativas que analisamos. Uma leitora atenta poderia questionar sobre o universo de possibilidades representacionais que a pornografia *on-line* oferece e sobre a possibilidade de navegarmos por fora das narrativas hegemônicas, de confessarmos e nos vulnerabilizarmos perante outras imagens corporais. Sobre tal ponto, me dedico a seguir.

### **Web 2.0: a barra de busca e a novas formas de manifestação do desejo**

Gostaria de dar seguimento ao restante da análise proposta neste capítulo, levando em conta o questionamento proposto por Zabet Patterson (2004), mas que reverbera a muitas outras pensadoras e pensadores já citadas neste trabalho. Segundo Patterson, ao interrogarmos a pornografia disponível na Internet deveríamos considerar as maneiras como a organização dos discursos pornográficos *on-line* guia e disciplina os sujeitos. Neste caso, é necessário que atentemos não apenas para o conteúdo das cenas pornográficas em questão, mas que desenvolvamos uma análise que de conta da maneira como tais conteúdos são apresentados. Neste sentido, é preciso que entendamos o papel que as categorias, os termos chaves e as *tags*, possuem na constituição de uma determinada verdade discursiva sobre como se dão as relações sexuais e sobre os sujeitos que estão engajados em tais relações, seja como atores/atrizes, seja como consumidores e consumidoras de tais materiais.

Parece surgir aqui um aparente paradoxo no que tange as novas narrativas possibilitadas pelo virtual. Como coloca Paterson (2004) a riqueza de imagens disponíveis nos sites pornográficos poderia propiciar um cenário verdadeiramente emancipatório que permitisse aos sujeitos projetar os seus eus em uma variedade infinita de cenários e ambientes e incorporar uma variedade também infinita de posições de sujeito, papéis e desejos. De fato, os próprios limites do corpo humano parecem cada vez menos relevantes no que tange as possibilidades representacionais da pornografia. A existência de uma grande gama de categorias pornôns dedicadas à pornografia de animação, seja no estilo dos animes japoneses, dando origem a categoria pornográfica de vídeos *Hentai*<sup>190</sup>, seja no estilo clássico dos *cartoons*, seja os games pornográficos, todos

---

<sup>190</sup> Hentai foi o termo mais procurado nas buscas ao *pornhub.com* no ano de 2021. Ver: **The 2021 Year in Review**. Pornhub, 14/12/2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021> Acesso 20/02/2023

estes artefatos parecem atestar que a pornografia está deixando de ser um gênero fixo conectado ao formato fílmico, tal como se constituiu a partir dos anos 1970, e está se tornando uma temática, passível de ser adotada em diversos produtos de entretenimento.

No entanto, a lista que elaborei acima apresentando os números sexuais mais frequentes na pornografia *on-line*, as categorias disponibilizadas pelos sites pornográficos e as formas narrativas adotadas pela maioria dos vídeos criam uma paisagem pornográfica distinta da que poderíamos esperar em um contexto de aparente plena liberdade imagética em torno do sexo. A forma como os conteúdos são apresentados nos sites deixa explícito a existência de um direcionamento a um público específico do conteúdo ali apresentado: homens heterossexuais. É a eles que o conteúdo “universal” dos sites é ofertado. Nos três sites de conteúdo pornográfico mais acessados no Brasil<sup>191</sup> (*xnxx.com*, *xvideos.com* e *pornhub.com*) conteúdo não heterossexual é apresentado mediante a seleção de filtros. Além dos filtros que permitem o acesso a conteúdo não heterossexual, há, no caso do *pornhub.com*, um filtro que permite acesso a vídeos “para mulheres”, que presumidamente atenderiam aos desejos representacionais de mulheres heterossexuais. Ao acessarmos as páginas dos três sites<sup>192</sup> já citados torna-se nítido também que há um pressuposto racial envolvido na caracterização do consumidor idealizado de pornografia, ele é branco.

Para melhor compreender esta relação entre o estabelecimento de certas categorias e o processo de constituição de sujeitos consumidores de pornografia e sujeitos pornificáveis, fiquemos com o exemplo dos vídeos que compõem as categorias *teens* (novinhas) e *milf*<sup>193</sup> (mães que eu gostaria de fuder) e que foram analisados por pesquisas anteriormente citadas. Ao analisar os grandes portais pornográficos da Internet é possível notar a existência de apenas duas categorias pornográficas geracionais, sendo tais categorias exclusivamente voltadas para retratar atos sexuais com mulheres, que são representadas e fetichizadas ou por serem mais jovens, adolescentes, ou mais velhas, mães. Tais categorias dizem respeito necessariamente ao gênero feminino não possuindo uma contraparte masculina. A exceção feita ao pornô gay masculino em que novinho(s)

---

<sup>191</sup> Com base em consulta ao ranking da categoria adulta disponível em: <https://www.similarweb.com/top-websites/brazil/adult/> Última verificação: 11/02/2023

<sup>192</sup> No exercício realizado em 13/12/2021 ao entrar nos três sites mais acessados do Brasil: *xnxx.com*, *xvideos.com*, *pornhub.com* notou-se que a grande maioria dos vídeos disponibilizados na primeira página dos sites contavam com atores e atrizes brancos. Foi realizada captura de tela do exercício em questão, sendo a mesma disponibilizada mediante solicitação a autora.

<sup>193</sup> No original: “moms I would like do fuck.”

surge como uma categoria<sup>194</sup>. Ou seja, no universo da pornografia *on-line* homens heterossexuais não podem ser sexualizados a partir da marca etária.

Ao analisar, então, as categorias raciais/étnicas propostas pelos maiores sites pornográficos da internet também podemos notar uma nítida distinção entre grupos que são pornificáveis e grupos que não o são. O *pornhub.com* apresenta as seguintes categorias que tem como base a raça/etnia das atrizes envolvidas: “negras”, “asiáticas”, “árabes” e “latinas”. Os sites *xnxx.com* e *xvideos.com* apresentam um sistema de categorias por *tags* que eleva muito o número de categorias oferecidas, no entanto, ao entrar na página inicial de ambos os sites estas são as categorias, respectivamente, apresentadas que correspondem a algum critério étnico/racial: “garotas negras”, “latina”, “asiáticas”, “negra”, “árabe/arábico”, “negras” e “árabe”, “asiática”, “latina”, “preto”. A mesma lógica é mantida para a seção “gay” dos sites, de maneira que, o *pornhub.com*, por exemplo, apresenta três categorias raciais/étnicas que já eram comuns na versão hetero do site: “negros”, “asiáticos”, “latinos”, acrescentando a categoria “europeu” à seleção. De maneira que se torna explícito que, especialmente na pornografia heterossexual, pessoas brancas não constituem uma categoria pornográfica. Mas o que isto significa? Se, como vimos, a grande maioria dos vídeos ofertados nas telas iniciais dos sites pornô é composta de atores e atrizes brancos, qual a relevância de apontar a inexistência de categorias pornográficas específicas para este grupo de sujeitos?

Para dar conta de tal pergunta, é necessário ter em mente a relação estabelecida, ao menos desde a modernidade, entre o processo de constituição de identidades e o estabelecimento de categorias a partir de formas de saber socialmente legítimas. Se no regime disciplinar as fotografias médicas tinham por função inventar e documentar a verdade das identidades sexuais criadas, no regime farmacopornográfico são as categorias pornográficas que dão realidade e materialidade aos sujeitos pornificáveis. Parece, assim, haver um paralelo entre os processos de criação das identidades sexuais modernas e das identidades sexuais contemporâneas. Sendo preciso destacar que a relação aqui não parece ser de ruptura histórica e sim de continuidade, dado que estas novas categorias (*teens*, *MILFS*, *ebony*, *pinay*, *big black cock*, entre outras) estão amplamente cimentadas em processos patriarcais e coloniais mais antigos. No entanto, e talvez seja este um ponto

---

<sup>194</sup> Tal afirmação é válida para os três sites pornográficos mais acessados no Brasil: *xvideos.com*, *xnxx.com*, *pornhub.com*. Consulta realizada ao similarweb.com dia 02/08/21.

de inflexão relevante deste processo, na atualidade, a proeminência da produção categorial e dos sujeitos respectivos que as compõe não parece mais caber exclusivamente e nem primordialmente aos conhecimentos médicos, pedagógicos e jurídicos, mas sim ao que poderíamos conceituar como conhecimento pornográfico.

O impacto do estabelecimento de categorias específicas pode ser notado ao observar-se os termos de busca<sup>195</sup> mais populares no ano de 2021 no *pornhub.com*. Dos trinta termos mais procurados para aquele ano, dez<sup>196</sup> (japonesas, *pinay*, asiáticas, *ebony*, latinas, coreanas, pau negro grande, chinesas, indianas, negras) eram termos que especificamente faziam referência a grupos/sujeitos racializados, sete termos (anal, massagem, à três, *creampie*, *gangbang*, boquete, *squirt*) faziam referência a atos/números sexuais, seis termos (*hentai*, anime, público, amador, *pov*, *cosplay*, *joi*) faziam referência ao formato/estilo/gênero de filmagem dos vídeos, quatro termos (lésbica, MILF, madrastra, professora/o) faziam referência a sujeitos/identidades específicas, três termos (bunda grande, peito grande, pau negro grande<sup>197</sup>) faziam referência a partes do corpo.

É possível pensar os termos de busca como reveladores dos desejos mais íntimos dos usuários de pornografia. A barra de busca fazia as vezes dos médicos, pedagogos e juristas do século XIX, é perante ela que confessamos nossas perversões. No entanto, é preciso afastar-se de abordagens naturalistas ao nos confrontarmos com a temática do desejo. É necessário reconhecer que, da mesma forma que os discursos acima citados foram responsáveis por criar e regular identidades, sujeitos e comportamentos, existe um caráter produtivo e regulatório na forma latente como tecnologias de representação, neste caso a pornografia acessada *on-line*, engajam os nossos corpos.

---

<sup>195</sup> Todos estes dados estão disponíveis na revisão anual que o site oferece: **The 2021 Year in Review. PornHub**, 14/12/2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021> Acesso 20/02/2023

<sup>196</sup> Realizei a tradução de todos os termos, que no original são apresentados em inglês, a exceção de dois: *pinay* e *ebony*. Tais termos, respectivamente, fazem referência a mulheres de origem filipina e a mulheres de origem africana ou negras. No original a lista é a que segue: *japanese*, *pinay*, *asian*, *ebony*, latina, *Korean*, *bbc* (*big black cock*), *chinese*, *indian*, *black*. Optei por, na lista traduzida, deixar os termos com a terminação feminina, mesmo que no original para a grande maioria dos termos não se possa aferir o gênero, pois, como vimos a versão “universal” do site apresenta os conteúdos sob o pressuposto de se tratar o consumidor de um homem heterossexual. Se realizarmos o exercício de digitar os termos de busca no site torna-se obvio que as categorias dizem respeito a pornografia heterossexual e, a exceção dos vídeos da categoria pau negro grande, os vídeos enfatizam a presença de mulheres das respectivas raças/etnias/nacionalidades.

<sup>197</sup> O termo aparece duplicado em duas das categorias de análise que estabeleci: categorias racializadas e partes do corpo.

De maneira que é importante que a análise não seja puramente hermenêutica e focada nos conteúdos ou nas representações, mas leve em consideração o que Vivian Sobchak (2016), a partir de formulações de Don Ihde, conceituou como “micropercepções”. Devemos buscar entender, portanto, a forma como determinadas tecnologias perceptivas e representacionais são capazes de, através de condições materiais específicas, nos in-formar<sup>198</sup>, de engajar e estender nossos sentidos no nível do corpo vivido. Assim como Barbero, Sobchack está interessada em compreender como nos engajamos a certas tecnologias da representação através do nosso *sensorium* perceptivo.

Ao nos voltarmos, portanto, para os termos de busca percebe-se que a manifestação do desejo é ali produzida a partir de categorias já pré-estabelecidas, de maneira que, para ter sucesso em sua procura por materiais pornográficos específicos, cabe ao usuário e a usuária negociar “com um esquema elaborado no qual o desejo sexual é produzido através do sequenciamento de posições de sujeitos fixas, definidas sempre e apenas em relação uma com as outras.” (PATTERSON, 2006, p. 106) As colocações de Patterson reverberam algumas preocupações já anteriormente apontadas por autoras como Monique Wittig (1992) e Catharine MacKinnon em relação a forma como o discurso pornográfico opera. Wittig afirma que o conjunto de discursos que analisa, entre eles o discurso pornográfico, negam a possibilidade de criação de categorias fora da heterossexualidade, MacKinnon, por sua vez, alega que o discurso pornográfico, especialmente a medida em que se massifica, cria a linguagem e as categorias com as quais temos que operar se queremos comunicar sobre o sexual. No entanto, tais autoras desenvolveram suas análises em cima de formatos midiáticos muito distintos do que existem na atualidade. A pornografia em sua versão Web 2.0 ao mesmo tempo que produziu uma proliferação de categorias, também estabeleceu uma áurea de ilimitação de expressão do desejo.

A promessa de liberação de tabus e de exploração do desejo sem limites que a barra de busca em branco dos sites pornográficos parece oferecer é não apenas vazia, mas ilusória, pois a manifestação do desejo em tais sites deve ocorrer através da utilização de termos que já estão contidos na lógica dos indexadores e de categorias pré-estabelecidas. A assimilação e aceitação desta lógica interna própria pode ser atestada pela grande

---

<sup>198</sup> No texto original, a autora utiliza-se também do hífen para separar o verbo “in-form”.

quantidade de termos de busca que fazem sentido apenas no universo da pornografia *on-line*. Termos como *pov*, *hentai*, *joi*, *creampie*, *bbc* e *MILF* atestam que as representações pornográficas não apenas representam a sexualidade humana, mas também a criam. Este caráter produtivo da pornografia no seu formato *on-line*, torna-se também disciplinador e regulatório ao estabelecer comportamentos e atitudes fixas a determinados sujeitos e identidades que existem no mundo “real”.

Essa imbricação entre o real e o virtual é o grande tema dessa proposta de pesquisa. Neste sentido, me parece sintomático que um terço das buscas mais frequentes em um dos maiores sites pornográficos do mundo ocorra a partir de termos que especificamente fazem referência a grupos/sujeitos racializados e que, no entanto, dos vinte países que concentram 80%<sup>199</sup> do tráfego diário de visitas ao *pornhub.com*, catorze pertençam ao que podemos chamar de norte-global. Ao realizar a revisão das análises de conteúdo já aponte algumas características dos vídeos que são encontrados nas categorias racializadas. Não pretendo, com tal observação, propor nenhum tipo de avaliação sobre as implicações geopolíticas da utilização de pornografia. O objetivo é apenas apontar a participação das representações pornográficas no processo mais amplo de constituição de identidades e dos sujeitos que as corporificam. Como um último exemplo deste processo gostaria que atentássemos para aquele foi o segundo termo de busca mais popular para o ano 2021 no *pornhub.com*: lésbica.

Nos anos 1980, Monique Wittig resolveu encerrar seu ensaio clássico “O pensamento Hétero” (1992), com a seguinte frase: “As lésbicas não são mulheres”. Tomando o conjunto do texto da autora, uma interpretação possível de tal afirmação é de que o termo “mulher” muito mais do que fazer referência a uma característica biológica, tem significado apenas quando consideramos as funções que o ser-mulher desempenha em regimes heteronormativos, tanto em termos econômicos quanto em termos simbólicos, de maneira que as lésbicas, ao não cumprirem as funções econômicas e simbólicas intrínsecas ao termo, abdicam ou são expurgadas de sua condição de mulheres.

A autora conceitua (WITTIG, 1992) então, como pensamento hétero todas categorias e conceitos adotados pelas ciências contemporâneas sem prévio exame, que operam como conceitos primitivos, calcados em uma natureza que resiste à análise e

---

<sup>199</sup> Ver: **The 2021 Year in Review**. PornHub, 14/12/2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021> Acesso 20/02/2023

escapa à cultura. A relação hétero surge como este aspecto naturalizado que remanesce na cultura, tornando-se um dado pré-adquirido de toda ciência. É partir da matriz de pensamento hétero que as ciências desenvolveram suas interpretações totalizantes sobre todos os fenômenos subjetivos. O caráter opressivo do pensamento hétero pode ser visto em sua tendência a naturalizar a si próprio e universalizar a sua produção de conceitos em leis gerais aplicáveis a todos os seres humanos, em todos os lugares do mundo, em qualquer época histórica.

A autora indica que não são apenas os discursos científicos que produzem violência, mas também os discursos dos *mass media*. Neste contexto, afirma que a pornografia se constitui como exemplo paradigmático sobre a forma como discursos produzem opressões materiais. Apesar da multiplicidade de suas manifestações (fotos, filmes, pôsteres) a pornografia “constitui um discurso, e este discurso cobre o nosso mundo com os seus signos, tem um significado: as mulheres são dominadas” (WITTIG, 1992, p. 26) O discurso pornográfico é para autora, umas das estratégias de violência do pensamento hétero e tem como função tanto humilhar e aviltar, quanto servir de aviso, operando pelo medo. Ao analisar, por exemplo, o discurso pornográfico, enquanto apenas um sistema de signos, os semióticos perdem a conexão que tal forma discursiva tem com a realidade social. Através da imposição da análise em suas categorias, impedem que se denuncie a violência produzida através do discurso.

A tentativa de fuga do sistema heteronormativo, que foi proposta de inúmeras maneiras por feministas lésbicas dos anos 1970-1980, inclusive em perspectivas extremamente literais<sup>200</sup>, parece ter sido capturada pelas representações pornográficas atuais. Não deixa, portanto, de ser irônico o processo de consolidação de “lésbicas” como uma das categorias mais populares da pornografia *on-line*. No entanto, diferentemente de termos como *hentai*, *pov*, *joi*, *creampie*, *sexo anal*, *amador*, entre outros, o termo “lésbicas”, da mesma forma que os termos utilizados indexar pornografia racializada, diz respeito a uma identidade que constituiu sujeitos no mundo fora do universo pornográfico.

O processo de imbricamento entre estes universos de sentidos, o pornográfico-virtual e o material-real, e a capacidade das representações pornográficas em capturarem

---

<sup>200</sup> Ver: KERSHAW, Sarah. **My Sister's Keeper**. The New York Times, 30/01/2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/02/01/fashion/01womyn.html> Acesso 20/02/2023

o sentido de um termo e de, neste caso citado, de uma identidade pode ser atestado pelo fato de que até agosto de 2019, o resultado de busca do termo lésbica<sup>201</sup>, no buscador de pesquisa do Google, independentemente do idioma, trazia como resultados essencialmente páginas pornográficas. Depois de campanha realizada pelo grupo francês **SEO Lesbianne**, a companhia “corrigiu” o algoritmo de busca da ferramenta para que conteúdos pornográficos não fossem mais os primeiros e únicos associados ao termo.

Utilizo-me aqui de termos como “real” e “virtual”, mas gostaria de propor que tais conceitos se relacionam muito mais de maneira dialética do que dicotômica. Não se trata portanto, da postulação de dois locais distintos de vivências e nem mesmo de análise. Uma das apostas deste trabalho é a de que deveríamos nos dedicar cada vez mais a entender como habitamos o virtual e como somos habitadas pela virtualidade. Existem diversas especulações<sup>202</sup> sobre como tal relação dialética nos elevará (*Aufhebung*<sup>203</sup>) a um novo estágio ou a uma nova paisagem histórica. Em tratando-se do universo pornográfico *on-line*, talvez nenhum outro se preste tanto a reflexões sobre o real quanto a pornografia amadora.

### **Amadorismo e a busca do real ou por que não fazemos nossa própria pornografia?**

---

<sup>201</sup> Ver: GALVANI, Giovanna. **Quem é a mulher lésbica para as pesquisas feitas no Google?** Carta Capital. 30 de agosto 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/quem-e-a-mulher-lesbica-para-as-pesquisas-feitas-no-google/> **Google conserta seu algoritmo para que a palavra ‘lésbica’ não seja mais sinônimo de pornô.** El Pais Brasil, 08/09/19. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/08/tecnologia/1565280236\\_871191.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/08/tecnologia/1565280236_871191.html) IGNACIO, Ana. **Palavra lésbica ‘pertence a nós’, diz criadora de campanha para corrigir algoritmo do Google.** Huffpostbrasil, 12/08/2019. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2019/08/ativista-lesbica-francesa-desassocia-lesbica-de-conteudo-porno-na-internet.html> Acessos em 20/02/2023

<sup>202</sup> Em “**Homo Deus: uma breve história do amanhã**” (2015) Yuval Noah Harari aborda alguma destas possibilidades.

<sup>203</sup> Trata-se de um termo fundamental da lógica hegeliana, que aqui utilizo para dar conta da relação dialética entre o real e o virtual. Para um aprofundamento em relação ao termo e seu pertencimento na filosofia de Hegel ver: JUNGES, Márcia; COSTA, Andriolli. Superar, aniquilar e conservar – A filosofia da história de Hegel. Entrevista com José Pinheiro Perville. IHU On-Line. 21 de Outubro 2013. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5229-jose-pinheiro-perville-1> Acesso em 20/02/2023

A forte presença<sup>204</sup> de vídeos produzidos e categorizados<sup>205</sup> como amadores e a popularidade<sup>206</sup> que tais vídeos possuem nas plataformas de distribuição de pornografia poderia ser um indicativo de que outras formas de desejo e que outras posições de sujeito estariam ganhando espaço no universo da pornografia. A ideia de que o crescimento de conteúdos considerados amadores poderia significar uma “democratização” da pornografia *online* e contribuir para uma diversificação da estética pornográfica ecoa a promessa que a “ideologia californiana” e que a noção de *prosumer* pareciam profetizar. No entanto, tais promessas não chegam a se materializar, como veremos, quando consideramos a maioria dos vídeos disponibilizados nos grandes sites pornográficos.

Os vídeos categorizados sob a *tag* de “amadores” são sintomáticos, na atualidade, tanto da tendência autorreferencial da estética pornô quanto das novas características produtivas do complexo pornô capitalista. Diversos dos estudos que analisei (GORMAN; MONK-TURNER; FISH, 2010; DOWNING et al., 2014; KLASSEN; PETER, 2014; SHOR, SEIDA, 2021) buscaram verificar a existência de distinções, em termos de conteúdo apresentado, entre os vídeos considerados “amadores” e aqueles “profissionais”. Apontam que tal distinção é complexa dado tanto a “profissionalização” da estética amadora, quanto aos novos sentidos que o termo profissional adquiriu neste novo estágio produtivo da pornografia.

Algumas autoras optam, desta forma, pela utilização do termo “pro-amador” para se referir a vídeos caracterizados pela: baixa qualidade de gravação, pela pouca ou nenhuma edição, por convenções e imagens realistas, que são muitas vezes filmado de um ponto de vista subjetivo masculino com o uso de tecnologias digitais (por exemplo GoPro, telefones celulares) e que contem pouca ou nenhuma história, possuindo muitas

---

<sup>204</sup> Shor e Seida, 2018, os vídeos categorizados como amadores corresponderam a 26.3% da amostra randômica do estudo; Klassen e Peter, 2014, 23,8% dos vídeos da amostra foram categorizados como amadores, segundo Gorman, Monk-Turner e Fish, 2010, vídeos amadores corresponderam a 39% da amostra do estudo.

<sup>205</sup> “Amadores” é a segunda maior categoria em número de vídeo disponíveis no *pornhub.com*, contando com mais de 200 mil vídeos, atrás apenas na categoria “pornô HD” que conta com mais de 600 mil vídeos. Consulta realizada em 06/12/21.

<sup>206</sup> “Amador” foi o termo mais procurado no *pornhub.com* em 2019. Em 2021, o termo caiu algumas posições, passou a ser 23º termo mais buscado. Em 2022, o termo foi o 22º mais buscado. Em todos os anos que a pesquisa acompanhou as revisões anuais do *pornhub.com* o termo apareceu entre os 30 termos mais buscados no site. O ano de 2020 não foi objeto das revisões anuais do site. **The 2019 Year in Review.** PornHub, 11/12/19. Disponível: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review> Acesso 20/02/2023 **The 2021 Year in Review.** PornHub, 14/12/2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021> Acesso 20/02/2023 **The 2022 Year in Review.** PornHub, 08/12/2022. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review> Acesso 20/02/2023

vezes narração em primeira pessoa, feita pelo indivíduo do sexo masculino que atua e filma a cena (SHOR, SEIDA, 2021).

É possível, como especulam alguns autores (Ruth Barcan, 2002; Eleonor Wilkinson, 2017), que a proliferação dos vídeos *pro-am* tenha sido consequência da popularidade que vídeos “verdadeiramente” amadores tiveram ao adentrar os sites *tube* e que o sucesso de tais vídeos indique uma procura dos usuários por cenas e conteúdo pornográfico mais “autênticos”. No entanto, na atualidade, na medida em que a noção de “autenticidade” se tornou em si uma fonte de estímulo erótico, houve um processo de incorporação tanto da estética quanto do modo de produção<sup>207</sup> amadores à lógica pornográfica, tornando a fronteira entre o amador e o profissional de difícil distinção. Sites como o *pornhub.com* buscam manter a promessa de uma experiência sexual mais “real” criando categorias como “amadoras verificadas” que supostamente garantiam o amadorismo e por consequência a realidade dos vídeos escolhidos. A promessa de uma relação privilegiada com a “realidade” é uma constante no universo da pornografia, debatarei tal ponto com maior profundidade a seguir, no entanto, a existência de categorias como “amadoras verificadas” atesta para o processo de profissionalização da estética amadora e para a criação de “amadoras-profissionais” com todas as contradições que tal combinação parece conter.

As análises de conteúdo realizadas pelas pesquisas revisadas demonstram que a pornografia categorizada como amadora é tão ou mais conservadora em relação as representações de gênero do que as representações pornográficas que poderíamos chamar de profissional. Ao se tornar, portanto, mais uma categoria entre categorias a promessa de representações mais “reais” da sexualidade, que o termo amador poderia conter, parece ser desfeita. Segundo Klassen e Peter (2014), vídeos amadores apresentaram maiores índices de desigualdade de gênero, de desumanização das mulheres e de afirmação de papéis de gênero tradicionais (homens dominantes, mulheres submissas). Em relação a violência, a pornografia profissional apresentou maiores índices de violência física, ao passo que a pornografia amadora apresentou mais cenas de sexo sob coerção através da manipulação das mulheres para a realização de atos sexuais. A conclusão dos autores de que é necessário, dada a evidência coletada, reconsiderarmos a crença de que a pornografia amadora pode prover representações de gênero alternativas e mais diversas

---

<sup>207</sup> O documentário de 2015 “*Hot Girls Wanted*”, produzido e disponibilizado pela Netflix aborda o funcionamento e operação da indústria do pornô amador norte-americana.

vai ao encontro da conclusão do estudo de Niels van Doorn (2010), que analisou 100 vídeos “amadores” gerados por usuários e disponibilizados no *YouPorn*, um popular site de compartilhamento de vídeos pornográficos:

Conclui-se que, em vez de fornecer um espaço para representações sexuais alternativas, o YouPorn se manifesta como um site onde pornografia, mídia participativa e a representação / fetichização da 'realidade' convergem para manter uma ideologia de gênero politicamente conservadora. (DOORN, 2010, p. 411<sup>208</sup>)

O processo de incorporação do amador na lógica pornográfica parece ser atestado também quando nos voltamos para a análise que a especialista em sexualidade do *pornhub.com*, Dra. Laurie Betito, apresenta sobre a aparição do termo amador no topo da lista de termos mais procurados no site em 2019:

Parece que as pessoas estão procurando por representações mais realistas do sexo. Pessoas “reais” vs. atores parecem ser o atrativo. É interessante que mais e mais pessoas estão se apresentando como amadores. O sexo se tornou tão menos tabu que aqueles que se divertem com o exibicionismo podem fazê-lo com pouca experiência ou equipamento. *A mensagem é: qualquer um pode ser uma estrela pornô*<sup>209</sup>! (PORNHUB, 2019)

Além de sustentar a falsa afirmação de que o pornô amador ofereceria algum conteúdo distinto ou seria de alguma maneira mais realista que a pornografia não amadora, a responsável pelo *Sexual Wellness Center*, mantido pelo *pornhub.com*, também deixa explícito em sua fala que a presença do conteúdo amador no site está diretamente conectada a garantia de conteúdo produzido com baixo ou nenhum custo. Há, aqui, portanto, a afirmação da lógica típica da Web 2.0 e da noção de *prosumer* em conexão com uma noção liberal do sexo que busca associar pornografia com quebra de tabus ou com uma concepção mais liberalizada do sexo, havendo uma cooptação por parte do mercado pornográfico do impulso liberacionista de revoluções sexuais anteriores. Em certo sentido, a dicotomia reforçada pelos sites pornográficos entre o amador e o profissional está ainda baseada no processo moderno de instauração do dispositivo da sexualidade, descrito por Foucault, em que se mantem a promessa de descobrir o sexo, de revelá-lo.

A forma como as representações pornográficas buscam atestar sua realidade é, segundo Preciado (2018), uma das peculiaridades da pornografia. Há uma equivalência

---

<sup>208</sup> Tradução própria. No original: “It is concluded that, rather than providing a space for alternative sexual representations, YouPorn manifests itself as a site where pornography, participatory media, and the representation/fetishation of ‘reality’ converge to maintain a politically conservative gender ideology.”

<sup>209</sup> Grifo próprio.

colocada em prática nas formas dominantes de pornografia em que (ejaculação= realidade= verdade) equacionam-se e permitem que o espectador não perceba que, a verdade da sexualidade que as representações pornográficas pretendem capturar, não é, senão, o efeito de um sistema de representação específico. A estética amadora reforça esta ilusão visual da irrupção do puramente real ao inserir pistas de que a espectadora ou espectador está assistindo a um evento que ocorreria mesmo que ela ou ele não estivessem ali para observar. É fornecido aos que olham a sensação de ser um observador privilegiado e de que, como antropólogos, estaríamos apenas acompanhando os eventos sexuais cotidianos de pessoas “normais”. O movimento que as representações amadoras realizam é, portanto, duplo. Ao mesmo tempo em que reforçam que o que se passa na tela é captura da erupção do desejo real, contribuem para reforçar a crença de que somos todas e todos atores e atrizes pornô em potencial. Tal modo de proceder não é novo e faz eco a pornotopia que a *Playboy* procurou instaurar com o estabelecimento da figura das *playmates*:

Supomos que seja natural pensar que nossas famosas *playmates* vivem num mundo à parte. Na verdade, *playmates* em potencial estão a nossa volta: a nova secretária de seu escritório, a beldade de olhos amendoados que se sentou na sua frente no almoço de ontem, a garota que lhe vende gravatas e camisas na sua loja favorita. (HEFFNER apud Gay TALESE, 2018, p. 86)

Se as palavras de Hugh Hefner nas décadas de 60 e 70 soavam apenas como um convite a sexualização de todas as mulheres, elas adquirem na atualidade tons de profecia graças ao celular com câmera e conexão com a Internet. A pornografia amadora tal como existe hoje é fruto deste processo de conversão da câmera “de dispositivo de captação em um dispositivo de projeção do sujeito” (Giselle BEIGUELMAN, 2021, p. 33) e é, também, portanto, o resultado de uma nova forma, em termos estéticos, de garantir a realidade do que se mostra na tela. Ao invés de apagar os truques que utiliza para criar a representação, como boa parte do cinema hollywoodiano ainda o faz, o pornô amador aposta no processo contrário, de maneira que todas as características estéticas dão ao espectador a sensação de que o que está sendo visto é improvisado, não roteirizado e, portanto, “real”. O senso de realidade é dado pela ênfase na presença dos artefatos de mídia e não pela aniquilação ou minimização destes.

Como demonstrei através da revisão das análises de conteúdo, não há, em termos dos números sexuais exibidos e das narrativas apresentadas, diferenciações entre a pornografia amadora e aquela considerada profissional. De fato, a pornografia amadora tende em certos aspectos, já vistos acima, a ser mais conservadora e violenta. No entanto,

segundo autores, como Van Doorn (2010), a alegação estética que os vídeos amadores realizam de uma maior ou direta conexão com o real, os torna mais perniciosos quando os pensamos como operadores de uma determinada pedagogia do gênero, da sexualidade e dos corpos.

É preciso lembrar que um dos pontos fundamentais dos debates feministas que se desenvolveram no período das “*porn wars*” centrava-se na capacidade da pornografia em definir ou não a realidade social do que é uma mulher e de como se dão as relações de gênero. A alegação de Judith Butler é de não apenas a pornografia falha em tentar constituir a realidade social do que é uma mulher e das relações de gênero, mas de tal falha é condição para o surgimento de uma alegoria (ou de uma imagem fantasmática) que enuncia o imperativo da versão pornográfica do que é ser uma mulher e de como devem dar-se as relações de gênero. Tal alegoria, segundo a autora, assume-se e concebe-se desde o início como irrealizável e que não pode superar a realidade, residindo aí sua condição de perpetuação e seu atrativo (BUTLER, 1997).

Como afirma Beiguelman, ao comentar a história das imagens maquínicas: “O fantasma é uma figura ambivalente, que transita entre a presença e a ausência, o real e o virtual” (2021, p. 38). A percepção das representações pornográficas enquanto imagens fantasmáticas, enquanto alegorias e não realidade, são dependentes da identificação, por parte do expectador, de um “suporte fantasmático (na forma de um ‘script pornô’ que organiza as *performances* sexuais)” (VAN DOORN, 2010, p. 426). No entanto, o esforço realizado pelo enquadramento amador da pornografia é exatamente este de negar a dimensão fantasmática das representações e de alegar uma proximidade com a “vida real” e de prover representações de corpos “reais” e experiências sexuais autênticas.

Mais uma vez, a análise das categorias e termos de buscas disponibilizadas pelo relatório anual do *pornhub.com* pode fornecer pistas que auxiliem na compreensão de tal ponto. Segundo o relatório<sup>210</sup> do site (PORNHUB, 2021) as buscas com o termo “Como ...”, que incluem questões tais quais “Como chupar uma buceta?”, “Como chupar um pau?”, “Como colocar uma camisinha?”, “Como durar mais tempo?”, “Como depilar as bolas?”, “Como fazer ela gozar?”, entre outras, cresceram 245% no último ano. Ao

---

<sup>210</sup> Tradução própria dos termos apresentados originalmente em inglês pelo relatório. A informação é apresentada da seguinte maneira no original: “Searches containing ‘how to’ grew by 245% including ‘how to squirt’, ‘...eat pussy’, ‘..suck dick’, ‘put on a condom’, ‘last longer’, ‘finger myself’, ‘..shave balls’, ‘make a dildo’ and of course ‘find g spot’ and ‘how to make her cum’.” (PORNHUB, 2021)

realizar o exercício<sup>211</sup> de escrever tais termos na barra de buscas do site fica claro que a pornografia também adentrou na era dos tutoriais. Ao adentrarem no catálogo dos sites pornô, vídeos no estilo DIY se tornaram pornografia e passaram a fazer parte do inventário contemporâneo desta nova faceta da *scientia sexualis*.

Como já havia afirmado anteriormente, esta enunciação da “verdade” das relações sexuais ecoa a *scientia sexualis* que se estabeleceu no Ocidente a partir do século XIX. A possibilidade de todos e todas gravarem e disponibilizarem seus encontros sexuais parece garantir que os sites pornográficos se constituam como inventários das possibilidades de comportamento sexual da espécie humana, estes passam, portanto, a fazer as vezes das enciclopédias sexuais, como a *Psychopathia Sexualis* (1886) de Krafft-Ebing, do passado. De maneira que, se ao longo do século XIX, cabia aos diferentes especialistas atuarem como mediadores/produtores entre a confissão e produção das identidades, tal processo agora é mediado pela inteligência artificial e os algoritmos utilizados pelos sites para “categorizar” as diferentes possibilidades de encontros sexuais.

Diferença importante é de que se antes podíamos nomear (John Money, Richard von Krafft -Ebing, Jean-Martin Charcot, entre outros) os responsáveis pela produção do gênero e da normatização das relações generificadas, tal processo parece ocorrer agora de forma invisível e despersonalizada. Para conseguir dar conta da versão contemporânea destes processos é preciso voltar o olhar, literalmente, para os distintos canais *on-line*, que não se restringem apenas aos sites pornográficos, mas que englobam todos aqueles espaços virtuais (Twitter, Instagram, TikTok, Facebook, Whatsapp, entre outros) em que as imagens geradas pelas e pelos usuários tornam-se testemunho da realidade vivida.

É dentro desta estrutura que *YouPorn* pode ser entendido como uma tecnologia confessional gerada pelo usuário, solicitando aos seus participantes quantidades cada vez maiores de revelações visuais. Além disso, este também é o ponto em que o *YouPorn* se manifesta como um site onde a pornografia (amadora), a cultura *online* participativa e a representação/ fetichização da “realidade” convergem para manter uma postura essencialista e politicamente regressiva de ideologia de gênero. (VAN DOORN, 2010, p. 426<sup>212</sup>)

---

<sup>211</sup> Exercício realizado no dia 27/03/2022. Capturas de tela do site estão disponíveis mediante contato com a autora.

<sup>212</sup> Tradução própria. No original: “It is within this framework that YouPorn can be understood as a user-generated confessional technology, soliciting its participants for ever-increasing amounts of visual disclosure. Additionally, this is also the point where YouPorn manifests itself as a site where (amateur) pornography, participatory online culture, and the representation/ fetishation of ‘reality’ converge to maintain an essentialist and politically regressive gender ideology.”

Compreender o porquê, em um universo aparentemente infinito de possibilidades, vemos repetidas as mesmas imagens e as mesmas narrativas nos sites pornográficos é compreender o porquê a cultura visual que se estabeleceu a partir da Web 2.0 e da lógica *prosumer* (produsadores) tende a se constituir como uma estética de banco de dados. As representações pornográficas, com as diversas especificidades que as constituem, ainda sim fazem parte de um processo mais amplo de instauração de um estado de “*shareveillance*”; termo cunhado por Clare Birchall (2017) que busca dar conta desta relação entre compartilhamento e vigilância, na qual a performatividade nas redes alimenta e possibilita a “profilagem<sup>213</sup>” e a instauração de uma cultura de vigilância atravessada pelo consumo.

Em tal estado, os algoritmos tornam-se um aparato disciplinar que ganham “eficiência quantos mais as pessoas procuram responder as suas regras para se tornarem visíveis” (BEIGUELMAN, 2021, p 48). É preciso notar, portanto, que se em sua melhor versão, a Web 2.0 e a cultura participativa que ela possibilita criam possibilidades de representação de diferentes realidades em torno do gênero e da sexualidade e permitem que verdades hegemônicas baseadas em um regime heteronormativo sejam contestadas, em seus piores momentos, tais ferramentas tem o potencial de operarem como um aparato disciplinador, reafirmando noções e papéis de gênero conservadores e em última instância perniciosos para grupos já vulnerabilizados. De maneira que é preciso, sem reforço a binarismos, manter em mente a constante disputa entre o potencial emancipatório e o potencial disciplinador que as novas tecnologias incorporam e as diversas áreas cinzas que surgem a partir do encontro destes potenciais.

Giselle Beiguelman, por exemplo, ao longo de seu livro “**Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera**” (2021), elenca e analisa uma série de manifestações artísticas que ocorrem a partir da estética dos bancos de dados, tomando como base muitas das redes sociais já citadas, e que atuam “evidenciando a mesmice do vocabulário visual das redes”. Tais manifestações procuram provocar um curto-circuito ou um *bug* na padronização do olhar e propor “uma cultura visual alternativa à homogeneização do Big Data”. De forma similar, em seu ensaio “**A internet não matou**

---

<sup>213</sup> “[...] uma forma de acumular dados sobre as pessoas com base em seus gostos e hábitos, que permitirão prever os comportamentos, além de melhorar o direcionamento de produtos e propagandas” (BEIGUEILMAN, 2021, p. 49)

**a contracultura, você apenas não vai encontrá-la no Instagram**<sup>214</sup>” (2021), Caroline Busta analisa as possibilidades de representações contra hegemônicas em um contexto no qual a Internet se tornou um espaço de massiva capitalização, em que as Big Tech lucram com a expressão pessoal e com os conflitos políticos dos seus usuários, chegando a conclusão de que: “Para ser verdadeiramente contracultural em uma época de hegemonia tecnológica, é preciso, acima de tudo, trair a plataforma, o que pode vir na forma de traição ou desinvestimento do seu eu público online” (BUSTA, 2021).

A possibilidade elaboração de narrativas pornográficas contra hegemônicas está dada e já uma realidade colocada em prática por diversos movimentos, artistas e performers distintos. Paul Preciado (2017, 2018) cita e analisa muitas destas contra narrativas. Para este autor, é tarefa fundamental da teoria crítica contemporânea incluir a pornografia na análise dos modos culturais, de maneira a esclarecer as formas como se constroem os limites do socialmente visível, os prazeres e as subjetividades sexuais.

Há uma aposta de que é possível uma transformação tanto na esfera do consumo quanto na da produção de pornografia. Preciado vislumbra uma pornografia feita por aqueles que são tomados normalmente como objetos sexuais na pornografia tradicional e uma transformação dos “masturbadores imbecis” em usuários críticos da pornografia. Preciado valorizará, então, o desenvolvimento de micropolíticas pós-pornográficas, isto é, de diferentes estratégias de crítica e intervenção na representação que irão marcar “uma ruptura epistemológica e política: um outro modo de conhecer e produzir prazer através do olhar, mas também uma nova definição de espaço público e novos modelos de habitar a cidade” (PRECIADO, 2017, p. 31). O alcance que tais contra narrativas possuem será um dos pontos abordados no próximo momento da pesquisa.

Niels van Doorn, em uma perspectiva menos esperançosa, mas que talvez reflita melhor as conclusões as quais cheguei a partir do exame das representações analisadas, aponta:

[...] Eu alertaria contra uma apreciação excessivamente otimista do cenário contemporâneo da internet e suas oportunidades. Com uma quantidade cada vez maior de espaço na web adquirido por conglomerados de mídia multinacionais, a Web 2.0 iniciou um retorno à participação do usuário sob

---

<sup>214</sup> Tradução própria. No original BUSTA, Caroline. **The internet didn't kill counterculture—you just won't find it on Instagram**. Document Journal, 14/01/2021 Ensaio disponível em: <https://www.documentjournal.com/2021/01/the-internet-didnt-kill-counterculture-you-just-wont-find-it-on-instagram/> Último acesso em 20/02/2023.

controle corporativo e não está claro se e como as práticas sexuais marginais poderão prosperar nesses espaços. (VAN DOORN, 2010, p. 427<sup>215</sup>)

É preciso, no entanto, ter em mente que o exercício que aqui me propus a realizar, de mapear a paisagem da pornografia disponível *on-line* nos sites mais acessados da Internet foi um exercício de análise de materiais que poderíamos, ainda, conceituar como *mainstream*. Tais materiais e tais sites não esgotam as possibilidades representacionais de todo o universo pornográfico, são apenas um ponto na tela hiper pixelada e em permanente fluxo das representações sexualizadas disponíveis *on-line*.

---

<sup>215</sup> Tradução própria. No original: “[...] I would warn against an overly optimistic appreciation of the contemporary internet landscape and its opportunities. With an ever-increasing amount of web space acquired by multinational media conglomerates, Web 2.0 has initiated a return to user participation under corporate control and it is unclear whether and how marginal sexual practices will be able to thrive in these spaces.”

## PARTE 5- Sensorialidades: habitando o virtual

O objetivo central da presente pesquisa é averiguar se e como a pornografia e as representações sexualmente explícitas acessadas via Internet operam, junto aos jovens, como um mecanismo de pedagogia da sexualidade, do gênero e dos corpos. Para chegar a tal objetivo me cerquei de algumas proposições teóricas já explicitadas na parte inicial deste trabalho. Destas proposições, destaca-se a perspectiva barberiana sobre o processo comunicativo. Seguindo os marcos propostos pela carta geográfica barberiana sei que não possível chegar a um entendimento sobre a maneira como os e as jovens se relacionam com materiais pornográficos disponíveis *on-line*, sem escutar e registrar o que pessoas que habitam as culturas juvenis contemporâneas *pensam* e *sentem* sobre o tema. As próximas páginas buscam dar conta deste aspecto da pesquisa.

Antes de seguirmos, um lembrete, já realizei, ao explicitar elementos importantes dos referencias teóricos mobilizados pela tese, alguns apontamentos sobre os conceitos de cultura e de culturas juvenis. Também já indiquei alguns elementos teóricos importantes sobre a adoção dos procedimentos metodológicos adotados na tese, bem como estes já foram explicitados na parte inicial deste trabalho. Tais apontamentos devem ser assumidos ao longo da leitura desta parte da pesquisa. Reservarei esta seção, portanto, para análise dos dados que foram produzidos ao longo das duas etapas de pesquisa (questionários e entrevistas) sem retornar a uma pormenorização das ações que levaram a produção destes.

A apresentação e análise dos dados ocorrerá inicialmente a partir de uma perspectiva mais geral e será refinada através dos cruzamentos das questões propostas no questionário com as variantes demográficas consideradas pela pesquisa (gênero, cor, orientação sexual, frequência a instituições de ensino, idade, pertencimento religioso). Os dados produzidos pelas entrevistas serão utilizados para a promoção de um entendimento mais profundo sobre as questões que são mais relevantes para a pesquisa.

Em relação ao conjunto de pessoas que responderam ao questionário (n=277) a composição demográfica é a que segue:



				a instituic ão			
29,2 % (n=81 )	21,3% (n=59)	19,1% (n=53)	10,1% (n=28)	13% (n=36)	4,0% (n=11)	0,7 % (n=2 )	2,5% (n=7)

Fonte: Produzido pela autora

**Tabela 8-Composição demográfica<sup>216</sup> das pessoas entrevistadas**

	<b>Idade</b>	<b>Gênero</b>	<b>Orientação sexual</b>	<b>Cor</b>	<b>Instituição de ensino<sup>217</sup></b>	<b>Pertencimento Religioso</b>
Marcelo	19 anos	Homem	Não sabe	Pardo	Ensino superior público	Não possui
Michel	19 anos	Homem	Gay	Branco	Ensino superior público	Não possui
Jorge	19 anos	Homem	Heterossexual	Pardo	Ensino superior público	Não possui
Roberto	18 anos	Homem	Heterossexual	Pardo	Ensino médio escola pública	Católico
Caio	18 anos	Homem	Heterossexual	Pardo/ amarelo	Ensino superior privado	Católico/ kardecista
Cris	18 anos	Não binária	Bissexual	Branca	Ensino superior público	Agnóstica

<sup>216</sup> Todas as informações foram autodeclaradas no momento das entrevistas. Os nomes são fictícios.

<sup>217</sup> Este item busca averiguar se, no momento da entrevista, a pessoa frequentava alguma instituição de ensino.

Simone	19 anos	Mulher	Bissexual	Branca	Ensino superior público	Não possui
Letícia	20 anos <sup>218</sup>	Mulher	Bissexual	Branca	Ensino superior público	Não possui
Camila	20 anos <sup>219</sup>	Mulher	Heterossexual	Branca	Ensino superior público	Acredita no Universo e em Deus, segue a linha mística e umbanda.
Maria	18 anos	Mulher	Bissexual	Branca	Não frequenta	Não possui

A aplicação bem-sucedida dos questionários e das entrevistas levou a produção de uma série de dados que permitem compreender de maneira ampla aspectos importantes sobre a forma como os conteúdos pornográficos on-line estão presentes na vida dos e das jovens na atualidade. O primeiro ponto que merece destaque relaciona-se ao acesso e as formas como tais conteúdos adentram as culturas juvenis e passam a fazer parte do referencial visual sobre sexualidade, sexo, gênero e corpos entre as pessoas jovens.

## Acessando

Ao considerar as respostas<sup>220</sup> as questões que procuraram averiguar o grau de conectividade com a internet das pessoas que participaram da pesquisa é preciso ter em mente que esta foi uma pesquisa desenvolvida para e através das vias digitais. De maneira que a massificação<sup>221</sup> do acesso à internet notada pela pesquisa não deve ser generalizada sem a devido cuidado. Tendo tal ponto em mente é preciso destacar o alto grau de acesso

<sup>218</sup> Ao responder o questionário a entrevistada tinha 19 anos, no entanto, ao realizar a entrevista ela já havia completado 20 anos.

<sup>219</sup> Ao responder o questionário a entrevistada tinha 19 anos, no entanto, ao realizar a entrevista ela já havia completado 20 anos.

<sup>220</sup> Lembro aqui que o número da amostra ampla da pesquisa é de 277 pessoas.

<sup>221</sup> Todavia mesmo tendo realizado tal ressalva, é preciso destacar o alto grau de conectividade à internet da maioria dos lares brasileiros: **90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa.** Gov.br, 19/09/2022. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa> Acesso 20/02/2023

que os e as jovens afirmaram ter a aparelhos conectados à internet: 99,3% (n=275) das pessoas afirmaram possuir algum aparelho com conexão à Internet. Quando solicitados a indicar quais aparelhos possuíam, as opções mais assinaladas foram: celular com conexão à internet (n=272), notebook (n=178), vídeo game com conexão à internet (n=104), computador desktop (n=99), tablet (n=54). Em relação aos locais em que teriam acesso à internet, os dados apontam para um cenário de ampla possibilidade acesso: em casa (n=275), na rua (n=219), na casa de amigos (n=186), na escola (n=176). Sobre a qualidade do acesso: 59,9% consideram possuir uma boa conexão com a internet, 27,8% uma ótima conexão, 11,9% uma conexão razoável, as opções ruim ou muito ruim não foram assinaladas pelas pessoas jovens respondentes da pesquisa.

Este é, portanto, o cenário hiper conectado em qual os e as jovens respondentes da pesquisa estão inseridos; neste ponto, já me parece importante questionar em que medida a possibilidade acesso não implica em necessidade ou imposição de utilização dos meios digitais. Diante de tal contexto, me pergunto pelas possibilidades de não acesso, sobre os momentos de desconexão, sobre as possibilidades comunicativas fora do sinal.

Em outro momento deste trabalho, já aponte para o fato de que a cultura pop com frequência associa internet com pornografia, criando uma sinonímia entre os dois termos, muitas vezes com fins humorísticos, com a clara mensagem de que acessar a internet é acessar pornografia. O forte fundo de realidade de tal máxima parece ser confirmado quando consideradas as questões do questionário que versavam sobre o acesso a materiais pornográficos. O contexto que delineei acima de hiper conexão com a internet deve ser levado em consideração ao considerarmos a percepção dos e das respondentes de que: o acesso a materiais pornográficos por jovens com idades entre 16-19 anos é muito comum (75,1% - n=208) ou comum (23,5% - n=65) e de que tal acesso ocorre com muita facilidade (93,1% n=258).

O papel da internet na atualidade como meio único de acesso a conteúdos pornográficos torna-se mais nítido quando observamos as respostas dadas ao questionamento “O acesso a materiais pornográficos por jovens ocorre principalmente através de”: 80,5% (n=223) das pessoas afirmaram que a principal forma de acesso a materiais pornográficos se dá através de sites pornográficos e 19,1% (n=53) através de redes sociais (como Whatsapp, Facebook, Instagram, Tik Tok, Twitter, entre outras). A opção dvds de filmes pornográficos foi assinalada por uma pessoa (0,4% da amostra) e

as outras opções: revistas “masculinas”, na tv aberta, canais de tv pagos não foram assinaladas por nenhum respondente. De maneira que, para o grupo de jovens considerados nesta pesquisa os conteúdos pornográficos de alguma maneira passam a equivaler-se ao meio de acesso; tais dados não tornam possível afirmar que a internet é pornografia, mas sim permitem pensarmos que para estes jovens pornografia é a internet.

Um dos objetivos específicos da pesquisa centra-se em esclarecer quais significados que o termo pornografia adquire dentro das culturas juvenis atuais e quais materiais, segundo os jovens pesquisados, poderiam ser alocados como pertencendo ao escopo pornográfico contemporâneo. Neste sentido, é relevante apontar que os meios de acesso a pornografia parecem impactar também as definições que as pessoas entrevistadas forneceram para o que conceituam como pornografia.

Das dez pessoas entrevistadas, seis (três mulheres, dois homens e uma pessoa não binária) ao buscarem definir o que seria pornografia, realizaram primeiramente menção a conteúdos visuais, em especial, ao formato de vídeo como modo de apresentação inerente a noção de pornografia. Quatro pessoas apontaram em suas respostas que outros formatos midiáticos, em especial obras literárias e músicas, também poderiam ser consideradas pornográficas. No entanto, tal indicativa normalmente surge após uma indagação específica sobre o tema. De maneira que, ao menos em um primeiro momento, a noção de pornografia parece estar relacionada ao campo da visualidade e em alguns casos, está já atrelada ao modo de acesso considerado padrão do momento histórico que vivemos, a internet.

#### **Roberto**

E: Assim, pelo que eu tenho de "conhecimento" é os **vídeos né na internet**. Pornografia, tipo assim, conteúdo pornográfico, as vezes música pornográfica, que é no assunto daquelas músicas de a joga a bunda pra cá, quica aqui, quica ali, isso é o que eu tenho em conhecimento entendeu, que é o que vem na minha cabeça quando eu escuto isso, esse termo pornografia.

#### **Letícia**

E: Eu acho que me remete a qualquer tipo de **vídeo** relacionado a sexo, tanto sexo oral, penetração, enfim qualquer tipo **de relação sexual** que é gravada e é transmitida de alguma forma, porque hoje em dia tem muito ao vivo também né, as pessoas fazem aquelas câmeras, acho que é isso.

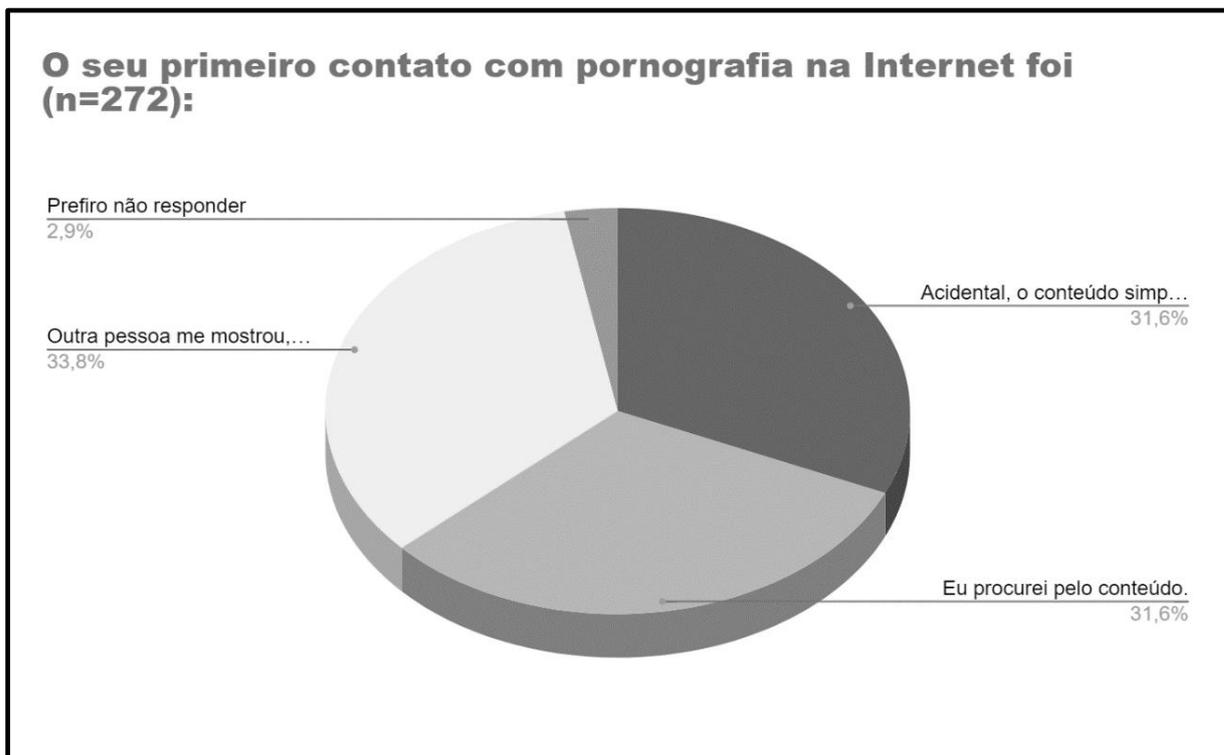
#### **Maria**

E: Pornografia eu entendo como todo **vídeo** com **relações sexuais explícitas**, não só relações sexuais, mas imagens, por exemplo, fotos pornográficas, não quer dizer que sejam duas pessoas, mas... qualquer pessoa se expondo sexualmente.

Os termos mais utilizados pelas pessoas entrevistadas para descrever os conteúdos dos materiais que seriam considerados pornográficos foram: ato e/ou relação sexual, ato e/ou relação sexual explícita e nudez. Dois entrevistados indicaram que não percebiam distinção entre conteúdos pornográficos e conteúdos eróticos. E uma das jovens entrevistadas apontou diferenciar conteúdos pornográficos e conteúdos eróticos, sendo os primeiros relacionados a vídeos e a algo que considerava negativo e os segundos relacionados a outros formatos midiáticos como livros, não sendo estes considerados algo negativo em si pela jovem.

A imperatividade do acesso à internet que indiquei anteriormente também parece traduzir-se em uma imperatividade do contato com materiais pornográficos. Quando questionados diretamente: “Você já teve, alguma vez, contato com algum material pornográfico (vídeos, fotos, gifs, memes) através da Internet?”: 96,8% (n=268) das pessoas responderam que sim. Levando em conta a revisão de literatura realizada anteriormente e sabendo que outras pesquisas (Kimberly MITCHELL; David FINKELHOR; Janis WOLAK 2003; COLETTO et al, 2017; MARTELLOZZO et al., 2017) apontavam para uma alta exposição acidental ou indesejada a conteúdos pornográficos, procurei dar conta de tal possibilidade questionando os jovens sobre a forma como se deu o seu primeiro contato com pornografia na internet. A questão oferecia como opção de resposta os seguintes itens: acidental, o conteúdo simplesmente apareceu; outra pessoa me mostrou, sem que eu estivesse esperando; eu procurei pelo conteúdo; prefiro não responder.

Gráfico 27- Primeiro contato



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Confirma-se, desta forma, para o caso aqui considerado apontamentos já realizados por outras pesquisas que indicam uma incidência considerável de casos de exposição acidental ou indesejada a conteúdos pornográficos. Os números produzidos pela pesquisa são similares aqueles apontados pela pesquisa de MARTELLOZZO et al (2017), centrada em jovens do Reino Unido, com idades entre 11-16 anos. Recordemos que para naquele contexto (MARTELLOZZO et al., 2017) 68% de jovens afirmaram já terem sido expostos de forma não intencional a conteúdos pornográficos. Destes jovens, 46% afirmaram que viram tais conteúdos, pois eles simplesmente apareceram nos aparelhos que estavam utilizando e 22% afirmaram terem sido exposto à pornografia porque outra pessoa lhes mostrou, sem que estivessem esperando ou tivessem solicitado. De forma similar, encontrei para o caso brasileiro um total de 65,4% (n =178) de jovens que afirmaram terem sido expostos pela primeira vez de forma acidental ou indesejada a conteúdos pornográficos. As entrevistas, por sua vez, confirmaram alguns aspectos desta percepção macro oferecida pelo questionário e ofereceram indicativos que permitem compreender de forma mais apurada tanto como se dá o processo de massificação do acesso a pornografia quanto como ocorrem as primeiras exposições a tais conteúdos.

As respostas das dez pessoas entrevistadas para a questão “O quão comum é a utilização de pornografia por jovens com idade entre 14 -19 anos?” oscilou entre “bem comum” e “extremamente comum”. Ao solicitar que as pessoas entrevistadas indicassem a forma mais popular de pessoas jovens acessarem pornografia na atualidade, repetiu-se a tendência das respostas vistas no questionário, com todos e todas as entrevistadas afirmando que esse acesso ocorre via internet.

Quando provocados a que fornecessem o nome de um site ou portal que considerassem ser o mais comum para acesso de pornografia, os nomes mais lembrados foram: *xvídeos* (oito menções), *pornhub* (cinco menções), *twitter* (quatro menções), *whatsapp* (três menções), *redtube* (duas menções). *Facebook*, *Instagram*, *Google* e *Brazzers* foram mencionados uma única vez. De maneira que é possível afirmar a correção das pesquisas de análise de conteúdo que focam seus estudos em grandes portais de acesso a pornografia como *xvídeos* e *pornhub*. Destaco que os três sites pornográficos mais citados pelas pessoas entrevistadas foram objeto de análise por ao menos uma das pesquisas consideradas na revisão que propus no capítulo anterior; sendo que os dois portais mencionados com maior frequência (*xvídeos* e *pornhub*) foram objetos de estudos de diversas pesquisas analisadas no capítulo anterior. Começamos a ter, portanto, os primeiros indícios de que existem alguns encontros entre a paisagem pornográfica que delineei anteriormente e aquilo que os jovens afirmam conhecer sobre pornografia na internet.

Por sua vez, as diversas menções as redes sociais (*twitter*, *whatsapp*, *facebook*, *instagram*) indicam espaços virtuais onde ocorre uma outra parcela importante do consumo e contato com materiais pornográficos, cerca de 20% se recordarmos os números levantados pelo questionário. Estes conteúdos são mais difíceis de rastrear e de unificar em uma análise de conteúdo do que aqueles disponibilizados pelos grandes portais de acesso a pornografia, pois estão “perdidos” em uma massa de dados e de conteúdos não pornográficos. A presença de pornografia em redes sociais que não estão focadas primariamente na distribuição deste tipo de material desempenha um papel importante em uma das formas de contato não solicitado/indesejado/acidental com conteúdos pornográficos. Segundo 31,6% (n=88) das pessoas que responderam ao questionário, o primeiro contato que tiveram com pornografia se deu de maneira acidental, com o conteúdo simplesmente aparecendo nos aparelhos que estavam

utilizando. Destaco três respostas que permitem antever alguns aspectos importantes desta forma de contato:

**Cris**<sup>222</sup>

E: Nossa é muito comum. No twitter, às vezes, é, sei lá, uma quarta feira de manhã e aparecia retuite de página pornográfica, do nada.

P: Tu não procurou o conteúdo, tu está ali navegando na tua página, e ele [o conteúdo pornográfico] simplesmente aparece ali pra ti?

E: Porque alguém que eu sigo, resolveu dar um like ou retuitar aquilo. Sem motivo nenhum.

**Simone**<sup>223</sup>

E: Olha, então, tipo tem a questão da facilidade de tu abrir uma guia anônima e entrar num site qualquer, simplesmente digitar assim, é muito provável que apareça. Ou o que aconteceu comigo assim que foi uma coisa meio inesperada, eu tava no twitter pessoal assim, um bagulho normal e do nada apareceu assim (risos), por questão de retuite e tal... então é bem fácil digamos assim o acesso.

**Michel**<sup>224</sup>

E: A forma mais popular, eu acho, é, posso falar da forma que eu acho que seja mais comum para mim, que quando eu era mais novo era mais comum tipo assim na tv mesmo, tipo assim em algum canal bloqueado na sky, na net. Depois passou a ser um pouco do usar a internet tipo um site pornô alguma coisa assim e depois o twitter... Hoje eu acho que tem muita muita pornografia no twittter, eu acho que hoje talvez seja a principal forma, que as vezes tu tá tipo assim to lá rodando a *timeline* do twiter e aparece alguma coisa de pornô.

Lembremos que no mapa barberiano, conectando os polos das tecnicidades e das espacialidades, encontra-se a mediação das redes. Tal mediação nos provoca a pensar sobre os sentidos dos fluxos de conteúdo, como estes se estabelecem e os espaços de sociabilidade que criam. Os relatos obtidos através das entrevistas nos contam de uma outra forma de contato com materiais pornográficos que se estabelece não apenas *nas redes*, enquanto espaços virtuais em que estes conteúdos estão presentes, mas *através das redes*. Aqui é fundamental perceber que o componente de intencionalidade foi deslocado do indivíduo para este outro elemento, que podemos chamar de algoritmo, mas que não se resume a ele, pois por trás do algoritmo existem sistemas mais amplos, que podemos chamar de farmacopornografia, capitalismo financeiro, entretenimento expandido ou de

---

<sup>222</sup> Os nomes fornecidos aos jovens entrevistados são fictícios. A letra E refere-se a entrevistada/o e a letra P a pesquisadora. No caso de Cris, trata-se de uma pessoa jovem de 18 anos, bissexual, branca, não binária, estudante de graduação em uma universidade pública, agnóstica. Ao me referir a Cris e as suas falas utilizo pronomes femininos e declino termos também no feminino, pois a entrevistada refere a si mesma desta forma.

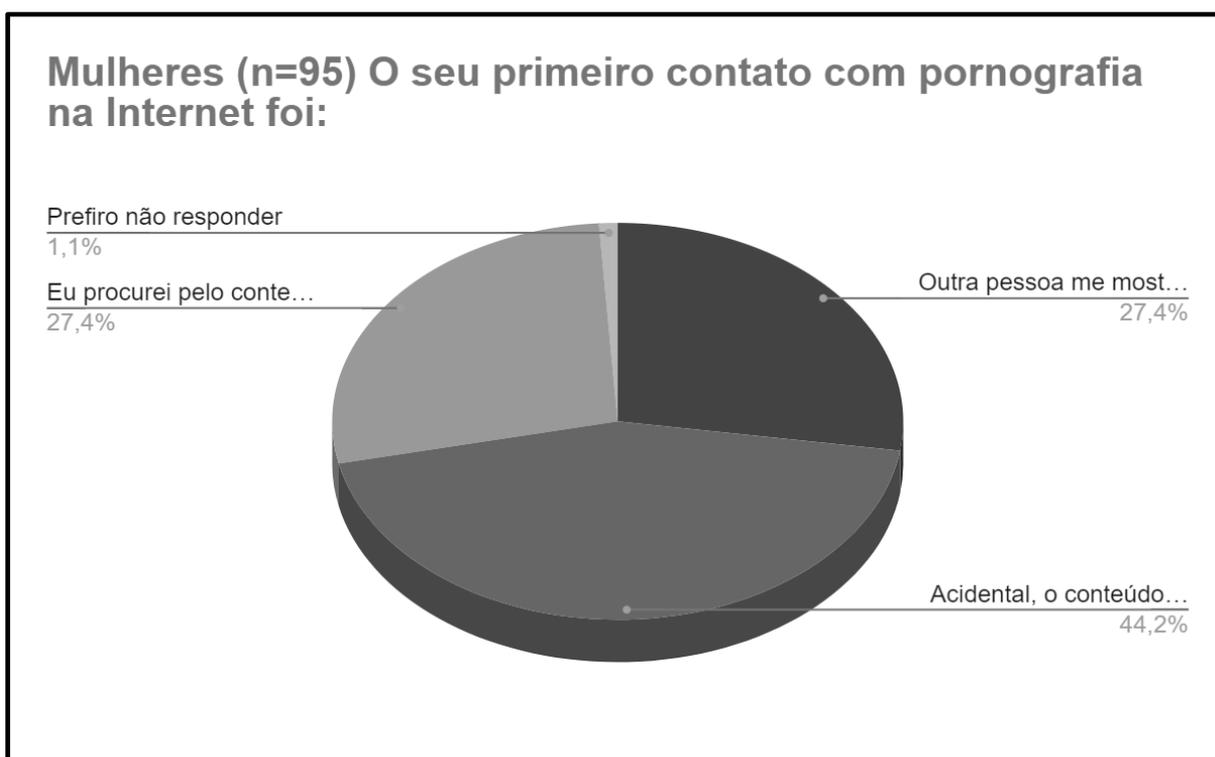
<sup>223</sup> Simone é uma jovem de 19 anos, cisgênera, bissexual, branca, estudante de graduação em uma universidade pública, sem pertencimento religioso.

<sup>224</sup> Michel é um jovem de 19 anos, cisgênero, gay, branco, estudante de graduação em uma universidade pública, sem pertencimento religioso.

cibereconomia. De fato, é preciso considerar a virada algorítmica como um processo de construção sociopolítica no qual é possível e desejável segundo diversas autoras (PRADO 2022) que pensemos no algoritmo não sob o signo da técnica, mas sim da cultura. A cultura algorítmica seria aquela em que “a relação entre um objeto do conhecimento e uma mente cognoscente é feita por meio de um sistema mediador algorítmico” (Tarcísio CARDOSO, 2019). De maneira bastante simplificada, é necessário perceber que os algoritmos operam como máquinas de conhecimento e fornecem, portanto, um, entre muitos possíveis, modos de conhecer (Tarleton GILLESPIE, 2018). Pesquisadoras como Magaly Prado (2022) apontam, no entanto, que algoritmos tendem a operar como caixas-pretas. A não transparência e a opacidade podem ser interpretadas como características quase que intrínsecas a arquitetura algorítmica e o conhecimento estabelecido a partir de tal arquitetura tende a constituir-se não só como hegemônico, mas como supressor de outras formas de conhecimento.

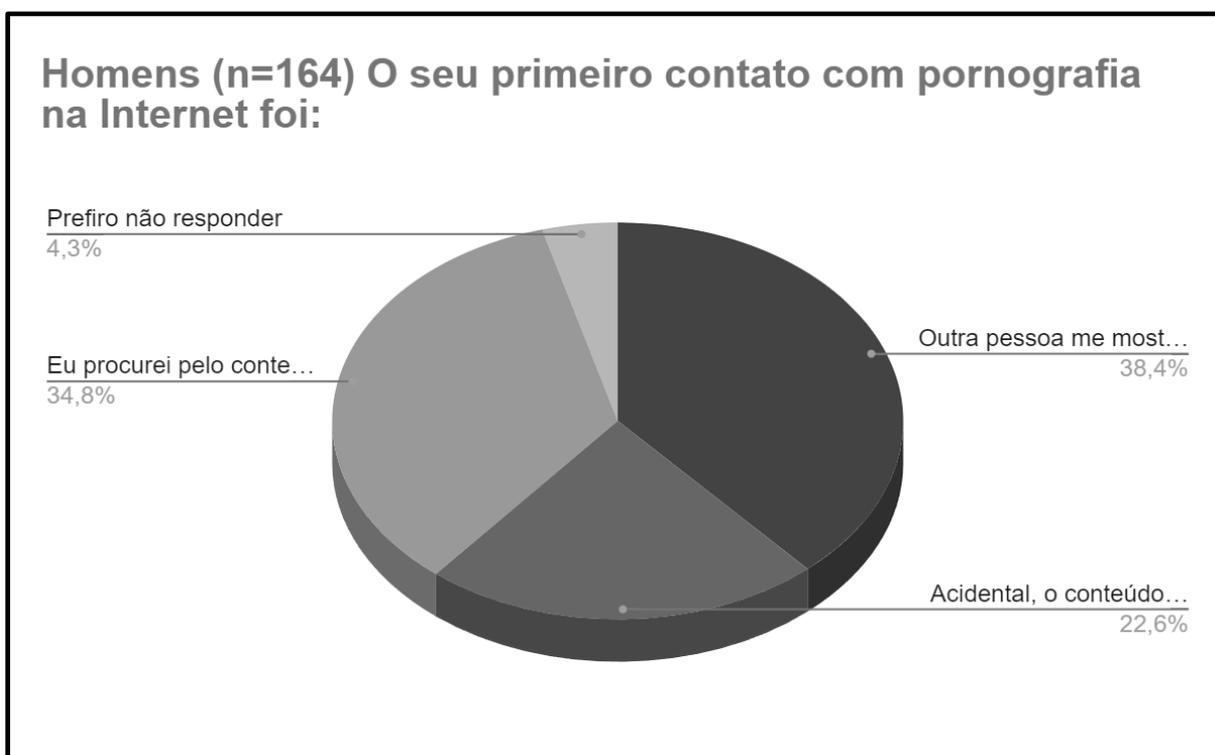
Em ambas as formas de contato não intencional com conteúdos pornográficos, tanto a acidental através da internet/redes quanto a exposição não solicitada realizada por outra pessoa, há um deslocamento da intenção. No entanto, no caso das redes este deslocamento é realizado para um não ser que passa a se constituir como sujeito de certas ações (mostrar algo para alguém). Neste sentido, um achado importante da pesquisa ocorreu a partir do cruzamento das respostas obtidas nesta questão com a variável demográfica de gênero. Para esta questão, ser mulher indicou uma probabilidade duas vezes maior, em comparação com o ser homem, de um primeiro contato acidental com pornografia no modelo “o conteúdo simplesmente apareceu”, sendo esta a forma majoritária de primeiro contato com conteúdos pornográficos reportados pelas jovens participantes da pesquisa. Com uma amostragem mais reduzida (n=13) pessoas não binárias ou que assinalaram a opção “Outro” na identificação de gênero ou que optaram por não identificar seu gênero, também relataram uma incidência alta (58,3%) de primeiro contato com pornografia de maneira acidental neste modelo.

Gráfico 28- Primeiro Contato Mulheres



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Gráfico 29- Primeiro contato Homens



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Os relatos que surgem das entrevistas indicam que não podemos pensar o consumo de mídias pornográficas na internet da mesma forma como pensávamos o consumo de tais conteúdos em meios analógicos. No caso dos dispositivos da web 2.0, como as redes sociais, rompe-se com uma série de expectativas que já eram bem estabelecidas para outros meios, no que tange o contato com a pornografia.

O relato de Cris é revelador desta nova faceta, ao colocar que “No twitter, às vezes, é sei lá, uma quarta feira de manhã e aparecia retuite de página pornográfica, do nada” a entrevistada aponta para a possibilidade constante de se ter contato com estes materiais. Algo impensável se considerarmos mídias mais antigas, como a televisão, na qual apenas em certos canais e em certos horários poderia se encontrar este tipo de conteúdo. Mais fundamental do que isto, meios como a televisão eram estáticos, não havia uma alternância dos conteúdos exibidos de acordo com aquele sentava-se a sua frente para assistir. É preciso inquirir, portanto, sobre o porquê de as mulheres serem as mais afetadas por essa exibição de pornografia que ocorre *através* (por intenção) das redes. Quando falo em redes é preciso ficar claro que não faço referência apenas as redes sociais no sentido estrito. Entendo as redes neste sentido barberiano mais amplo que percebe o termo como fazendo referência a um conceito social que indica uma certa maneira de existir dentro de um coletivo no contemporâneo. Em especial, me interessa aqui pelos coletivos virtuais e me pergunto sobre essa necessidade de se tecer, de fazer aparecer, em torno das mulheres conteúdos pornográficos.

A outra dimensão de um primeiro contato acidental com pornografia, causada pela exibição do conteúdo por outra pessoa, sem que houvesse a solicitação ou a expectativa de que se ver tal material, também deve ser analisada a luz da variável de gênero. Como os gráficos acima permitem antever, para os homens a forma mais apontada (38,4%) de primeiro contato com conteúdos pornográficos se dá através da exibição do conteúdo por outra pessoa, sem que houvesse a expectativa ou a solicitação de que tal conteúdo fosse exibido. As entrevistas, mais uma vez, permitem que entendamos com maior profundidade como tais cenas transcorrem. Dos cinco jovens entrevistados, quatro afirmaram que a primeira forma de contato que tiveram com pornografia se deu a partir da exibição ou da indicação do conteúdo por outra pessoa; em três casos, colegas/amigos e em um caso o pai do entrevistado. Destaco ainda que a escola serve como pano de fundo importante na narrativa dos jovens sobre a forma como esse primeiro contato ocorre.

**Roberto**<sup>225</sup>

P: Tu já comentou que a primeira vez que tu teve contato com algum material pornográfico foi em casa, vendo um vídeo que teu pai estava assistindo?

E: Isso, eu tava jogando e dava umas olhadinhas de canto de olho.

P: E teu pai sabia que tu estava ali vendo ou ele achava que tu tava concentrado no jogo?

E: Ele achava que eu tava concentrado no jogo, porque eu literalmente, eu jogava e dava uma olhadinha um tempinho e continuava jogando.

P: E teu pai chegou a conversar contigo alguma vez sobre pornografia ou esse papo nunca rolou?

E: Chegar a conversar diretamente assim, não, diretamente não. Mas teve uma vez que ele, nessas pastas dele, coisa assim, tinha uns vídeos meus, uns vídeos da época ben 10, supershock, coisa assim, desenho né, e estava na mesma pasta desses vídeos [pornográficos] dele. Uma vez ele falou para eu não assistir. Criança, na curiosidade... peguei e assisti e nisso ele viu que eu tava assistindo e eu fui e fechei a aba rápido. Depois, acho que uma hora depois, ele veio pra mim e falou que eu poderia sim assistir, mas não com a minha mãe em casa, que isso não era coisa pra se ver junto com a mãe.

P: E tu lembra quantos anos tu tinha quando isso aconteceu?

E: Ah eu tinha por aí, uns 6, 7 anos, no máximo 8.

**Michel**

E: A primeira vez que eu tive esse contato foi meio bizarro, foi meio traumatizante né? Não sei se traumatizante é a melhor palavra, mas foi bastante inesperado. Eu tava no quinto ano do ensino fundamental, assim e eu tinha sei lá 10 -11 anos, por aí... Não sei se tu quer que eu fale no geral? Do início ao fim como foi?

P: Sim, fica bem à vontade. O quanto mais tu conseguir me explicar, melhor, mas dentro do limite que tu te sintas confortável...

E: Tá, eu tinha uns 10-11 anos eu acho e eu tinha saído da escola e um colega meu morava perto da minha casa e aí a gente saiu, a gente ia fazer um trabalho de grupo, a gente foi pra casa dele. Era eu, o xxxxxxxx, o xxxxxxxx, o xxxxxxxx e o xxxxxxxx. A gente ia pra casa do xxxxxx e aí a gente tava fazendo o trabalho, e não tinha ninguém em casa, tava só a gente sozinho, e o xxxxxxxx começou tipo assim " ah não sei o que, vocês já bateram punheta e isso e aquilo" e eu nunca tinha feito isso, eu nunca tinha me masturbado nem sabia exatamente como funcionava e qual era o propósito. É porque eu acho por uma questão corporal, fisiológica também, eu acho que eu não tava pronto pra isso, não sei. E ele colocou tipo assim a "vamos ver um pornô, não sei que" e eu tava ali... tipo ta todo mundo aqui, ta todo mundo de boas, então eu vou ficar de boa também, aí ele colocou no notebook um negócio, e aí os guris começaram a se masturbar assim... E eu fiquei tipo gente o que vocês estão fazendo e eu fiquei tipo ok, eu fiquei parado assim num canto olhando o que tava acontecendo e aí depois ta fui pra casa. Não falei nada sobre pra ninguém e fiquei tipo ok e aí foi isso. Essa foi a primeira vez e aí depois eu não consigo me lembrar, mas eu

---

<sup>225</sup> Roberto é um jovem de 18 anos, cisgênero, heterossexual, pardo, estudante do ensino médio que indicou que a religião que mais respeita é a católica.

lembro que isso foi muito marcante para mim na época, mas depois não consigo lembrar.

Outras pesquisas já haviam indicado a tendência de jovens do gênero masculino consumirem pornografia de forma coletiva (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009; ROTHMAN et al, 2014) e de que em tais contextos, as reações e brincadeiras em torno do que é visto operavam como um guia normativo em torno das questões de sexualidade. O relato dos jovens entrevistados e as respostas coletadas através do questionário dão suporte para afirmar uma conclusão similar para o caso brasileiro. A pornografia parece surgir como um importante dispositivo semiótico-técnico que materializa uma forma de entrada no universo da masculinidade.

A pornografia deve ser pensada, portanto, na atualidade, como um dispositivo fundamental de aquisição dos códigos e signos que envolvem o ser-homem. É significativo para o caso dos jovens do gênero masculino que a aquisição de tais códigos possua uma forte dimensão compartilhada. Pois, mesmo nos casos em que há a procura individual intencional pelo conteúdo, esta parece ser chancelada ou provocada por um contexto social que incentiva a busca por tais materiais, indicando que, a partir de um certo momento, que se dá mais cedo para eles do que para elas, como mostrarei a seguir, não ter contato com tais conteúdos, significa não ser fluente em uma certa linguagem, em um modo de comunicar-se. O relato de Jorge<sup>226</sup> ilustra de forma nítida tal aspecto:

E: Eu lembro vividamente. Bem eu tava basicamente na escola, eu não lembro quantos anos eu tinha, acho que 12 ou 11, por aí, eu estava no ensino fundamental. Tinha um cara mais velho na minha turma, que já tinha repetido várias vezes e nos últimos dias de aula ele acabou falando alguma coisa que eu não compreendi muito bem. Parecia que todo mundo tinha entendido e tava rindo rindo rindo e eu decidi que quando eu chegar em casa né, eu já mexia no computador bastante, chegar e pesquisar e foi assim que eu tive meu primeiro contato com pornografia.

Nenhuma das narrativas das jovens indica tal dimensão. Os relatos advindos das entrevistas indicam que a linguagem pornográfica, ao menos nesta fase inicial da adolescência, é uma prerrogativa masculina que chega às jovens, na maior parte das vezes, via o filtro da masculinidade. Todas as entrevistadas narram, de diferentes maneiras, a experiência de serem expostas a conteúdos pornográficos via colegas da e na escola. Os relatos indicam que o compartilhamento de pornografia, nestes primeiros anos

---

<sup>226</sup> Jorge é um jovem de 19 anos, cisgênero, heterossexual, pardo, estudante de graduação em uma universidade pública, sem pertencimento religioso.

da adolescência, possui uma função performativa importante para os jovens do gênero masculino, a linguagem pornográfica chancela, assim, um tipo possível de masculinidade.

Tal função performativa, no entanto, possui desdobres importantes também para elas. Lembremos que, de acordo com Rita Segato (2016), a masculinidade se produz a partir de um processo de cobrança de tributos em que um outro é percebido como o provedor dos gestos que alimentam a virilidade. No caso aqui analisado, para que os conteúdos pornográficos cumpram sua função de indicador, símbolo, da masculinidade que se cria é preciso que fique claro quais as posições de sujeito devem ser ocupadas por cada gênero. Ao fornecer um aparato visual-simbólico de fácil interpretação no qual as posições de sujeito são fixadas pela não reciprocidade de uma miríade de atos, como demonstrei através da revisão das análises de conteúdo, o discurso pornográfico torna-se um recurso pedagógico hegemônico no que tange os aprendizados sobre gênero e sexualidade.

#### **Cris**

E: Muito, os meninos principalmente, eu lembro que desde o sexto ano era isso, comparar menina com atriz pornô, era falar de algum pornô que eles viram, era o tempo inteiro.

#### **Letícia<sup>227</sup>**

E: Eu acho que muito e não só vídeo, eu lembro que quando eu era mais nova rolava muito de espalharem fotos de meninas entre grupos, as vezes nem só grupos de meninos, grupos no geral assim. Era horrível, com certeza eu imagino que era com esse intuito mesmo de tipo de mostrar, enfim sexualizando de toda forma possível.

#### **Camila<sup>228</sup>**

E: Os homens mandavam ali no grupo da turma e claro obviamente o compartilhamento desse tipo de material, os meninos e as meninas não mandavam da mesma forma né? Acho que aquela coisa do homem ficar se mandando e do homem ser garanhão e querer normalizar a pornografia, grupo de whatsapp de amigos era muito normal e era extremamente estimulado

#### **Simone**

E: Eu acho totalmente comum, inclusive acontecia na minha sala de aula. Tipo os caras acessavam lá e ficavam vendo assim e "ah olha só, olha isso" e eu como era criança, não tinha nenhum contato, eu demorei a ter algum contato com isso, eu achava um absurdo, tipo como assim, como é tão fácil de achar essas coisas sabe? Até hoje é um pouco meio absurdo, mas enfim... é bem fácil e comentam bastante assim pela minha vivência e tal, que eu percebo.

---

<sup>227</sup> Letícia é uma jovem de 20 anos, cisgênera, bissexual, branca, estudante de graduação em uma universidade pública, sem pertencimento religioso.

<sup>228</sup> Camila é uma jovem de 20 anos, cisgênera, heterossexual, branca, estudante de graduação em uma universidade pública que informou em relação ao pertencimento religioso acreditar muito no Universo e em Deus, seguindo a linha mística e a umbanda.

**Maria<sup>229</sup>**

E: Sim, com certeza, os meninos eram sempre assistir pornografia era legal e até no próprio, eles tentavam entrar na informática da escola nos computadores, para assistir pornografia durante a aula. E as meninas sempre se sentiram muito desconfortáveis com isso, sempre foi algo assim de praxe as meninas aquele momento da aula que os guris ficavam se rindo assistindo pornografia, "ai olha o peito dela", essas coisas de criança, mas que acabam não sendo de criança.

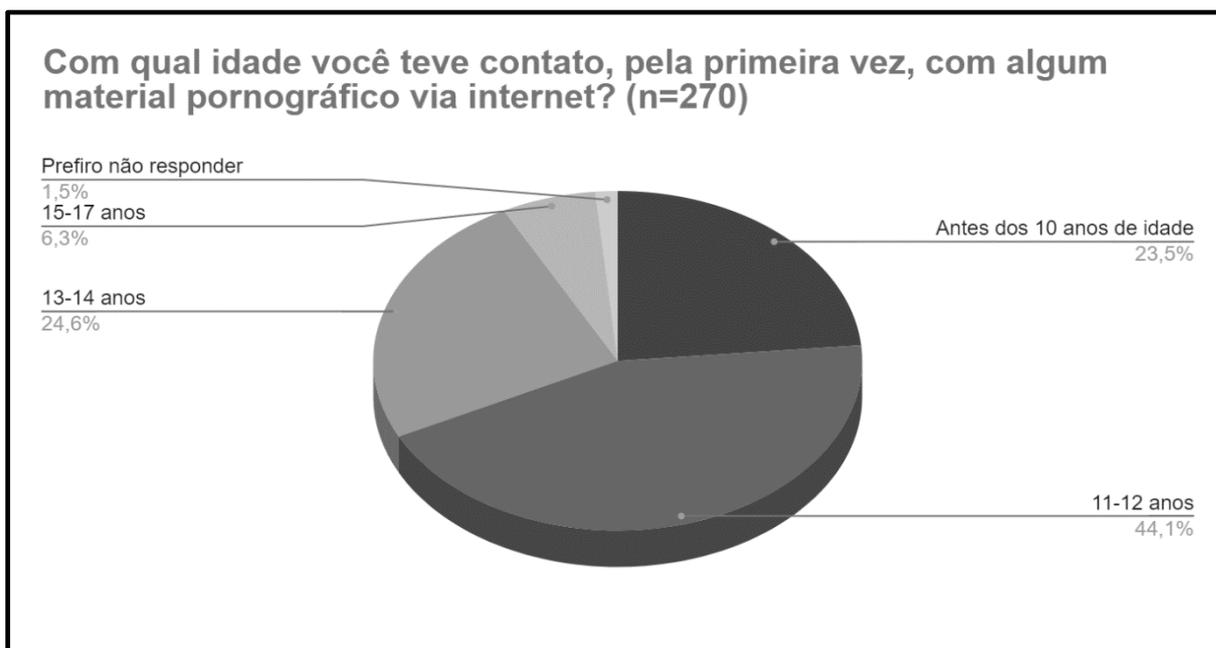
O fato de cenas muito similares surgirem nos relatos de todas as jovens entrevistadas fornece uma dimensão importante sobre forma como os conteúdos pornográficos passam a habitar as culturas juvenis. Podemos notar, através de diversas falas, que há um movimento amplo de tentativa de fixação dos papéis de gênero entre aqueles que abertamente consomem os conteúdos e aquelas que devem apenas ter ciência de que tal consumo acontece e em quais termos acontece. Neste ponto é preciso destacar um importante achado da pesquisa.

Uma das perguntas do questionário versava sobre a idade do primeiro contato com materiais pornográficos através da internet. Para tal questão houve um total de 270 respondentes (94 mulheres, 164 homens, 13 pessoas não binárias ou com outra identificação de gênero ou que optaram por não identificar seu gênero). De maneira distinta a outras pesquisas (BROWN; L'ENGLE, 2009; MARTELLOZZO et al., 2017) que indicavam, para outros contextos, que a idade de primeiro contato com materiais pornográficos tendia a concentrar-se por volta dos 14 anos de idade, para o caso brasileiro em questão notei uma antecipação significativa na idade deste primeiro contato. Quando considerada a totalidade dos respondentes, sem distinções de gênero, nota-se que ao atingir 12 anos de idade 67,6% dos e das jovens já tiveram contato, ao menos uma vez, com materiais pornográficos via internet. Com uma fração considerável (23,5%) de jovens afirmando que tal contato ocorreu antes dos 10 anos de idade.

---

<sup>229</sup> Maria é uma jovem de 18 anos, cisgênera, bissexual, branca, com ensino médio completo, sem pertencimento religioso.

Gráfico 30- Idade do primeiro contato



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Ao realizar um recorte de gênero dos dados produzidos percebe-se que para eles o primeiro contato com tais materiais concentra-se ainda mais fortemente na faixa etária dos 11-12 anos, com 50% dos respondentes afirmando um primeiro contato nesta idade, seguido de 25,6% dos jovens afirmando que tal contato ocorreu antes dos 10 anos de idade. No caso delas, há uma maior distribuição nas faixas etárias do primeiro contato: 20,2% antes dos 10 anos, 34% entre 11-12 anos, 29,8% entre 13-14 anos, 12,8% entre 15-16 anos. No entanto, mantem-se ainda uma concentração elevada, 54,2%, de jovens mulheres que afirmaram um primeiro contato acontecendo até os 12 anos de idade. Para as pessoas que se identificaram como não binárias ou com outra identificação de gênero ou que optaram por não informar sua identificação de gênero também se notou uma concentração do primeiro contato na faixa etária dos 11-12 anos (46,2%), seguida de 30,8% que afirmaram que tal contato ocorreu entre os 13-14 anos e 23,1% que afirmaram que tal contato ocorreu antes dos 10 anos de idade. Para esta questão em específico, os marcadores de raça, orientação sexual e instituição de ensino não produziram diferenças significativas nas respostas coletadas.

Dois pontos importantes surgem de tais dados. O primeiro é o de que, para o caso brasileiro, há um forte indicativo de que o grupo etário chave para a realização de intervenções relativas à pornografia é o de jovens entre 11-12 anos. O segundo é o de que há uma necessidade profunda de realização de novos e outros estudos que abordem o

contato com pornografia que ocorre mais bem dizer na infância; lembrando que de acordo com o artigo 2 do ECA, considera-se criança a pessoa com 12 anos de idade incompleto.

Me parece possível pensar esse processo, de contato com materiais pornográficos no período da infância, como estando inserido em dois processos mais amplos: o de pedofilização e de profissionalização da infância. Ambos os processos são analisados por Jane Felipe e Dinah Quesada Beck (2022). Em relação a este último processo, de profissionalização da infância, as autoras apontam para uma nova faceta da relação entre infâncias e mundo do trabalho possibilitada pelo desenvolvimento de tecnologias digitais e pela constituição das plataformas como *youtube.com*, que surge a partir das características já destacadas da web 2.0 e estabelece, desta forma, a possibilidade de *auto midiatização* também daqueles e daquelas que estão vivenciando o período da infância.

A existência de espaços como *YoutubeKids* torna-se, então, tanto um convite para as tentativas de se estabelecer uma atividade rentável, como para que crianças possam estar em contato com conteúdos aparentemente “produzidos” por outras crianças. O foco das autoras centra-se na análise deste processo a partir das crianças que tomam parte deste novo mundo possível do trabalho, no entanto, me parece que o consumo massivo destas mídias por outras crianças, que estão no polo da recepção destes conteúdos, também provoca a pensar sobre os diferentes signos que passam a estar associados a noção de infância a partir do momento em que as mídias digitais passam incorporar, talvez de forma mais profunda, uma tendência já existente em outros formatos midiáticos (FELIPE, 2006) de erotização dos corpos infantil para fins de consumo.

Chega-se aí ao processo de pedofilização da infância, conceito que vem sendo desenvolvido desde 2002 pela pesquisadora Jane Felipe (Cristiano ROSA; FELIPE; Jackson SILVA, 2022). Felipe propõem que pensemos a pedofilização da infância como uma prática social contemporânea que expõe uma aparente contradição em torno dos signos que as sociedades ocidentais contemporâneas têm associado a infância. Segundo a autora:

[...]Ao mesmo tempo em que aparatos jurídicos são constituídos para preservar a integridade física, moral e social das crianças e, também, para combater práticas de pedofilia, há, contraditoriamente em nossa sociedade, um significativo investimento em práticas corporais já na infância. Assim, a produção e a veiculação dos corpos infantis, em especial os das meninas, envoltos em práticas de embelezamento, de intervenções estéticas, de cuidados com a aparência e com a imagem, tem propiciado a erotização e o

consumo dos mesmos. Tais processos culturais e sociais de investimentos nos corpos, diante do seu crescimento e da sua proliferação, têm repercutido, também, em pleno meio escolar, assim como em plataformas digitais e *sites* de redes sociais. (BECK; FELIPE, 2002, p. 5)

O desenvolvimento da prática de pedofilização da infância também pode ser pensado em relação a própria noção de pornificação da cultura (ROSA; FELIPE; SILVA, 2022; FELIPE, 2006), mencionada na introdução o deste trabalho. No entanto, o que me parece fundamental aqui é indicar que a presente pesquisa encontra indícios significativos de que a forma como crianças e jovens habitam os espaços virtuais está perpassada pelas práticas descritas acima. De maneira que não me parece possível entender os números produzidos pela pesquisa, em especial aqueles que apontam para o alto número de jovens que tem contato com materiais pornográficos ainda no período da infância e para o elevado número de jovens mulheres que indicaram que o primeiro contato que tiveram com conteúdos pornográficos ocorreu no modelo “o conteúdo simplesmente apareceu” enquanto navegavam na internet, sem considerar tais noções, em especial, o conceito de pedofilização da infância. Há que se notar, ainda, que da mesma forma que a prática de pedofilização da infância não atinge de igual maneira meninas e meninos, como apontado em diversas ocasiões por autoras e autores que estudam tal fenômeno, também as práticas representacionais colocadas em jogo pelas mídias pornográficas propõem disciplinamentos distintos dos corpos femininos e masculinos.

Ao apontar tal questão pretendo passar longe das tentativas de utilização da relação pornografia/infância como catalizador de pânico morais, mas sim apontar a necessidade de desenvolvimento de novos estudos sobre tema a partir dos estudos sobre as infâncias. De fato, os dados até aqui produzidos e analisados permitem já um desmonte de uma série de premissas do discurso conservador sobre a forma como os conteúdos pornográficos surgem na vida dos jovens. Neste sentido, é preciso destacar, como outras pesquisas já apontavam, que nem as entrevistas e nem as respostas ao questionário dão conta do contexto previsto pelo projeto de Lei Infância sem pornografia. Nenhum jovem relatou ter tido acesso a conteúdos pornográficos via professoras em exercício da função pedagógica ou mesmo via exposições de arte.

De fato, o contato com materiais pornográficos, quando não ocorre de forma acidental, com o conteúdo simplesmente aparecendo para os jovens, surge no foro das relações próximas (amigos/amigas) e muitas vezes na esfera familiar, como relato de Roberto transcrito alguma páginas acima permite antever. Mitigar os possíveis efeitos

danosos de uma exposição precoce a este tipo de conteúdo é uma tarefa que deve caber também a escola. Tal ponto será retomado e discutido em maior profundidade mais adiante. Neste sentido, me parece que um achado importante da pesquisa é o indicativo de que a idade do primeiro contato é impactada acentuadamente pelo pertencimento religioso.

O grupo de pessoas que se autodeclararam evangélicas (n= 21) foi aquele registrou os maiores índices de contato com pornografia antes dos 10 anos de idade. Neste grupo específico: 38,1% dos jovens afirmaram ter tido contato com pornografia antes dos 10 anos de idade e 47,6% afirmaram que este contato ocorreu entre os 11-12 anos de idade. Ou seja, para este grupo, aos 12 anos de idade, 85,7% das pessoas já tinha tido contato, ao menos uma vez, com materiais pornográficos via internet. Há aqui, portanto, o indicativo de que o discurso repressor<sup>230</sup> em torno das questões de gênero e sexualidade encampado por muitas das igrejas evangélicas neopentecostais pode não estar operando da maneira desejada, mas sim tendo um efeito contrário, de catalisador da curiosidade infanto-juvenil sobre tais temas.

### **Motivações, frequência e percepção de realismo**

O panorama que procurei delinear nas páginas anteriores permite compreender alguns pontos relativos as possibilidades de conexão dos jovens com a internet e sobre como o primeiro contato com materiais pornográficos ocorre. Sobre este primeiro contato foi notado que a variável de gênero desempenha um papel fundamental no que tange as primeiras experiências com conteúdos pornográficos. Nesta seção do presente capítulo avançarei para além deste momento do primeiro contato; tendo este já ocorrido, o que ocorre depois? De que maneira os conteúdos pornográficos passam a estar inseridos na vida dos jovens? Responder tais questões, é começar a entender qual o status ou autoridade o discurso pornográfico possui perante os jovens pesquisados.

Para tentar compreender melhor os pontos levantados acima, uma das perguntas do questionário buscava averiguar se na atualidade os jovens ainda buscavam conteúdos pornográficos na internet. Mais uma vez, considerar os dados a luz da variável de gênero se mostrou fundamental. O que se nota é uma inversão na proporção das respostas de

---

<sup>230</sup>HENRIQUE, Guilherme. "'Ideologia de gênero' é o que mais mobiliza evangélicos". Deutsche Welle, 19/10/2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ideologia-de-g%C3%AAnero-%C3%A9-o-que-mais-mobiliza-eleitor-evang%C3%A9lico/a-45964108>

acordo com o gênero. A ampla maioria dos homens, 72%, afirmou buscar por conteúdos pornográficos na internet, com 26,2% deles afirmando não realizar buscas por este tipo de conteúdo. Ao passo que a maioria das mulheres, 63,2%, afirmaram não realizar buscas deste tipo, sendo a que a minoria, 33,7%, afirmou buscar ativamente por tais conteúdos. Tais números são relativamente similares aqueles encontrados por GUERRA; ANDRADE; DIAS, 2004. Havendo, no entanto, para o caso da presente pesquisa um aumento no percentual, cerca de 10 % em relação à pesquisa de GUERRA; ANDRADE; DIAS, 2004, de mulheres que informaram buscar ativamente por tais conteúdos. Lembro aqui que o aumento da audiência feminina foi apontado por SHOR; SEIDA, 2021, como uma das tendências atuais em relação a pornografia, dado o espaço temporal que separa ambas as pesquisas, é possível apontar para uma correção de tal apontamento.

Quando consideramos as pessoas que se identificaram como não binárias ou com outra identificação de gênero ou que optaram por não informar seu gênero temos os números mais baixos de jovens que afirmaram buscar por conteúdos pornográficos, apenas 30,8%, com 61,5% destas pessoas afirmando não procurar por este tipo de material. Considerando o total da amostra, daqueles e daquelas que afirmaram buscar por pornografia, 73,9% informou realizar a busca em sites pornográficos e 18% via redes sociais. Para esta questão em específico, os marcadores de pertencimento religioso e raça/cor também se mostraram relevantes.

Em relação ao pertencimento religioso, o grupo que registrou o índice mais alto de respostas afirmativas para a questão foi o dos ateus (n=50). Neste grupo, 68% das pessoas afirmaram procurar atualmente por conteúdos pornográficos. As únicas opções de pertencimento religioso que registraram um número maior de respostas negativas do que afirmativas para a questão foram das pessoas que se identificaram como praticantes de umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras (n=9), neste grupo 55,6% das pessoas afirmaram não procurar por conteúdos pornográficos, e as pessoas identificadas como espíritas (n= 10), os adeptos desta religião em sua ampla maioria, 70%, também afirmaram não realizar busca por este tipo de conteúdo. Tal diferença nos dados deve ser interpretada também a partir da composição de gênero dos grupos mencionados. O grupo de pessoas ateais é composto por 60% de homens, 28% de mulheres e 12% de pessoas não binárias ou com outra identificação de gênero ou que preferiram não identificar seu gênero. Já o grupo de pessoas espíritas e o grupo de pessoas praticantes de umbanda,

candomblé ou outras religiões afro-brasileiras são compostos por uma maioria de mulheres, respectivamente: 54,5% e 80%.

Em relação o marcador social de cor praticamente não houve diferenças entre os grupos de pessoas que se identificaram como brancas (n= 187) e como pretas (n=23). O percentual de pessoas que afirmaram na atualidade buscar por este tipo de conteúdo ficou em 52,4% para o grupo das pessoas brancas e em 56,5% para o grupo das pessoas pretas. O grupo das pessoas que se auto identificaram como pardas (n=55), no entanto, registrou os maiores índices de pessoas que afirmaram buscar por conteúdos pornográficos: 72,7% das pessoas deste grupo responderam afirmativamente para a questão considerada. Tal diferença nos dados, é explicada quando se observa a composição, em termos de gênero, dos grupos mencionados. O grupo de pessoas pardas é composto por 81,7% de homens, 14% de mulheres e 3,2% de pessoas não binárias e 1,1% de pessoas com outra identificação. Ao passo que o grupo de pessoas brancas e pretas, possui entre si uma composição mais equilibrada entre os gêneros, respectivamente por 56,7% e 58,3% de homens e 39,2% e 37,5% de mulheres e 2,1% e 4,2% de pessoas não binárias ou com outra identificação de gênero ou que preferiram não identificar seu gênero. Ou seja, a variável de gênero mostra-se como a maior produtora de diferenças em relação ao consumo ou não de pornografia.

Mesmo levando-se em consideração o que já foi dito sobre a não transparência dos dados apresentados pela empresa em suas revisões anuais me parece relevante que os números encontrados pela pesquisa são similares, especialmente para o caso das jovens, aqueles reportados pelo *Pornhub.com* em sua última revisão anual<sup>231</sup> (2022). Segundo o portal, os acessos brasileiros ao site dividiam-se em 37% de visitantes mulheres e 63% de visitantes homens. Como analisar tal dissonância no contato com materiais pornográficos entre os gêneros? Gostaria de propor algumas reflexões, porém antes me parece relevante avançarmos em alguns outros dados relativos à forma como se dá o contato com tais materiais.

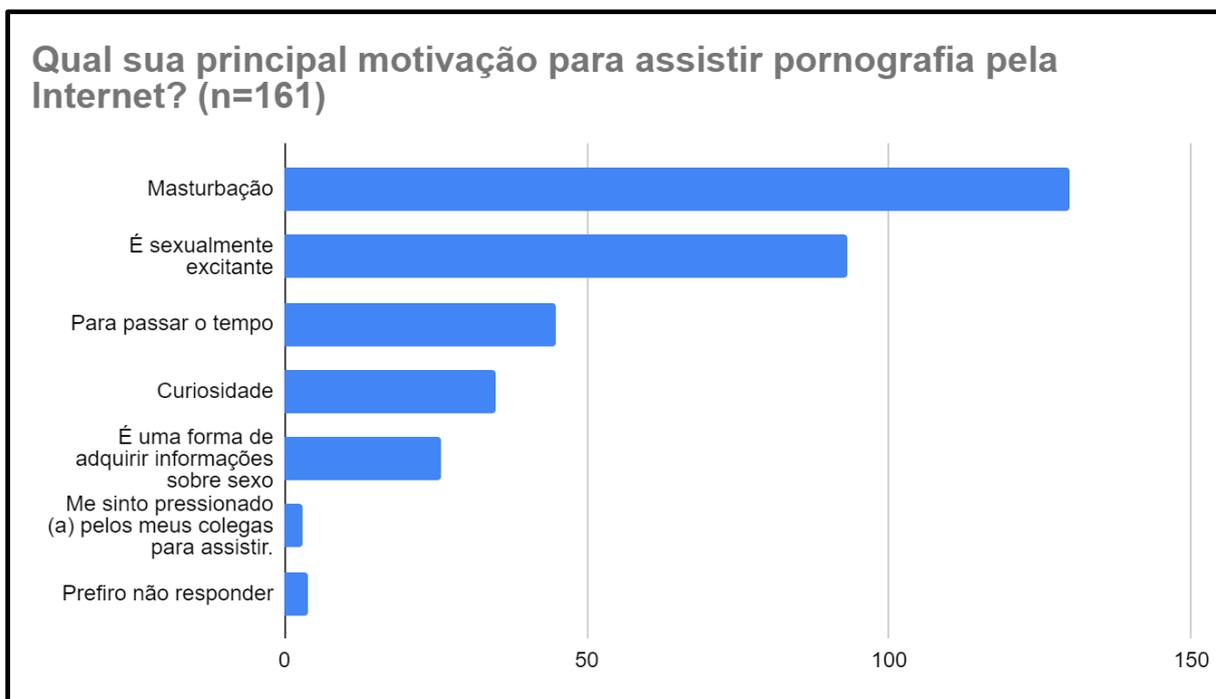
O primeiro ponto que me parece importante destacar é o de que ao se analisar as motivações alegadas pelos e pelas jovens para o consumo de materiais pornográficos não há diferenças significativas entre os gêneros. Em uma questão que era permitido assinalar

---

<sup>231</sup>**Gender Demographics.** PornHub, 14/12/2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021#Gender-Demographics> Acesso 20/02/2023

mais de uma opção, eis as respostas fornecidas para a totalidade das pessoas respondentes da pesquisa sobre suas motivações para o consumo de pornografia:

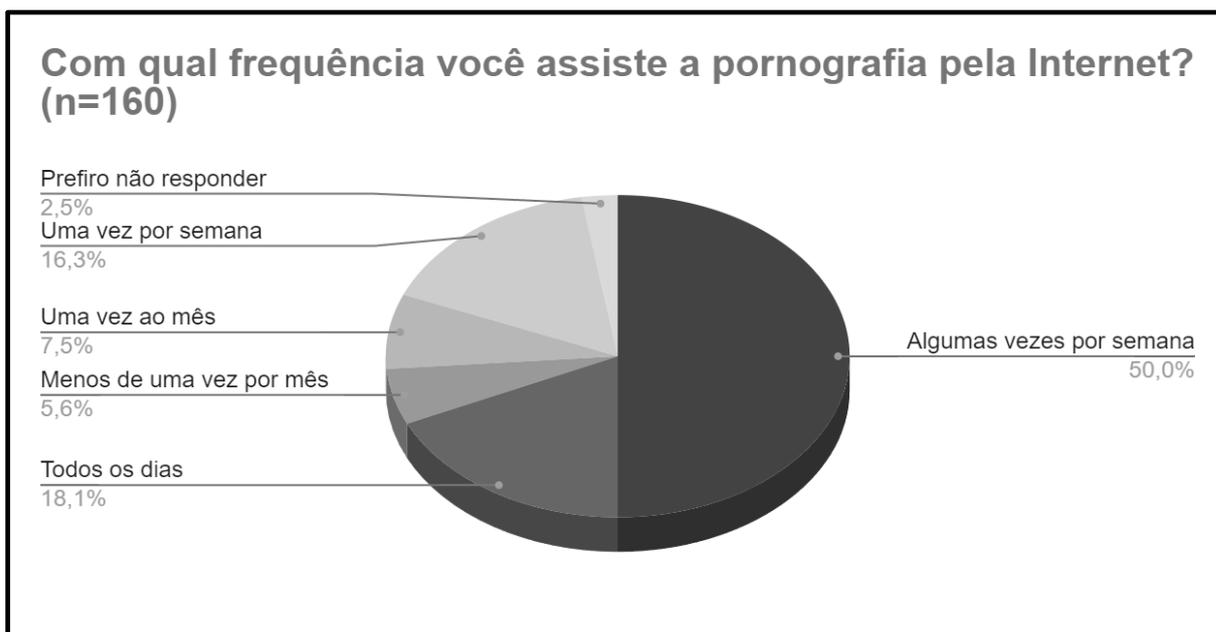
Gráfico 31- Motivação para o consumo



Fonte: Produzido pela autora (2023)

De forma distinta a pesquisa de GUERRA; ANDRADE; DIAS, 2004, a aquisição de informações sobre o sexo foi apontada como motivação para o consumo de pornografia por um número pequeno de pessoas (n=26). Ou seja, para as pessoas que se identificaram como, na atualidade, consumidores de pornografia (n =161), o acesso a tais materiais parece estar atrelado a uma atividade fim específica, a masturbação (n=130) ou a excitação sexual (n=93). Há o indicativo, portanto, que a conceituação de Linda Willians, utilizada e desenvolvida também por Paul Preciado, que propõe pensarmos a pornografia como uma *bodily image* ou uma imagem corporal, que faz algo com o corpo, encontra ressonância na percepção dos e das jovens. Achado importante da pesquisa diz também respeito a frequência com que, os jovens que procuram por pornografia, entram em contato com tais materiais.

Gráfico 32- Frequência



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Ao analisar as respostas gerais, nota-se uma fração alta dos jovens que afirmam assistir a pornografia algumas vezes na semana (50%) ou todos os dias (18,1%). Estes perfazem conjuntamente 68,1% da amostra geral. Quando os dados são analisados a partir da variável de gênero, importantes variações são novamente notadas.

Das 42 mulheres que responderam a esta questão: 35,7% afirmaram assistir a pornografia uma vez ao mês, 26,2% afirmaram assistir algumas vezes por semana, 16,7% afirmaram assistir uma vez por semana e igual proporção, 16,7%, afirmou assistir pornografia menos de uma vez por mês. A opção todos os dias não foi assinalada por nenhuma mulher. Já entre os 121 homens que responderam à questão: 57% afirmaram assistir a pornografia algumas vezes na semana, 22,3% afirmaram assistir aos conteúdos todos os dias, 14,9% afirmaram contato com os materiais uma vez por semana e 2,5% uma vez ao mês e 0,8% menos de uma vez ao mês.

Para esta questão em específico, os marcadores de pertencimento religioso, instituição de ensino também se mostram relevantes. Em relação ao pertencimento religioso, o grupo dos evangélicos (n=11) se destaca com o maior percentual, 30,8%, de pessoas que afirmaram assistir a conteúdos pornográficos todos os dias. Ao se considerar conjuntamente as opções todos os dias e algumas vezes por semana o grupo das pessoas evangélicas foi o que registrou novamente os maiores percentuais: 84,6% das pessoas deste grupo afirmaram ter contato com pornografia ou todos os dias ou algumas vezes na

semana, seguido dos católicos (n=30) com 70%, daqueles que não tem religião (n=58) com 67,8% e dos ateus (n=34) com 58,8%.

Em relação a instituição de ensino frequentada, particular (n=33) ou pública (n=41) e considerando-se as pessoas que afirmaram atualmente ainda estar na escola, nota-se que apesar de o índice conjunto das opções todos os dias e algumas vezes na semana ser muito similar para os estudantes de escola pública (68,3%) e escola particular (66,7%), o percentual de jovens que frequentam escolas privadas que afirmaram assistir a pornografia todos os dias é mais elevado, 30,3%, em comparação com os alunos de escola pública, 7,3%, que afirmaram ter o mesmo hábito diário.

A pesquisa confirma, desta forma, a percepção generalizada entre os jovens e aferida pelo questionário de que meninos utilizam mais pornografia que meninas. A questão que buscava aferir tal ponto, indicou que para 80,9% das pessoas, meninos utilizam mais pornografia que meninas, com apenas 0,4% afirmando que meninas utilizam mais pornografia que meninos e com 16,6% afirmando que meninos e meninas utilizam tais materiais da mesma forma. Porém mais do que isto, é possível afirmar que para os jovens do gênero masculino, em sua ampla maioria, os conteúdos pornográficos compõem uma parcela importante da paisagem visual que acessam na internet, tais conteúdos surgem, para eles, como uma referência visual constante. As repercussões deste contato frequente serão abordadas mais adiante, na próxima seção do trabalho.

Se as respostas ao questionário permitem compreender as motivações dos e das jovens que buscam por conteúdos pornográficos, é necessário voltar-se para as entrevistas para compreender as motivações daqueles e daquelas que afirmam não procurar por estes materiais. Em especial, as entrevistas permitem uma compreensão mais apurada do alto número (63,2%) de jovens mulheres que afirmaram não consumir pornografia. Refletindo a realidade do questionário apenas uma, das quatro mulheres entrevistadas, afirmou procurar na atualidade por conteúdos pornográficos. No entanto, todas as jovens, quando solicitadas a dar sua opinião sobre a forma como a pornografia retrata o sexo, emitiram algum tipo de opinião negativa sobre a forma como os conteúdos encontrados na internet retratam o sexo. Tal tendência também já havia sido percebida na pesquisa de GUERRA; ANDRADE; DIAS, 2004. Três das jovens entrevistadas realizam, ao longo de suas falas, um movimento interpretativo em relação aos conteúdos pornográficos similar ao de Catherine Mackinnon. Diante da realidade do que percebem ser a pornografia, passam a definir o termo com um conceito negativo em si.

**Leticia**

E: Eu tenho uma ideia que, eu não sei se pode ta errada, que para mim a pornografia ela é uma coisa que ta mais pro lado negativo assim, então acho que esses livros eróticos e sei lá as histórias que as pessoas escutam eu acho que isso não, na minha concepção, não seria pornografia assim.

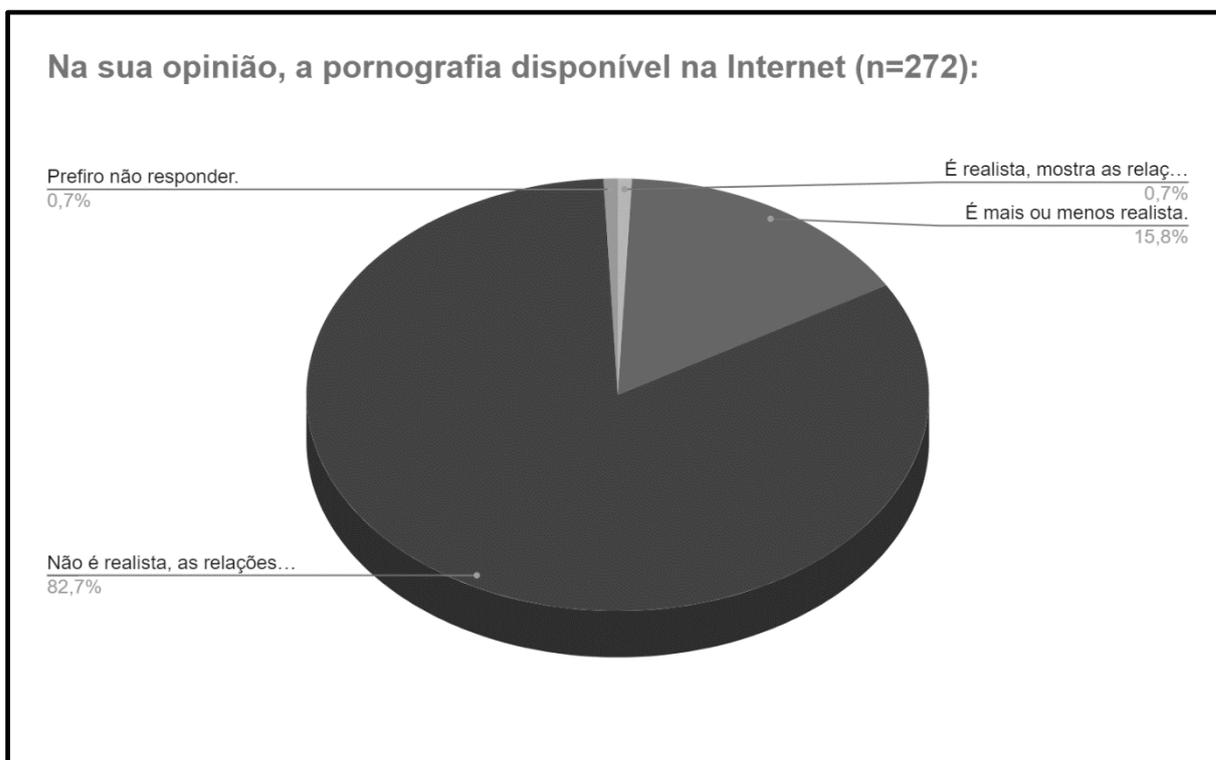
**Cris**

E: Eu não sinto que pornografia seja um material positivo em nenhum aspecto, nem os que não são montados, os famosos caseiros. Eu acho que é uma exposição desnecessária da intimidade das pessoas, que elas fazem isso por algum aspecto, algum reflexo da nossa sociedade em querer mostrar tudo sabe? Algum fetiche de exposição também talvez, não sei, mas eu não acho que nada disso seja positivo.

Quando questionadas se já haviam tido contato com algum material pornográfico que considerassem que retratava o sexo e a sexualidade de uma maneira adequada, apenas uma entrevistada afirmou positivamente, as outras ou afirmaram desconhecer materiais pornográficos deste tipo ou fizeram referências a materiais disponibilizados por sexólogas em perfis de redes sociais que não eram pornográficos. A percepção negativa dos conteúdos pornográficos parece estar atrelada, na fala das jovens, a forma como os conteúdos pornográficos disponíveis on-line retratam de forma distintas homens e mulheres. Avançarei em tal ponto mais adiante.

A percepção de que a pornografia vista on-line não é realista não é, no entanto, uma exclusividade das jovens do gênero feminino. Quatro dos cinco jovens entrevistados afirmaram que a pornografia vista on-line não é realista e apenas dois afirmaram terem tido contato com conteúdos pornográficos que consideravam que retratava o sexo e a sexualidade de maneira mais adequada. Esta percepção do irrealismo das representações pornográficas é massivamente confirmada pelos dados do questionário.

Gráfico 33- Realismo das representações pornográficas



Fonte: Produzido pela autora (2023)

A grande maioria dos e das jovens (82,7%) afirmou considerar que a pornografia “não é realista, as relações sexuais são diferentes do que a pornografia mostra”, uma fração realmente pequena (0,7%) afirmou que a pornografia disponível na Internet “é realista, mostra as relações sexuais como elas são” e outros 15,8% consideraram que a pornografia é “mais ou menos realista”. Mais uma vez ao considerarmos os dados a luz da variável de gênero, notam-se algumas diferenças, mas que neste caso, não são tão expressivas. Entre as respondentes do gênero feminino: 85,3% afirmaram que a pornografia não é realista, 12,6% afirmaram que ela é mais ou menos realista e 1,1% afirmaram que ela é realista. Entre eles: 79,9% afirmaram que a pornografia não é realista, 18,8% afirmaram que ela é mais ou menos realista e 0,6% afirmou que ela é realista. Para tal questão os marcadores de pertencimento religioso, orientação sexual, instituição de ensino e de raça/cor não produziram diferenças expressivas nas respostas dadas.

Um ponto interessante a se notar reside na análise dos dados a partir do marcador etário. O grupo de jovens que com maior veemência afirmou o não realismo da pornografia foi o de jovens de 16 anos (n=51). Neste grupo, 92,2% dos jovens afirmaram que os conteúdos pornográficos não eram realistas. No entanto, não é possível notar nenhuma tendência crescente ou decrescente em relação a percepção do nível de realismo

das representações em relação ao avanço da idade. Entre o grupo de jovens de 17 anos (n=69), 18 anos (n=63) e 19 anos (n=88) os percentuais de jovens que afirmaram que a pornografia não era realista ficaram respectivamente em 78,3%, 84,1% e 80,7%.

A constatação de que a pornografia não é realista, não é, por si só um ponto de destaque. A pretensão de realismo dentro do gênero pornográfico não deveria ser distinta da de outros gêneros fílmicos. No entanto, os conteúdos pornográficos parecem sofrer de um típico específico de não realismo que afeta elas de uma maneira distinta deles. Se a percepção de que os conteúdos pornográficos não são realistas é geral, por que apenas nas palavras delas tal irrealismo é utilizado como justificativa para o não consumo de tais materiais? Deixarei tal indagação sem resposta pelo momento, mas a retomarei quando, nas próximas seções, abordar a função pedagógica dos conteúdos pornográficos e a presença de cenas de violência, agressão e degradação na pornografia.

A percepção do irrealismo das representações pornográficas está diretamente atrelada ao baixo número (n=26) de jovens que afirmaram ter como motivação para a procura por pornografia a aquisição de informações sobre o sexo. Tal fato não implica em afirmar que os conteúdos pornográficos não exerçam tal função, de informar sobre o sexo, mas sim que os jovens afirmam não buscar tais material com esta motivação. Tal ponto será abordado a seguir.

### **Pornografia como Pedagogia: novos modos de aprender**

Algumas perguntas propostas pelo questionário e diversos momentos das entrevistas permitem perceber que há, em especial nestes primeiros anos de contato com os materiais pornográficos, a expectativa por parte dos e das jovens de que os conteúdos vão revelar algo sobre o sexo e a sexualidade, que, ao se ter contato com tais materiais, será possível entender melhor esta dimensão do ser humano. As entrevistas, em especial, permitem uma constatação mais precisa sobre a forma como as representações pornográficas constituem-se, na atualidade, como um dispositivo importante dentro da *scientia sexualis* e operam como um mecanismo de pedagogia do gênero e da sexualidade. Quando questionados diretamente nas entrevistas sobre o porquê de os jovens buscarem por pornografia na internet, ao menos seis entrevistados (três homens, duas mulheres e uma pessoa não binária) atribuíram a busca a uma vontade de “conhecer”, “saber como é”, “ver como é que funciona”. De maneira que, da mesma forma que pesquisa de BAUMEL et al, 2019 já havia apontado, é possível dizer que o aprendizado se manifesta

como uma categoria importante na compreensão da motivação para o contato com materiais pornográficos por parte das pessoas jovens entrevistadas.

#### **Letícia**

E: Eu acho que pra além do prazer mesmo né, de buscar isso, porque normalmente o jovem ele não, é mais fácil tu buscar o prazer em outra coisa, do que tu te descobrir assim e ter a paciência, porque é uma coisa que leva tempo. Eu acho que também tem uma questão, de tipo, querer aprender assim, pra... Tanto que né o sexo ele vira uma coisa meio meio cinematográfica, de tipo ai eles fizeram assim, eu vou repetir. Tipo acho que isso também de querer aprender, porque ta na fase de querer aprender e entender como funciona, mas também para buscar uma forma de prazer ne, sei lá.

#### **Jorge**

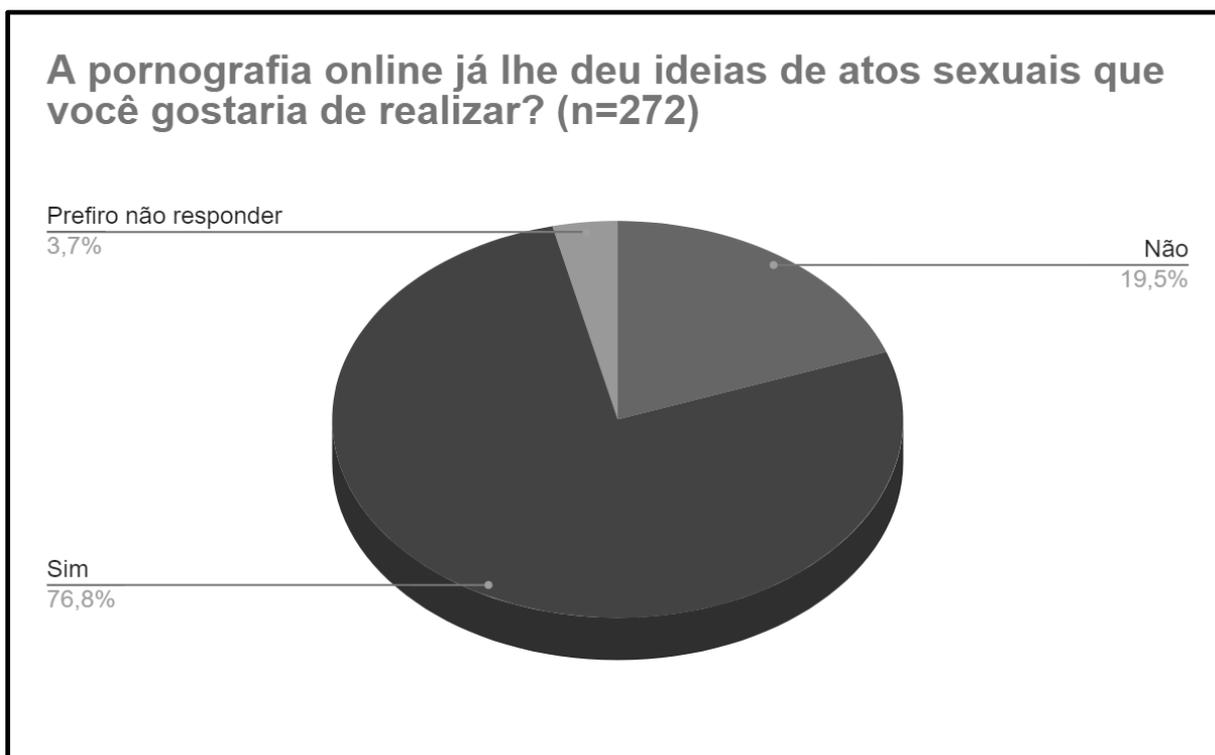
E: Porque assim desde quando você ta crescendo né, pornografia não é algo que é falado sobre em nenhum lugar, nem sexualidade, por exemplo, na minha escola eu não tive nada sobre educação sexual ou alguma coisa. As pessoas vão descobrindo sobre esses assuntos pelos amigos ou ouvindo os pais ou tios falarem sobre isso e acabam indo pesquisar sobre. E como você ter algum tipo de relação sexual com alguém não é a coisa mais fácil do mundo, a pessoa acaba recorrendo a pesquisar sei lá no google o que é e consumindo esses conteúdos.

#### **Cris**

E: [...] eu tinha uns 14 anos e era grupo com alguns amigos virtuais e eles começaram com aquela curiosidade de a vou olhar, nunca vi, vou olhar e daí mandavam link de tipo de pornô homossexual mesmo. Porque tem essa curiosidade de saber como é, de saber como funciona, mas foi nessa época que a gente tava descobrindo as coisas, nunca foi da mesma forma que os meninos ficam mandando sabe... é mais por uma curiosidade

A constatação pela maioria dos e das jovens, como demonstrei, de que os conteúdos pornográficos não são realistas e a afirmação de que a busca por informações sobre o sexo não constitui uma grande motivação para o consumo de tais materiais, não impede, no entanto, os jovens de sentirem-se inspirados pelos conteúdos que assistem. Quando questionado diretamente “A pornografia online já lhe deu ideias de atos sexuais que você gostaria de realizar?” eis o resultado:

Gráfico 34- Pornografia como fonte de inspiração



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Nota-se, desta forma, que 76,8% (n=209) das pessoas respondentes afirmaram que conteúdos pornográficos já serviram de inspiração para a realização de atos sexuais, ao passo que 19,5% (n=53) responderam negativamente à questão. A variável relacionada a orientação sexual produziu algumas diferenças interessantes de serem observadas. O grupo de pessoas homossexuais (n=13), que no caso desta pesquisa era composto majoritariamente por homens (n=11), foi o que registrou a maior porcentagem de pessoas, 92,3%, que afirmaram já terem se sentido inspiradas pela pornografia para a realização de algum ato sexual. Os grupos de pessoas heterossexuais (n=170), bissexuais (n=71) e com outra identificação de orientação sexual (n=10) tiveram, respectivamente, 78,2%, 73,2% e 60% de pessoas afirmando já terem se sentidos inspirados pela pornografia para a realização de algum ato sexual. Quando cruzadas a variável de orientação sexual com a de gênero, nota-se que o grupo dos homens homossexuais foi o em que mais pessoas afirmaram inspiração em conteúdos pornográficos. Neste grupo 100% das pessoas (n=11) afirmaram já terem sido inspiradas pela pornografia para a realização de algum ato sexual. No grupo de homens heterossexuais (n=121), tal índice ficou em 82,6%.

Há que se notar aqui que outras pesquisas já apontaram para a tendência de um forte contato com pornografia por parte de homens homossexuais, com alguns trabalhos

indicando que o consumo de pornografia entre homens gay ocorre com uma frequência mais elevada do que entre homens heterossexuais (Scott DUGGAN; Donald MCCREARY, 2004; Bente TRAEEN; Kristian DANEBACK, 2013) e de que representações pornográficas possuem um papel importante dentro da cultura gay masculina (Joel THOMAS, 2010). Neste sentido, alguns autores (Richard DYER, 1989; Carl STYCHIN, 1992; Jeffrey ESCOFFIER, 2003) defendem que a pornografia e a onipresença de mídias sexualmente explícitas servem de auxílio para que homens gay estabeleçam uma “definição positiva” de si mesmos. Tal afirmação, no entanto, é questionada por outros estudos que indicam que o consumo de pornografia em homens gays correlaciona-se com índices mais elevados de ansiedade (DUGGAN; MCCREARY, 2004).

É necessário o desenvolvimento de investigações mais específicas sobre o tema que tomem o contexto brasileiro como caso de estudo e que sejam capazes de dialogar com a literatura citada. No entanto, mesmo levando-se em conta a amostragem reduzida deste grupo, a presente pesquisa indica que para além de registrarem os índices mais elevados de inspiração pornográfica, o grupo de homens homossexuais (n=11) foi o que registrou os índices mais altos de consumo de pornografia, com 72,73% das pessoas desse grupo afirmando procurar por conteúdos pornográficos. Tal índice, todavia, não deixa de ser bastante semelhante ao encontrado para o grupo de homens heterossexuais (n=121) em que 69,4% realizaram a mesma afirmação. Ao longo deste trabalho outros dados serão apresentados que apontam uma larga aceitação das representações pornográficas na cultura gay masculina jovem.

Quando observados a luz da variável de gênero nota-se também uma importante variação. Entre os respondentes do gênero masculino: 86% responderam afirmativamente à questão e 13,4% negativamente. Já entre elas, a porcentagem de jovens que afirmou já ter se sentido inspirada pela pornografia cai para 64,2%, com 26,3% delas respondendo negativamente à questão.

Tal inspiração materializa-se também de maneira distinta na vida dos e das jovens. Quando questionados “Algum parceiro ou parceira já lhe pediu para realizar algum ato sexual inspirado na pornografia?”: 33,7% das jovens afirmaram que sim, entre eles, este número cai para 17,7%. Responderam negativamente à questão, 62,1% das mulheres e 75,6% dos homens. As jovens são, portanto, significativamente mais solicitadas a realizar atos sexuais que possuem alguma inspiração pornográfica. De forma similar, elas

solicitam menos do que eles que estes atos sejam realizados. Quando questionados, “Você já pediu para um parceiro ou parceira realizar algum ato sexual inspirado na pornografia?”: 20% delas afirmaram que sim e 78,9% afirmaram que não, ao passo que 26,2% dos jovens do gênero masculino responderam positivamente à questão e 68,3% negativamente.

Mais uma vez, é possível voltar-se para as entrevistas para tentar compreender de forma mais profunda como ocorre tal processo de transposição de referenciais pornográficos para a vida real. Três das quatro mulheres e a pessoa não binária afirmaram já terem se sentido pressionadas, mesmo que por si mesmas, para realizar algum ato inspirado na pornografia. A única das entrevistadas que afirmou nunca ter sentindo-se pressionada para a realização de um ato sexual específico, afirmou que a pressão que sentia ser proveniente dos filmes pornográficos estava mais relacionada a padrões estéticos: “Acredito que no dia a dia em questão de corpo, de ser perfeita, de não poder ter estria, em padrão social estético, não necessariamente um ato pornográfico”. Os excertos que transcrevo a seguir são todos provenientes da questão catorze do roteiro das entrevistas, nas quais os e as entrevistados eram questionados “Você já se sentiu pressionado(a), mesmo que seja por ti mesmo, a realizar algum ato inspirado em filmes pornográficos?”

#### **Cris**

E: sim... pelo meu namorado.

P: E como tu te sentiu? Tu conseguiu lidar com isso de uma maneira que tu conseguiu conversar sobre ou não?

E: Eu não quis falar sobre, mas eu me senti meio mal, porque é um indicativo de que aquilo ainda fica na cabeça dele, porque os homens eles podem estar namorando, eles podem estar casados, eles ainda vão consumir aquele conteúdo e ainda vão querer que aquilo seja uma realidade para eles.

#### **Letícia**

E: Sim, e até coisas que tipo não necessariamente muito diferentes sabe? Tipo até um boquete assim, já me senti... E eu percebi muito depois, engraçado isso... Eu só fui perceber certas coisas esse ano, ano passado... porque como eu to me relacionando com pessoa normal e respeitosa, agora eu percebo que eu aceitei muita coisa esquisita assim, de pessoas me forçarem a fazer eu achar que isso é normal, ou de, como tu disse, eu também me forçava a fazer, porque eu pensava tenho que fazer isso, não posso dizer não. Eu to aqui, eu aceitei fazer parte disso, como se fosse uma obrigação assim, é...

Entre elas nota-se, portanto, um predomínio de memórias que tendem a associar a inspiração pornográfica a algo negativo, normalmente, algo imposto, ainda que de maneira não fisicamente violenta. O processo de dar-se conta de que determinados atos

do passado foram frutos não de uma vontade própria, mas sim do aceite de uma série de imposições culturais que de alguma maneira estão enraizadas no imaginário pornográfico é atribuído a grande maioria das entrevistadas a um contato com textos, vídeos e materiais que promoveram uma mudança na forma como elas entendem diversos pontos das questões sobre sexualidade. Por ora, apenas indico tal aspecto, que será discutido com maior profundidade mais adiante. Começam, assim, a tornar-se mais nítidos os motivos que levam a uma parcela significativa das jovens a afirmar não consumir tais conteúdos e a desenvolver uma percepção negativa sobre a pornografia como um todo.

É preciso destacar, no entanto, que a utilização dos conteúdos pornográficos como fonte de inspiração para a realização de determinados atos, não é associada pelos entrevistados exclusivamente a memórias negativas. Três, dois homens e uma mulher, dos dez entrevistados, narraram experiências consideradas por eles e por ela, como positivamente inspiradas em conteúdos pornográficos.

#### **Jorge**

E: Eu particularmente não, eu já na verdade tirei algumas inspirações de lá para fazer alguma coisa especial, mas é algo que seria mais para dar prazer para a mulher. Não para, sei lá, satisfazer algum desejo meu sem o consentimento explícito dela fazer alguma coisa.

P: Tu acha que alguns vídeos pornôs tem essa capacidade de instruir digamos sobre como realizar determinados atos?

E: Se você assistir assim e prestar atenção no que ele tá fazendo você pode tirar algumas dicas do que fazer. Óbvio que você tem que ter também senso comum, pensar tipo o que esse cara tá fazendo, obviamente ela tá fingindo prazer, isso daí não é real, então eu não vou fazer isso na vida real. É questão de maturidade como eu disse, da pessoa conseguir diferenciar um vídeo de uma relação real.

#### **Michel**

E: Eu não sei se pressionado, no sentido de tipo assim nossa tenho que fazer isso porque vi isso, mas no sentido de tipo assim, vi isso e tá e por que não? Mas não no sentido de nossa meu deus do céu, vamos fazer isso.

P: Era só uma ideia?

E: Isso, (pausa), por exemplo, né? Eu tava pensando sobre falar sobre isso ou não, porque é meio desconfortável, mas acho que é relevante. Uma coisa nessa ideia de tipo assim, ah vi isso e tentaria, tipo assim gostaria de fazer, tipo assim um ménage ou sexo a três, uma coisa que é muito comum e eu fiquei tipo assim, tá ok, gostaria de fazer isso porque eu acho que seria legal. Ai então tá fiz, mas não no sentido de alguém me induzir ou alguém pressionar, mas no sentido de eu gostaria de saber e só soube que isso existia em função provavelmente da pornografia.

P: E tua experiência na vida real digamos ela foi positiva ou não?

E: Foi positiva, foi boa e isso é uma loucura né? Porque a gente de novo tem, de novo né eu tô falando de mim, a gente tem essa coisa da idealização da

pornografia, mas para mim a pornografia acabou idealizando uma coisa acerca disso especificamente e que a realidade foi completamente diferente, mas ainda assim foi uma coisa muito positiva, então não atendeu o ideal da pornografia, mas atendeu um outro ideal de uma coisa que eu nem tinha concepção, entende?

### **Simone**

E: Eu sou uma pessoa que exijo muito de mim e eu sempre quero agradar os outros, então digamos que sim, que eu já tentei realizar alguma coisa meio inspirada, um bagulho assim. Se deu certo ou não, eu não sei, mas eu tentei, mas isso é meio que de mim. Não sei, não sei dizer se as pessoas fariam isso num geral, ou alguma coisa que se obriguem e tal mas eu sinto que eu devo, mas eu também gosto, então ta meio que ta equilibrado assim, eu acho.

P: Essa experiencia foi pra ti uma experiencia positiva, negativa ou neutra?

E: Acho que foi positiva, talvez tenha meio que me ajudado a me soltar, porque eu também sou muito envergonhada e tal... então, essa questão de tentar evitar pegar inspiração... Sei lá pode ter sido positivo pra mim.

Nestas últimas falas pode-se perceber que o processo de transposição de referências pornográficas para a vida material, real, dos jovens é marcado por série contradições que parecem ter origem na dicotomia realismo/irrealismo dos conteúdos, face a uma grande vontade de conhecer, entender melhor as questões relacionadas a sexualidade. De forma que, ao mesmo tempo em que os jovens parecem reconhecer que a pornografia é uma representação irreal das relações sexuais, também parecem assumir o discurso pornográfico como um referencial importante, inescapável, poder-se-ia dizer, que atesta possíveis formas de portar-se sexualmente. A fala de Jorge demonstra claramente tal processo; à medida que desenvolve sua fala o jovem vai percebendo as contradições que podem advir da tentativa de se utilizar a pornografia como um guia para ação sexual. Não é à toa que em diversos momentos das entrevistas os e as jovens acabam narrando uma busca por conteúdos que tenham um maior resquício de realidade, momento em que o pornô amador entra em cena.

Ao realizar a revisão das pesquisas que se propuseram a efetuar uma análise de conteúdo dos vídeos pornográficos mais acessados ou mais populares nas grandes plataformas de distribuição de conteúdo pornô na internet notei, naquele momento, que não havia indicativos de diferenças significativas, em termos de conteúdo, entre o pornô considerado amador e aquele que poder-se-ia considerar profissional. Também aponte para a dificuldade de separação destes dois universos em um momento em que a estética amadora já foi incorporada a forma de se fazer pornografia “profissional” na atualidade. De fato, segundo algumas análises de conteúdo, a pornografia amadora, disponibilizada em portais pornográficos na internet, é tão ou mais conservadora em relação as

representações de gênero do que as representações pornográficas que poderíamos chamar de profissionais. Com autores como Klassen (2014), apontando que, em suas análises, os vídeos amadores apresentaram maiores índices de desigualdade de gênero, de desumanização das mulheres e de afirmação de papéis de gênero tradicionais (homens dominantes, mulheres submissas).

Ao longo das entrevistas, em especial quando questionados sobre o contato com materiais pornográficos que considerassem que retratavam o sexo e a sexualidade de uma maneira mais adequada ou positiva, seis dos dez entrevistados (dois homens, três mulheres e uma pessoa não binária) de alguma maneira mencionaram os conteúdos amadores ou caseiros. As opiniões dos e das entrevistadas sobre tais vídeos possuíam variações, com algumas entrevistadas considerando tais vídeos “menos piores” que aqueles considerados profissionais e outras e outros indicando ser esta a sua versão preferida de conteúdos pornô. No entanto, o que parece emanar da fala dos e das jovens é o indicativo de que tais vídeos oferecem de alguma maneira um acesso mais próximo a como os e as jovens percebem que as relações sexuais ocorrem na realidade.

#### **Simone**

E: Olha eu acho que inclusive é o tipo que eu curto.. que é essa questão mais caseira assim... não sei dizer bem por que.... mas eu vejo ela mais positiva, claro, alguma coisa ali é fake também. Mas pode ser que eu acho mais perto da realidade sabe? Uma coisa meio caseira, de boa, não é aquele negócio de estúdio, meio exagerado...

#### **Jorge**

P: E tu acha que tem categorias que são mais realistas e categorias que são menos realistas?

E: Bem, é pornografia amadora né? Que é, por exemplo, gravada com um casal da forma que sei lá não é um filme gravado com uma câmera de 8 mil. É algo mais real, apesar de que as vezes parece que eles estão tentando dar um showzinho para a câmera ou algo assim, mas é mais comum.

A percepção de que a pornografia oferece, de alguma maneira, um inventário das possibilidades da sexualidade e de que tais conteúdos podem explicitar um modo de fazer, de se viver o sexual é minha aposta explicativa para compreender a forma como tais conteúdos impactam a vida dos e das jovens. Por mais que as respostas ao questionário tenham mostrado um grau de consciência elevado sobre o irrealismo das representações pornô, ao investigar a forma como tais representações adentram a sensorialidade juvenil, percebe-se uma dificuldade profunda de distinção entre representação e realidade. Tal dificuldade parece advir de um conjunto de fatores: falta de experiência com as questões de sexualidade, contato precoce e muito frequente com tais materiais, sendo a pornografia

a referência visual mais frequente sobre sexualidade na vida da maioria dos jovens, em especial do gênero masculino e a inexistência de espaços seguros, reais ou virtuais, em que outras dimensões sobre a sexualidade possam ser apresentadas e debatidas.

A noção de que as representações pornográficas impactam de alguma maneira a vida dos jovens foi apresentada por todos os e as entrevistadas. Quando questionados “Você acha que a pornografia afeta ou influencia a forma como os jovens percebem as relações sexuais, os papéis de gênero relacionados ao sexo e os corpos?”, partindo de diferentes perspectivas, todos os e as jovens responderam afirmativamente à questão. Quando questionados diretamente “Você acha que a pornografia afeta de alguma maneira a sua sexualidade?”, seis (três homens, duas mulheres e uma pessoa não binária) jovens forneceram respostas que indicavam que a pornografia já teve ou tem algum impacto ou influência em suas vidas.

Em relação a primeira questão, que buscava dar conta de uma perspectiva mais geral da influência da pornografia na forma como os jovens percebem temas relativos a sexualidade, as respostas das entrevistas podem ser categorizadas entre aquelas que apontam para as dissonâncias que podem advir da expectativa pornográfica que os jovens passam a ter da vivência sexual e aquelas que apontam os conteúdos pornográficos como causadores, indutores, de comportamentos que possivelmente não existiriam sem o estímulo pornográfico. Exemplificam o primeiro tipo de impacto apontados nas entrevistas as falas de Simone e Jorge:

**Simone**

E :Olha eu acredito que sim, eu acredito que dá uma padronizada dá uma... Alimenta um imaginário que muitas vezes não é real, muitas vezes não é aquilo, porque não importa tipo primeiro que a maioria dos vídeos, dos gêneros que os caras gostam de assistir ou as mina no caso, é um gênero fantasioso, é um bagulho que não é realidade, é um negócio que foge totalmente, e mesmo se for o mais próximo possível da realidade, aqueles gêneros que é mais caseiro e tal, não deixa de ser idealizado assim... E as vezes não tem problema, as vezes é inocente, as vezes é uma coisa tipo a fantasiar um pouco é legal, só que demais acaba padronizando, acaba inibindo, sei lá, vontades diferentes, que a pessoa por si só poderia vir a curtir, mas não curte porque não é tão comum.

**Jorge**

E: Definitivamente afeta.

P: Tu pode elaborar um pouco?

E :Tá vamos lá, assistir pornografia, em primeiro lugar, não é exatamente como acontece sexo na vida real, então a pessoa com certeza vai ter é expectativas irreais de como seria uma relação na vida real. Como por exemplo, o uso de preservativos ou os limites que seu parceiro pode ter durante o sexo, porque o cara assiste um vídeo acha que aquilo ali é o padrão, só que na verdade é algo

que sei lá só acontece na frente de uma câmera ou também até a como eu posso dizer, vou deixar só isso mesmo.

O que se percebe com nitidez na fala dos e das jovens é que eles e elas próprios percebem as representações pornográficas como tendo um papel referencial importante no que tange o sexo, em especial neste período de iniciação das vivências em sexualidade. As pessoas entrevistadas indicam, portanto, que as representações pornográficas atuam como pedagogia do gênero e da sexualidade no contemporâneo. A percepção generalizada entre os e as entrevistadas é a de que os jovens apreendem a portar-se sexualmente tendo os conteúdos pornográficos como balizadores, guias, de comportamento. Um nível mais profundo de influência, apontado por uma parcela dos e das jovens entrevistadas, faz referência a uma capacidade dos conteúdos pornográficos provocarem mudanças comportamentais naqueles e naquelas que os consomem tais materiais em demasia. Aqui iniciam-se as referências a relação entre pornografia e vício que aprofundarei no próximo tópico. Para exemplificar esse movimento interpretativo realizado pelos e pelas jovens, introduzo as falas de Caio e Letícia.

**Caio**<sup>232</sup>

E :Claro, com certeza cara, isso é a pior coisa que existe, mexe muito com a cabeça dos caras.

P: Em que sentido mexe com a cabeça, o que tu quer dizer com isso?

E :Os caras começam a tratar a mulher como se fosse um objeto né veio? Tipo só vê como um objeto sexual, tipo é complicado, não sei explicar, mas afeta bastante, dá pra perceber, os caras ficam esquisitos.

**Letícia**

E: Além de alimentar muito preconceito, a pornografia, ela te transforma, eu acho, ela te faz achar que tu é uma pessoa que muitas vezes tu não é, e achar que tu gosta de coisa que muitas vezes tu não gosta.

A capacidade dos conteúdos pornográficos excitarem à revelia, isto é, sem que a relação entre conteúdo visto e corpo excitado seja mediada pela consciência, por uma reflexão ética, parece estar no cerne desta forma de influência detectada pelos jovens em suas vivências e largamente debatida em fóruns on-line.

Gostaria de apenas lembrar aqui que esta distinção entre as formas de ação e influência que envolvem as representações pornográficas encontra eco na discussão, que anteriormente procurei delinear, entre Judith Butler e Catherine Mackinnon. Butler concede que as representações pornográficas podem atuar como atos de fala perlocutórios

---

<sup>232</sup> Caio é um jovem de 18 anos, cisgênero, heterossexual, pardo/amarelo, estudante de graduação em uma universidade privada, católico e kardecista.

que podem produzir um efeito naquele ou naquela que acessa tal discurso. Tomando a teoria de Butler, poderíamos facilmente entender a forma como o discurso pornográfico opera como um dos muitos discursos que coloca em prática uma certa pedagogia do gênero e da sexualidade que irá influenciar ou mesmo constituir-se como um referencial performativo do ser homem e ser mulher no contemporâneo.

A alegação de Catherine Mackinnon, no entanto, é de que não apenas o discurso pornográfico atua de forma perlocutória, mas como ele constitui-se como um ato ilocutório, que realiza uma ação no momento em que é dito ou visto. Mackinnon busca, desta forma ressaltar, a relação imediata que existe entre a entrada em contato com o discurso e a resposta corporal provocada. Na versão de Mackinnon, é ação ilocutória do discurso pornográfico o que garante sua força. Não irei retomar aqui extensamente o debate em questão, no entanto, me parece importante ressaltar que falas dos e das jovens indicam uma permanência das ideais levantadas pelas autoras; sendo importante termos tal debate em mente ao considerarmos o próximo tópico deste trabalho.

Até o momento, aponte para o fato de que o acesso a conteúdos pornográficos por jovens na atualidade ocorre quase que exclusivamente via internet e que uma parcela significativa destes jovens parece entrar em contato com conteúdos pornográficos pela primeira vez em uma idade bastante precoce; estando a pornografia presente na vida de uma ampla parcela destes jovens já no período da infância. Demonstrei também que a maioria destes primeiros contatos ocorre de forma acidental ou indesejada e que o contato com materiais pornográficos está intimamente relacionado a um ato corpóreo, a masturbação, ou ainda a vontade de sentir-se excitado. Também aponte para o fato de que uma parcela significativa dos jovens, em especial os homens, buscam por conteúdos pornográficos com uma frequência elevada, estando tais conteúdos presentes quase que diariamente no campo visual de muitos jovens.

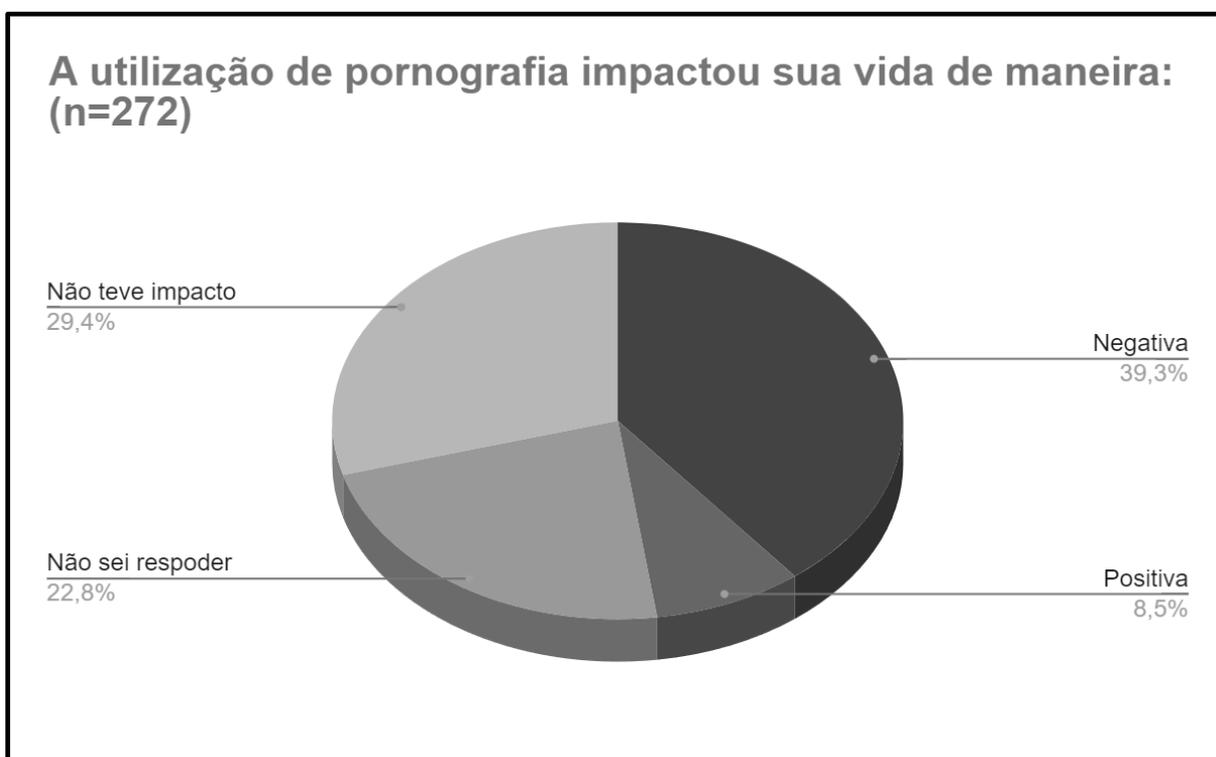
Por fim, indiquei que os e as jovens entendem os conteúdos pornográficos como irrealistas, porém tal fato, não os e as impede de sentirem-se inspirados e até mesmo pressionados para realizar atos e comportamentos sexuais tais como os vistos nos vídeos pornô. Afirma-se, desta forma, atuação do discurso pornográfico disponível on-line como um dispositivo que põe em prática uma certa pedagogia do gênero, da sexualidade e do corpo. Relevante ressaltar que para quase a totalidade dos pontos analisados acima considerar a variável de gênero foi fundamental para um entendimento mais apurado sobre as formas como o contato com tais conteúdos ocorre e sobre a forma como tais

conteúdos impactam a vida dos e das jovens. É sobre tal ponto, o impacto dos conteúdos, que me dedico a seguir.

### **Impacto: a toca do coelho e o discurso sobre o vício**

Talvez mais do que qualquer outra pergunta proposta pelo questionário, fui surpreendida pelos dados gerados a partir da questão que solicitava que os e as jovens respondessem sobre a maneira como a pornografia impactou suas vidas. A questão continha cinco possibilidades de respostas: positiva, negativa, não teve impacto, não sei responder e prefiro não responder. No gráfico abaixo temos a visualização da totalidade das respostas (n=272) para a questão:

Gráfico 35- Impacto dos conteúdos pornográficos



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Como pode-se ver, a alternativa mais assinalada pela totalidade das pessoas foi a que indicava um impacto negativo da pornografia em suas vidas, com a alternativa que indicava um impacto positivo sendo a menos selecionada. Nota-se ainda um número considerável de jovens que não foi capaz de apontar a forma com o contato com conteúdos pornográficos impactou suas vidas, indicando um possível sentimento de contradição em relação aos mesmos. Para esta questão em específico diversos marcadores produziram resultados distintos.

Em relação ao pertencimento religioso, houve uma grande variação entre os grupos que tiveram o maior e o menor percentual de pessoas afirmando sentirem-se impactadas negativamente pela pornografia. O grupo dos evangélicos (n=21) foi o que registrou o maior percentual de pessoas, 52,4%, afirmando terem sido impactadas negativamente pela pornografia, ao passo que o grupo dos ateus (n=50) foi o que registrou o menor índice, com 28% das pessoas desse grupo afirmando um impacto negativo.

Em relação a orientação sexual, houve um registro significativamente maior de pessoas heterossexuais (n= 170), 43,5%, afirmando um impacto negativo dos conteúdos pornográficos em relação aos grupos de pessoas bissexuais (n=71) e homossexuais (n=13), em que, respectivamente, 31% e 23,1% afirmaram um impacto negativo dos conteúdos pornográficos. O cruzamento da variável da orientação sexual com a variável de gênero, demonstra que o grupo dos homens heterossexuais (n=121) foi o em que mais pessoas (50,4%) afirmaram sentirem-se impactadas negativamente pela pornografia. Ao passo que o grupo dos homens homossexuais (n=11) foi o que registrou o maior percentual de pessoas afirmando terem sido impactadas positivamente pela pornografia (18,2%), neste grupo afirmaram um impacto negativo de tais conteúdos, 27,3% das pessoas. Com uma amostragem bastante reduzida, os grupos de pessoas que ou possuíam outra (n=10) identificação de orientação sexual ou não sabiam responder (n=7) qual era sua orientação sexual registraram, respectivamente, 40% e 57,1% de pessoas afirmando um impacto negativo dos conteúdos pornográficos.

Em relação a variável etária, o grupo de pessoas de 19 anos de idade (n=88) foi o que registrou o maior índice de pessoas, 46,6%, afirmando um impacto negativo dos conteúdos pornográficos. Para as outras faixas etárias tal índice ficou respectivamente em: 39,2% para o grupo de pessoas com 16 anos (n=51), 30,4% para o grupo de pessoas com 17 anos (n=69) 38,1% para o grupo de pessoas com 18 anos (n=63).

Há que se notar aqui a variável de frequência a instituições de ensino está também atrelada ao fato etário. Os jovens que frequentam universidades, pública ou particular, afirmaram com maior incidência um impacto negativo dos conteúdos pornográficos. Para alunos de universidades públicas (n=52) um impacto negativo foi afirmado por 48,1% dos jovens e para alunos de universidades particulares (n= 27) o impacto negativo foi afirmado por 55,6% dos jovens. As pessoas que frequentam escolas, públicas ou particulares, registraram um índice menor de impacto negativo. Para alunos e alunas de escolas particulares (n= 59) tal índice ficou em 28,8% e para alunos de escolas públicas

(n=79) em 35,4%. Os jovens que afirmaram não frequentar nenhuma instituição de ensino<sup>233</sup> (n= 36) registraram um índice de impacto negativo de conteúdos pornográficos de 38,9%. Há o indicativo aqui, portanto, que a percepção de um impacto negativo dos conteúdos pornográficos tende a aumentar com o avanço da idade e que jovens que frequentam universidades (públicas ou privadas) tendem a desenvolver uma percepção mais acentuada do impacto negativo da pornografia do que aqueles jovens que não frequentam instituições de ensino.

Em relação a variável cor, nos grupos de pessoas pretas (n=23) e pardas (n=55), notou-se, índices maiores de pessoas que afirmaram terem sido impactadas negativamente pelos conteúdos pornográficos, do que no grupo das pessoas brancas (n=187). Nos dois primeiros grupos, respectivamente, 47,8% e 41,8% afirmaram um impacto negativo, ao passo que no grupo pessoas brancas tal percentual ficou em 35,8%. Levando-se em consideração a composição de gênero dos grupos citados, já mencionadas anteriormente, por si só, ela não explica as diferenças encontradas. Havendo o indicativo que o marcador social de raça/cor deve ser levado em consideração ao se considerar o impacto negativo de conteúdos pornográficos em jovens. Seria necessária uma investigação mais específica para indicar as possíveis causas de tal diferença, no entanto, acredito ser relevante os dados apontados pelas revisões de conteúdo analisadas anteriormente. Recordo que as categorias pornográficas racializadas, em especial as que fazem referência a pessoas negras, contém índices significativamente mais elevados de representação de atos de violência/agressão/degradação e também registram menores índices de orgasmos femininos e de exibição de afeição entre as pessoas envolvidas no vídeo.

Quando considerei a questão a luz da variável de gênero, fui novamente surpreendida pelo elevado número de homens que assinalaram um impacto negativo da pornografia em suas vidas. Entre eles (n= 164): 45,7% apontaram para um impacto negativo, 25% afirmaram que não houve impacto, 20,1% não souberam responder e 9,1% apontaram para um impacto positivo. Já entre elas (n=95), a opção mais assinalada foi a de que a pornografia não teve impacto em suas vidas com 34,7%, seguida de 29,5% que afirmaram que o impacto foi negativo, 27,4% não souberam responder à questão e 8,4% afirmaram um impacto positivo. Entre o grupo das pessoas (n=13) que não identificaram

---

<sup>233</sup> Este grupo, de jovens que não frequentam instituições de ensino, é composto de por 8,3% (n=3) jovens de 17 anos, 38,9% (n=14) jovens de 18 anos e 52,8% (n=19) jovens de 19 anos.

seu gênero ou que se identificaram como não binárias ou com algum outro pertencimento de gênero: 46,2% afirmaram que tais conteúdos não tiveram impacto em suas vidas, 30,8% indicaram que o impacto foi negativo e 23,1% não souberam responder, com nenhuma pessoa deste grupo indicando um impacto positivo dos conteúdos.

Quais seriam as explicações para este número elevado de jovens, em especial do gênero masculino, que apontaram para um impacto negativo dos conteúdos pornográficos em suas vidas? Ao considerar as entrevistas e as outras respostas fornecidas pelo questionário, alguns elementos se destacam e auxiliam na elaboração de uma possível explicação. Ao longo das entrevistas seis jovens (três homens, duas mulheres e uma pessoa não binária) fizeram referência ao potencial viciante dos conteúdos pornográficos. Destes, três jovens (dois homens e uma mulher) relataram ter vivenciado pessoalmente um período de vício em tais conteúdos. Adentrarei nestes casos a seguir.

Gostaria de destacar por ora que a relação entre pornografia e vício apareceu com uma grande frequência e intensidade entre os e as jovens participantes da pesquisa. Atribuo este ponto não apenas a evidência concreta, de existência de pessoas viciadas em pornografia, mas também ao fato da temática estar ganhando um espaço considerável na cultura popular, especialmente naquela presente na internet. Seja por matérias de revistas ou jornais<sup>234</sup>, seja pela proliferação de comunidades virtuais que se estabelecem nas redes sociais com o objetivo de “ajudar pessoas de todas as idades a superar o vício em pornografia<sup>235</sup>”. As pessoas entrevistadas não apenas demonstram conhecimento da existência de tais comunidades, como para alguns muitas das certezas que possuem sobre o consumo de pornografia advém destes espaços.

#### **Marcelo**<sup>236</sup>

P: Você gostaria de realizar mais algum comentário sobre este tema?

E: Perfeito... Eu já consumo há muito tempo, há muito tempo mesmo e eu pessoalmente acredito e isso eu já ouvi de outros relatos também, não só de brasileiros, mas de estrangeiros também, que conforme mais você desce no consumo a sua cabeça vai ficando mais estranha você vai consumindo um

<sup>234</sup> Ver SUZUKI, Shin. Como pornografia afeta o cérebro e hábitos sexuais de jovens como a cantora Billie Eilish. G1. 28/12/2021 Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/sexualidade/noticia/2021/12/28/como-pornografia-afeta-o-cerebro-e-habitos-sexuais-de-jovens-como-a-cantora-billie-eilish.ghtml> Acesso 20/02/2023 Terry Crews ator de 'Todo mundo odeia o Chris' relata como tratou o vício em pornografia. Estadão, 29/08/2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/terry-crews-ator-de-todo-mundo-odeia-o-chris-relata-como-tratou-o-vicio-em-pornografia/> Acesso 20/02/2023

<sup>235</sup> Este é a descrição da comunidade r/pornfree, na rede social Reddit, que conta com cerca de 300 mil membros. Consulta realizada em 16/01/23.

<sup>236</sup> Marcelo é um jovem de 19 anos, cisgênero, que não sabe qual sua orientação sexual, pardo, estudante de graduação em uma universidade pública, católico.

conteúdo um tópico dos conteúdos em geral e aí você vai descendo para mais estranho algo mais bizarro para se assim dizer. Não é algo que ocorra com todos, mas tem muita gente passa por isso mundo afora e no país também, você consome um conteúdo você vai descendo você vai descendo você vai procurando algo mais estranho e não para. Isso gera uma dependência sabe, você sempre precisa achar algo novo algo específico, porque isso não para. Não é à toa que existem várias comunidades de pessoas que querem combater isso. Não sei se senhora tem conhecimento disso? Mas tem o *Nofap*<sup>237</sup>...

Ao longo da entrevista com o Marcelo passei a notar que em diversos momentos o jovem respondia as questões propostas falando bastante na terceira pessoa; havia nele a tendência, não explícita nos outros jovens, em responder as questões com base nas suas leituras e participação em comunidades em redes sociais, em especial no *discord* e no *reddit*, dedicadas a debater a questão do vício em pornografia. À medida que avançávamos na entrevista, algumas das suas percepções e falas foram se tornando menos gerais e pude ter uma visão mais profunda da forma como a experiência do jovem com conteúdos pornográficos relacionava-se com suas vivências pessoais.

Provoquei o jovem algumas vezes a me explicar o que seriam os conteúdos mais bizarros e estranhos ao quais ele com frequência se referia. Obtive uma resposta mais direta apenas ao final da entrevista, quando o jovem me relatou “eu não quero soar preconceituoso e nem nada do tipo, mas questões tipo com pessoas trans e algo chamado *crossdressing* pessoas que vestem com roupa de outro gênero.” Ao escutar esta fala de Marcelo fui compreender melhor outra resposta que o jovem tinha me fornecido. Ao ser questionado “Você acha que a pornografia afeta de alguma maneira a tua sexualidade?”:

E: Isso é um tema que também é discutido, por várias pessoas né, são conversas frequentes em algumas redes sociais que por exemplo no meu caso, o consumo de conteúdo do mesmo gênero possa causar, por exemplo, você começa a consumir conteúdo de pessoas do mesmo gênero e se você continuar fazendo isso repetidamente pode gerar uma, é o que dizem né, que podem gerar que você comece a se atrair pelo próprio gênero, é o que dizem né?

Marcelo mais uma vez inicia respondendo à questão de forma geral, a partir de conversas que havia lido na internet nos grupos que frequentava, mas posteriormente passa a expor aquela que me pareceu ser a questão o deixava mais atordoado. A não certeza sobre sua própria orientação sexual é algo relativamente comum entre adolescentes e jovens, no entanto, no caso de Marcelo os questionamentos e dúvidas típicos da idade foram catalisados pelo contato precoce com pornografia, segundo o

---

<sup>237</sup> O *Nofap* é um movimento amplo que se materializa em diversas redes sociais, sites e canais de youtube, etc. A descrição da comunidade *r/NoFap*, do *Reddit*, por exemplo, é a que segue: “Forum de apoio para aqueles que desejam se recuperar do vício em pornografia e de comportamento sexual compulsivo”. Esta comunidade conta com mais de 1 milhão de participantes. Consulta realizada em 16/01/23.

jovem ele assiste aos conteúdos desde muito novo, e extremamente frequente com conteúdos pornográficos diversos.

Marcelo foi um dos jovens que relatou não falar sobre pornografia com os amigos e nem nunca ter tido nenhum tipo de conversa sobre tais conteúdos com a família. O pertencimento aos diversos grupos on-line sobre o vício em pornografia foram a saída do jovem para melhor compreender aquele que ele acreditava ser o seu problema. Este ponto é notado também para os outros dois jovens que relataram ter vivido uma situação que julgavam ser de vício em conteúdos pornográficos. Ao lidarem com os possíveis efeitos de um contato compulsivo com representações pornográficas os e as jovens notam-se sozinhos; a “solução” é, desta forma, para muitos, encontrada no mesmo espaço em que adquiriram o problema, a internet.

A proliferação de conteúdos pornográficos através da internet levou a uma massificação do contato com tais representações nunca vista na História; lembremos que há pouco tempo, no século XVIII, as representações de Pompéia que tornaram-se pornográficas ao adentrarem o Museu de Nápoles, somente podiam ser acessadas por um público seletivo; o mesmo valia para os romances libertinos, típicos do século XVIII. A popularização destes e das ilustrações que os acompanhavam ao longo do XIX se deu em uma escala muito reduzida. As tecnologias fílmicas que surgiram ao longo de todo o século XX também não conseguiram, em termos de alcance de público, fazer frente a facilidade que a internet ofereceu para o contato com materiais pornográficos. De maneira que, nunca, acessar representações pornográficas foi tão fácil, barato e anônimo.

Os e as jovens que participaram desta pesquisa nos falam da impossibilidade de ser jovem e não ter contato com tais materiais. O surgimento de movimentos como o *nofap*<sup>238</sup>, que se alastram pela internet, sem aparente direção definida e tomando diferentes formas, sejam abordagens mais científicas ou mais religiosas, apenas podem ser entendidos se compreendermos o caldo cultural que os produziram. Neste sentido, tanto a forte proliferação dos conteúdos pornográficos como o enquadramento da necessidade de assistir tais vídeos como vício parecem ser fruto da mesma estrutura ou

---

<sup>238</sup> Atualmente, escrevo em novembro/2022, este é o vídeo mais acessado do youtube.com sobre a questão do vício em pornografia na internet: <https://www.youtube.com/watch?v=wSF82AwSDiU> O vídeo conta com um pouco mais de 15 milhões de visualizações e busca dar um enfoque “científico” para sua abordagem. No entanto, na descrição do vídeo somos avisados que “Esta palestra contém várias afirmações que não são apoiadas por estudos academicamente respeitados em medicina e psicologia. Embora alguns espectadores possam achar úteis os conselhos fornecidos nesta palestra, não consulte esta palestra para obter conselhos médicos.”

da mesma rede de dispositivos denunciados por Foucault na sua descrição da era da sexualidade. O ponto nevrálgico da questão, não previsto por Foucault, é que o discurso sobre a sexualidade sadia foi fortemente deslocado do saber médico institucionalizado e hoje em dia encontra-se disperso em uma miríade de experts sobre o tema; isto quando não é despersonalizado por completo e passa a ser abordado por novas entidades contemporâneas (um canal, um perfil, uma #, uma comunidade). O relato de Camila sobre seu período de vício em pornografia e a os mecanismos que utilizou para superá-lo explicitam de forma mais nítida este processo.

P: Tu comentas sobre um período de vício... Tu poderia me falar mais sobre esse período? Quantos anos tu tinhas mais ou menos? Por que tu considera que esteve de alguma maneira viciada nesses conteúdos? Como tu conseguiu sair desse período?

E: Vou afirmar que eu tinha ali 16, 17 anos, assim, a se foi dois anos? Não, acho que não chegou a ser dois anos desse vício, mas foi um período um pouco longo sim e a tá, como eu consegui sair desse período... bom eu vou começar desde o início. [...] Então a ansiedade contribuiu para isso, porque eu precisava desse prazer mais rápido, quando a gente tá ansiosa a gente precisa tirar aquela energia de dentro de nós e era uma maneira né? [...] O pornô contribuiu mais ainda para eu ter cada vez mais ansiedade, justamente eu criar esse vício, eu não me lembro da explicação biológica, mas realmente depois de um tempo o pornô estimula o nosso cérebro, a serotonina, né que é o hormônio da felicidade, então acaba sendo aquele prazer falso, aquele prazer raso. Estimula ali nossos neurónios e isso, e a gente pede cada vez mais, o que é péssimo. Então depois de um tempo, naquela época, eu comecei a ter essa percepção do quão doentio é. *Porque ali retrata, porque enfim, acho que o vício e a curiosidade veio justamente por ali ter tudo, tudo que é tipo de pessoa, de conteúdo, posição, jeitos, coisas que, eu não vou dizer que hoje em dia é utópico, não, porque cada um, enfim, tem as suas relações de uma maneira, mas coisas um pouco absurdas, né?* Mas como eu consegui sair? [...] Foi na internet mesmo... eu comecei a seguir [nome de um perfil do Instagram] e ela falava muito, ela colocou um artigo e ela comentou sobre o vício. E ali eu comecei a perceber, epa, não tá legal, eu realmente estou viciada, porque eu precisava descontar aquilo através da masturbação no pornô. E era péssimo, depois de um tempo a nossa mente fica suja, e a gente sabe, não que aquilo é ilegal, mas a gente sabe que não é assim que funciona, ou pelo menos não deveria funcionar assim né? *Mas assim, eu me lembro que foi através da internet de algum post, não vou saber te dizer quem, [...] eu só vi uma pesquisa falando, quer deixar de ser viciado, fica mais de um mês sem assistir e depois assiste de novo.* E foi um fato, eu consegui ficar acho que dois meses sem assistir nada. E teve períodos de recaída de assim de a quero olhar, quero pesquisar, mas eu falava não, eu já consegui uma semana, um tempo, vou parar de assistir, então consegui ficar dois meses. [...] enfim, eu me lembro que eu fiquei dois meses sem assistir nada de conteúdos pornográfico, acabei até me esquecendo, enfim na correria do dia a dia, parei, não era mais uma coisa que o meu cérebro pedia né?

Da mesma forma que Marcelo, Camila atribui uma parcela de seu vício a variedade de conteúdos pornográficos disponíveis *on-line* e a noção de que na internet é possível “ver de tudo”. O termo preferencial utilizado por Marcelo para definir tais conteúdos foi “bizarro”, Camila opta pelo termo “absurdas”, sem especificar a atos que

se refere. As falas de Marcelo e Camila indicam que apesar dos roteiros e atos sexuais mais encontrados na pornografia on-line não sofrerem grandes variações, como demonstrei através das análises de conteúdo, o que torna os sites pornográficos tão atraentes para alguns jovens é a possibilidade aparentemente permanente de encontrar algo novo, mais estimulante. Os relatos de Marcelo e Camila são corroborados pelo relato de Roberto. Quando questionado sobre o porquê na sua opinião os jovens buscavam pornografia, eis a resposta do jovem:

E: Assim eu acho que tipo, dependendo da idade eu acho que é porque se torna algo novo *e quando é algo novo a pessoa vê algo novo assim a primeira vez, a pessoa fica daquele negócio, quero ver mais, quero ver isso, quero ver quais são as outras áreas disso*, entendeu, a pessoa acaba procurando e se torna um vício, assim como é um vício de jogo, vício de filme, de série, entendeu?

P:Essa questão de se tornar um vício, tu fala isso por algo que tu já leu da experiência de terceiros na internet ou tu já experienciou essa questão da pornografia, do aspecto do vício dela?

E: Assim eu confesso que eu já tive, realmente eu já tive, bem novo, hoje em dia eu nem ligo, mas tenho amigos que são extremamente viciados, não conseguem ficar sem assistir e sem contar o fato do pessoal na internet ne, muitos falam.

Outros momentos das entrevistas indicam que o que é visto em vídeos pornográficos ao adentrar no universo das conversações entre jovens passam a formar um rol de referências que servem para classificar determinados atos/desejos em normais ou bizarros. Indicando que, tomada enquanto experiência coletiva, a pornografia atua como um possível guia normativo que indica como determinados atos devem ser interpretados.

#### **Caio**

P: Você se sente confortável para conversar sobre pornografia com seus amigos ou amigas?

E: É tranquilo.

P: E esse papo normalmente acontece ou não acontece muito?

E: Não, é só com os mais bizarros mesmo.

P: E o que tu quer dizer com mais bizarro?

E: O veio, sei lá, acho que tem muita agressão e tal, aí falo "o mano, olha isso veio", e os caras "caralho veio", aí ficam disputando para ver quem manda o mais bizarro.

P: E esse mais bizarro normalmente tem alguma coisa a ver com violência ou não necessariamente?

E: Não necessariamente.

P: Que outra coisa tu poderia dar de exemplo como pertencendo a esse universo do mais bizarro?

E: Pô um negócio nada a ver, tipo pé, balão, deixa eu ver que mais os cara faz, é, pô veio, bagulho com escrete, não sei como se fala, como se pronuncia.

P: Coisas com fezes, seria isso?

E: É, isso é bizarro pra caramba.

Marcelo, Camila e Roberto são os três jovens que abertamente relataram ter vivenciado um período de vício nos conteúdos pornográficos. Destes, Camila e Roberto dão o período por encerrado; as falas de Marcelo são mais ambíguas e dão a entender que o jovem ainda estava lidando, a época da entrevista, com situação que buscava descrever. Marcelo foi o único, de todos os jovens entrevistados, que não soube minimamente precisar a idade do primeiro contato, apenas afirmou “fazer muito tempo” que assiste os conteúdos. Camila e Roberto afirmaram, respectivamente, que tiveram o primeiro contato com conteúdos pornográficos com as idades de 13 e 7 anos. Segundo Camila, seu período de vício se deu entre os 16 e 17 anos, Roberto indicou o período dos 12 aos 15 anos como o de vivência de uma situação de vício. Nos relatos dos três jovens é possível perceber a articulação da correlação entre o assistir os conteúdos e sentir-se influenciado. Os jovens relatam o surgimento da vontade de fazer o que viam, de desejos antes inexistentes e do processo de normalização dos atos assistidos. Nas palavras de Roberto:

20) Você gostaria de realizar mais algum comentário sobre este tema?

E: Assim, eu vou dizer por que foi o que aconteceu comigo. Eu acho que o consumo da pornografia quando mais jovem, eu acho que isso afeta muito a pessoa, porque como eu disse, acaba se tornando um vício, se a pessoa não conseguir controlar e tudo que vicia é ruim ne. Eu por exemplo, afetou o meu estudo, eu era tão viciado que eu não estudava. Basicamente, eu só consumia, consumia, consumia... e não estudava, fazendo com que o meu rendimento caísse muito na escola, na verdade não só na escola, em todas as outras áreas. *Sem contar que você começa a ter um vício coisa assim grande assim por você assistir, você pega aquelas um pouco daquelas manias ne? você fica com vontade de fazer um pouco, eu tive poucas coisas que eu tive vontade de fazer, só que eu não fiz, por depois ter repensado muito, mas vinha a vontade de fazer coisa assim, você se imaginava com a pessoa tal, só que eu falo, eu me controlei muito, muito, muito. hoje em dia eu tenho a cabeça bem direitinha, mas eu falo que se eu não me controlasse antigamente provavelmente ia ter dado ruim.*

Roberto nunca chega a esclarecer o porquê o colocar em prática suas inspirações pornográficas teria “dado ruim” ou o porquê foi necessário “repensar muito” as vontades surgidas neste período, mas acredito que para além das informações fornecidas pelas análises de conteúdo anteriormente abordadas, tal ponto é esclarecido pelos relatos dos jovens sobre o que eles e elas reportam já terem visto on-line. Este ponto será debatido no próximo tópico do trabalho.

De alguma maneira, os três jovens falam da experiência similar provocada pela forma como os conteúdos pornográficos são organizados on-line; é preciso entender aqui as maneiras pelas quais as tecnologias representacionais presentes na pornografia disponível na internet engajam os corpos em uma busca da “imagem perfeita, completamente adequada ao desejo do sujeito” (PATTERSON, 2004, p.109) Neste sentido, a existência de uma barra de busca em branco e de aparentes infundáveis categorias são os mecanismos básicos que habilitam a possibilidade de horas de navegação. É neste ponto que a conexão do eixo das tecnicidades e das sensorialidades se materializa; os e as jovens falam com clareza das experiências corporais que os conteúdos provocam, indicando que, possivelmente mais do que outros gêneros fílmicos, a pornografia, na forma como é disponibilizada on-line e os conteúdos que vincula, possui um forte potencial para fazer sentir. Passado um período inicial de curiosidade é em procura de uma resposta corporal vigorosa que os conteúdos são buscados.

Ao longo de suas falas todas as pessoas entrevistadas narram a experiência de se depararem com vídeos que foram indicados pelos mecanismos de busca e algoritmos dos sites pornográficos em que estavam navegando. Da mesma forma como o youtube.com, os sites pornôis utilizam um sistema de recomendação de vídeos; tal sistema é comandado por inteligência artificial que a partir de técnicas de *machine learning* realiza uma série de indicações para o usuário. Para termos uma ideia, no caso do youtube.com, cerca de 70%<sup>239</sup> do tempo assistido na plataforma é fruto das recomendações direcionadas pela inteligência artificial. Ou seja, uma fração reduzida do que é visto na plataforma é fruto de buscas orgânicas dos usuários.

A forma como os conteúdos são disponibilizados nos sites torna-se, portanto, tão importante quanto os conteúdos em si para compreendermos a maneira como os jovens engajam-se com a pornografia, não apenas enquanto gênero, mas enquanto tecnologia representacional. Lembro aqui que o objetivo momentâneo é procurar entender o porquê de um número tão expressivo de jovens relatar um impacto negativo das representações pornográficas em suas vidas. Acredito que, da mesma forma que para plataformas como youtube.com, os sites pornográficos são grandes candidatos a instigarem um efeito *rabbit hole* nos e nas usuárias. Tal efeito é narrado, como já demonstrei, em específico pelos três

---

<sup>239</sup> SOLSMAN, Joan E. **YouTube's AI is the puppet master over most of what you watch.** Cnet, 10/01/2018. Disponível em: <https://www.cnet.com/tech/services-and-software/youtube-cs-2018-neal-mohan/> Acesso 20/02/2023

jovens que indicaram ter vivido um período de vício nos conteúdos pornográficos, mas aparece também nas falas de outros e outras entrevistadas.

De forma bastante simplificada, a teoria do *rabbit hole*<sup>240</sup> (toca do coelho) aponta que a forma como inteligência artificial de sites como youtube.com opera tende a levar, através das recomendações automáticas, os e as usuárias a um espiral de vídeos que favorecem teorias da conspiração, *fake news* e vídeos com conteúdos sexuais. Acredito que a aplicação de tal teoria para o universo da pornografia on-line, explique, ao menos em parte, o alto número de jovens que classificaram, em algum momento da entrevista, ter assistidos conteúdos que consideraram “bizarro” (três entrevistados), “absurdo” (um entrevistado) ou “estranho” (uma entrevistada). Para além deste fato, as entrevistas e as respostas ao questionário apontaram para a completa normalização de visualização de cenas consideradas pelos jovens como violentas ou degradantes. Para muitos dos jovens tais cenas simplesmente apareceram ao navegarem pelos sites. Ponto que abordarei na próxima seção do trabalho.

O ponto que gostaria de ressaltar ao finalizar esta seção é de que a ampla maioria dos e das jovens serem capazes de reconhecer os conteúdos pornográficos como irrealistas, não garante, para a maioria, uma “navegação” tranquila pela paisagem pornográfica presente na internet. Ao contrário de outros estudos (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009), o cenário desenhado pela pesquisa indica que para uma parcela significativa dos e das jovens lidar com os efeitos da presença constante das representações pornográficas em suas vidas é problemático. Insisto em apontar para o vazio educacional, seja parental ou de instituições de ensino, no que tange as discussões sobre gênero, sexualidade e corpo que atingem os e as jovens que participaram da pesquisa. Neste sentido, é preciso apontar para o grande *gap* que parece existir entre os anos em que os primeiros contatos ocorrem e o momento em que na vida dos jovens as entrevistas foram realizadas. Este intervalo de tempo, que tende a ser de no mínimo seis anos, se considerarmos a idade de 12 anos como a idade do primeiro contato e o momento da entrevista como tendo ocorrido aos 18 anos, mas que pode ser maior, no caso dos

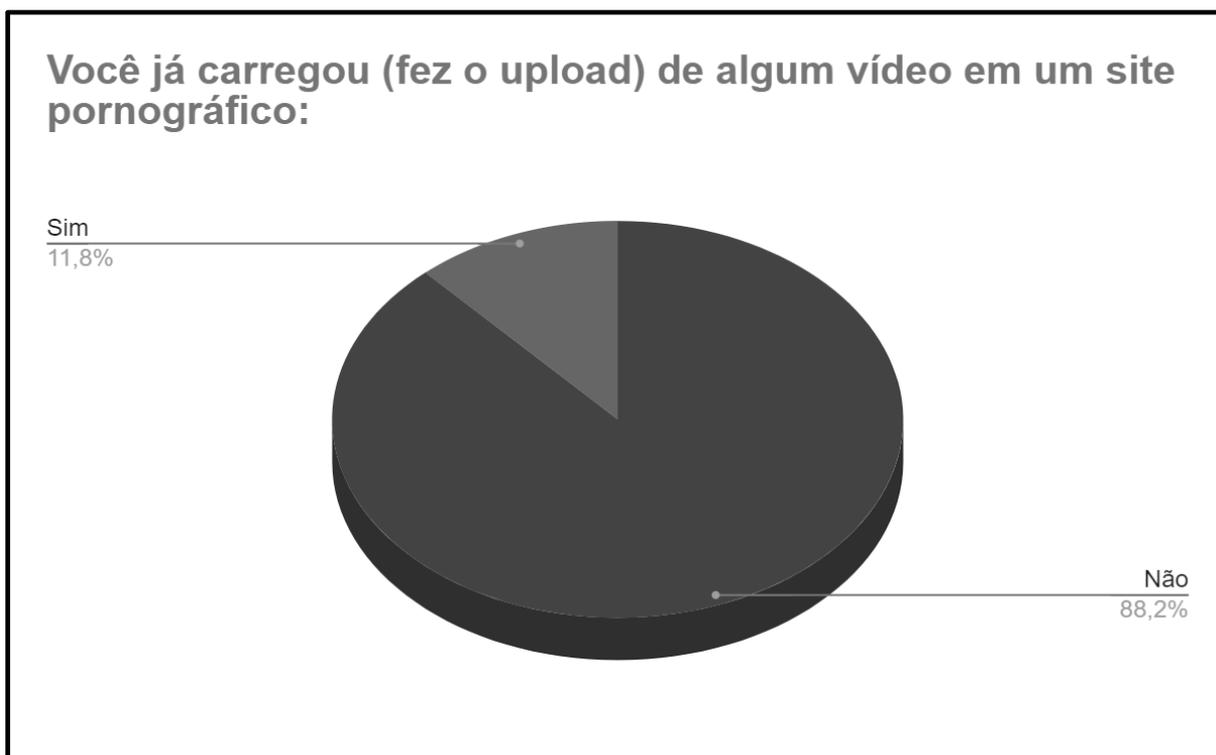
---

<sup>240</sup> GEYSER, Werner. **How Does the YouTube Algorithm Work: A Peek into its Changes in 2023.** Influencer Marketing Hub, 14/02/23. Disponível em: <https://influencermarketinghub.com/how-does-the-youtube-algorithm-work/> ESTEVES, PEDRO. **Como o YouTube transforma moderados em radicais.** Publico, 02/02/2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/02/tecnologia/noticia/youtube-transforma-moderados-radicaais-1902314> KAISER, Jonas; RAUCHFLEISCH, Adrian. **The implications of venturing down the rabbit hole.** Internet Policy Review: Jornal on internet regulation. 27/06/2019. Disponível em: <https://policyreview.info/articles/news/implications-venturing-down-rabbit-hole/1406>

contatos mais precoces, mostra-se como um período complexo na relação dos jovens com as referências pornográficas as quais tem acesso. Por ora, torna-se claro que compreender as possíveis explicações do impacto negativo das representações pornográficas na vida dos e das jovens passa também necessariamente por compreendermos que tipos de conteúdos estão sendo acessados pelos jovens.

### **Conteúdos, Narrativas e Identidades**

Gostaria de retomar neste momento um debate importante que apresentei na primeira parte deste trabalho. Ao realizar a apresentação do que seria a web 2.0, suas características fundamentais e forma como a lógica 2.0 foi incorporada pelos sites pornográficos apontei que o compartilhamento de mídias nos sites pornô atua como um catalizador de relações sociais on-line (TYSON et al, 2015). No entanto, mesmo diante deste estímulo social, a grande maioria dos usuários do *pornhub.com*, 80%, não envia nenhum objeto de mídia, foto ou vídeo, a plataforma; indicando que, ao menos para o caso específico do *pornhub.com* que foi o objeto da análise da pesquisa mencionada acima, a maioria dos usuários atua como meros consumidores. Me propus a averiguar tal questão junto aos jovens participantes da pesquisa com o intuito de compreender melhor a forma de vinculação dos jovens com os portais acessados. De forma similar a pesquisa de Tyson et al, 2015, também notei que a ampla maioria dos jovens que acessam pornografia on-line constitui-se, no que tange o acesso aos portais pornográficos, apenas de consumidores de mídias e não de produtores ou divulgadores.

Gráfico 36- *Upload* em site pornográfico

Fonte: Produzido pela autora (2023)

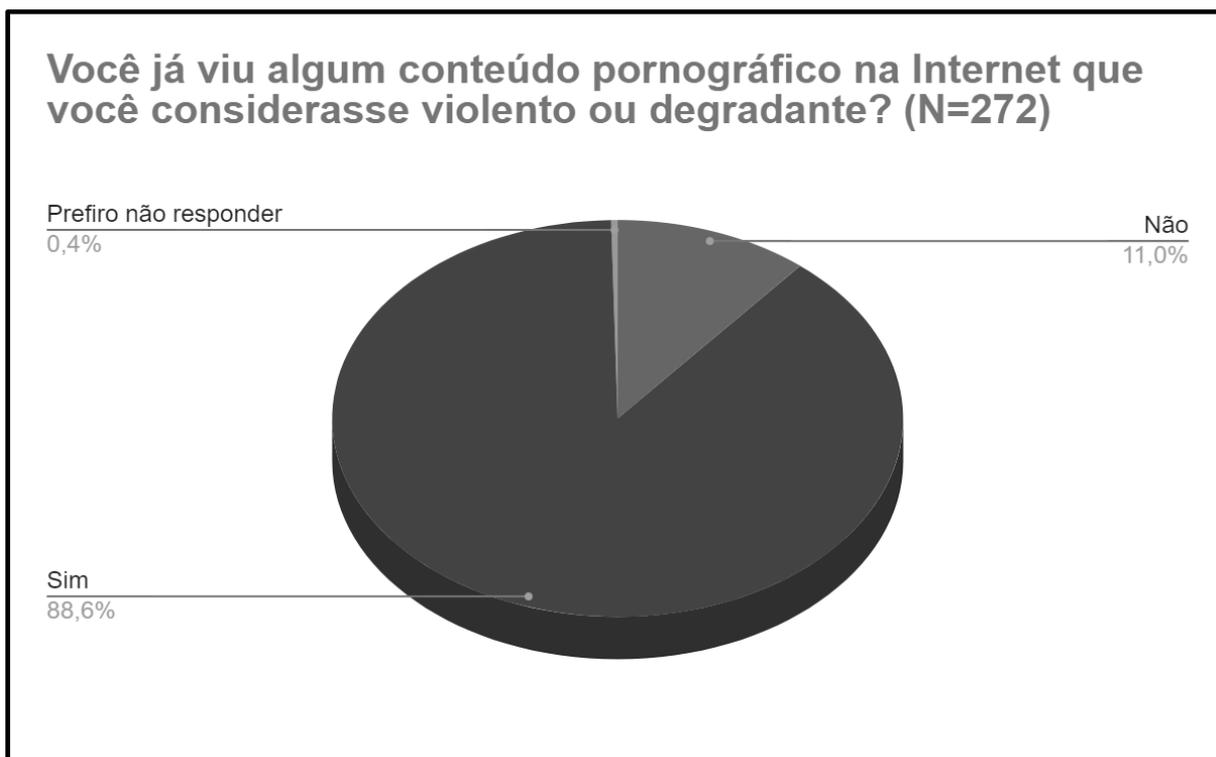
Dos e das jovens que responderam à questão ( $n = 272$ ), a ampla maioria ( $n=240$ ) afirmou nunca ter realizado o upload de um vídeo em um site pornográfico. A fração diminuta de jovens ( $n=32$ ) que afirmaram já ter realizado upload em um site pornô é composta majoritariamente de homens ( $n=26$ ), com apenas 4 mulheres afirmando já ter realizado tal ação. Há, portanto, o forte indicativo, de que, no que tange sites pornográficos, a postura da maioria dos jovens assemelhasse mais aquela típica da web 1.0 do que as características do universo *prosumer*.

Dois pontos me parecem relevantes de serem ressaltados sobre a presente questão. O primeiro é que mesmo este percentual, de 11,8%, sendo pequeno quando comparado aos 88,2% de pessoas que afirmaram nunca ter realizada upload de vídeo em sites pornográficos, ao realizar um exercício puramente especulativo, similar ao realizado por Martellozzo et al., 2017, e considerando as proporções encontradas pela pesquisa, poderíamos supor que: dada a existência de cerca de 17 milhões de jovens no Brasil com idade entre 15 e 19 anos (IBGE/2010), teríamos cerca 2 milhões de jovens, nesta faixa etária, que já realizaram algum upload em um site pornográfico. Realizo tal exercício não com o intuito de instituir pânico morais em torno da questão, mas como forma de exemplificar uma parte do funcionamento dos portais de pornografia da internet e a forma

como o conceito de “conteúdo gerado pelo perdedor” materializa-se no caso da pornografia. O outro ponto que me parece relevante é que o fato da maioria dos jovens não se comportar como compartilhadores de mídias em portais pornográficos na internet, não implica em afirmar, como demonstrarei mais adiante, que estes jovens não estão produzindo e compartilhando mídias explícitas.

Uma parte fundamental da presente pesquisa centra-se em buscar a averiguar se as análises de conteúdo a que fiz referência no primeiro momento deste trabalho faziam eco as experiências dos e das jovens com conteúdos pornográficos. Dada a importância dos debates feministas e dos estudos pornôs sobre a presença de conteúdos violentos ou degradantes na pornografia e suas possíveis consequências, iniciei questionando os jovens se “Você já viu algum conteúdo pornográfico na Internet que você considerasse violento ou degradante?”. A questão foi respondida por 272 pessoas:

Gráfico 37- Contato com conteúdo violento ou degradante



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Esta questão não apresentou variações significativas de acordo com o gênero ou outro marcado social. O fato de apenas 11% (n=30) das pessoas afirmarem nunca ter tido contato com algum conteúdo que considerassem violento ou degradante indica que cenas deste tipo, que apresentam violência ou degradação, são normativas na pornografia on-

line com as quais a juventude tem contato. Ao explorar tal cenário nas entrevistas, alguns elementos do que já abordei anteriormente voltam à tona e tornam-se mais claros.

Dos dez jovens entrevistados, apenas uma jovem afirmou nunca ter tido contato com algum material que considerasse degradante ou violento. Esta jovem afirmou já ter visto cenas que continham atos que poderiam ser considerados violentos, mas que todo tipo de violência que ela viu representada foi considerada por ela como consentida, fazendo parte de um subgênero da pornografia voltado ao BDSM. Por considerar que houve consentimento para a realização dos atos, a jovem afirmou sentir-se tranquila e não incomodada em assisti-los. Além desta jovem, Michel foi o único outro entrevistado que realizou ao longo de sua fala a distinção entre violência ou atos de agressão consentidos e não consentidos. No entanto, este jovem afirmou que ambas as formas de violência eram comuns na pornografia on-line.

A grande maioria dos e das entrevistadas, oito das dez pessoas entrevistadas, também afirmou considerar que cenas de violência, agressão ou que mostram algo degradante são comuns na pornografia acessada via internet. Um entrevistado afirmou considerar que tais cenas pertenciam a nichos específicos da pornografia, que apesar de facilmente encontráveis, assistir tais cenas dependia de uma busca mais ativa do usuário. No entanto, os números levantados pelo questionário e as experiências narradas nas entrevistas indicam que tais conteúdos fazem parte da paisagem pornografia on-line e que para o frequentador ou frequentadora de sites pornográficos deparar-se com alguma cena deste tipo, é questão de tempo. A forma como os conteúdos são organizados e apresentados surge novamente aqui como significativa. A maneira como o processo de indicação de vídeos por algoritmos ocorre, materializa-se nas falas dos e das jovens. Os relatos apresentados a seguir surgem a partir das perguntas doze e treze propostas no roteiro das entrevistas.

#### **Letícia**

E: Já, eu lembro que eu tava, consumindo pornografia e normalmente aparecem vídeos que eles te indicam né. Tipo a assiste isso ou a isso é diferente, vê que tu gosta e era uma coisa assustadora. Parecia um filme de terror, eu acho que até tem esse intuito de fazer uma... um ambiente que pareça filme de terror e bem esquisito, usando a objetos que eu acho que são interessantes para usar durante o sexo, mas uma forma violenta mesmo, querendo machucar e muito, muito... bateção e soco, tipo foi esquisito assim, foi bem desconfortável. Muito desconfortável.

O relato de sentir-se desconfortável perante a determinado conteúdo foi frequente durante as entrevistas. Este termo, desconfortável, foi utilizado por seis, cinco homens e uma mulher, dos dez jovens entrevistados para descrever como haviam se sentido após assistir uma cena pornográfica em que consideraram que houve violência, agressão ou degradação. A sensação de medo ou de sentir-se assustada foi narrada por duas das jovens entrevistadas. Fiquemos com o relato de Caio e Camila:

**Caio**

E: Aham, po veio, o cara enfiando a agulha no peito da mina, aí foi foda, aí me prejudicou.

P: E como tu te sentiu vendo essas cenas?

E: Desconforto né.

P: E esse material, tu não estavas procurando necessariamente por uma pornografia mais violenta, ele simplesmente apareceu?

E: Só apareceu

**Camila**

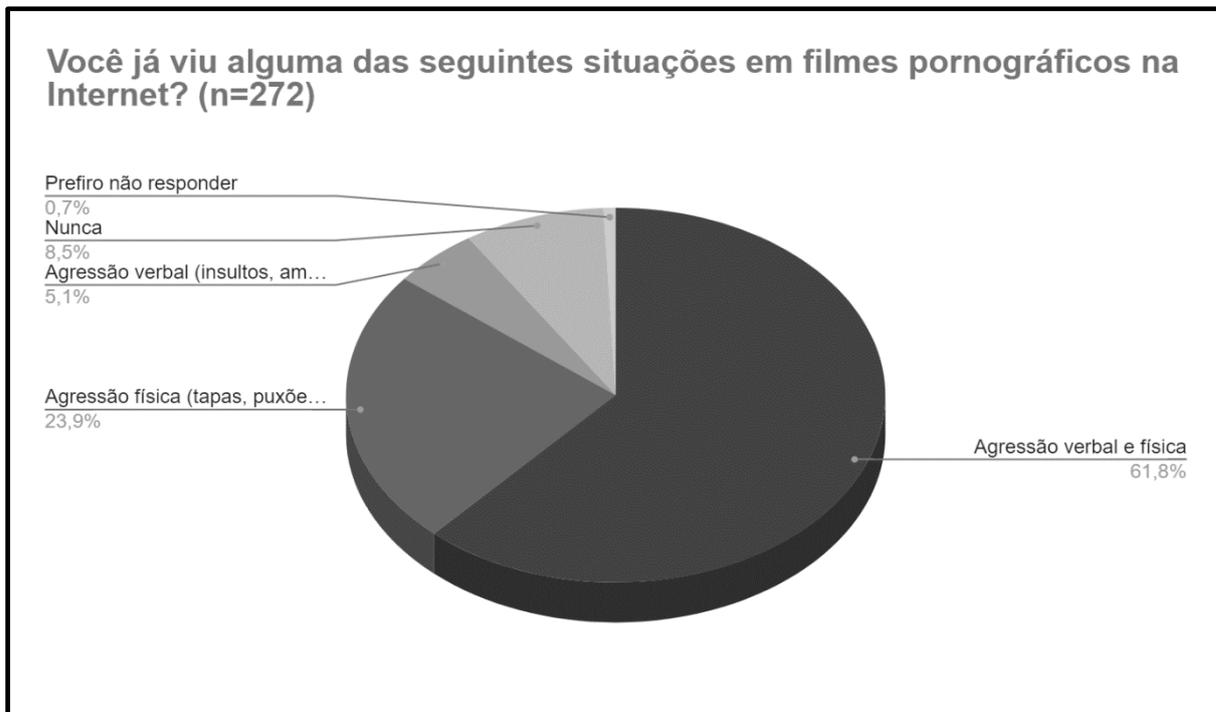
E: Já, tem um pornô que muito tempo atrás eu recebi que até hoje está na minha memória no meu inconsciente. No grupo da turma mandaram o ato sexual de uma mulher pelada, amarrada no vestiário masculino na qual diversos homens, mais de cinco, faziam o ato sexual, cada um fazia um pouquinho. Vídeo de extrema violência, fiquei meses com medo de homens mais velhos e por muito tempo achava o normal da sociedade.

Tais narrativas permitem a compreensão de outros aspectos do possível impacto negativo, que uma parcela dos jovens afirmou perceber, da pornografia em suas vidas. A especificidade com que alguns e algumas entrevistadas souberam narrar as cenas que haviam lhes impactado mais profundamente indica um efeito prolongado dos vídeos na memória visual dos e das jovens. Ao analisar, então, de forma mais detida aos atos de violência, agressão ou degradação que os e as jovens afirmaram ter tido contato, nota-se não apenas a confirmação de elementos já apontados pelas análises de conteúdo, como indicativos que determinados atos de agressão física são mais comuns e normativos na experiência dos jovens com pornografia do que as revisões de conteúdo indicavam. Os dois gráficos que seguem são frutos de perguntas do questionário que buscavam averiguar situações já vistas pelos jovens na pornografia on-line.

A primeira questão permitia apenas uma escolha, a segunda permitia a eleição de mais de uma resposta. A primeira questão foi respondida por 272 pessoas e a segunda por 234 pessoas. As alternativas de resposta para a primeira questão eram: Agressão verbal

(insultos, ameaças, linguagem agressiva), Agressão física (tapas, puxões de cabelos, sufocamento etc.), Agressão verbal e física, Nunca, Prefiro não responder.

Gráfico 38- Tipos de Agressão



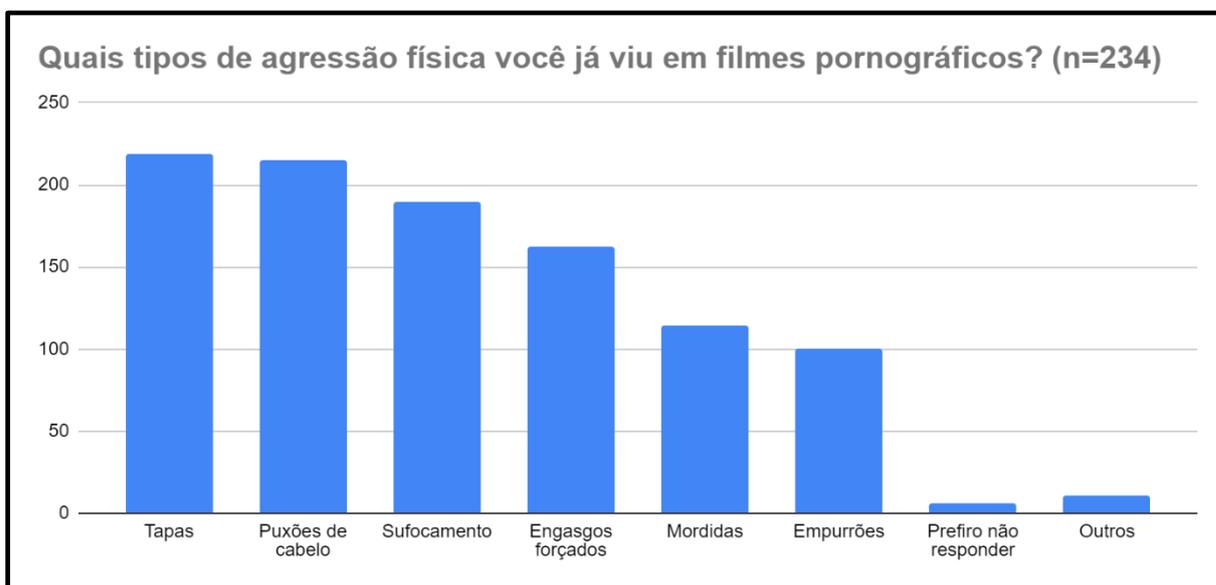
Fonte: Produzido pela autora (2023)

Pela questão é possível ver que 90,8% das pessoas afirmam já ter visto alguma cena que envolvesse agressão em um filme pornográfico e que ampla maioria já assistiu tanto a cenas de agressão física quanto verbal (61,8%). Vale lembrar que mesmo havendo uma variação na presença de atos de agressão física ou violência nas amostras analisadas, diversas pesquisas (FRITZ; PAUL, 2017; SHOR; SEIDA, 2018; SHOR, 2019; FRITZ et al., 2021), consideradas na primeira parte deste trabalho, apontaram que as cenas de violência, em especial física, estavam presentes em cerca de 30% ou mais da amostra considerada pela pesquisa. De maneira que apontei, naquele momento, que cenas que contém agressão e ou violência física são relativamente comuns na pornografia disponível *on-line*.

Ao analisar a forma como tais conteúdos chegam aos jovens é preciso notar, no entanto, para um cenário ainda mais profundo de normatização de tais atos; vivenciar o mundo da pornografia *on-line* para os e as jovens implica em ter contato com cenas de agressão e ou violência, independente da intenção ou vontade daquele que consome tais conteúdos. Quando os jovens foram solicitados a especificar os atos de agressão vistos,

nota-se, mais uma vez, o processo de disseminação massificada de atos específicos, alguns dos quais as pesquisas anteriormente citadas classificavam como atos não normativos.

Gráfico 39- Tipos de Agressão Física



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Segundo o levantamento, o ato de agressão física mais visto por jovens foram tapas (visto por 93,5% das pessoas que responderam à questão) e o menos visto foram empurrões (visto por 42,7% das pessoas que responderam à questão). Tais atos, que foram considerados pelas pesquisas de análise de conteúdo como medidas concretas de agressão física, constituem-se, portanto, como um conjunto de atos que são experienciados usualmente por aqueles que entram em contato com conteúdos pornográficos on-line. Me interesse aqui, no entanto, em particular, por dois atos específicos que foram alvo de quantificação por parte das pesquisas revisadas na primeira parte da pesquisa: tapas e engasgos forçados (*gagging*).

Recordemos que segundo as pesquisas de análise de conteúdo, o registro de palmadas ou tapas nas amostradas oscilou entre 7% (PETERS et al., 2014) e 39,8% (FRITZ et al., 2021) das cenas/vídeos analisados. Já o índice de engasgos forçados (*gagging*) variou entre 18,8% (KLASSEN; PETER, 2014) e 25,64% (SHOR, 2019) nas amostras de vídeos/cenas analisados. O questionário aplicado apontou que cenas com tapas e engasgos forçados foram vistos, respectivamente, por 93,5% e 69,2%, dos jovens que responderam à questão (n=234). Tais dados demonstram que certos atos não precisam

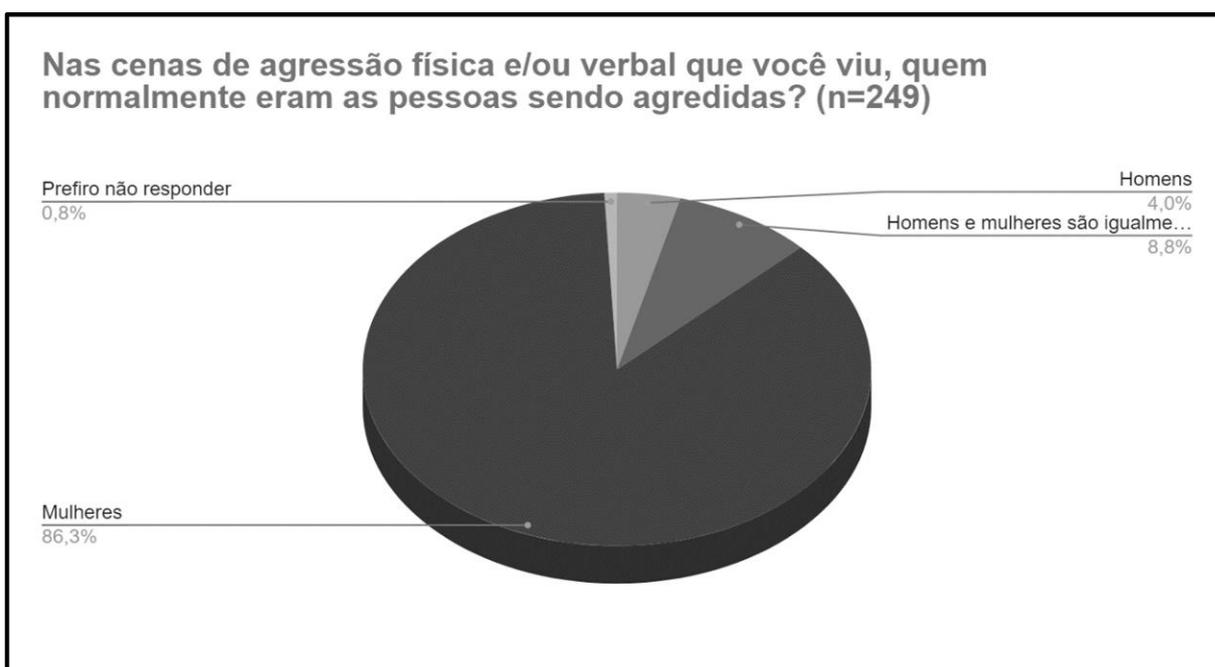
estar presentes na maioria dos vídeos disponíveis on-line para serem vistos pela ampla maioria dos jovens.

A precocidade, a alta frequência de contato e o sistema de indicações de vídeos são fatores que explicam o porquê atos tão específicos e considerados não normativos na vida social, como *gagging*, pertencem a paisagem visual informada pela maioria dos jovens que tem contato com conteúdos pornográficos on-line. A pesquisa indica, desta forma, que as representações pornográficas seguem cumprindo a função que Adrienne Rich (2010) já lhes atribuía nos anos 1970: ampliar o conjunto de comportamentos considerados aceitáveis para os homens em seus intercursos heterossexuais. A tradução dos números em experiência se dá de forma clara e concisa no relato de Jorge, um dos jovens entrevistados. Ao ser questionado sobre a probabilidade de ao entrar em um site como o *pornhub.com* ou o *xvideos.com* encontrar alguma cena de agressão, o jovem explica: “Esses sites têm o que? Uns 50 vídeos na página da frente... deve ter uns 10, mais ou menos [que contêm agressão], não é a maioria, mas claramente tá lá e você vai ver”.

Neste ponto, talvez seja prudente lembrar que a presente tese não possui como pressuposto a defesa de um tipo politicamente correto de representação da sexualidade, nem tampouco advoga por uma representação única das possíveis experiências sexuais humanas. Ao apontar criticamente para o processo de normatização de cenas de violência, agressão e degradação na pornografia disponibilizada on-line não teço uma crítica as possíveis experiências no estilo BDSM em torno da sexualidade, tal qual uma parcela do movimento feminista nos anos 1970 teceu.

A pesquisa na verdade apenas confirma e reitera, talvez de forma mais pungente, o que já foi e é apontado por uma série de autoras como o ponto problemático da pornografia no que pese uma perspectiva de gênero: a inexistência de reciprocidade e a fixidez de uma série de atos e comportamentos. Tal ponto é percebido com clareza pelos jovens participantes da pesquisa. Ao serem questionados sobre a forma como homens e mulheres são tratados nos vídeos pornográficos disponíveis on-line: 96% dos jovens (n=261) afirmaram que homens e mulheres são tratados de formas diferentes, apenas 2,6% (n=7) afirmaram que homens e mulheres são tratados da mesma maneira. Os dados que fornecem materialidade para esta afirmação, que isoladamente pode ser considerada um tanto quanto vaga, são os que apresento nos dois gráficos que seguem:

Gráfico 40-Percepção de gênero da pessoa alvo das agressões nas representações pornográficas



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Gráfico 41- Percepção de gênero da pessoa agressora nas representações pornográficas



Fonte: Produzido pela autora (2023)

A percepção dos e das jovens vai ao encontro dos dados levantados pelas pesquisas (KLASSEN; PETER, 2014; ZHOU; PAUL, 2016) que em suas revisões de conteúdo dedicaram-se a verificar quem eram, nas cenas e vídeos que compunham suas amostras, os perpetradores dos atos agressivos/violentos e quem eram as pessoas alvo das

agressões. Em especial, Zhou e Paul (2016) apontaram, a partir de uma amostra formada por vídeos de categorias populares do Xvideos, que 68,3% dos atos codificados como agressivos foram perpetrados por homens e em 88% de tais atos foram direcionados às mulheres. Tal ponto é especificado nas entrevistas. Ao relatarem as cenas que assistiram que teriam os deixados desconfortáveis nenhum jovem, de qualquer gênero, fez menção a cenas que tivessem como alvo das agressões um homem; em todas as narrativas foram as mulheres que surgiram como as receptoras da agressão ou violência percebida, mesmo nos poucos contextos em que a agressão não era necessariamente realizada por um homem<sup>241</sup>.

#### **Roberto**

E: A tinha no caso o rapaz enforcando a mulher com as duas mãos né? Enforcando... ficando a marca dos dedos, dando uns tapas muito forte no rosto, ficando a marca da mão. Sei lá cara, eu não gosto de ver coisa assim agressão assim, não gosto, to andando na rua, vejo alguém discutindo e já não gosto, ai então, me sinto desconfortável.

#### **Letícia**

E: [...] eu lembro que uma vez apareceu uma propaganda de um de um vídeo que era mulheres brigando tipo uma luta, um ufc assim, e aí elas transavam. Só que era horrível, elas estavam literalmente se batendo e se dando socos, foi muito desconfortável. E eu lembro que eu era, eu era nova assim então eu tava querendo descobrir, aprender mesmo, como funcionava e acho que até aceitei muitas coisas porque eu achava que fazia parte dessa relação, do sexo, essa violência assim.

Acredito, dado todos os elementos analisados acima, ser possível afirmar que a experiência de assistir pornografia on-line coloca em prática uma pedagogia do gênero, da sexualidade e dos corpos intimamente conectada com a noção de pedagogia da crueldade, já apresentada anteriormente. Há um investimento simbólico, que é difuso, descentralizado em termos produtivos, na formação de um *ethos* marcado pela fusão da sexualidade com a violência de gênero. As narrativas pornográficas e o sistema de representação (*voluptas-violentiam*) que estas colocam em prática contribuem para a constituição, portanto, de figuras de identidade marcadas pelo gênero e pela capacidade de agredir ou pela disposição de ser agredida. Acredito não ser possível compreender o elevado número de jovens que relataram sentir-se impactado negativamente pela pornografia sem levarmos em consideração este sistema de representação fortemente marcado pela violência. A existência de tal sistema representativo também deve ser

---

<sup>241</sup> Faz-se eco aqui a pesquisa de Shor e Seida (2021) que registrou a ocorrência de *spanking* em quase 25% dos vídeos da categoria “lésbica”, em quase 15% dos vídeos da categoria “gay” e em cerca de 7% dos vídeos da categoria “heterossexuais”.

tomada como fator de explicação para os dados que indicam uma assimetria no contato com conteúdos pornográficos de acordo com o gênero, já explicitada acima.

Passo longe aqui, no entanto, de afirmar um efeito monolítico de tais representações e tampouco de instigar a noção de que os e as jovens são completamente manipuláveis pelos conteúdos com que tem contado. De fato, é preciso notar um elevado grau de criticidade frente as representações acessadas. Passo a me questionar agora, juntamente com a leitora e o leitor que até o momento persistiram, sobre as possibilidades que existiriam fora desta proposta pedagógica pornográfica? Quais narrativas contra-hegemônicas sobre a sexualidade, o gênero e os corpos podemos encontrar nas culturas juvenis?

### **Cidadanias em rede: habitar o virtual sem perecer**

A mediação das cidadanias/*urbanitas* diz respeito no mapa barberiano as possibilidades de se “habitar os espaços-tempos do caos e da instabilidade”. Barbero antecipa, desta forma, novas maneiras e espaços de cidadania que vão além do território fixo da cidade. Me interessa aqui em específico pela forma como os e as jovens habitam as redes virtuais, mas não apenas estas, e movimentam-se pelos fluxos de comunicação que são gerados a partir dos discursos que aqui venho me propondo analisar.

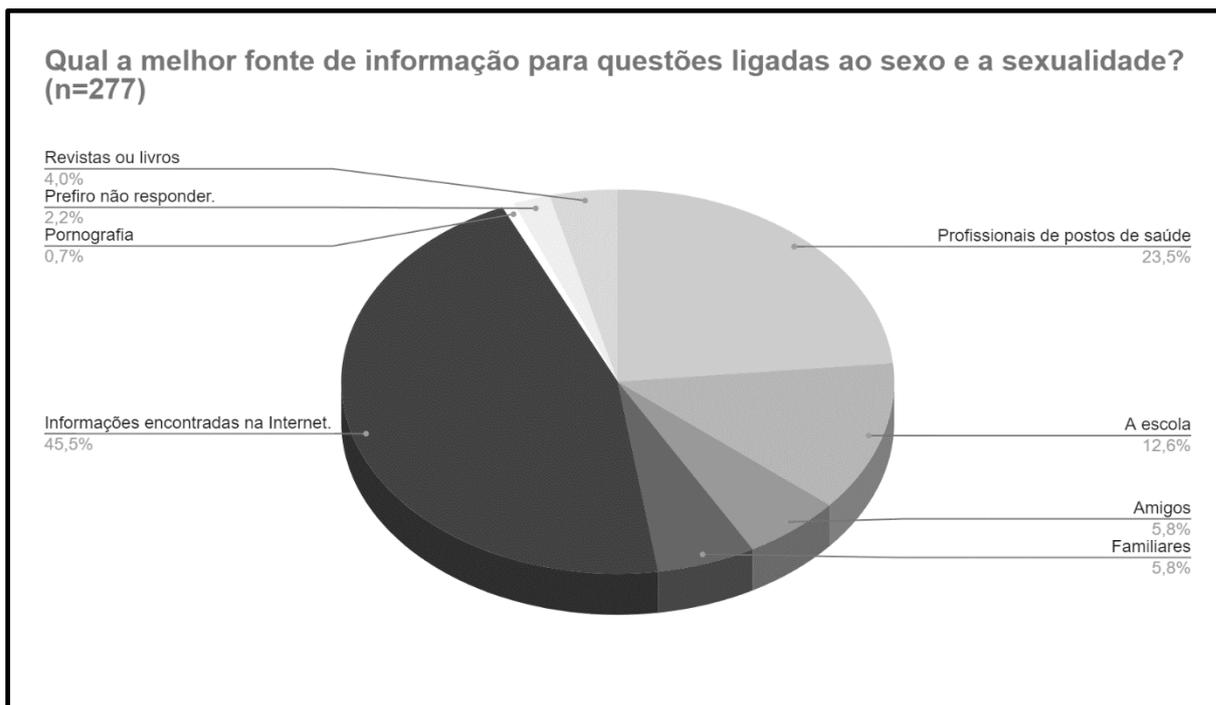
Muitas das linhas acima foram dedicadas a tentativa de delinear tanto os principais traços da paisagem pornográfica existente on-line quanto a forma como os e as jovens percebiam este cenário, muitas vezes, distópico. Em que pese a pornografia ser uma referência importante, como procurei demonstrar, sobre a sexualidade na vida dos jovens, ela não é a única. A percepção do irrealismo das representações pornográficas, a crítica a forma como tais conteúdos representam as relações de gênero e um entendimento amplo de que o consumo de pornografia pode vir a ter efeitos danosos são, ao menos em parte, frutos do contato dos jovens com outras referências sobre a sexualidade e gênero que demonstram a existência de outros materiais e vivências que disputam, muitas vezes de maneira antagonista com as representações pornográficas, as narrativas possíveis sobre sexualidade, os gêneros e os corpos.

Muitas das reflexões apresentadas nessa seção dizem respeito a elementos que trouxe à tona nas partes iniciais deste trabalho, em especial quando abordei os desafios envolvidos no desenvolvimento de habilidades, técnicas e sociais, para a utilização dos meios digitais. De maneira que, muitos dos elementos que surgirão na sequência fazem eco as questões levantadas por autores como Henry Jenkins quando estes pensam as

relações que surgem entre cultura participativa, convergência dos meios e educação. Me dedico, a partir de agora a procurar compreender de maneira mais profunda como se dão tais disputas.

Uma das questões (n=277) apresentadas pelo questionário aos participantes da pesquisa buscava aferir qual seria, na opinião dos jovens, a melhor fonte de informações para questões ligadas ao sexo e a sexualidade:

Gráfico 42- Fontes de informação sobre sexo e sexualidade



Fonte: Produzido pela autora (2023)

É preciso notar aqui a consolidação de algo que já havia apontado anteriormente: a autoridade discursiva sobre a sexualidade sadia foi fortemente deslocada do saber médico institucionalizado e hoje em dia encontra-se dispersa na rede. Não só o item “informações encontradas na Internet” foi apontado como a melhor fonte de informações para questões ligadas ao sexo e a sexualidade pela ampla maioria das pessoas (45,5%), mas como instituições tradicionais como a família e a escola foram relegadas a um espaço extremamente secundário no que tange tais temas. O saber médico institucionalizado ainda figura na lista de fontes possíveis de informações sobre tais questões, surge, no entanto, em um segundo lugar distante, aparecendo através do item “profissionais de postos de saúde” que foi escolhido por 23,5% das pessoas como a melhor fonte de informações sobre temas relativos a sexo e a sexualidade.

Como se tornará mais claro a seguir, o campo do saber médico parece não dar conta das demandas do contemporâneo sobre a forma como as pessoas relacionam-se com seus corpos e com a saúde de uma maneira mais ampla. Tal ponto já é apontado por outras pesquisas<sup>242</sup>, ainda que não acadêmicas, que indicam a predileção de gerações mais novas por conteúdos de saúde produzidos por influenciadores digitais do que aqueles apresentados por médicos em consultas e hospitais.

Nesta questão em particular, a presença dos jovens em instituições de ensino resultou em variações significativas na forma como os itens presentes no gráfico acima foram pontuados. Em nenhum dos grupos considerados (jovens frequentadores de escolas públicas ou particulares, jovens frequentadores de universidades públicas ou particulares e jovens que não frequentam instituições de ensino) houve uma alteração significativa na ordem das opções escolhidas. A exceção do grupo de pessoas que frequentam universidades públicas, em que houve um equilíbrio entre os itens “informações encontradas na internet” e “profissionais de postos de saúde”, ambos sendo escolhidos por 35,7% das pessoas deste grupo como representando a melhor fonte de informações sobre questões ligadas ao sexo e a sexualidade. Nos outros grupos, tais itens figuraram sempre em primeiro e segundo lugar, respectivamente, nas escolhas dos jovens.

No entanto, em dois grupos específicos, o item “informações encontradas na internet” foi pontuado por mais da metade dos jovens como sendo a melhor fonte de informações sobre questões ligadas ao sexo e a sexualidade. Junto aos jovens que não frequentam instituições de ensino (n=36) e aos jovens que estudam em universidades particulares (n=53) o item “informações encontradas na internet” foi eleito, respectivamente, por 58,3% e 54,7% das pessoas como sendo a melhor de informações sobre questões relacionadas ao sexo e a sexualidade.

Ao longo de suas falas os e as jovens entrevistados dão indicativos sobre quais espaços, materiais e figuras servem de referências para as dúvidas e questões que podem vir a ter sobre temas ligados a sexualidade: grupos em redes sociais (em especial no *reddit* e *discord*), perfis no Instagram, textos em pdf enviados por amigas, informações encontradas no *Twitter* e em sites. O fluxo de informações, por vezes, não envolve necessariamente apenas a Internet, muitas vezes as informações ou vídeos vistos on-line tornam-se pauta de conversas entre os jovens e o que se vê em marcha é um processo que

---

<sup>242</sup> GORDON, Deb. **33% da Geração Z confia mais no TikTok do que em médicos, diz estudo**. Forbes, 24/12/2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbessaude/2022/12/33-da-geracao-z-confia-mais-no-tiktok-do-que-em-medicos-diz-estudo/>

parece característico das culturas participativas e da convergência dos meios. Ao questionar um dos jovens entrevistados sobre a forma como a temática da pornografia aparecia em seu grupo de amigos, recebo uma resposta que conta pouco sobre pornografia, mas muito sobre a maneira como, ao menos alguns jovens na atualidade, lidam com questionamentos e dúvidas de maneira mais ampla.

P: Você se sente confortável para conversar sobre pornografia com seus amigos ou amigas?

**Roberto**

E: A assim não é um papo que a gente chegou a conversar e pronto já entrou nesse assunto. Não, as vezes tá conversando aí do nada entra nesse assunto e aí a gente vai, a gente vai conversando. Aí cada um vai perguntando alguma coisa, quem sabe, tira dúvida e responde, entendeu? As vezes a gente fica na dúvida e a gente vai lá pro próprio sub<sup>243</sup> do reddit, entendeu?

P: E as dúvidas são de que tipo? Tu poderia me dar um exemplo de que tipo de dúvida surge?

E: A é umas dúvidas meio estranhas. A última vez que teve uma dúvida lá, foi de tipo assim, qual o nível de limpeza que a pessoa tinha que ter para você sentir um prazer, para você ter uma relação, não só em relação ao toque, mas relação namorar coisa assim, beijar, simplesmente isso, a dúvida (risos).

A existência de múltiplas plataformas digitais em que os e as jovens podem não apenas consumir um produto finalizado de mídia (como um texto ou vídeo), mas interagir, realizar perguntas, oferecer narrativas e experiências próprias e criar comunidades de interesse torna-se fundamental para compreender o porquê a internet surge como meio privilegiado de aprendizagem dos jovens na atualidade. Faço referência aqui em específico a questões relacionadas a sexo, gênero e sexualidade, mas cabe notar que este é um processo mais amplo, que envolve a capacidade dos jovens em transitar “com muita habilidade na construção cotidiana dos ‘saberes-mosaicos’, dispersos e fragmentados de nosso tempo.” (JACKS; SCHMITZ, 2017, p. 3)

Em específico sobre a pornografia, dos dez jovens entrevistados, sete (três homens, três mulheres e uma pessoa não binária) afirmaram sentir-se confortáveis para conversar com amigos sobre pornografia. Alguns afirmaram que tais conversas eram raras em seus grupos de amigos, outros indicaram que estas ocorriam com alguma frequência, no entanto, o que me parece importante destacar é a existência de um fluxo de informações que não se restringe a relação indivíduo  $\leftrightarrow$  internet. As informações

---

<sup>243</sup> Reddit é uma rede social que opera por comunidades de interesse. Tais comunidades são chamadas de subreddit. Exemplos de subreddits populares entre os usuários brasileiro são r/brasil (mais de um milhão de inscritos), r/relacionamentos (cerca de 85 mil inscritos), r/sexualidade (cerca de 61 mil inscritos), r/futebol (cerca de 247 mil inscritos). Números verificados em janeiro de 2023.

encontradas tendem a circular e passam a fazer parte do repertório de saberes de determinado grupo. Tais informações e conhecimentos variam grandemente de acordo com as características do grupo social em qual o ou a jovem está inserido. De maneira que, segundo as informações produzidas ao longo da pesquisa, é possível afirmar que a pornografia se constitui como uma temática significativa das culturas juvenis da atualidade. No entanto, o enquadramento fornecido ao tema dependerá de uma série de fatores e das diferentes situações juvenis experienciada pelos e pelas jovens. As falas, em especial das entrevistadas, indicam, por exemplo, que ter uma opinião similar sobre a temática da pornografia é um elemento de coesão do grupo social de pessoas mais próximas.

**Maria**

E: Sim, eu me sinto confortável, até porque quase todos tem a mesma opinião. Antigamente não se era muito conscientizado sobre pornografia, mas agora de uns tempos para cá essa conscientização tem se tornado bem real, então quando a gente entra em um assunto de pornografia, todo mundo consegue conversar super bem e tem uma opinião formada, só que se ninguém trazer esse assunto muito gritantemente ninguém vai falar sobre.

**Letícia**

E: Antes me sentia mais desconfortável, mas hoje eu tenho um pouco mais de tranquilidade em relação até porque eu não consumo tipo como era na adolescência sabe? Então é uma coisa mais de boa da gente conversar até porque eu tenho mais amigos que pensam da forma como eu penso, não tenho tantos amigos para a gente discordar em tantos pontos e ter medo de falar em certas coisas. É mais uma conversa mais normal assim, hoje em dia.

Anteriormente já havia indicado que algumas das jovens entrevistadas apontaram para o desenvolvimento de uma percepção que determinados atos do passado foram frutos não de uma vontade genuína, mas sim do aceite de uma série de imposições culturais que de alguma maneira estão enraizadas no imaginário pornográfico. Também apontei que três das quatro jovens e a pessoa não binária atribuíram um entendimento mais crítico das representações pornográficas ao contato com textos, vídeos e materiais que influenciaram uma reflexão sobre a pornografia e a sexualidade de uma maneira mais ampla. As entrevistas destas jovens falam, portanto, de um papel fundamental da internet como meio de acesso a informações que permitiram uma ressignificação de experiências vividas; falam também de um processo mais amplo e difuso de popularização de ideias feministas.

**Letícia**

E: Quando eu comecei a consumir mais conteúdo que criticava muito a pornografia, eu, isso começou a fazer muito sentido na minha cabeça assim, várias chaves viraram, porque eu acho que além de alimentar muito preconceito a pornografia, ela te transforma eu acho. Ela te faz achar que tu é uma pessoa que muitas vezes tu não é e achar que tu gosta de coisa que muitas vezes tu não gosta. Tipo enfim, a gente sabe, eu imagino que tu saiba mais do

que eu, várias histórias de sei lá que tão completamente desconfortáveis no momento da gravação, mas eles continuam, ou pioram a situação, enfim, eu acho que isso diz muito sobre a relação que as pessoas tem perante a sociedade, com o próprio gênero também.

**Camila**

E: Meus pais querendo ou não, eram extremamente machistas, nunca tivemos esse tipo de conversa qualquer coisa relacionado a esse lado a sexo, gênero, sexualidade era motivo de restrição/proibição. A era do Instagram trouxe seu lado negativo, fútil, sombrio, mas tudo depende daquilo que você consome. Se hoje em dia sou bem resolvida sexualmente, identidade de gênero e de sexo é graças a internet. Com educadores, sexólogos, fisioterapeuta pélvicas.

**Maria**

E: As mulheres elas têm que, elas estão nitidamente muito desconfortáveis, então eles colocam, eu já li muito sobre isso, porque é um assunto que me indigna muito. Hoje eu diria que é a coisa, uma das coisas, além da internet das redes sociais, que mais fetichiza e objetifica a mulher, é a pornografia.

De maneiras diferentes, as jovens falam sobre este processo de aquisição de novas informações sobre as representações pornográficas que as fizeram questionar o efeito hegemônico que estas podem ter sobre si e sobre a percepção mais ampla do que significa ser mulher no mundo atual. Apenas as jovens do gênero feminino e a pessoa não binária indicaram que o contato com leituras e materiais que seriam críticos a forma como a pornografia apresenta e define papéis de gênero teve um efeito transformador de suas perspectivas sobre o tema, levando ou a interrupção do consumo ou a um consumo mais crítico de tais materiais. Apenas um jovem do gênero masculino indicou ter tido contato com materiais que propunham uma reflexão sobre a pornografia, não sob uma perspectiva de gênero, mas sob a perspectiva do vício que tais materiais podem causar.

As falas das jovens apontam que muitas das ideias feministas desenvolvidas ao longo dos debates, já expostos anteriormente, dos anos 1970 e 1980, não ficaram estagnados e nem tampouco perdidas no tempo. As jovens parecem, desta forma, ativamente realizando um processo preconizado por autoras como Gail Dines e Patricia Hills Collins, de tomada de consciência do papel que as representações pornográficas têm na constituição dos comportamentos sexuais na atualidade. Gail Dines aponta a importância de:

[...] se promover para as pessoas uma contra-ideologia que revele a natureza fabricada da ideologia consumida e que ofereça uma visão de mundo alternativa. [...] Essa ideologia alternativa precisaria também apresentar uma

visão diferente do sexo heterossexual, baseada em igualdade de gênero e justiça. (DINES, 2010, p.100-101<sup>244</sup>)

Talvez sintomático desta nova cultura de difusão de ideias nas redes seja o fato de que, apesar de desenvolverem raciocínios sobre objetificação, fetichização e violência contra a mulher, não há a citação de nenhuma autora específica e nem tampouco nenhuma entrevistada afirmou uma identificação com alguma corrente específica dentro dos feminismos. A possibilidade de consumo de ideias feministas em formatos extremamente variados (séries, filmes, livros, podcasts, perfis de divulgação em redes sociais, vídeos no youtube) parece ter levado a uma desmonopolização dos debates feministas sobre a pornografia. Se nos anos 1980 não era possível falar em pornografia sem nomear um cânone de autoras, agora, de forma salutar me parece, é possível haver uma difusão maior de ideias, sem a necessária personificação destas em algumas poucas figuras de referência. Nos seus novos formatos de apresentação, os diferentes feminismos parecem constituir-se, desta forma, como fontes disruptivas do discurso pornográfico hegemônico. A convergência dos meios parece, portanto, possuir um papel não desprezível nesse processo de favorecimento dos fluxos de conteúdos via múltiplo suportes midiáticos.

Para além disto, pese a constatação de que muitas das pessoas jovens envolvidas na pesquisa demonstraram uma inserção no contexto das culturas participativas e da convergência dos meios, é fundamental notar o peso que as grandes corporações possuem no processo comunicativo, quando se trata de acesso a pornografia via meios digitais. Ao longo das entrevistas os e as jovens diversas vezes fazem menção a noção de que na internet é possível encontrar qualquer coisa ou de que existem tantos vídeos pornô quanto existem desejos e fetiches. Tal ideia é retomada por um dos jovens, Marcelo, quando ele me questiona diretamente se eu conheço a regra 34 da internet:

E: Exato, tem uma outra coisa na internet chamada regra 34? Existem várias, mas pessoalmente não conheço e eu não procurei me aprofundar. A senhora conhece já?

P: Sim, tudo é pornô, tudo pode ser pornificado

E: É, exato [risos]. Se existe, existe conteúdo disso.

P: Se algo existe, existe a versão pornô dela. É isso né?

E: Exato

A ideia desta ampla gama de conteúdos pornográficos, no entanto, como já demonstrei, não parece se materializar em uma diversidade de espaços de acesso a

---

<sup>244</sup> No original: “[...] providing people with a counter-ideology that both reveals the fabricated nature of consumer ideology and offers an alternative vision of the world. [...] This alternative ideology would also need to present a different vision of heterosexual sex, one built on gender equality and justice.”

pornografia. Como já expus anteriormente, os e as jovens mencionam os mesmos grandes portais de pornografia e redes sociais como os espaços de acesso a conteúdos pornô. Tal ponto é significativo, pois ao contrário da percepção dos jovens, muitas outras formas de pornografia não são encontráveis em tais espaços. Os filmes e vídeos que pertencem as categorias do que tende a considerar-se como pornografia feminista<sup>245</sup>, pornografia queer<sup>246</sup>, pós-pornografia<sup>247</sup> ou *altporn*<sup>248</sup> não estão disponíveis em portais como o *xvideos.com* ou o *pornhub.com*. Em muitos casos tais vídeos são acessados apenas através de sites específicos que exigem pagamento; há, nestes formatos de pornografia, uma tendência mais acentuada de valorização dos atores e atrizes que participam dos vídeos e uma alegada maior preocupação com questões como consentimento, reciprocidade, respeito a diversidade de corpos e não fixação de papéis de gênero. De fato, autores como Paul B. Preciado assumem a defesa da pós-pornografia, por exemplo, como uma aposta contra hegemônica ao discurso pornográfico *mainstream*.

A pós-pornografia não será senão o nome das diferentes estratégias de crítica e intervenção na representação, e que surgirão da reação das revoluções feministas, homossexuais e queer frente a estes três regimes pornográficos (o museístico, o urbano e o cinematográfico) e frente também às técnicas sexopolíticas modernas de controle do corpo e da produção de prazer, da divisão dos espaços privados e públicos e do acesso à visibilidade que desses se desdobra. Jean Genet, Andy Warhol, Kenneth Anger, Veronica Vera, Annie Sprinkle... A noção de pós-pornografia marca uma ruptura epistemológica e política: um outro modo de conhecer e de produzir prazer através do olhar, mas também uma nova definição de espaço público e novos modelos de habitar a cidade. (PRECIADO, 2017, p. 31)

Drucilla Cornell é outra autora que também endossa a defesa de que a melhor forma de combater a indústria pornô e os conteúdos misóginos por ela divulgados encontra-se no desenvolvimento de políticas representacionais feministas que enriqueçam o imaginário e os recursos simbólicos através dos quais a sexualidade feminina possa ser expressa: “Sem novas imagens e novas palavras para expressar nossa sexualidade, seremos incapazes de criar um novo mundo para as mulheres<sup>249</sup>.” (CORNELL, 2004, p. 159). Tal aposta, em outras formas de se fazer e consumir pornografia, não se concretiza, no entanto, como uma real possibilidade disruptiva face as representações propostas pelos

<sup>245</sup> <https://erikalust.com/films>

<sup>246</sup> <https://crashpadseries.com/>

<sup>247</sup> <https://sprinklestephens.ucsc.edu/>

<sup>248</sup> PAASONEN, Susanna. Labors of love: netporn, Web 2.0 and the meanings of amateurism. **New Media & Society**, 12(8), 1297–1312. 2010

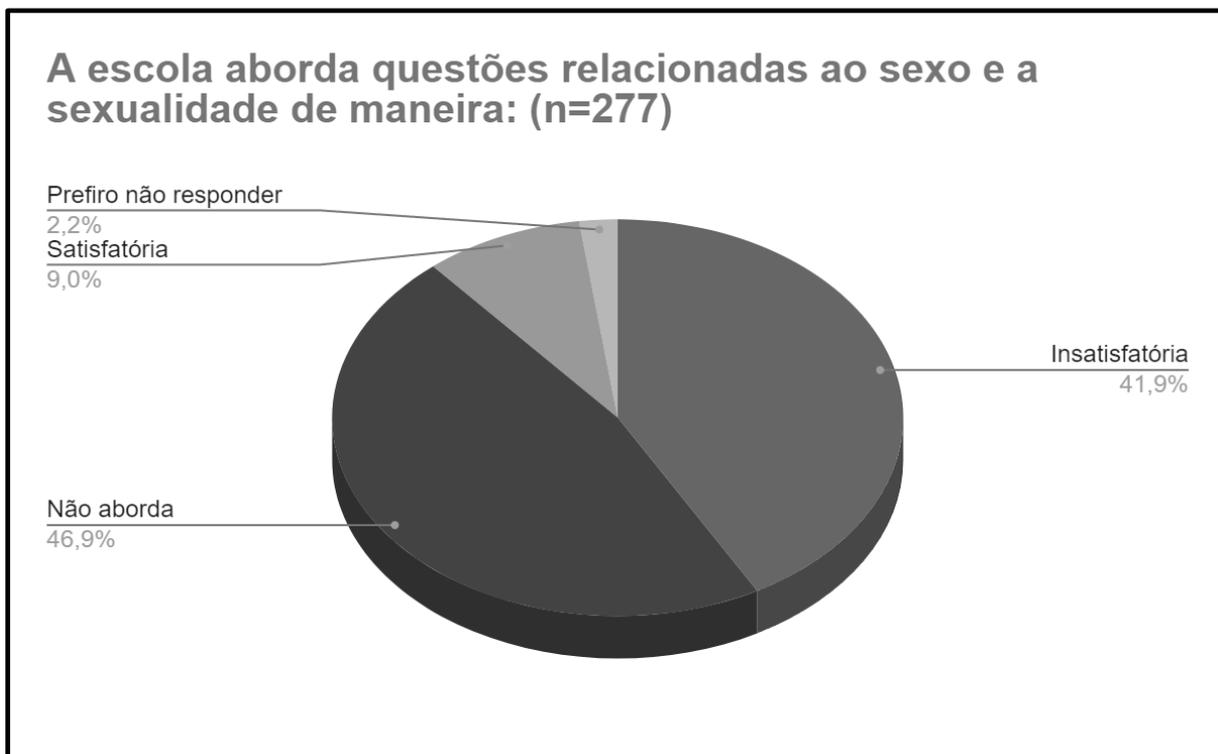
<sup>249</sup> No original: “[...] providing people with a counter-ideology that both reveals the fabricated nature of consumer ideology and offers an alternative vision of the world. [...] This alternative ideology would also need to present a different vision of heterosexual sex, one built on gender equality and justice.”

conteúdos pornográficos *mainstream*, ao menos não junto aos jovens participantes desta pesquisa.

Em nenhum momento das entrevistas os e as jovens citaram sites ou performers ligados aos movimentos mencionados acima (pornografia feminista, pornografia queer, pós-pornô, *altporn*). Como já expus, quando solicitados a informar conteúdos que consideravam mais realistas ou que apresentavam uma representação mais saudável da sexualidade, os e as jovens fizeram menção a pornografia amadora, acessada nos mesmos grandes portais de pornografia já citados. Há, portanto, o indicativo de que estratégias de ruptura epistemológicas como as propostas por Preciado e Cornell estão ainda presas a nichos muito específicos de consumidores, não havendo reverberação de tais movimentos nos espaços acessados usualmente por jovens.

Em tal processo de estabelecimento de referências, seja para a ação individual ou como forma de dar sentido ao que é percebido e visto em relação a sexualidade, ao sexo e aos corpos, torna-se nítido o papel pouco protagonista da escola. Não só apenas 12,6% dos e das jovens indicaram considerar a escola como a melhor fonte de informação sobre o sexo e a sexualidade, mas como apenas 9% dos jovens afirmaram considerar que a escola aborda questões relacionadas ao sexo e a sexualidade de maneira satisfatória. A questão exposta abaixo foi respondida por 277 pessoas.

Gráfico 43- Satisfação com a abordagem escolar de questões relacionadas ao sexo e a sexualidade



Fonte: Produzido pela autora (2023)

A grande maioria, 46,9%, dos e das jovens (n=130) afirmaram que a escola não aborda questões relacionadas ao sexo e a sexualidade, a outra grande parcela, 41,9% (n=116) apontou a existência de uma abordagem insatisfatória. Neste ponto é importante ressaltar que, realizando um recorte dos jovens que afirmaram ainda frequentar a escola (n=140), não houve alterações significativas nas respostas levando-se em consideração a realidade da escola frequentada, pública (n=81) ou particular (n=59). O item que apresentou maior diferenciação foi o de número de jovens que afirmaram não ver tais temas abordados na escola: para estudantes de escola pública, o índice ficou em 49,4% e entre estudantes de escolas particulares, o índice foi de 57,6%. Parece haver, portanto, um silenciamento maior nas instituições privadas sobre os temas em questão.

As entrevistas apontam para um contexto bastante similar de ausência de tais temas na vida escolar, ao menos de forma institucionalizada, pois, como demonstrei anteriormente, os conteúdos pornográficos se fazem presentes na rotina escolar dos jovens. Dos dez jovens entrevistados, nenhum foi capaz de lembrar um momento em que o tema da pornografia tenha sido abordado a partir de uma proposição da escola, via projeto pedagógico, ou mesmo tenha sido trazido para reflexão por parte de algum professor ou professora. No entanto, como já indiquei, vários dos jovens foram capazes de lembrar diferentes momentos em que vídeos e fotos pornô foram tema conversações entre os jovens dentro da escola. A pornografia constitui-se, portanto, como um ótimo exemplo da existência de uma realidade escolar bipartida, segmentada entre o mundo e interesses dos alunos, jovens, e o mundo dos professores, adultos.

Ao serem questionados sobre se e como temas ligados a gênero, sexo e sexualidade haviam sido trabalhados ou debatidos na escola, mais uma vez a quase totalidade dos jovens (8 dos 10 entrevistados) fala de experiências insuficientes ou não existentes. Se repete nas entrevistas a tendência apontada pelo questionário de jovens que estudaram em escolas particulares apontarem um silenciamento maior sobre tais temas do que jovens que estudaram em escola pública. No entanto, a percepção generalizada dos jovens é de que tais temas são pouco abordados; quando são abordados, tal abordagem tende a ocorrer de forma episódica, muitas vezes, limitando-se a uma única aula, com foco em questões biológicas. A inexistência de projetos curriculares que abarquem as questões de sexualidade e gênero de forma séria e continuada leva a experiências como a narrada por Jorge.

19) Pensando em tua trajetória escolar, alguma vez temas ligados a gênero, sexo e sexualidade já foram trabalhados/debatidos na escola?

E: Em todos os meus anos de escola eu me lembro de uma vez que foram é duas mulheres no ensino fundamental falarem com a turma sobre sexualidade e tal. Elas distribuíram uns papéis assim pro pessoal escrever qualquer coisa de forma anônima que elas iriam responder. Só que no caso isso não foi levado a sério, todo mundo escreveu só besteira.

Romper com o que anteriormente chamei de realidade bipartida da escola muitas vezes é uma tarefa assumida mais pelos alunos e alunas do que pelos professores; nesse sentido, me parece preciso redimensionarmos a forma como muitas vezes assuntos ligados a temas da sexualidade acabam surgindo no contexto escolar. Qualquer pessoa que já frequentou uma sala de professores será capaz de recordar algum momento em que um professor ou professora apontou para a falta de seriedade dos alunos ou para a incapacidade de os alunos abordarem determinada temática sem fazerem piadas ou brincadeiras. Esta incapacidade de levar “as coisas a sério” é internalizada e apontada por alguns jovens durante as entrevistas. Marcelo é um dos jovens que, ao ser questionado “Você acha que temas ligados a gênero, sexo e sexualidade deveriam ser trabalhados nas escolas?”, aponta para a necessidade de seriedade para se trabalhar tais temas: “Depende viu, depende muito, tem que existir uma seriedade, uma vontade de aprender. Mas não é algo que eu imagine que crianças e adolescentes se interessem.”

Esta falta de seriedade, no entanto, me parece muito mais fruto da forma como os conteúdos e temas sobre sexualidade e gênero (não) são incluídos na vivência escolar dos jovens, do que a uma característica inata da relação dos jovens com estas questões. As piadas e brincadeiras surgem, muitas vezes, como um recurso por parte dos jovens para colocar tais temas em pauta. Tal ponto é explicitado pela fala de Roberto:

19) Pensando em tua trajetória escolar, alguma vez temas ligados a gênero, sexo e sexualidade já foram trabalhados/debatidos na escola?

E: Por parte de professor não, é bem difícil, é sempre por aluno. Tipo o professor ta falando alguma coisa, aí a pessoa do nada vai e joga uma piadinha e ai do nada entra no assunto.

P: Depende mais dos alunos provocarem que o professor ou a professora fale sobre aquilo ali?

E: Isso, sim.

Não me parece fortuito que o único jovem que afirmou ter tido uma abordagem satisfatória de temáticas ligadas a sexualidade e gênero tenha vivenciado tais temas dentro de um projeto específico dentro da escola, ao longo do ensino médio.

**Michel**

E: Sim. Eu estudei num Instituto federal, é tinha um projeto, que era xxxxxxxx, e era justamente mais voltado para o público lgbt assim. A gente falava sobre isso, sobre relacionamento amoroso, sobre perspectiva de como o sexo era

visto, falava sobre papel de gênero, falava sobre sexualidade, falava sobre tipo abertamente sobre isso, sem tabu. Eu acho que tem muito tabu acerca de falar sobre gênero, sexo e sexualidade, a gente era o espaço que a gente tinha para falar sobre aquilo que era muito aberto sabe? Essa coisa de vamos falar sobre isso e ta tudo bem, se tu quiser falar sobre ok, se tu não quiser falar sobre também, se tu só quiser ouvir tudo bem também. Então isso foi muito importante até para o meu descobrimento enquanto gay foi muito importante falar sobre isso e ver outras pessoas falando sobre isso para que eu pudesse me enxergar na fala dos outros.

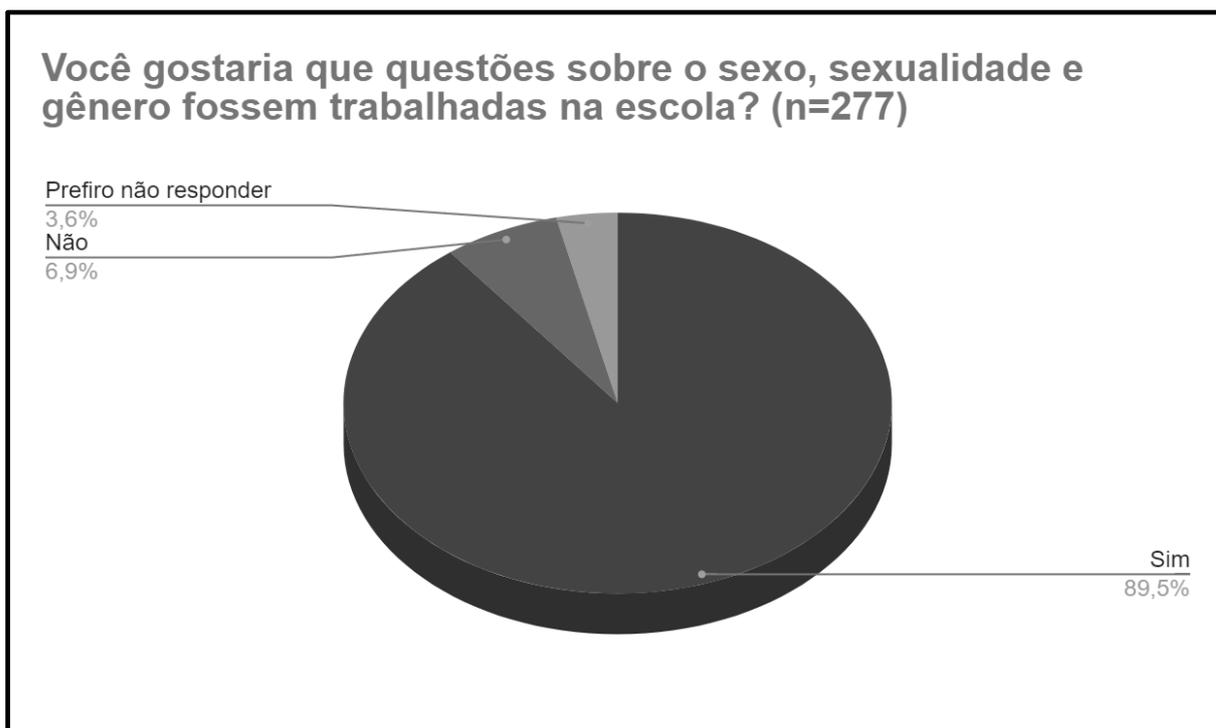
A experiência de Michel, ainda que direcionada a um público específico, como muitas vezes tendem a ser os projetos sobre sexualidade (Fernando SEFFNER, 2013), demonstra os ganhos que podem advir da estruturação de um projeto ou da inclusão de tais temas de forma sistemática e justificada ao longo da trajetória escolar. O apagamento e retirada dos termos gênero e orientação sexual da BNCC<sup>250</sup> e dos diversos planos municipais de educação, a perseguição a professores e professoras que ousam trabalhar com tais temas<sup>251</sup> e a inexistência de um projeto de formação continuada de professores a nível nacional sobre as temáticas citadas são alguns dos exemplos que indicam que a falta de seriedade para tratar de questões de gênero e sexualidade é muito mais dos adultos do que dos jovens. Estes, ao mesmo tempo que notam o fracasso da escola na abordagem de tais questões, também demonstram com clareza suas vontades em ver ou não tais temas abordados nas escolas. O gráfico abaixo é referente a questão (n=277): “Você gostaria que questões sobre sexo, sexualidade e gênero fossem trabalhadas na escola?”:

---

<sup>250</sup> SEMIS, Laís. “Gênero” e “orientação sexual” têm saído dos documentos sobre Educação no Brasil. **Por que isso é ruim?** Nova Escola, 11/04/2017 Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4900/os-terminos-genero-e-orientacao-sexual-tem-sido-retirados-dos-documentos-oficiais-sobre-educacao-no-brasil-por-que-isso-e-ruim> Silva, E. L. dos S. Pânico moral e as questões de gênero e sexualidade na BNCC. **História, histórias**, 8(16), 143–169. 2020.

<sup>251</sup> BORGES, Caroline; RODRIGUES, Poliana. **Prefeito de Criciúma demite professor por exibir clipe de música de Criolo com temática LGBTQIA+ em aula de artes**. G1. 26/08/2021 Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/08/26/prefeito-de-criciuma-demite-professor-por-exibir-clipe-de-musica-de-criolo-em-sala-de-aula.ghtml>

Gráfico 44- Interesse em ver questões sobre sexo, sexualidade e gênero trabalhadas na escola



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Considerando a amostra geral (n=277), temos, portanto 89,5% das pessoas indicando que gostariam que questões sobre sexo, sexualidade e gênero fossem trabalhadas na escola. Tal índice se mantém elevado mesmo considerando os diferentes pertencimentos religiosos. Nos grupos dos evangélicos (n=22), dos ateus (n=50), dos que não tem religião (n=105), dos espíritas (n=11) e dos praticantes de umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras (n=10) o percentual de pessoas que afirmaram que gostariam de ver estes temas trabalhados nas escolas foi maior que 90%. Chegando nos dois últimos grupos citados a atingir 100% das pessoas que responderam à questão. Os dois únicos grupos de pertencimento religioso que pontuaram tal item em menor proporção que a média geral foram o dos católicos (n=50) e daqueles que preferiram não responder (n=16) qual era seu pertencimento religioso. Nestes grupos, respectivamente, a resposta “sim” para a questão considerada, foi dada por 82% e 75% das pessoas.

A pesquisa aponta, portanto, para afirmação da vontade dos jovens de verem estes temas abordados na escola; as entrevistas também indicam este caminho, todos os e as jovens entrevistadas responderam positivamente à questão, mesmo quando manifestaram dúvidas sobre a forma como tais conteúdos deveriam ser trabalhados nas escolas. Tal dúvida, sobre as possíveis formas de se trabalhar com estes conteúdos, parece ser um ponto de encontro significativo entre as perspectivas dos jovens aqui entrevistados e dos

adultos que fazem parte dos seus universos de socialização. Na memória dos e das jovens que entrevistei, adultos, sejam aqueles presentes nos núcleos familiares ou aqueles presentes no universo da escolar, parecem não saber o que dizer sobre questões ligadas a sexualidade e gênero e nem tampouco, mais especificamente, sobre pornografia. Tal não saber explica os diversos silêncios que aparecem nas entrevistas.

Ao serem questionados “Alguma vez algum membro da tua família já tentou conversar contigo sobre a presença de materiais explícitos na internet?” todos as dez pessoas entrevistados responderam negativamente à questão. Algumas das memórias que surgiram a partir de tal questão, apontam para esta incapacidade de se falar sobre um tema que, como já demonstrei, tem uma probabilidade muito grande de aparecer no universo de referência de crianças e jovens:

**Michel**

E :Essa conversa nunca aconteceu. Até isso é uma coisa que as vezes eu me paro para pensar, tipo assim nossa por que sei lá a minha mãe nunca falou sobre sexo comigo? Acho que é porque tem essa ideia de não, ele já sabe, mas ninguém nunca falou sobre isso...Nunca tive a conversa tipo assim aí se for transar com alguém, usa camisinha, ou aí o que tu ta vendo de pornografia, não é essa a realidade, ou ai não sei o que, nunca.

**Camila**

E: Nunca conversamos sobre esse assunto de forma madura, sensata. Só um dia meu pai viu a pornografia no meu celular por que meus colegas mandaram no grupo da turma e me xingou, pegou meu telefone e olhou minhas conversas, minhas músicas minha galeria inteira e tirou meu celular por mais de 1 mês.

Neste sentido, é preciso apontar que as vertentes políticas e movimentos sociais que propõe a existência de uma escola esterilizada, que não aborde questões gênero e sexualidade, por acreditar que tais temas constituíssem-se como uma prerrogativa familiar, não encontram respaldo na presente pesquisa. Não foi notado aqui a existência de uma abordagem salutar no âmbito familiar que indique a possibilidade de dispensa de uma abordagem científica e humana no âmbito escolar.

Apesar de nenhuma das pessoas entrevistadas afirmar ter tido alguma conversa com algum membro da família sobre a presença de materiais explícitos na internet, um jovem narrou a tentativa de sua avó de conversar com ele de maneira mais ampla sobre questões ligadas ao sexo:

**Roberto**

E: Só a minha vó, porque antigamente tinha uma novela chamada amor e sexo, se eu não to enganado, e aí criança né, amor, amar e aí eu perguntei a minha vó o que era [sexo] e aí ela simplesmente me explicou tudo, tudo mesmo, tu que você puder imaginar minha vó explicou. Ai naquela época eu peguei um "trauma", que foi quando eu literalmente eu parei, eu perdi o a vontade de namorar, essas coisas assim, de encostar em uma garota.

A clara vontade dos e das jovens em ver questões relacionadas a sexo, sexualidade, gênero e corpos trabalhadas nas escolas também deve ser compreendida, me parece, não apenas a partir do silenciamento familiar sobre tais temas, mas também a partir da constatação da falta de preparo da grande maioria das pessoas, que não obtiveram uma formação para tal, na abordagem de tais questões.

Diversos pontos levantados nesta seção do presente trabalho como a consolidação das vias digitais como principais meios de acesso dos jovens a informações sobre sexualidade, sexo e gênero, o enfraquecimento da autoridade discursiva da escola e da família, o reconhecimento por parte das pessoas jovens da incapacidade da escola abordar satisfatoriamente os temas acima mencionados e o estabelecimento de outras redes de informação e comunicação que se estabelecem a partir dos meios digitais corroboram com algumas perspectivas mais amplas sobre o fortalecimento de processos de individuação na América Latina. De maneira que, ainda que este não fosse um dos objetivos da pesquisa, os dados produzidos vão ao encontro da percepção de que há em curso no Brasil um processo mais amplo de reforço da noção de indivíduo soberano, que se constituiu a partir da modernidade, em detrimento de instituições tradicionais.

É possível também pensar que o cenário que a pesquisa traça sobre as formas como as pessoas jovens relacionam-se com conteúdos sexualmente explícitos disponíveis na internet é sintomática de um processo mais amplo no qual a incorporação de novas tecnologias, no contexto da América Latina, não foi acompanhado por um aprofundamento da relação entre tecnologia, ciência e educação. A própria antecipação da idade do primeiro contato com tais conteúdos para o caso aqui pesquisado, quando comparado a outros contextos (europeus e norte-americano), pode ser pensada como uma materialização dos *destiempos* barberianos, que revelam uma forma própria de consumo ao nível cotidiano das tecnologias na região.

Diversas falas das pessoas jovens entrevistadas são reveladoras deste processo de constituição da condição juvenil a partir de múltiplas e descentradas experiências de socialização, muitas das quais tem as redes digitais, estabelecidas via Internet, como *locus* de habitabilidade; as redes devem ser pensadas, no entanto, não apenas como o local em que tais experiências acontecem, mas sim como agente sociais significativos dos processos de aprendizagem, em especial aqueles que envolvem as noções de sexo, gênero, sexualidade e corpos.

Os dados produzidos pela pesquisa fornecem materialidade, portanto, para as reflexões de Barbero sobre o papel central ocupados pelas pessoas jovens no *desordenamento* cultural que marca o contemporâneo.

[...] em meados dos anos 90, me aproximei pela primeira vez da reflexão sobre o significado do jovem na des-ordem cultural que atravessávamos. Um desordenamento cultural observável, especialmente a partir de dois ângulos: da defasagem da escola em relação ao modelo social de comunicação que foi introduzido pelos meios áudio visuais e pelas “novas” tecnologias; e a emergência de nossas sensibilidades, nas quais se encarnavam de forma “precipitada” e desconcertante, alguns dos traços mais fortes da mudança de época. (MARTÍN-BARBERO, 2008, p 11)

O processo de expansão do sistema escolar público, ocorrido a partir da década de 90, fez com que fossem levados para dentro da escola as experiências vivenciadas pelos distintos jovens em sua condição juvenil<sup>252</sup>, sem que houvesse uma divisão entre universo das culturas juvenis e universo institucional das escolas. Tal ponto aparece com nitidez nas diversas memórias das pessoas jovens participantes da pesquisa. O fato de a escola não abordar ou abordar de forma insatisfatória temas relativos à sexualidade, gênero e sexo, não implica em afirmar que os mesmos não estejam no território escolar. De maneira mais específica, os dados produzidos pela pesquisa demonstram que as mídias pornográficas estão também dentro da escola.

Na medida em que à escola perdeu o monopólio cultural e passou a concorrer com a cultura de massas e com a circulação social de informações para determinar quais são as experiências significativas para os jovens, foi também chamada a repensar seu papel social. Experiências como as relatadas no artigo de Paulo Júnior e Leandro Brito<sup>253</sup>, apontam para possibilidades neste sentido. No entanto, os dados produzidos pesquisa demonstram que a ampla maioria das instituições escolares no Brasil ainda “não se reestruturaram a ponto de criar diálogo entre os sujeitos e sua realidade.” (DAYRELL, 2007, p 1117)

<sup>252</sup> Neste sentido ver, por exemplo: VARGAS, Juliana Ribeiro de.; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. O funk ostentação como pedagogia cultural: música, consumo e a produção de subjetividades femininas na escola. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n.1, p. 233-254, Jan/Abr. 2016.

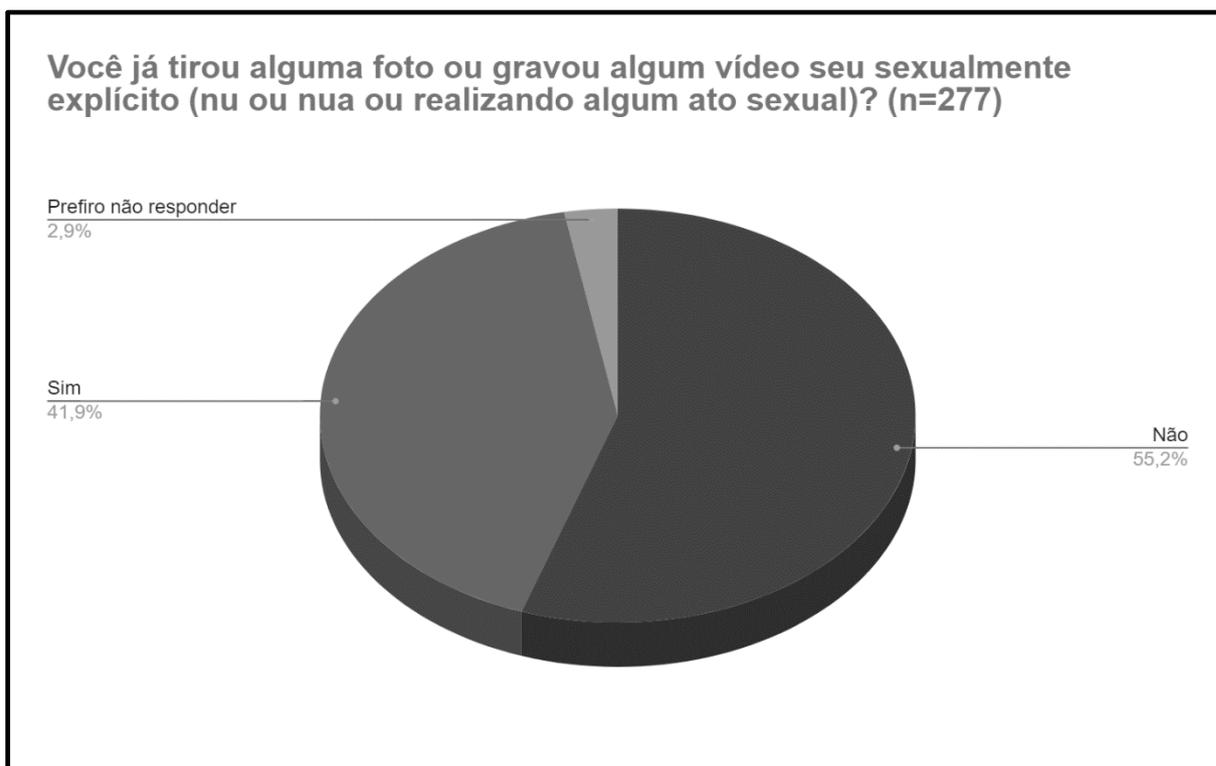
<sup>253</sup> O artigo analisa o caso de uma escola municipal de Duque de Caxias que se viu impulsionada a realizar um projeto que discutisse questões de gênero e sexualidade, a partir do caso de algumas estudantes do 9º ano regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que enviaram nudes aos seus possíveis parceiros/namorados, mas que acabaram sendo compartilhados publicamente sem autorização delas. Ver: JÚNIOR, Paulo Melgaço da Silva; BRITO, Leandro Teófilo. Entre nudes, acontecimentos e performatizações: normatizações/ deslocamentos de gênero e sexualidade no cotidiano escolar. In: **Interfaces Científicas**, Aracaju, V.8. N.2, p175- 188, Março, 2020.

Na quarta parte deste trabalho, retomei e explicitarei uma proposta de se trabalhar especificamente a temática da pornografia junto a jovens. Os esforços neste momento, de retomada de diálogos mais democráticos e inclusivos sobre educação, devem estar voltados, me parece, para tentativas mais sistemáticas e estruturadas de rompimento do que anteriormente chamei de dimensão bipartida da escola no que tange os temas de gênero, sexualidade e corpos.

### ***e-corpos: códigos virtuais indestrutíveis ou manda foto do rosto pra eu saber que tu é uma pessoa...***

Demonstrei anteriormente que a ampla maioria dos jovens que acessam pornografia on-line constitui-se quase que exclusivamente de consumidores de mídias e não de produtores, indicando que, no que tange sites pornográficos, a postura dos jovens assemelhasse mais aquela típica da web 1.0 do que as características do universo *prosumer* e da web 2.0. No entanto, o fato da ampla maioria dos e das jovens não carregarem conteúdos em páginas pornográficas não elude a sua participação na cultura de *shareveillance*, que anteriormente explicitarei. Neste tópico, irei abordar a maneira como os e as jovens narram suas experiências a partir de um contexto cultural em que o celular com câmera e conexão à internet tornou-se uma prótese do olhar que permite e estimula o desejo de auto-pornificação e de transformação do corpo em capital abstrato (PRECIADO, 2018). O gráfico abaixo foi gerado a partir da questão: “Você já tirou alguma foto ou gravou algum vídeo seu sexualmente explícito (nu ou nua ou realizando algum ato sexual)?” que teve 277 respondentes.

Gráfico 45- Produção de foto ou vídeo de si sexualmente explícito



Fonte: Produzido pela autora

O primeiro ponto que me parece merecedor de destaque é o número relativamente alto de jovens que afirmaram já ter tirado alguma foto ou gravado algum vídeo de si sexualmente explícito. Recordo que a pesquisa anteriormente citada de Martellozzo et al, 2017, que tinha como foco crianças e adolescentes de todo Reino Unido com idades entre 11-16 anos, apontou que dos 948 jovens que responderam a questão sobre produção de conteúdo explícito: 13% afirmaram ter tirado fotos sem a parte de cima (topless) das vestimentas, 2,8 % afirmaram ter tirado fotos totalmente nus e 4,3 % afirmaram ter tirado fotos nuas da parte de baixo dos seus corpos, ou seja, para aquele contexto, 20,1% dos e das jovens afirmaram ter produzido algum conteúdo sexualmente explícito de si mesmo. A pesquisa de Romito e Beltramini (2015) realiza com 702 adolescentes italianos com média de idade de 18.2 anos apontou que cerca de 10,68% dos jovens já estiveram envolvidos com a produção de fotos sexuais. Há que se notar, portanto, a incidência mais proeminente de tal prática nos jovens brasileiros considerados pela pesquisa.

Para o caso aqui abordado três variáveis surgem como importantes: idade, gênero e orientação sexual. A partir da variável etária é possível perceber que mesmo isolado o grupo de respondentes mais jovens cotejados pela pesquisa, pessoas de 16 anos, ainda sim, para o caso brasileiro percebe-se índices mais altos de produção de conteúdo

sexualmente explícito. Entre o grupo de jovens de 16 anos: 39,6% afirmaram já ter tirado uma foto ou gravado um vídeo sexualmente explícito de si próprio, contra 56,6% que responderam negativamente à questão e 3,8% que optaram por não responder. Quando o grupo considerado é o de jovens mais velhos de 19 anos, a porcentagem de jovens que respondeu afirmativamente à questão sobe para 50,6%, com 48,3% indicando nunca ter tirado foto ou gravado vídeo deste tipo e 1,1% que optou por não responder à questão.

Quando considerada a variável de gênero, as mulheres foram as que menos afirmam ter tirado fotos ou gravado vídeos sexualmente explícitos próprios: 34,3% responderam positivamente à questão, ao passo que 58,6% afirmaram nunca ter tirado fotos ou vídeos deste tipo e 7,1% das respondentes optaram por não responder à questão. No grupo dos respondentes que se identificaram como homens: 45,1% responderam à questão afirmativamente, ao passo que 54,3% afirmaram nunca ter tirado fotos ou vídeos deste tipo e 0,6% optou por não responder a questão. Há aqui o indicativo, portanto, que homens tendem a ser maiores produtores de conteúdo explícito de si e de que à medida que a idade dos jovens avança as chances de produção de tal tipo de conteúdo também aumentam. O grupo (n=13) das pessoas que se identificaram com uma outra opção de gênero ou como não binários ou ainda que optou por não responder qual era sua identificação de gênero teve 53,8% das pessoas respondendo afirmativamente à questão e 46,2% afirmando nunca ter tirado fotos ou vídeos sexualmente explícitos.

No que tange a orientação sexual, há uma grande variação nas respostas de acordo com o grupo considerado. O grupo de pessoas homossexuais (n=13), composto no caso desta pesquisa majoritariamente por homens, foi o que registrou os índices mais altos de resposta “sim” para a questão considerada; neste grupo, 69,2% das pessoas afirmaram já ter tirado foto ou gravado vídeo explícito de si próprio. O grupo de pessoas identificadas como bissexuais (n= 73) também registrou um índice de respostas afirmativas para questão superior à média geral. Neste grupo, 52,1% das pessoas afirmaram já ter produzido este tipo de conteúdo. As menores porcentagens de respostas afirmativas para a questão foram encontradas nos grupos de pessoas que não sabiam (n=7) afirmar qual era sua orientação sexual e no grupo de pessoas heterossexuais (n=172), nestes grupos, respectivamente, 28,6% e 36% das pessoas afirmaram já ter tirado foto ou gravado vídeo explícito próprio.

Qual seria o destino destas mídias sexualmente explícitas produzidas pelos jovens? Procurei aferir tal ponto ao questionar os jovens sobre o que teria sido feito com os vídeos ou as fotos produzidas. A questão exposta abaixo foi respondida por 124

peças e possuía como alternativas: guardei para mim mesmo (a), compartilhei com uma pessoa que conhecia pessoalmente, compartilhei com uma pessoa que só conhecia pela Internet, compartilhei com um estranho, prefiro não responder.

Gráfico 46- Finalidade do vídeo ou foto explícita



Fonte: Produzido pela autora (2023)

É possível notar aqui que a principal finalidade das imagens ou vídeos produzidos pelos jovens é o compartilhamento. As opções compartilhei com um estranho (8,1%), compartilhei com uma pessoa que só conhecia pela internet (14,5%) e compartilhei com alguém que conhecia pessoalmente (51,6%) somam juntas 74,2% das respostas para a questão. A grande maioria dos e das jovens respondentes da questão já engajou-se, portanto, em um comportamento que é considerado de risco por outras pesquisas (MARTELLOZZO et al, 2017), especialmente quando considera-se o contexto sugerido por outros estudos (John BOWLIN, 2013) que indicam que a pessoa recebedora original de um conteúdo erótico, mesmo nos casos em que a pessoa é conhecida do ou da jovem que compartilhou o material, pode não ser a única pessoa a ter contato com a mídia produzida: “estimasse que até cerca de 60% dos ‘nudes’ sexualmente explícitos podem

ser disseminados para além do recebedor original<sup>254</sup>” (MARTELLOZZO et al, 2017, p 50).

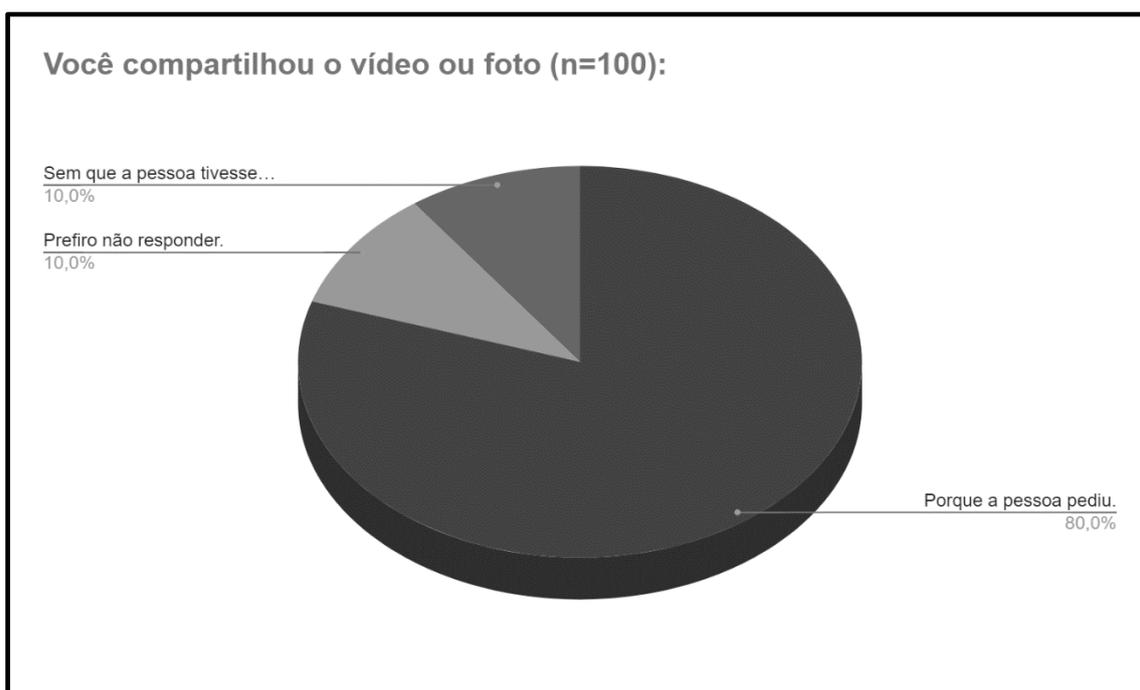
A percepção de que os riscos e consequências envolvidos no compartilhamento de materiais sexualmente explícitos de si são diferentes e de que existe um diferente capital abstrato, para retomar o termo utilizado por Preciado, para homens e mulheres, relacionado ao compartilhamento de fotos explícitas é minha aposta explicativa para compreender os resultados da questão exposta acima a partir variável de gênero. Das mulheres que responderam à questão (n= 41): 65,9% afirmaram ter compartilhado a mídia produzida com uma pessoa que conheciam pessoalmente, 14,6% afirmaram ter guardado a mídia para si mesma, 7,3% afirmaram ter compartilhado com uma pessoa que conheciam pela internet, 12,2% optaram por não responder à questão. Nenhuma respondente afirmou ter compartilhado a foto ou vídeo produzido com uma pessoa estranha.

Entre os homens respondentes (n=76): 43,4% afirmaram ter compartilhado a foto ou vídeo com uma pessoa que conheciam pessoalmente, 22,4% afirmaram ter guardado o vídeo ou foto para si, 19,7% afirmaram ter compartilhado a mídia produzida com uma pessoa que só conheciam pela internet, 11,8% afirmaram ter compartilhado o material com uma pessoa estranha e 2,6% optaram por não responder à questão. O grupo das pessoas (n= 7) que se identificaram com uma outra opção de gênero ou como não binários ou ainda optou por não responder qual era sua identificação de gênero teve 57,1 % das pessoas afirmando que compartilhou a mídia produzida com uma pessoa conhecida, 14,3% afirmaram ter guardado o material para si, 14,3% compartilharam com um estranho e 14,3% optaram por não responder à questão. Ou seja, é preciso notar a incidência mais acentuada entre as mulheres em realizarem o compartilhamento com alguém que conhecem pessoalmente.

---

<sup>254</sup> Tradução própria, no original “[...] up to 60% of sexually explicit ‘sexts’ have been estimated to be disseminated beyond the original recipiente”

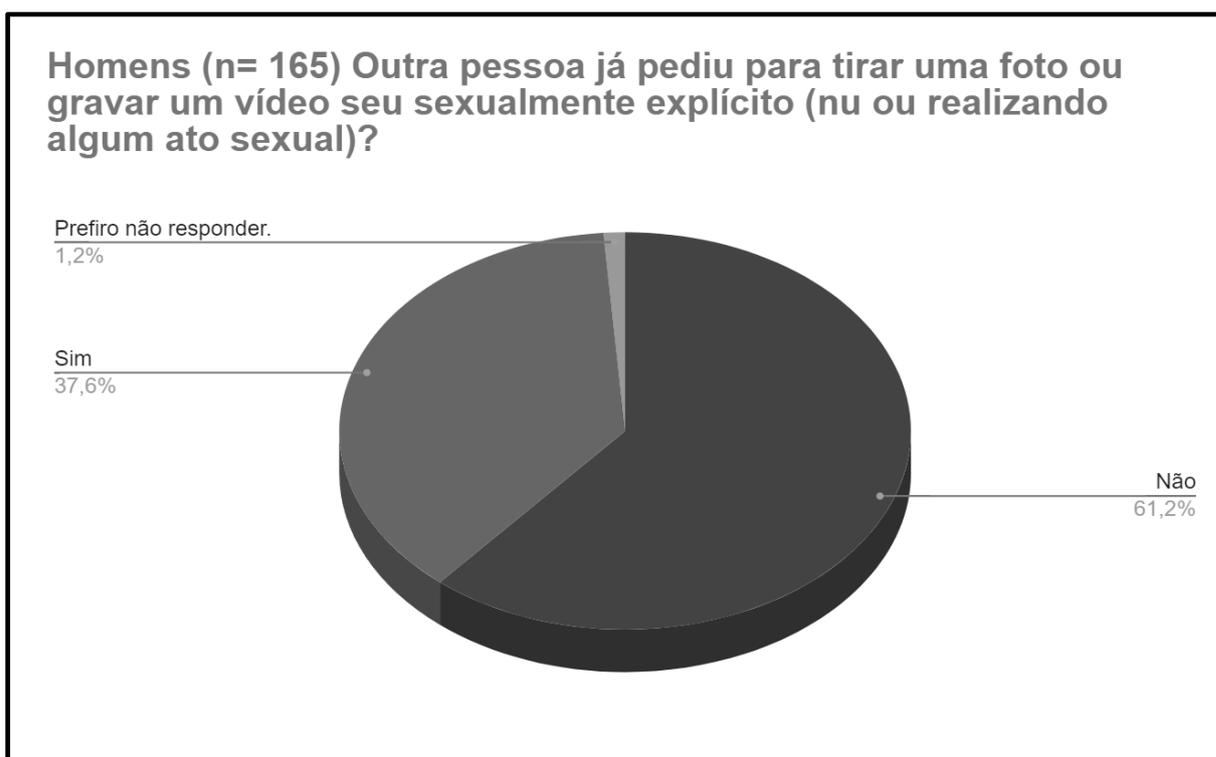
Gráfico 47- Motivação para o compartilhamento



Fonte: Produzido pela autora (2023)

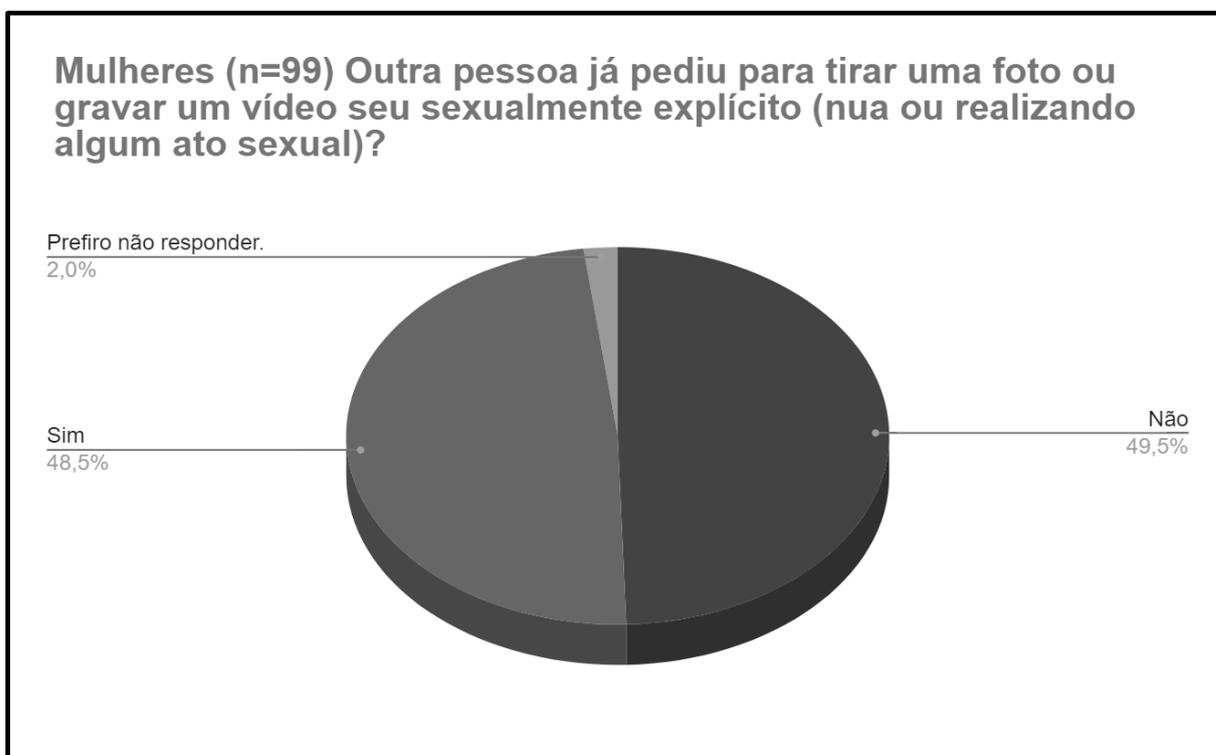
Quando solicitados a explicitarem o motivo do compartilhamento, se solicitado por outra pessoa ou se enviado espontaneamente, não se percebem grandes diferenças a partir da variável de gênero. A grande maioria dos respondentes (80%) informou ter enviado a mídia a partir da solicitação de outra pessoa. No entanto, ao considerar a próxima questão, exposta abaixo já a partir da variável de gênero é possível perceber que novamente as mulheres são mais solicitadas que os homens a se deixarem registrar. O grupo das pessoas (n= 7) que se identificaram com uma outra opção de gênero ou como não binários ou ainda que optaram por não responder qual era sua identificação de gênero possuiu, para a questão abaixo, o mesmo índice (46,2%) de respostas afirmativas e negativas, com 7,7% das pessoas deste grupo optando por não responder à questão.

Gráfico 48- Solicitação de foto ou vídeo sexualmente explícito (grupo homens)



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Gráfico 49-Solicitação de foto ou vídeo sexualmente explícito (grupo mulheres)



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Para esta questão em específico, os marcadores de orientação sexual e cor também produziram variações consideráveis nas respostas obtidas. Em relação a orientação

sexual, levando-se em consideração os grupos que informaram uma orientação sexual (heterossexual, homossexual, bissexual ou outra): o grupo de pessoas heterossexuais foi o que registrou os menores índices de respostas afirmativas para a questão, 36,6% das pessoas neste grupo afirmaram já ter recebido o pedido de outra pessoa para tirar uma foto ou gravar um vídeo seu sexualmente explícito. Nos outros grupos, tal índice, foi de 52,1% para o grupo das pessoas bissexuais, 61,5% para o grupo das pessoas homossexuais e de 45,5% para o grupo das pessoas que tinham outra definição para sua orientação sexual. É importante, ao se interpretar estes resultados termos em mente que a variável de gênero é subjacente aos dados relativos à orientação sexual. O grupo de pessoas heterossexuais (n=172) é composto 70,3% por homens, o grupo de pessoas bissexuais (n=73) é composto por 57,5% de mulheres e apenas por 32,9% de homens, já o grupo de pessoas homossexuais (n=13) é composto 84,6% por homens. Parece haver, portanto, uma especificidade do grupo de pessoas homossexuais masculinas no que tange o registro de índices, maiores que a média, de solicitações de se deixar registrar em um contexto sexualmente explícito.

Em relação ao marcador social de cor, uma variação significativa é notada ao considerar-se o grupo de pessoas negras (n=24). Neste grupo 54,2% das pessoas afirmaram já terem sido solicitadas por outra pessoa para tirarem uma foto ou gravar um vídeo explícito seu, ao passo que no grupo de pessoas brancas (n=191), este percentual cai para 43,5% e no grupo de pessoas pardas (n=55) para 34,5%. Em parte, a variável de gênero explica tais resultados, dado que o grupo das pessoas pardas é composto 81,7% por homens e o grupo das pessoas brancas é composto 56,7% por homens. No entanto, o grupo de pessoas negras também é composto em sua maioria, 58,3% por homens. Em relação a orientação sexual, marcador social que poderia explicar esta variação, não há diferenças significativas na composição dos grupos, com pessoas heterossexuais compondo 62,3% do grupo das pessoas brancas, 66,7% do grupo das pessoas negras e 57,9% do grupo das pessoas pardas. Mesmo com uma amostra reduzida (n=24) há o indicativo, portanto, de que pessoas negras são mais solicitadas a se deixarem registrar do que outros grupos. Tal dado pode estar conectado a tendência ampla da pornografia *mainstream* em reafirmar representações estereotipadas de mulheres e homens negros que tendem a objetificação e desumanização das pessoas que compõem esse grupo social, como já demonstrado na revisão das análises de conteúdo apresentada anteriormente.

As entrevistas fornecem mais informações em profundidade sobre como este processo, de geração de imagens sexuais próprias, pode vir a transcorrer. Neste sentido,

me parece sintomático que três das quatro mulheres entrevistadas afirmaram já ter se sentido pressionadas a tirar uma foto ou gravar um vídeo íntimo próprio. Tal afirmação também foi feita pela pessoa não binária. Apenas um dos cinco homens entrevistado afirmou ter se sentido pressionado neste sentido. As entrevistas dão suporte aos achados de outras pesquisas (Nicky STANLEY et al., 2018) que apontam que a troca de mensagens e imagens sexuais pode ser moldada por valores e atitudes abusivos que sustentam a pornografia *mainstream*.

Você já se sentiu pressionado (a) a tirar uma foto ou gravar um vídeo íntimo seu?

**Simone**

E: A meu namorado às vezes pede bastante, tipo mesmo quando eu não to vontade. Então sim, eu me sinto pressionada por ele às vezes, só que eu só... ou eu mando, ou eu falo que não to afim. Aí é de boa assim, mas por outra pessoa que não fosse ele, não.

P: E tu acha que essa pressão ela é relativamente recorrente ou não?

E: Eu não tive outros relacionamentos, mas acho que se eu me relacionasse com um homem, outro homem, eu acho também poderia ser presente. E acho que se eu me relacionasse com uma mulher, eu não sei, nunca aconteceu, mas eu sinto que, eu não sei, mas eu sinto que talvez gerasse mais compreensão nesse sentido de não ficar pedindo toda hora e tal... não sei

**Letícia**

E: Já e a pessoa tipo ela meio que fazia chantagem emocional assim, então eu pensava, não, eu ainda quero manter contato com essa pessoa, eu preciso fazer isso. Era horrível, horrível mesmo, nunca fiz nenhum vídeo, mas foto sim, e eu não me sentia bem porque bom era forçado ne. E até quando eu recebia eu me sentia esquisita, tipo eu não queria receber aquilo, tipo receber fotos inoportunas assim, é horrível, horrível.

**Caio**

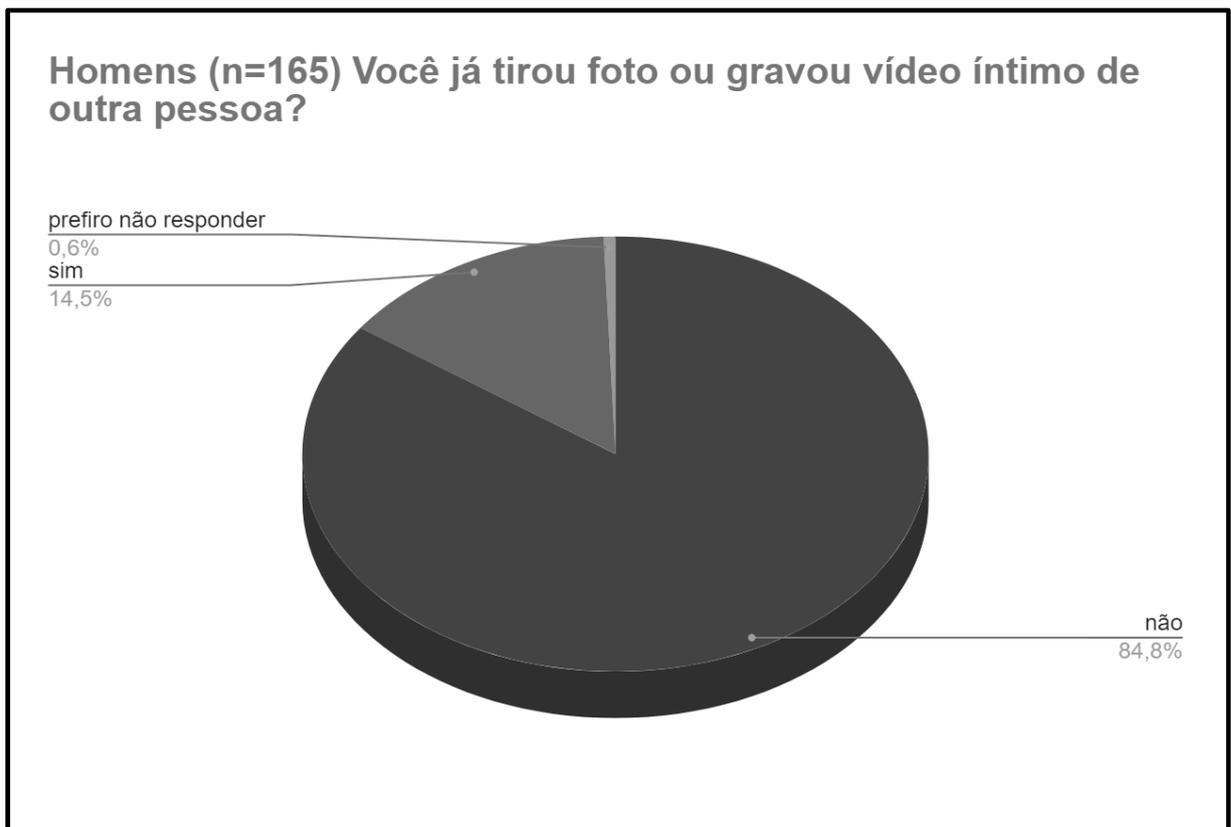
E: Já, mas só falei que não, mano não vai rolar ta ligado.

Nas dinâmicas heterossexuais narradas parece haver uma insistência maior dos homens na aquisição de algum registro sexual da parceira com quem se relacionam e tal insistência é percebida de forma negativa por elas; havendo aqui mais uma vez acordo com pesquisas que apontam que uma parcela significativa, cerca de 20%, (MARTELLOZZO et al, 2017) das fotos sexuais tiradas por jovens envolve pressão ou coerção. Esta dinâmica, ao que parece, mostra-se mais acentuada nas relações heterossexuais, sendo uma explicação possível para os dados que expus acima. O elevado número de mulheres, 65,9%, que afirmaram ter compartilhado a mídia produzida com uma pessoa que conheciam pessoalmente deve ser lido, portanto, também a partir das cenas narradas nas entrevistas.

Tomando-se em consideração a amostra ampla da questão anterior “Outra pessoa já pediu para tirar uma foto ou gravar um vídeo seu sexualmente explícito (nu ou nua ou realizando algum ato sexual)?” (n= 277): vemos 56,3% das pessoas afirmando que não foram solicitados por outra pessoa para tirar uma foto ou gravar um vídeo sexualmente explícito seu e 41,9% afirmaram que outra pessoa já solicitou tirar uma foto ou gravar um vídeo sexualmente explícito seu. No entanto, para a mesma amostra (n=277), a questão “Você já tirou foto ou gravou vídeo íntimo de outra pessoa?”, produziu resultados que mais uma vez apontam para diferenças importantes ao levar-se em consideração a variável de gênero, mas que também indicam uma assimetria considerável em relação aos dados obtidos na questão anterior.

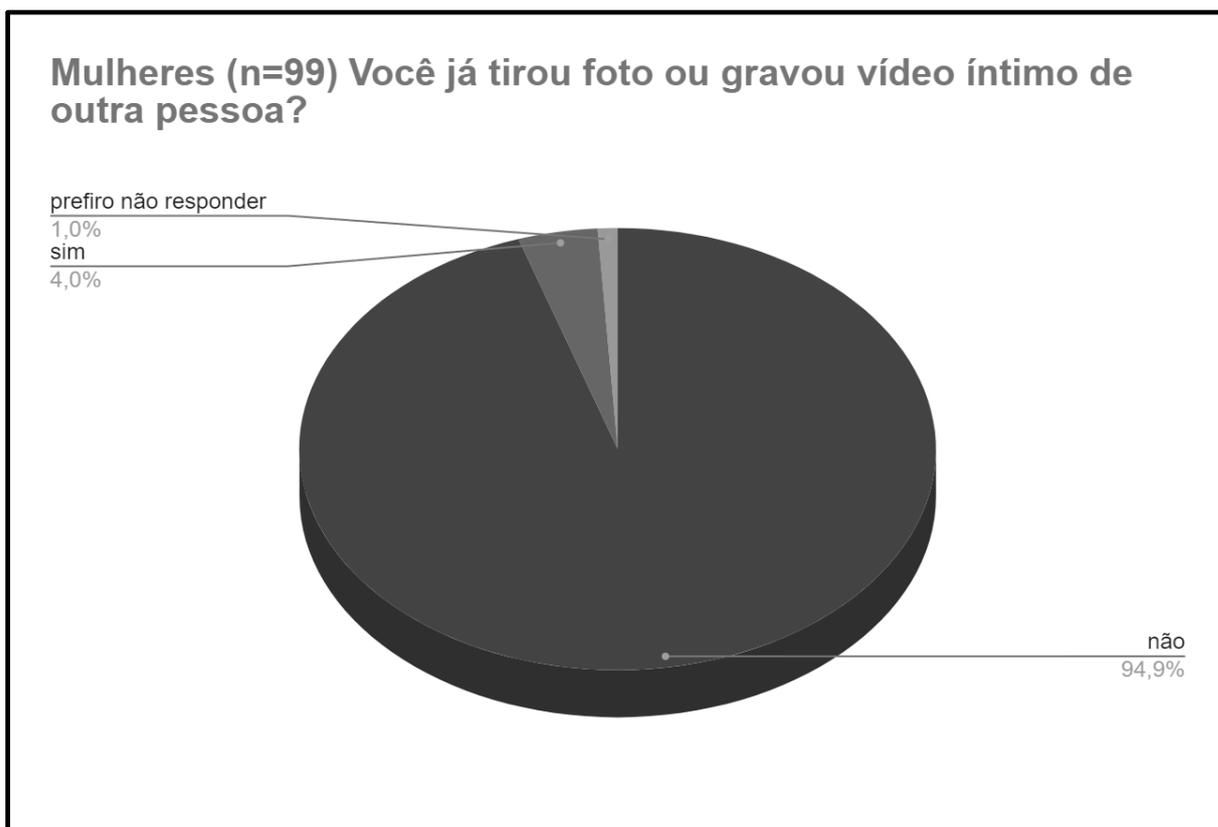
Os dados para a amostra ampla apontam que 89,2% das pessoas responderam à questão negativamente, com apenas 10,1% das pessoas afirmando já ter tirado foto ou gravado um vídeo íntimo de outra pessoa e 0,7% optando por não responder à questão. Quando considerada a questão a partir da variável de gênero, vemos que no grupo (n=13) das pessoas que se identificaram com uma outra opção de gênero ou como não binários ou ainda que optaram por não responder qual era sua identificação de gênero nenhuma pessoa afirmou já ter tirado uma foto ou gravado um vídeo íntimo de outra pessoa. O grupo dos homens (n=165), por sua vez, foi o grupo em que mais pessoas, 14,5% (n=24) afirmaram já ter produzido foto ou vídeo desta natureza.

Gráfico 50- Foto ou vídeo íntimo de outra pessoa (grupo homens)



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Gráfico 51- Foto ou vídeo íntimo de outra pessoa (grupo mulheres)



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Há que se notar, portanto, uma assimetria nas respostas das duas questões expostas acima, já que, levando-se em consideração as amostras gerais, ao mesmo tempo que temos 41,9% das pessoas informando já terem recebido o pedido de outra pessoa para tirar uma foto ou gravar um vídeo seu sexualmente explícito, temos 10,1% das pessoas afirmando já terem tirado uma foto ou gravado um vídeo íntimo de outra pessoa. Tal assimetria entre as respostas obtidas me leva a considerar alguns cenários: ou as pessoas que porventura pediram para tirar uma foto ou gravar um vídeo explícito de seus parceiros tiveram massivamente suas solicitações negadas ou este grupo específico (277 pessoas) de jovens considerados pela pesquisa é composto quase exclusivamente por pessoas que já foram solicitadas a tirar uma foto ou gravar um vídeo íntimo, porém que pouco realizaram esta mesma solicitação ou ainda é preciso notar uma resistência dos jovens em responder tal questão de maneira mais honesta. A inexistência de relatos nas entrevistas que apontem para situações que narram tentativas de se solicitar fotos ou vídeos explícitos de outra pessoa apontam para um silêncio significativo.

Há, ao que me parece, uma percepção ampla entre os e as jovens, que se manifesta nas entrevistas, de que, ao nível da consciência, é moralmente errado pressionar ou

mesmo solicitar a alguém fotos ou vídeos explícitos. Quando considerado este grupo específico, de jovens que afirmaram já ter tirado uma foto ou gravado um vídeo explícito de outra pessoa (n=30) a ampla maioria (86,7%) afirmou ter tirado a foto ou gravado o vídeo com a concordância da pessoa, 6,7% afirmaram ter feito a foto ou o vídeo sem que a pessoa soubesse e 6,7% optaram por não responder à pergunta. Tal afirmação moral, no entanto, não encontra lastro no caldo cultural em que os jovens vivem, em que o compartilhamento de fotos e vídeos explícitos são, nas palavras deles, “bastante comuns”.

O que os dados produzidos pela pesquisa demonstram é que, apesar de o compartilhamento de fotos ou vídeos íntimos ser considerado algo bastante comum pelas pessoas entrevistadas, marcadores sociais específicos, em especial gênero e orientação sexual, influenciam grandemente a posição ocupada nesse escambo contemporâneo. De maneira que, não são todos os corpos que são pornificáveis da mesma forma e grupos específicos desenvolvem dinâmicas próprias em torno da produção de conteúdos autopornográficos. Transcrevo abaixo uma parte do diálogo que tive com Michel, um dos jovens entrevistados.

P: Tu acha que essa produção de nudes, tu acha que isso é corriqueiro, esse envio de fotos de uma pessoa para outra?

E: A sim sim, muito, até tem plataformas que são praticamente destinadas a isso. Por exemplo, o *onlyfans* é só para isso, ou por exemplo o *hornet* ou o *grinder*, que são perfis de relacionamento gay é na base de foto e nude de pessoal assim para que tu possa sair com alguém. Então eu acho que isso é muito muito comum.

P: Agora tu falou do *grinder* né? Nem estava nas minhas perguntas, mas me parece que existe uma especificidade dessa plataforma, que as plataformas heterossexuais mais padrões, *tinder* por exemplo, me parece que elas não têm tanto essa questão da foto nua. Não sei se eu to errada ou qual a tua percepção?

E: É, exatamente isso, por exemplo o *tinder* muito, na minha perspectiva né, o *tinder* é muito na ideia de um romancelzinho, um *date*, sair com algum gay, namorar. E o *grinder* não, é tipo quero transar com alguém e é isso aí. É tipo assim aquela coisa tipo assim "tem local?", "tem", "curte o que?", "tal coisa" "vamos fazer isso", "vamos", deu, eu nunca vi romance nascer de *grinder* né?

P: E aí tu acha que o lance das fotos está bem direcionado a isso? Mostrar o corpo, ver se é isso?

E: Isso, tanto que tem muito essa coisa de tipo assim, manda foto do rosto só pra..., é o contrário né? É tanta foto íntima, que é tipo manda foto do rosto pra eu saber que tu é uma pessoa...

Michel nos narra a experiência em torno do compartilhamento de nudes a partir de um outro ponto: um homem cisgênero homossexual. A experiência narrada por Michel é marcada pela banalidade no envio e recebimento de mídias sexualmente explícitas autogeradas. Tais imagens passam a constituir a paisagem de plataformas virtuais

(*Grinder e Hornet*) estabelecidas para este público específico; em tais espaços não há que se barganhar por uma foto íntima, esta não representa uma conquista de nenhum tipo, servem mais bem para aferir a possibilidade de um futuro encontro, estabelecer a existência de uma afinidade estética entre aqueles que por ali interagem.

A inexistência ou a baixa incidência de fotos de rosto, apontada por Michel ao final de sua fala, também indica um alto grau de objetificação das pessoas que circulam por tal espaço virtual; tal característica não deixa de estar filiada a uma estética pornográfica apontada pelas pesquisas de análise de conteúdo. O estudo de Séguin, Rodrigue e Lavigne (2017, p.6) apontou, por exemplo, que “Enquanto os corpos das mulheres eram sempre visíveis durante o orgasmo, o pênis era a única parte do corpo masculino em 51,3% dos orgasmos masculinos<sup>255</sup>”, recorro aqui que o foco na genitália foi tido, por diversas pesquisas, como fator que indicava objetificação e ou instrumentalização/desumanização. Com uma amostra bastante reduzida (n=11), as respostas ao questionário dos homens homossexuais, indicam que a experiência narrada por Michel não é única. Este grupo específico foi o que registrou os índices mais altos de respostas afirmativas, 78,8%, para duas questões consideradas acima (“Você já tirou alguma foto ou gravou algum vídeo seu sexualmente explícito, nu ou nua ou realizando algum ato sexual?” e “Outra pessoa já pediu para tirar uma foto ou gravar um vídeo seu sexualmente explícito, nu ou nua ou realizando algum ato sexual?”).

A banalização dos registros sexualmente explícitos de si, apesar de se mostrar mais acentuada em determinados grupos, faz parte, no entanto, de um sistema mais amplo. Partindo de Paul Preciado, podemos pensar a *self* explícita como um dos artefatos que revela a existência de um *feedback* performático, mecanismo singular do regime farmacopornográfico. Exploro tal ponto, a partir do relato de Roberto. A resposta que segue surgiu a partir da questão “Tu achas que o medo de ter algum vídeo ou foto íntima vazado na internet é comum entre os jovens?”:

E: A depende muito, porque eu tenho colegas que meu deus do céu tem a galeria cheia e simplesmente manda, se tu pedir ela manda à vontade. Aí eu acho que entra muito na pessoa que é exibicionista né? Que é a pessoa que tem o prazer de saber que a outra pessoa tem uma foto dela íntima.

A forma como Roberto narra sua experiência com algumas colegas de sala parece estar intimamente relacionada ao processo descrito por Preciado de transformações de

---

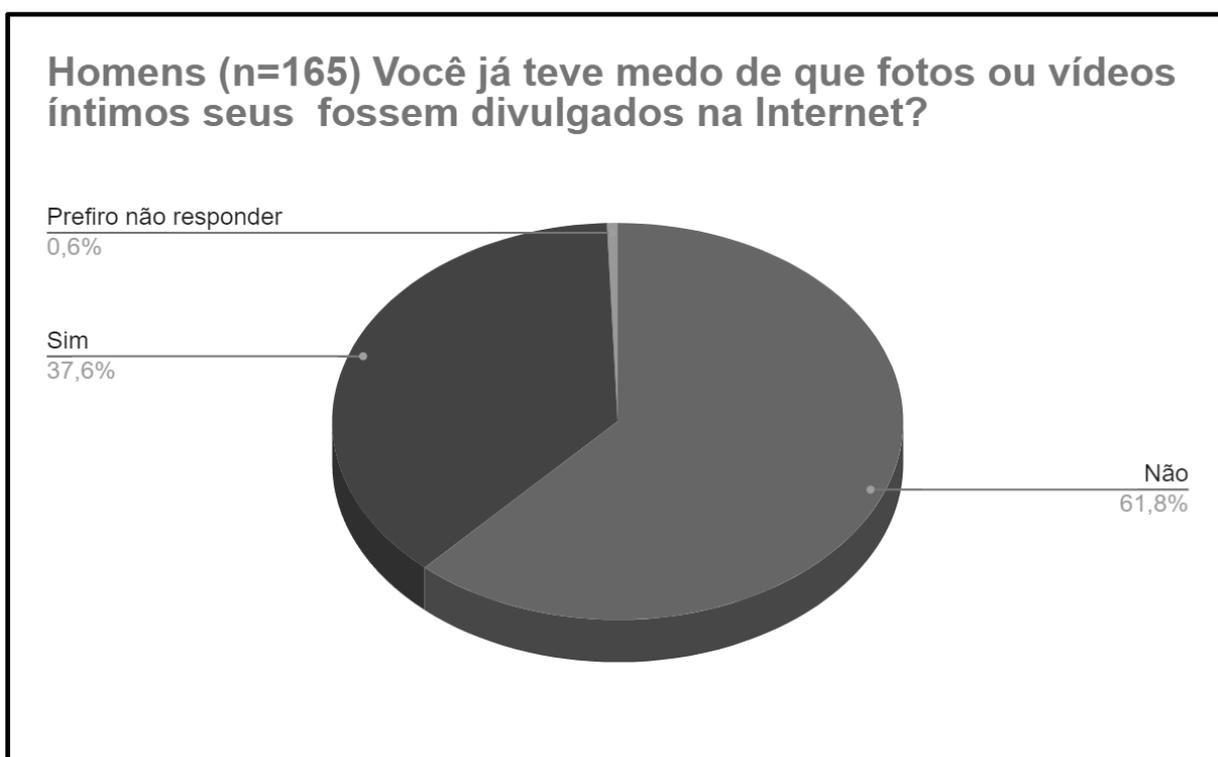
<sup>255</sup> Tradução própria. No original: “While women’s bodies were always visible during orgasm, the penis was the only visible male body part in 51.3% of men’s orgasms”.

conceitos (neste caso o exibicionismo) em realidades tangíveis, em bens tecnológicos (a galeria repleta de fotos). Este seria um dos mecanismos típicos do regime farmacopornográfico. A relação entre o conceito e a realidade tangível passa ser mediada por um *feedback* performativo que indica o sucesso do regime em obliterar a possibilidade de rastreio de origem ou de estabelecimento de uma relação de causa e efeito entre estes dois termos; de maneira que passamos a não ser mais capazes de saber o que veio primeiro, a depressão ou o Prozac, a testosterona ou a masculinidade, o exibicionismo ou a self. A massificação dos dispositivos fotográficos e a possibilidade de colocar a si próprio em rede, de distribuir-se virtualmente, está, desta forma, diretamente ligada ao estabelecimento de novas formas de subjetividade, ao estabelecimento de sensorialidades próprias deste período histórico. A *self* explícita da mesma forma que os diversos perfis que surgem diariamente nas mais diferentes redes são frutos desta nova forma de desejar: “o desejo de transformar o corpo em imagem consumível pelo maior número de olhares” (PRECIADO, 2018, p. 425).

Novos desejos geram também novos medos. A grande maioria (95,7%) dos jovens respondeu à questão (n= 277) “Você já teve uma foto ou vídeo íntimo seu divulgado na Internet sem sua autorização?” de maneira negativa. Apenas 2,9% dos jovens responderam tal questão de maneira afirmativa (8 pessoas) e 1,4% (4 pessoas) optaram por não responder tal questão. No entanto, realizando um exercício puramente especulativo, similar ao realizado por Martellozzo et al, 2017, e considerando as proporções encontradas pela pesquisa, poderíamos supor que, dada a existência de cerca de 17 milhões de jovens no Brasil com idade entre 15 e 19 anos (IBGE/2010), teríamos cerca de 490 mil jovens, nesta faixa etária, que já tiveram uma foto sua sexualmente explícita vazada na internet.

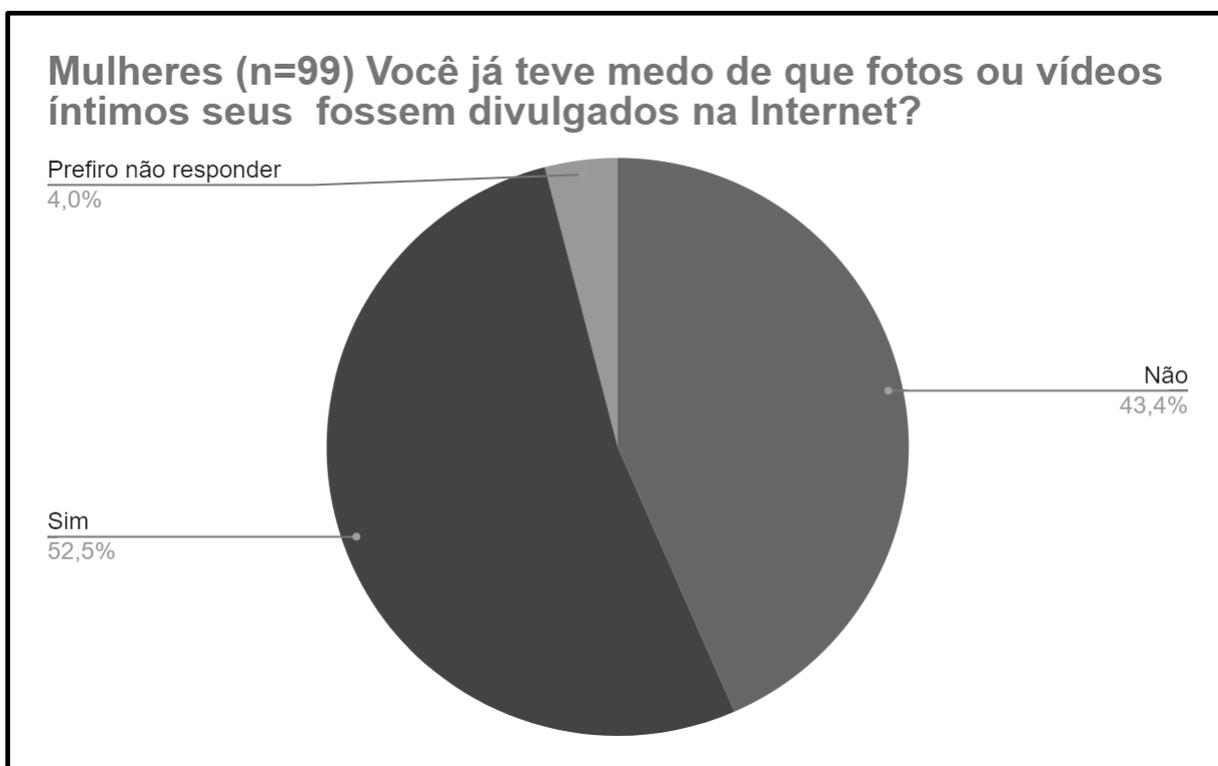
Destas oito pessoas que afirmaram já ter sua foto ou vídeo vazados na internet, quatro eram mulheres, dois eram homens e duas eram pessoas com outra identificação de gênero. Mesmo com uma amostra reduzida tais número auxiliam na compreensão dos dois gráficos que exponho a seguir e que são fruto da questão (n=277) “Você já teve medo de que fotos ou vídeos íntimos seus fossem divulgados na Internet?”.

Gráfico 52- Medo de divulgação de fotos ou vídeos íntimos (grupo homens)



Fonte: Produzido pela autora (2023)

Gráfico 53- Medo de divulgação de fotos ou vídeos íntimos (grupo mulheres)



Fonte: Produzido pela autora (2023)

O grupo (n=13) das pessoas que se identificaram com uma outra opção de gênero ou como não binários ou ainda que optaram por não responder qual era sua identificação de gênero teve índices muito similares aos expostos no primeiro gráfico: 53,8% responderam afirmativamente à questão e 46,2% responderam nunca ter tido medo de vazamento de fotos ou vídeos. De maneira que este “desejo por transformar o corpo em imagem consumível” não é subjetivado da mesma forma por todos os jovens, em especial, quando consideramos a variável de gênero. Nas entrevistas tal tendência se mantém, todas as mulheres e a pessoa não binária afirmaram acreditar que o medo de ter fotos ou vídeos íntimos vazados é comum entre jovens, entre os homens, dois realizaram a mesma afirmação e três indicaram acreditar que tal medo não é tão comum entre jovens. É partir dos relatos das mulheres e da pessoa não binária que é possível perceber também uma materialização mais específica deste medo; nos relatos deles, mesmo quando afirmam acreditar que tal medo é comum entre os jovens, tal especificidade não se revela.

P: Tu achas que esse medo é comum entre os jovens?

**Cris**

E: Eu tenho amigos que mandaram, que era para ser aquelas fotos que somem depois de um tempo, mas depois eles descobriram que foi feita a captura de tela... e vivem com esse medo constante de descobrir que vazou.

**Letícia**

E: Eu acho que sim, eu lembro que era uma coisa mais, mais comum quando eu era mais nova. Assim, tipo hoje em dia eu não tenho muito contato com pessoas que eu saiba que se mandam fotos e tal, mas quando eu era mais nova, era muito assim e todo mundo falava e eu conheci várias meninas que tiveram fotos vazadas, várias histórias assim.

P: Tu diz quando tu era mais nova, tu sabe me dar uma média de idade?

E: Tinha tipo, dos 13 aos... o primeiro contato foi com 13 e foi até uns 17 assim, 16, nessa faixa assim.

**Caio**

E: Rapaz, acho que sim né, acontecem tantos casos de vazamento.

O objetivo da presente seção era o de fornecer algumas pistas sobre a maneira como os e as jovens percebem esta outra dimensão, mais pessoal, da cultura pornográfica estabelecida a partir da web 2.0 e massificação da utilização do smartphone. Obviamente há a necessidade de desenvolvimento de novas pesquisas que abordem de forma mais pontual os pontos que aqui indiquei apenas de maneiras ampla.

Iniciei esta seção do presente trabalho enfatizando que utilização da perspectiva barberiana para se pensar o processo comunicativo que se coloca em marcha a partir do momento em que os conteúdos pornográficos disponíveis on-line passam a integrar o

referencial visual sobre sexo, sexualidade, gênero e corpos dos e das jovens não poderia realizar-se por completo sem uma imersão nas culturas juvenis que procurava estudar. Não busquei aqui, como já coloquei ao realizar algumas ponderações teórico-metodológicas, “dar voz” aos jovens e nem tampouco parti do pressuposto que estaria transcrevendo os pensamentos que os jovens possuem sobre a temática pornográfica. O objetivo amplo era buscar entender como os conteúdos pornográficos surgem na vida dos jovens e de que maneira os e as jovens lidam com a pornografia enquanto possível referencial cultural sobre a sexualidade.

Neste sentido, a proposta de utilização de ferramentas metodológicas que abarcassem uma dupla possibilidade de olhar, de longa e curta distância, se mostrou fundamental. A aplicação do questionário visava mapear tendências mais amplas sobre a utilização de meios digitais, sobre as formas que as pessoas jovens entravam em contato com materiais pornográficos on-line, quais conteúdos eram mais frequentes e a maneira que jovens lidavam com tais materiais. Este também foi o momento de averiguar não apenas que relações que poderiam ser classificadas como de consumo, mas também de pensar as posturas juvenis relacionadas a produção de conteúdos sexualmente explícitos. Seguiu-se a tal momento a realização de entrevistas semiestruturadas que tinham como objetivo fornecer informações em profundidade sobre os temas citados. Os diversos pontos de convergência entre as falas das diferentes pessoas entrevistadas permitiram, através da utilização de categorias e formulações teóricas, chegar à dimensão coletiva do que era a princípio subjetivo e pessoal. Na sequência, destaco alguns elementos que me parecem mais significativos deste processo de constituição da pornografia em um referencial fundamental para compreendermos as sensorialidades juvenis, principalmente aquelas relacionadas a sexo, sexualidade, relações de gênero e corpos.

O primeiro ponto que parece merecedor de destaque está centrado no alto grau de conexão com aparelhos que acessam a internet que as pessoas jovens informaram possuir. O destaque aqui, mais uma vez, vai para o *smartphone*, o celular com conexão à internet constitui-se como a prótese tecnológica onipresente na vida dos e das jovens. O cenário de hiper conexão em qual as pessoas respondentes da pesquisa estão inseridas traz consigo também o que parece ser inevitabilidade de contato com pornografia. Não apenas o contato com tais materiais é massificado entre os jovens, como ele passa a equivaler-se ao meio de acesso, os dados permitem afirmar que para as pessoas consideradas na pesquisa pornografia é a internet. Tal acesso ocorre primariamente por meio grandes

portais e sites pornográficos, mas também via redes sociais não especializadas neste tipo de mídias.

Descoberta importante da pesquisa está relacionada a forma como se dá o primeiro contato com materiais pornográficos. Apontei neste sentido, para a impossibilidade de se pensar o consumo de mídias pornográficas na internet da mesma forma como pensávamos o consumo de tais conteúdos em meios analógicos. Segundo os dados produzidos, uma fração considerável dos primeiros contatos com materiais pornográficos ocorre de maneira não intencional. Neste sentido, um achado importante ocorreu a partir do cruzamento das respostas obtidas com a variável demográfica de gênero. Ser mulher indicou uma probabilidade duas vezes maior, em comparação com o ser homem, de um primeiro contato acidental com pornografia no modelo “o conteúdo simplesmente apareceu”, sendo esta a forma majoritária de primeiro contato com conteúdos pornográficos reportados pelas jovens participantes da pesquisa. Ao passo que, para os homens, a forma mais comum de primeiro contato com conteúdos pornográficos se deu através da exibição do conteúdo por outra pessoa, sem que houvesse a expectativa ou a solicitação de que tal conteúdo fosse exibido.

Ainda em relação a forma como se dá este primeiro contato com pornografia, apontei como sendo relevante, para o contexto aqui considerado, a precocidade da idade deste primeiro encontro: ao atingir 12 anos de idade, 67,6% dos e das jovens já tiveram contato, ao menos uma vez, com materiais pornográficos via internet. Com uma fração considerável (23,5%) de jovens afirmando que tal contato ocorreu antes dos 10 anos de idade. Passado este momento de primeiro contato, mostrou-se relevante o número de jovens, em especial do gênero masculino, que informaram uma alta frequência de contato com materiais pornográficos. Para estes, os conteúdos pornográficos compõem uma parcela considerável da paisagem visual que acessam na internet.

Sobre a forma como tais representações atuam como um referencial importante sobre as maneiras de portar-se sexualmente, apontei para o fato de que reconhecer as características irrealistas das representações pornográficas não impede os e as jovens de sentirem-se influenciados pelos conteúdos assistidos. Mais uma vez aqui a variável de gênero destacou-se como fundamental para compreensão das diferenças nas formas de impacto: homens afirmaram sentir-se mais inspirados pelos conteúdos assistidos que as mulheres. Elas, no entanto, afirmaram com maior frequência que eles terem sido solicitadas a realizarem um ato sexual que possuísse alguma inspiração pornográfica.

Neste sentido, aponte de maneira afirmativa para o fato de que as representações pornográficas colocam em prática uma pedagogia do gênero e da sexualidade no contemporâneo.

Tal ação é possibilitada não apenas pelo contato frequente que grandes parcelas da juventude afirmam ter com tais materiais, mas também pela forma como tais conteúdos se apresentam na vida dos e das jovens. De maneira que só foi possível entender o alto número de jovens, em especial do gênero masculino, que afirmaram um impacto negativo dos conteúdos pornográficos em suas vidas, a partir do desenvolvimento de uma compreensão dos operadores perceptivos que são colocados em prática no processo de inserção da pornografia na lógica da web 2.0. A temática do vício em pornografia foi trazida à tona pelo jovens ao longo das entrevistas e tornou possível uma compreensão mais elaborada sobre como os conteúdos e a forma como estes apresentam-se engajam os corpos.

Neste sentido, é preciso apontar para o grande *gap* que parece existir entre os anos em que os primeiros contatos ocorrem e o momento em que na vida dos jovens as entrevistas foram realizadas. Este intervalo de tempo, que tende a ser de no mínimo seis anos, se considerarmos a idade de 12 anos como a idade do primeiro contato e o momento da entrevista como tendo ocorrido aos 18 anos, mas que pode ser maior, no caso dos contatos mais precoces, mostra-se como um período complexo na relação dos jovens com as referências pornográficas com as quais tem acesso.

As entrevistas, materializadas nos diversos excertos que aqui procurei trazer, demonstram que este processo de desenvolvimento de uma percepção crítica dos materiais acessados é muitas vezes um processo individual, que ocorre também através da internet e envolvimento de algum sofrimento para uma parcela significativa das pessoas jovens. Ao contrário de outros estudos (LÖFGREN-MÅRTENSON; MÅNSSON, 2009), o cenário desenhado pela pesquisa indica que para uma parcela considerável dos e das jovens lidar com os efeitos da presença constante das representações pornográficas em suas vidas é problemático. Em relação a tal ponto, o fato de as jovens mulheres indicarem em menor proporção terem sido impactadas negativamente pelos conteúdos pornográficos parece estar relacionado não apenas ao fato de informarem um menor consumo e menor frequência de contato com tais materiais, mas também ao um processo mais amplo e difuso de popularização de ideias feministas.

Em relação a estas ideias, é preciso lembrar que o grande tema das discussões feministas que ocorreram ao longo das décadas de 1970 e 1980 centravam-se no papel objetificado que era relegado às mulheres nas produções pornográficas da época. Havendo uma crítica muito forte a forma como a violência de gênero era sexualizada em tais representações. Com base no que as pessoas jovens afirmaram já terem visto nos materiais com que, porventura, tiveram contato pela internet é possível indicar uma permanência de tal cenário representacional e uma renovação das preocupações relacionadas a forma como constituem-se as identidades de gênero na ampla maioria dos vídeos pornográficos. Em relação aos conteúdos assistidos informados pelas pessoas participantes da pesquisa, aponte para o processo de normatização do contato com cenas que envolvam agressão/violência/degradação. Neste sentido a percepção das pessoas participantes da pesquisa confirmam as pesquisas de análise de conteúdo que indicavam que tais cenas ocorrem segundo um padrão representacional bem definido em termos de gênero: atos de agressão/violência/degradação tendem fortemente a ser perpetrados por homens e direcionados às mulheres.

O reconhecimento do impacto negativo e das diferenças nas formas como homens e mulheres são representados da pornografia disponível on-line indica que, apesar de sentirem-se afetados pelos conteúdos vistos, os e as jovens são capazes de desenvolverem uma interpretação crítica sobre a forma como tais conteúdos estão presentes em suas vidas. A existência de outras fontes de informação e de referência sobre questões de gênero e sexualidade na vida dos e das jovens foi apontada pelas pessoas participantes da pesquisa como tendo o ambiente on-line também como locus privilegiado de acesso. De maneira que, aponte para o deslocamento ocorrido nas últimas décadas na autoridade discursiva sobre a sexualidade; esta não se encontra mais unicamente e nem majoritariamente nas instituições e saberes tradicionais que outrora compunham o sistema da *scientia sexualis* descrito por Michel Foucault e tantos outros autores, mas sim encontra-se dispersa nas redes.

Em tal processo de estabelecimento de referências, seja para a ação individual ou como forma de dar sentido ao que é percebido e visto em relação a sexualidade, ao sexo e aos corpos, tornou-se nítido o papel pouco protagonista da escola. A grande maioria das pessoas participantes da pesquisa afirmaram que ou que as escolas não abordam questões relacionadas a sexualidade ou que as abordam de maneira insatisfatória. A partir de todos os pontos que já destaquei anteriormente é relativamente fácil compreender à vontade

expressa pela ampla maioria das pessoas participantes da pesquisa em ver questões sobre gênero e sexualidade trabalhadas em contexto escolar de forma satisfatória. A escola, “apesar dos pesares”, ainda se constituiu em um espaço vital de sociabilidade e de contato com informações e referências não encontradas em outros momentos da vida social de muitos jovens. Neste sentido, a pesquisa apontou que a família, exaltada por muitos discursos contemporâneos como o último bastião da civilidade, é capaz de fazer muito pouco pelos jovens no que tange as questões abordadas ao longo deste trabalho. Apontei, desta forma, para a necessidade de tentativas mais sistemáticas e estruturadas de rompimento do que chamei de dimensão bipartida da escola.

Por fim, a última parte desta seção foi dedicada a um mapeamento sobre as formas como as pessoas jovens engajam-se na produção de materiais sexualmente explícitos. Apontei em relação a isto para o número relativamente alto, quando comparado a outros contextos (MARTELLOZZO, 2017; ROMITO, BELTRAMI, 2015), de jovens que afirmaram já ter tirado alguma foto ou gravado algum vídeo próprio sexualmente explícito. Neste sentido, indiquei a existência de especificidades em alguns grupos sociais no que tange a produção deste tipo de material, com os marcadores de cor, orientação sexual e gênero ganhando relevância na análise. Em relação a isto, destaquei que as mulheres ao mesmo tempo em que produzem, proporcionalmente, menos materiais explícitos de si do que os homens, também são mais solicitadas a se deixarem registrar em vídeos ou fotos. Em tal contexto cultural em que o compartilhamento se tornou palavra-chave para compreensão dos fluxos informacionais de nossa era, também foi possível notar o surgimento de receios e medos específicos causados pela possibilidade de hiperexposição de si, com um elevado número de jovens, em especial mulheres, afirmando já ter tido medo de ter fotos ou vídeos íntimos divulgados na internet.

Em relação a este processo, de produção de dados sobre a forma como jovens relacionam-se com conteúdos pornográficos disponíveis on-line gostaria ainda de realizar alguns apontamentos que indicam tanto as limitações da presente pesquisa como apontam para possíveis futuros caminhos no que diz respeito as pesquisas sobre a temática. Em relação aos marcadores sociais de cor/raça, orientação sexual, identidade de gênero não binária e pertencimento religioso é preciso apontar a limitação dos dados produzidos. As amostras destes grupos específicos acabaram, muitas vezes, sendo muito reduzidas, o que dificultou a possibilidade de afirmações mais conclusivas sobre a forma como os referenciais pornográficos dialogam com estes marcadores sociais em específico.

No entanto, as limitações da presente pesquisa indicam possibilidades de pesquisas futuras extremamente profícuas. Há que se desenvolver de forma mais conclusiva pesquisas que abordem, por exemplo, a forma como conteúdos pornográficos são subjetivados e tornam-se presentes na vida de pessoas não brancas. Pois não só há o indicativo de que a pornografia racializada parte de operadores perceptivos próprios<sup>256</sup>, como demonstrei na revisão das análises de conteúdo, mas como a presente pesquisa produziu dados que indicam que a cor da pele joga um importante papel tanto no impacto negativo da pornografia na vida dos jovens quanto na solicitação de produção de material sexualmente explícito próprio.

Neste sentido, também me parece ser preciso realizarmos estudos mais específicos que observem as dinâmicas próprias da cultura gay masculina jovem tanto sobre o consumo de pornografia e quanto sobre a produção de materiais sexualmente explícitos próprios. Havendo aqui o claro indicativo de diferenças significativas na forma como o compartilhamento de tais materiais ocorre dentro de tal contexto cultural em comparação com o contexto cultural típico da heterossexualidade. Ainda neste sentido, em relação ao grupo de mulheres homossexuais a pesquisa não foi capaz de produzir dados significativos, residindo neste grupo social específico, outras possibilidades de pesquisas futuras.

Por fim, indico a importância de realização de estudos que abordem o contato com materiais pornográficos a partir da marca do pertencimento religioso, com destaque para o grupo social das pessoas que se autodeclaram evangélicas. O hiper foco que questões relacionadas a gênero e sexualidade passaram a ter nos discursos públicos das mais diversas igrejas evangélicas, em especial, as neopentecostais, parece estar relacionado ao estabelecimento de uma relação própria de tais grupos com materiais pornográficos.

---

<sup>256</sup> Em relação aos dois pontos que comento neste parágrafo ver: JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva; CAMILO, Vandelir. Atenção!!! Homens trabalhando: um olhar sobre masculinidades negras na pornografia gay hardcore brasileira. **In O Social em Questão** - Ano XXVI - n° 55 - Jan a Abr/2023.

## Conclusão

Imagino que usualmente muitos são os fatos que marcam o desenrolar de um processo de pesquisa e escrita de uma tese. Os cerca de quatro anos dedicados a um tema podem passar com a ligeireza ou o vagar que tendem a pautar a caminhada daquela que se arisca a adentrar nessa jornada. Neste sentido, me parece que a escolha do tema tende a influenciar fortemente a probabilidade de empolgação ou tédio sentido. A temática da pornografia, no meu caso, sempre propiciou que fosse a primeira dessas emoções a que mais marcasse a minha caminhada. E isto não se deve ao fato de as representações pornográficas operarem como *bodily images*; de fato a medida que a pesquisa avançava, com menor intensidade eu percebia em mim o efeito corporal de tais imagens. A empolgação referente ao tema esteve muito mais conectada ao caráter extremamente vivo e dinâmico que marcam a presença massiva das representações pornográficas no universo on-line e no *zeitgeist* contemporâneo. Muitas coisas aconteceram com a pornografia ao longo da tese.

Em 2020, após reportagem do New York Times (04 de dezembro), intitulada “**The Children of Pornhub**<sup>257</sup>”, escrita por Nicholas Kristof, em que o autor detalhava a presença de vídeos de abuso sexuais contra menores na plataforma *Pornhub.com*, empresas como Visa e Mastercard<sup>258</sup> suspenderam a possibilidade de utilização de seus serviços para pagamentos tanto nos sites pornográficos que a *Mindgeek* possui, incluindo o *pornhub.com*, quanto na *TrafficJunky*, a principal empresa utilizada para anúncios nos sites da *Mindgeek*<sup>259</sup> e o braço publicitário desta última. O ano de 2020 também foi o ano de explosão, em termos de usuários e de performers, da plataforma *Onlyfans*<sup>260</sup>. Surgida em 2016, ganhou notoriedade a partir de 2018 e passou a ser creditada por transformar o cenário do trabalho sexual<sup>261</sup> no contemporâneo e de ditar os novos rumos da indústria

---

<sup>257</sup> KRISTOF, Nicholas **The Children of Pornhub: Why Does Canada Allow This Company to Profit Off Videos of Exploitation and Assault?**, N.Y. TIMES (Dez. 4, 2020) Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/12/04/opinion/sunday/pornhub-rape-trafficking.html>

<sup>258</sup> COLE, Samantha. **Visa and Mastercard Cut Ties With Pornhub’s Advertising Network**. Vice, 05/08/2022. Disponível em <https://www.vice.com/en/article/jgpp7d/visa-suspends-pornhub-advertising> Acesso 20/02/2023

<sup>259</sup> Entre os sites que a empresa possui encontram-se: Pornhub, Brazzers, Redtube, YouPorn, Xtube.

<sup>260</sup> **OnlyFans cresce em popularidade durante a pandemia**. Isto é dinheiro. 06/01/2021. Disponível em <https://www.istoedinheiro.com.br/onlyfans-cresce-e-criadores-de-conteudo-ganham-ate-us-1-milhao/> Acesso 20/02/2023

<sup>261</sup> BERNSTEIN, Jacob. **How OnlyFans Changed Sex Work Forever**. The New York Times. 09/01/2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/02/09/style/onlyfans-porn-stars.html> Acesso 20/02/2023

pornográfica<sup>262</sup>. Em 2021<sup>263</sup> esta mesma plataforma anunciou que baniria os conteúdos pornográficos com receio de ser atingida pelo mesmo tipo de ação que levou a empresas e bancos suspenderem relações com os sites da *Mindgeek*, porém, em alguns dias, depois de sofrer um intenso *backlash* nas redes sociais, a aplicação da nova política foi suspensa. Havendo aqui o indicativo de que não só a pornografia tende a surgir de fato como uma forte candidata para a testagem de novos formatos tecnológicos, mesmo que seja posteriormente abandonada, mas que a temática pornográfica segue possuindo um grande potencial de mobilização social.

Estes são alguns exemplos das diversas notícias com as quais eu fui me deparando ao longo do processo de pesquisa. O fato de a tese contar com um grande número de referências, apresentadas nas notas de rodapé, de revistas, sites e jornais é um reflexo desta tentativa de tradução do universo dinâmico da pornografia para o texto. Do outro lado, a experiência como professora, atuando na educação básica com um público similar aquele que constituiu o público-alvo da tese servia para reforçar em mim a crença de que a relação entre materiais sexualmente explícitos disponíveis on-line e culturas juvenis era algo que merecia ser investigado mais a fundo.

A ideia de acompanhar tal processo comunicativo, no entanto, parecia desde o início uma tarefa complexa. Como dar conta de um processo de comunicação em que os canais emissores dos conteúdos se multiplicaram de forma viral e que os próprios conteúdos, as representações pornográficas, tornaram-se infindáveis? Como conversar com jovens sobre o acesso a pornografia em um momento em que vivíamos (vivemos<sup>264</sup>?) um período em que as questões de gênero e sexualidade se tornam o cavalo de troia para a implementação de uma agenda conservadora com tons mais fortes de fascismo do que gostaríamos de reconhecer?

Foi se tornando claro para mim, ao longo dos meses iniciais que marcaram a pesquisa, que eu necessitaria de um enquadramento teórico-metodológico que fosse capaz de dar conta do escopo, propositalmente amplo, da pergunta que eu me propunha responder: Se e como a pornografia e as representações sexualmente explícitas acessadas

---

<sup>262</sup>SANCHEZ, Leonardo; Martins, Pedro. **Como o OnlyFans atrai de ex-BBBS a Anitta e dita rumos do sexo e da pornografia**. Folha de São Paulo, 03/02/2023, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/02/como-o-onlyfans-atrai-de-ex-bbbs-a-anitta-e-dita-ru-mos-do-sexo-e-da-pornografia.shtml> Acesso 20/02/2023

<sup>263</sup> BARRY, Eloise. **Why OnlyFans Suddenly Reversed its Decision to Ban Sexual Content**. Time, 26/08/2021. Disponível em: <https://time.com/6092947/onlyfans-sexual-content-ban/> Acesso 20/02/2023

<sup>264</sup> Esta conclusão foi escrita em janeiro-fevereiro 2023.

via Internet operam, junto aos jovens, como um mecanismo de pedagogia da sexualidade e do gênero?

O contato com os Estudos Culturais, nas suas vertentes anglo-saxãs e latino-americanas, e, em especial, com a teoria de Jesús Martín-Barbero permitiram vislumbrar a factibilidade da pesquisa. Me aventurei a tomar o mapa barberiano como carta de navegação e passei a entender as mediações e os conceitos ali expostos como pistas para compreender as mudanças mais amplas que ocorriam nos processos comunicativos contemporâneos, no quais as representações pornográficas eram apenas uma fração. Em especial, procurei reter ao máximo a ideia de que não era possível investigar o processo que me propunha olhando para dois polos opostos (emissores e receptores) ou mesmo enfatizando apenas as mudanças tecnológicas trazidas à tona pelos meios digitais. Era necessário buscar observar como as representações pornográficas acessadas nos meios digitais relacionavam-se com a cultura cotidiana das pessoas jovens, como adentravam nas culturas juvenis e tornavam-se partícipes de novas formas de se viver, sentir, perceber e criavam, desta forma, *habitus* novos.

Em termos práticos foi preciso pensar como organizar a investigação de maneira a conseguir chegar nos sujeitos e objetos da pesquisa. Primeiro era necessário compreender a forma como os conteúdos pornográficos adentraram no universo da Web 2.0 e quais modificações as novas formas produtivas introduziram nos discursos pornográficos e nas maneiras como estes são disponibilizados. Foi partindo dos conceitos de pedagogias culturais, cultura participativa, convergência, educação para os meios e da mediação das redes que foi possível articular tal dimensão da pesquisa. Em termos práticos, tal momento da investigação foi realizado através de ampla pesquisa bibliográfica. Em específico, o processo de pesquisa que buscou estabelecer quais seriam as narrativas hegemônicas e as identidades mobilizadas nos discursos pornográficos *mainstream* ocorreu através da revisão de quatorze pesquisas que realizaram análises de conteúdos de imagens e vídeos pornográficos disponibilizados nos principais e maiores portais de acesso a pornografia na atualidade. Compuseram, desta forma, a amostra de tal revisão cerca de 7.071 cenas/vídeos/imagens.

Foi possível, então, elaborar os principais traços da paisagem pornográfica disponível on-line. A partir da análise das pesquisas revisadas propus uma lista que seria representativa do roteiro básico de um vídeo pornográfico heterossexual encontrado em um site do estilo *tube* na internet. Em relação a tal roteiro apontei que as narrativas

pornográficas analisadas se constituem em exemplares atualizados da estética de um já antigo regime heterodominante. Também propus denominar o sistema de representação que se instaura a partir desta paisagem de *voluptas-violentiam*.

Partindo da observação de quais são os corpos capazes de agredir e gozar, tornou-se nítida a construção binária e generificada de duas formas de existência nesta paisagem pornográfica. A construção do sujeito codificado como feminino, do sujeito mulher, como um ser-objeto no universo da pornografia ainda se dá pela reiteração da afirmação de que estes corpos são os corpos que podem ser agredidos. Seguindo a interpretação de Rita Segato (2016), de que produção da masculinidade se constituiu através de um processo de cobrança de tributos em que um outro é percebido como o provedor dos gestos que alimentam a virilidade, aponte que a rigidez e fixação dos atos presentes na pornografia *mainstream* não devem ser encarados como simples falta de criatividade ou de uma estrutura narrativa pobre, mas sim, como obedecendo a um sistema de representação que posiciona as mulheres e seus corpos como garantidoras da masculinidade dos sujeitos-homens. A feminilidade, no campo da pornografia, portanto, é definida pela capacidade de ser agredida e não sentir ou não demonstrar dor.

O papel que o binômio agressões/orgasmos possui no processo de constituição de certas narrativas sobre sexo e sobre os sujeitos sexualizados, masculinos e femininos, também foi aferido em relação a outros marcadores sociais importantes, como raça/etnia e geração. É possível inferir das pesquisas analisadas que a presença de dois atores brancos implica em índices menores de violência e agressão, ao passo que categorias racializadas apresentam índices maiores. Em especial, as representações pornográficas *mainstream* de pessoas negras reproduzem uma ideologia racial (COLLINS, 2002; DAVIS, 2016), marcadas pelo mito da hipersexualidade negra e pela instrumentalização da violência como forma de desumanizar e objetificar as pessoas desse grupo social. A revisão das análises de conteúdos demonstrou, desta forma, que os marcadores de raça/etnia, assim como os gênero, se constituem como um princípio organizativo fundamental para a compreensão de quais são os sujeitos de enunciação que são produzidos, ainda que no nível da representação, pela pornografia.

Se a revisão das análises de conteúdo indicou que as representações pornográficas *mainstream* operam ainda a partir de uma lógica conservadora, as novas formas de contato com tais representações apontaram para a necessidade de compreensão do papel que as categorias, os termos chaves e as *tags* possuem na constituição de uma determinada

verdade narrativa sobre como se dão as relações sexuais e sobre os sujeitos que estão engajados em tais relações. A partir da análise sobre a forma como os discursos pornográficos *on-line* estão organizados foi possível perceber como o estabelecimento de certas categorias está relacionado a constituição de sujeitos distintos. Neste sentido, aponte que a promessa de liberação de tabus e de exploração do desejo sem limites que a barra de busca em branco dos sites pornográficos parece oferecer é não apenas vazia, mas também ilusória, pois a manifestação do desejo em tais sites deve ser realizada através da utilização de termos que já estão contidos na lógica dos indexadores e de categorias pré-estabelecidas. A assimilação e aceitação desta lógica interna própria pode ser atestada pela grande quantidade de termos de busca que fazem sentido apenas no universo da pornografia *on-line*.

Indiquei assim a impossibilidade de se pensar a estética que se constitui a partir da pornografia *mainstream* de forma independente a estética de banco de dados que se estabelece a partir da Web 2.0 e da lógica *prosumer*. Estando as representações pornográficas, com as diversas especificidades que as constituem, dentro de um processo mais amplo de instauração de um estado de *shareveillance*, no qual a performatividade nas redes alimenta e possibilita a profilagem e a instauração de uma cultura de vigilância atravessada pelo consumo.

O segundo momento da pesquisa foi marcado pela tentativa de compreender de forma mais profunda as maneiras como as pessoas jovens se relacionam com materiais pornográficos disponíveis *on-line* e como tais materiais surgem e passam a habitar as culturas juvenis. Dois instrumentos de pesquisa foram propostos como forma de atingir tal objetivo: a aplicação de um questionário no modelo *survey* e a realização de entrevistas semiestruturadas. Tratou-se da tentativa de combinar dois olhares sobre o processo comunicativo: um com o foco no mapeamento mais geral dos usos e outro que mirasse de forma mais íntima para o campo possibilitando chegar às subjetividades juvenis em torno do tema de pesquisa.

O questionário foi disponibilizado em ambientes *on-line* e respondido de maneira totalmente anônima e virtual por pessoas jovens com idades entre 16-19 anos, esta etapa da pesquisa foi finalizada com 277 questionários válidos respondidos. De forma subsequente a aplicação dos questionários, foram realizadas dez entrevistas com jovens com idades de 18 e 19 anos. O roteiro que guiou as entrevistas era composto de 20 questões. Todas entrevistas foram gravadas e, então, transcritas. A análise dos dados

coletados com os questionários foi realizada a partir quantificação dos mesmos segundo eixos temáticos que tem se mostrado pertinentes em estudos que versam sobre pornografia e juventudes. Destacam-se como eixos temáticos importantes: modos de acesso à Internet, percepção sobre o acesso a pornografia, forma, frequência, intencionalidade e motivação do contato, percepção sobre o realismo e grau de violência dos materiais pornográficos, impacto da utilização de materiais pornográficos, autoprodução de materiais sexualmente explícitos, relação entre escola e temas relacionados a gênero e sexualidade. Tais eixos foram, posteriormente, cruzados com as informações demográficas coletadas no questionário de maneira a se estabelecer um panorama mais detalhado sobre o tema. Em relação as entrevistas, as mesmas foram gravadas, transcritas, codificadas e categorizadas por temas de interesse. A validação dos dados obtidos foi feita a partir da comparação tanto dos dois momentos empíricos da pesquisa entre si, questionários e entrevistas, mas como também através comparação destes dados com aqueles produzidos via a análise das revisões de conteúdo e em relação a outras pesquisas e conceitos pertinentes ao campo.

A tarefa de concluir algo ou mesmo de resumir os principais pontos levantados por estas duas etapas da pesquisa feita diretamente com pessoas jovens é um desafio. Iniciei esta investigação com a intuição, posteriormente transformada em hipótese, de que as representações pornográficas acessadas on-line possuíam um papel importante na constituição das subjetividades juvenis em torno do sexo, sexualidade, gênero e corpos; a leitura de diversas pesquisas que abordavam o contato com pornografia por adolescentes e jovens já haviam me preparado para um cenário de amplo contato com representações pornográficas por parte de pessoas que habitam as culturas juvenis. No entanto, ainda sim, me surpreendi com diversos dados produzidos pela pesquisa. Opto, portanto, nesta conclusão por não tentar esquematizar ou resumir os achados deste momento mais propriamente empírico da investigação, acredito que já tenha feito isto em outros espaços do texto, mas sim por falar destes achados surpreendentes.

O primeiro ponto merecedor de destaque centra-se na ainda fundamentalidade da variável de gênero para a compreensão de diversos aspectos que envolvem o contato com conteúdos pornográficos por jovens via internet. As variáveis de gênero foram as responsáveis pela produção de diferenças significativas em quase todos os itens avaliados pela pesquisa: primeiro acesso, idade, frequência, impacto, inspiração nos conteúdos e produção de conteúdo explícito. De maneira que, da mesma forma que aponte para a

importância do gênero na constituição das narrativas e identidades no discurso pornográfico *mainstream*, também é preciso notar, como outras pesquisas já apontavam, que jovens identificados com o gênero masculino e jovens identificadas com o gênero feminino tendem a ter experiências bastante distintas com as representações pornográficas disponíveis on-line. Já apontei anteriormente, a limitação da pesquisa no acompanhar o processo comunicativo fora de uma perspectiva de gênero binária, em especial no que tange uma avaliação dos conteúdos e das representações, dado que essencialmente as revisões de conteúdo analisadas diziam respeito a pornografia heterossexual cisgênera. No entanto, também foi possível notar que o grupo das pessoas identificadas como não binárias ou com outra identificação de gênero também produziu, em diversos momentos, resultados distintos para os pontos citados.

Os dados produzidos pela pesquisa levam a uma renovação, portanto, de já antigas questões trazidas por diversas autoras ligadas ao movimento feminista. Tais questões renovavam-se a medida em que, se é possível falar em uma manutenção de representações heteropatriarcais como o grande mote da pornografia *mainstream*, é necessário reconhecer que os novos formatos e as novas formas de acesso as representações pornográficas possuem consequências amplas e variadas no que tange a constituição das sensorialidades juvenis de nossa época. Ressalto quatro características importantes delineadas a partir da pesquisa: a precocidade e a alta frequência de contato, a normatização do contato com cenas de agressão/violência/degradação, o elevado número de pessoas jovens que informam um impacto negativo dos conteúdos pornográficos em suas vidas e o elevado número de pessoas jovens que informaram já terem produzido conteúdos sexualmente próprios. Os dados produzidos pela pesquisa indicam que, em comparação com outros contextos (em especial norte-americano e europeu), as pessoas jovens brasileiras tendem a ter contato com materiais pornográficos mais cedo e a serem maiores produtoras de mídias sexualmente explícitas próprias.

Os resultados da pesquisa falam, portanto, de uma inevitabilidade do contato com representações pornográficas acessadas via internet, tal inevitabilidade deve ser entendida, no entanto, como parte de um processo mais amplo de instauração de uma cultura de convergência, da qual autores como Henry Jenkins já nos alertavam a mais de uma década atrás:

A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o

entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares. A convergência não é algo que vai acontecer um dia, quando tivermos banda larga suficiente ou quando descobirmos a configuração correta dos aparelhos. Prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura da convergência. (JENKINS, 2009, p. 43)

É impossível entender o alto número de pessoas que informaram um impacto negativo de tais conteúdos frequência e densidade com que a temática do vício em pornografia surgiu nas narrativas juvenis analisadas pela pesquisa sem levar em consideração as novas formas de acesso a tais materiais. O prognóstico de Jenkins que apontava para a presença de mídias em todos os lugares, implica, na atualidade, na possibilidade de acesso a pornografia em todos os lugares, a qualquer tempo. Neste sentido, pese a importância de pesquisas que investiguem em linhas gerais os conteúdos das representações pornográficas disponíveis on-line, a ênfase nos conteúdos não pode eludir a necessidade de uma compreensão mais profunda sobre como os novos formatos pornográficos e as novas formas de acesso estabelecem um paradoxo, apontado pela pesquisa, em que o cenário de “a pornografia está em toda parte” contrasta com as experiências muitas vezes solitárias narradas pelas pessoas jovens no processo de lidar com a reverberação de tais conteúdos em suas vidas.

A pesquisa aponta para existência de um *gap* na vida de muitos jovens que tende a se estabelecer a partir dos primeiros contatos com materiais pornográficos, usualmente aos doze anos, e se estende até um momento posterior da juventude, que nos casos verificados pela pesquisa tenderam a ocorrer a partir dos 18 anos, no qual jovens apresentam dificuldade para lidar com as diferentes maneiras como tais representações podem vir a habitar suas vidas. O desenvolvimento de uma compreensão sobre os conteúdos que consomem e como tais mídias os envolve afetivamente é um processo tortuoso na vida das pessoas jovens e não é facilitado por instituições que tradicionalmente deveriam auxiliar nos processos de socialização juvenis. Tal constatação não implica, no entanto, na afirmação de um modelo de processo comunicativo que vê a “ideologia pornográfica” atuando sobre as pessoas jovens, que seriam receptoras inertes dos conteúdos vistos.

A tese confirma sua hipótese inicial de que as representações pornográficas operam como um dispositivo pedagógico do gênero, da sexualidade e dos corpos e que pessoas jovens acessam tais materiais com a expectativa de “conhecer” como o sexo

funciona, sendo inspiradas por tais conteúdos em suas vivências da sexualidade. No entanto, também foi possível notar o desenvolvimento de uma capacidade crítica elevada junto ao menos uma parcela da juventude. A percepção do irrealismo das representações pornográficas, a crítica a forma como tais conteúdos representam as relações de gênero e um entendimento amplo de que o consumo de tais materiais pode vir a ter efeitos danosos são, ao menos em parte, frutos do contato dos jovens com outras referências sobre a sexualidade e gênero que demonstram a existência de disputas narrativas sobre os diversos tópicos que envolvem a sexualidade e as noções de gênero.

As entrevistas e os dados levantados pela pesquisa demonstram, no entanto, que o desenvolvimento de um senso crítico em relação as representações pornográficas é um mérito das pessoas jovens e dos mecanismos de comunicação que se estabelecem nas culturas juvenis. Ênfase, desta forma, que não temos, enquanto sociedade, respostas bem estabelecidas e estruturadas para lidar com a proliferação da imagética pornográfica que ocorreu nas duas últimas décadas. Uma das conclusões a que a tese chega é de que a presença massiva e as especificidades das representações pornográficas on-line deveriam ser temas de processos educativos que envolvam a noção de alfabetização midiática e seus correlatos.

Há muitas páginas esta tese foi iniciada recuperando um pouco da história da constituição moderna do conceito de pornografia e de algumas posições teóricas que surgiram na tentativa de compreensão de como as representações pornográficas e sua popularização podem ser entendidas em relação a sistemas mais amplos. O motor da história nos fala de um processo de ampla polarização em relação as respostas para a pergunta “Como feministas, o que devemos fazer com a pornografia?” Tal polarização levou a partir dos anos 1990 a uma decidida perda de prestígio das feministas taxadas como anti-pornográficas e a popularização de pensadoras ligadas ao que se conceituou como pertencentes a uma linha “pró-sexo”. Em relação ao discurso público, era nítido qual era o campo vencedor das chamadas “guerras do sexo”, que marcaram os anos 1970 e 1980. No entanto, ao apagar das luzes da segunda década dos anos 2000, algumas pessoas começaram a indagar-se sobre as repercussões desta “vitória”. Uma série de

trabalhos acadêmicos elencados ao longo desta tese e artigos jornalísticos como o de Moira Donegan<sup>265</sup> são sintomáticos desta nova postura.

No entanto, o fim das guerras sexuais não trouxe consigo um mundo mais liberto que feministas como Willis [Ellen Willis] previram. Ao contrário, a postura pró-sexo matizada e defendida por Willis abriu caminho para uma abordagem mais individualista e conciliatória dos direitos das mulheres- uma abordagem focada não no projeto de ‘liberação’ da segunda onda feminista, mas em uma ideia de “empoderamento” mais simples, menos ambiciosa e mais favorável ao mercado. (DONEGAN, 2019)

Esta tese, no entanto, não é uma tentativa de resgatar certas pensadoras ou de fazer parte de um movimento de retomada de determinadas posturas; voltar ao esquema polarizado não é apenas um anacronismo, dadas as amplas mudanças, tecnológicas e culturais, que marcaram as novas inserções das representações pornográficas no caldo cultural e político atual, mas pernicioso em um contexto de cultura algorítmica no qual as empresas de Big Tech forçam, lucram e se fortalecem mediante a exacerbação dos conflitos políticos/teóricos/culturais dos seus usuários.

Espero que tenha ficado claro ao longo da leitura que a forma como as representações pornográficas adentram as culturas juvenis e passam a habitá-las criam ambientes de análises complexos, repletos de áreas cinzas e que não podem ser reduzidos a algumas #, a um par de caracteres, a uma publicação nos *stories* ou qualquer outro formato de consumo de informações instantâneo. Finalizo este trabalho, portanto, com a expectativa de que ele de alguma maneira contribua para o estabelecimento de práticas libertárias contínuas, que em certo sentido se opõem a crença no grande momento de libertação, e de que em seu momento de recepção, a tese possa ser entendida como uma tentativa de “abrir espaço, de elevar os graus de possibilidade e diminuir os graus de dominação” (Maggie NELSON, 2022, p. 112) a partir do estudo de um campo que desde há muito me interessa e fascina.

---

<sup>265</sup> DONEGAN, Moira. **Sex During Wartime The return of Andrea Dworkin’s radical vision.** Bookforum, fev-mar, 2019. Disponível em: <https://www.bookforum.com/print/2505/the-return-of-andrea-dworkin-s-radical-vision-20623> Acesso 20/02/2023

## Referências:

- ALLEN, Amy. **Power of Feminist Theory: Domination, Resistance, Solidarity**. Westview Press, 1999.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Trad. de Danilo. Marcondes de Souza Filho. / Porto Alegre: Artes Médicas: 1990
- BAHRI, Deepika, Feminismo e/no pós-colonialismo, **Revista Estudos Feministas**, 21, pp. 659-688, 2013.
- BARBROOK, Richard; CAMERON, Andy. The Californian ideology. In. **Science as Culture** 6.1: 44-72, 1996.
- BARCAN, Ruth. In the raw: 'Home-made' porn and reality genres. **Journal of Mundane Behavior**, 3(1). 2002
- BARSS, Patchen. **The Erotic Engine: How Pornography has Powered Mass Communication, from Gutenberg to Google**. Doubleday, Canada, 2010.
- BAUMEL, C., SILVA, P., GUERRA, V., GARCIA, A., & TRINDADE, Z. Atitudes de jovens frente à pornografia e suas consequências. In. **Psico-USF**, 24(1), 131- 144. 2019.
- BECK, Dinah Quesada; FELIPE, Jane. **Trabalho infantil na internet: investigando youtubers mirins e a proeminente profissionalização na infância**. Anais do VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, IV Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e IV Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade... Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/87773>>. Acesso em: 03/02/2023 08:52
- BEIGUELMAN, Giselle. **Políticas da Imagem: vigilância e resistência na dadosfera**. São Paulo: Ubu editora, 2021.
- BERCHT, Gabriela. **120 dias de Sodoma: a tradição pornográfica, a escrita e a violência da palavra**. Trabalho de conclusão de curso, PPGHIST, UFRGS, Porto Alegre, 2009. 61.p

BERCHT, Gabriela. Pedagogias da sexualidade e do gênero na era da pornografia on-line: pensando a partir das Culturas Juvenis. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 14, n. 22, 2021.

BERCHT, Gabriela; BARZOTTO, Carlos Eduardo. “INFÂNCIA SEM PORNOGRAFIA” E O MOVIMENTO ANTIGÊNERO: APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS. **Margens: Revista Interdisciplinar**, [S.l.], v. 16, n. 26, p. 73-94, jun. 2022a.

BERCHT, Gabriela. “Pornografia e atos de fala: a perspectiva de Catharine MacKinnon”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 30, n. 2, e77282, 2022

BIRCHALL, Clare. **Shareveillance The Dangers of Openly Sharing and Covertly Collecting Data**. Minneapolis, University of Minnesota Press, 2017.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLE, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em Educação*. Portugal: Porto Editora, 1999.

BOWLIN, John W. **kNOw Sextortion: The Facts of Digital Blackmail and What You Can Do to Protect Yourself**. USA: CreateSpace Independent Publishing Platform. 2013

BRIDGES, Ana J; WOSNITZER, Robert; SCHARRER, Erica; SUN. Chyng; LIBERMAN, Rachel. “Aggression and Sexual Behavior in Best-Selling Pornography Videos: A Content Analysis Update”. **Violence Against Women**, 16(10), 1065-1085, October, 2010.

BROWN, Jane., L’ENGLE, Kelly L.. X-rated sexual attitudes and behaviors associated with US early adolescents’ exposure to sexually explicit media. **Communication Research**, 36(1), 129–151.2009.

BUCKINGHAM, D. Precisamos Realmente de Educação Para os Meios? In. **Comunicação & Educação**, 17(2), 41-60. 2012

BUTLER, Judith. Actos performativos y constitución del género: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. In. **Debate feminista**, 18: 296-314. 1998

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires, Paidós, 2002.

\_\_\_\_\_. **Excitable Speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; Ribeiro, Elisa Antônia Ribeiro. A técnica do questionário na pesquisa educacional. In. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CANCLINI, Nestor G. **Diferentes, desiguales y desconectados. Mapas de la interculturalidad**. Barcelona. Gedisa, 2004.

CARDOSO, Tarcísio. **Humanidades Digitais e agenciamento algorítmico**. 23 de março de 2019. Disponível em: <https://transobjeto.wordpress.com/2019/03/23/humanidades-digitais/>

CARDOSO FILHO, Jorge Luiz Cunha. Inflexões metodológicas para a teoria do uso social dos meios e processos de mediação. In: MATTOS, Maria Ângela JANOTTI JR., Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). **Mediação & mediação**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 171-191.

CARROTTE, Elise R.; DAVIS, Angela C.; LIM, Megan Sc. Sexual Behaviors and Violence in Pornography: Systematic Review and Narrative Synthesis of Video Content Analyses. **J Med Internet Res**. May 14;22(5):e16702. 2020

COLETTI, Mauro; et al. **Pornography consumption in social media**. Relatório técnico: IMT Lucca, Bell Labs, ISTI-CNR Pisa, 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York, Routledge, 2002.

COOPERSMITH, Jonathan. Pornography, Technology and Progress. In. **Icon**, Vol. 4, 1998, p.94-125.

CORNELL, Drucilla. Pornography's Temptation. In Jg. 10, Nr. 15 (2004): Entfesselung des Imaginären? Zur neuen Debatte um Pornografie. Disponível em: <http://www.budrich-journals.de/index.php/fgs/issue/view/156>.

COTTINGHAM, Laura. **Bad Girls**, Institute of Contemporary Arts (ICA), 1993, **Girls**, London, ICA. Disponível em: [http://www.estherwindsor.com/other\\_spaces/ica.html](http://www.estherwindsor.com/other_spaces/ica.html)

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. **Grupos Focais e Pesquisa Social Qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**. XIII Encontro da ABEP, Ouro Preto/MG, nov. 2002.

CURRAN, James. Teoria midiática e cultural na era do liberalismo de mercado. In FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. **Novos rumos da cultura da mídia. Indústrias, produtos, audiências**. Rio de Janeiro. Mauad X, 2007.

DARNTON, Robert. **Boemia Literária e Revolução: o submundo das letras no Antigo Regime**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DARNTON, Robert. **Edição e Sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DAVIS, Angela Y. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. In. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007.

**Declaração de Pequim adotada pela Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres: Ação para Igualdade, Desenvolvimento e Paz 1995**. Biblioteca de São Paulo- USP, Biblioteca Virtual de Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.todasinrede.sp.gov.br/site/wp-content/uploads/2020/05/Declarac255eo-de-Pequim-adotada-pela-Quarta-Conferencia-Mundial-sobre-as-Mulheres.pdf> Acesso em 20/02/2023

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Editora Rio, Rio de Janeiro, 1976.

DEJEAN, Joan. A politização da pornografia: L'École de filles. In: HUNT, L. **A invenção da pornografia- A obscenidade e as origens da modernidade, 1500-1800**, São Paulo, Hedra, 1999.

DINES, Gail. **Pornland: how porn has hijacked our sexuality**. Boston: Beacon Press. 2010.

DOWNING MJ Jr et al. Sexually explicit media on the internet: a content analysis of sexual behaviors, risk, and media characteristics in gay male adult videos. **Arch Sex Behav**. May;43(4):811-21. 2014.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. In. **Educar**, Curitiba, Editora UFPR, n. 24, p. 213-225, 2004.

DUARTE, Larissa Costa; ROHDEN, Fabíola. Entre o obsceno e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo. In. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 24(3): 398, setembro/dezembro/2016.

DUBET, François. **El declive de la institución: profesiones, sujetos e individuos en la modernidad**. Barcelona: Gedisa, 2006

DUGGAN, Scott J.; MCCREARY, Donald R. Body Image, Eating Disorders, and the Drive for Muscularity in Gay and Heterosexual Men, **Journal of Homosexuality**, 47:3-4, 45-58, 2004.

DYER, Richard “A Conversation About Pornography,” IN. SHEPHERD, Simon; WALLIS, Mick (eds)., **Coming on Strong: Gay Politics and Culture**, London: Unwin Hyman, 1989.

EATON, A.W. A sensible anti-porn feminism. In. **Ethics**117 (July 2007): 674– 715. Disponível em: <http://web.mit.edu/sgrp/2008/no2/EatonSAPF.pdf>.

ELLSWORTH, Elizabeth. **Places of learning: Media, Architecture, Pedagogy**. New York: Routledge, 2005.

ESCOFFIER, Jeffrey. Gay-for-Pay: Straight Men and the Making of Gay Pornography. **Qualitative Sociology**, 26(4), 531–555, 2003.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: Uma introdução. In SILVA, Tomaz T. (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P. 133-166.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Ed. Elefante, São Paulo, 2017.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. In. **Pro-posições**, v. 14, n.3 (42), set/dez, 2003.

FELIPE, Jane. Afinal, quem é mesmo o pedófilo? In. **Cadernos pagu** (26), janeiro-junho de 2006: pp.201-223.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e Identidade Cultural: Construção da Identidade Gaúcha em Zero Hora**. Santa Cruz do Sul. EDUNISC, 2008.

FRANÇA, Vera V.; SIMÕES, Paula G. **Curso básico de teorias da comunicação**. Belo Horizonte. Autêntica, 2016.

FRITZ, N., PAUL, B. From Orgasms to Spanking: A Content Analysis of the Agentic and Objectifying Sexual Scripts in Feminist, for Women, and Mainstream Pornography. **Sex Roles** 77, 639–652 (2017).

FRITZ, N. et al. Worse Than Objects: The Depiction of Black Women and Men and Their Sexual Relationship in Pornography. **Gend. Issues** 38, 100–120 (2021).

FLORES, T. M. 2005. "**Agir com Palavras: a Teoria dos Actos de Linguagem de John Austin**", BOCC- Biblioteca online de Ciências da Comunicação, 1: 1 - 19.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

GATTI, Bernadete A. Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

GATTI, Bernadete A. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. In. **RBPAAE** - v. 28, n. 1, p. 13-34, jan/abr. 2012a.

GILLESPIE, Tarleton. A relevância dos algoritmos. In. **Revista Parágrafa** v. 6 n. 1, 11a Edição: janeiro-Abril de 2018

GLASSER, Perry. Love, Sex, & Power on the Cyber Frontier. In: **North American Review**, Vol. 280, No. 5. September/October 1995, p. 44-49.

GOMES, Alberto Albuquerque. Apontamentos sobre a pesquisa em Educação: usos e possibilidades do grupo focal. In. **Eccos – Revista Científica**, São Paulo, v.7, n.2, p. 275-290, jul/dez, 2005.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. In **Paidéia**, 12 (24), 149-161, 2003.

GORDON, George N. **Erotic Communications: Studies in Sex, Sin, and Censorship**. New York: Hastings House, 1980.

GORMAN, S., MONK-TURNER, E. & FISH, J.N. Free Adult Internet Web Sites: How Prevalent Are Degrading Acts?. **Gend. Issues** 27, 131–145 (2010).

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere- volume 1: introdução ao estudo da filosofia de Benedetto Croce**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

GROPPO, Luis Antonio. Sentidos de juventudes na Sociologia e nas Políticas Públicas do Brasil Contemporâneo. In. **Revista de Políticas Públicas**, vol. 20, núm. 1, jan/jun, 2016, pp. 383-402

GRUEN, Lori. Pornography and Censorship. In. **A companion to Applied Ethics**. Blackwell, UK, 2003. p. 154-166.

GUERRA, Valeschka Martins; ANDRADE, Fernando Cezar B. de and DIAS, Mardonio Rique. Atitudes de estudantes universitários frente ao consumo de materiais pornográficos. **Estud. psicol.** Natal, 2004, vol.9, n.2, pp.269-277.

GÜNTHER, Harmut. **Como Elaborar um Questionário** (Série: Planejamento de Pesquisa nas Ciências Sociais, Nº 01). Brasília, DF: UnB, Laboratório de Psicologia Ambiental. 2003.

\_\_\_\_\_. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a questão? In. **Psicologia: Teoria e Pesquisa** Mai-Ago, Vol. 22 n. 2, pp. 201-210, 2006.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (org.). **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. Cultural Studies and the Centre: some problematics and problems. In. **Culture, Media, Language Working Papers in Cultural Studies, 1972–79**. Centre for Contemporary Cultural Studies, University of Birmingham, 1980.

HALL, Stuart. The rediscovery of 'ideology'; return of the repressed in media studies. In **Culture, society and the media** (ed. MICHAEL GUREVITCH, TONY BENNETT, JAMES CURRAN AND JANET WOOLLACOTT), London/New York. Routledge, 2005.

HORNSBY, Jennifer. 1993. "Speech Acts and Pornography," In. **Women's Philosophy Review** 10: 38-45.

HUNT, Lynn (org.). **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

HUNT, Lynn. “A Pornografia e a Revolução Francesa” in HUNT, Lynn (org.). **A Invenção da Pornografia: Obscenidade e as Origens da Modernidade**. São Paulo: Hedra, 1999.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Sujeitos juvenis e protagonismo social em Jesús Martín-Barbero. In. **Rev. Famecos** (Online). Porto Alegre, v.24, n.2, maio, junho, julho e Agosto de 2017.

\_\_\_\_\_. Os meios em Martín- Barbero: antes e depois das mediações. In. **Matrizes**. São Paulo, V.12, n.1, jan/abr. 2018.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa paara investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín Barbero**. Ecuador, Ciespal, 2019.

JENKINS, Henry; CLINTON, Katie; PURUSHOTMA, Ravi; ROBISON, Alice J.; J. WEIGEL, Margaret. **Confronting the challenges of participatory culture: Media education for the 21st century**. MacArthur Foundation. 2006. Disponível em:[https://www.macfound.org/media/article\\_pdfs/JENKINS\\_WHITE\\_PAPER.PDF](https://www.macfound.org/media/article_pdfs/JENKINS_WHITE_PAPER.PDF)

JENKINS, Henry. **Cultura de Convergência: a colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação**. São Paulo: Aleph, 2009.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais? In SILVA, Tomaz T. (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004. P. 9- 132.

JUFFER, Jane. Excessive Practices: Aesthetics, Erotica, and Cultural Studies. In **The aesthetics of cultural studies** (ed. by Michael Bérubé). UK, Blackwell Publishing, 2005.

JÚNIOR, Paulo Melgaço da Silva; BRITO, Leandro Teofilo. Entre nudes, acontecimentos e performatizações: normatizações/ deslocamentos de gênero e sexualidade no cotidiano escolar. In: **Interfaces Científicas**, Aracaju, V.8. N.2, p175-188, março, 2020.

JUNIOR, Paulo Melgaço da Silva; CAMILO, Vandelir. Atenção!!! Homens trabalhando: um olhar sobre masculinidades negras na pornografia gay hardcore brasileira. In **O Social em Questão** - Ano XXVI - nº 55 - Jan a Abr/2023

KENDRICK, Walter. **El museu secreto: La pornografia en la cultura moderna**. Colombia, Ed. Tercer Mundo, 1995.

KLASSEN, Marleen J. E. ; PETER, Jochen: Gender (In)equality in Internet Pornography: A Content Analysis of Popular Pornographic Internet Videos, **The Journal of Sex Research**, 2014.

KOLETIC, Goran., Longitudinal associations between the use of sexually explicit material and adolescents' attitudes and behaviors: A narrative review of studies. **Journal of Adolescence**,. 57, 119-133, 2017.

LAGO, Claudia e NONATO, Cláudia e MARTINS, Ferdinando. A alteridade na Educomunicação: estudos de gênero, interseccionalidade e performance. **Comunicação & Educação**, v. 24, n. 2, p. 54-65, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v24i2p54-65>. Acesso em: 03 fev. 2023.

LANGTON, Rae. "Speech Acts and Unspeakable Acts," **Philosophy and Public Affairs** 22: p. 305-330. 1993. Reprinted in *Sexual Solipsism: Philosophical Essays on Pornography and Objectification*, Oxford, Oxford University Press: 25- 87.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre, Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural: os determinantes da ação**. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2002.

LÁSEN, Amparo. **A contratiempo: un estudio de las temporalidades juveniles**. Madri, CIS, 2000.

LÖFGREN-MÅRTENSON, Lotta; MÅNSSON, Sven- Axel. Lust, Love, and Life: A Qualitative Study of Swedish Adolescents' Perceptions and Experiences with Pornography. **In Journal of sex reserch**, V. 47, ed. 6. 2010. p. 568-579.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. A teoria barberiana da comunicação. In: **[S.l: s.n.]**, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã outsider**. Belo Horizonte, Autêntica, 2019.

LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

MACKINNON, Catharine. **Sexualidad**. Título original: "Sexuality", capítulo del libro *Toward A Feminist Theory of the State*, publicado por Harvard University Press, USA (1987), pp. 127 - 154. Traducido al castellano por el Centro de Derechos Humanos, Facultad de Derecho, Universidad de Chile. Disponível em: <http://www.programamujerescdh.cl/media/publicaciones/pdf/18/53.pdf>

MACKINNON, Catharine. **Only words**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

MACKINNON, Catharine. **The roar on the other side of silence**. In *In harm's way: The pornography civil rights hearings*, ed. Catharine MacKinnon and Andrea Dworkin. Cambridge: Harvard University Press, 1997.

MAIO, Ana Maria Dantas de. Teoria das mediações sociais: refinamento ou obsolescência? In. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. E-compós, Brasília, v.19, n.3, set/dez, 2016.

MARIS, Elena; LIBERT, Timothy; HENRICHSEN, Jennifer. Tracking sex: The implications of widespread sexual data leakage and tracking on porn websites. In: **arXiv:1907.06520v1** [cs.CY] 15, Jul. 2019

MARSTON, C., & LEWIS, R. **Anal hetero anal sex among Young people and implications for health promotion: A qualitative study in the UK**. In. *BMJ Open*. 2014

MATTELART, Armand; NEVEU, Erik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

MITCHELL, K. J; FINKELHOR, D; WOLAK, J. The exposure of youth to unwanted sexual material on the Internet: A national survey of risk, impact, and prevention. In. **Youth & Society**, 34(3), 330-358. 2003

MURDOCK, Graham. La investigación crítica y las audiencias activas. In. **Estudios sobre las Culturas Contemporaneas**, año/vol. IV, número 010 Universidad de Colima Colima, México, pp. 187-223, 1990.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, Laura. **La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. Buenos Aires: Biblos, 1996. p. 13-30

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. "La construcción social de la condición de juventud" In. VALDERRAMA, C. E. H. (orgs.). **Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades**. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.

MARTELLOZZO, E., MONAGHAN, A, ADLER, J. R., DAVIDSON, J, LEYVA, R. and HORVATH, M. A. H. "I wasn't sure it was normal to watch it..." **A quantitative and qualitative examination of the impact of online pornography on the values, attitudes, beliefs and behaviours of children and young people**. London:Middlesex University, 2017.

MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de Rumbo: la sociedad a escala del individuo**. LOM: Santiago de Chile, 2007.

MARTUCCELLI, Danilo. **¿Existen individuos en el Sur?** Santiago: LOM Ediciones, 2010

MARTUCCELLI, Danilo. La individuación como macrosociología de la sociedad singularista. **Persona y Sociedad**, v. XXIV, n. 03, p. 09-29, 2010b.

MCGOWAN, Mary Kate. On Pornography: MacKinnon, Speech Acts, and "False" Construction, **Hypatia** vol. 20, no. 3 (Summer 2005).

MARTÍN- BARBERO, Jesús. De la comunicación a la cultura. Perder el "objeto" para ganar el Proceso. **In Signo y Pensamiento**, (Vol. iii, Número 5) p.17 -24, 1984.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. **Ofício de Cartógrafo. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura**. Chile, Fondo de Cultura Económica, 2002.

\_\_\_\_\_. **A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens**. In: BORELLI, Silvia H. S.; FREIRE FILHO, João (orgs). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; BARCELOS, Claudia. **Comunicação e mediações culturais**. In. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. Vol. XXIII, nº1, janeiro/junho, 2000.

MCKEE, Allan. The objectification of women in mainstream pornographic videos in Australia. **The Journal of Sex Research**, 42(4),277–290, 2005

MCNAIR, Brian. **Striptease Culture: sex, media and the democratization of desire**. New York: Routledge, 2002.

MÉRIDA, Alexis Conde; RODRÍGUEZ, Alaín Darcourt; MORÉ, Carlos Alberto Pérez; MARTÍNEZ, Yanet Ravassa. Aproximación al consumo de materiales de contenido sexual explícito en adolescentes y jóvenes. In. **Revista Cubana de Enfermería.**; 32(4), 2016.

MINAYO, Maria Cecília de S; SACHES, Odécio. Quantitativo- Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? In. **Cad. Saúde Pública.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.

NELSON, Maggie. **Sobre a liberdade: quatro canções sobre cuidado e repressão**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

OLIVEIRA, Ana Cristina Barbosa de; SANTOS, Carlos Alberto Batista dos; FLORÊNCIO, Roberto Remígio. Métodos e Técnicas de pesquisa em Educação. In. **Revista Científica da FASETE**, 2019.

O'REILLY, Tim. **What is Web 2.0? Design patterns and business models for the next Generation of software** 2005. Disponível em: <https://www.oreilly.com/pub/a/web2/archive/what-is-web-20.html>

OROZCO, Guillermo Gómez. **El mensaje de la televisión mexicana de los noventas. Un análisis axiológico de La programación de los canales 2, 5, 9, 11 y 13**. México: Universidad Iberoamericana, 1993.

OWENS, Eric W, et al. The Impact of Internet Pornography on Adolescents: A Review of the Reserch. In: **Sexual Addiction and Compulsivity: The Journal of Treatment and Prevention**, 19: 1-2, p. 99-122. 2012.

PAASONEN, Susanna. Labors of love: netporn, Web 2.0 and the meanings of amateurism. **New Media & Society**, 12(8), 1297–1312. 2010

PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online**. 2015. 267f. Tese (Doutorado em Ciências

Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2015

PATTERSON, Zabet. Goin On-line: Consuming Pornography in the Digital Era. In. WILLIAMS, Linda. **Porn Studies**. Durham/London, Duke University Press, 2004. P.104-127

PETERS, E.M. et al. Age is in the Eye of the Beholder: Examining the Cues Employed to Construct the Illusion of Youth in Teen Pornography. **Sexuality & Culture** 18, 527–546 (2014).

PRADO, Magaly. **Fake News e inteligência artificial: o poder dos algoritmos na guerra da desinformação**. São Paulo: Edições 70, 2022.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contra-sexual**. Madrid, Opera Prima, 2002.

PRECIADO, Paul B. “Museu, lixo urbano e pornografia”. **Periódicos – Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades** [online], Salvador, v. 1, n. 8, p. 20-31, 2017. Disponível em <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicos/article/view/23686> . Acesso em 21/09/2021.

PRECIADO, Paul B. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições: 2018.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia An Essay on Playboy’s Architecture and Biopolitics**. New York, Zone Books, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**. Rio de Janeiro, Zahar: 2020.

PRIOSTE, Cláudia Dias. **O adolescente e a internet: laços e embaraços no mundo virtual**. Tese de doutorado, USP, 2013.

**Projeto de Lei “Infância sem Pornografia”**. Câmara dos deputados, 2018. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=1641795](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1641795)

REGO, Thaís Cristina Figueiredo. Utilização de grupos focais em teses e dissertações do programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal de Uberlândia. In. **Revista Multitexto**, 2013, v. 2, n. 01.

RESTE, Carmen Domingues. O potencial da Entrevista em contexto Educativo: uma experiência investigativa. In. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.31, n.04, p.223 – 248, Outubro-Dezembro 2015.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. In. **Bagoas- Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v.4, n. 05, p. 17-44. novembro, 2010.

RINCÓN, Omar. Entrevista com Jesús Martín-Barbero. In. **Revista Eptic**. Vol. 21, N°2, MAI-AGO, 2019.

RINCÓN, Omar; MARTÍN-BARBERO, Jesus. Mapa Insomne 2017: Ensayos sobre el sensorium contemporáneo. Un mapa para investigar la mutación cultural. In JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela; WOTTRICH, Laura. **Un nuevo mapa paara investigar la mutación cultural: Diálogo con la propuesta de Jesús Martín Barbero**. Ecuador, Ciespal, 2019.

RITZER, George; JURGENSON, Nathan. “Production, consumption, prosumption. The nature of capitalism in the age of digital „prosumer“”. In: **Journal of Consumer Culture**, nº 10 (11), 2010

ROCHER, Guy. **Introducción a la Sociología general**. Barcelona: Herder, 1980.

ROMANELLI, Geraldo. A entrevista antropológica: troca e alteridade. In. ROMANELLI, Geraldo; ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli (org.) **Diálogos Metodológicos sobre práticas de pesquisa**. Ribeirão Preto- SP. Ed. Legis Summa Ltda, 1998.

ROMITO, Patrizia; BELTRAMINI, Lucia. Factors Associates With Exposure to Violent or Degrading Pornography Among High School Students. In **The Journal of School Nursing**, Vol. 31(4), p.280-290. 2015.

RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín- Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In. GOMES, Itania Maria Mota; JUNIOR, Jeder Janotti. **Comunicação e Estudos Culturais**. Salvador, EDUFBA, 2011.

ROSA, Cristiano Eduardo; FELIPE, Jane; SILVA, Jackson Ronie Sá. Pedofilização e scripts de gênero: o que pode a produção teórica de um grupo de pesquisa? In **Revista Diversidade e Educação**, v. 10, n. 1, p.64-82, 2022.

ROTHMAN, Emily F. et al. "Without Porn ... I Wouldn't Know Half the Things I Know Now": A Qualitative Study of Pornography Use Among a Sample of Urban, Low-Income, Black and Hispanic Youth, **The Journal of Sex Research**, 52:7, 736-746, 2014.

ROTHMAN, Emily F. et al. A Pornography Literacy Class for Youth: Results of a Feasibility and Efficacy Pilot Study, **In American Journal of Sexuality Education**, 13:1, 1-17, 2018.

RUBIN, Gayle. **Deviations: a Gayle Rubin reader**. Durham and London, Duke University Press, 2011.

RUBIN, Gayle. **Pensando Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade**. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/1582/gaylerubin.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

SABAT, Ruth "Pedagogia cultural, gênero e sexualidade." **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 4-21, 2001.

SARMET, Érica. Pós-pornô, dissidência sexual, situación cuir latino americana: pontos de partida para o debate. In. **Revista Periódicus**, 1º edição, maio- outubro de 2014.

SAN MARTIN, Felipe Rivas. Otro porno es posible: feminismo y postpornografía. In **Reversa**, editado por CECU Ed., Facultad de Derecho, Universidad de Chile, Santiago de Chile, 2011.

SEGATO, Rita Laura. «Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial», **e-cadernos CES** [Online], 18 | 2012.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid, Traficante de sueños, 2016.

SEGATO, Rita Laura. **Contra-pedagogías de la crueldad**. Buenos Aires, 2018.

SÉGUIN, Léa J., RODRIGUE, Carl & LAVIGNE, Julie: Consuming Ecstasy: Representations of Male and Female Orgasm in Mainstream Pornography, **The Journal of Sex Research**, 2017.

SHIM, J., KWON, M., & CHENG, H. Analysis of representation of sexuality on women's and men's pornographic websites. **Social Behavior and Personality: An international journal**, 43(1), 53-62. 2015

SHOR, Eran; SEIDA, Kimberly. "Harder and Harder"? Is Mainstream Pornography Becoming Increasingly Violent and Do Viewers Prefer Violent Content?, **The Journal of Sex Research**, 2018;

SHOR, Eran. Age, Aggression, and Pleasure in Popular Online Pornographic Videos. **Violence Against Women**. Jun;25(8):1018-1036, 2019.

SHOR, Eran; SEIDA, Kimberly. **Aggression in Pornography Myths and Realities**. Nova York, Routledge, 2021.

SCHWARTZMAN, L. H. (2002). Hate speech, illocution, and social context: A critique of Judith Butler. **Journal of Social Philosophy**, 33(3), 421-441.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos encontros ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. In. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial, **e-cadernos CES** [Online], 18 | 2012.

SILVA, E. L. dos S. Pânico moral e as questões de gênero e sexualidade na BNCC. **História, histórias**, 8(16), 143–169. 2020

SILVA, Lourdes Ana Pereira; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. Narrativa(s) como estratégia(s) de comunicabilidade. In RINCÓN, Omar (Ed.) et al. **Un nuevo mapa para investigar la mutación cultural. Diálogo con la propuesta de Jesús Martín-Barbero**. Quito: Ciespal, 2019.p 161-187

SILVA, Tomaz T. (org.). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu. "A poética e a política do currículo como representação." Trabalho apresentado no GT Currículo na **21ª Reunião Anual da ANPED**, 1998. Disponível em:

<http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/need/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Curr%C3%ADculo/PO%C3%89TICA%20E%20A%20POL%C3%8DTICA%2>

[ODO%20CURR%C3%8DCULO%20COMO%20REPRESENTA%C3%87%C3%83O.htm](#) Acesso 20/02/2023

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil. **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: ABPEducom, 2017.

SHOBCHACK, Vivian: The Scene of the Screen: Envisioning Photographic, Cinematic, and Electronic “Presence”. In: Shane Denson, Julia Leyda (Hg.): **Post-Cinema. Theorizing 21st-Century Film**. Falmer: REFRAME Books 2016, S. 88– 128. 2016

SØRENSEN, A. D; KJORHOLT, V. S. How do Nordic adolescents relate to pornography? A quantitative study. In S. V. Knudsen, L. Løffgren-Mårtenson, & S.-A. Mårnsson (Eds.), **Generation P? Youth, gender and pornography** (pp. 87–102). Copenhagen: Danish School of Education Press. 2007

SOUZA, Kellcia Rezende; KERBAUY, Maria Teresa Miceli. Abordagem quantitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. In. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, jan./abr. 2017.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010.

SPOSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

STANLEY, Nicky; BARTER, Christine; WOOD, Marsha; AGHTAIE, Nadia; LARKINS, Cath; LANAU, Alba; ÖVERLIEN, Carolina. Pornography, Sexual Coercion and Abuse and Sexting in Young People's Intimate Relationships: A European Study. **J Interpers Violence**. Oct;33(19):2919-2944. 2018

STEINBERG, Shirley R. Kinderculture: Mediating, Simulacralizing and Pathologizing the New Childhood. In. STEINBERG, Shirley R. (Ed.), **Kinderculture: The Corporate Construction of Childhood**. USA: Westview Press, 2011.

STYCHIN, Carl F “Exploring the Limits: Feminism and the Legal Regulation of Gay Male Pornography,” **Vermont Law Review** 16 (1992): 859–900.

TANCER, Bill. **Click: what millions of people are doing online and why it matters**. Hyperion, Nova York, 2008.

TALESE, Gay. **A mulher do próximo: Uma crônica da permissividade americana nas décadas de 1960 e 1970**. São Paulo, 2018.

TARRANT, Shira. **The Pornography Industry: What everyone needs to know**. Oxford University Press. 2016.

THOMAS, JOEL A. Gay male pornography since Stonewall. In WEITZER, R. (Ed.), **Sex for sale: Prostitution, pornography, and the sex industry** (pp.67-89). New York, NY: Routledge. 2010

TRAEEN, Bente; DANEBACK, Kristian. The use of pornography and sexual behaviour among Norwegian men and women of differing sexual orientation. **Sexologies** (2012)

TRANCOSO, Alcimar Enéas Rocha; OLIVEIRA; Adélia Augusta Souto. Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. In. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 11(2), São João del-Rei, julho a dezembro 2016.

TYSON, Gareth, et al. Are People Really Social on Porn 2.0? In **ICWSM**, 236– 444, 2015.

VAN DOORN, Niels. Keeping it Real: User-Generated Pornography, Gender Reification, and Visual Pleasure. **Convergence**, 16(4), 411–430. 2010

VANNIER, Sarah A., CURRIE, Anna B. O’SULLIVAN, Lucia F. “Schoolgirls and Soccer Moms: A Content Analysis of Free ‘Teen’ and ‘MILF’ Online Pornography.” **The Journal of Sex Research** 51, no. 3: 253–64, 2014.

VARGAS, Juliana Ribeiro de.; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. O funk ostentação como pedagogia cultural: música, consumo e a produção de subjetividades femininas na escola. In: **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n.1, p. 233-254, Jan/Abr. 2016.

VEER, Dondald Van de. Pornografia (verbetes). In CANTO-SPERBER, Monique (org.) **Dicionário de ética e filosofia moral**. São Leopoldo, Editoria Unisinos, 2013.

WILKINSON, Eleanor. The diverse economies of online pornography: From paranoid readings to post-capitalist futures. **Sexualities**, 20(8), 981–998, 2017.

WILLIAMS, Linda. **Hard Core: power, pleasure, ad the frenzy of the visible**. Los Angeles, University of California Press, 1989.

WILLIAMS, Linda. **Porn Studies**. Durham/London, Duke University Press, 2004.

WILLIAMS, Raymond. Las comunicaciones como ciencia cultural. In MARTIN-BARBERO, Jesus SILVA, Armando (comp.). **Proyectar la comunicación**. Bogotá. TM, 1997.

WITTIG, Monique. **The Straight Mind and Others Essays**. Beacon Press. Boston, 1992.

**Women take issue: aspects of women's subordination / Women's Studies Group**, Centre for Contemporary Cultural Studies, University of Birmingham. London: Hutchinson in association with the centre for Contemporary Cultural Studies, University of Birmingham, 1978

WONDRACEK, Gilbert.; HOLZ, Thorsten.; PLATZER, Christian.; KIRDA, Engin.; KRUEGEL, Christopher. “Is the Internet for porn? An insight into the online adult industry.” In **Proceedings WEIS 2010- 9th Workshop on Economics of Information Security**, Boston, 7-8 de junho 2010. p. 1-14

YBARRA, M; MITCHELL, K; HAMBURGER, M; DIENER-WEST, M; LEAF, P. (2011). X-rated material and perpetration of sexually aggressive behavior among children and adolescent: Is there a link? In. **Aggressive Behavior**, 37, 1–18

ZAGO, Luiz Felipe; ATOLINI, Thanise Guerini. Pedagogias da sexualidade na pornocultura: Notas sobre as Milf. In: **Interfaces Científicas**, Aracaju, V.8. N.2, p175-188, março, 2020.

ZHOU, Y., PAUL, B. Lotus Blossom or Dragon Lady: A Content Analysis of “Asian Women” Online Pornography. **Sexuality & Culture** 20, 1083–1100 (2016).

ZHOU, Y et al. Sexual behavior patterns in online sexually explicit materials: a network analysis. **Qual Quant** 53, 2253–2271 (2019).

ZOOK, Matthew. Report on the Location of the Internet Adult Industry. In: JACOBS, K.; JANSSEN, M.; PASQUINELLI, M. (Org.) **C'lick me: A netporn studies reader**. Netherlands. Institute of Network Cultures. 2007.

### **Sites e reportagens da Internet:**

ALBURQUERQUE, Ana Luiza. **95% da população acima de 18 anos se diz heterossexual, estima IBGE pela 1ª vez**. Folha de São Paulo, 25 de maio de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/05/95-da-populacao-acima-de-18-anos-se-diz-heterossexual-estima-ibge-pela-1a-vez.shtml#:~:text=95%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20acima%20de,05%2F2022%20%2D%20Cotidiano%20%2D%20Folha>

BARRY, Eloise. **Why OnlyFans Suddenly Reversed its Decision to Ban Sexual Content**. Time, 26/08/2021. Disponível em: <https://time.com/6092947/onlyfans-sexual-content-ban/> Acesso 20/02/2023

BENNET, Drake. **What happened to the anti-porn feminists?** Boston News, março 2005. Disponível em: [http://archive.boston.com/news/globe/ideas/articles/2005/03/06/x\\_ed\\_out?pg=full](http://archive.boston.com/news/globe/ideas/articles/2005/03/06/x_ed_out?pg=full) Acesso em 20/02/2023

BERNSTEIN, Jacob. **How OnlyFans Changed Sex Work Forever**. The New York Times. 09/01/2019. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2019/02/09/style/onlyfans-porn-stars.html> Acesso 20/02/2023

BERNERS-LEE, Tim. **Why the web needs to work for women and girls**. Disponível em: <https://webfoundation.org/2020/03/web-birthday-31/> Acesso 20/02/2023

BORGES, Caroline; RODRIGUES, Poliana. **Prefeito de Criciúma demite professor por exibir clipe de música de Criolo com temática LGBTQIA+ em aula de artes**. G1. 26/08/2021 Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2021/08/26/prefeito-de-criciuma-demite-professor-por-exibir-clipe-de-musica-de-criolo-em-sala-de-aula.ghtml>

**Brasil lidera assédio de mulheres em espaço público**. ActionAid. 20/05/2016. Disponível em: <https://actionaid.org.br/noticia/brasil-lidera-assedio-de-mulheres-em-espaco-publico/> Acesso em 20/02/2023

BRODERICK, Ryan. **Pornhub Is "Extremely Interested" In Acquiring Tumblr**. BuzzFeednews.02/05/19. Disponível em:

<https://www.buzzfeednews.com/article/ryanhatesthis/pornhub-interested-in-buying-tumblr> Acesso 20/02/2023

BUSTA, Caroline. **The internet didn't kill counterculture—you just won't find it on Instagram.** Document Journal, 14/01/2021 Ensaio disponível em: <https://www.documentjournal.com/2021/01/the-internet-didnt-kill-counterculture-you-just-wont-find-it-on-instagram/> Último acesso em 20/02/2023.

COLE, Samantha. **I Tried Not to Cum While Playing the Adult Games Advertised on Pornhub Accepting the challenge thrown by Pornhub's most ubiquitous ads.** Vice, 10/02/2020. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/wxeja5/i-tried-not-to-cum-while-playing-the-adult-games-advertised-on-pornhub>

COLE, Samantha. **Visa and Mastercard Cut Ties With Pornhub's Advertising Network.** Vice, 05/08/2022. Disponível em <https://www.vice.com/en/article/jgpp7d/visa-suspends-pornhub-advertising> Acesso 20/02/2023

COLLERA, Virginia. **Sim, seus filhos veem pornô (e é assim que isso os afeta).** El País Brasil, 15/02/19. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/05/eps/1549359489\\_090898.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_BR\\_CM&fbclid=IwAR3dQluOJdziA0gViQmZXe8LaLjQZqnJKkdqgegrKNMI2hdR1YPfToTfUkI](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/05/eps/1549359489_090898.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM&fbclid=IwAR3dQluOJdziA0gViQmZXe8LaLjQZqnJKkdqgegrKNMI2hdR1YPfToTfUkI)

DASTIN, Jeffrey. **Amazon scraps secret AI recruiting tool that showed bias Against women.** Reuters, 10 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-amazon-com-jobs-automation-insight/amazon-scraps-secret-ai-recruiting-tool-that-showed-bias-against-women-idUSKCN1MK08G>

DELUCA, Naná; NADALETO, Otávio. **Hiperexposição à pornografia abre caminho para compulsão.** Folha de São Paulo, 18/05/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/05/hiperexposicao-a-pornografia-abre-caminho-para-compulsao.shtml>

DINES, Gail; LONG, Julia. **Moral panic? No. We are resisting the pornification of women.** The Guardian, dezembro, 2011. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2011/dec/01/feminists-pornification-of-women> Acesso 20/02/2023

DINES, Gail; BIALER, Dana. **Porn is in rude health.** The Guardian. 07/06/2012  
Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2012/jun/07/porn-rude-health-louis-theroux> Acesso 20/02/2023

DONEGAN, Moira. **Sex During Wartime The return of Andrea Dworkin's radical vision.** Bookforum, fev-mar, 2019. Disponível em: <https://www.bookforum.com/print/2505/the-return-of-andrea-dworkin-s-radical-vision-20623> Acesso 20/02/2023

DAUBNEY, Martin. **Men's lives are being ruined by pornography. So why aren't we angry about it?** The Telegraph. 29/03/2017. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/men/thinking-man/mens-lives-ruined-pornography-arent-angry/>

ECA-USP. **Sobre o curso, Licenciatura em educomunicação.** Disponível em: <https://www.eca.usp.br/graduacao/licenciatura-em-educomunicacao> Acesso 20/02/2023

ESTEVES, Pedro. **Como o YouTube transforma moderados em radicais.** Publico, 02/02/2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/02/tecnologia/noticia/youtube-transforma-moderados-radicais-1902314>

FONG, Joss. **Facebook showed this ad almost exclusively to women. Is that a problem?** VOX, 31 de julho, 2020. Disponível em: <https://www.vox.com/recode/2020/7/31/21349793/facebook-ad-targeting-bias-discrimination> Acesso 20/02/2023

GALVANI, Giovanna. **Quem é a mulher lésbica para as pesquisas feitas no Google?** Carta Capital. 30 de agosto 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/diversidade/quem-e-a-mulher-lesbica-para-as-pesquisas-feitas-no-google/>

**Gender Demographics.** Pornhub, 14/12/2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021#Gender-Demographics> Acesso 20/02/2023

GEYSER, Werner. **How Does the YouTube Algorithm Work: A Peek into its Changes in 2023.** Influencer Marketing Hub, 14/02/23. Disponível em: <https://influencermarketinghub.com/how-does-the-youtube-algorithm-work/>

**Google conserta seu algoritmo para que a palavra 'lésbica' não seja mais sinônimo de pornô.** El País Brasil, 08/09/19. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/08/tecnologia/1565280236\\_871191.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/08/tecnologia/1565280236_871191.html)

GORDON, Deb. **33% da Geração Z confia mais no TikTok do que em médicos, diz estudo.** Forbes, 24/12/2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbessaude/2022/12/33-da-geracao-z-confia-mais-no-tiktok-do-que-em-medicos-diz-estudo/>

GRANT, Harriet. **World's biggest porn site under fire over rape and abuse vídeos.** The Guardian. 09/03/20. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/mar/09/worlds-biggest-porn-site-under-fire-over-videos-pornhub>

HENRIQUE, Guilherme. **"Ideologia de gênero' é o que mais mobiliza evangélicos".** Deutsche Welle, 19/10/2018. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/ideologia-de-g%C3%AAnero-%C3%A9-o-que-mais-mobiliza-eleitor-evang%C3%A9lico/a-45964108>

IGNACIO, Ana. **Palavra lésbica 'pertence a nós', diz criadora de campanha para corrigir algoritmo do Google.** Huffpostbrasil, 12/08/2019. Disponível em: <https://www.umoutroolhar.com.br/2019/08/ativista-lesbica-francesa-desassocia-lesbica-de-conteudo-porno-na-internet.html>

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/saude/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=resultados> Acesso em 20/02/2023

ISAACS, Kate. **Pornhub needs to change – or shut down.** The Guardian. 09/03/2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/global-development/2020/mar/09/pornhub-needs-to-change-or-shut-down>

JOHNSTON, David Cay. **Indications of a Slowdown in Sex Entertainment Trade.** The New York Times. 04/01/2007. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2007/01/04/business/media/04porn.html> Acesso 20/02/2023

JONES, Maggie. **What Teenagers Are Learning From Online Porn.** The New York Times, 07/02/2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/02/07/magazine/teenagers-learning-online-porn-literacy-sex-education.html?auth=login-google> Acesso em 20/02/2023

JORGE, Marcos do Amaral. **Estudo pioneiro na América Latina mapeia adultos transgêneros e não-binários no Brasil.** Jornal da Unesp. 12/11/2021 Disponível em:

<https://jornal.unesp.br/2021/11/12/estudo-pioneiro-na-america-latina-mapeia-adultos-transgeneros-e-nao-binarios-no-brasil/>

JUNGES, Márcia; COSTA, Andriolli. **Superar, aniquilar e conservar – A filosofia da história de Hegel. Entrevista com José Pinheiro Pertille.** IHU On-Line. 21 de Outubro 2013. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5229-jose-pinheiro-pertille-1>

KAISER, Jonas; RAUCHFLEISCH, Adrian. **The implications of venturing down the rabbit hole.** Internet Policy Review: Journal on internet regulation. 27/06/2019. Disponível em: <https://policyreview.info/articles/news/implications-venturing-down-rabbit-hole/1406>

KERSHAW, Sarah. **My Sister's Keeper.** The New York Times, 30/01/2009. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2009/02/01/fashion/01womyn.html> Acesso 20/02/2023

KRISTOF, Nicholas **The Children of Pornhub: Why Does Canada Allow This Company to Profit Off Videos of Exploitation and Assault?**, N.Y. TIMES (Dez. 4, 2020) Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/12/04/opinion/sunday/pornhub-rape-trafficking.html>

MAHDAWI, Arwa. **Pornhub should forget the coronavirus and focus on its own pandemic: revenge porn.** The Guardian. 14/03/20. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/mar/14/pornhub-forget-coronavirus-focus-on-pandemic-revenge-porn>

MICKELWAIT, Laila. **Time to shut Pornhub Down.** Washington Examiner. 09 de Fevereiro, 2020. Disponível em: <https://www.washingtonexaminer.com/opinion/time-to-shut-pornhub-down> Acesso em 20/02/2023

MYLES, Eillen; SOLOWAY, Jill. **The thanksgiving Paris manifesto.** Novembro de 2015. Disponível em: <https://femaletroublearchive-blog.tumblr.com/post/154679508535/the-thanksgiving-paris-manifesto>

**OnlyFans cresce em popularidade durante a pandemia.** Isto é dinheiro. 06/01/2021. Disponível em <https://www.istoedinheiro.com.br/onlyfans-cresce-e-criadores-de-conteudo-ganham-ate-us-1-milhao/> Acesso 20/02/2023

ORLANDO, Charles J. **How Porn Teaches Men The Wrong Things In Bed.** HuffPost. 06/12/2017. Disponível em <https://www.huffpost.com/entry/how-porn-teaches-men-the-b-9891814>

SANCHEZ, Leonardo; Martins, Pedro. **Como o OnlyFans atrai de ex-BBBs a Anitta e dita rumos do sexo e da pornografia.** Folha de São Paulo, 03/02/2023, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/02/como-o-onlyfans-atrai-de-ex-bbbs-a-anitta-e-dita-rumos-do-sexo-e-da-pornografia.shtml> Acesso 20/02/2023

SEMIS, Laís. **"Gênero" e "orientação sexual" têm saído dos documentos sobre Educação no Brasil. Por que isso é ruim?.** Nova Escola, 11/04/2017 Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4900/os-termos-genero-e-orientacao-sexual-tem-sido-retirados-dos-documentos-oficiais-sobre-educacao-no-brasil-por-que-isso-e-ruim>

SILVA, Christianna. **How to send nudes without putting your privacy at risk.** Mtv, 26/03/2020. Disponível em: <http://www.mtv.com/news/3161353/send-nudes-without-risking-data-privacy/> Acesso 20/02/2023

SOLSMAN, Joan E. **YouTube's AI is the puppet master over most of what you watch.** Cnet, 10/01/2018. Disponível em: <https://www.cnet.com/tech/services-and-software/youtube-ces-2018-neal-mohan/>

SOTO, Cesar. **A hora dos games pornô: plataforma cresce na quarentena e chega a 56 milhões de usuários.** G1. 23/06/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/games/noticia/2020/06/23/a-hora-dos-games-porno-plataforma-cresce-na-quarentena-e-chega-a-56-milhoes-de-usuarios.ghtml>. Acesso 20/02/2023

SUZUKI, Shin. **Como pornografia afeta o cérebro e hábitos sexuais de jovens como a cantora Billie Eilish.** G1. 28/12/2021 Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/sexualidade/noticia/2021/12/28/como-pornografia-afeta-o-cerebro-e-habitos-sexuais-de-jovens-como-a-cantora-billie-eilish.ghtml> Acesso 20/02/2023

**Terry Crews ator de 'Todo mundo odeia o Chris' relata como tratou o vício em pornografia.** Estadão, 29/08/2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/terry-crews-ator-de-todo-mundo-odeia-o-chris-relata-como-tratou-o-vicio-em-pornografia/>

**The 2019 Year in Review.** Pornhub. 11/12/19. Disponível: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review> Acesso 20/02/2023

**The 2021 Year in Review.** PornHub, 14/12/2021. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/yir-2021> Acesso 20/02/2023

**The 2022 Year in Review.** PornHub, 08/12/2022. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review> Acesso 20/02/2023

THEROUX, Louis. **How the internet killed porn.** The Guardian. 05/06/12. Disponível em: <https://www.theguardian.com/culture/2012/jun/05/how-internet-killed-porn?newsfeed=true>

TIFFANY, Kaitlyn. **Tumblr's First Year Without Porn.** The Atlantic. 03/12/20. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/technology/archive/2019/12/tumblr-year-review-2019-nsfw-ban-memes/602911/>

**Tired of 'porn educated' men? Now a new site for sex etiquette.** First Post, 26/02/2020. Disponível em: <https://www.firstpost.com/living/tired-of-porn-educated-men-now-a-new-site-for-sex-etiquette-458284.html>

**90% dos lares brasileiros já tem acesso à internet no Brasil, aponta pesquisa.** Gov.br, 19/09/2022. Disponível em: <https://www.gov.br/casacivil/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/90-dos-lares-brasileiros-ja-tem-acesso-a-internet-no-brasil-aponta-pesquisa>

**53% das adolescentes e jovens brasileiras convivem com medo diário de assédio, mostra pesquisa da ActionAid.** Actionaid, Rio de Janeiro, 30/01/19. Disponível em [https://actionaid.org.br/na\\_midia/pesquisa-assedio/](https://actionaid.org.br/na_midia/pesquisa-assedio/)

**87% das brasileiras foram assediadas no último mês, afirma ActionAid.** ActionAid, 25/11/16. Disponível em: [https://actionaid.org.br/na\\_midia/87-das-brasileiras-foram-assediadas-no-ultimo-mes-afirma-actionaid/](https://actionaid.org.br/na_midia/87-das-brasileiras-foram-assediadas-no-ultimo-mes-afirma-actionaid/)

## Apêndices:

### Apêndice A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)- Entrevistas individuais

Gostaríamos de convidá-lo para participar de uma pesquisa sobre Internet, Sexualidade e Culturas Juvenis desenvolvida pela doutoranda Gabriela Bercht no Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Fernando Seffner. Desenvolvemos nossa pesquisa para tentar entender melhor como os jovens adquirem informações sobre a sexualidade e lidam com a presença de materiais sexualmente explícitos e pornográficos na Internet. Para isso precisamos coletar informações junto a jovens, com idade entre 16 e 19 anos. Nossa pesquisa possui duas etapas: (1) aplicação de questionário, (2) entrevistas individuais. Você está sendo convidado para participar da realização de uma entrevista individual. As entrevistas serão realizadas com jovens com idade entre 18 e 19 anos. As entrevistas serão gravadas, mas sem identificação dos participantes. **Esclarecemos que sua participação é voluntária e anônima, isto é, seus dados pessoais não serão divulgados de nenhuma forma. Você pode recusar a participação, assim como pode desistir a qualquer momento de participação na pesquisa, sem prejuízos. As informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.** Os dados produzidos na pesquisa não serão disponibilizados para outros fins além dessa pesquisa, sendo seu anonimato assegurado. A manutenção do anonimato será tratada como prioridade durante a realização desse estudo.

A pesquisa poderá lhe trazer riscos: o constrangimento de responder questões sobre situações ou vivências privadas ou ainda sobre temas que, com frequência, causam desconforto em algumas pessoas, como é o tema da sexualidade. Como maneira de minimizar tais riscos, lhe garantimos o direito de não responder nenhuma questão que lhe cause desconforto. No entanto, um dos possíveis benefícios da participação na pesquisa é a possibilidade de reflexão sobre um tema importante na vida dos jovens na atualidade. Esclarecemos também que em nenhum momento desta pesquisa os jovens participantes terão acesso ou serão estimulados a utilizar materiais impróprios e/ou ilegais para suas faixas etárias. As informações obtidas através dos procedimentos de pesquisa serão arquivadas sem identificação pessoal junto ao banco de dados do pesquisador responsável na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os dados serão arquivados sob a guarda

do pesquisador responsável por cinco anos e depois destruídos. Caso você tenha dúvidas, pode nos contatar através do e-mail: gabriela.bercht@ufrgs.br. Você pode também procurar o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP/UFRGS, através do telefone (51) 3308-3738. O horário de atendimento do CEP/UFRGS é das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00. Este termo deverá ser preenchido em duas vias, sendo uma delas devidamente preenchida e assinada entregue ao entrevistado.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que fui devidamente esclarecido/a e concordo em participar VOLUNTARIAMENTE da pesquisa desenvolvida pela doutoranda Gabriela Bercht.

\_\_\_\_\_, em \_\_/\_\_/2022

Assinatura do/a participante

Eu, Fernando Seffner, declaro que o trabalho aqui orientado participa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e está devidamente ajustado aos procedimentos éticos.

Assinatura

## **Apêndice B: Roteiro Entrevistas**

- 1) O que você entende por pornografia?
- 2) Na sua opinião, o quão comum é a utilização de pornografia por jovens com idade entre 14 -19 anos?
- 3) Como ocorre esse acesso? Na sua opinião, qual a forma mais popular de jovens acessarem pornografia? Tu saberias dizer o nome de algum site ou portal de acesso mais comum?
- 4) Na tua opinião, é comum jovens conversarem sobre vídeos ou fotos pornográficas que são acessadas via internet? Você se sente confortável para conversar sobre pornografia com seus amigos ou amigas? E o compartilhamento desse tipo de material, é comum?
- 5) Por que, na sua opinião, jovens buscam por pornografia?
- 6) Você acha que existe alguma diferença na forma como homens e mulheres utilizam ou entram em contato com a pornografia?
- 7) Você acha que a pornografia afeta ou influencia a forma como os jovens percebem as relações sexuais, os papéis de gênero relacionados ao sexo e os corpos?
- 08) Tu já tiveste contato com algum material pornográfico pela internet? Tu lembra como foi esse primeiro contato? Qual era tua motivação?
- 09) Qual a sua opinião sobre a forma como a pornografia retrata o sexo? Tu achas que a maior parte dos vídeos são realistas ou não? O que tu achas que não é realista?
- 10) Tu já tiveste contato com algum material pornográfico que tu consideraste que retratasse o sexo e a sexualidade de uma maneira adequada? Como era esse material? Onde tu o encontraste?
- 11) Na tua opinião, tu percebes alguma diferença na maneira como homens e mulheres são retratados na pornografia? Existe alguma diferença na forma como pessoas de raças ou grupos étnicos (negras, orientais, latinas, brancas) diferentes são retratadas na pornografia?

12) Tu já entrastes em contato com algum vídeo ou material pornográfico que tu consideraste violento ou degradante? Que tipo de coisa era retratada nesse material? Como tu te sentiu vendo essas cenas?

13) Na tua opinião, cenas de violência, agressão ou que mostram algo degradante são comuns ou raras na pornografia acessada via internet?

14) Você já se sentiu pressionado(a), mesmo que seja por ti mesmo, a realizar algum ato inspirado em filmes pornográficos?

15) Você já se sentiu pressionado (a) a tirar uma foto ou gravar um vídeo íntimo seu? Já teve medo de que algum vídeo ou foto tua vazasse na internet? Tu achas que esse medo é comum entre os jovens?

16) Você acha que a pornografia afeta de alguma maneira a tua sexualidade? Como?

17) Você se sente confortável para conversar sobre pornografia com a tua família? Alguma vez algum membro da tua família já tentou conversar contigo sobre a presença de materiais explícitos na internet?

18) Você se sente bem-informado (a) sobre questões relacionadas a sexo, gênero e sexualidade?

19) Pensando em tua trajetória escolar, alguma vez temas ligados a gênero, sexo e sexualidade já foram trabalhados/debatidos na escola? Você acha que temas ligados a gênero, sexo e sexualidade deveriam ser trabalhados nas escolas?

20) Você gostaria de realizar mais algum comentário sobre este tema?

Informações demográficas:

Idade:

Orientação sexual:

Gênero:

Cor:

Escolaridade (frequenta alguma instituição de ensino):

Pertencimento religioso:

## Apêndice C: Questionário

### Internet, sexualidade e juventudes (16-19 anos)

Convidamos você a responder este questionário, com perguntas sobre a presença de materiais sexualmente explícitos e pornográficos na Internet, e sobre a maneira como jovens entre 16 e 19 anos relacionam-se com tais materiais. Caso você não tenha entre 16 e 19 anos solicitamos que não responda o questionário. As respostas são anônimas, isto é, não temos como identificar as pessoas que responderem. Se você se sentir incomodado em responder alguma questão pessoal sobre o tema, basta clicar no item "prefiro não responder" e pular para a próxima pergunta. Você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Agradecemos muito sua participação em nossa pesquisa. Sua opinião é fundamental para a construção do conhecimento!

\*Obrigatório

#### Consentimento livre e Esclarecido

##### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)- Questionário

Gostaríamos de convidá-lo para participar de uma pesquisa sobre Internet, Sexualidade e Culturas Juvenis desenvolvida pela doutoranda Gabriela Bercht no Doutorado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob orientação do Prof. Dr. Fernando Seffner. Desenvolvemos nossa pesquisa para tentar entender melhor como os jovens adquirem informações sobre a sexualidade e lidam com a presença de materiais sexualmente explícitos e pornográficos na Internet. Para isso precisamos coletar informações junto a jovens, com idade entre 16 e 19 anos. Nossa pesquisa possui três etapas: (1) aplicação de questionário, (2) realização de grupos de discussões entre jovens e (3) entrevistas individuais. Você está sendo convidado para participar do preenchimento de um questionário. Esclarecemos que sua participação é voluntária e anônima, isto é, seus dados pessoais não serão divulgados de nenhuma forma. Você pode recusar a participação, assim como pode desistir a qualquer momento de participação na pesquisa, sem prejuízos. As informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa, e serão tratadas com sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Os dados produzidos na pesquisa não serão disponibilizados para outros fins além dessa pesquisa, sendo seu anonimato assegurado. A manutenção do anonimato será tratada como prioridade durante a realização desse estudo.

A pesquisa poderá lhe trazer riscos: o constrangimento de responder questões sobre situações ou vivências privadas ou ainda sobre temas que, com frequência, causam desconforto em algumas pessoas, como é o tema da sexualidade. Como maneira de minimizar tais riscos, lhe garantimos o direito de não responder nenhuma questão que lhe cause desconforto. No entanto, um dos possíveis benefícios da participação na pesquisa é a possibilidade de reflexão sobre um tema importante na vida dos jovens na atualidade. Esclarecemos também que em nenhum momento desta pesquisa os jovens participantes terão acesso ou serão estimulados a utilizar materiais impróprios e/ou ilegais para suas faixas etárias. As informações obtidas através dos procedimentos de pesquisa serão arquivadas sem identificação pessoal junto ao banco de dados do pesquisador responsável na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Os dados serão arquivados sob a guarda do pesquisador responsável por cinco anos e depois destruídos. Caso você tenha dúvidas, pode nos contatar através do e-mail: [gabriela.bercht@ufrgs.br](mailto:gabriela.bercht@ufrgs.br). Você pode também procurar o Comitê de Ética em Pesquisa, CEP/UFRGS, através do telefone (51) 3308- 3738. O horário de atendimento do CEP/UFRGS é das 08:00 às 12:00 e das 13:00 às 17:00.

1. Concordo em participar da pesquisa: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não

Aparelhos com acesso:

2. Você possui algum aparelho próprio com conexão à Internet ? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não *Pular para a pergunta 4*  
 Prefiro não responder

Seção sem título

3. Qual ou Quais? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Celular com conexão à Internet  
 Notebook  
 Computador Desktop  
 Tablet  
 Vídeo game com conexão à Internet (Exemplo: Xbox, Playstation, PS Vita, Nintendo 3DS, Nintendo WiiU)  
 Outros  
 Prefiro não responder

Condições de acesso

4. Em quais locais você tem acesso à Internet: \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Em casa  
 Na escola  
 Na rua (através de aparelho com acesso à Internet)  
 Na casa de amigos  
 Não tenho acesso à Internet  
 Prefiro não responder

5. Na maior parte das vezes, a qualidade da sua conexão com a Internet é: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Ótima  
 Boa  
 Razoável  
 Ruim  
 Muito Ruim  
 Prefiro não responder

Sobre a utilização de pornografia entre jovens de 16-19 anos:

6. Você acha que o acesso a materiais pornográficos por jovens como você, com idade entre 16-19 anos é: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Muito Comum  
 Comum  
 Pouco Comum  
 Raro  
 Nunca acontece  
 Prefiro não responder

7. Pensando em seu círculo de amizades, com que facilidade você acha que os jovens, hoje em dia, encontram pornografia através da Internet? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Com muita facilidade  
 Com alguma facilidade  
 Com dificuldade  
 Com muita dificuldade  
 Não é possível encontrar  
 Prefiro não responder

8. Na sua opinião... \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Meninos e meninas usam pornografia com a mesma frequência.
- Meninos usam mais pornografia que meninas.
- Meninas usam mais pornografia que meninos.
- Prefiro não responder

9. O acesso a materiais pornográficos por jovens ocorre principalmente através de: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Revistas "masculinas"
- Dvds de filmes pornográficos
- Em sites pornográficos
- Por redes sociais (como Whatsapp, Facebook, Instagram, Tik Tok, Twitter, entre outras)
- Na tv aberta
- Canais tv pagos
- Prefiro não responder

Sobre o seu contato com materiais pornográficos:

10. Você já teve, alguma vez, contato com algum material pornográfico (vídeos, fotos, gifs, memes) através da Internet? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não *Pular para a pergunta 29*
- Prefiro não responder

Seção sem título

11. O seu primeiro contato com pornografia na Internet foi: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Acidental, o conteúdo simplesmente apareceu.
- Outra pessoa me mostrou, sem que eu estivesse esperando.
- Eu procurei pelo conteúdo.
- Prefiro não responder

12. Com qual idade você teve contato, pela primeira vez, com algum material pornográfico via internet? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Antes dos 10 anos de idade
- 11 anos
- 12 anos
- 13 anos
- 14 anos
- 15 anos
- 16 anos
- 17 anos
- 18 anos
- 19 anos
- Prefiro não responder

13. Você atualmente busca por conteúdos pornográficos na Internet? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não *Pular para a pergunta 17*
- Prefiro não responder

Seção sem título

14. Com qual frequência você assiste a pornografia pela Internet? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Menos de uma vez por mês
- Uma vez ao mês
- Uma vez por semana
- Algumas vezes por semana
- Todos os dias
- Nunca
- Prefiro não responder

15. O seu contato com pornografia pela Internet se dá principalmente através de: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sites pornográficos
- Vídeos ou fotos que recebo através de redes sociais (Whatsapp, Facebook, Instagram, Tik Tok, Twitter, entre outros)
- Outro
- Prefiro não responder

16. Qual sua principal motivação para assistir pornografia pela Internet? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Curiosidade
- É sexualmente excitante.
- É uma forma de adquirir informações sobre sexo.
- Para passar o tempo.
- Me sinto pressionado (a) pelos meus colegas para assistir.
- Me sinto pressionado(a) pelo(a) meu(minha) parceiro(a) para assistir.
- Masturbação
- Prefiro não responder

Seção sem título

17. Na sua opinião, a pornografia disponível na Internet ... \*

*Marcar apenas uma oval.*

- É realista, mostra as relações sexuais como elas são.
- Não é realista, as relações sexuais são diferentes do que a pornografia mostra.
- É mais ou menos realista.
- Prefiro não responder.

18. A pornografia online já lhe deu ideias de atos sexuais que você gostaria de realizar? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

19. Você já carregou (fez o upload) de algum vídeo em um site pornográfico:

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não  
 Prefiro não responder

20. A utilização de pornografia impactou sua vida de maneira:

*Marcar apenas uma oval.*

- Positiva  
 Negativa  
 Não teve impacto  
 Não sei responder  
 Prefiro não responder

#### Pedido de parceiro

21. Algum parceiro ou parceira já lhe pediu para realizar algum ato sexual inspirado na pornografia ? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não  
 Prefiro não responder

22. Você já pediu para um parceiro ou parceira realizar algum ato sexual inspirado na pornografia ? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não  
 Prefiro não responder

23. Você já viu algum conteúdo pornográfico na Internet que você considerasse violento ou degradante? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Prefiro não responder.

24. Você já viu alguma das seguintes situações em filmes pornográficos na Internet? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Agressão verbal (insultos, ameaças, linguagem agressiva) *Pular para a pergunta 26*
- Agressão física (tapas, puxões de cabelos, sufocamento, etc...)
- Agressão verbal e física
- Nunca *Pular para a pergunta 28*
- Prefiro não responder

**Agressão física**

25. Quais tipos de agressão física você já viu em filmes pornográficos? \*

*Marque todas que se aplicam.*

- Empurrões
- Tapas
- Puxões de cabelo
- Sufocamento
- Mordidas
- Engasgos forçados
- Prefiro não responder
- Outro: \_\_\_\_\_

**Vítima agressão física e verbal**

26. Nas cenas de agressão física e/ou verbal que você viu, quem normalmente eram as pessoas sendo agredidas? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Mulheres
- Homens
- Homens e mulheres são igualmente agredidos.
- Prefiro não responder

27. Quem eram as pessoas, normalmente, realizando o ato de agressão (física ou verbal)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Homens  
 Mulheres  
 Homens e mulheres são igualmente agressores.  
 Prefiro não responder

#### Homens e mulheres na pornografia

28. Em filmes pornográficos disponíveis na Internet, homens e mulheres são: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Tratados da mesma maneira.  
 São tratados de forma diferente.  
 Prefiro não responder

#### Produção de materiais sexualmente explícitos:

29. Você já tirou alguma foto ou gravou algum vídeo seu sexualmente explícito (nu ou nua ou realizando algum ato sexual)? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não *Pular para a pergunta 32*  
 Prefiro não responder

#### Fotos e vídeos próprios

30. O que você fez com este vídeo ou foto? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Guardei para mim mesmo(a) *Pular para a pergunta 32*  
 Compartilhei com uma pessoa que conhecia pessoalmente.  
 Compartilhei com uma pessoa que só conhecia pela Internet.  
 Compartilhei com um(a) estranho(a).  
 Prefiro não responder.

31. Você compartilhou o vídeo ou foto: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sem que a pessoa tivesse pedido.  
 Porque a pessoa pediu.  
 Prefiro não responder.

32. Outra pessoa já pediu para tirar uma foto ou gravar um vídeo seu sexualmente explícito (nu \* ou nua ou realizando algum ato sexual)?

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não  
 Prefiro não responder.

33. Você já teve uma foto ou vídeo íntimo seu divulgado na Internet sem sua autorização? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não  
 Prefiro não responder.

34. Você já teve medo de que fotos ou vídeos íntimos seus fossem divulgados na Internet? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não  
 Prefiro não responder.

35. Você já tirou foto ou gravou vídeo íntimo de outra pessoa? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim  
 Não *Pular para a pergunta 37*  
 Prefiro não responder.

36. Você tirou a foto ou gravou o vídeo: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Com a concordância (consentimento) da pessoa.
- Sem que a pessoa soubesse.
- Prefiro não responder.

Escola e sexualidade:

37. Qual a melhor fonte de informação para questões ligadas ao sexo e a sexualidade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- A escola
- Familiares
- Amigos
- Pornografia
- Profissionais de postos de saúde
- Revistas ou livros
- Informações encontradas na Internet.
- Prefiro não responder.

38. A escola aborda questões relacionadas ao sexo e a sexualidade de maneira: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Satisfatória
- Insatisfatória
- Não aborda
- Prefiro não responder

39. Você gostaria que questões sobre o sexo, sexualidade e gênero fossem trabalhadas na escola? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Sim
- Não
- Prefiro não responder.

Informações demográficas

40. Qual sua idade? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- 16 anos  
 17 anos  
 18 anos  
 19 anos

41. Como você se identifica em relação ao seu gênero? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Homem  
 Mulher  
 Não binário  
 Outro  
 Prefiro não responder

42. Em relação a sua orientação sexual, como você, atualmente, se identifica? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Heterossexual  
 Homossexual  
 Bissexual  
 Outro  
 Não sei  
 Prefiro não responder

43. Em relação a sua cor, como você se identifica? \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Preto  
 Branco  
 Indígena  
 Pardo  
 Amarelo  
 Prefiro não responder  
 Outro: \_\_\_\_\_

44. Em relação ao seu pertencimento religioso, você se considera: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Católico
- Evangélico
- Umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras
- Espírita
- Judaica
- Não tem religião
- Ateu
- Prefiro não responder
- Outro: \_\_\_\_\_

45. Em relação a sua presença em instituições de ensino, atualmente você: \*

*Marcar apenas uma oval.*

- Estuda em escola particular.
- Estuda em escola pública.
- Estuda em Universidade particular.
- Estuda em Universidade pública.
- Não frequenta nenhuma instituição de ensino.
- Prefiro não responder.
- Outro: \_\_\_\_\_

Próxima etapa da pesquisa:

Na próxima etapa de nossa pesquisa iremos entrevistar jovens com idades entre 18-19 anos. As entrevistas serão individuais e podem ocorrer no formato on-line ou presencial. O anonimato das pessoas entrevistadas também será garantido, ou seja, não iremos identificar de nenhuma forma as pessoas que participarem das entrevistas. Caso você tenha interesse em participar desta próxima etapa de nossa pesquisa, por favor, informe um email ou número de celular que entraremos em contato.

46. Email ou celular para contato:

\_\_\_\_\_

---